O INSTITUTO

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO

VOLUME DÉCIMO.



COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1862

INDICE ALPHABETICO

DO

DECIMO VOLUME DO INSTITUTO

Absolutismo de Augusto 82
Agricultura 8, 30, 52
Amo-te, flor! (poesia)..... 36
Anatomia pathologica e symptomatologica da febre amarella em Lisboa no anno de 1857 41
Antigas inscripções do castello no terreiro da Universidade 216
Apontamentos historicos de Coimbra... 21, 63, 216
Apontamentos para a historia da legislação agraria portugueza..... 1, 49, 97
Apontamentos para a historia do reinado de El-Rei o senhor D. Luiz..... 179
Apontamentos para a historia do reinado do senhor D. Pedro V..... 163, 177
Armas de Coimbra (as)..... 158
Arzilla..... 261
Astronomia na America (vid. *Progresso*).
Balancete da receita e despesa do Instituto no primeiro trimestre de 1861.. 72
Bibliographia 24, 48, 69, 156
Biographia: Fr. Antonio José da Rocha, cognominado — o *Rochinha* 60
——— — Rubens..... 220, 244, 270
Boletim do Instituto..... 192
Breve noticia do gabinete chimico da faculdade de medicina..... 126
Breves reflexões ácêrca do projecto do novo codigo criminal portuguez..... 249
Breves reflexões á doutrina de Kölliker sôbre osteogenia..... 106
Brevidade da vida (poesia)..... 129
Capella de Sancta Catharina de Alpedrinha 113
Carta de Jorge de Lemos a Pedro Alvares Pereira sôbre vários negocios da India Portugueza..... 65, 92, 135
Cartas do Emminentissimo Cardeal Saraiva D. Fr. Francisco de S. Luiz 43, 59, 89, 114, 213, 243
Catarata: novo methodo de a tractar .. 222
Centralisação administrativa (A)..... 196
Clinica medica..... 202
Commemoração litteraria 269
Cultura do arroz (Influencia da).. 146, 171
Descobertas da Nova Australia..... 48
Differença de sensibilidade dos dois ouvidos 47
Discurso proemial lido por Antonio José Viale etc. 36
Discursos recitados na sala grande dos actos em 1836, 1852 e 1861.. 115, 190
Documentos para a historia do S. Officio em Portugal..... 130
Duas novas especies zoologicas..... 151
Duas palavras sôbre as theorias da povoação..... 225
Economia politica 145
Economia politica e os peccados capitaes (A)..... 193
Elegias de Tibullo..... 11, 36, 109
Elogio historico de José de Seabra da Silva, etc..... 142
Enigmas curiosos..... 176
Ensino religioso (o)..... 121
Erupção do Vesuvio 222
Erupção vulcanica..... 120
Esboços criticos..... 211
Estatistica pathologica no hospital da Universidade de Coimbra..... 119
Estatutos da união dos antigos estudantes da universidade livre de Bruxellas .. 143
Estomatite ulcerosa no exército..... 108
Estudos practicos sôbre a acção do *curare* 257
Estudos sôbre Garrotilho ou Crup 123
Excerptos de Amador Arraes 94, 118, 143, 175, 248, 271
——— de Mr. Baudrillart..... 175
——— de Heitor Pinto..... 60, 158
——— de Fr. Luiz de Sousa 175

Exequias academicas..... 224
Exequias na Universidade de Coimbra.. 188
Explorações scientificas em 1861..... 222
Fistula vesico-vaginal..... 234
Gaivas — (vid. *Agricultura.*)
Ha no pendulo desvios apparentes e reaes..... 78, 102
Hydrologia..... 231
Hygiene pública..... 199
Hymno a Roma ou ao valor e fortaleza (poesia)..... 187
Ineditos..... 65, 92, 135
Influencia da cultura do arroz... 146, 171
Ischuria, tractada por meio da punctura da bexiga urinaria..... 185
Juros (os)..... 228
Lamentos de Danae (poesia)..... 236
Legado singular..... 224
Legitima distincção da psychologia e da physiologia..... 252
Leituras contemporaneas..... 17
Lingua universal..... 48
Máchina Ruhmkorff na China..... 23
Memoria historica do mosteiro de N. S. da Conceição de monjas da ordem de Cister da cidade de Portalegre..... 20
Microscopio da faculdade de medicina (o) 81
Morte do Senhor D. Pedro V..... 161
Movimento clinico dos doentes tractados no hospital da Universidade 71, 95, 119
Necrologia — 11 de Novembro..... 161
Nobiliarchia conimbricense..... 174, 269
Noticia das principaes obras publicadas em Inglaterra no primeiro semestre do corrente anno..... 137
Noticia litteraria..... 237
Noticiario 22, 46, 69, 95, 119, 143, 160, 175, 188, 224
Novas especies zoologias (duas)..... 151
Novo methodo de tractar a catarata... 222
Novo planeta..... 120
Novos planetas..... 47, 261
'Num album (poesia)..... 110
Obliteração da uretra e sua separação da bexiga..... 234
Obras offerecidas ao Instituto 72, 120, 192, 224
Observação do cometa de julho de 1881 204
Oeuvres choisies de Mgr. Dupanloup... 175
Oração recitada pela fausta acclamação d'Elrei o Senhor D. Luiz I..... 272
Padre Lacordaire (o)..... 111
Paleontologia..... 120
Papel moeda e grandes industrias..... 230
Physica mathematica..... 206
Physiologia experimental..... 7
Planetas descobertos em 1861..... 222
Poesias 11, 36, 59, 109, 110, 128, 129, 187, 188, 236
Poetas heroi-comicos portuguezes..... 263
Pontos offerecidos pelos socios do Instituto á classe de sciencias moraes e sociaes 69
Pontos approvados pela classe de litteratura para thema das palestras..... 70
Portaria de 9 de Outubro (A)..... 153
Primeira forma do govêrno dos romanos 12
Profundidade, espaçamento e declive das gaivas; meio de as desobstruir 8, 30, 52
Programma da A. R. das Sciencias de Lisboa para 1862..... 47
Progresso da astronomia na America.. 24
Pteris arguta..... 127
Publicações litterarias..... 137, 176
Purpura hemorragica curada pelo perchlorureto de ferro..... 202
Queijo de batata..... 222
Recordações d'um curso de direito ecclesiastico..... 25 73
Recreações poeticas..... 46
Reparação (uma)..... 60
Resoluções do claustro da universidade ácêrca das dúvidas na legislação dos concursos..... 192
Rubens..... 220, 244 270
S. João da Freiria..... 22
Sancta Justa..... 63
Sancto Christo das Maleitas..... 21
Sensitivas..... 211
Singular liturgia..... 248
Sôbre series exponenciaes e logarithmicas 34
Sociedade de Economia Politica de Paris 4, 181
Sociedades de economia politica..... 120
Synopse do movimento do hospital em Janeiro e Fevereiro de 1861.... 72, 96
Theoria da salubrificação dos pantanos pela vegetação..... 199
Toxicologia..... 259
Traducção dos primeiros 67 versos da Iliada..... 128
Último acto (O)..... 17
Uma reparação..... 60
Uma tentativa de romance historico... 261
Universidade de Coimbra..... 22
Vantagens da paz (poesia)..... 236
Vegetação nos pantanos (Da)..... 57
Ventura (poesia)..... 59
Venus (A) ode traduzida de Sapho 187, 188
Versão das elegias de A. Tibullo 11, 36, 109
Zoologia..... 151

COLLABORADORES

DO

DÉCIMO VOLUME DO INSTITUTO

Abilio Augusto da Fonseca Pinto.
Adrião Forjaz.
Antonio Ayres de Gouveia.
Antonio da Cunha Vieira de Meirelles.
Antonio João de França Bettencourt.
Antonio José Teixeira.
Antonio José Viale.
Antonio dos Sanctos Viegas.
Augusto Luciano Simões de Carvalho.
Castro Pilar.
Francisco Antonio Alves.
Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão.
Ignacio Rodrigues da Costa Duarte.
Jayme Constantino Moniz.
Jeronymo José de Mello.
Jeronymo Rodrigues Ramos.
João Correia Ayres de Campos.
João de Deus.
José Ferreira de Macedo Pinto.
José Maria d'Abreu.
José Maria Avelino d'Amorim.
Theophilo Braga.

O Instituto

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO

VOLUME X—N.° 1

	Pag.
Apontamentos para a historia da legislação agraria portugueza, desde o começo da monarchia até ao reinado de D. João I—por *A. Forjaz*	1
Instrucção publica—Sociedade de economia politica de Paris; sessão de 5 de fevereiro—por *A. Forjaz*.....	4
Physiologia experimental—por *J. J. de M.*	7
Agricultura—Profundidade, espaçamento e declive das gaivas; meios de as desobstruir; methodo d'Elkington—por *A. A.*	8
Versão das Elegias de A. Tibullo—por *A. A.*	11
Primeira forma de governo dos romanos—pelo *dr. Castro Pilar*.....	12
Leituras contemporaneas—por *A. da C. Vieira de Meirelles*.....	17
Memoria historica do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Monjas da Ordem de Cister da cidade de Portalegre—por *F. A. R. de Gusmão*....	20
Apontamentos historicos de Coimbra—por *J. C. A. de C.*	21
Noticiario.....	22
Bibliographia	24

Maio de 1861

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

O Instituto

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

APONTAMENTOS

Para a historia da legislação agraria portugueza, desde o começo da monarchia até ao reinado de D. João I.

I

Portugal, situado entre 37 e 42° de lat. N. e 9 e 13° de long. O.; dotado do mais ameno clima; variado de grandes serranías, outeiros e collinas, valles e campinas fertilissimas; lavado por toda a extensão de suas costas de O. e S., espaço de 100 leguas, pelas aguas do Atlantico; regado de innumeraveis, grandes e pequenos rios, que, de suas elevadas montanhas, ou já das de Hespanha, sua vizinha, vêm descendo até ao mar; povoado d'uma geração de homens fortes, animosos, activos, e emprehendedores, devêra ser um dos povos mais abastados da Europa, em tudo quanto hão mistér pelo menos as primeiras necessidades da vida.

Bem pelo contrário, representa-nos a historia quasi sempre dependentes do pão dos estrangeiros; é a nossa legislação testemunha viva dos cuidados, que dava aos soberanos e aos povos este negocio importantissimo; não poucos politicos pensaram, que nos faltam cereaes para metade ou um terço do anno [1]; e as asserções de antigos escriptores, de que em outros tempos não houvera braços, nem terras ociosas, sendo tanto o pão, que o vendiamos em abundancia aos estrangeiros, são hoje censuradas de leve dicto e menos exactas averiguações. Outro facto, infelizmente incontestavel, mas que prova de sobejo quão differente vae a nossa agricultura do que a natureza nos pedia, é o desaproveitamento d'uma tão consideravel quantidade de terras cultivaveis, que uma boa terça parte anda a monte, e a *Sicilia das Hespanhas* é hoje a provincia menos povoada de Portugal: nem falta quem escreva, que, se não fôra a grande plantação de vinhas e oliveiras, nossas povoações, cercadas de alguns campos, fariam lembrar, em clima tão temperado e solo tão fecundo, os desejados e tão raros assentos de verdura, em que, a distancias consideraveis, pelos desertos da Africa e da Asia, as caravanas recobram novo alento.[2]

Mas como póde a mão do homem, desvairado, inutilisar ou engeitar por esta fórma tão preciosos dons da natureza?

Um principio temos nós muito firme e assentado, o qual porventura nos poderá servir de lume, junctamente com as verdades que a economia politica nos ensina.

Imitava o cortezão os vicios e as virtudes, os gostos e as paixões do monarcha; seguia ao cortezão o fidalgo da provincia; o burguez ia pela senda do fidalgo; e o peão acompanhava a um e outro, em tempos em que a vontade do monarcha e de seus grandes era a lei, e o throno quasi supersticiosamente venerado e acatado. Se o genio dos soberanos fôra pelas guerras e conquistas, pelo estrepito das armas, e não pelas artes modestas e pacificas, a totalidade da nação trocaria os lucros da industria pelas palmas dos triumphos.

Pelo que respeita aos principios da sciencia, tendo nós começado a examinar a legislação economica portugueza, pareceu-nos entrever por meio d'ella outras causas, por ventura mais poderosas, d'este nosso mau estado; as quaes de bons escriptores não poderam ser apreciadas por menos desinvolvimento da sciencia no seu tempo [3]; e de outros, melhor instruidos, ou não receberam inteiro desinvolvimento, ou apenas foram indicadas por accidente. [4]

[1] As observações de J. A. das Neves, *Mem. sôbre os meios de melhorar a industria*, pag. 21, e de Balbi, *Ess. Estat. sur le royaume du Portug.* T. 1, pag. 147, mostram a falsidade d'esta opinião.

[2] Ha ja bastantes annos, que tinhamos escripto o corpo d'estes apontamentos. Sem que desconheçamos a realidade de melhoramentos effeituados, cremos não merecer a taxa d'exaggerados, conservando inalterado este periodo.

[3] A memoria para a historia da agricultura em Portugal, no tom. 2.° das Mem. de Litt. Port. da Acad., e M. Freirii Hist. Juris Civ. Lusit.

[4] J. A. das Neves — *Epochas da agric.* etc., nas *Variedades sôbre objectos relativos ás artes*, etc. Tom. 2.°, pag. 269. *Investigador Portuguez*, vol. 1.°, 5.°, 8.°, 9.° etc.

Lendo attentamente estes escriptos, e mais que tudo o codigo affonsino, de que uns não tiveram conhecimento, e os outros muito pouco se serviram, lembrou-nos de tentar não uma historia philosophica da legislação agraria portugueza, tarefa mui superior a nossas fôrças; mas uns breves apontamentos em auxilio de futuros escriptores, e mórmente em beneficio da mocidade estudiosa.

Dividimos este trabalho em quatro epochas correspondentes ás nossas dynastias, formando cada uma o objecto d'uma memoria em separado; e durante todo elle tivemos sempre em vista, como padrão dos vicios ou virtudes das leis, que iamos expondo e considerando, os seguintes axiomas economicos.

1.º O maior estimulo da industria é a firme confiança de gozar livremente de todos os seus fructos. Aonde a propriedade é mal segura, falta esta confiança, não póde a industria florecer.

2.º Leis, que violem a propriedade, ou constranjam o industrial na direcção de seu trabalho, são radicalmente viciosas. O imperio é ruim conselheiro do interesse.

3.º Sem capitaes não ha industria; e sem que elles se augmentem, não póde a industria progredir. O interesse proprio procura dar-lhes sempre aquelle emprêgo, de que espera tirar maior proveito. O legislador não póde, legislando, nem augmentar a sua quantidade, nem forçal-os a deixarem o proveito pela perda.

4.º Se o empresario não se pagar, pelo preço dos productos, de todos os valores, que dispendeu na producção, incluido o seu trabalho, não terá senão prejuizo em continual-o, quanto mais em o augmentar; e ou cessa inteiramente, ou diminue-o pouco a pouco.

5.º Á despesa da producção accresce o valor tirado ao productor pelos tributos, geraes e especiaes, a que é sujeita a sua industria. Se não podér, alçando o preço dos productos, recobrar do comprador esse valor, bem póde acontecer, que elle lhe absorva todo o lucro, e até mesmo que lhe córte pelo capital de sua empresa. O mesmo productor não póde deixar de calcular, ainda instinctivamente, 'naquella somma o valor do tempo, que lhe é tomado em serviços pessoaes; aliás faltar-lhe-ha, nos dias do trabalho, o mantimento, consumido nos dias que perdêra.

6.º O mercado está na razão inversa da carestia; e quando esta provém de ser custosa a producção, poucos lucros fará o empresario. Grandes lucros suppõem forçadamente preço commodo, e um mercado muito extenso.

7.º Prohibir a exportação de qualquer producto, e especialmente dos cereaes (visto que vamos fallar sómente de leis agrarias), e estorvar de qualquer modo o seu commercio no interior, é desalentar o lavrador, limitando-lhe o mercado.

Se, além d'isto, houver grandes difficuldades de communicação entre os differentes districtos do paiz, mais limitado será o mercado, mais baixo o preço, menor ou nenhum o lucro do lavrador. Abandonará as terras fracas, e cultivará com desleixo e desalento ainda mesmo as melhores.

8.º Alentar ao mesmo tempo a importação dos generos estrangeiros, concedendo-lhes favores negados aos da terra, é aggravar sobremaneira o mesmo mal, sendo causa de que o preço corrente dos generos nacionaes, determinado pela abundancia dos estrangeiros, desça frequentemente abaixo do custo da producção.

9.º Porém, facilitado o trânsito no interior; alliviado o lavrador dos gravames, que opprimiam o seu trabalho; livre inteiramente a circulação dos cereaes, e a sua exportação; sujeita, se fôr mister, a algum imposto rasoavel a importação, já o lavrador não terá que recuar da concurrencia dos generos estrangeiros, nem o consumidor da escassez e carestia. No estado, a que hoje tem chegado o commercio externo, o sobejo vae buscar o necessario; e a abundancia, consentida uma liberdade rasoavel, tende a repartir-se com egualdade por todas as nações.

10.º A amortisação da propriedade, quando ajuncte grandes herdades e muitas terras em mãos de poucos proprietarios, carece, para não ser eminentemente prejudicial, que ou elles tenham grandes capitaes, e capacidade industrial; ou que haja no paiz abundancia d'uns e outros fundos productivos, facilidade, segurança e interesse em cultivar. E ainda assim ninguem poderá negar-lhe o inconveniente de estorvar o augmento da povoação agricola; de dar em monopolio a poucas pessoas, singulares ou juridicas, riquezas, que melhor distribuidas, levariam a abundancia, a civilisação, e a ventura a um número mais consideravel de familias; e de tolher que deixe a terra quem não póde, ou não sabe, ou não quer aproveital-a, áquelle, que póde, sabe, e quer bemfeitorisal-a. Quanto mais, que ha terrenos, que só debaixo dos cuidados do pequeno proprietario, podem fazer-se productivos.

E quem não vê, que todos estes males sobem de ponto, quando o grande proprietario consome as suas rendas longe de seus bens, e sem cuidar em melhoral-os?

Qnem não vê, que se os bens amortisados forem isentos, com seus donos, caseiros, e creados, dos publicos encargos, mais pesado será o onus dos que não forem privilegiados?

11.º Mas, se todos estes, e os demais principios luminosos da economia politica especulativa são d'uma verdade em these incontestavel, nem por isso deixâmos de reconhecer, que, em hypothese, attentas as circumstancias dos tempos e logares, usos e costumes, elles podem ser judiciosamente modificados. Êrro seria, e não pequeno, e gravissima

injustiça, culpar os legisladores, ou porque os não seguiram absolutamente na infancia da sciencia; ou porque, em epochas melhores, attentos a circumstancias especiaes, e direitos de longissimo tempo adquiridos, não ousaram de abraçal-os inteiramente. A economia politica práctica deve ser mui prudente e acautelada. O tempo em que uma e outra, a especulação e a applicação, não formarão mais que um só corpo, vem-se approximando de continuo, mas tardo e vagaroso; *apressa-se de vagar*.

Quando estas verdades, hoje em dia triviaes para quem medita na marcha dos successos, illustrado pelo estudo da philosophia da industria, nos vem ao pensamento, não podemos deixar de accusar de grande semrazão a censura de genio indolente e preguiçoso, com que de ordinario se condemnam os povos da peninsula. Atai de mãos e pés a qualquer homem, ou levai-o a terreno montanhoso, cortado de precipicios, e semeado de penedos escalvados, e dizei-lhe que fuja de carreira!

Mas é já tempo de dar começo ao nosso assumpto.

II

A historia portugueza d'este periodo (1.ª dynastia) offerece um caracter particular, que a distingue, e que serve de sobejo a indicarnos, qual seria, por toda ella, o estado da agricultura, e o pensamento das poucas leis, que lhe fôssem relativas. Entretanto que na epocha seguinte, alterada a fórma antiga de fazer a guerra, e decahindo pouco a pouco o poder e a independencia dos senhores feudaes, unicamente se cuidou em estender por longes terras o imperio lusitano; a expulsão dos mouros, e a repulsão das pretenções castelhanas, foram, 'nesta primeira epocha, toda a politica exterior; e a interior, reparar os graves males de guerras assoladoras, povoando e cultivando.

Sustentavam aquelles o terreno, passo a passo, e sempre álerta por se aproveitarem das discordias e calamidades dos christãos, reinvadindo suas terras, retomando-lhes os castellos, e trazendo após si todos quantos flagellos a imaginação mal póde comprehender d'uma lucta encarniçada, em que, d'uma e d'outra banda, em tempos de tamanha barbarie, politica e religião, amor de patria natural, e ambição de governar, tremor pela vida, honra e liberdade, não consentiam senão mui breves e inquietos intervallos. A Beira, a Extremadura, o Alemtejo, e o Algarve, são successivamente o theatro d'estes combates devastadores. Conjunctamente com os mouros, como que se empenham os mesmos christãos em debellar-se uns aos outros. Umas vezes são portuguezes e castelhanos, que se invadem com tanta sanha e furor, como entre mouros e christãos; outras vezes são os principes naturaes, ou os grandes entre si, que debatem com as armas, talando as terras dos contrarios, e exterminando-se uns aos outros, sôbre intrigas de palacio ou odios de familias!

Estas guerras públicas e geraes, civis e familiares, vêm com o sequito costumado de fomes, pestes e despovoação. Accrescem flagellos naturaes em alguns dos reinados d'esta epocha.

Em tal estado de cousas, sujeito o lavrador a não se afastar das muralhas do castello, nem largar as armas defensivas; sem segurança, nem de propriedade, nem da vida e liberdade, que progressos podia fazer a agricultura? quem estranharia se nossos primeiros reis, occupados em tamanhas fadigas, e tão estranhas ás artes da paz, d'ellas não curassem? Todavia quem lhes negar a gloria, mais sólida, que a das armas, da sciencia de governar, e de constante applicação aos melhoramentos de seu povo, ou ignora a historia d'esses tempos, ou julga-os, como se existissem na epocha, em que vivemos. Outros tempos, circumstancias diversissimas. Hoje condemnaremos por ventura de tortuosos ou errados os caminhos, que seguiram; mas por ventura tinham elles nossas luzes? O estado social e politico de que somos participantes, era o mesmo na infancia da monarchia? Se pois, na resenha que fizermos dos actos d'estes principes, illustrissimos, nem sempre podérmos deixar de os censurar, far-lhes-hemos todavia a justiça de louvar as suas rectas intenções, culpando não a elles, mas o tempo em que regeram.

III

As povoações, que os mouros iam largando, ou ficavam inteiramente ermas, ou apenas habitadas, quer d'alguns poucos de christãos, que definhavam debaixo do jugo mauritano, quer d'alguns dos mesmos mouros, que trocavam a liberdade pela patria, e por ventura d'uns e d'outros. Nossos primeiros reis acolheram os christãos caridosamentes, toleraram e defenderam os mouros, e desde logo meditaram não só em repovoar as terras, mas em multiplical-as nos vastos territorios abandonados.

Sôbre o povo, e a par das leis, elevavam-se 'neste periodo o clero e a nobreza; aquelle, o unico depositario dos restos das letras e sciencias, e (por isso mesmo, e pela influencia geral do espirito e das instituições do seculo), altivo e imperioso, considerando como direitos as isenções e regalias seculares, que a piedade dos mesmos reis lhe conferia; e a nobreza, ignorante, mas senhora de terras e vassallos, conscia de sua fôrça, pleiteando com o soberano orgulhos de nascimento e direitos de soberania. Poder, influencia, consideração e capitaes, tudo era do clero e da nobreza. No reino e fóra d'elle, diremos, com Chatheaubriand, que não havia povo, porque além do clero e da nobreza não havia senão es-

cravos.[5] Foi mistér uma revolução tão espantosa, como aquella, que agitou toda a Europa, arrojando-a nos seculos 12 e seguintes sôbre a Asia, para alluir o colosso do feudalismo; foram mistér sete seculos de combates desde então, para o derrubar inteiramente.

A um e outro corpo, em tempos tão tormentosos è de tamanha escuridade, quem não vê, que os reis eram muito devedores de grande consideração por serviços verdadeiros, sem os quaes nem o titulo, nem o imperio, poderiam conquistar e conservar? Por politica, gratidão, remuneração, e necessidade, repartiram com mão larga pelas egrejas, mosteiros, e fidalgos, nacionaes e estrangeiros, que os ajudavam na conquista, a mór parte dos castellos e territorios; dos quaes os primeiros haviam tanto mistér de guardadores, como os segundos de quem podesse cultival-os, povoal-os, e, como proprios, a toda a hora defendel-os.

A muitas das terras, que os reis conservaram para seu immediato senhorio, e a seu exemplo os donatarios ecclesiasticos e seculares em seus dominios (segundo o movimento geral da Europa 'nesses seculos), concederam-se, como cartas de alforria da vassallagem feudal, *os foraes;* que, regulando tudo quanto, em tamanha infancia, era mistér para o governo civil e economico de cada povo, e concedendo-lhes isenções, privilegios, e representação politica, animavam á entrada e estabelecimento de novos povoadores, e ao desinvolvimento das artes e commercio, embora vagaroso, mas realmente verdadeiro; e conjunctamente tendiam a crear e desinvolver o elemento popular, — o terceiro estado; — legislação municipal, em parte singular e exclusiva, e pelas circumstancias da epocha de sobejo justificada, e em parte contendo elementos naturaes, proprios de todos os tempos, e condição de verdadeira liberdade, social e politica. Era com effeito mistér que cada uma das cidades e villas mais notaveis, sempre exposta a ver-se desacompanhada por causa das novas invasões e assedios do inimigo, ou por novos combates e violencias dos poderosos, tivesse dentro em si maneira de governar-se, e em seus privilegios um estimulo de união e de perseverança na defensa.

Nos dous primeiros reinados não houve leis geraes; governaram-se os povos quasi inteiramente pelos — *costumes,* primeira lei de todas as nações; e pelos — *foraes,* primeira escriptura, por assim dizer, d'esses costumes.

IV

Mui diminutas parecerão estas fontes internas de nossa legislação agraria; mas de quanta importancia não são os factos, que ellas testimunham, para firmar juizo certo do estado presente, e do futuro da agricultura, 'neste periodo?

Guerras assoladoras e quasi permanentes; as cidades, as villas, e o campo, divididos ou em estranhos municipios, ou em oppostos senhorios: — o clero crescendo de dia para dia, não só pela piedade dos reis, mas pela devoção dos fieis, e herança de seus proprios membros, em predios que sahem do commercio, e amortisam-se para os encargos do Estado: e a nobreza entrincheirada em suas fortalezas, competindo com o clero em dons e privilegios, e crescendo egualmente em terras e herdades, que procura tambem amortisar, ao principio pela lei da avoenga, e mais tarde pela introducção dos morgados. E um e outro, o clero e a nobreza, bem como os reis, por meio de onerosas partilhas, que levavam boa parte[6] dos tenues lucros da cultura, gravando os mesmos que pretendiam beneficiar; e os quaes, se ainda agora porventura não se consideram lesados, já por costumados á escravidão, já porque o senhor vive entre elles, e ahi consome e reparte seus rendimentos, não tardam todavia a sentil-os, mudadas as circumstancias, e esquecido o principio, com intoleraveis carregos. Juntemos a estas causas o gravame dos encargos publicos, reaes e pessoaes, multiplicados de necessidade sôbre os poucos proprietarios, que nem eram privilegiados, nem tinham, para os alliviar, alguma outra classe industrial[7]; e sôbre tudo isto, e para com todos, sem que podessem livremente commerciar de municipio a municipio, e de senhorio a senhorio.

Continúa. A. FORJAZ.

[5] A monarquia feudal era uma verdadeira republica aristocratica federativa, ou antes uma democracia nobre, porque não havia povo 'nesta aristocracia: não havia subditos, não havia mais que servos.

Etudes Hist. Prefac.

[6] Ord. Aff. L. 2, tit. 31.

[7] *Aduas, fossados, appelidos, ir em hoste* — encargos pessoaes, que podiam substituir-se por privilegio a prestações pecuniarias. *Voz, coima, calumnia, carcitel,* multas por crimes. — *Rebora, colheita, maladia entruviscada, quartos, outavos, trintenas, portagem, siza, jugada,* encargos reaes ordinarios: — *fintas, talhas, peitas e pedidos,* encargos extraordinarios. Mem. 5.ª para a historia da legislação e costumes de Portugal por A. C. do Amaral, Tom. 6, P. 2 da Hist. e Mem. da A. R. das Sciencias, fol. 144.

INSTRUCÇÃO PÚBLICA

Sociedade de economia politica de Paris; sessão de 5 de fevereiro.

As palestras d'esta associação, formada pelos mais eminentes economistas francezes, e dos quaes dá conta regularmente o *Jornal dos economistas,* habilitam-nos a conhecer os seus pensamentos ácêrca das mais interessantes questões da actualidade.

«Deverá o Estado fazer ensinar por meio dos seus agentes? Deverá procurar dar o im-

pulso por estabelecimentos modelos? dirigir os estudos? constituir um corpo ensinante? exercer a sua superintendencia por meio de inspecções, medidas e regimentos *preventivos*, ou simplesmente por via da *repressão penal?*»

Basta o enunciado do thema, (proposto á discussão, na reunião de 5 do proximo fevereiro, e adiada a continuação, na de 5 de março, para a do mesmo dia de abril), para que se conheça a curiosidade d'estes debates, bem como de que modo, apesar da contradicção d'alguns insignes economistas e collaboradores do mesmo jornal, vai entre elles dominando a idèa de Mr. Dunoyer, segundo a qual temos dado á economia politica por objecto, não o acanhado circulo dos phenomenos da riqueza material, mas o de toda a—*philosophia da industria*, tomada esta palavra em sentido amplissimo.

A estreiteza do espaço não nos deixa mais do que indicar as principaes opiniões, e argumentos, que sobresahiram, em nosso parecer, 'naquelle debate.

A maioria dos oradores defendeu a intervenção do Estado, limitada porém de modo, que não tolhesse a iniciativa individual, municipal, districtal, e do clero, culpando de exaggerada a acção do governo na França.

«O Estado (disse o primeiro orador, Mr. Blaise) não deve intervir senão — para supprir a insufficiencia dos esforços da iniciativa, collectiva ou individual, dos departamentos, communas, e mestres livres, mas nunca para os abafar ou supplantar.»

Este modo de vêr assenta no principio do fim do Estado, primario e essencial,—manter a ordem e fazer observar o direito,—e na incontroversa importancia, por uma parte, de se deixar as mais largas ensanchas á acção individual, como verdadeira condição de progresso; e pela outra, de não se descurar da educação e instrucção, que faz verdadeiramente o cidadão, e conserva, e augmenta o capital intellectual e moral, de que pende não só a civilisação e a riqueza, mas a mesma ordem pública e segurança.

Assim Mr. Renouard entendeu, que o pensamento, que devia de dominar toda a questão, era — «*o desinvolvimento da instrucção por todos os meios e fôrças da sociedade, públicas e privadas.*»

Como era natural, coube a Mr. Volowski um dos principaes papeis 'nesta lucta do principio da liberdade, individual ou collectiva, dos cidadãos com o da centralisação administrativa.

«Na questão do ensino (disse elle) o governo é chamado a representar de corpo de reserva, prompto a funccionar desde o momento, em que falte a acção individual. Este papel do govêrno nada tem de absoluto na sua applicação. Onde quer que se manifeste a iniciativa individual, deve deixar fazer; onde quer que fraquêe, é chamado a ajudal-a; e onde quer que falte, obrará por si mesmo.

Sua missão póde resumir-se brevemente 'nestes termos:—*Deixar fazer, mas velar por que se faça.*

Na continuação da exposição d'estas tão generosas idêas, Mr. Volowski reconheceu bem a necessidade de discriminar os tempos e os logares, segundo os quaes o Estado carece de ir, mais ou menos longe, 'nesse grande intuito.

«Um livre accesso (disse mais), aberto ao ensino gratuito, servirá de base ao edificio; e a liberalidade, com que se distribua o ensino superior, lhe porá o remate. Aos que tacham de despesas de luxo similhantes sacrificios, é permittido responder que é este um luxo glorioso, digno das grandes nações.

O acanhado horisonte da utilidade, práctica e immediata, não deve limitar esforços intellectuaes. O ensino, que eleva o pensamento, e nos faz communicar com os seculos passados, e com as fracções menos conhecidas do mundo actual, póde ser fecundissimo, ainda que não se dirija senão a almas escolhidas. Em qualquer grau, que a instrucção seja distribuida, quer por particulares, quer por associações, quer pelas auctoridades locaes ou pelo Estado, nunca o será em demasia; e o Estado terá sempre, por este lado, uma larga missão para desempenhar.»

Outro orador, Mr. Marschal, concordando na necessidade da liberdade, e concorrencia, no ensino, do Estado, do clero, e dos particulares, fez ver especialmente como não podia prescindir-se da intervenção do primeiro, com os exemplos dos Estados (outr'ora) unidos da America, aonde, segundo o testimunho de Tocqueville, não ha ensino secundario, porque o Estado não se occupa d'elle; e da Inglaterra, na qual, apesar da cooperação do clero, largamente dotado, com a industria privada, e as associações seculares, em educar os mancebos, cujos paes não podem, ou não querem educal-os no seio das familias, Mr. J. Stuart Mill testimunha sentir-se, pela mesma causa, um grande vasio.

Mais logico que todos estes oradores, e seguindo com imperturbavel firmeza os verdadeiros principios da liberdade industrial, Mr. J. Garnier condemnou toda a intervenção governamental, ainda em paizes atrazados, salvo —'nalguns estabelecimentos de ensino elementar, com o intuito de divulgar os primeiros rudimentos da instrucção scientifica ou moral, por caridade ou previdencia, entre os filhos das classes mais pobres; negocio este mais proprio ainda do municipio, que do districto e do Estado:—e tambem—'nalguns cursos especiaes de ensino superior, scientifico ou artistico, que a iniciativa particular não possa criar ou fazer viver.

As seguintes observações do illustre economista, especialmente relativas á acção d'um qualquer Conselho superior ou geral da ins-

trucção pública, são dignas de mui particular observação para se estudarem reflectidamente.

«Logo que o Estado se intromette a produzir qualquer cousa, mata a iniciativa individual, e de feito supprime a liberdade, ainda inscrevendo-a na lei.

Os lyceus imperiaes e os communaes arrastam a reboque os outros estabelecimentos, tomam-lhes a primazia, e impõem-lhes os programmas, assim como aos paes de familias, obrigados todos a fazerem seguir a mesma fieira a seus filhos.

«Muito maiores são os inconvenientes do ensino official, quando a direcção das instituições do Estado está centralisada, e existe um corpo ensinante, naturalmente absorvente, exclusivo e despotico para com seus proprios membros; sobretudo quando consegue soltar-se, ajudado d'uma commissão superior, da acção do podêr ministerial, mais variavel e mais accessivel á acção da opinião pública e da auctoridade parlamentar. Foi isto o que em França mostrou a experiencia, onde Mr. Salvandy, ha quinze annos, fazia um singular esforço para se desembaraçar da tyrannia do conselho real, organisado em pachaliks.

«O ensino, como os outros ramos da actividade, não carece d'um impulso administrativo e direcção central e unitaria; primeiro, porque este impulso e direcção, procedente d'alguns homens, alto collocados, é forçosamente systematica, exclusiva e incompleta; e depois porque o impulso nasce muito melhor da iniciativa e livre actividade de todos.

«Em materia de sciencia o Estado não tem egualmente alguma inspecção ou superintendencia que fazer, ou medida preventiva que tomar; porque sobrevigiar, inspeccionar, prescrever, prohibir, é querer, debaixo d'outra fórma, dar o impulso e a direcção; é querer que o Estado faça o que não sabe fazer, ou que sabe menos bem fazer do que o público, representado mais naturalmente pelos homens intelligentes da nação.

«A sua verdadeira funcção é dar ajuda e protecção a ensinantes e ensinados, — mantendo a segurança, a ordem, a liberdade e a justiça, e não intervindo senão pelo meio da repressão penal, no caso de offensa da moral pública, punivel pelas leis ordinarias.»

O illustre orador concluiu, mostrando nenhum receio pelo monopolio da instrucção, dada pelo clero, se o pensamento da liberdade prevalecesse, como alguns mostravam temer.

«A liberdade é fecundissima (concluiu Mr. J. Garnier), e a acção demasiado viva do clero (*em França*) não tardaria em exercer uma reacção no espirito dos paes de familias, os quaes dirigir-se-iam a instituições seculares. È de notar, em segundo logar, que as mesmas do clero fariam entre si concorrencia, e a mór parte quereriam seguir o movimento para conservar a clientela.

Em todo o caso — *toda a influencia resultante da liberdade, e a qual é livre bater em brecha pela imprensa e pela concorrencia, é uma influencia legitima.*

Oxalá que estes tão luminosos principios, que são egualmente os que quotidianamente ensinâmos, fôssem melhor comprehendidos e respeitados entre nós! Ler-se-iam na imprensa periodica, e ouvir-se-iam nas assembléas menor número de erros perigosissimos para a liberdade e civilisação. Por outro lodo *regulamentar-se-ia* muito menos pela auctoridade que preside, centralisando, á direcção de todo o ensino.

Mr. Dupuit, inspector geral de pontes e calçadas, reforçou ainda mais as graves considerações de Mr. J. Garnier, fazendo ver que o estado não encontrava uma verdadeira concorrencia, senão nas grandes cidades, e da parte das escholas do clero, secundárias; e que ahi mesmo dominava pelas condições de exame, que propunha na entrada de todas as carreiras liberaes, uniformisando o ensino para todas as fortunas, intelligencias e aptidões.

«D'ahi (disse o orador) esta multidão de bachareis, licenciados, e até doutores, que, saindo das escholas, vêm pedir á sociedade uma profissão e um salario, em relação com as despesas feitas por suas familias, e com os longos annos de seus estudos preliminares. Ora, como as leis economicas não podem impunemente violar-se, e a procura não augmenta na razão da offerta, resulta d'ahi que estas profissões são mui pouco retribuidas, e que muitos moços, não podendo achar logar, são repellidos para as officinas e armazens, e fazem, aos vinte e cinco annos, e com desgosto, um aprendizado, que teriam podido começar aos quinze. Quanto tempo perdido para si e para a sociedade!»

O orador põe a mira na mais plena liberdade, sem universidades, programmas, graus scientificos ou litterarios, como em Athenas e Roma, no mundo antigo, — «d'onde se produziram innumeraveis obras primas, objecto de imitações servis da posteridade; a qual se esquece de que os que as crearam, a ninguem imitavam.»

Concluiu porém, reconhecendo a necessidade d'uma, mais ou menos demorada, transição do estado actual para est'outro tão diverso, confórme as prescripções rasoaveis da arte de governar em relação a todos os pontos, analogos ao do ensino, em que, o que se tem feito e está fazendo, corre tão diversamente do que no porvir cumprirá fazer-se.

Confórme dissemos no principio, esta brilhante, curiosa e instructiva palestra houve de continuar-se na reunião de março, e pela ausencia de alguns dos inscriptos, foi ahi adiada para a do mez de abril.

Seguil-a-hemos; que, porventura, poucas ha de tamanho interesse, theorico e práctico.

A. FORJAZ.

SCIENCIAS PHYSICAS E MATHEMATICAS

PHYSIOLOGIA EXPERIMENTAL

O ensino da Physiologia na Universidade vae sempre acompanhado dos trabalhos practicos. Os estudos theoricos são illucidados, e fecundados por experiencias em animaes vivos, e observações microscopicas para fixar no espirito dos alumnos as verdades doutrinaes da sciencia, e assentar opinião fundada no que ainda ha de duvidoso.

No proposito de verificar os resultados dos trabalhos de Bernard, Lehmann, Stilling, e outros, que incessantemente se occupam do progresso das sciencias physiologicas, temos procurado armar-nos dos mesmos reagentes, que se empregam na Allemanha, Inglaterra e França, preferindo compral-os nos estabelecimentos mais acreditados de Londres, em que a experiencia nos faz pôr toda a confiança, e usar dos mesmos instrumentos, que servem a Bernard nos seus estudos experimentaes.

'Neste anno escolar mereceram sôbre tudo a nossa attenção — a duração da irritabilidade muscular além da morte do animal nos differentes sêres da escala zoologica—o poder nervoso da espinal medulla com referencia a movimentos reflexos — a côr do sangue venoso em orgãos glandulares no exercicio de suas funcções — a influencia de fôrça nervosa nos movimentos musculares — a existencia do assucar de 2.ª especie no figado — a do amido animal (materia glycogenea) no mesmo orgão.

Em musculos de vida animal nunca vimos sobreviver a irritabilidade além de meia hora. Nunca a podémos provocar por estimulos mechanicos; foi sempre por meio da pinça electrica que ella se manifestou; não por contracção energica, mas por um tremor em todo o musculo. No coração observou-se ainda depois do intervallo de uma hora. Referem-se estas observações a mammiferos (coelhos, cães). Nos reptis respondeu a irritabilidade a estimulos mechanicos, chimicos, e galvanicos em musculos de vida animal hora e meia depois da morte; nos de vida organica seis horas, e mais. A pinça electrica demonstrou o movimento muscular sempre que os outros estimulos ficaram impotentes. A restauração da vida no musculo depois de estabelecida a rigidez cadaverica, por meio da injecção de sangue arterial desfibrinado, como tem affirmado Brown Sequard, nunca a encontrámos.

O poder nervoso em actos reflexos da repartição animal, depois da decapitação do animal, foi evidente em todas as experiencias; mas energia maior de movimentos do tronco e extremidades não a vimos nunca em rans, que nos serviram 'neste genero de ensaios. Talvez tenha havido exageração da parte d'outros experimentadores; e não será com exagerações que a sciencia ha de ganhar. O que observámos foi que no animal decapitado, esse poder da espinal medulla subsiste horas, em quanto a medulla não é destruida; que separada do tronco uma extremidade posterior, ficando ligada apenas pelo tronco sciatico, a pinça electrica applicada ao nervo suscita fortes e continuos movimentos convulsivos na extremidade correspondente; que destruida a espinal medulla antes de tirar o coração ao animal, a irritabilidade do coração dura muito menos tempo; o que prova dependencia de fôrça nervosa.

Confirmou-se o que em experiencias anteriores observáramos na côr do sangue venoso da emulgente, e da submaxillar; procedendo com o devido escrupulo por que não cessasse a funcção do rim; e excitando a da glandula submaxillar pelo vinagre lançado na bocca do animal. Abrindo simultaneamente a emulgente e a cava inferior é curioso comparar a côr do sangue d'uma e outra.

Novos trabalhos practicos confirmaram a existencia da glucose no figado dos animaes em digestão, ou em jejum, demonstrada pelo reagente cupro-potassico na reducção do oxido de cobre. A do amido animal tambem foi demonstrada pelo methodo de Bernard.

Logo que o succo expresso do figado misturado com o carvão animal passa pelo filtro para o vaso de vidro, em que se lançou alcohol a 40 gr. na proporção de 4:1 — a formação dos floculos brancos, que se apegam ás paredes do vaso é quasi instantanea, e a deposição no fundo pouco se demora. Este sedimento é de amido bruto incorporado com materias albuminoides, que o carvão não absorveu. Tractado de novo esse sedimento por alcohol do mesmo grau, e na mesma proporção, não podémos ainda obter d'elle o iodureto de amido pela addição do iode, como Bernard diz que se póde obter.

Apenas na superficie se notou alguma pellicula azulada; o que nos indicou a necessidade de repetidas dissoluções no alcohol, e quiçá a ebullição na solução concentrada do carbonato de potassa, e a applicação do acido acetico para o amido ser bem purificado, e levado a ponto de não deixar duvida da sua existencia na presença do iode.

A composição natural do sangue observada na filtração immediata por papel *Joseph;* a influencia dos nervos pneumo-gastricos nos phenomenos da respiração e da deglutição foram tambem experiencias repetidas no curso experimental d'este anno, quanto é possivel fazer-se no exercicio d'uma cadeira, que não é de Physiologia experimental.

'Nesta última observação appareceu um phenomeno notavel. Temos sempre visto que, li-

gados no collo ambos os pneumo-gastricos, o animal nunca chegou a viver 24 horas. Variámos este anno a experiencia, cortando de cada lado uma porção de nervo, e quando esperavamos que o animal succumbisse mais cêdo, viveu 36 horas seguras, apresentando na dissecção os pulmões fartos de sangue, e em parte hepatisados; e o figado no mesmo estado de congestão. Foi coelho o animal sacrificado; e é esta especie a que escolhemos para esse genero de experiencias, por se acharem 'nella isolados pneumo-gastrico e sympathico.

Do microscopio a fôrça de 400 diametros fizemos uso para observar os zoospermas, tirando o liquido do ducto deferente, e do epididme. Foram observados distinctamente, e os seus revoltosos movimentos, e melhor quando o sperma se diluiu em uma gotta de agua.

O movimento d'um caracter espontaneo, ao que parece pelas alternativas do movimento da cabeça e da cauda, durou por meia hora depois de extrahido o liquido do receptaculo.

Accidentalmente, e inesperados, como sóe acontecer em trabalhos d'este genero, foram observados, e ficam registados factos, de que aguardâmos a sancção privativa do tempo e da experiencia.

Descrever miudamente todos os processos empregados nas observações, que publicâmos, não é obra de artigo d'um jornal. J. J. DE M.

AGRICULTURA

Profundidade, espaçamento e declive das gaivas; meios de as desobstruir; methodo d'Elkington.

De todos os pareceres e questões, de todas as affirmações e negações, até aqui memoradas mais ou menos ao de leve ou apenas tocadas, e de quantas têm avultado com encarecimentos e censuras os mais distinctos gaivadores são sem dúvida as da profundidade e espaçamento das gaivas, aquellas em que o debate, ainda pendente, tem sido mais acalorado.

Sendo a mira d'interesse maximo o retirar dos terrenos, attenta a sua natureza e circumstancias peculiares, a humidade damnosa, conservando-lhes ao mesmo tempo uma lentura conveniente e productiva, tanto d'um como d'outro lado dos bandos discordantes pela voz dos mestres ou dos discipulos, com estendal de razões e de factos averiguados, se tem de dia para dia molestado um definitivo accôrdo. Mas será elle jámais possivel ou mesmo provavel ou sobretudo util? Eis o que principios da razão, axiomas da sciencia e factos da experiencia nos constrangem a affiançar absolutamente inutil, e mesmo improvavel e até impossivel.

Aqui um subsolo impermeavel a tres palmos de profundeza, alli a quatro, além a cinco; aqui um terreno argilloso e compacto, alli arenaceo e sôlto, além humoso e retentivo, aqui embebido por nascentes interiores, alli por correntes á superficie, além sêcco na maior parte; aqui a cultura quasi exclusiva de plantas de longas raizes, alli a de curtas, além a de tuberosas; e ainda complicando-se mutuamente e diversamente todas estas qualidades e circumstancias nas suas innumeras gradações e especies intermedias... ¿como pois será para acolher-se verdadeiro e exequivel e para sustentar-se immodificavel e stricto um qualquer systema uniforme que prescreva tal ou tal profundidade constante em tão disparatadas circumstancias? Altêem ponderações, centupliquem exemplos, retracem experiencias, carrèem argumentos os sectarios apaixonados de systemas exclusivos, que não nos demoverão para seguil-os ás cegas no fatal e absurdo *ipse dixit*.

O empirismo podia ser muito, podia ser quasi tudo 'nesta materia, se d'uma e d'outra parte não fôssem egualmente adduzidos factos d'experiencia contrarios, e se ainda depois d'elles nos não fôsse summamente licito o duvidar de que uma maior ou menor profundidade, do que a do exemplo trazido, não produziria melhor efficacia.

Como seguro fincapé e por fórma nenhuma preterivel em todas as applicações d'indústria agricola, achegam tambem egualmente numerosos e egualmente questionados d'uma e d'outra parcialidade os accrescimos d'economia, repisando uns que a gaivagem superficial traz comsigo menos dispendio de rasgar e desaterrar as acequias, e de as recubrir, e impugnando-lhes os sectarios da gaivação profunda, que em compensação requer esta menos lanços e que ficam menos expostos a desarranjos, afóra o eterno thema d'um e d'outro bando—o ser mais cabal o resultado; a estes replicam os primeiros, não sem terem de se predispôr para a tréplica, com interminaveis items, que sôbrepensado pretermittimos. E 'neste pé está ainda hoje a altercação, segundo comprovam as publicações d'este anno.

Entremos por conseguinte nós, com ânimo despreoccupado e com o só fito de verdade, na philosophia do objecto, que de si mesmo se nos virá offerecendo uma opinião rasoavel entre tão esmerilhados discrimes. — Em primeiro logar: como devemos considerar as gaivas? porventura como agentes activos da esgotação? ou meramente passivos? — E em segundo: a natureza do solo, dadas eguaes todas as outras circumstancias de divisibilidade, porosidade, etc., terá uma influencia directa ou indirecta na passagem da agua para as gaivas? Eis duas questões que, resolvidas, nos darão mais franco o passo para as ulteriores indagações.

É evidente que uma gaiva não póde ter-se

senão como um agente meramente passivo, destinado a receber a humidade que, reçumada pelo terreno, se lhe vier infiltrar: a sua acção nas qualidades physicas d'este é completamente nulla, ou melhor, nem directa nem indirectamente póde ser alguma: se é compacto o terreno, a gaiva de per si não o torna descompacto, nem vice-versa, passado um certo espaço de tempo necessario para com a acção do ar, da passagem da agua, do calor e da evaporação, se achar convenientemente retalhado de fendas, ou para mais se terem alongado e espaçado as que o sol lhe abrira até o fundo, quando, ao fazer da obra, houve o proveitoso cuidado de deixar por alguns dias aberta a acequia á acção prolongada d'elle: fica d'ahi por diante exactamente no mesmo estado, com os mesmos vieiros e fendas sem influencia alguma das gaivas. Se assim não fôsse, se o terreno continuasse successivamente e indefinidamente a fender-se, quem poderia, estorvando essa acção, determinar um limite além do qual seria damno o demasiado fendimento? e como estorval-a? Mas realmente, tal não acontece, nem podia acontecer. — Preenchido esse espaço de tempo e sustido o proseguimento da acção do ar, do calor, da evaporação e da passagem da agua pela propria fôrça do terreno que repugna gretar-se, além d'uma dada conveniencia, esta queda immovel sem nenhuma influencia.

Não menos evidente é tambem que a natureza do solo, dadas eguaes todas as outras circumstancias, nenhuma influencia directa póde exercer na passagem da agua. Se a fôrça retentiva e d'adhesão é mais pronunciada no solo d'esta do que d'aquella natureza, no aluminioso, por exemplo, mais do que no silicioso, estas são nullas ou pelo menos inapreciaveis nos meatos ou fendas a que a gaivagem estende a sua acção, e a capillariedade e a fricção das moleculas d'agua é quasi identica nos seus effeitos em todas as especies do terreno, se attendermos sómente, como devemos 'nesta conjunctura, aos poros interiores das pequenas moleculas terreas.

Em conclusão, portanto: a fôrça impulsiva da agua para as gaivas será unicamente a da gravitação modificada pela capillariedade, adhesão e fricção das moleculas; mas sem influencia activa das gaivas, nem acção directa da natureza particular do solo.

Reportando-nos agora a tudo quanto temos dicto no decurso d'este nosso escripto, e nomeadamente no capitulo IV ácêrca dos effeitos physicos, devemos estabelecer a respeito da agua o seguinte principio: — que ella se entranhará pelo solo abaixo, attrahida pela fôrça gravitativa, até onde tiver liberdade, ou, por outras palavras, em quanto um strato impermeavel ou as resistencias de capillariedade, fricção e adhesão, e a menor divisibilidade e porosidade não equilibrarem plenamente o pêso da agua, esta, infiltrando-se, descerá indefinidamente. Assim pois se o solo até quatro, até oito, até doze palmos for permeavel e estiver convenientemente fendido, a agua irá passando até quatro, até oito, até doze palmos de profundidade, e só desde esse termo principiará a accumular-se.

D'esta sorte, determinada a possibilidade das gaivas, a acção indirecta da natureza do terreno e o movimento de descenso da agua, esmiuncemos agora e procuremos resolver algumas mais importantes das immensas contendas a respeito da profundidade.

A summa conveniencia, a não ser grave necessidade, da mobilisacão do solo aravel até a maior fundura possivel para ser compenetrado pelo ar, pelo calor, pela agua e pelos estrumes, é por excesso d'evidencia ponto inquestionavel. As raizes entranham-se mais profundamente á cata dos preciosos succos nutritivos, as plantas tuberosas e carnosas dilatam-se com liberdade em todos os sentidos, adquirindo maior volume, as propriedades vivificadoras do terreno não são promptamente esgotadas, e emfim menos cópia de estrumes surte o mesmo resultado que as altas médas. As charruas mobilisadoras ou de subsolo, volvendo terra a dois ou tres palmos de profundidade, são hoje por isso de geral aceitação, e com prazer as vimos ha poucos dias occupando logar na nossa esperançosa exposição agricola. Já d'aqui poderiamos concluir, que a gaivação superficial devia por tão fundamentaes razões ceder o passo á profunda. Isto, porém, era apenas uma generalidade de pouco alcance práctico, e por isso prosigamos, passando em rapida analyse cada uma das especies de solos nas suas geraes condições, e demarcando a cada um os graus de profundidade mais conveniente, já que é impossivel por todos os principios e a todas as luzes accolher uma medida exclusiva, unica, inalteravel, para as mil variadas circumstancias das terras lavradias.

Principiaremos pelos argilosos ou predominados pela argilla, cujas qualidades geraes de compacidade, fendimento, etc., nos são já conhecidas. Por mais que a enxada os cave, que o arado os rasgue, e que a charrua do subsolo os volva e revolva, tendem por sua propria natureza a unir-se, a agglutinar-se, e a experiencia confirma de sobejo que a tres ou quatro palmos de fundura a acção dos agentes exteriores é completamente insensivel, e a tal ponto que, ainda quando a cinco ou seis palmos exista uma stratificação absorvente, a argilla endurecida repréza a agua e a não deixa ahi chegar.

Quando porém esse strato poroso, obrando como uma gaivação natural, está a menor distancia da flor do solo do que quatro palmos, o terreno conserva então uma humidade propicia, agglutinando-se e retendo a agua só-

mente quando esta, encharcada, impede a completa intromissão do calor do sol. Ora, attendendo, como deixamos dicto, a que a agua desce e se approxima das gaivas pela só fôrça de gravitação, reconhece-se para logo que 'nestes terrenos nunca a profundidade deve ultrapassar tres palmos até á superficie d'ellas, ou da cama porosa do cascalho que as recobre. Mas podendo algumas raizes descer até quatro palmos, ou alguma lâvra subterranea remexer ahi a terra, e principalmente não tendo havido o optimo expediente d'empregar essa cama porosa com um palmo ou mais de densidade, é então necessario, para pôr a obra a resguardo d'esses motivos de desarranjo, afundal-as até quatro palmos completos, vindo assim a dever ser aberta a acequia com cinco palmos, pouco mais ou menos, de fundura. Os mesmos principios com identicas conclusões colhem para o caso de haver no terreno nascentes interiores, ainda que então, como diremos, deve ser alterado o espaçamento.

Ora, sendo isto assim, como a razão indica e as experiencias corroboram, para que é necessario 'nesta casta de terrenos aprofundar até seis ou sete palmos as gaivas, requerendo maior trabalho e mais despesa, conforme opinam os sectarios de Parker? ou com que bom e plausivel fundamento as não devemos pôr a mais de dois palmos e meio ou o muito tres, como ensinam os discipulos de Smith? Não o sabemos desinvensilhar bem d'entre as suas affirmações. No primeiro caso uma maior fundura nada aproveita; porque ou a argilla assente sôbre uma stratificação totalmente impermeavel, ou não, a agua de cima ou dos lados não virá para as gaivas senão pelo proprio pêso, e este cada vez se manifestará menos, quanto maior for a resistencia da maior extensão a percorrer, e essa na argilla cresce na razão directa da distancia da superficie, a ponto de vencer completamente, segundo provam experiencias, e não deixar permear a agua a quatro palmos de profundidade. Nem se venham trazer em reforço as fendas que a agua e o ar e o calor vão fazendo, porque, como já dissemos, os factos proclamam ser insensivel a sua acção a mais de dois e meio pés da superficie.

No segundo caso, as raizes, e as lavras fundas, uteis e necessarias, levariam a destruição ás gaivas, inutilisando as despesas feitas, e tornando o terreno ainda peor do que d'antes. Fujamos pois egualmente d'ambos os extremos. *Inter utrumque tene.* Quatro a cinco palmos até á superficie da gaiva, eis portanto o nosso alvitre para os terrenos argillosos.

E porque nos humosos a fôrça retentiva é tão pronunciada como 'nestes, inclinamo-nos a aconselhar uma egual profundidade para o seu gaivamento. Dizemos aconselhar e sómente aconselhar, porque entre tantos discrimes, como vão feridos no ponto da profundidade, ninguem taxará d'absurdo que com a epigraphe tomada de Virgilio repitamos:

Não nos cabe accordar debates tantos.

Mas o que ainda mais devemos aconselhar, e sempre repetir e nunca esquecer, salvando por esta fórma muita palavra inutil, muita consideração especulativa, e muita indicação baldada pelas circumstancias, é que todo o gaivador, antes de metter mãos a prefazer a obra e a determinar a profundidade, deve abrir no terreno gaivando mais d'uma valla funda, de vara e meia pelo menos, nas quaes durante alguns dias estude cuidadosamente todas as condições auxiliadoras de bom exito: notar a possança do subsolo, a sua impenetrabilidade, até onde reçuma a agua das paredes, a quantidade d'esta nas differentes camadas, e todas as demais noticias possiveis. Este o attributo primário para bom resultado, visto como são tantas as gradações dos terrenos denominados argillosos e humosos, e tantas as posições e natureza que lhes póde ter o subsolo, quantas é impossivel classificar. Aconselhemos, pois, isso sôbre o excesso, e ser-nos-ha razão e testimunho de verdade o resultado.

Quanto agora aos terrenos arenaceos e calcareos, dos quaes tractâmos conjunctamente, por isso que a sua penetrabilidade pela agua póde para os nossos raciocinios ter-se como identica, desde já podêmos tambem ver que os dois excessos, ou de gaivamento muito profundo ou muito superficial, são egualmente inconvenientes.

No primeiro caso, além da maior despesa, o que é sempre attributo para muito ser attendido, póde ter por effeito, principalmente no nosso clima meridional, o abaixar tanto no solo, vista a sua grande permeabilidade, a camada d'agua, que dê com elle mais sêcco do que convém para boa vegetação, não podendo a acção da capilariedade ter logar acima d'um dado limite da camada aquosa. Sem carecermos de mais, que os ha, este só motivo é mais do que imperioso para repulsarmos, sem hesitação, um gaivamento muito profundo.

E no segundo, a conveniencia d'augmentar a espessura do solo activo, e as, mais d'uma vez já predictas, de facilitar a transmissão do ar até ás extremas radiculas das plantas, e de não permittir que a agua, passando rapidamente para as gaivas, roube o calor do terreno, são, entre outras causaes, sufficientissimas para tambem não optarmos por nma gaivação muito superficial.

Com estas sós ideias, por em quanto bastantes para conveniente apreciação do delicado assumpto da profundidade das gaivas, acerquè-me-nos agora do outro, não menos questionado, o do espaçamento que sem inconveniente ou com mais vantagem economica e vegetativa póde dar-se-lhes. Intimamente ligado um com outro—o da profundidade e o do espaçamento

— iremos tocando e discutindo d'ora em diante já pontos promiscuos, já distinctos. Não vae 'nisto confusão, mas em nosso entender maior clareza.

Para determinar a distancia possivel entre as linhas de gaivamento, e util para produzir o desejado fim d'enxugo em toda a porção de terra intermedia, é necessario attender pelo menos á profundidade e capacidade das gaivas, á natureza e attributos do subsolo, á quantidade e origem da agua no terreno, e á posição e accidentação d'este. Isto é indescuravel para completa justeza e resultado excellente.

Se a capacidade é maior, maior póde ser a distancia, sem nunca haver motivo a receiar stagnação por falta de sahida, e se é menor, menor deve ser tambem aquella, já se vê.

Se o solo é de natureza permeavel e homogeneo, a distancia póde ser maior, e menor, é evidente, se compacto ou formado por terras diversas, com stratificações discordantes e vieiros impenetraveis e desordenados, para, quanto possivel, conseguir cortal-os na maior parte e abrir assim curso ás aguas retidas por elles. A mesmas conclusões podem em geral fluir em relação ao subsolo.

Se a agua, ou por ser logar sujeito a grandes chuvadas ou a enxurros, é muita, a distancia entre os lanços não póde deixar de ser menor, e contrariamente, dado que sejam desconhecidas essas causas; e assim, se houver olhos interiores e abundantes, convém o primeiro expediente tambem, e o segundo só quando forem poucos e de pouca fôrça d'agua.

Finalmente, se a posição do solo for mais aproximada da horisontalidade, é necessario menor espaçamento, porque a agua tende com mais facilidade a represar, e inversamente por tanto no caso contrário, em que a verticalidade ajuda bastante o curso d'aquella; e se, havendo ondulações, forem estas na direcção dos lanços projectados, póde, sem desvantagem, ser maior o espaçamento, porque essas mesmas, a ser uma só entre cada par d'aquelles, contribuirão poderosamente para o descenço da agua, o que por certo não terá logar, a serem mais d'uma, porque então represam a agua nos pequenos thalwegues que formam e exigem conseguintemente menor distancia para salvar essa grave inconveniencia: mas se, em vez de correrem na direcção parallela dos lanços, as ondulações os cortarem (caso este que sómente imperiosa excepção póde fazer seguir) então nenhuma influencia sensivel póde d'ahi provir para maior ou menor espaçamento.

Taes são os principios ou regras mais geraes sempre desprezadas, sem o menor vislumbre siquer de razão plausivel e, o que é mais, contra os factos, pelos afferrados propugnadores de systemas exclusivistas, as quaes não devemos perder nunca de vista para judiciosa determinação do espaçamento dos lanços de gaivamento. Para elles ¿quem tal poderia sem assombro admittir? um terreno solto ou compacto, um subsolo fundo ou superficial, poroso ou impenetravel, plano ou ondulado, as gaivas d'este ou d'aquelle calibre, o diverso caracter meteorologico da localidade, são um e o mesmo thema para identicas insinuações! sem quererem vêr que tudo isso é d'um alcance summo, d'uma valia relevantissima para obra prudente e de melhor effeito. Como é que em tubos egualmente calibrados e a egual distancia em terrenos dissimilhantissimos e dissimilhantemente fendidos, poderá, por exemplo, passar a diversa quantidade d'agua de chuva cahida em diversas localidades? digam-no'-lo os apostolos do absurdo exclusivismo. E todavia é necessario egual esgoto em egual espaço d'horas 'nuns como 'noutros sitios, sendo diversa a agua e diverso o solo. E a quantidade d'esta differe sempre d'um para outro local por mil circumstancias variadas, como a observação mostra e o raciocinio indica incontroversamente. A meteorologia e a geologia incumbem-se de provar *ad satietatem* que dizemos inteira verdade.— Omittamos, portanto, mais palavras.

Continúa. A. A.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

VERSÃO DAS ELEGIAS DE A. TIBULLO

LIVRO SEGUNDO

Offerecido

Ao Exm.º Sr. F. de Castro Freire.

ELEGIA PRIMEIRA

Silencio! ó vós, que á festa vindes gratos.
Fructos e campos, qual da prisca edade
Mostra o rito, lustrâmos. Vem, ó Baccho,
Das pontas a pender-te o doce cacho,
E d'espigas a fronte cinge, ó Ceres.

. .

Descance a terra, o lavrador descance,
E na relha suspensa a lida cesse
Cançada, 'neste dia consagrado.
Desdesse o nó do jugo; que hoje as vacas
C'roadas passem no curral copioso:
Tudo a deus se consagre; nem a moça
A pôr no arméo da lan as mãos se atreva.

Longe, longe do altar esse a quem Venus
A finda noite de prazer mimasse!
Agrada aos immortaes a castidade:
Vinde vós, a quem puro involve o manto,
Nas puras mãos tomar da fonte as aguas.
Vede o sacro cordeiro como ás aras

Fulgentes vem, e candida o sub-segue
A turba, d'oliveira ornada a coma.

Deuses da nossa patria, os campos nossos
Purgâmos e do campo os filhos caros;
Vós o mal expulsae das raias nossas:
Que o folhelho fallaz não frustre a seara,
Nem tema a tarda ovelha o veloz lobo.
E então, na basta messe confiado,
O alegre camponez ao lar ardente
Do bosque carreará annosos troncos,
E dos servos a prole (d'abundancia
Bom penhor no casal) simples casinhas
Folgando tecerá com verdes ramos.

Como o rógo ha de ser. Não vês, acaso,
As propícias entranhas agoirando
Dos deuses o favor? Andae, trasei-me
O fumoso Falerno do outro consul,
E de Chio ao barril partide as cordas...
—Deve com vinho celebrar-se o dia!
Não é vergonha, não, bebido á farta,
Com mal seguros pés volver da festa.
Mas, vá, que todos, empunhando os copos,
Viva! Messala, clamorosos brademe,
Todos o nome a recordar do ausente.

E tu, Messala, da Aquitana gente
Illustre vencedor, que a gloria excedes
Dos intonsos avós, vem inspirar-me
Louvor condigno ás rusticas deidades.
Eu canto os campos e dos campos os deuses:
Foi sob os seus preceitos, que a bolota
Deixou de saciar d'homens a fome,
Que a vez primeira os ramos encobriram
Da humilde choça os ordenados caibros,
E que o jugo, se diz, soffrêra o touro,
E fôra a roda sotoposta ao carro:
Então findaram as silvestres fructas,
E cuidado pomar se ornou de pomos;
Então bebeu as regadoras aguas
Horta viçosa, e o mosto os aureos cachos
Verteram sob os pés, e a linfa sobria
Volveu seguro o misturado vinho.
Quando a terra cad'anno se destouca
Das louras folhas, na sasão calmosa,
Frondentes messes na campina ondeam:
Subtil a abelha pela várzea colhe
Da flor o mimo com que os favos encha.
Farto do arado, então, o campezino,
Soltou cadentes não pulidas vozes,
E os carmes ensaiou na sêcca frauta,
Que ante os deuses na festa recitasse.
Tambem, de vermelhão tingindo o rosto,
Foi o colono, ó Baccho, quem primeiro
Os córos preparou com arte ignota:
E, em paga honrosa, do abundante aprisco
Dado o bode lhe foi, da grei cabeça.
No campo é que o menino, a vez primeira,
C'roou de flores os antigos Lares,
No campo foi tambem que a branca ovelha,
Cuidado no porvir das tenras moças,
A finissima lan despiu do corpo.
D'aqui nasceu a feminil tarefa,
O arméo e a roca e o fuso que, entre os dedos,
O fio recolhendo redopia:
E aqui lidada no tecer a moça
C'o bater do tear o canto ajusta.
Cupido mesmo, é fama, que nascêra
Entre a grei, nas manadas d'eguas bravas;
Que alli se exercitára no arco indouto...
Ai! quão doutas as mãos possue agora!
Nem, como outr'ora, os gados já procura;
Recreia-se a frechar as raparigas
E os peitos varonís tornando escravos,
Do moço os bens dissipa e faz que o velho
Gaste da amante á porta indignas frazes.
Furtiva prepassando em somno os guardas,
A seu mando, sósinha, á noite, a bella
Corre ao mancebo e, de temor suspensa,
C'os pés estuda o chão, tacteia, explora
Co'as cegas mãos alguem no sitio escuso.
Infeliz! quem tal deus severo opprime!
Ah! feliz, quem Amor placido amima!

Vem, Amor, ao festim; mas longe as frechas!
Longe, bem longe extingue o facho ardente!
Vós, hymnos alteae-lhe e para os gados
Invocae seu favor; em altas vozes
Para os gados, mas baixo e a furto invoque
Cada qual para si; ou antes alto
Que a turba alegre e o som da Phrygia trompa
Impedem, c'o rumor, d'ouvir-se o voto.

Folgae, que já a Noite os corceis junge,
E os fulvos astros em lascivos córos
Da mãe seguem o carro, e vem calado,
Nas fuscas azas involvido, o somno,
E os negros sonhos d'inconstante passo!

A. A.

PRIMEIRA FORMA DE GOVERNO DOS ROMANOS

Não é exacta a opinião d'aquelles philosophos e historiadores, que, fallando dos primeiros tempos de Roma, ou encaram a realeza romana como uma monarchia; ou reputam a liberdade, fundada por Junio Bruto, como uma liberdade popular e democratica. Uma e outra asserção é contrastada pelas ponderações seguintes.

Segundo o melhor systema archeologico relativo a Roma, que nos parece o de Niebuhr, os elementos influentes, e como creadores do caracter politico romano, devem ser organisados de maneira que: — 1.° se deixe ao Lacio a prioridade d'origem e influencia; — 2.° aos sabinos uma justa preponderancia na formação da republica romana, com a qual se ajustam as tradições, e que fôra impossivel, se os sabinos tivessem a tractar com uma colonia etrusca, modelada por sua metropole, e que desde o principio se limitasse a uma imitação rigorosa; — e 3.° que importa dar conta de tudo o que as instituições romanas poderam derivar da Etruria, sem que por isso esta suffocasse o genio latino e romano, accrescendo assim, em terceiro logar, o elemento etrusco a um pequeno estado já constituido. Segundo este systema archeologico, entram na formação do berço romano os tres seguintes elementos: uma mistura de Pelasgos e Aborigenes habitando o monte Palatino, e organisando-se mais tarde

em uma tribu, de que Romulo é considerado como chefe — *Ramnenses*.

Sabinos, habitando a collina Agonal, que é coroada pelo Capitolio, e pela cidade de Quirium, organisando-se mais tarde em uma tribu, de que Tacio é considerado como chefe — *Titienses*.

Uma turba de etruscos, vinda sob a direcção de Celebs Vibenna, *Lucumão* de Etruria, para o monte Cœlio, que tomou seu nome, e ahi fundaram uma aldeia, que se chamou *Lucerum*. Mais tarde Tullo para ahi transportou tambem as gentes d'Alba; e esta mistura de etruscos e albanos se organisou em uma terceira tribu — *Luceres*, que tomou seu nome, ou da cidade mesmo de Lucerum, ou segundo outros do chefe Etrusco *Lucumo*.

Só collocados 'nesta ordem os elementos progenitores de Roma, é que póde assaz explicar-se a razão por que esta cidade, comquanto fôsse muito etrusca em sua phase primitiva e geradora, não foi sempre, como sua metropole, uma oligarchia sacerdotal. Como d'outra sorte explicar desvios tão salientes, differenças tão profundas, e o desinvolvimento inaudito da communa plebeia, d'essa democracia (*plebs*) que, ao diante, ousou collocar-se a par do patriciado, arcar com elle, forçal-o a tractar comsigo, inquietal-o, contrabalançal-o, sobrepujal-o, e absorvel-o?

Todavia a influencia do elemento etrusco é grande: se Roma teve colonias e municipios, é porque tambem os teve a Etruria dependente das doze cidades soberanas da federação. Se Roma teve patricios, é porque tambem a Etruria os teve; pois toda a cidade, que se administrava a si mesma, tinha á sua frente uma aristocracia, que os romanos designavam ordinariamente pelo nome de—*principes;* os quaes sós tinham a direcção dos negocios, formavam uma nobreza de linhagem, e cada membro da qual se chamava *Lucumo*, que não é um nome proprio, como alguns quizeram com Dionysio d'Halicarnasso, mas sim a designação geral dos nobres etruscos.

É 'neste sentido que o sabio Varrão nos diz que Romulo pediu soccorro aos *lucumões*, isto é—aos etruscos. Se Roma teve os seus—*lictores, apparitores,* a *cadeira curul,* de marfim, a *toga pretexta,* a *pompa do triumpho,* o *diádema de ouro* (*etrusca corona*), tudo foi derivado da Etruria; que 'nisto folgava com uma pompa, e uma magnificencia, differente da dos magistrados gregos e lacedemonios. Se em Roma o povo romano se dividia em *patricios, clientes,* e *plebeos,* de maneira que os patronos ou clientes, infieis a suas reciprocas obrigações, eram votados aos Deuses infernaes, é porque as mesmas ideias religiosas e politicas existiam na Etruria. Se em Roma havia reis, não hereditarios, e cuja dignidade era muito restricta pela zelosa superintendencia da aristocracia, é porque outro tanto acontecia entre os etruscos; cujos reis, na realidade, não eram senão chefes de aristocracia; e póde presumir-se que este regio dignitario assim restricto pelos—*sublimes viri* da Etruria, e pelo Senado, era o commandante geral da federação. Ha por tanto pouca verdade historica 'nestes versos de Voltaire:

Esclaves de leurs rois, et même de leurs prêtres,
Les Toscans semblent nés pour servir sous des mâitres,
Et de leur châine antique adorateurs heureux
Voudraient que l'Univers fût esclave comme eux.
(BRUTUS).

Ha porém uma differença consideravel quanto ao direito privado, do qual, posto que pouco saibamos com relação á Etruria, sabemos todavia que a mulher gosava ahi d'uma verdadeira consideração; porque o nome da mãe encontra-se a par do nome do pae nas inscripções sepulchraes: as mulheres nobres eram admittidas ao conhecimento da adevinhação; são conhecidas as profecias de Tanaquil. O primogenito da familia tinha provavelmente privilegios; era o principe e representante d'ella no Senado, debaixo do nome de *Lars,* assim como a palavra *Aruns* designava os filhos mais moços das familias patricias. Ora é certo que entre os romanos as relações domesticas e civis, quanto ás mães de familia, eram totalmente diversas.

Roma, pois, não começou por uma monarchia temperada, como alguns escreveram: as nações não começam por transacções; e os primeiros fundamentos de Roma foram lançados por uma aristocracia heroica.

O patriciado romano offerece ainda um progresso novo; mais decididamente politico, submette a religião ao Estado; e separando-se absolutamente da theocracia, constitue uma porção selecta de cidadãos, paes e fundadores da patria (*Patres*), sob a direcção de chefes eleitos por elles, que os presidem, quando deliberam, levam-os aos combates, e administram uma, assaz rude, justiça (*Reges*).

A subordinação das funcções religiosas ás politicas chega a ponto, que o mesmo patricio póde ser rei, general e pontifice, conjunctamente. Esta simultaneidade de funcções e cargos continua-se até aos ultimos tempos da republica; pois Cesar foi nomeado summo sacerdote, e não era, provavelmente, pela reguiaridade de seu theor de vida.

Cicero era mais zeloso da sua campanha de Cilicia, do que dos seus melhores discursos. Parece que havia entre estes homens uma necessidade immensa de reunir as glorias mais diversas. Era isto compativel com as qualidades heroicas dos antigos varões, as quaes não consistiam 'numa justiça regulada pelas maximas da moral socratica, e em cuja observancia tivessem em vista os beneficios, que ella confére á humanidade por virtude d'um nobre desejo da immortalidade. Para prova, traga-se á memoria o Achilles de Homero, e os heroes de Roma na epocha assim descripta

por T. Livio: — *Nulla aetas virtutum feracior,* — e fixada no tempo da guerra de Pyrrho, sendo por Sallustio e Sancto Agostinho deduzida desde a expulsão dos reis até a 2.ª guerra punica. Contemplem-se os Brutos, os Scevolas, os Manlios em Roma, e Agis em Esparta; bem como os Decios, os Fabricios, os Curios, os Regulos, etc.; e confessaremos que os costumes de taes heroes consistiam 'num certo orgulho e irritabilidade, regulada por uma demasiada delicadeza e susceptibilidade em pontos d'honra.

Porém estas qualidades heroicas, desinvolvidas no exercicio dos empregos politicos, algumas vezes simultaneamente exercidos, existiram antes e depois da expulsão dos reis, e depois ainda em maior grau; o que prova que a aristocracia heroica, fundadora de Roma, continuou a governal-a depois; e que nem a monarchia dos reis era uma verdadeira realeza, nem a liberdade de Bruto extréme liberdade popular. Houve sempre uma preponderancia do elemento aristocratico, antes e depois da expulsão dos reis, até que mais tarde viessem os tempos das prerogativas democraticas, verificada que foi a amalgamação dos dois elementos pela decadencia d'aquelle, e exaltação politica d'este.

Longe de se fazer uma variação essencial na fórma de govêrno pela instituição do consulado, tudo fôra predisposto pelos actos do govêrno dos mesmos reis, e era exigido pelas circumstancias sociaes. A propria expulsão dos reis, e creação do consulado, deu azo a tal preponderancia dos patricios, que, (segundo diz Heineccio em sua Hist. do Dir. Civ.) o que principalmente occupava os senadores, era que, a par da oppressão da plebe, a republica se fôsse revestindo mais e mais de todas as formas da aristocracia. Certo Appio Claudio não encobriu, antes lhanamente confessou esse designio, quando, objurgado por Valerio por causa d'aquelles arteiros intentos d'opprimir a plebe, se defendeu com estas palavras: — *Quod autem me difficilem appellavit, et malorum hominum antesignanum, infensumque plebi, et paucorum* (note-se) *potentiae studiosum, quod aristocratiam tuear, communia mihi vobiscum sunt crimina.* — Dionys. Halicarn. lib. 6, pag. 386, e seg.

É de notar, que, em tôrno das tres collinas, onde se acamparam os primeiros romanos, estava derramada uma população latina, á qual as tres primeiras tribus fizeram guerra, trazendo-a, depois de vencida, para seu proprio recinto, para essa poquena aldeia, que continha os destinos do mundo, e accommodando-a sôbre outras collinas. Anco é o primeiro chefe, que trabalhou efficazmente em recrutar os latinos.

Quem juxta sequitur jactantior Ancus
Nunc quoque jam nimium gaudens popularibus auris.
(ÆNEID. 6.)

Tarquinio Antigo, e sobretudo Servio Tullio, constituiram esta segunda parte da — *Romana plebs, in triginta tribus redacta;* — e eis ahi a communa romana absolutamente humilde, e fraca entre a escravidão e a independencia, alistada sob as bandeiras da nobreza, e não existindo ainda, senão a seu sabor. Entretanto os chefes da aristocracia extraviaram-se em opprimir seus eguaes; e como Tarquinio Suberbo fôsse mal succedido 'nesta loucura, foi banido, elle e os seus (*gens Tarquinia*). A excepção porém d'este Tarquinio, todos os reis concorreram, mais ou menos, para aquella mudança. Sua auctoridade, restricta pela do senado e povo, longe de degenerar em um podêr arbitrario e despotico, conservou sempre um caracter de bondade, equidade e justiça, que tinha algum tanto de popular. A diversidade de genios e condição, que os distinguiu a todos, e que lhes inspirou disposições differentes, era absolutamente necesssaria para estabelecer e firmar um Estado nascente, que não podia de golpe tomar uma fórma estavel e permanente. O primeiro de seus reis, conquistador por inclinação e necessidade, não cuidou, senão em formar um povo de soldados. Seu successor, naturalmente inclinado á paz, por meio da religião amaciou os costumes, ainda duros e sáfaros, dos primeiros romanos. Alguns, pela mistura dos dois caracteres, proseguiram as vistas, que os dois primeiros reis se haviam compartido. Emfim nos ultimos tempos, sob Servio Tullio, formou-se um novo plano de govêrno, que fixou os direitos e privilegios de cada corpo do Estado, e que durou tanto, como a republica. Tão concertadas eram as suas maximas pela sizudez e madureza! Tarquinio Suberbo foi um usurpador e um tyranno, que havendo subido ao throno conculcando todos os direitos da humanidade, e todas as leis do Estado, usando, e tyrannicamente, d'um podêr injustamente adquirido, deu occasião á gloria de Bruto. A mudança pois do govêrno foi predisposta pelos reis, e occasionada pela maturidade do estado social.

Se Bruto arrancasse o sceptro das mãos de algum dos primeiros reis, por um zêlo prematuro da liberdade, a empreza fôra injusta, e não prestaria serviço algum á republica. O que fôra d'esperar, se essa multidão de pegureiros, e homens de costumes rudes e ferozes, attrahidos pelo engôdo da liberdade ao asylo de Roma, entrassem nas turbulencias peliticas, excitados pelos tribunos, sem temor d'uma auctoridade soberana, que os contivesse? O que fôra para temer, se 'numa cidade ainda estranha a essa multidão, ella tivesse que sustentar contra os senadores questões tão acaloradas, antes de haver amor conjugal, paternal e patrio, que não se adquire, senão pelo decurso dos tempos, e antes de haver sábias leis cimentadas por um interesse commum, e fortalecidas por um longo hábito, as

quaes apertassem e unissem bem os nós d'uma estreita união entre os cidadãos? Ouçamos a Cicero: — *Dissipatae res, nondum adultae, discordia forent: quas fovit tranquilla moderatio imperii, eoque nutriendo perduxit, ut bonam frugem libertatis, maturis jam viribus, ferre possent. Cum à primo urbis ortu, regiis institutis, partim etiam legibus, auspicia, caeremoniae, consilia, provocationes, patrum consilium, equitum peditumque descriptio, tota res militaris divinitus esset constituta; tum progressio admirabilis, incredibilisque cursus ad omnem excellentiam factus est, dominatu regio republica liberata* — Tuscul. Quaest. lib. 4, n.º 1. Na mesma causal, porém, da expulsão dos Tarquinios, sobresahe, da parte dos patricios, uma consciencia da sua preponderancia politica, ultrajada pela oppressão d'aquelles e procurando desaffrontar-se, para continuar como d'antes. (V. Gustav. Hugo Hist. du Dr. Rom. §§ 46 e 47.) Na consolidação d'esta preponderancia é que então consistia a liberdade.

Mostram os historiadores philosophos, que as nações, nos ultimos periodos de sua barbarie, quando a vingança já não tem um livre desaffôgo, quando os offendidos já deixam de boamente aos outros o cuidado de punir os males e as semrazões recebidas, então aquellas de boamente soffrem, que a auctoridade governante ou influente arranque das mãos dos particulares o exercicio do direito de punir, e se confira a uma magistratura analoga ás circumstancias politicas, em que se acham então as mesmas nações. Observa-se, que em taes circumstancias é o patricio quem julga e pune, como magistrado, o seu cliente offensor; e é o rei quem julga e pune o patricio delinquente: eis o estado, em que Ulysses achou os feacenses. Com este meio fez Tarquinio morrer tambem uma grande parte dos patricios: e um argumento fortissimo de que o rei 'neste último periodo de barbarie, ou do reino heroico de Roma, julgava os patricios, é que, expulsos os reis, esta prerogativa passou aos consules, que assumiram uma grande parte dos direitos dos mesmos reis. Bruto d'ella fez uso para punir os partidarios de Tarquinio, e seus proprios filhos.

Que os patricios, porém, julgassem, como magistrados, os clientes que compunham a plebe, temos varios fundamentos, que o provam. — *Patres sacra magistratusque soli peragunto* — diz um fragmento da lei régia. É outra prova o fragmento que inflige uma forte pena ao patricio, que abusasse d'aquelle direito: — *Si Patronus clienti fraudem fecerit, sacer esto.* É muito verosimil tambem, que a repartição feita, sob os ultimos reis, da plebe em várias tribus, fôsse tendente a distribuir a jurisdicção de cada patricio sôbre sua clientela, cujos individuos estavam sujeitos ao podêr judiciario do mesmo nos juizos familiares.

Ha mais uma terceira prova, e é que os abusos d'esse podêr devem produzir exactamente o mesmo resultado, que produziram em Roma. A auctoridade de julgar e punir dada ao rei sôbre os patricios, e a estes sôbre os clientes, unida ás outras prerogativas de sua condição politica, é collocada em mãos demasiado fortes, para deixar de produzir, pelo decurso do tempo, graves desordens.

Então, ou o rei se serve de tal instrumento para opprimir os patricios, ou estes para opprimir os clientes: no 1.º caso a oppressão arma os patricios contra o rei, unindo-se com a plebe para o expulsar; no 2.º arma-se o corpo dos clientes, ou a plebe contra os patricios, unindo-se com o rei para os assuberbar. No 1.º caso funda-se, ou arraiga-se, a aristocracia, como aconteceu em Roma; no 2.º a monarchia, como aconteceu nas nações da Europa. É claro, portanto, que a expulsão dos reis, e a instituição do consulado em Roma, não tendeu a estabelecer uma liberdade popular e democratica; mas sim a consolidar a aristocracia, firmando mais suas anteriores prerogativas e preponderancia.

Tudo nos é confirmado por T. Livio, que, relatando a instituição do consulado por Junio Bruto, diz positivamente, que d'ahi não resultou mudança para a constituição de Roma, e que a existencia dos dois consules annuaes não diminuiu cousa alguma o podêr real: *Nihil quicquam de regia potestate diminutum.* Bruto era demasiado cordato, para fazer outra cousa, do que reduzir tudo á pureza de seus principios primitivos. Estes consules eram dois reis annuaes d'uma aristocracia — *Reges annuos* — (Cic. de Leg.); assim como tambem em Sparta havia reis vitalicios, posto que ninguem possa contestar o caracter aristocratico da constituição lacedemonia. Os consules, durante seu reinado, estavam sujeitos ao direito d'appellação, do mesmo modo que os reis de Sparta á inspecção dos ephoros. Acabado que fôsse o reinado dos consules, estes podiam ser accusados, como foram alguns reis de Sparta pelos ephoros, nomeadamente Agis, e outros. Deprehendem-se, pois, do mencionado logar de T. Livio duas cousas: não só que a realeza romana fôra aristocratica, senão tambem, que a liberdade, fundada por Bruto, não fôra popular, e sim particular aos nobres, não libertou o povo dos patricios, seus senhores, mas estes da tyrannia dos Tarquinios. O que se reputa uma variação essencial na fórma do govêrno, não é mais do que a expulsão d'um homem, d'um tyranno, e não uma revolução: a prova está no consulado annual substituindo a realeza vitalicia, e não fazendo, na cousa romana, mudança essencial. É notavel, porém, que os patricios não expulsaram um oppressor, senão para o virem a ser tambem, elles mesmos, de modo que seu proceder para com a communa foi tão legitimo, como o de Tarquinio para com elles

mesmos. Fazem repartições iniquas das terras, carregam os plebeus de dividas, e não querem communicar-lhes direitos alguns civis! *Inde irae.*

D'ahi partem os factos causaes da mudança na fórma do govêrno.

A communa desinvolve então uma firmeza modesta, e começa com socêgo uma lucta, longa e aturada: não vae levar o ferro e fogo ás habitações de seus oppressores, não. Desattendida em seus direitos, retira-se, faz scisão, e vae acampar-se no monte sacro: *Secedit*..... O Senado fica espavorido, manda correr apoz ella, e Menenio se encarrega de contar aos plebeus a fabula dos membros e do estomago. Emfim, depois de muitas prácticas e interlocuções, fica accordado, que a communa terá um official, que lhe pertença, e estipulará por ella. Estes tribunos não têm funcções algumas positivas; sómente se opporão, impedirão, e não quererão: a soberba aristocracia lhes define suas attribuições 'numa só palavra — *veto*, e os faz muitas vezes esperar ao vestibulo do Senado. Mas em breve ahi entrarão, cômo senhores; e o tribunado, tão pequeno em sua origem, cresceu, por tal arte, na consciencia popular, que, quando Augusto e Tiberio obtiveram a purpura, chamaram-se tribunos.

A communa marchára de conquista em conquista, pedira, quasi ao mesmo tempo, a egualdade dos direitos civis, a egualdade dos direitos politicos, a das terras, e uma legislação escripta; o que são os quatro fundamentos da sociabilidade. Concedem-se-lhe leis primeiramente, com a condição porém, que serão escriptas pelos patricios; e tal é a moderação da communa romana, que lhes commette francamente o cuidado de redigir as — *tábuas decemviraes*, — esse *carmen necessarium*, depositario, por sua concisão eloquente, da sabedoria dos tempos heroicos, e dos primeiros progressos d'uma liberdade nascente. Porém a mesma lei das XII tábuas foi util aos patricios, em quanto aboliu inteiramente a prerogativa, que possuiam os consules, como herdeiros dos reis, de julgar e punir os patricios; á qual a lei Valeria déra o primeiro golpe: e comquanto 'nessas leis se falle dos cidadãos de Roma, taes não eram, ainda então, senão os nobres.

Ella obtem, logo depois, a egualdade dos direitos civis, incluida inteiramente na lei arrancada por Canuleio, *de connubio*. O tribunado militar não tarda em lhe abrir tambem a carreira das magistraturas.

Muitos annos, mesmo, antes das XII tábuas, já a communa se havia attribuido uma prerogativa enorme. 'Numa das crises mais borrascosas da lucta entre a plebe e o patriciado, um joven opinou em pleno senado, que essa turba insolente e facciosa devia ser sopeada pela fome. — Ella quer pão, não lho dêmos, e saiba por que preço póde ultrajar-nos. — Este alvitre chega aos ouvidos do povo, indigna-se, e exaspera-se; não ha mais que um só grito em Roma a pedir o exilio de Marcio. Pela primeira vez a communa forma uma assembléa popular (*comitia tributa*), e proscreve um senador. Quem o crêra?! Eisahi um patricio, um joven official, quisto dos soldados, appellidando por seu nome todos os veteranos, o orgulho e a esperança da aristocracia, forçado a deixar Roma, sob o pêso da colera do povo. Elle poderá vingar-se; mas não deixou, por sua indiscreta vivacidade, de dar um golpe mortal no poderio de sua ordem. D'ahi em diante, o povo soube, que o patriciado não era inviolavel.

Quanto ás magistraturas, a principio todas estavam em podêr dos patricios, por instituição de Romulo. Expulsos os reis, continuou a vigorar por algum tempo o mesmo systema; mas pouco depois, a plebe extorquiu os tribunos e os édis do povo, que por lei inalteravel não podiam ser creados, senão do povo.

Mas depois, tambem um dos consules começou a ser plebeu, e o primeiro foi L. Sextio, pelos annos de 389. Tempo houve, mesmo, em que ambos os consules foram plebeus. É verdade, que a trôco do consulado, a plebe concedeu aos senadores novas magistraturas patricias, como a pretura, e a édilidade curul; mas pouco depois tambem estes cargos passaram a ser communs aos patricios e plebeus, sendo P. Publilio Philo o primeiro pretor creado da plebe. Os édis, depois d'alguma deferencia para com o Senado, logo no anno seguinte passaram a ser creados alternadamente do povo; e a final foi isso promiscuo. Por último, todas as magistraturas foram compartidas com os plebeus, como a propria dictadura, a censura, a questura; e todas as honras em fim se franquearam aos plebeus, á excepção da dignidade de interrei, que os patricios sempre retiveram, como possessão exclusiva. (Veja-se T. Livio nos respectivos logares, e Antiguidades de Heineccio, Appendix ao liv. 1, cap. 1, § 67.)

Mas o passo mais decisivo para a mudança da fórma de govêrno foi a conquista de Canuleio — *Connubia Patrum*. — Ainda que, depois da expulsão dos Tarquinios, e instituição do consulado, decahisse o systema antigo da clientela, nem por isso os individuos, que a formavam, e que compunham um só corpo debaixo do nome de *Plebe*, assumiam parte alguma no govêrno. Continuaram por algum tempo a não conhecer outro dominio, que o *bonitario*, instituido no censo de Servio Tullio, indicio de dependencia e servidão; e quando com a segunda lei agraria, que foi assumpto da 1.ª lei inserta nas XII tábuas, elles obtiveram o dominio *quiritario*, achava-se ainda muito imperfeito em suas mãos. Assim como a plebe ainda não tinha nupcias solemnes, tambem não tinha os effeitos civis d'ellas, — o *patrio poder, suidade, agnação, gentilidade, succes-*

são legitima. Emquanto, pois, os plebeus não obtiveram tal direito de nupcias solemnes (*connubia Patrum*); emquanto não communicaram com os patricios essa fórma de nupcias, que Modestino denomina—*Omnis divini et humani juris communicatio*—não podiam, como cidadãos, participar dos effeitos civis e politicos das mesmas nupcias. Foi preciso muito arruído e muitas ameaças, para fazerem essa conquista, que os constituiu cidadãos; e ainda mediou algum tempo d'ahi a que a soberania passasse ao povo, composto de nobres e plebeus; o que só teve logar, quando começaram a funccionar os *grandes comicios*, compostos das duas ordens.

Só então começou a democracia em Roma; e anteriormente, quando se falla de—*povo*, não se entende outra cousa mais que o corpo dos nobres, uma parte dos quaes formava o Senado, e toda a ordem representava o povo. É mister que se leia a historia romana com esta prevenção, para não topar em difficuldades.

Taes foram as diversas conquistas sociaes do povo romano, fructo de suas sedições, algumas das quaes Cicero, *de Oratore*, referindo palavras do famoso orador Antonio, qualifica justas e necessarias, ao mesmo passo que as tem na conta de molestas e inquietadoras.—*Conclusi ita ut dicerem, etsi omnes molestae semper seditiones fuissent, justas tamen fuisse nonnullas, et prope necessarias.*

Concluindo nós tambem, acostados aos diversos escriptores da philosophia da historia e do direito, e d'accôrdo com elles, não nos adstringindo ás fórmas externas das cousas, mas entrando no seu âmago, e escrutando as suas ultimas razões, podemos dar como estabelecido, que a primeira realeza romana não foi uma monarchia propriamente dicta; mas uma realeza aristocratica, subordinada ao predominio do elemento aristocratico; e que este predominio continuou ainda depois da expulsão dos Tarquinios, e instituição do consulado, principiando a decahir, quando rebentaram as sedições populares, e acabando pela introducção dos grandes comicios.

Se a outros agradar opinião diversa, que abundem no seu sentir. Deixamos-lhes a mesma liberdade, que para nós queremos, quando abraçamos a opinião expendida.

DR. CASTRO PILAR.

LEITURAS CONTEMPORANEAS

O ÚLTIMO ACTO

Drama

POR

Camillo Castello-Branco

I

Eis ahi algumas páginas, escriptas tão do coração, que o mesmo é lêl-as que deliciar-se a alma 'nuns como anhelos santos de suavissimos affectos.

Martyr d'atrozes soffrimentos devêra ser o poeta, que traçou essas linhas maviosas, de bençãos a hora, em que a inspiração lhe acudiu espontanea.

Nem a dôr se improvisa, e, para a vasar em tão apaixonados moldes, é mister ter-lhe provado os espinhos; nem o talento esplende sempre com brilho egual, porque a imaginação tem momentos, em que accorda para a poesia.

Lamartine, pungido de saudades pela imagem sympathica de Graziella, escreve *Le Premier Regret*, e o sr. Mendes Leal, deplorando a affronta da patria, cria os versos sublimes do *Pavilhão Negro*. Miguel Angelo, desentranhando do marmore mil estatuas, logra, em hora fadada, erguer o vulto de *Moyses* em toda a magestade da Biblia; e Mozart afina, em momento de predestinação, a suave melodia de *Requiem* pela tristura que lhe ia na alma.

E no drama do sr. Camillo Castello-Branco o desenho correcto e vigoroso do esculptor florentino allia-se á fórma pulida e elegante do auctor dos *Homens de Marmore;* a melancholia suave do musico de Saltzbourg casa-se á philosophia consoladora do poeta das *Meditações*.

Não guindâmos o elogio, nem accendrâmos louvores, que os não precisa o escriptor do *Último Acto* para viver na posteridade: compraz-nos só apurar os quilates da sua mimosissima obra, e assignar-lhe o logar, que lhe compete, na já opulenta historia da moderna litteratura portugueza.

Felicitem-se as letras patrias. O romancista imaginador, que no *Homem de brios*, e *Onde está a felicidade*, nos deu a saborear compridas laudas de riquissima poesia, o rival feliz de Mery e Dumas, que tão alto ergueu o romance 'nesta nossa terra, póde tambem enfileirar-se na honrosa pleiada, onde se destacam brilhantemente os vultos illustres de Garrett, Scribe, e Augier.

II

Nos autos de Gil Vicente assentou a critica a origem do drama portuguez. 'Naquellas páginas, aformosentadas com o cunho d'uma singeleza pittoresca, adivinha-se o genio de Aristophanes, afivelando a mascara de Roscio, e escondendo 'num gesto de gravidade estudada o frouxo de riso impendente a estalar-lhe dos labios.

A musa graciosa e zombeteira, que segredou ao escriptor da *Mofina Mendes* as vaias e chacotas, com que apodava a cleresia ignorante e devassa, affectou-se sisuda e reflectida no auto da *Historia de Deos*, lavrando as figuras venerandas dos patriarchas da antiga lei.

Ingenho robusto, enverdecendo e floreando á luz da inspiração, teve para suas obras noite precoce de aturado esquecimento. E todavia o espirito de Gil Vicente vive ainda alli,

tão cheio de viço e frescor, como nos dias em que pompeava graças nos saraus de Manuel e João III.

Brilhava por estes tempos em Asia e Africa o astro das glorias portuguezas. Vasco da Gama dobrára o cabo de Não, e hasteára em Calecut a bandeira da cruz.

Corajosos navegantes rasgam depois os mares, e assombram o Oriente com o espanto de feitos magnanimos. Esbombardeados pela metralha, os muros da velha Goa rugem, e estrallam, e nos rotos bastiões de Diu e Tanger, açoutado por densa chuva de pelouros, fuzila ovante o pavilhão das quinas.

Cardumes de galeões pojam no porto de Lisboa, e vasam em terra as pareas da India avassallada. Milagres de heroismo succedem a prodigios de valor, e a imaginação dos portuguezes, exaltada pelo esplendor de tamanhos feitos, compraz-se em atavial-as com as côres do maravilhoso.

A epocha era toda para aventuras.

O nobre sonhava calçar as esporas de cavaleiro nas agruras do Synai, ou cingir a espada ao clarão do incendio dos aduares africanos, mas não tolerava a desenfreada licença da musa comica, nem apreciava a gravidade imponente do drama.

A satyra, enviezada na farça em frases de graciosa seriedade, e os motejos da tragicomedia, salgados com inimitavel atticismo, doíam-lhe mais que lançada de mouro; e a severidade pretenciosa do auto devia ser-lhe tão indifferente como finamento de pêrro infiel.

E a eschola de Gil Vicente, eclipsada ainda pelas imitações da antiguidade, cahia para jazer largos annos. Era que Sá de Miranda, entrado de cega devoção pelos modelos da Grecia e Roma, desvestia a comedia do trajo nacional, aparando-a no molde classico; e Antonio Ferreira, cultor não menos ferveroso do bello antigo, enxertava primores do Lacio no singelo drama portuguez.

III

Passaram-se rapidos os tempos da conquista. D. Sebastião, guiado pela sua má estrella ás margens do Lucus, sentira tombar-se-lhe da cabeça a corôa real, e rolar no pó, ensopado em sangue de milhares de valentes. Saudades de muito affecto, maguas de muita paixão, lagrimas de muita dôr, não poderam apagar a dolorosa impressão de tão infanda catastrophe.

Portugal acurvou-se ao senhorio de Castella, e gemeu martyrios que a penna recusa descrever.

A Inquisição erguia-se tambem forte e iracunda a flagellar a intelligencia, confrangendo-a em estreitissimos limites, marcados nos capitulos absurdos d'um codigo immoral. Agrilhoando o pensamento, e accendendo fogueiras em que ardiam victimas humanas, o Tribunal da Fé cavava profunda a ruina das letras. Mais terrivel ainda que a Medusa da fabula, petrificava todos os que lhe sentiam o halito empeçonhentado.

E a arte dramatica definhava-se á falta de seiva, que a aviventasse. Vegetando á fria sombra dos claustros, onde mui piedosos servos de Deus se desenfadavam em santas alegrias das asperezas da penitencia, pendiam-lhe dos ramos enfesados mui poucos frutos, e esses quasi todos pêcos, e outoniços.

A antemanhan d'um novo dia era prestes a descerrar-se. Portugal, invilecido por 60 annos de soffrimento, sentiu erguerem-se-lhe os abatidos brios ao grito heroico da liberdade. O oitavo dos Braganças sentava-se no throno de D. João I, e firmava em brilhantes victorias o futuro da nova dynastia.

Aura bonançosa foi a que então pareceu affagar as boas letras.

Alentando-se na imaginação do povo, a arte de Gil Vicente simulava desejos de viçar e florir. E viçou, e floriu, bonitas flores, se não de tão formosa singeleza, como as que desabrochára á sombra de reis, muito para se vêrem e estimarem pelo variegado das côres e suavidade dos cheiros.

Foi um viver d'esperanças, desatado em realidade tremenda.

A Inquisição ainda omnipotente soprou-lhe ao chão a debil hastea, e baldando-lhe tão legitimos esforços, aniquilava esperanças mui fagueiras. Antonio José, cultor fervoroso da comedia nacional, de que nos herdou bons exemplos nas *Guerras do Alecrim e Mangerona*, e na *Esopaida*, expiava nas chammas o odio entranhavel do Santo Tribunal.

Largo correu o tempo sem que as letras reflorescessem 'nesta terra, nunca esteril de genios, se mãos desveladas os cuidam, e animam. Entrava já o reinado de D. José, e Pombal, empenhado em ideias reformadoras, não esquecia animar os bons estudos. Edificavam-se escholas, fundavam-se academias, reformava-se a universidade, mas olhava-se para a scena portugueza com feio desamor.

Estava escripto que só mui tarde lhe choveriam triumphos.

IV

Veiu-nos tardia a regeneração da arte dramatica, mas alvoreceu-nos bella a sua aurora, e limpida de nuvens, que lhe empanassem o albor.

Neste seculo, que vae legando á historia páginas fecundas em substanciosos assumptos, o drama nacional, ataviando-se d'uma phrase elegantemente seductora, reappareceu bello de originalidade nos modelos inestimaveis do escriptor de *D. Branca*. Garrett, genio creador e reaccionario, renegando as tradições da velha eschola, inaugura para o drama uma epocha tão brilhante, como a que abrira para a poesia.

Um Auto de Gil Vicente assignalou a restauração do theatro portuguez.

A figura magestosa no nosso Plauto surgira do tumulo, evocada pela palavra magica do cantor de *Camões*, que assim arroteava o campo onde robustos lidadores haviam depois colher abundantes palmas. O drama era digno d'ambos, e a critica festejou no *Auto de Gil Vicente* não uma estreia primorosa, mas uma obra de mestre.

O Alfageme de Santarem, tela originalissima em que a escriptura pleiteia bellezas com a palheta facil de Watteau, e eguala o pincel vigoroso de Ribera, veiu após *Um Auto de Gil Vicente* deliciar plateias e leitores.

Era o theatro por esta epocha em plena revolução. Hugo e Dumas, exagerando a poetica naturalidade d'Alfred de Vigni, alteavam-na ao livel do absurdo, e do inverosimil. O drama d'esse tempo calumniou a arte, forçou a historia, e esgotou o sentimento á fôrça de violentos estimulos.

Garrett entendêra combater a eschola franceza, que promettia acclimar-se em Portugal. Acudiam-lhe imaginação brilhante, gosto exquisito, e vontade tenaz, não havia pôr-lhe estorvos.

O *fiat* d'uma nova creação sussurrou-lhe então nos labios, e o verbo mysterioso, desinvolvendo-se em páginas immortaes, ascendeu ao sublime da arte na concepção esplendida do *Fr. Luiz de Sousa*.

Não ha pregão para exaltar a obra primorosa do genio. Perante ella a palavra falha, e a admiração cresce.

O poeta, que na phrase incisiva de Rebello da Silva, «veio dar batalha campal no palco scenico ás exagerações francezas que estragavam o gôsto, por offerecerem por modelo unico uma litteratura, que ainda não definira a sua indole», esse colheu os louros de gloriosos triumphos.

Louvor ao genio! o drama portuguez, escorado no espirito nacional, resurgiu em maravilhosa *trilogia*, puro de tachas da imitação.

V

Começava o esplendor do theatro portuguez.

Uma geração esperançosissima despertava accêsa em enthusiasmo, e perfilhando a ideia de Garrett modelava-a em typos mui floreados de imaginação e estylo.

Rico de muito talento, e filho predilecto da inspiração, o sr. Camillo Castello-Branco accorreu a este abençoado lidar com as festejadas primicias de seu facundissimo ingenho. *Poesia ou Dinheiro*, *Purgatorio e Paraiso*, e *Espinhos e Flores*, revelam o imaginoso dramaturgo, e deixam adivinhar a intelligencia esclarecida que architectou o *Último Acto*.

Não sabemos se o leitor já chorou alguma vez sôbre o drama do Sr. Camillo: nós lemol-o e o coração desafogou-se-nos em lagrimas, meditámol-o depois, e ao pranto succedeu a admiração. É que alli, 'naquelle esfôrço sublime da arte, rastreiam-se as penas d'um soffrer acerbo, e, através da expressão sentida e angustiosa, vislumbra a realidade que magôa e punge. A rosa tambem desabrocha o calix, e desprende de si olorosos perfumes, mas as petalas não se lhe espalmam tanto que não deixem ver os espinhos a borbulhar-lhe da hastea.

O drama, daguerreotypando o viver da sociedade, copia da natureza, e inspira-se do bello. As regras aristotelicas caducaram perante a razão e o bom senso, querer resuscital-as hoje é um commetimento, sôbre ousado, infructuoso e inutil. A ideia, metamorphoseando-se nas fórmas variadissimas que lhe imprime o progresso, segue o pensamento na sua evolução, e para a fazer parar é mistér tolher-lhe os voos, ou encravar-lhe os passos.

Escriptor intelligente, e de mui provado gôsto entre os que lidam na sáfara trabalhosa das letras, o Sr. Camillo Castello-Branco não podia renegar a moderna eschola dramatica, cuja é um dos mais brilhantes ornamentos.

E não renegou. Traçando o *Último Acto*, o poeta desenhou um quadro de reconhecida verdade, e avivando-lhe o colorido com umas sombras de melancholia suave, elevou-lhe o preço de subidissimo valor.

O enredo, correndo destravado de peripecias calculadas, remata-se 'num desfecho, que não destoa da naturalidade da acção. «Até logo», diz Jorge de Valladares apertando a mão, já fria da morte, á mulher que lhe fôra anjo redemptor, e pomba da Arca Sancta annunciando em hora de expiação e desalento, que as tempestades da vingança divina acalmariam uma vez, e 'naquella frase tão singela, encerra-se uma illiada de longos soffrimentos. Os labios do sacerdote e do christão não podiam descerrar-se para vibrar imprecações maldictas, murmuram palavras de resignação e confôrto, porque lhe sorri consoladora a esperança 'numa outra vida.

No *Último Acto* os caracteres são concepções bellissimas, traduzidas e desenhadas com tão aprimorada mestria, que bem deixam vêr a mão certeira que os avultou. Luiza e o padre Jorge são duas figuras de correcção primorosa, que destacam brilhantemente dos outros personagens do drama. Creações mimosissimas, debuxadas mui ao natural, e adereçadas pela imaginação flórida do sr. Camillo Castello-Branco, não ha ahi quem lhes não dispense arreigada sympathia e muita affeição.

Trabalhados com esmerado lavor, todos os outros caracteres se elevam dignamente á altura do assumpto. Percebem-se tambem alli firmes e indeleveis os traços de mestre, e revela-se profundo o estudo do coração humano.

Ha ainda no drama uma feição caracteristica que muito lhe aquilata o valioso preço, é o sentimento. Verdadeiro sem trivialidades, natural sem artificio, e elevado sem exageração instilla-se suavemente na alma, revelando emoções variadas nos cambiantes diversos, que lhe imprimiu o poeta.

A amizade de Luiza velando cuidadosamente a irman, que, despenhando-se no tumulo, despe o involucro terreno para se alar ao ceu; o amor intenso de Anna Augusta accendrado em longo o penoso martyrio; o arrependimento de Eduardo Severino, que vê a filha estremecida prestes a cahir no sepulchro, após compridos dias da provação dolorosa; João Pinto esquecendo o ciume que o ralava, e perdoando generosamente á mulher que comprara a pêso de ouro; e Jorge de Valladares abafando com firmeza heroica a paixão ardente que o devora, todos estes sentimentos tradul-os maravilhosamente o poeta nas páginas do *Último Acto*.

Sobejam-lhe ainda excellencias na belleza e propriedade do estilo. Singelo e natural umas vezes, outras loução e energico, vibra de continuo no ouvido mavioso e cadente. Affeitado em demasia o chamará alguem, e muitos notal-o-hão de profuso em arreios poeticos. Cremos que não ha ahi razão para taes reparos. Alhear do drama a poesia fôra desconhecer-lhe a natureza e aniquilar-lhe a acção. Ideia mui parecida a esta aventurou já um poeta, escreveu-a Victor Hugo na introducção aos seus *Raios* e *Sombras*, e auctoridades de tal pêso escutam-se com respeito, e não se engeitam facilmente.

Livre e desempeçada nos correria ainda a penna, se tentassemos pôr em relevo outros primores, que muito enfeitam a bella producção do sr. Camillo Castello-Branco; mas para que se não diga que barateâmos elogios e encarecemos louvores, pomos ponto enunciando em poucas palavras a nossa convicção: dramas como o *Último Acto* escrevem-se raras vezes

A. DA C. VIEIRA DE MEIRELLES.

MEMORIA HISTORICA

Do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Monjas da Ordem de Cister da cidade de Portalegre [1].

Continuado de pag. 220 do vol. IX.

VI

Falleceu o bispo D. Jorge de Mello, ab-intestado, a 5 de agosto de 1580 [1], deixando, além de varios predios rusticos e urbanos, um riquissimo espolio em baixella de prata, joias, dinheiro, escravos, guademecins e tapeçarias [2].

Dos bens moveis tomou logo posse D. Helena de Mesquita, dos immoveis seu filho D. Antonio de Mello; pouco tempo, todavia, os lograram, porque a 13 de agosto de 1549 os renunciou e trespassou ao Mosteiro D. Antonio de Mello com sua mulher D. Joanna da Silva [3], e quatro dias depois, seguindo tão generoso exemplo, lhe doou, tambem, tudo, quanto possuia, D. Helena de Mesquita [4].

E á liberalidade d'esta familia deveu o Mosteiro a grande opulencia, que tem gozado até aos nossos dias [5], porque, exceptuando os dotes, que, passados alguns annos depois da fundação [6], se exigiram ás Freiras, não recebeu de outra origem nem sequer um ceitil.

VII

Depois da morte de D. Antonio de Mello [7], e de D. Helena de Mesquita [8], lançaram olhos ávidos sôbre as riquezas do Mosteiro o Car-

[1] *Agiologio Lusitano, Tom. I, pag.* 436. — Diz Jorge Cardoso, que o Bispo *fez herdeiro de todos os seus bens á Ordem de S. Bernardo;* não é exacto, porque falleceu, como dizemos, ab-intestado.

[2] *Tractado da cidade de Portalegre por Diogo Pereira Souttomaior.*

[3] Os bens que doou D. Antonio eram os que havia comprado seu pae na importancia de *um conto novecentos e um mil reis*, para os reunir á capella, que havia instituido, com duas missas quotidianas, uma a Nossa Senhora da Conceição, outra á Véra Cruz. Foi confirmada esta doação por alvará d'El-Rei D. João III, de 18 de março de 1550.

[4] 'Nesta doação instituiu D. Helena de Mesquita uma capella com duas missas quotidianas, uma em honra das chagas de N. S. Jesus Christo, outra em honra de N. Senhora d'Annunciação; revogando o testamento, em que vinculára todos estes bens em morgado, a favor de seu filho D. Antonio de Mello, feito na Provincia, aos 15 dias de novembro de 1522. Foi confirmada esta doação por alvará d'El-Rei D. João III, de 16 de maio de 1550.

[5] Consta da *Continuação do Relatorio do Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, apresentado ás côrtes em dezembro de* 1858, que o Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre tivera de rendimento em 1821 — 5:515$025; em 1839 — 4:587$445; e em 1856 — 4:512$755.

[6] As primeiras freiras, que professaram no Mosteiro eram fidalgas pobres, algumas irmans, e outras parentas do bispo fundador, que, emquanto viveu, não permittiu se exigissem dotes. *Tractado da cidade de Portalegre por Diogo Pereira Sottomaior.*

[7] D. Antonio de Mello está sepultado na egreja do Mosteiro, juncto ás grades do coro debaixo, sob uma campa de marmore, com o seu brasão de armas, a saber: em campo vermelho seis besantes de prata. Na cabeceira percebem-se ainda algumas letras do epitaphio, porém apenas podem ler-se estas palavras: *Falleceu a* 15 *de agosto de* 1549.

É notavel esta data, porque mostra que D. Antonio de Mello sobrevivêra um anno e dez dias a seu pae, e que fallecêra dois dias depois de assignar em Evora, onde morava, a doação ao Mosteiro.

É, actualmente, representante de D. Antonio de Mello, e por consequencia do Bispo D. Jorge de Mello, por varonia, D. João Maria de Mello d'Abreu Barbosa Palha Vasconcellos Guedes, terceiro Conde de Murça.

[8] D. Helena de Mesquita era filha de Pedro de Mesquita do Corrego, e de Filippa Borges. Não consta quando falleceu, havendo-se até perdido a tradição do logar, em que fôra sepultada, na egreja do Mosteiro; cremos, porém, que a sua morte occorreu em 1551 ou 1552; porque já era fallecida, quando o Bispo da Guarda, D. Christovão de Castro, pretendeu reivindicar os bens do Mos-

deal Infante D. Henrique, o bispo da Guarda, D. Christovão de Castro, e o primeiro bispo de Portalegre, D. João d'Alva.

Arvoraram-se todos tres em herdeiros de D. Jorge de Mello, representando o Cardeal os interesses da Abbadia de Alcobaça, e os bispos os das Egrejas respectivas.

Pretendiam que se lhes restituissem os bens do Mosteiro, porque, reputando illegal a acquisição dos de D. Helena de Mesquita, comprados aliás em seu nome, porém com o dinheiro de D. Jorge, *em cuja casa vivia*, julgavam nulla a doação, que d'elles fizera ao Mosteiro, devendo considerar-se bens do bispo; e nulla julgavam, egualmente, a doação de D. Antonio, porque não podia, segundo as leis do reino, ser herdeiro de seu pae, apesar de legitimido por El-Rei D. João III [9].

Era de todo o ponto insustentavel para estes contendores o direito do Mosteiro; havia sómente de litigar-se, quem o teria melhor, se a Abbadia de Alcobaça, se a Egreja da Guarda, ou a de Portalegre.

VIII

D. André de Noronha propugnou a pretenção do seu antecessor, D. João d'Alva, aos bens do Mosteiro; porém D. João de Portugal, successor de D. Christovão de Castro, não continuou nas diligencias de reivindical-os para a sua Sé; e, todavia, se a paixão não obcecasse a intelligencia de D. Jorge de Mello, era a Egreja Ægitanense quem deveria ser por elle indemnisada dos prejuizos, que lhe causou nos trinta annos, que desfructára suas rendas [10], sem lhe prestar o mais pequeno serviço [11].

Ignorâmos os tramites, que seguiu este celebre pleito; sabemos apenas, que terminou amigavelmente, desistindo, primeiro, D. André de Noronha, depois o Mosteiro de Alcobaça, do direito que presumiam ter aos bens do de Portalegre [12].

Mas doze annos esteve ameaçado de os perder, luctando com tão poderosos adversarios; valeu-lhe, a final, mais do que a justiça da causa, a protecção do Cardeal Infante, que, como Legado *à Latere*, e juiz supremo 'nesta demanda, julgou, por Breve de 15 de outubro de 1562, que nem o Bispo D. André de Noronha, nem o Mosteiro de Alcobaça, tinha direito aos bens do de Nossa Senhora da Conceição de Portalegre.

E para chegar a este resultado, allegou no Breve, que todos os bens, que grangeára D. Jorge de Mello, os havia comprado com o dinheiro, que adquirira quando Abbade Commendatario de Alcobaça; porque os rendimentos da Mitra da Guarda apenas lhe chegariam para uma subsistencia parca [13]!!

Continúa.

F. A. R. DE GUSMÃO.

APONTAMENTOS HISTORICOS DE COIMBRA

O Sancto Christo das Maleitas

Na extremidade do lanço de habitações, que corre em frente do aqueducto de S. Sebastião, encontra-se á esquerda um pequeno terreiro nivelado com a estrada, a poucos passos da ermida de S. Martinho. Na penha, que 'nesse local sobresaia, estava assente a pobre capella do Senhor Jesus das Maleitas.

Da origem da invocação nada resam os documentos do archivo do concelho, que para este fim temos por emquanto examinado. A sua chronica ficará, por tanto, reduzida á inscripção aberta na verga do portal, onde em 1851 lemos ainda:

ESTA CAPELLA FOI FEITA

COM ESMOLAS DOS FIEIS

EM 1740.

---

teiro para a sua sé; e D. Christovão fôra confirmado bispo pelo Papa em 1550, e governou o bispado sómente dois annos e tres mezes, segundo affirma Carvalho na *Chorographia Portugueza*, *tom.* 2.º, *pag.* 343.

[9] É o que consta de uma carta do bispo D. João d'Alva ao Cardeal D. Henrique, cuja copia, de letra contemporanea, se conserva no cartorio do Mosteiro. Não tem data; cremol-a, porém, escripta em 1550, pelo que se collige do texto; porque *ainda estava por poer a primeira pedra da see que haa de fazer;* e accrescenta D. João d'Alva, que *poderia ser que descobrindose todo o dinheiro e fazenda que fora do bispo* (D. Jorge) *ouvesse pera sustentar estas religiosas e contentar ao bispo da Guarda e ajudar as necessidades desta see e bispado* (de Portalegre).

Tal era a opinião, que corria, da riqueza de D. Jorge de Mello!

[10] «Nem chega a ver a sua cathedral, nem quer contribuir para as despesas da sua reedificação. Aperta com elle o seu cabido, e obtem restrictos pontificios, para que elle cuide no alinho e decencia de sua verdadeira Esposa; a tudo se ensurdece, e só depois de sequestradas as suas rendas, por ordem regia, é que elle, cedendo á fôrça, cumprira o que ha muito deveria ter feito de bom grado.» — *Historia Chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaça* etc., *tit. IV, cap. IV, pag.* 151. — A Sancta Sé condemnou a D. Jorge de Mello, pela desobediencia aos seus rescriptos, além de outras penas, em vinte cinco mil cruzados; porém não pagou senão a quarta parte, porque se compôz com o Legado do Papa, João Riccio, Arcebispo de Pontino, fóra de Santarem, aos 30 dias do mez de julho de 1546. O Legado reservou para a Curia Romana quatro mil cruzados, e o resto, dois mil duzentos e cincoenta cruzados, entregou-o ao Cabido da Guarda, que se deu por satisfeito. Conserva-se no cartorio do Mosteiro o instrumento d'esta composição.

[11] Para dar ordens, e para a benção dos Sanctos Oleos, tinha um Bispo de annel, Fr. Balthazar, frade de S. Francisco, seu prégador, e grande letrado. *Tractado da cidade de Portalegre por Diogo Pereira Souttomaior.*

[12] Desistiu tambem o Cardeal D. Henrique, como Abbade Commendatario d'Alcobaça, a 18 de setembro de 1562; o bispo D. André na mesma data; o Mosteiro de Alcobaça a 26 do mesmo mez e anno. Consta dos respectivos instrumentos, que se conservam no cartorio do Mosteiro.

[13] Guarda-se o Breve no cartorio do Mosteiro, sendo um dos pergaminhos mais bem conservados; falta-lhe, porém, o sello.

Destituído de primores de architectura, o humilde monumento não parecia recordar feitos de gloria nacional, nem ostentava brasões de illustres fundadores. A suspeitar pelo titulo e letreiro elle commemoraria apenas a existencia da epidemia, que pouco antes de 1740 veiu despertar a devoção d'alguns piedosos e afflictos conimbricenses. [1]

Em 1852 ainda grande parte das paredes estava em pé, ainda a inscripção era legivel, ainda no meio do entulho e da vegetação sería possivel desenhar-lhe o risco interior. Demolido e reduzido a terreiro pela camara municipal depois de 1853, outro vestigio não deixou, que saibamos, senão o nome da *Capella do Sancto Christo das Maleitas,* por que é designado em alguns aforamentos de casas, que com ella confrontavam. [2]

E o *Sancto Christo* absolva aquelles zelosos senadores, que no *Livro* (em branco) *dos Annaes do Municipio* nem d'esta, nem d'outras demolições, umas breves lembranças têm lançadas sequér.

S. João da Freiría

Se em outras terras do reino eram avultados os bens e rendas da Ordem de Malta, nem porisso o foram muito na Commenda de Coimbra, annexa á d'Ansemil depois de 1565. Entre os poucos, porém, que ahi possuia, comprehendia-se a igreja ou capella de S. João da Freiria e suas pertenças, que para o lado da velha rua de Coruchy estava situada em um pequeno terreiro ao fundo na rua dos Sapateiros. [3]

Quaes fossem as dimensões do antigo edificio não foi possivel verifical-o agora, faltando-nos o tombo da Commenda, onde provavel é que estejam declaradas e confrontadas. Que antes de 1565 fôra *aposẽto antigo dos freires da religião de S. João* declara-o uma sentença de 5 de maio d'este anno [4]. Que 'nelle se celebravam algumas solemnidades apparatosas dil-o o *Compendio das Obrigações annuaes do Senado,* onde se lê:

> «A 23 (de junho) vespera de S. João «Baptista ha procissão que sae de Santa «Cruz para a Ermida de S. João na «Freiria, que é no Terreiro da rua dos «Çapateiros, e torna a Sancta Cruz. Ha «bancos de encosto, que manda pôr a «Camara, e 'nesta funcção vai a Ban«deira Real entre o Pallio e o Senado por «não haver bandeiras dos Officios.»

Com o aforamento da capella e bens annexos, feito pela Ordem depois de 1747, a honraria do prestito municipal acabou, como é de suppôr. A final, convertido em casa particular o *aposento* dos cavalleiros, perdida ficou de todo a importancia aristocratica do nosso S. João da Freiria, do qual para memoria o nome adulterado de *Fraria* existe apenas na esquina do pequeno largo, que á sua ermida ficava contiguo.

A situação d'esta indical-a-ha por ventura a cruz da Ordem, que em azulejo azul e branco se conserva ainda na frontaria do prédio dos herdeiros de Marcos Gomes da Fonseca.

J. C. A. DE C.

[1] A ella se referia talvez a *Prov.* de 4 de Maio de 1747, que ao Juiz de Fóra ordenou a conclusão de certa devassa, interrompida por impedimento da molestia. *Liv.* VI *da Corrêa* do cartorio municipal fl. 77.

[2] Reconhecimento da casa e quintal, que ao prior Sebastião Pereira haviam pertencido, feito em 2 de setembro de 1768. *Liv. dos reconhecimentos* fl. 101. O local da capella seria talvez em parte da lapa (baldio), que aos 22 de julho de 1712 o Senado emprazou ao dicto prior *para nella continuar a reedificar a casa para palheiro* com o foro annual de 30 réis. *Liv.* 13 *das Notas* fl. 122.

[3] A relação dos bens d'esta Commenda, segundo as *Inquirições* de D. Affonso II, e o *Registo* de Leça na *Nov. Malta*, part. 1, § 221 e seg. Ácérca dos privilegios dos cavalleiros e caseiros, em que se comprehendiam os da Ordem de Christo, vejam-se particularmente a *Carta* passada em 1746 a Miguel Ferreira, d'Almalaguez, registada com muitos erros de datas no *Liv.* V *da Corrêa* fl. 348 v., a *Carta* e *Alv.* da Camara do Porto cit. nas *Observ. Diplom.* p. 66, e outras noticias nas *Quest. For.* n. 3, p. 227 e seg.

Esta capella de Coimbra e bens annexos, muito proximos ao rio, rendiam pouco mais ou menos 110$000 réis. Dos rendimentos da Commenda d'Ansemil tracta a *Mem. da Ordem de Malta* por fr. Luc. de S. Cath. no *Appendix* p. 339.

[4] No pleito ácérca do quintal que estava á porta da capella a partir com casas de Simão Rodrigues e a rua onde estava o poço, entulhado em 1822. — *Nov. Malta,* part. 1, § 225. *Liv. das Vist.* da Camara, 1822.

NOTICIARIO

Universidade de Coimbra. — Estadistica. Numero dos alumnos na 1.ª matricula de 1860–1861:

Theologia	85
Direito	425
Curso administrativo	45
Medicina	51
Mathematica	121
Philosophia	171
Total	898
Lyceu	220
Sommam	1:118

Em 1859–60 foi o número total da Universidade e lyceu de—1366. Para menos 'neste de 60 a 61—248. Esta differença verificou-se não nas matriculas da Universidade, mas nas do Lyceu.

Universidade:	59–60	total	845
	60–61	»	898
	A mais..		53
Lyceu:	59–60	total	521
	60–61	»	220
	A menos..		301!

A razão da enorme differença está manifestamente nos novos regulamentos, por emquanto mal succedidos.

FACULDADE DE DIREITO, CONCURSOS.

É o quadro completo de—cathedraticos	15
Substitutos ordinarios.....	8
Dictos extraordinarios.....	4
	27

No dia 4 de março começaram as lições dos concorrentes, em numero de *dez*, lendo *dous* por dia, para as *quatro* substituições extraordinarias, de ha muito tempo vagas.

Era 'nesse dia o effectivo da faculdade, em serviço academico, de apenas *onze!*

Impedidos por molestia	2
Em côrtes	5
Nas mesmas e no conselho geral de instrucção pública	1
No jury criminal	1
Substituições ordinarias vagas.....	3
Total.....	12

Houve de preencher-se o numero legal do jury academico do concurso com *quatro* professores da faculdade de theologia, que a lei imaginou ser *analoga*.

Pontos para as lições, tirados pelos respectivos candidatos.

1.as LIÇÕES COM DISSERTAÇÃO

1. Da interpretação das leis penaes, Codigo penal portug. art. 18.

2. Entre os comproductores ha harmonia, ou antagonismo de interesses?

3. Se o emphyteuta, ou censuario, poderão libertar-se do fôro, ou censo, por meio da prescripção extinctiva?

4. Das sociedades em geral, e da sociedade em commandita, em particular, Cod. commerc. portug. art. 526 e seg.

5. Applicação dos principios de Direito ecclesiastico aos artigos 6 e 145 § 4.º da Carta Constit. (tolerancia).

2.as LIÇÕES

1. *Instit. de Direito civil portug.* §§. 575 579 (emphyteuse).

2. *Element. de Direito natural,* § 25 (characteres do direito).

3. *Waldeck, Instit. juris civilis,* §§ 121 a 127 (legitimação).

4. *Gmeiner, Tom.* 1, *S.* 1, *C.* 5, §§ 34 a 45 (independencia do sacerdocio e do imperio).

5. *Instit. de Dir. administr. portuguez, C.* 8, *Sec.* 5 (policia.)

3.as LIÇÕES

1. *Mell. Freire, Instit. jur. criminalis, Tit.* 1, §§ 17 e 18, (confisco, penas pecuniarias).

2. *Gmeiner, Tom.* 1, *S.* 1, *C.* 2, §§ 6 e 17 (jus determinandi, infallibilidade).

3. *Instit. de Direito civil portug.* §§ 819 a 825 (compra e venda condicional).

4. *Macarel, Éléments de Droit politique,* Tit. 2, C. 1. *De la source immédiate de la souveraineté.*

5. *Elementos d'Economia politica,* § 255 (Acção do govêrno sôbre os bancos de circulação).

No dia 23 terminou o jury as suas funcções, propondo ao govêrno, em consulta graduada, e pela ordem seguinte, os doutores —José Dias Ferreira, Antonio Ayres de Gouvêa, Antonio dos Sanctos Pereira Jardim, José Adolpho Trony, Manuel Nunes Giraldes, Francisco Augusto de Sande Sacadura, Alexandre Meyrelles do Canto, etc.

A Máchina Ruhmkorff na China. — Para inflammar a polvora encerrada nos fórnos das minas, emprega-se ordinariamente um ou mais tubos cheios de polvora, que communicam, á superficie do terreno, com um rastilho, na extremidade do qual se accende um pedaço de isca, de comprimento calculado para que o fogo chegue á polvora no fim d'um certo tempo. Porém semelhante processo é mui perigoso, pela incerteza que deixa sôbre o momento preciso da explosão; e quando muitas minas têm de arrebentar ao mesmo tempo, pode succeder que algumas não tomem logo fogo, e a mécha, ardendo lentamente, produzir um sinistro, quando menos o esperassem. Além de que, em muitos casos, é mister que a explosão se produza simultaneamente, a fim de imprimir ao terreno um abalo mais violento. Este processo é ainda inconveniente nas minas extraordinariamente grandes, em que se empregam porções enormes de polvora, porque póde ficar grande parte d'ella por inflammar, e o resultado ser muito inferior ao que se pretendia obter.

Era preciso eliminar todos estes embaraços; e o meio, que desde logo lembrou a todos, foi a electricidade. O mesmo foi conceber a ideia, que tratar de vencer as difficuldades da realisação; e não tardou muito que, no porto de Cherbourg, 50:000 metros cubicos de rocha, saltando aos ares d'um só jacto, celebrassem o magnifico resultado dos trabalhos de Moncel, Ruhmkorff e Stateham, nomes que

andam associados 'neste importante descobrimento.

Com effeito, Moncel foi o primeiro que se lembrou de applicar á inflammação das minas a faisca de inducção da máchina Ruhmkorff, a qual se produz facilmente, e de modo continuo, com um só par de pilha. Porém o calor das faiscas de inducção é tão fraco, que a polvora, atravessada por ellas, não se inflamma; e para completar a ideia de Moncel, foi necessario que o engenheiro inglez Stateham inventasse esses pequenos apparelhos, que hoje vêm descriptos em todos os tractados de physica, com o titulo de *Foguetes de Stateham*. Graças á ideia de Moncel, a máchina Ruhmkorff e o foguete Stateham substituiram, com toda a vantagem, a antiga e perigosa mécha còm seu rastilho e isca.

Querem saber agora o bello partido que os francezes tiraram d'esta descoberta, na guerra da China? Leiam o seguinte trecho d'uma carta, escripta das margens do Pei-Ho, a 9 de outubro de 1860, que nós extrahimos do *Cosmos* de 18 de janeiro: «Os Chins tinham construido, mesmo na foz do Pei-Ho, fortes verdadeiramente poderosos, dos quaes nós occupamos ametade; e tivemos de destruir os outros dous grandes fortes por meio de mina: foi ahi que o vosso apparelho recebeu a sua primeira consagração na China. Fiz este negocio d'accôrdo com um dos meus camaradas, capitão de engenharia: elle arranjou os grandes fórnos e eu os engenhos electricos. A explosão foi simultanea, tanto quanto póde sel-o mathematicamente; a destruição é completa. O quadro, no dizer dos espectadores, representou uma grande vaga de terreno que se abateu, inclinando-se de todos os lados, com mui poucas projecções verticaes.... O commandante superior, o sr. Bourgeois, ficou encantado, e fez um relatorio ao almirante. O pequeno comprimento dos fios obrigou-nos, a mim e ao capitão, a construir um abrigo, á distancia de 50 metros, onde ambos sentimos um verdadeiro terremoto. Fui obrigado a servir-me d'um só fio para cada foguete, e por conseguinte do manipulador d'um só contacto. *Succès complet! Votre appareil, comme vous le voyez, fera le tour du monde.*

Progresso da astronomia na America. — «Desde 1840, a astronomia tem feito immensos progressos 'neste paiz virgem, onde as preoccupações politicas e o tracto do commercio, obstaram, até então, ao desinvolvimento do gosto das sciencias. Abstrahindo de grande número de oculos de 4 e 5 pollegadas de abertura, contam-se nos Estados-Unidos seis grandes telescopios de refracção. Havia já muitos instrumentos de 4 e 5 pollegadas, quando o observatorio de Philadelphia recebeu, em 1840, um excellente equatorial de 6 pollegadas, de Merz e Mahler (Munich). Depois d'isso, a America fez acquisição, pelo menos, de seis telescopios de grande força. Na universidade Harvard (Cambridge) ha um de 15 pollegadas (380^{mm}.) de Munich, executado pelo modelo do oculo grande de Poulkova: estes dous instrumentos são unicos no mundo. Em Ann-Arbor existe um de 13 pollegadas, de Munich; e os observatorios de Hamilton-College e de Rutheford, no Estado de New-York, possuem dous equatoriaes de 13 pollegadas e $^1/_2$, construidos pelos celebres artistas americanos Spencer e Fitz. Emfim nos observatorios de Cincinnati e de Washington servem dous instrumentos de Munich, um de 12, e outro de 9,6 pollegadas de abertura. Para determinar as posições das estrellas, assentaram-se na America seis circulos meridianos de grande merito, — em Cambridge, Washington, Georgetown, West-Point, Ann-Arbor, e Albany. Além d'estes thesouros officiaes, existem, 'nalgumas instituições, e na mão dos amadores, vinte oculos, pelo menos, capazes de desdobrar as estrellas duplas de 1 a 2″ de distancia angular; muitos dos quaes estão assentes em pés equatoriaes.» (*Cosmos.*)

Ora comparem o que ahi vae de riqueza e de progresso pelo novo mundo, com o atrazo d'algumas velhas nações da Europa, que, apesar de terem dentro de casa, ou logo á porta, os melhores elementos para se desinvolverem, cruzam os braços e dormem descuidosas sôbre os louros já murchos de antigas glorias. A objectiva do melhor oculo do observatorio de Coimbra (o equatorial construido em Londres por Troghton e Simms) tem de abertura 0^m,135, (5,3 poll. ingl.) Entrou no observatorio em 9 de abril de 1854; e é o unico de tal abertura.

Bibliographia. *O Jornal dos economistas,* de março, noticia, entre outras publicações, as seguintes:-

Le Portugal et ses colonies, tableau politique et commerciale de la monarchie portugaise dans son état actuel, por C. Vogel, Paris, Guillaumin, 1860, 1 in 8.°

O juizo ácêrca d'esta obra, por Jules Duval, é tão lisongeiro ao auctor, como á nação portugueza.

«A gloria de Portugal (diz elle), como povo navegador, brilhando através de dois seculos de declinação, allumia ainda seus novos destinos, e mostra-lhe o caminho, pelo qual d'ora em diante deve de procurar um logar digno d'aquelle que lhe conquistaram outr'ora os Almeidas e Albuquerques. — A grandeza d'um povo, como a dos homens, e a dos astros, mede-se pelo seu longinquo irradiamento.»

Du principe des nationalités, por Mr. M. Deloche, Paris, Guillaumin, broch. in 8.°

«Fructo lentamente amadurecido, de trabalho consciencioso, não producção ephemera d'um relampago d'exaltação» diz o A. do juizo critico d'esta publicação.

O Instituto

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO

VOLUME X — N.º 2

	Pag.
Recordações d'um curso de Direito ecclesiastico — por *A. Forjaz*.....	25
Agricultura — Profundidade, espaçamento e declive das gaivas; meios de as desobstruir; methodo de Elkington — por *A. A.*.....	30
Sobre series exponenciaes e logarithmicas — por *A. J. Teixeira*.....	34
Versão das Elegias de A. Tibullo — por *A. A.*	36
Amo-te, Flor! (poesia) — por *J. de Deus*	36
Discurso proemial lido por Antonio José Viale, professor de Litteratura antiga do curso superior de lettras, no dia da abertura da sua aula, em 15 de janeiro de 1861	36
Anatomia pathologica e symptomatologia da Febre Amarella em Lisboa no anno de 1857 — por *F. A. R. de Gusmão*	41
Cartas do eminentissimo cardeal Saraiva, D. Fr. Francisco de S. Luiz	43
Recreações Poeticas por Francisco de Castro Freire — por *R. de G.*.....	46
Noticiario	46
Bibliohraphia	48

Maio de 1861

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

RECORDAÇÕES D'UM CURSO DE DIREITO ECCLESIASTICO

Continuado do 9.º vol. pag. 339.

X

GREGORIO VII, E AS INVESTIDURAS

O viajante, que succedeu perder-se em asperas serranias, cortadas de fundas gargantas, e despenhadeiros, enleiado na variedade e incerteza das sendas, esforça-se debalde por saír breve do labyrinto, que o prende.

Poderemos por ventura applicar a este nosso trabalho a imagem, que se nos figura. Tardanos chegar á exposição de cada uma das partes do *Corpus juris*, para d'ahi avançarmos no intento de recordar memorias d'antigos estudos; e todavia cercam-nos, e tolhem-nos os passos os complicados successos, e as incessantes luctas da meia edade, pelas quaes nos é mister atravessar.

A profunda corrupção dos pastores, contaminados pela simonia e incontinencia, demandavam remedios energicos. Para os reis, e grandes senhores, as leis moraes eram sem fôrça; e a tyrannia não encontrava embaraço, que sustivesse a sua acção anniquiladora. Todavia estava ainda muito longe, a distancia de muitos seculos, a epocha da incredulidade e indifferença religiosa. Christãos, uns e outros, seculares e ecclesiasticos, respeitavam a crença e o chefe visivel da Egreja, a voz do pae commum da grande familia dos fieis. Os exemplos em contrario eram singulares, excepcionaes, passageiros, e breve contrastados por actos d'arrependimento e obediencia.

Passam-se longos annos, até seculos, sem que se reúna a Egreja universal para acudir com os remedios; (do concilio œcumenico 7.º, de Nicêa, em 787, ao 8.º, o quarto de Constantinopla, em 869, medeam oitenta e dois annos; e d'este ao 9.º, *Lateranense*, em 1123, duzentos e cincoenta e quatro).

Foi porém consideravel o numero dos concilios particulares d'este periodo longissimo; e comquanto não poucos revelem o estado enfermo da Egreja em muitas de suas provincias, e como da corrupção resaltava, ameaçadora, a anarchia; todavia restam ainda muitos, cujas actas testimunham o mais activo e esclarecido zêlo pela tão necessaria reformação.

Sobresáem 'nestes os *romanos*, sob Nicolau II, Alexandre II, e Gregorio VII, em 1059, 1061, 1063, 1065, 1070, 1072, 1074, 1075, 1076, 1078, 1079, 1080, 1081, 1083, e 1084.

É sabido que este ultimo papa, elevado por acclamação do clero e povo de Roma ao solio, cuja alma havia sido desde muito antes, planisára a inteira reforma dos costumes do clero pelo papado, e pela da Egreja a do Estado, submettendo seus chefes, rudes e tyrannicos, ao superior e universal podêr moderador do Pontifice.

É facillimo e logico condemnar hoje tão arrojadas pretenções, em completo desaccôrdo com as idêas do seculo, tomando a estas por unico principio. Se porém nos remontarmos com o pensamento áquellas remotas eras, nas quaes, da parte do Estado, não havia, em regra, senão a mais rude fôrça *bruta*, e da parte da Egreja, e de seu chefe, a unica fôrça *moral* reconhecida e respeitada; se consultarmos a mesma principal legislação politica do tempo, outro deverá ser o nosso juizo: concluiremos então, que a theocracia de Gregorio VII foi 'nesses tempos alguma cousa d'eminentemente providencial para refrear o despotismo, corrigir o desregramento dos costumes dos reis e graõs senhores, e dispôr para os grandes acontecimentos, que breve haveriam de mudar a face da Europa, em resultado de suas luctas colossaes com os mahometanos. Permitta-senos trasladar para aqui algumas palavras auctorisadissimas, que poderão talvez poupar-nos as censuras.

Diz Cesar Cantu, na sua — *Historia universal*[1], repetindo o mesmo na mais moderna — *dos Italianos:*

« A reforma (*dos costumes, da Egreja, e do Estado*), não podia ser efficaz, senão procedendo de cima; d'esta Sé, para a qual, em razão de sua elevação, principes, e povos egualmente, voltavam os olhos. Emquanto as egrejas se vendessem, e as dignidades se obtivessem a prêço de dinheiro ou por cabalas; emquanto o desregramento dos que estavam investidos 'nellas os fizesse inclinar mais para o lado dos principes, que com ellas traficavam, do que para o dos pontifices, poder-se-hia por ventura esperar, que os bispos houvessem de recobrar a independencia e a auctoridade, que tinham perdido pela licença?

Corrompêra-se a egreja, secularisando-se; havia mistér de tornar aos seus verdadeiros principios, de revigorar o sacerdocio, e o monachismo, e d'instituir um censor, independente das potestades temporaes, que julgasse e punisse os maus, qualquer que fosse a sua hierarchia.

Como só o Papa podia reunir estas condições, era indispensavel — subtrair a sua eleição á intervenção secular, — libertar os sacerdotes dos liames feudaes, — e para isso destacal-os da familia. Mas quem quer que emprehendesse cortar o triple nó — da terra, familia, e auctoridade temporal, que prendia o clero ao seculo, devia de contar com uma

[1] Tomo 9, pag. 302.

lucta terrivel — com os reis, cujo podêr se restringia; — com os padres, cujas paixões se comprimiam; e — com a força immensa dos mais doces habitos.

Não podia ser senão um heróe; — e os passos d'um heróe, em tempos malaventurados, não hão de ser calculados pela medida do homem ordinario, em tempos tranquillos.»

Com especial relação ao vasto plano da theocracia, e á subordinação do Estado á Egreja, o mesmo historiador, accorde com o pensamento de muitos outros, que podéramos referir, menos insuspeitos, diz tambem, entre outras cousas, dignissimas de se lerem e meditarem, o seguinte[2]:

« Gregorio VII..... querendo regenerar a sociedade por meio do christianismo, entendia não podêr conseguil-o, emquanto a cadeira de S. Pedro não estivesse alevantada acima do throno dos reis. D'aqui resultava para elle necessariamente o intrometter-se nas temporalidades e no governo dos povos.

É este um dos mais espinhosos pontos da historia e do direito público; mas póde discutir-se com plena liberdade a questão da mutua independencia dos poderes secular e ecclesiastico, desde que a côrte de Roma cessou de pretender, por direito divino ou natural, a jurisdicção, directa ou indirecta, no temporal dos principes. É portanto a questão puramente historica; e por este lado temos visto sufficientemente que a superioridade da auctoridade espiritual não era sómente um uso introduzido pouco a pouco por circumstancias extraordinarias, uma exageração de fé irreflectida, mas uma parte essencial do direito público.»

Mais adiante: « Nossa epocha, que se crê liberal, tem por fundamento de suas constituições a inviolabilidade ou infallibilidade do reí; faz-nos estremecer com a idêa, de que este possa responder pelos seus actos. Nossos paes, na sua ignorancia, acreditavam — não ser infallivel senão aquelle Pedro, com quem promettera Christo habitar até ao fim dos seculos; e que a este pertencia vélar no procedimento dos reis; corrigil-os, se peccassem; e reprimil-os, se se constituissem em rebelião. A sabedoria d'hoje introduziu o *veto* dos reis em opposição com a vontade das camaras, e deu a estas a rejeição do imposto, para equilibrar os poderes. Ora não só as camaras pedem conta aos ministros de sua administração; mas, mais de uma vez, tem pretendido mudar as dynastias, e enviado os reis ao desterro, e ao cadafalso. Os meios estão mudados, mas a cousa é a mesma.

Então não só o direito canonico, mas tambem o civil da Allemanha reconheciam no papa a suprema auctoridade[3].»

[2] Pag. 312.
[3] Pag. 320.

O testimunho do protestante Guizot não é menos expressivo, e por certo que é mais valioso, por inteiramente desapaixonado. No meio d'expressões, que revelam a *seita*, reconhece, no seu — *Curso de historia geral da civilisação, Lição* 5.ª, que, no tempo de que tractamos, — «a ordem espiritual abarcava todos os possiveis desinvolvimentos do pensamento humano; não havia mais que uma sciencia, a theologia; — e que, achando-se d'est'arte o poder espiritual á testa de toda a actividade do pensamento, havia de naturalmente arrogar-se o governo geral do mundo.

« Era então, diz elle, o poder temporal a fôrça pura, um latrocinio intratavel. A Egreja, por imperfeitas que fossem suas noções de moral e justiça, era infinitamente superior a similhante governo temporal; o brado dos povos vinha continuadamente instar com ella para que tomasse o logar d'este.

Quando a liberdade tem faltado aos homens, encarrega-se a religião de a substituir.»

'Noutro logar accrescenta, ácêrca de Gregorio VII:

« Estamos acostumados a representar-nos Gregorio VII como um homem que quizera fazer immudaveis todas as coisas, adversario do desinvolvimento intellectual, e do progresso social; que não pretendia senão reter o mundo 'num systema estacionario ou retrogrado.

Cousa nenhuma ha menos verdadeira. Gregorio VII era um reformador, como Carlos Magno, e Pedro o grande, pelo despotismo.

Quasi foi, na ordem ecclesiastica, o que, na civil, Carlos Magno em França, e Pedro o grande na Russia.

Quiz reformar a Egreja, e por esta a sociedade civil; introduzir-lhe mais moralidade, mais justiça, mais regra. Quil-o fazer pela sancta Sé, e em proveito d'esta. Tentava sujeitar o mundo civil á Egreja, e a Egreja ao papado, com o fim de reforma, e progresso; não com um fim estacionario ou retrogrado[4].»

Foi bem curto e atribulado o pontificado do grande pontifice, apenas de 1073 a 1085; com tudo o seu espirito, que começára de governar a Egreja, com mais ou menos efficacia, conforme os genios de seus antecessores e protectores, talvez desde Gregorio VI (1044-1048), continuou muito além da sua morte, incarnado por assim dizer, pela fôrça da opinião, e das necessidades dos tempos, em seus mais celebres successores.

Deixava ganhada para a disciplina a liberdade e regularidade da eleição dos papas; — as mais explicitas e fulminantes condemnações da simonia e da incontinencia; — a questão vital das investiduras (sem cuja resolução estes decretos haveriam de continuar a ter limitada

[4] Histoire univers. de l'Eglise, 3.ª ed. 1855, Tom. 2.º, pag. 279.

fórça), levada á ponto, que mais tarde ou mais cedo a sua decisão seria ganhada pela Egreja; —e o principio politico, e constitucional d'estas eras, a subordinação do Estado á Egreja, não menos fundamentalmente arreigado na opinião e na práctica.

«Vencido na apparencia (diz Alzog) Gregorio morre no triumpho, porque o seu grande pensamento sobrevive-lhe todo; e a Egreja não pensa mais que libertar-se, pela independencia dos bispos, de toda a potencia temporal. —*O altar torna-se asylo contra as violencias do throno; e pouco a pouco as cidades, instruidas nas lições de Gregorio, libertam-se, e preparam de longe a liberdade do genero humano*[5].»

Recordam-nos estas palavras outras de Chateaubriand, nos *Estudos historicos*:—que 'nestes tempos—*o povo, para ser ouvido, fazia-se padre.*

Estes papas e prelados austeros, que reagiam contra as doçuras da servidão do clero, ao poder temporal, ainda hoje tão doce, saiam, principalmente, do seio dos claustros; e estes recrutavam-se, em grande parte, nos filhos do povo, por ventura nos servos.

Quem haverá ahi pois, que, em nome da verdadeira liberdade, e dos direitos do povo, ouse conscienciosamente condemnar a justa e legal reacção dos avexados e opprimidos, 'naquellas epochas tão diversas do tempo actual, pelo ministerio da Egreja, e anathemas dos Papas?

» *Se eu não fôra Napoleão, quizera ser Gregorio VII* — conta-se, que o dissera o maior homem do principio do seculo XIX. É facil de acreditar-se, depois d'estas considerações.

Antes de passarmos adiante, convidaremos a attenção sôbre o grau, e a natureza da dependencia dos bispos para com os reis, que Gregorio VII, e seus successores, se esforçavam por quebrar. Não era por certo a commum, e indispensavel, do subdito civil á suprema auctoridade egualmente civil, sem a qual nenhuma ordem se póde conceber no Estado; mas sim a — *ligiam fidelitatem*[6] — a subordinação feudal do senhor de terras ao suzerano, que constituia aquelle na mais estreita sujeição ao serviço e dependencia d'este, e é inteiramente incompativel com o caracter, e a missão dos pastores da Egreja.

E como a fórma da investidura consistia na entrega das proprias insignias do poder ecclesiastico, o annel e o baculo, nada havia mais natural, que persuadir-se o rude monarcha-suzerano, que todo o poder, exercido pelo bispo, o qual elle nomeára e a quem conferira os symbolos da auctoridade ecclesiastica, de si dependia, e ao seu puro arbitrio era sujeito.

Ponhamos pois de parte as idêas de nossos tempos ácêrca das relações do sacerdocio e do imperio; abstrahamos ainda mais d'algum preconceito, disculpavel 'num paiz, cujos soberanos têm, de longo tempo, o direito da apresentação; e aonde por desgraça não falta quem pretenda confundir as funcções ecclesiasticas entre as civis; e seremos forçados a concluir, não já com os catholicos, senão ainda com muitos esclarecidos protestantes, que Gregorio VII merece, em vez de censuras, grandes louvores por ter procurado quebrar o grilhão que prendia o episcopado, e humilhar a cerviz d'um dos despotas mais immoraes, que a historia menciona, Henrique IV, da Allemanha.

Geme certamente a humanidade, considerando o sangue derramado, e os escandalos suscitados pelas longas guerras entre o sacerdocio e o imperio, em que se debellavam á porfia os contrarios e os partidarios de Roma; e não menos se perturbavam as consciencias pela acção das armas espirituaes, empregadas pelos chefes e outros pastores da Egreja.

Ergue-se, pelo contrario, jubiloso, o pensamento ao ver terminado por um tempo o terrivel conflicto das investiduras, pelo prudente accôrdo de Callisto II com Henrique V d'Allemanha, em 1122, confirmado no 9.° concilio ecumenico, em 1123, de S. João de Latrão; pelo qual ficou reconhecida a liberdade das eleições dos bispos, conforme os canones, sem coacção do principe, nem simonia; e a investidura dos feudos houve de fazer-se-lhes pelos symbolos do poder temporal, e não do espiritual.

Conciliavam-se (diz Alzog) os dous partidos; e começava a dar-se á Egreja o que é da Egreja, e ao Estado o que é do Estado.

Tamanho foi o jubilo universal, que, em muitos documentos da epocha, o anno de 1122 é tomado como principio de nova era.

XI

AS CRUZADAS E O RENOVAMENTO DOS ESTUDOS JURIDICOS

Quando hoje saudâmos com enthusiasmo os primeiros clarões, apenas, da aurora d'um bello dia, que por ventura não será visto (se o fôr) senão pelos nossos quintos ou sextos netos, no qual a fusão dos povos 'num só molde de costumes e leis se approxime da realidade, foramos inconsequentes, se condemnassemos a republica, christã e europea, da meia edade, sob a suprema e geral suzerania do Vigario de Christo: — d'um imperio christão (como diz Alzog[7]), intimamente unido ao papado, a fim de calmar, pelo concurso do poder material e da auctoridade espiritual, as tormentas levantadas pelas emigra-

[5] Vejam-se em Alzog cit. os testimunhos de mais outros graves auctores protestantes, e mui especialmente a — historia magistral de Gregorio VII pelo allemão Voigt, trad. pelo abbade Jager.

[6] Alzog cit. cap. 282.

[7] § 191.

ções dos povos; de enfrear as paixões guerreiras das tribus da Germania; de segurar a paz da christandade, e de elevar d'est'arte todas as nações aos sentimentos nobres e generosos da civilisação christã.

Não obstante todas as luctas do sacerdocio e do imperio, e da liberdade da Egreja e da Italia com as pretenções germanicas; que nenhuns tractados, nem censuras poderam quietar, e que o convenio de Worms apenas suspendeu por um tempo, viu-se alguma cousa d'esse ideal já nos recursos a Roma contra a tyrannia e as immoralidades dos grandes, e na acção do papado, extendendo-se aos extremos limites da Europa, quando assim implorada; já, e principalmente no magnifico e surprendente movimento das cruzadas.

Muitos escriptores têm devidamente apreciado esta phase singular da meia edade. Aqui talvez, mais que 'noutros pontos, tem-se manifestado a impossibilidade de bem julgar, procedendo superficialmente, e applicando áquelles tempos as idêas, e condições d'acção, dos tempos actuaes. Comprehende-se bem o mal disfarçado despeito, que C. Cantu[8] experimentava, occorrendo-lhe ao pensamento as censuras de *intolerancia, fanatismo e crueldade,* arrojadas por homens, que se dizem philosophos, contra os heroes da cruz, os principes, que os guiaram, e os papas que os incitaram.

O que seria do christianismo e da civilisação na Europa, se não fossem as cruzadas? O que seria hoje o Oriente, se ellas tivessem surtido todo o seu effeito, occupado por christãos, livre da bruteza sanguinaria, e incorrigivel, dos musulmanos?...

Não tem cabimento aqui, levar-nos-hia demasiado longe, a historia dos successos, e a profunda apreciação de seus resultados, sociaes, politicos, industriaes, e até religiosos.

Remettemo-nos ás eloquentes paginas do grande historiador das Cruzadas, Michaud[9]; do seu companheiro, e compendiador, o excellente e infatigavel Mr. Poujoulat[10]; de C. Cantu, d'Alzog, e muitos outros. Basta-nos indicar que o homem da Europa, com a cruz no hombro direito, possuido d'uma ideia toda religiosa, pondo a mira no soccorro de seus irmãos opprimidos, e no resgate da cidade de Christo, encarando a todo o ponto o martyrio, não via em torno de si senão amigos e eguaes.

«O templo de Deus está profanado (dissera-lhes em Clermont Urbano II), os sanctos mortos, e seus corpos prêa das feras; corre o sangue dos christãos, como agua, por Jerusalem, e em tôrno de seus muros; e ninguem vae sepultal-os!»

E nós (na segunda metade do seculo XIX, quando o mahometismo, não soberbo e triumphante como nos X e XI, mas é abatido e quasi exanime) poderiamos taxar d'exageradas estas palavras, e de fanaticos os que, por ellas accesos, deixaram tudo para se arrojarem, nem ainda sabendo por onde e como, á terra sagrada com o sangne do redemptor?

Respondam os clamores de nossos irmãos na fé, os maronitas; e o sangue de tantas victimas immoladas na Syria!

Se é louvado Scipião (diz C. Cantu), que vae ferir no coração a cidade rival de Roma, porque não hão de sêl-o os principes e os papas, da meia edade, que mandaram a combater — *sobre o Jordão e sobre o Nilo*, por contenda, que aliás ter-se-hia decidido, sem a menor dúvida, *sôbre o Danubio e sôbre o Sena?*

Do mau successo das cruzadas, em quanto ao seu effeito permanente na Syria, malogrando-se inteiramente tão justas esperanças, e gloriosos começos, ninguem culpará, em boa razão, a Egreja e os papas; sim os principes ambiciosos, desregrados e impios, que, em vez de se unirem entre si, como irmãos e christãos, para o grande intuito, desperdiçaram e malbarataram sangue e capitaes em guerras fratercidas e liberticidas, mórmente os imperadores da Allemanha contra a Egreja e a Italia. E se não, quem foi que, pela ultima vez, reuniu uma parte da christandade sob o estandarte sagrado, para livrar a Europa, e dar o *cheque-matte* no desinvolvimento temeroso da potencia musulmana, nas aguas de Lepanto?...

D'um e do outro lado, 'nestes como em todos e quaesquer successos, e epochas da historia, não apparecem senão homens; que admira pois que, egualmente se revelem fraquezas humanas?

O verdadeiro philosopho discrimina bem as grandes idêas, dos frageis instrumentos, de que a Providencia se serve para realisal-as.

As calamidades dos christãos, indigenas ou peregrinos, da Syria começam de ouvir-se com maior força no fim do seculo X. Silvestre II, em 999, appellida pela primeira vez a christandade em seu soccorro. Quasi um seculo depois Gregorio VII renova mais instantemente esta chamada. Imita-o Victor III em 1086. Surgem novos clamores, auctorisados pelas supplicas do Imperador de Constantinopla no concilio de Placencia, em 1095; e é no mesmo anno que Urbano II, no concilio de Clermont, ajudando as prégações de *Pedro o eremita*, dispõe a primeira cruzada.

Em 1099 os christãos assenhoreiam-se da cidade sancta, e fundam o reino de Jerusalem, cuja existencia não excede a oitenta e oito annos (1187).

Approximemo-nos agora de mais perto ao objecto.

Com o desinvolvimento do poder papal multiplicam-se de necessidade os decretos pontificios, e as resoluções das innumeraveis con-

[8] Liv. XII, c. 18.
[9] Liv. XXII.
[10] Hist. des Croisades abregée c. XLIV.

tendas, que as appellações trazem a Roma; continuam egualmente os concilios, destinados a pacificar a Egreja e os Estados, e a provêr de remedio á disciplina.

Bastará memorar os dois já indicados, de Placencia e de Clermont. No primeiro reuniram-se duzentos bispos, com perto de quatro mil clerigos, concorrendo ahi ao mesmo tempo mais de trinta mil seculares! Ouviram-se as gravissimas queixas da imperatriz Praxédes, ou Adelaide, contra seu marido Henrique; o recurso de Philippe, rei de França, contra as censuras que o puniam; e, como já dissemos, as preces do imperador de Constantinopla, e do christianismo do Oriente, tyrannisado pelos mahometanos. Novas censuras fulminaram os vicios do clero.

Treze arcebispos, e duzentos e cinco, se não quatrocentos, bispos e abbades mitrados, confirmaram em Clermont os canones de Placencia, accrescentando-lhes outros, tendentes ao mesmo fim, e não menos a continuar e levar ao cabo o grande intuito de subtrahir o episcopado á dependencia feudal!

Estas graves contendas, no calor da lucta das investiduras, dão ainda objecto a repetidas resoluções, em varios outros, até ao de Worms, já indicado, e no 9.° ecumenico em Latrão, no mesmo anno de 1122.

Apparece então um dos maiores vultos da historia da Egreja, que, com quanto não obtivesse a purpura, e nem ainda o episcopado, exerceu por largo tempo uma justa influencia nos negocios da christandade, e na reforma dos abusos do corpo, e da cabeça, dos fieis: fallamos do grande doutor, S. Bernardo.

Aquelles canones disciplinares de Placencia e Clermont, e d'outros subsequentes concilios, reproduzem-se, e desenvolvem-se no 10.° ecumenico de Latrão, em 1139, tomando d'elle o nome, e a importancia, que não podia deixar de conferir-lhe a superioridade d'esta sobre as anteriores assembléas, de perto de mil prelados, patriarchas, arcebispos e bispos, vindos de todas as partes do mundo christão. A simonia, o luxo dos ecclesiasticos, o concubinato d'estes, o exercicio do fôro e da medicina pelos regulares, os duellos, as falsas penitencias, o prazo dentro do qual as sés vagas deverião preencher-se, e outros importantes pontos disciplinares, mereceram a attenção, e as prudentes resoluções d'este concilio.

Poucos annos mais, e a data da primeira collecção (1151) do *Corpus juris*, avisa-nos termos chegado ao ponto proposto. No meio porém dos extraordinarios successos, e cruentas e porfiadas luctas dos seculos anteriores até ao meado d'este 12.°, opéra-se uma surda revolução, scientifica e litteraria, que tem manifesta relação com a obra de Graciano; e que por isso mesmo, ainda pondo de parte a sua reconhecida magnitude, e influencia no provir, não podemos deixar inapercebida.

« A paixão do saber, a necessidade da illustração, (diz Michaud [11]) nasceram e manifestaram-se ao mesmo tempo com o pio enthusiasmo, que arrastava os povos para a Asia. Esta exaltação, esta vaga impaciencia do espirito, que tinham armado a Europa pelas crenças, e espiritualisado de certo modo a mesma guerra, não haveriam de despertar a humana intelligencia, e dar movimento a todas as suas faculdades?

Como por outra fórma explicar este grande numero de escholas, que então se levantaram por todos os reinos do occidente, estas Universidades de Paris, Bolonha, Praga, Oxford, e Salamanca, ás quaes concorreram mais estudantes de que nunca antes se tinham visto em Athenas, no Egypto, e em algum outro paiz do mundo!»

A confrontação d'algumas datas dá testimunho da verdade d'este grande movimento.

O renascimento do terceiro estado pelo libertamento das communas, ou municipios; a celebridade da eschola theologica de Paris, e das luctas d'Abeilard com S. Bernardo, e outros; a restauração do estudo do direito justinianêo, principalmente em Bolonha; todos esses grandes acontecimentos, que marcam epocha na historia da civilisação, datam dos primeiros annos do seculo XII, até quasi ao seu meado, em que, no direito canonico, veiu a lume, e entrou nas escholas, o decreto de Graciano.

O desenvolvimento das relações civis e politicas, e especialmente do commercio e industria nas cidades libertadas da sujeição feudal; o proprio pensamento da magna confederação e república christan, dividida em muitas nacionalidades, e estas em varios senhorios, que tendem para a decadencia, e em pequeninas republicas municipaes, que crescem e pullulam de toda a parte; tudo, na Europa, demanda leis mais perfeitas, e copiosas, e o seu estudo mais extenso, profundo, e generalisado. Se ás Universidades, a pezar das difficuldades do tempo, concorrem os alumnos, de toda a parte, aos milhares, não é senão porque os juizos vão a sahir das côrtes dos barões para o fôro dos letrados.

Tantas, tão variadas, e multiplicadas decretaes de pontifices, canones de concilios, opiniões correntes de sanctos padres e doutores, e estatutos locaes, de que, no andar dos seculos, se haviam feito, e continuavam a fazer, ou por industria particular, ou por mando e superior incumbencia, numerosas collecções, necessitavam agora, no seculo XII, d'um trabalho mais magistral, accommodado ás necessidades do tempo, tendendo ao scientifico, appropriado no estudo, e adoptavel para esse fim nas Universidades.

Continúa. A. FORJAZ.

[11] Hist. des Croisades, Liv. 22, c. 19.

SCIENCIAS PHYSICAS E MATHEMATICAS

AGRIGULTURA

Profundidade, espaçamento e declive das gaivas; meios de as desobstruir; methodo d'Elkington

Continuado de pag. 11.

Considerando agora mais precisamente a distancia com relação á profundidade das gaivas, parece inquestionavel que, todas as outras condições eguaes, aquella estará na razão directa d'esta ou, por outra, poderá ser tanto maior, quanto maior fôr a profundidade.

Isto, porém, que é o princípio geral ou a razão speculativa, soffre importantes modificações com todas e cada uma das circumstancias particulares e locaes. Assim, 'num terreno forte e retentivo, nas argillas e gredas, a fundura das gaivas sendo a mesma, os lanços não podem deixar de ser bem menos distantes, do que 'num solo fraco e poroso, nas silicas por exemplo: e 'nesta como em todas as demais diversidades e variantes de terrenos. Diz 'neste ponto um afamado gaivador: «Impossivel é o querer estabelecer regras geraes para demarcar a distancia, a que as gaivas 'numa dada profundeza deverão ser collocadas em terrenos de diversas naturezas. É necessario ou recorrer a experiencias directas, ou proceder por analogia, depois de cuidadosamente estudadas as qualidades do subsolo em cada um dos casos particulares. A contextura do terreno, sua porosidade, grau de homogeneidade, a existencia de veias d'agua ou fendas, as perfurações produzidas pelas raizes das plantas, a presença de bichos, que pelo seu trabalho estabelecem na terra numerosos ductos para a descida da agua, a dimensão, número e fundura das gretas, formadas durante o estio no solo, são outras tantas circumstancias importantes a que deve d'attender o gaivador. Nos sondamentos é preciso reparar no tempo, que leva desde o abrir das vallas até á filtração da agua através dos taludes d'ellas. Tambem não devemos, além d'isto, para bem aquilatar os caracteres, que o terreno apresenta sob o ponto de vista da permeabilidade, satisfazer-nos com a inspecção das porções de terra alizadas pela pá, ou amassadas entre os dedos, mas examinar sobretudo o aspecto que apresenta a divisão fresca d'um cespede. Por similhante razão convém não recorrer nas sondas principaes ao emprego de broca: além das aberturas feitas com este instrumento não pôrem o subsolo sufficientemente á vista, para poder ser observado de maneira conveniente, os caracteres physicos da terra, que traz á superficie, são quasi sempre alterados. Quando a inspecção dos fossos de sondamento manifesta differenças essenciaes nas qualidades do subsolo em diversas partes d'um mesmo campo, devemos necessariamente adoptar em cada uma d'ellas differente espaçamento.»

De todas as considerações pois que até aqui temos feito, e das palavras d'este conspicuo agronomo, resulta que a observação methodica e incansavel é o primeiro apoio para satisfactorio exito, não nos fatigaremos em repetil-o, por isso que os conhecimentos adquiridos no estado actual d'este interessantissimo ponto da arte agricola ainda não vão tão longe nem estão assentados tão incontroversamente que possam estabelecer-se axiomas. Cada circumstancia, cada accidente requer e fórça uma ampliação, uma restricção: e na profundidade e distancia, sobretudo e principalmente, no nosso clima meridional.

Pertinacia 'num princípio em materias d'estas é extravagancia: ou causa inutil dispendio ou traz incompleto resultado. Assim as affirmações de Smith e seus sectarios ou os Parkes com os seus são egualmente para pouco attender-se, ácêrca do espaçamento como ácêrça da profundidade, segundo ponderámos logo no começo d'este capitulo. Nas terras compactas, dizem os primeiros, a distancia não deve exceder quatro varas, nem onze nas muito porosas e com subsolo tambem poroso, partindo do immutavel limite de tres palmos de fundura: os segundos, porém, estabelecendo o de sete, affirmam que nas fortes póde a distancia levar-se até mais de sete varas e nas permeaveis, com egual subsolo, até dezoito ou dezenove. Estes limites são inacceitaveis e tanto mais quanto d'ambos os bandos ha experiencias adduzidas.

Para a fundo sentir qualquer quanto o assumpto da distancia e profundidade vae questionadissimo, aqui abrimos margem a alguns trechos dos mais habeis gaivadores. Releve-se-nos o fazermos tantas citações: talvez alguem as julgue excessivas; mas muitas razões nos constrangem: primeira, o estar totalmente por estudar entre nós esta importantissima materia da gaivação; segunda, o buscarmos concitar para ella a attenção, hoje que a Europa lhe vae colhendo vantajosissimos proveitos, e quando ha já mais de cem grossos volumes, publicados ácêrca d'ella em Inglaterra, Allemanha e França, além de muitos e muitos periodicos dedicados exclusivamente a tractal-a; terceira, o acreditarmos que as proprias palavras dos outros, quando tão famosas, valem mais, mil vezes mais do que as nossas ainda desconhecidas; quarta... mas basta, que já demasiadas são essas.

Eil-as:

James Donalt, fallando d'um terreno gredoso muito tenaz e sujeito a bategas fortes, diz «o

espaço entre as gaivas deve ser pequeno para que a greda possa ficar perfeitamente fendida e a agua atravessar para baixo, e sahir com tanta facilidade, que obste a ser o solo esfriado pela agua derramada, mantendo aquelle a sua temperatura. Em circumstancia tal, para a gaivação ser o mais vantajosa possivel, a distancia de gaiva a gaiva não deve ultrapassar quatorze pés.» E depois acode 'numa nota com o seguinte reparo: «Esta largura antolhar-se-ha extravagantemente pequena aos advogados da gaivação profunda a largos intervallos em todas as castas de terreno. Estamos todavia perfeitamente convencidos da sua conveniencia ou antes necessidade nas circumstancias predictas: e nenhum argumento nem exemplo foi até agora trazido pelos gaivadores, que defendem as grandes larguras (*by the wide drainers*), para invalidar tal conclusão. Dizem que todo o campo intermedio ficaria enxuto e gretado até conveniente fundura pela sahida de toda a agua superabundante, de fórma que as searas nunca poderiam ser offendidas nem mudariam de côr com quantidade nenhuma d'agua chovida, e que o effeito das gaivas, quer profundas quer superficiaes, não poderia abortar. Isto realmente é perfeita verdade, mas esquecem-se elles de mostrar o que deve fazer-se no systema da gaivação larga no caso d'um terreno de greda compacta, situado 'num local chuvoso.» (*Land Drainage*. pag. 53.)

Agora Leclerc: «Á medida, que as gaivas d'esgoto ganham em profundidade podem ser mais afastadas umas d'outras sem que o enxugo resultante seja menos perfeito.» Em seguida desce a profundeza até oito palmos e distanceia o espaçamento até dezeseis varas. (*Traité de Drainage*, pag. 99.)

Mais moderno que ambos esses, porque é d'alguns mezes atraz, eis agora o que escreve sobre o assumpto o *Farmer's Magazine* n.° 2, vol. 10, pag. 105: «A velocidade da agua nas differentes gaivas será como as raizes quadradas dos respectivos senos dos seus angulos d'inclinação, menos o effeito das forças resistentes.

«E, com relação ao desaguamento em differentes funduras, a força de gravitação, strictamente fallando, será na razão inversa da profundeza, sendo *nil* (nulla) no centro da terra; mas, para todos os fins practicos, póde dizer-se ser egual e uniforme; conseguintemente o desaguamento será egual, sendo tambem eguaes os angulos d'inclinação e as forças resistentes. Por outras palavras, as gaivas na profundidade de dois pés esgotarão tanta agua como os a tres pés, todas as outras circumstancias eguaes.

«Em segundo logar, com relação ao solo, as forças oppostas á gravitação dependerão da sua qualidade. Bem quando actuando perpendicularmente, em caso nenhum a velocidade da agua, passando através d'elle, será accelerada como passando através da atmosphera ou de espaço livre, senão que o contrario, sendo a densidade do solo na razão directa da fundura geralmente fallando. Em muitos solos argillosos a força d'affinidade é até maior do que a de gravitação, de sorte que nenhuma filtração (percolation) póde ter logar emquanto não forem affectados e mudados como por meio do sol, etc. etc. 'Numa palavra, entre os dois extremos d'argilla impermeavel e arêa porosa, ha uma innumera variedade de solos, todos differentes uns dos outros, nas suas qualidades gaivaveis e conseguintemente admittindo differentes quantidades d'agua, a infiltral-os durante um dado tempo, passando para as gaivas.

«Demais: a infiltração, sendo tanto horisontal como perpendicular, apresenta-se considerando a seguinte questão:—Infiltrar-se-ha horisontalmente mais agua através do terreno na fundura de tres pés da superficie, do que na de dois e na de quatro, do que na de tres? E a resposta obvia a isto é que sendo a densidade na razão directa da profundidade, a infiltração será consequentemente na inversa; por outras palavras, infiltrar-se-ha horisontalmente através de qualquer solo d'uniforme qualidade geologica, maior porção d'agua á profundidade de dois pés do que á de tres e á de tres do que á de quatro.

«E, emfim, chegados á conclusão, achamos dos dados supra, que tanto mais fundas estiverem as gaivas collocadas no solo tanto menor deve ser a distancia entre ellas(!) Por outras palavras, que a distancia entre as gaivas deve ser na razão inversa da profundidade; visto como o pêzo do solo superior consolida muito mais o sobre que assenta do que a si proprio, e por tanto dá em resultado o infiltrar menos agua através do solo na profundidade de quatro pés 'num dado tempo, do que na profundidade de tres sómente.

«E com relação ás experiencias, cada um exemplifica as suas proprias resultas, carreando dados unicamente applicaveis a terrenos, a todos os respeitos similhantes; de fórma que cada differente especie de terra requer um differente complexo d'experiencias para poder determinar-se de que maneira deve ser gaivado com mais próspero successo.

«E no adduzir experiencias, com o fim de assentar a profundidade propria das gaivas e a distancia entre ellas para um só campo, já se entende, não basta uma sómente, não só porque uma differente profundeza e distancia entremedia poderia dar mais vantagem, mas tambem porque attenta a diversidade d'estações e climas, nunca por caso nenhum d'um solo humido se póde exemplificar, para um secco, nem vice-versa.»

Ora, depois de bem lidas e analysadas todas estas opiniões encontradissimas dos mais ha-

beis gaivadores, quem póde orgulhar-se e principalmente em Portugal, com saber cortar, cerce e plausivelmente, o nó da intrincada questão? e que conseguiriamos nós com continuar a discutil-a? Obscurecel-a por certo, ainda mais se é possivel.

Abramos por tanto mão d'ella, deixando encerradas até aqui todas quantas considerações lhe podem verter luz e guiar melhor ou peior outros que tentem esta escabrosa vereda ou o que mais nos alegraria esclarecer qualquer que entre nós queira effeituar este melhoramento; e passemos a ver o que incumbe ácêrca d'outro ponto—o do declive, que possam ter as gaivas.

Em geral e sem nos prendermos a circumstancia alguma do terreno, da materia, feitio ou capacidade das gaivas, podemos affirmar que o declive nunca perde por mais. Tanto maior este podesse ser, até mesmo tocar a perpendicularidade, tanto mais rapida seria a consecução do nosso proposito o haurir a humidade ao solo.

Este princípio porém, como todos os da gaivagem, soffre, pelas diversas circumstancias, modificações differentes na applicação. Muito attendiveis todas e muito proveitosas dimanam umas d'ellas do material, da fórma e da qualidade das gaivas, outras da extensão dos lanços, e outras emfim das ondulações mais ou menos sensiveis do terreno gaivavel.

Se empregarmos os tubos d'argilla póde o declive ser muito menor do que se lançarmos mão d'outro material, e se estes em vez de serem de talho ovoide ou d'outro qualquer, forem em secção circular, ainda menor póde ser sem estorvo aquelle, chegando alguns a conjecturar sufficiente a inclinação de meio millimetro por cada metro. Se por necessidade local practicarmos o processo com pedras soltas é manifesto que não póde nem deve elle ser senão muito maior, visto como é mister que a agua seja pelo mais forte declive ajudada a vencer a resistencia das pedras que a encontram desviando-a constantemente da direcção normal. E o mesmo effeito já se entende e as mesmas variações terão logar proporcionalmente, segundo preferirmos os pinheiros, as louzas, a mesma terra em cespedes ou tijolos ou outra materia, e confórme fôr o fundo que lhe deixemos ou guarnecido tambem ou desvestido a ser mais ou menos duro. Em todos os casos e como temos em fito principal a maior duração, cumpre attender a que o declive nem seja tão diminuto que concorra para facil acumulação de depositos das materias que as aguas porventura possam trazer, causando assim obstrucções dispendiosas e nocivas, nem tão possante que contribua a escavar o fundo quando este fôr de terra forte ou de salão ou mesmo os lados, originando eguaes prejuizos. Nas que aconselhamos muito acceitaveis em grandes tractos do nosso paiz,—as formadas com quatro lageas ou ardozias ou mesmo com tres fazendo um triangulo cujo vertice esteja para cima, presumimos que o declive póde ser muito pequeno, quando haja a cautella sempre utilissima de deixar as do fundo rigorosamente unidas.

Nas circumstancias da maior ou menor extensão dos lanços de gaivas a qual, ainda com as de menos diametro, póde exceder duzentas varas, sómente diremos que é util ser o declive tanto maior quanto maior aquella fôr, e, quanto ás provenientes das ondulações do terreno, mais proprio nos parece deixar esse ponto ao tino do gaivador do que entrar 'neste passo em longa dissertação.

Resumindo agora para inteira claresa tudo quanto havemos escripto 'neste capitulo sôbre profundidade, espaçamento e declive, vamos aqui lançar umas quantas regras ajuizâmos proprias ás condições geraes do sólo e do clima de Portugal. Não será o *medio tutissimus ibis* de Ovidio quem nos dê a salvo dos despenhos. Não somos partidarios do eclectismo. Entre o ser e o não ser, entre a verdade e a falsidade não concebemos meio termo. Estar com um pé firmado na verdade e outro no nada é precipitar-se egualmente no abysmo. Se ajuizarmos mal é crendo pensar bem. Futuras experiencias nossas e nas diversas partes do nosso paiz dirão um dia o que 'nellas ha de sensato ou de infundado. Eil-as:

Primeiramente em relação á profundidade:

a) Se o sólo fôr compacto com o subsolo tambem compacto e empregarmos manilhas resguardadas por cascalho, deve aquella ser de quatro palmos francos até á superficie do resguardo:

b) Nas mesmas circumstancias, mas tendo usado um contraforte d'argilla em logar da piçarra, deve ella ser de quatro palmos e meio até ao contraforte;

c) Se sendo o sólo compacto o subsolo fôr poroso, e practicarmos o methodo do § *a*, póde descer até cinco palmos e até cinco e meio se perfizermos o do § *b*;

d) Se o sólo fôr poroso e o subsolo compacto, mas a grande fundura (mais de cinco pés) e executarmos o processo do § *a*, deve descer a quatro e meio palmos, e a cinco se empregarmos o do § *b*;

e) Nas condições precedentes, mas estando o subsolo a pequena fundura (menos de tres pés) e practicando o systema do § *a*, propria será a profundidade de quatro palmos e duas pollegadas, e sendo o do § *b* cinco palmos menos duas pollegadas;

f) Se, em vez de manilhas, preferirmos realisar o gaivamento com outros materiaes, podem as gaivas descer, em todas as naturezas de terreno descriptas, mais meio palmo, sendo pedra ou madeira a materia escolhida, porisso que 'nestes casos a obra da gaiva occupa sempre mais espaço e tem mais cascalho ou ra-

mos ou outra cousa a recubril-a; e devem subir duas polegadas pelo menos, quando infelizmente fôr necessario adoptar para feitura a propria terra em glebas;

g) As variações intermedias das terras, desde a muito porosa até á muito compacta, variarão tambem intermediamente estes limites extremos;

h) As collectoras ou mestras afundarão sempre mais meio palmo a cada um dos termos apresentados.

Segundamente em relação á distancia:

i) Nas circumstancias dos §§ *a* e *b* e dada a profundidade alli insinuada o espaçamento não deve exceder seis varas;

j) Nas do § *c* e com a mesma condição será erro ir além de doze varas;

k) Nas do § *d* nunca deve ser superior a quinze;

l) Nas do § *e* a distancia de dez varas será sempre a maxima.

m) Se sujeito a longas e fortes chuvadas e a enxurros fôr o sitio, a diminuição d'uma vara nas condições do § *i*, de duas nas dos §§ *j* e *l*, e de tres nas do § *k*, é mais do que peremptorio conselho.

Terceiramente em relação ao declive:

n) Se as gaivas forem d'argilla e em secção circular, nunca deverá ser menor d'um millimetro por metro, isto é, um de declive por mil de comprimento.

o) Se, sendo d'argilla, affectarem outra qualquer fórma, deve ser de dois millimetros;

p) Se forem formadas com lageas, schistos ou qualquer outra pedra, mas em caneiro unifórme e com o fundo bem lizo e livellado, nunca poderá ser abaixo de dois tambem;

q) Se com toros ôcos de pinheiro ou caixotes de madeira, tres millimetros pelo menos é o declive necessario;

r) Se com pinheiros esgalhados ou por outra qualquer fórma fôrem construidas, de modo que fiquem com o fundo de terra ou salão, requerem-se forçosamente quatro por mil.

s) Se de pedras miudas a granel, o minimo será de cinco;

t) Todos estes limites, que são os minimos, deverão subir pelo menos mais um millimetro, um por mil, logo que a extensão do lanço ultrapasse cem varas.

Taes são as vinte regras geraes que recommendamos á attenção dos gaivadores portuguezes, despresando ápices e items de rasões e d'experiencias estranhas, enfadosos e confundidores.

E por este teor e 'neste passo podemos dar a obra de gaivação por concluida. A materia, a fórma, a capacidade, o nivellamento, a profundeza, a distancia, a direcção, o declive, as condições do terreno e do clima, as vantagens hygienicas e vegetativas, as considerações economicas, os instrumentos proprios, os trabalhos anteriores e os concludentes, a appreciação do nosso territorio, os indicios no interior e á superficie, tudo nos passou debaixo da mão, nos convidou solercia, nos mereceu reparos. Démos com a obra perfeita? por certo; e a florescencia dos campos, a opulencia das searas, a belleza dos fructos, a nediez dos gados, a medrança das crias, o alargar das tulhas, o rebater dos toneis, a fineza das lãs, o saboroso do leite, a abundancia da cresta, a fartura do lar, a alegria dos filhos e as commodidades proprias, dil-o-hão, proval-o-hão annualmente, a cada instante ao lavrador.

Isso só porém não basta: não é sufficiente principiar com methodo, proseguir com vigilancia, completar com perfeição, porque o futuro, o grande destruidor e criador invisivel e impalpavel, lá está para 'numa manhã mais ou menos remota vir exercer a sua acção sôbre a fabrica do homem. Ou seja no decurso de largos evos ou no fim d'alguns annos apenas, a obstrucção geral ou parcial das gaivas ha de portanto succeder. Pensemos pois nos meios de remediar as mais proximas.

Várias e mais ou menos activas e mais ou menos remediaveis são as causas das obstrucções nas gaivas; umas devidas á perforação das raizes d'arvores e plantas, outras á infiltração e depositos de materias terrosas do solo, outras a incrustações calcareas, ferruginosas e selenitosas, e ainda outras emfim aos pequenos animaes que habitam os campos ou as prêsas, como toupeiras, ratos, murganhos, rãs, etc.

Dos meios differentes até hoje gabados para impedir essas causas ainda nenhum tem a sancção da experiencia, porque ha sómente dez annos, quando muito, desque são practicados. — Esboçaremos portanto a nossa opinião. — No primeiro caso os alvitres que propomos são:

a) Se houver receios de que as raizes de aléas, moitas ou arvores esparsas venham damnificar as gaivas, sendo estas d'argilla, caneiros de pedra ou de terra, deve construir-se uma outra de pedras soltas entre a gaiva defendenda e as arvores, a uma vara d'aquella, e a quatro ou mais das arvores: a ser d'outro qualquer material, cremos a precaução inutil. As raizes pararão 'nestas pedras;

b) Se, não havendo arvores, os receios provierem da largura das raizes das plantas, uma camada de pedras sôbre e aos lados da gaiva darão egual proveito.

Os conselhos de metter 'nesses casos a gaiva dentro d'outro tubo ou d'impregnar d'alcatrão a terra da sargenta no fundo ou de cercar de fachinas as gaivas parecem-nos altamente dispendiosas ou inefficazes.

As arvores mais particularmente evitandas são o salgueiro, o vimen, o choupo, o freixo, o chorão, o álemo e o castanheiro.

No segundo caso, em que a obstrucção é devida á passagem de materias terrosas o só

meio d'evital-a é reconstruindo-a 'nessa parte. Todos os mais são iusufficientes. Este estôrvo todavia, nas gaivas de barro ou de pedra com cobertura de cascalho e construidas com cuidado, difficilmente virá affligir ainda os decimos netos do gaivador. De resto a eternidade não é para obras do homem. Nas executadas com outros materiaes já dissemos, fallando d'ellas, qual o tempo que podem durar.

No terceiro caso, quando arreceiamos incrustações formadas por materias que as aguas levem em dissolução, recommendamossómente: *a*) o dar ás gaivas maior declive; *b*) não alongar os lanços demasiadamente; *c*) abrir 'nestes de quinze em quinze varas, pouco mais ou menos, um caneiro que desça pela terra abaixo dois palmos, no qual se formarão os depositos.

No último, para estorvar que os pequenos animaes entrando nas gaivas e, ahi morrendo, as obstruam, unicamente lembrâmos com todos os gaivadores o ajustar na bôca dos lanços, ou melhor dous ou tres palmos antes da bôca, uma delgada gradinha de ferro.

Estes os remedios mais efficazes em nosso entender.

Um aviso traz a práctica muito economico, qual é o de deixar a grandes espaços e sôbretudo nas collectoras uma abertura que facilite ao lavrador o inspeccionar se funccionam bem e, no caso negativo, conhecer mais aproximadamente qual o ponto em que existe obstruida e assim com menos dispendio ser removido o obstaculo.

Havendo nós no cap. II, promettido fallar do methodo d'Elkington, aqui tracejamos as ideas geraes, como remate dos processos e trabalhos para converter em terras agricultaveis brejos e marnotas e lenteiros estereis e miasmaticos. Mais auxiliar importante da gaivação ordinaria, do que processo completo para ser empregado isoladamente, este methodo tem nos outros paizes uma applicação mui restricta e só util em circumstancias particulares. No nosso, porém, montuoso em grande extensão como o d'Escossia em que foi inventado e aonde ainda hoje é com fundamento aconselhado, póde elle ser acolhido com emboras e practicado com bom exito d'economia.

Tendo por base capital o conhecimento do modo como estão dispostas as diversas camadas do terreno, como os stractos permeaveis e impermeaveis se alternam muitas vezes, se succedem outras, discordando aqui, concordando acolá, rompendo-se 'numas partes, continuando-se 'noutras, é evidente que uma práctica judiciosa d'elle não póde estar ao alcance de todos, senão que sómente d'aquelles que, como Elkington, primarem por tino experimental ou por estudo 'nesse conhecimento.

Quando as aguas, não das chuvas, o que é o caso mais frequente e do qual até aqui temos fallado, mas repuxando em gorgolhões, esfloram a superficie do solo e a alagam, cabe então tirar partido excellente d'este processo, cujos principios simplices consistem em cortar por meio d'umas gaivas especiaes estas nascentes, impedindo-as assim de irem amerujar o solo fertil.

. . . . . A. A.

SOBRE SERIES EXPONENCIAES E LOGARITHMICAS

(Curso completo de Mathematicas Puras de *Francoeur*:)

Edição de Coimbra; 3.° vol. pag. 275.

Continuação do n.° 20, IX vol. do *Instituto*.

Resta determinar a_1.

Se em (1') fizermos $a_1 x = 1$, resultará

$$a^{\frac{1}{a_1}} = 1 + 1 + \frac{1}{2} + \frac{1}{2.3} \ldots\ldots = 2{,}718281828459 \ldots = e \ldots\ldots \quad (7)$$

d'onde

$$a_1 = \frac{Log\ a}{Log\ e} \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (8)$$

Logo

$$a^x = 1 + \left(\frac{Log\ a}{Log\ e}\right) x + \left(\frac{Log\ a}{Log\ e}\right)^2 \frac{x^2}{2} + \left(\frac{Log\ a}{Log\ e}\right)^3 \frac{x^3}{2.3} + \ldots\ldots + \left(\frac{Log\ a}{Log\ e}\right)^n \frac{x^n}{2.3 \ldots n} \ldots \quad (1^n)$$

Se em vez de tomar logarithmos quaesquer, nos servissemos dos *neperianos*, seria *Log*. $e=1$, e usando da notação costumada

$$a^x=1+x\,l\,a+\frac{x^2}{2}\,l^2\,a+\frac{x^3}{2.3}\,l^3\,a+\ldots\ldots+\frac{x^n}{2.3\ldots n}\,l^n\,a\ldots\ldots\ldots\ (1^{iii})$$

E se em vez da base a, tomassemos a dos logarithmos de Neper, sería $a_1=1$, e

$$e^x=1+x+\frac{x^2}{2}+\frac{x^3}{2.3}+\ldots\ldots+\frac{x^n}{2.3\ldots n}\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ (1^{iv})$$

A fórmula (8) estabelece a passagem das series exponenciaes para as logarithmicas. Com effeito, se for possivel achar a_1 em funcção algebrica de a, o problema ficará resolvido por meio d'aquella relação, da qual se deduz: *Log* $a=$ *Log* $e\,.\,F(a)$.

Determinemos $F(a)$.

É sabido, tanto *á priori*, como pela fórmula $(1')$ que o primeiro termo da serie que dá a^x é a unidade. Decompondo pois a em $[1+(a-1)]$, poderemos pelo binomio de Newton desenvolver esta quantidade elevada ao expoente x. A operação conduz ao seguinte:

$$a^x=[1+(a-1)]^x=1+\left[(a-1)-\frac{(a-1)^2}{2}+\frac{(a-1)^3}{3}-\frac{(a-1)^4}{4}+\right.$$

$$\left.+\frac{(a-1)^5}{5}-\ldots\right]x+(\,)\,x^2+(\,)\,x^3+(\,)\,x^4+(\,)\,x^5+\ldots\ldots\ldots\ (2')$$

A identidade de $(1')$ e $(2')$ mostra que é

$$F(a)=a_1=(a-1)-\frac{(a-1)^2}{2}+\frac{(a-1)^3}{3}-\frac{(a-1)^4}{4}+\frac{(a-5)^5}{5}-\ldots\ldots\ (9)$$

e fazendo em $(1')$ $x=1$ temos a serie reciproca

$$a=1+a_1+\frac{a_1^2}{2}+\frac{a_1^3}{2.3}+\ldots\ldots+\frac{a_1^n}{2.3\ldots n}\ldots\ldots\ldots\ldots\ (9')$$

Por consequencia

$$Log\ a=Log\ e\left[(a-1)-\frac{(a-1)^2}{2}+\frac{(a-1)^3}{3}-\frac{(a-1)^4}{4}+\frac{(a-1)^5}{5}-\ldots\ldots\right]\ldots\ (10)$$

que é a formula (C) da pag. 278 de *Francoeur*.

Usando dos logarithmos *neperianos*, (10) torna-se em

$$l\,a=(a-1)-\frac{(a-1)^2}{2}+\frac{(a-1)^3}{3}-\frac{(a-1)^4}{4}+\frac{(a-1)^5}{5}-\ldots\ldots=a_1\ldots\ldots\ (10')$$

d'onde

$$Log\ a=Log\ e\,.\,l\,a=M\,.\,l\,a$$

Continúa.

A. J. TEIXEIRA.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

VERSÃO DAS ELEGIAS DE A. TIBULLO

LIVRO SEGUNDO

ELEGIA SEGUNDA

Veio o Natal: — cantemos ante as aras;
Cazem todos a voz na fausta prece
Homens, mulheres. Nos piedosos lares
Incensos ardam, queimem-se os perfumes
Que o molle Arabe colhe em pingue solo:
Em face o Genio esteja a ver-se honrado
Com grinaldas gentís nas sanctas comas,
E a manar-lhe da fronte o puro nardo;
De bolos farto e mádido de vinho,
Que a teus rogos, Cerintho, annúa em tudo.

Eia! que esperas? eil-o annúe; roga.
Da esposa agouro que a constancia anhellas,
E dou que o deus já preveniu teu voto:
Nem mais grato te fôra quanto solo
Retalha o duro boi por esse mundo,
Nem quanta gemma colhe o rico Indiano,
Do mar oriental nas rubras aguas.

Foi o voto accolhido. Oxalá breve,
Nas azas trepidantes voltigeando,
Te prenda d'hymeneu Amor nos laços,
Aureos laços eternos que ainda prendam,
Quando a tarda velhice afunde as rugas
Na fronte, e no cabello as cans alvejem.
—Que este seja, Natal, o fausto agouro
Da vinda tua, e lhe concedas prole
Que ha de tenra a teus pés folgar em bandos!

A. A.

AMO-TE, FLOR!

Amo-te, flor! Se te amo! Deus que o sabe
Que o diga a teus irmãos, que o ceu povoam,
E ebrios de gloria canticos entoam
A quem no mar, na terra e ceus não cabe!

Se te amo, flor! que o diga o mar, que expelle
Quanto é dominio, e beija humilde a praia!
Se mal que a lua, flor! das ondas sáia
Nas rochas me não vê gemer com elle!

Amo-te, flor! se te amo! o sol que o diga,
Quando lá da montanha aos ceus se eleva,
Se entre os vermes do pó, que o vento leva,
Me banha a mim tambem na luz amiga!

Amo-te, flor! se te amo... (oh noite escura!
Meu ceu, meu campo em flor, meu dia e tudo!)
Diga-te a noite minha se te illudo,
Se em vida já sem ti sonhei ventura!

O anjo, que a meu berço humilde e escasso
Os ceus inclinou, desceu piedoso,
E em lagrimas e riso e pena e gôso
Desde então me acompanha passo a passo;

Ès tu! Amo-te e muito! O que fluctua
Na fornalha que o sôpro eterno acende,
Não beija a mão do anjo que o suspende
Com mais amor, que eu bejo a sombra tua!

J. DE DEUS.

DISCURSO PROEMIAL

Lido por Antonio José Viale, professor de Litteratura antiga do curso superior de lettras, no dia da abertura da sua aula, em 15 de janeiro de 1861.

Senhores — Ao ter de soltar pela primeira vez, em já provecta idade, a minha debil voz em público, e perante um auditorio tão conspicuo e tão illustrado, não pude resolver-me a confiar das contingencias da memoria a recitação, já não digo, de um discurso inaugural e solemne, de que assentámos dever prescindir 'neste anno, mas nem ainda a de um singelo preambulo sôbre a importancia da litteratura dos dois povos mais illustres da antiguidade; e uma exposição da traça que me proponho seguir, para d'esta cadeira, em que, pela benignidade do nosso Augustissimo Soberano tenho a honra de assentar-me, coadjuvar os esforços de uma escolhida porção da estudiosa mocidade no cultivo de um dos ramos mais amenos dos conhecimentos litterarios. 'Neste, para mim, crítico momento de perplexidade e receio, ao lamentar a minha inexperiencia e a minha infacundia, appropriando ao meu caso um hemistichio do vate de Sulmona, por elle empregado em bem differente proposito, exclamarei atalhado e confuso: «*Felices quibus usus adest!*

Praza ao ceu, que esta forçosa confissão do meu isocratico encolhimento, cem vezes mais justificado que o do auctor do Panegyrico e da Panathenaica, seja recebida com benevolencia, e não obste a que os meus humanissimos alumnos me prestem attenção no decurso d'estes exercicios, a que vamos dar começo, alentando assim, com a sua docilidade e deferencia, o quinquagenario professor, bisonho nas tarefas do magisterio público, mas encanecido na leitura de alguma das obras primas da sapiencia grega e romana.

Dar uma resumida noticia dos mais distinctos escriptores das duas nações, hellenica e latina, — enumerar as mais notaveis entre as suas obras, comparando, quando parecer opportuno, as de uma com as de outra, — apontar algumas das bellezas que mais as abrilhantam, — procurar infundir nos animos juvenis, não uma esteril admiração, mas um louvavel desejo de formar, ou de reformar o proprio gosto litterario, — taes são as principaes obrigações que me são impostas para o desempenho das honrosas funcções do meu novo cargo na república das lettras.

Para que 'nellas me haja de estrear sob favoraveis auspicios, cumpre-me não omittir uma reverente invocação, e um cordeal agradecimento.

Primeiro que tudo invoco portanto as bençãos do Altissimo sôbre estes nossos estudos. Poder-me-hia eu envergonhar, christão, perante um auditorio christão, de prestar aqui esta homenagem de absoluta submissão e de filial confiança ao Ser Supremo, que, em mysteriosa revelação ao Apostolo exilado em Patmos, a si proprio chamou, usando de uma imagem tirada do alphabeto da mais bella das linguas, *Alpha* e *Omega*, principio e fim de todas as cousas? Pelo contrario, tendo eu de fallar d'aqui a pouco em Orpheo, em Arato, em Virgilio, ser-me-hia desdouro, se agora me não recordasse do fragmento orphico, tão celebrado nas antigas escholas philosophicas: «Jupiter é o Ser primeiro, Jupiter o ultimo, «Jupiter o medio; de Jupiter todas as cousas «procedem, Jupiter é rei, Jupiter é o domi-«nador universal;» se (substituindo o nome mythologico de *Jupiter* pelo sacrosancto de *Jehova,* o verdadeiro Deus Uno e Trino) não vos repetisse com o vate astronomo de Soles: Ἐκ Διος αρχωμέθα; e com o principe dos poetas latinos «Que primeiro a Mantua trouxe as palmas idumeas: «*A Jove principium.... Jovis omnia plena.*»

Com effeito aquelle Espirito, Increado e Creador, que inspirou Moysés, o mais antigo dos historiadores, e o mais sabio dos legisladores; que temperou as cordas da harpa do propheta rei; que dictou páginas sublimes a Isaias e a Ezechiel, maviosos threnos a Jeremias; que pela penna de Salomão e de Jesus, filho de Sirach, aditou os filhos da synagoga, e ainda hoje os filhos da Egreja, com uma preciosa collecção das mais puras e profundas maximas, moraes e religiosas, tambem, na ordem natural, é fonte de luz, dador do engenho, e em variadissimas proporções, segundo os arcanos da sua providencial economia, distribuidor de todos os dotes do entendimento; em summa, auctor de todo o bem, e eterno archetypo de tudo o que é bello, magestoso e sublime, inspirador e fautor de todas as tentativas uteis, e de todo o verdadeiro progresso.

Todos vós, Senhores, que estaes presentes, assim como me havereis acompanhado no sentimento de religiosa piedade, exprimido nas poucas regras que acabo de ler, tambem comigo estaes sem dúvida identificados em quanto ao sentimento de gratidão para com o Augusto Soberano, a cujo zelo pelos progressos na cultura intellectual da mocidade portugueza se deveu o primitivo designio da creação d'este curso; e por cuja munificencia foram subministrados os meios necessarios para começar a realisar-se tão proficuo pensamento.

É verdade que muitas vezes se prodigaliza immerecido incenso aos grandes, e principalmente aos principes e aos monarchas. Mas deverá por isso condemnar-se, como suspeita de lisonja, toda a pública manifestação de reconhecimento, ao receber-se de alguma de taes personagens um valioso e público beneficio? O mais que se póde fazer para escapar a qualquer censura, é evitar as hyperboles, e as estudadas amplificações. No presente caso, em vez de quaesquer, aliás merecidos, encomios, devendo elevar até os degraus do throno do Senhor D. Pedro V as homenagens da nossa gratidão e do nosso acatamento, contentar-nos-hemos com dirigir a S. M. expressões tiradas da grande epopêa latina:

..... «*Grates persolvere dignas*
Non opis est nostrae,».....

e accrescentaremos, sem receio de sermos desmentidos pela posteridade:

«*Semper honos, Nomenque Tuum, laudesque manebunt.*»

Agora, estudiosos mancebos, releva dizer-vos alguma cousa (de relance, porque a vossa perspicacia supprirá a minha deficiencia) ácerca da vantagem que da frequencia d'este curso vos ha de resultar; por onde, melhor conhecida e ponderada a importancia do beneficio, hajaes de avivar em vós mesmos os ingenitos brios, empregando todos vossos esforços, para d'elle cabalmente vos aproveitardes, o que será sem dúvida alguma o melhor modo de patentear o vosso reconhecimento a S. M., excelso, illustrado e zelosissimo promotor da pública instrucção em todos os graus e ramos em que ella costuma dividir-se; e augusto creador e patrono d'este curso superior, cujas aulas acabam de abrir-se em vosso proveito.

Nem ainda rapidamente encarecerei o subido interesse que achareis no estudo da historia geral, e particularmente da portugueza, nem a importancia e amenidade do estudo da litteratura moderna, especialmente da nacional, que são o objecto do ensino da 1.ª e da 3.ª cadeiras do nosso curso. Muito melhor se desempenhará d'esta, como de todas as outras suas tarefas, o sr. Luiz Augusto Rebello da Silva, professor proprietario da 1.ª das dictas cadeiras; e que, para não se retardar mais a abertura das aulas, com muito louvavel dedicação, se offereceu a substituir por algum tempo o nósso collega actualmente impedido de reger a 3.ª

Sómente ácerca da litteratura classica antiga me proponho offerecer-vos, illustres e benevolos alumnos, algumas considerações, tendentes a mostrar-vos a sua utilidade; e para que ellas façam maior impressão no vosso animo, invocarei o testimunho de alguns sabios, cuja auctoridade em tal materia é acatada na Europa inteira. Anhelando anciosamente por inspirar-vos um entranhavel affecto ao menos aos summos entre os grandes escriptores gregos e latinos, quasi não posso defender-me (farei d'este meu peccado uma ingenua confissão) de um sentimento de inveja... mas inveja, não filha de um vituperavel amor

proprio, senão do vivo desejo que tenho de vos ser agradavel e proveitoso. 'Nesta mesma cadeira em que hoje me estaes vendo assentado, vistes hontem, vereis ámanhan, e successivamente, um sabio professor, um escriptor lido com tanto gosto, com tanta razão applaudido. Ouvistes, e ouvireis saír de seus labios um eloquio fluente, abundante, harmonioso. Docemente attrahidos pelo encanto da sua facundia, o irieis seguindo gostosos, ainda quando (o que elle de certo não fará, porque ha de forrar-vos a quanta fadiga não vos haja de ser absolutamente necessaria) ainda quando, digo, houvesse de embrenhar-se nas mais difficeis investigações, para apurar a realidade de factos contestados, indagar as causas, e patentear os resultados de importantes, porém mal avaliados, acontecimentos. E comigo o que succederá?

«Il n'est point de serpent, ni de monstre odieux,
«Qui, par l'art embelli, ne puisse plaire aux yeux.»

disse judiciosamente Boileau.

Em contraposição a esta sentença do legislador do Parnaso francez, bem poderia dizer-se que o assumpto mais ameno, tractado com desprimor e impericia, ha de produzir enfado e displicencia. E este é o meu receio. Em tal descoroçoamento só me vigora uma consideração, e vem a ser, que o meu mister 'nestes exercicios quasi se limita ao de um guia que se propõe conduzir-vos a contemplar de mais perto monumentos, de alguns dos quaes talvez só tenhaes uma vaga noticia. Bem quizera eu, para suavisar-vos a fadiga da viagem, conduzir-vos por caminhos planos e deleitosos: não me é dado esperal-o; mas fico-vos, que, se não desanimardes, chegados ao termo, dareis por bem empregados o tedio e incommodos da peregrinação.

Sim, bem empregado, mil vezes bem empregado é o trabalho a que temos de sujeitar-nos para travar conhecimento com aquelles genios immortaes, que têm sido objecto de universal admiração, de concordes elogios, de geral applauso, durante milhares de annos; e a leitura de cujas obras ha sido estudo e delicias dos engenhos mais eminentes em todos os seculos, e em todas as nações, apezar da mudança das crenças religiosas, e das instituições politicas, e sem embargo da diversidade dos costumes e usanças dos povos civilisados.

É verdade que, no meio do geral concerto de vozes em louvor dos auctores classicos, e em favor do seu estudo, como parte da pública e particular instrucção, quasi indispensavel para formar o bom gosto, e servir de seguro criterio nas questões de esthetica litteraria; é verdade, digo, que algum brado se ergueu em contrário sentido, nos fins do seculo XVIII. Não é menos verdade, que ainda no actual se ouvem alguns echos d'esse brado, que eu não duvidarei chamar profano, e quasi sedicioso, no sanctuario de Minerva, e na república das lettras. Para não ser demasiadamente diffuso, nada direi dos poucos escriptores de alguma nomeada, que, no seculo passado, se alistaram em uma especie de gaziva contra o culto das Musas classicas. Em quanto aos raros detractores d'ellas, contemporaneos nossos, folgo de repetir-vos em seguida as conceituosas expressões de um distincto litterato francez, Mr. A. Bignon:

«Em nossos dias a litteratura antiga foi «atacada pelos ultras do *romantismo*, como «demasiadamente *classica*, e pelos ultras do «*catholicismo*, como demasiadamente *profana*. «Se houveramos de lhes dar ouvidos, ella «paralysaria a arte, corromperia a moral, «mereceria que de toda a parte se lhe bra«dasse: *Anathema!* Por ventura succumbiu «ella? Pelo contrario parece ter medrado. «Os antigos auctores gregos e latinos, em «resulta da feliz inhabilidade dos novos ico«noclastas, viram crescer o número de seus «proselytos. Os criticos de atilado gosto, bem «longe de os votarem aos deuses infernaes, «continuaram a adoral-os com fervor, mas «sem fanatismo. Os classicos gregos e latinos, «objecto de um culto racional, carearam a «estima de amigos mais intimos, e acharam «interpretes mais conscienciosos.» (*Journal des Debats* de 20 de novembro 1860).

Ouçamos quasi sôbre identico assumpto uma voz, se é possivel, ainda mais auctorisada, Mr. Villemain:

«A melhor resposta aos escrupulos e aos «sophismas, que se hão suscitado em nossos «dias contra a educação classica, e em parte «contra o estudo das linguas grega e latina, «sería sem dúvida o robustecer este estudo, «e tornal-o tão completo quanto o permitta o «emprego dos annos da mocidade. Se quereis «que a nação franceza não decáia, em ponto «algum, do alto logar que occupa entre as «nações civilisadas; que nunca venha a ter «uma religião menos illustrada, uma socie«dade menos forte e menos culta, um corpo «de magistratura menos elevado, profissões «sábias menos acreditadas na Europa, não «enfraqueçaes, nem por negligencia, nem por «systema, aquella instrucção a que se dava o «nome de estudo de lettras e de humanida«des. Não haveria cousa alguma que fôsse «capaz de substituir esta primeira cultura: «o pretendido *progresso*, que a tem em menos «preço, é uma verdadeira *decadencia*.» (*Journal des Savans*, de setembro de 1859.)

Que poderia eu, de propria lavra, accrescentar ao que acabaes de ouvir sôbre a importancia dos estudos classicos a dois sabios franccezes, que têm por seus escriptos grangeado uma distincta celebridade no mundo litterario? O douto, elegante, eloquente, professor Villemain, não menos acreditado como

estadista, e como polidissimo escriptor, exhorta calorosamente os seus nacionaes á cultura d'estes estudos, fazendo-lhes entrever que a negligencia 'nesta parte da instrucção obscureceria algum tanto o brilho de um povo que a todos os respeitos campêa entre os mais policiados e illustres da sociedade moderna. Mr. Villemain, que pertence a uma nação, cuja litteratura, entre as opulentas opulentissima, é hoje a mais universalmente estudada, saboreada, preconisada, agouraria mal da duração de tamanha gloria, se entre os seus compatriotas, que o são de Corneille, de Racine, de Malherbe, e Boileau, de Bossuet, e de Fénélon, de Lamartine, e de Cousin, se entibiasse o, até agora fervoroso, culto consagrado aos semideuses litterarios da Grecia e de Roma, a Homero, a Pindaro, a Demosthenes, a Sophocles, a Platão, a Virgilio, a Horacio, a Cicero, a Sallustio, a Tacito! ....

Que diremos nós os Portuguezes? *Minor est nobis, sed bene cultus ager.* Proporcionadamente ao nosso territorio e á nossa população, tivemos, e temos, um consideravel número de escriptores, poetas e prosadores, que se abalisaram, e se abalisam em differentes especies de composições. Ora o periodo mais brilhante da nossa litteratura (como melhor se vos fará conhecer em outra, muito melhor regida, cadeira d'este curso) foi justamente aquelle em que entre nós se prestou a maior attenção ao estudo das linguas sábias. Lembrarei sómente a eschola da côrte do Senhor Rei D. Manuel, onde, como é notorio, recebiam a instrucção classica os mancebos nobres conjunctamente com os principes da real familia; eschola de que sahiu mais de um elegante escriptor, e signaladamente o immortal auctor das Decadas da Asia, cognominado o Tito Livio Portuguez. 'Naquelles bons tempos antigos até uma princeza, a Infanta D. Maria, roubando algum tempo aos delicados lavores do seu sexo, se deliciava na leitura de escolhidos auctores gregos e latinos, familiarisada com as linguas originaes sob o magisterio da virtuosa e doutissima Luiza Sigêa.

Ninguem ignora os serviços prestados ao progresso intellectual de nossos maiores pelo sabio Ayres Barbosa, discipulo de Angelo Policiano, professor perto de vinte annos na Universidade de Salamanca; por Achilles Estaço; pelos conegos regrantes D. Heliodoro de Paiva, e D. Pedro de Figueiró; e por outros varões consummados em erudição, alguns dos quaes, no Collegio das Artes em Coimbra, substituiram os sabios estrangeiros Gruchio, Buchanan, Patricio Scoto, Arnaldo Fabricio. Todos estes varões sapientissimos eram profundamente versados na classica erudição, e d'ella faziam a base da instrucção que ministravam a seus discipulos. E logo após elles, ou contemporaneamente com elles, enriquecidos pela sua doutrina, assiduos cultores da classica antiguidade, viram-se florecer os Bernardes, os Ferreiras, os Arraes, e um poeta que só vale por muitos, ou por todos, Luiz de Camões, cujo estudo da Eneida transluz em todos os Cantos dos Lusiadas, e que, em mais de um logar da mesma Epopéa, deixou indeleveis signaes de ter tambem revolvido com grande proveito os dois poemas do vate Meonio. Por causas, cujo exame não é proprio d'este logar, foi-se insensivelmente resfriando entre nós o ardor com que até então se tinham estudado os bons escriptores, gregos e latinos. Qual foi o resultado d'esse resfriamento? A decadencia, contra a qual Mr. Villemain aconselha os seus compatriotas que forcejem por precaver-se, realizou-se entre nós. Verdade é, que alguns engenhos, privilegiados, sustentaram, e talvez ainda exalçaram mais a antiga gloria litteraria de Portugal. A quem não occorrem 'neste momento os nomes de Fr. Luiz de Sousa, de D. Francisco Manuel de Mello, do Padre Antonio Vieira, do Padre Manuel Bernardes? Mas quem não descobre nos aureos escriptos d'estes grandes mestres de dicção vernacula, e de estylo nobre, elegante, facundo, irrefragaveis provas do muito tracto que tiveram com os classicos da antiga Roma?

Passemos em claro o periodo de notoria e lamentavel decadencia proximamente anterior á reforma da Universidade de Coimbra, no ministerio do Marquez de Pombal. Quem ignora, que ao novo impulso dado por aquelle illustre estadista aos estudos de humanidades, se deveu em grande parte o successivo apparecimento de algumas obras litterarias de notavel merecimento?

Dos eminentes escriptores de nossos ultimos tempos (um dos quaes nos foi roubado pela morte, ha pouco mais de um lustro; e dos outros dilate o ceu a vida por longos annos para instrucção nossa, e cada vez maior lustre da patria) não ousarei fallar; seus nomes vos são tão conhecidos, tão conhecidos de todos . . . não hão mistér de louvores, e muito menos dos meus. Só direi, que, se nós muito lhes devemos, tambem todos elles muito deveram e devem á leitura dos antigos classicos.

Aqui tem cabimento occorrer a uma objecção, e desvanecer um escrupulo. Pois o estro poetico, dir-me-ha algum de vós, e o dom da eloquencia, não podem, e até não devem prescindir do estudo de regras, da imitação de modelos? Pelo que respeita á poesia não nos diz Pindaro, que o poeta nasce poeta, e vai, qual aguia, fitar os olhos no sol; que os que pretendem aprender arte tão divinal, não passarão de garrulos, ou antes de corvos grasnadores? (Olymp. II). Ha 'nesta objecção alguma verdade. Porém os genios, que em poesia e em eloquencia não têm necessidade de cultura, são tão raros, que talvez não se apontem mais de dez ou doze em todas as litteraturas reunidas. Entrará Homero 'neste

número. Entrará Pindaro. Demosthenes e Cicero certamente não; pois ambos, á custa de muito estudo, dirigiram pelas veredas da razão

«O dom maior que a natureza outorga,
«Do humano affecto a despota eloquencia.»
(Macedo, Medit.)

Dante, com razão havido por tão original, candidamente confessa que aprimorára o seu estylo tomando por modelo o de Virgilio:

«Tu sê solo colui de cui io tolsi
«Lo bello stile che m'a fatto onore.»
(Inf., Canto I.)

Shakespeare e Milton não se terão locupletado com ouro e pedras preciosas tiradas das minas da Grecia e do Lacio? Respondam os commentadores dos dois grandes poetas inglezes.

Demais, convém limitar as ambições litterarias, a de originalidade, por exemplo, como toda a sorte de ambições. Aliás expôr-nos-hemos a quédas desastrosas. Esta maxima, aliás tão trivial, que nos dissuade de abalançar-nos a commettimentos superiores ás nossas forças, a mythologia hellenica nol-a inculcou peregrinamente, contando-nos a tão conhecida fábula de Icaro. Não se toleram poetas mediocres... Mas para ser contado entre os bons, entre os optimos, é indispensavel a prerogativa de uma total originalidade? Virgilio não terá logar entre os optimos? E não estudou elle a Theocrito, a Hesiodo, a Homero, a Apollonio Rhodio? Não leu attentamente Ennio e Lucrecio? Não imitou todos elles? Não ha muitos hemistichios, e até versos inteiros, traduzidos ou copiados de todos aquelles auctores, nas Eglogas, nas Georgicas, na divina Eneida?

O escrupulo, a que alludi, liga-se estreitamente com a indicada objecção, ou antes com ella se confunde. Assim como cada nação (diz-se) tem sua indole e seus costumes e tendencias proprias, tambem cada litteratura deve ter um caracter proprio e nacional, analogo a esses costumes e tendencias. O estudo das duas litteraturas antigas não será um obstaculo ao livre desinvolvimento do engenho; não cerceará, para assim dizer, as azas ao genio; não suffocará a inspiração? O eximio critico francez, por mim acima citado (Mr. Villemain, *Hist. de la litt. du moyen âge*) declára infundado um tal escrupulo, e appella para os factos.

Com effeito, encontram-se na edade média engenhos que por si mesmos se desinvolveram; uns que se concentraram em si mesmos; outros que livremente divagaram pelo vasto campo da natureza; outros finalmente, que só exprimiram affectos por elles proprios sentidos. Quantos entre os innumeraveis troveiros, ou trovadores, d'aquella epocha merecem ainda hoje a nossa attenção? Entre tantos e tantos, cujas poesias foram talvez ouvidas com enthusiasmo nos acastellados palacios de barões, condes e principes, amadores da *gaia sciencia*, qual se aponta que possa hombrear, ou ainda mesmo que possa comparar-se com Dante e com Petrarca? O mesmo podemos nós dizer de tantos e tantos trovistas portuguezes, cujos versos andam colligidos nos antigos cancioneiros, comparativamente com Camões. Ora Dante, Petrarca, Camões, como todos sabem, conheceram os classicos antigos, estudaram as suas obras, e até se ufanaram de os imitar. Os que todos se embebem na leitura dos modernos escriptores estrangeiros, esses, muito mais do que os cultores das lettras antigas, correm perigo de merecer a severa exclamação do grande satyrico latino: *O imitatores, servum pecus!* Por quanto a muito maior conformidade entre os costumes e usos das nações modernas, em relação umas ás outras, e a indole das linguas muito mais affins, facilitando a imitação, são uma quasi continua tentação, na qual frequentemente cahem os engenhos mediocres ou preguiçosos.

Não faça portanto impressão em vosso animo tal objecção, nem vos deixeis tomar de similhante escrupulo, ao correrdes em um estadio em que podeis ganhar muito viçosas palmas, estudiosos mancebos, a quem exclusivamente entendo dirigir-me, pondo mira em confirmar-vos no vosso proposito de vos adestrardes e robustecerdes nas nobres, proficuas, e gloriosas lides de uma sólida instrucção litteraria.

Segue-se agora circumscrever (para assim me explicar) a área que teremos de percorrer nestes nossos exercicios. Os nossos estudos vão versar sôbre a litteratura antiga. Esta designação em si mesma é tão ampla e tão vaga, que não deixará de ser conveniente limital-a e definil-a. Primeiro que tudo, é obvio que não teremos de occupar-nos nem da litteratura sanscrita, nem da persiana, nem da arabe, nem mesmo da hebraico-biblica, que aliás tão fundado e tão sagrado direito têm á nossa admiração, e á nossa reverencia; mas que, como em logar mais proprio, é ensinada, de um modo especial, nos seminarios aos aspirantes ao sacerdocio.

Nem vós (segundo creio), nem eu, temos tempo para estudar, ainda mesmo nas versões inglezas ou francezas, os 18 livros, e 200:000 estancias, do *Mahabharata*[1], nem o *Reconhecimento de Sacontala*[2], nem o *Châh-Nameh*, ou historia dos reis da Persia, em 120:000 versos.[3]

[1] Grande epopêa indiana escripta por Vyasa, 15 ou 16 seculos antes de J. C., traduzida em inglez pela Sociedade Asiatica de Calcutta.

[2] Composição dramatica de Kalidasa, vertida do sanscripto por Jones.

[3] Composta por Ferdoucy, dez seculos antes da nossa era, e trasladada em francez por M. Julio Mohl.

Menos vasto, menos difficil, mas tambem mais agradavel, e certamente mais util, que o estudo d'essas litteraturas orientaes, é o estudo que vamos emprehender[4].

No estylo escholar chama-se particularmente — *litteratura antiga* a litteratura *grega* e a *latina*, ás quaes tambem se applica, por excellencia, a denominação de — *litteraturas classicas*. Condecoram-se com esta denominação (diz um erudito allemão, Mr. Schoell) porque as principaes obras, que ellas produziram, têm o caracter da perfeição; e porque, no restante das outras, pelo menos se observam constantes esforços para chegar a esse *desiderandum* do engenho humano. O estudo d'esta litteratura classica (continúa o mesmo auctor) é indispensavel para todo o individuo que quer poder avaliar o bello nas composições em prosa ou em verso: constitue a base de toda a educação litteraria; e sem ella é difficil fazer grandes progressos em qualquer ramo da sciencia.

O pouco tempo que d'esta vez (por circumstancias especiaes) tem de decorrer desde a abertura d'estas aulas até ao fim do anno lectivo, não me permittirá desempenhar completamente o programma da minha cadeira, por mim submettido á regia approvação pelo Ministerio do Reino, e publicado no Diario de Lisboa de 19 de outubro ultimo.

Uma das alterações, que me será forçoso fazer-lhe, é omittir uma parte das noticias biographicas relativas aos escriptores das duas nações. Essa lacuna, porém, ficará supprida pela analyse de um livro de Homero, de alguns logares da Eneida, de algumas odes de Pindaro e de Horacio, de alguns trechos das orações de Demosthenes e de Cicero, se couber no possivel.

É tempo de concluir. Não acabarei porém este meu mal traçado discurso, sem exprimir um voto sahido do intimo do meu coração. Possa estreitar-se entre nós a tão natural, como proficua alliança entre os cultores das sciencias e os cultores das lettras! Enganar-se-hia quem suppozesse que as sciencias só ministram fructos aos seus cultivadores, as lettras sómente flores aos que lhes consagram os seus disvelos. Tanto as sciencias como as lettras são dadivosas de fructos e de flores aos seus apaixonados; sómente lhes repartem, em proporção diversa, alimento solido e deleitoso recreio. Nas sciencias hoje vemos felizmente entre nós indisputavel progresso. A inclyta Universidade de Coimbra, as escholas superiores de Lisboa e do Porto, estão, como á porfia, ganhando sagrado direito á gratidão publica, e conquistando palmas de immarcessivel gloria. Ouso dizel-o, porque 'nisso sou apenas echo da geral opinião, e porque esta confissão nos ha de servir de efficaz incitamento. Eguaes progressos vejamos nas lettras classicas! O estudo dos classicos gregos e latinos foi para Portugal, quasi dissera, a aurora da sua civilisação; ella a foi acompanhando e promovendo até ao periodo em que a gloria nacional tocou o seu zenith.

Briosos mancebos: estes estudos, a que nos vamos dedicar, foram um dos mais estimados brazões de vossos maiores, contemporaneos dos varões assignalados que descobriram tantas novas terras; que ganharam tão estrondosas victorias; que conquistaram, para a religião e para a patria, tantas ilhas, tantas cidades, tantas provincias! Estes estudos decahiram, em parte, entre nós com as vicissitudes dos tempos (« Que em tudo a sorte dos mortaes é esta!») Revivam com mais vigor, reflorecam viçosos, e copiosamente fructifiquem no reinado de um Principe Magnanimo, egualmente prezador e cultor das sciencias e das lettras!

Faltariamos a um dever, da mais sincera e respeitosa gratidão, se emittissemos, 'neste logar, a expressão dos sentimentos, que desperta em nossos corações a offerta d'este discurso para se publicar no *Instituto*. O auctor, o assumpto, a occasião, tudo nos captiva. Teriamos muito querido assistir á abertura d'um curso tão interessante por si mesmo, e mais ainda pela profunda erudição do professor. O que pessoalmente não podémos obter, suppre-o bem a leitura do discurso. Muitos outros, por egual razão, folgarão e lucrarão comnosco.

Felizes todos, se as páginas d'este jornal continuarem a ser adornadas e honradas, ao menos, com alguns excerptos das lições do eruditissimo socio honorario do Instituto!

A. F.

ANATOMIA PATHOLOGICA E SYMPTOMATOLOGIA DA FEBRE AMARELLA EM LISBOA NO ANNO DE 1857

Memoria appresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa em Julho de 1860 pelo seu socio effectivo Dr. Pedro Francisco da Costa Alvarenga, etc.

Lisboa: Typographia da Academia, 1861,
1 vol. em 8.º gr., de 238 pag.

É geralmente sabido, que os medicos mais distinctos por seus escriptos são tambem, de

[4] Por nenhuma maneira entendo negar a importancia das litteraturas orientaes, nem fazer pouco apreço dos serviços prestados ás lettras pelos sabios francezes, inglezes e allemães, que cultivaram e cultivam taes estudos com tanto proveito e applauso. Não quero entrar no número, aliás bem crescido, dos que blasphemam d'aquillo que ignoram. Nem ainda mesmo me applicarei o — *non equidem invideo, miror magis* — do pastor Virgiliano. Mas quem póde negar que as obras primas d'essas litteraturas, objecto de um restricto interesse, difficillimas de serem estudadas nas linguas originaes, nunca foram, nem poderão vir a ser materia do ensino escholar, como habilitação para as carreiras liberaes, ainda nos povos mais adiantados na civilisação?

ordinario, os que grangearam maior renome nas lides clinicas; referimo-nos particularmente, aos que illustraram qualquer morbo, estudando-o com mais affinco, ou tractaram dos vários, de que se occupa a Nosographia.

Diz o celebre Thomaz Sydenham: «*Ce n'est pas assez pour un Medecin d'être encore utile aux hommes pendant sa vie; il doit tâcher, si cela se peut, de leur être encore utile après sa mort, en laissant des écrits qui perpetuent ses connaissances.*»

Cremos que este nobre incentivo guiaria a pena do sr. dr. Alvarenga, ao escrever a sua *Anatomia Pathologica e Symptomatologia da Febre Amarella em Lisboa no anno de* 1857.

Uma calamidade, que na historia dos povos marca sempre uma epocha mofina, deu azos a ostentarmo-nos, á face do mundo, eminentemente caridosos, e a produzir documentos de que seguiamos de perto nas sciencias medicas os que lá fóra as cultivavam com mais ardor.

Podemo-nos, em verdade, pavonear do honroso conceito, que merecemos aos sabios estrangeiros, que vieram estudar a Febre Amarella aos nossos hospitaes. De dous dos mais populosos foi director o sr. Alvarenga; esteve-lhe patente um vasto campo de observações, que soube explorar com grande tino e preceito.

Para investigar os mais reconditos segredos da organisação, quando avexada por tão insidioso morbo, não se poupou a trabalho e diligencia; recorreu a todos os meios; interrogou cada orgão de per si, interrogou-os reunidos nos apparelhos respectivos; considerou os solidos, examinou os liquidos; soccorreu-se á Optica, á Hydrostatica, á Chimica, fazendo uso do microscopio, da balança, dos reagentes.

E, ainda mal, que não escassearam os exemplares para a variedade do estudo, contraste de provas, rectificação de factos; anatomisou para cima de duzentos cadaveres; mas em sessenta e tres autopsias baseou, especialmente, a sua Anatomia Pathologica.

E eram mais que sufficientes estas autopsias, operadas aliás nas differentes phases do morbo epidemico, para organisar o seu quadro pathologico; porque em muito menos de metade, vinte e tres sómente, fundamentou Louis o que publicou em relação á Febre Amarella que em 1828 grassou em Gibraltar.

Não podia escapar á perspicacia do sr. dr. Alvarenga a conveniencia de determinar todas as circumstancias, que podiam influir nos resultados das observações necroscopicas.

Discriminou os productos devidos á acção do agente morbifico, durante a vida, dos que podiam derivar das alterações depois da morte, correferindo, para fixar as raias que deviam limital-os, a edade, sexo, e constituição dos individuos, a duração do morbo, e as epochas das autopsias.

Divide-se a Memoria em duas partes, como indica o proprio titulo; toda a doutrina da primeira — *Anatomia Pathologica* — se comprehende em oito capitulos. Tracta-se no 1.° do *Habito Externo;* no 2.° do *Apparelho Muscular;* no 3.° do *Apparelho Cerebro-Espinhal;* no 4.° do *Apparelho Circulatorio;* no 5.° do *Apparelho Respiratorio;* no 6.° do *Apparelho Digestivo;* no 7.° do *Baço, Pancreas, Figado*; no 8.° do *Apparelho Urinario.*

A segundo parte — *Symptomatologia* — póde considerar-se dividida em outras duas. Descrevem-se na 1.ª os symptomas com relação aos tres periodos, que o sr. dr. Alvarenga admitte na doença; na 2.ª tracta-se, em particular, de cada um dos symptomas principaes; subdividindo-se a 1.ª parte em vinte e quatro, e a 2.ª em vinte e um artigos, seguindo-se-lhes outros tantos mappas estatisticos.

Não é possivel, sem transcender os limites, que nos havemos prescripto, apontar sequér a multiplicidade de objectos, que o sr. dr. Alvarenga expõe e discute na sua Monographia. O nosso espirito ficou sempre satisfeito ao terminar a leitura de cada um dos capitulos pela exuberancia e lucidez da doutrina; porém ao prazer acompanhou a admiração em toda a leitura do 7.°, que dedicou ao exame do Figado.

Mereceu esta viscera ao insigne Pathologista um estudo mais profundo, como o exigia o importante papel que representa na pathogenia da Febre Amarella. Tudo o que pôde descobrir o microscopio, e verificar a analyse chimica, foi com individuação referido.

E presidiu a estas experiencias o espirito philosophico, que deve guiar o observador em trabalhos d'este genero; procedeu ao exame necroscopico das cellulas hepaticas no estado physiologico, e ao exame das mesmas cellulas no estado pathologico; houve-se do mesmo modo, nas analyses chimicas, instituindo-as singularmente em cada um dos casos.

Podemos, conseguintemente, avaliar, pela comparação dos dous quadros, as differenças caracteristicas, que o figado appresenta 'naquelles estados.

É este, incontestavelmente, o capitulo da *Anatomia Pathologica* mais substancial; revela-se em todo elle particular talento em colligir os factos, e grande mestria em discutil-os e aprecial-os. Reconhece-se que fôra meditada profundamente a materia, mostrando o A. ampla noticia do que sôbre ella haviam escripto os mais celebres Pathologistas; e vê-se, que soube consideral-a sob o verdadeiro ponto de vista, denunciando, com judiciosa critica, quaes as asserções menos reflectidas, que deviam ser rectificadas ou corrigidas.

Esta dissertação valeria, per si só, a confirmar o elevado conceito, que o sr. dr. Alvarenga por outros escriptos grangeou entre nacionaes e estranhos, mostrando, ao mesmo

tempo, a vantajosa direcção que ha seguido no nosso paiz o ensino.

Na *Symptomatologia* sobresáe, egualmente, o capítulo em que se tracta da *Albuminuria*.

Na mesma epocha, em que distinctos facultativos francezes emprehendiam na Martinica importantes investigações sôbre este assumpto, estudavam-no com todo o empenho alguns portuguezes no Hospital do Desterro. Aqui concorriam nacionaes e estrangeiros a presenciar estes trabalhos, estando a todos patentes as portas d'este estabelecimento, que, para assim dizer, se constituiu o ponto de concentração das investigações que se fizeram, durante a epidemia, sôbre a materia sujeita.

E muito depois d'estas investigações é que appareceram os *Études sur les urines dans la fièvre jaune;* porque a epidemia principiou a lavrar em Lisboa em 9 de setembro de 1857, terminando a 24 de Dezembro do mesmo anno; e a 16 de Abril de 1858 é que os *Études* foram publicados em Paris.

Não podemos em um artigo bibliographico, de sua natureza conciso, determinar os factos, em que diverge ou combina a observação dos nossos facultativos da Martinica; o que asseveramos, sem receio de contradicta, é que as experiencias sôbre a *Albuminuria* instituidas em Lisboa são mais cabaes e concludentes do que as instituidas 'naquella ilha.

Folgámos de vêr que o sr. dr. Alvarenga rendeu na sua Monographia o merecido tributo de consideração á memoria de João Ferreira da Rosa, citando e transcrevendo algumas passagens do seu precioso e rarissimo *Tractado Unico da Constituiçam Pestilencial de Pernambuco.*[1]

Testimunha, durante sete annos, da devastação que a Febre Amarella fizera no Recife e Olinda, estava habilitado para tractar, como tractou, d'esta horrivel epidemia, logrando a prerogativa de ser o primeiro Medico, que a descreveu e tornou conhecida.[2]

Irmanou-se a epidemia de Lisboa com a de Pernambuco nas suas feições caracteristicas, não só em relação aos symptomas correferidos pelo sr. dr. Alvarenga, mas em relação a outros, que não comparou, i. é., ás parotidas, ás dores lombares, ao delirio, coma, etc. etc.

Se nos fôra permittido desejar alguma ampliação na *Symptomatologia*, quizeramos que a tivesse unicamente sob este respeito, estendendo as citações do nosso famoso conterraneo; porque em escriptos medicos portuguezes do seculo 17.° de maravilha se encontrará a illustração que resplandece no de João Ferreira.

Termina o sr. dr. Alvarenga a *Symptomatologia*, resumindo toda a sua doutrina em vinte e quatro aphorismos; podéramos transcrevel-os aqui, mas nem por elles se avaliaria todo o merecimento d'esta interessante Monographia, nem que podesse avaliar-se, nos dispensariamos de a recommendar a todos os amantes da litteratura medica portugueza, como um dos seus principaes monumentos contemporaneos.

F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

[1] No exemplar que possuimos do *Tractado Unico* lê-se *Disputada*, e não *Disputata*, como occorre em todas as citações da Memoria, talvez por inadvertencia do typographo.

[2] No *Dictionnaire de Medecine ou Repertoire Général des Sciences Medicales, Tom.* 17, *Paris* 1839, após o artigo *Jaune* (*Fièvre*), vem, a pag. 313, uma ampla bibliographia, citando-se em primeiro logar a obra de João Ferreira da Rosa, dizendo-se: «*C'est là le premier traité médical sur la fièvre jaune. . . L'auteur touche, dans son traité, les points principaux, qui, dans l'histoire de la fièvre jaune, sont particulièrement éveillé la discussion parmi les medecins.*»

Além dos artigos do *Dictionnaire* outros estrangeiros têm feito os merecidos elogios ao nosso compatriota, e á sua obra, e entre elles o maior sabio do presente seculo, Humboldt, na *Histoire de la Nouvelle Espagne.*

CARTAS DO EMINENTISSIMO CARDEAL SARAIVA, D. FR. FRANCISCO DE S. LUIZ

IV

Ill.^mo Sr. — Tenho presentes as duas cartas de v. s.ª, de 19 de abril e 1.° do corrente, ambas de mim muito estimadas. Na primeira me agradece v. s.ª a remessa das minhas *Memorias*, que certamente não mereciam essa honra. Á segunda vou responder agora, prevenindo a v. s.ª, que as minhas cartas nunca o devem obrigar a soffrer o mais leve incommodo ou distracção nos seus estudos, para responder a ellas. E isto fique assentado de uma vez.

No papel incluso respondo á pergunta de v. s.ª sôbre o *Diccionario de Constancio*. Eu passei-o pelos olhos mui ligeiramente; mas no que vi, e apontei por curiosidade, cuido que me não enganei. No meu conceito este Diccionario não vale o que custa. V. s.ª julgará.

Em quanto á lembrança de v. s.ª de um jornal em Coimbra, estimo que v. s.ª se conformasse com as minhas ideias. Um jornal em Coimbra parece-me, *por agora*, impossivel sustentar-se. Aqui mesmo se observa 'nisso grande difficuldade. São poucos os que querem trabalhar, poucos os que podem, pouco o cabedal de sciencia, e mui pouca a vontade de escrever, e limar, maiormente em tempo, e para periodos determinados. Aqui andam alguns com a empreza de um jornal litterario, e não sei se o poderão arranjar, sem embargo da diligencia e zelo, certamente louvavel, com que 'nisso trabalham. Talvez 'nisto fallarei a v. s.ª com mais assento, se o projecto vier a effeito.

A associação de leitura é bem imaginada, e tambem aqui ha d'isso. O presidente que v. s.ª nomeia tem muito merecimento e ha

de dirigir bem a empreza. Convém dar-lhe regulamentos severos, e executal-os á risca, tanto para evitar o descaminho dos jornaes, como para regular o silencio da casa nas horas de leitura, a ordem em que hão de ler os que concorrerem simultaneamente, etc. Sem dúvida que se póde d'ahi esperar aproveitamento, e oxalá que se possa tambem criar um jornal, ainda que não tenha outro fim senão traduzir os estrangeiros, ou extractal-os nas materias mais importantes, dar noticia das obras que por lá se publicarem, do seu merecimento, etc., etc. Se não podérmos ser escriptores originaes, saibamos ao menos aproveitar alguma cousa dos que sabem mais, e pôr-nos a par dos progressos das sciencias nos outros paizes, que é cousa triste o que noto em alguns litteratos que não sabem senão o que se sabia ha trinta ou quarenta annos. V. s.ª já ha de estar quasi *affeito* a perdoar os meus *palavreados*. O que me faz ser *fallador* 'nestas materias é o meu zêlo, e nada mais.

Em quanto á outra minha lembrança relativa á Academia, v. s.ª reflectirá se ella lhe convém, sem respeito algum a ser lembrança minha. Se eu conhecesse bem os estudos de v. s.ª e as suas inclinações litterarias, poderia lembrar-lhe alguns assumptos. Entretanto mando a v. s.ª o programma de 1831, e o extracto do de 1838, que lembram alguns.

Sou com a mais verdadeira estima e affecto

De v. s.ª m.to v.or am.o e fiel c.

Bispo Conde D. F.

Lisboa, 11 de maio de 1839.

O Diccionario de F. S. Constancio veio a primeira vez á minha mão haverá anno e meio ou pouco mais, e lançando os olhos a alguns artigos d'elle, vi que me não servia, e por isso o tive sómente na minha mão dois dias. Esses porém bastaram para que eu lhe notasse graves erros, que aqui apontarei brevissimamente.

1. Não gostei que elle tratasse tão mal em muitos artigos o benemerito *Moraes*, até *ridiculisando-o*. Moraes tem, por certo, muitos erros; mas tinha merecimento, trabalhou muito em beneficio da lingua portugueza, e emprehendeu uma obra difficil e laboriosa, que podia occupar muitos doutos. Um homem d'estes mereco respeito, ainda quando se notam os seus erros.

2. Não gostei do que diz Constancio na palavra *Paschoa*, não só porque diz uma falsidade, mas tambem porque não convém 'num diccionario da lingua inculcar ideias antireligiosas.

3. Não gostei de que o auctor, tractando tão mal o bom Moraes, adopte pela maior parte os numerosos erros d'elle em ponto tão importante, como é a *definição dos vocabulos*. Constancio conserva quasi todos estes erros, e accrescenta alguns seus. Darei dois ou tres exemplos que apontei. Na palavra *noção*, diz que *noção* indica de ordinario *conhecimento superficial;* e que *conhecimento* se diz de *noção completa*.

Define *patria* a terra em que alguem nasceu, sem se lembrar da outra significação mais nobre (digamos assim) d'este vocabulo.

Define *solano* o vento sul, o que é erro até contrário á etymologia. Solano é o vento oriental, o que vem da banda d'onde se levanta o *sol*, e d'aqui lhe vem o nome, etc.

Define *Lusiadas* acções heroicas dos Portuguezes, errando 'nisto como Moraes. Camões não escreveu *as Lusiadas*, mas sim *os Lusiadas*, isto é, *os Lusitanos*, como Virgilio disse *Aeneades os Troianos*, etc.

Etymologias de Constancio que tenho por erradas.

Atroar	de *tonitru*	— vem do grego
Azoinar	de *zaina* meretriz	— arabe — é de origem hebraica
Baço	de *lubes*, latino, o que não tem brilho	— vem do grego
Baço—moreno,	de *bauçant*, francez.....	— vem do grego
Badulaque...	de *baudan* — antigo francez, e do latim *lacerare!*	— vem do grego
Bagatela	do francez, e este de *baguette*, varinha	— é grego
Bastar	de *baster* francez, e este do latim, *bene stare!*	— parece-me grego
Bispar	de *vix aspicere!*	— é grego
Bodega.....	de *bedugue*, antigo francez	— é grego
Bosta.....	do latim, *bos*, e *exitus!*	— é grego
Buscar.....	do latim, *piscor*, pescar, que é *buscar peixe!*	— ?
Caroço	do latim, *cor*, e *osso*	— será grego?
Caraminhola	do francez, *coronne*, coroa, e *mignone*, pequena, galante	— ?
Corcovar	do latim, *arcus*, e *curvus*	— é hebraico
Negaça.....	do latim, *nugacitas*.....	— é hebraico
Soâa.....	do latim, *sus*, porco.....	— é grego
Aroeira	do grego, ὀρὸς leite, substancia glutinosa que decorre da arvore	— é hebraico
Sayon.....	do arabe, *hassa*, matar ..	— é provavelmente gothico
etc., etc., etc.		

Porém no que mais brilha este diccionarista é nas etymologias egypcias! É necessario ter bastante coragem para o seguir 'neste escuro e nunca trilhado caminho!

V

Ill.mo Sr. — Já v. s.ª vê que eu não calcúlo com grande escrupulo a demora das suas respostas; porque se o fizesse, deveria dar exemplo de pontualidade. Faço conceito dos trabalhos de v. s.ª, peço para mim a mesma indulgencia: e por fim de contas entendo, que

a amizade não consiste 'nessa frequencia de cartas, nem d'ella depende essencialmente.

Estou morto por ver as obras de v. s.ª, que me deu para presumir e esperar que serão sempre bôas. Meu sobrinho já me escreveu de Runa, mas não mandou os exemplares do... de que v. s.ª me quiz fazer mimoso, e provavelmente os trará, quando vier, que espero não tarde muito. Desde já agradeço a v. s.ª a sua generosa lembrança, e com toda a sinceridade do meu coração lhe prometto, que no caso de achar alguma cousa que me pareça digna de correcção, ou de reparo, lh'a apontarei com a franqueza, que em taes circumstancias costumo.

V. s.ª me obrigou extremamente participando-me o seu juizo sôbre o acto de meu sobrinho, e sôbre o conceito, que d'elle tinha feito.... e ainda que posso presumir em v. s.ª alguma propensão favoravel, comtudo não pude deixar de ter gosto com o seu voto, vendo confirmado o meu, que aliás podia ser avultado pela paixão e relações de parentesco tão intimo. Eu, quando tenho opportunidade, não cesso de inculcar-lhe as vantagens do estudo e da instrucção, e ao mesmo tempo de inspirar-lhe a devida temperança nas opiniões, e o cuidado de não formar juizos muito decisivos e dogmaticos, senão depois de definir bem os termos da questão, e a meditar por todas as faces, etc. Queira Deus que elle aproveite os meus conselhos e sôbre tudo as lições e exemplos dos bons mestres que lhe cahirem, ou já tem cahido em sorte.

Continúe v. s.ª a apurar a sua..... e não se esqueça de me dar o gôsto de o ver socio da Academia em quanto sou vivo. O meu empenho 'neste ponto não é tanto em favor de v. s.ª, quanto da Academia e das lettras.

Estou certo que a Academia ha de fazer o devido aprêço da offerta que v. s.ª lhe queira fazer das suas obras: e eu me offereço para ser o proprio que as appresente, ainda que isso não seja necessario, nem para as recommendar, nem para que a offerta mereça agradecido acolhimento.

A crise do club litterario era muito de recear. Por ella veria v. s.ª quanto eram justos os meus receios ácêrca de associações litterarias em Coimbra. Tenho experiencia d'essa cidade, e da gente academica, e tenho visto o quanto 'nella dominam certas pontinhas caprichosas, certas emulações encobertas, e certas rivalidades, que em geral se costumam attribuir aos homens de lettras: frase, que eu corrijo, dizendo « aos homens de meias lettras.»

Tenha v. s.ª bem saude, e ocio para realizar a sua nova viagem a..... que, em tão boa companhia, não póde deixar de ser-lhe gostosa, e até de inspirar-lhe affectos de devoção.

Sou de v. s.ª muito v.or am.º e fiel c. obg.mo

Bispo Conde D. F.

Lisboa, 22 de Junho de 1839.

VI

Ill.mo Sr.—Não tenho a v. s.ª por esquecido, nem me sinto disposto a ter de v. s.ª alguma ideia, que não seja muito em seu credito e louvor. Tenho sabido alguma cousa do que v. s.ª tem soffrido 'nestes ultimos tempos..... e muitas vezes tenho sinceramente lamentado o estado d'essa universidade, que me parecia poder-se governar e dirigir melhor, se o fado o permittisse, e os homens soubessem e quizessem. Faça v. s.ª por esquecer-se de tantos males geraes e pessoaes, e por gozar em qualquer retiro fora de Coimbra de alguma tranquillidade e descanço, entregue aos seus estudos, e á boa e leal companhia que tem de casa, e que, quando a ha, é a bemaventurança do mundo.

Estou ancioso pelo novo presente que v. s.ª me promette do seu..... e já annunciei o favor de v. s.ª a meu sobrinho, que ha pouco d'aqui sahiu para Runa. Elle é um constante elogiador das virtudes litterarias, e sociaes de v. s.ª, em que muitas vezes falla com enthusiasmo seu, e com singular satisfação minha: e posto que assim o deva fazer por muitos motivos, nem por isso deixa de me ser grato o sisudo modo de pensar que 'nelle observo, e que na sua idade, e com tantos maus exemplos á vista, me parece digno de algum louvor. Queira Deus que o não corrompa a atmosphéra empestada em que vivemos 'nestes desgraçados tempos!

A offerta de v. s.ª á Academia não é por ora urgente. Virá quando v. s.ª quizer e podér, e eu terei grande gosto de a appresentar, como já disse a v. s.ª

Agora darei tambem a minha satisfação, por não ter ainda agradecido a v. s.ª a remessa dos exemplares do..... Eu tenho andado não só occupado, mas quasi opprimido de trabalhos, tanto mais fastidiosos, quanto é menor a utilidade que d'elles poderá resultar. São relativos ás nossas desgraçadas questões com Roma. Não sería isso bastante para eu deixar de escrever a v. s.ª uma carta; mas eu queria fazer mais; eu queria convencer a v. s.ª da minha franqueza e sinceridade; *da paixão*, que tenho por v. s.ª; do empenho que tenho em grangear a sua amizade e perfeita confiança, etc. etc. Queria por tanto achar alguns defeitos na sua obra, e ter o *descaramento* de lh'os notar, e de lh'os dizer, e para isto tem-me sido necessario ler com toda a attenção, revestir-me da severidade inexoravel da crítica mais miuda e impertinente, e assim mesmo pouco tenho aproveitado; mas hei de cumprir o meu proposito, ou mais cedo, ou mais tarde, e v. s.ª concluirá d'ahi que só a amizade verdadeira póde ser tão attrevida, ou tão franca e desenganada.

Queira v. s.ª fazer-me lembrado a seu ill.mo pae, á sua desenhadôra, e a todas as mais pessoas da sua respeitavel e amavel familia,

com as expressões do meu mais sincero affecto e veneração, e com offerecimento do meu pouco prestimo.

Com eguaes sentimentos sou de v. s.ª fiel v.or am.º e c. obg.mo.

Bispo Conde D. F.

Lisboa, 3 de Agosto 1839.

RECREAÇÕES POETICAS

POR

Francisco de Castro Freire

EDITOR

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

Coimbra: Imprensa da Universidade — 1861

Edição nitida.

O florilegio, cuja publicação annunciâmos, ha muito que era desejado pelos cultores das musas.

Todos lamentavam, que permanecessem encerradas nas paginas de jornaes, que poucos lêem, mimosas poesias, que deviam correr pelas mãos de todos.

Ainda bem, que, ao cabo de tantos annos, obteve um amante das boas letras o que outros muitos haviam pedido inutilmente.

Não encareceremos a perfeição, com que o sr. Dr. Castro trasladou para a nossa lingua as poesias de Lamartine, e de M.lle Pauline; sabem os entendidos que 'neste genero de lavor se distingue, particularmente, o talento d'este Poeta insigne.

Tambem não louvaremos o seu bom gosto na escolha d'estas poesias: possue-o em grau eminente, como poucos o possuem.

Lemos e relemos a maviosa canção *O Alcyão no Cabo*, e sempre nos deixa repassados de indefinivel melancholia.

O Hymno do menino ao despertar é tão singelo como os accentos do innocente cantor; 'nelle resplandecem a candura e as graças infantis.

Quanto são bellos e suaves os versos:

Dá, ó meu Deus, agua ás fontes,
Dá pennas aos passarinhos,
Dá orvalho e sombra aos campos,
Dá a lã aos cordeirinhos,

Aos doentes dá saude,
Aos pobresinhos o pão,
Aos prêsos a liberdade,
Aos orphãos a habitação.

A oração e a gloria tem quadros magnificos, abundam em riqueza de imagens, extremam-se pela profundidade de pensamentos, e sublimidade de estylo.

Mas não estenderemos as citações; quem quizer gozar algumas horas de ineffavel prazer, d'essas que chamam subscessivas, leia as *Recreações Poeticas* do sr. Dr. Freire.

R. DE G.

NOTICIARIO

Em opposição a duas cadeiras de substituições extraordinarias da faculdade de Theologia, no proximo abril, concorreram os Drs. Albino Jacintho José d'Andrade e Silva, e Manuel Bernardo de Sousa Ennes. Saiu-lhes em ponto, para a primeira lição e dissertação: — *Authenticidade dos livros do novo testamento*, — *Systema de Strauss*. Para a segunda, Pruny tom. 4.º, § 26; e para a terceira o mesmo, tom. 3.º, § 5.

O jury approvou e propoz ambos os dous concurrentes, sem alteração em suas antiguidades.

Na faculdade de Philosophia, em concurso a duas substituições extraordinarias, no mesmo mez, concorreu sómente o Dr. Albino Augusto Giraldes: ao qual coube, em ponto para a primeira lição e dissertação: — *Chimica inorganica, Dupla decomposição;* para a segunda Beudant, Geologia, 6.ª ed., §§ 377 e 378: e para a terceira — Zoologia, Milne Edwards, 7.ª ed., Paris 1855, §§ 230 a 239 exclus.

Na faculdade de Mathematica, em concurso a uma substituição extraordinaria, o unico concurrente teve em ponto, para a primeira lição e dissertação; — deduzir das leis de Kepler as leis da attracção universal: para a segunda — equilibrio dos fluidos pesados, Poisson tom. 2.º, n.os 595 a 598 inclus.; e para a terceira — Theorema de Taylor, Francoeur, P. 4.ª, n.os 5 e 6.

'Numa e outra faculdade foram approvados e propostos os dous unicos concurrentes.

No dia 18 de maio fecharam-se as aulas, *poz-se ponto*, nos cursos juridicos e theologicos, devendo começar os exames no dia 27.

Não tendo, por notavel singularidade (!), designado o governo nos despachos dos quatro substitutos extraordinarios de Direito, a graduação das cadeiras, e portanto a ordem de precedencia, resolveu o conselho, que interinamente, e até resolução superior, tomassem assento pela ordem das posses.

Novos Planetas. — Até onde chegará o número dos corpos do nosso systema planetario? Desde o anno de 1801, em que o astronomo Piazzi, de Palermo, descobriu *Ceres*, tem sido uma verdadeira epidemia a descoberta de novos planetas telescopicos. Ainda ha pouco (no n.° 20 do IX vol.) se deu noticia, 'neste jornal, de quatro, que foram descobertos o anno passado; e já no mez de março ultimo se annunciou a descoberta de nada menos que dous novos planetas conforme se deprehende das seguintes cartas, do sr. Valz para o sr. Élie de Beaumont, que extractámos do C. R. de 11 de março.

«Marselha, 6 de março de 1861.— Peço-lhe queira annunciar á Academia, que o sr. Tempel, alumno do observatorio, acaba de descobrir um novo planeta, que poderá ser o 64.° do grupo telescopico, no dia 4 de março ás 14^h40^m T. M.

Março, 4, 14^h40^m. $\begin{cases} AR. = 12^h3^m56^s \\ DA. = 2°5'20'' \end{cases}$

Março, 5, 14^h11^m. $\begin{cases} AR. = 12^h3^m11^s \\ DA. = 2°1'20', \end{cases}$

Auctorisou-me a Pôr-lhe o nome de *Angelina*, em memoria d[a] estação astronomica do Barão de Zach, em Nossa Senhora dos Anjos, ermida e convento dos Padres do Oratorio, ao pé de Marselha.»

«Marselha, 10 de março de 1861. — Apresso-me a annunciar á Academia, por intermedio de V., que o Sr. Tempel, ainda a noite passada, descubriu outro planeta:

Março, 9, ás 11^h24^m. $\begin{cases} AR. = 12^h6^m19^s \\ \delta B. = 1°1'46'' \end{cases}$

Differença de sensibilidade dos dous ouvidos.— «É facto averiguado que os musculos são mais desenvolvidos, no homem, do lado direito que do esquerdo; E.-Weber estabeleceu esta verdade, de modo incontrastavel, por meio de escrupulosas pesagens. Entretanto parece que o lado esquerdo é mais favorecido a respeito da sensibilidade dos orgãos: seguido E.-H. Weber, a mão esquerda percebe, melhor que a direita, as variações de temperatura e de pressão; e as recentes investigações de Fechner parecem demonstrar que o ouvido esquerdo é mais sensivel que o direito. Para obter sons de intensidade constante, Fechner emprega, nas suas experiencias, um pequeno pendulo de choque, consistindo 'numa bola de pau, que deixa cair contra uma placa de schisto, medindo-lhe a elevação 'num arco graduado. Por este meio achou que em geral se ouvem os sons com mais força, e até mais claramente, do lado esquerdo. Fechner pensa que o habito, que têm a maior parte das pessoas, de dormir sôbre o lado direito, póde concorrer alguma cousa para esta differença physiologica dos dous ouvidos. Por outra parte, o professor Ruëte demonstrou experimentalmente, que a maior ou menor pureza do interior dos ouvidos não influe na sua sensibilidade relativa.

Mais curioso ainda é o facto observado por Fessel, de Colonia. Querendo afinar varios diapasões pelo diapasão normal de Paris, servia-se do methodo de Schleibler, que consiste em observar as pulsações (*battements*) executadas 'num segundo[1]. Mas, antes de recorrer a este meio rigoroso, afinava primeiro os diapasões pelo ouvido, como sempre se costuma fazer. Porém, quando depois foi acabar a afinação, pelo primeiro methodo, achou que os diapasões davam uma nota demasiado grave, se tinham sido afinados pelo ouvido direito com o diapasão normal collocado á esquerda; e, pelo contrario, uma nota demasiado aguda, quando os instrumentos, na primeira afinação, tinham occupado posições inversas. Fessel concluiu d'aqui que o *mesmo som* é mais agudo para o seu ouvido direito, do que para o esquerdo. Numerosas experiencias revelaram a existencia de similhante anomalia no ouvido de muitas pessoas; e Fessel affirma até que póde decidir, *a priori*, de qual dos ouvidos uma pessoa ouve os sons mais agudos, sujeitando-a á seguinte experiencia: toma essa pessoa dous diapasões identicos, e faz vibrar um ao ouvido direito e o outro ao esquerdo; o observador colloca-se em posição tal, que fique com o seu ouvido direito a egual distancia dos dous ouvidos que quer examinar, e tapa com a mão o seu ouvido esquerdo; 'nestas circumstancias ouvirá um dos dous diapasões dar uma nota mais aguda que o outro; e o ouvido ao pé do qual vibra aquelle diapasão, é precisamente o que ouve os sons mais agudos.»

Extr. dos *Poggendorff's Annalen*.

Programma da academia real das sciencias de Lisboa, para o anno de 1862. — PRIMEIRA CLASSE. — *Em sciencias physicas.* — Demonstrar, pela analyse, as principaes variações na quantidade de gluten, e das outras materias azotadas, nas variedades de trigo mais commum no nosso paiz, a influencia d'estas variações na panificação.

Estabelecer, por meio da analyse chimica, a concordancia que deve existir entre a composição da agua do mar, do sal marinho, e das aguas mães das nossas marinhas; deduzindo d'esse exame o melhor regimen d'estes estabelecimentos.

Descripção de um systema economico de limpeza para a cidade de Lisboa, de modo que d'elle se tire o partido possivel para a saude pública e para o adubo das terras.

Em sciencias historico-naturaes. — Mostrar

[1] Ann. de Ch. et Phys., 3.ª série, T. XXVI, p. 74.

quaes sejam as vantagens que o nosso paiz póde colher dos novos processos empregados para o enxugo das terras *(Drainage)*.

Estudos estatistico e agrologico de um concelho ou de um districto do reino.

Descripção das raças bovinas portuguezas e suas aptidões agricolas e industriaes.

Em sciencias medicas. — Demonstrar, por meio de experiencias, que mereçam crédito, a existencia de um succedaneo indigena das quinas, e que possa pelo seu preço commodo substituil-as no tractamento das febres intermittentes.

Redigir um cathecismo de hygiene privada para os operarios, e mais empregados das fabricas e estabelecimentos industriaes menos salubres, e que maior desenvolvimento têm hoje em Portugal.

Traçar a historia epidemiologica do paiz.

Qual é o valor da albuminuria no diagnostico da diphteria.

Segunda classe. — *Em litteratura.* — Qual o estado da lingua portugueza na epocha da publicação do poema dos *Lusiadas,* e qual a influencia que este poema exerceu sôbre ella.

Determinar as origens e affinidades do romanceiro nacional.

Fixar a melhor orthographia dos nomes proprios de homens e terras, que das linguas orientaes passaram para os nossos historiadores.

Em sciencias economicas e administrativas. — Quaes os meios mais opportunos de auxiliar o desenvolvimento da agricultura e industrias correlativas?

Estudo sôbre os bairros operarios *(cités ouvrières)*.

Em sciencias moraes e jurisprudencia. — Qual foi a influencia do elemento germanico em Portugal?

Em historia e antiguidades. — Qual foi a indole e extensão do poder do rei, nos primeiros tempos da monarchia portugueza, e quaes as vicissitudes por que passou até aos fins do seculo xv.

Lingua Universal. — A ideia d'uma lingua universal, todos os dias cresce e toma vulto na visinha Hespanha. Segundo a *Correspondencia de Madrid,* muitos dos seus maiores litteratos, entre os quaes avulta Martinez de la Roza, esposaram-na de todo o coração, e tratam de a realisar. Para isto o illustre professor Pedro Matta, vae abrir um curso público, em que se propõe demonstrar as vantagens d'uma lingua universal, e combater ao mesmo tempo as prevenções arreigadas que lhe abrolham o caminho, e a não deixam caminhar ávante. Diz mais a Correspondencia, que a *Sociedade da Lingua Universal* prepara um jornal destinado a apregoar os successos d'esta nova cruzada litteraria.

Descoberta da Nova Australia — Mais uma honra para este velho Portugal. A nação, que teve, primeira, o arrojo de dobrar o Cabo das Tormentas, é tambem aquella, a quem cabe a gloria de primeiro ter vizitado a Nova Australia. Deve-se esta rectificação ao inglez M. R. H. Major, empregado do museu britannico. Era de fé entre os hollandezes, que um dos seus navegadores abordára, em 1606, ás costas d'aquelle continente; mas sabe-se hoje que cinco annos antes, em 1601, o portuguez Manuel Godinho Eredia, ou Heredia, desembarcára em terra da Nova Australia. Um mappa-mundi manuscripto, encontrado pelo infatigavel inglez entre as preciosidades da bibliotheca nacional do museu britannico, é que assegura a Portugal a certeza de tão notavel descobrimento.

BIBLIOGRAPHIAS

Elementos de Physiologia humana com a histologia correspondente, por Antonio Augusto da Costa Simões — Primeira parte — Physiologia geral, tomo 1.° com 103 gravuras no texto. Este livro mui conscienciosamente escripto, e á altura dos conhecimentos phisiologicos mais modernos, vem dignamente substituir a segunda edição já esgotada, do, a todos os respeitos, mui apreciavel compendio do sr. Dr. J. J. de Mello.

Oeuvres et correspondence inédits d'Alexis de Tocqueville, publiées et precedées d'une notice par G. Beaumont, (M. Levy) 2 vol. in 18.

O nome do auctor, e não menos o do editor, eram mais que bastantes para captivar a attenção. O juizo, que se lê na — *Revue de l'instr. publique*, d'este anno, n.° 6, augmenta-a consideravelmente, conduzindo o leitor ao conhecimento da vida intima do illustre escriptor e estadista, a quem a — *Democracia na America* — déra nome europeu.

Oeuvres complétes de J. T. de S.t Germain. Cada uma das obrinhas do sr. *Julio Tardieu, impressor e editor,* que não conheciamos senão pelo pseudonymo — *S.t Germain,* é, diz a *Revue de l'instr. publique:*

« Uma acção boa; toma-se ahi o gosto do « bem, do bom e do bello, respira-se uma « atmosphera tranquilla, apprende-se a obe- « decer á voz da consciencia e do dever, per- « de-se o gosto dos gozos frivolos e das am- « bições enganosas. »

Conhecemos a — *Legenda do alfinete,* — *Mignon,* — a *Arte de ser desgraçado.* A julgar por ellas o elogio é ainda áquem da verdade. O esclarecido artista toma, entre os modernos romancistas, um logar sobreminente. O — *utile et dulce* poucos nol-o darão como elle.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

APONTAMENTOS

Para a historia da legislação agraria portugueza, desde o começo da monarchia até ao reinado de D. João I.

Continuado de pag. 4.

V

Com taes elementos, contra tamanha barreira, inaccessivel, de costumes e circumstancias politicas, nem os cuidados de D. Affonso Henriques, nem os notaveis esforços de D. Sancho I, podiam conseguir resultados importantes. As conquistas do primeiro na Extremadura, e ao depois no Alemtêjo; o cêrco de Santarem pelos mouros, ao cabo de seus dias; amplissimas doações de terras incultas e despovoadas, que fez a differentes egrejas, mosteiros, e fidalgos, são documentos de que o flagello assolador, rebatido para o sul, deixára mui sensiveis e profundos vestigios de seus passos, sôbre os quaes não poucas vezes, e não menos terrivel, se tornava.

O segundo, umas vezes, combate com os mouros, repelindo-os até ás praias do Algarve; outras, com os castelhanos, sempre invejosos de nossa independencia politica; outras, contra os elementos, conjurados com um e outro povo, em seu damno: e no meio de tantas desgraças, sempre solícito pelo bem do povo, sempre álerta para reparar os estragos de tamanhas calamidades, grangeia o nobilissimo titulo de *povoador*, e morre deixando consideraveis thesouros, sem tacha de tyranno, ou de aváro!

Como, em seu tempo, os encargos do Estado descaíam do clero e dos nobres, e de suas immensas herdades, exclusivamente sôbre os seculares não privilegiados, é facil de ver da carta do mesmo rei aos prelados do reino, em *omnibus* que lhes firmou essas prerogativas:—*Concedo et Abbatibus, et Prioribus, et Clericis totius regni mei, ... ut numquam mihi dent collectam, nisi semel in anno, cum per domos eorum transitum fecero.*

Os grandiosos legados, que deixou D. Sancho I, não se limitaram á disposição de seus thesouros; testou tambem a suas filhas villas e castellos, o que foi origem de novas calamidades no reinado de seu filho D. Affonso II.

VI

O estado politico do paiz, cuja tranquillidade tanto se havia mistér nas provincias do norte, já que as do sul não podiam deixar de ser continuo theatro de scenas de devastação, não melhora com o novo soberano. Prosegue na guerra contra os mouros; no centro do reino levanta-se outra, civil, entre os irmãos, por causa do testamento de D. Sancho, em que tomam parte, com muitos assedios, combates, e multiplicados conflictos do clero e da nobreza com o rei, o de Castella, e o Summo Pontifice.

Mas este reinado subministra-nos já outras fontes, além dos costumes e dos foraes, e da situação politica da nação, d'onde tirar sufficientes esclarecimentos para entreconhecer não os progressos da agricultura, mas as causas de seu atrazo. São d'este soberano as primeiras leis geraes, incontrovertidas; as quaes, assim como as de seus proximos successores, se encontram no codigo affonsino, e nas colleções subsequentes. Ajuntal-as-hemos aqui, confrontando-as com os aphorismos, que de princípio propozemos.

VII

Entre as leis geraes de D. Affonso II sobresáe a que se lê na Ord. Aff. liv. 2, tit. 2:—*que nenhũa Caza Religiosa compre possissoões sem nosso consentimento; salvo que as possam comprar por musaria; e possam em outras maneiras sem peccado gaanhar possissoões ou outras cousas: nem tolhemos poder a alguũ Clerigo de comprar possissoões!*

Começava de assustar a quantidade de bens de raiz, que os corpos de mão morta iam accumulando, e conjunctamente retirando da sujeição aos encargos do Estado. Quiz atalhal-o o providente monarcha; mas obstavam o poderío do clero, e os preconceitos dos vassallos; apenas defendeu as compras, e ainda assim resalvando-lh'as para anniversarios de seu pae, e dos seus; e tolerou-lhes as heranças, doações, e legados: esfôrço vão, e de tão curta duração no seu effeito, que parece não chegou nunca a experimentar-se!

« Aquella lei (diz o muito erudito, e muito « saudoso Sr. Trigoso na sua memoria ácerca « das leis da amortisação) nem foi geral ou « absoluta, nem assás efficaz; o que sem dú- « vida se deve attribuir á condição d'aquel- « les tempos, e á eximia piedade e religião de « nossos soberanos. Não foi absoluta, porque « ainda que Brandão e outros escriptores não « duvidem affirmar, que a lei Affonsina pro- « hibíra para o futuro as doações e quaesquer « outras acquisições; o certo é que 'nella só se « acham expressamente prohibidas as compras, « e que ainda d'estas se exceptuam as que fos- « sem feitas para anniversarios de seu pae e « seus: tal é a stricta intelligencia das pala- « vras da lei, e o sentido, que depois lhe deu « elrei D. Diniz. Não foi efficaz, porque não « sortiu, nem podia então sortir, o seu effei- « to, ou pelo muito, que os reis deferiam á « Egreja, e aos seus prelados, os quaes nem « sempre se continham nos limites da modera- « ção e da justiça; ou por causa das opiniões « antecipadas dos povos, que não podiam levar

« a bem verem-se privados da liberdade, que « tinham, de transferir os seus bens para as « egrejas; ou pela prepotencia e ambição d'al- « guns ecclesiasticos, que comprimiam os no- « bres esforços dos nossos soberanos, e obsta- « vam á execução das mais saudaveis leis.»

VIII

Na Ord. Aff. liv. 4, tit. 37, §. 1, lê-se outra lei do mesmo principe: — *Por que poderia accontecer, que d'esto se seguiriam omezios, estabelecemos, que se alguem quizer vender, ou apenhar suas proprias possissoões, que lhe acontecessem da parte de sua avoengua, e ouver irmaãos ou propincos, que estas possissoões queiram comprar, ou filhar a penhor por justo preço, defendemos, que nenhum estranho, nem mais alongado da linha nom compre estas possissoões, nem as tome a penhor; e qualquer, que hi al fezer, perderá quanto hy desse; e se o propinco as não quisesse, ou as não podesse comprar pelo justo preço, ou tomar em penhor, entom aquelle, que as quiser vender, venda, e obrigue o que quiser, e d'hi em diante sejão as possissoões do comprador, e não tornem á avoengua, se o comprador quiser, e faça d'ellas pera sempre o que lhe aprouver.*

Por esta fórma D. Affonso II legalisava entre nós o direito de — *retracto* ou *de avoenga*, ou antes reduzia a lei este costume feudal. As mesmas expressões, que dão principio a esta lei, convencem do costume, cuja inobservancia poderia dar occasião a homezios. Estabelecendo em certo modo uma nova amortisação dos bens avoengos para com aquelles, que não eram da familia, e estorvando a livre circulação dos bens de raiz, tinha muitos, mas não todos, os inconvenientes das leis d'amortisação, que atraz deixamos indicados. Dava occasião a uma infinidade de processos; e as propriedades vendidas, na incerteza do dominio, andariam largo tempo ou mal cuidadas, ou exploradas com a avidez de quem pretende ganhar muito em pouco tempo á custa da producção futura.

Não ignorâmos, que esta lei, assim como e melhor a dos morgados, admittindo como necessidade politica sustentar nas monarchias um corpo de nobreza proprietaria e hereditaria, merecerá talvez melhor conceito; porém esta questão transcende muito o nosso assumpto. Em quanto a considerarmos pelo lado puramente economico, e em relação a seus effeitos sôbre a agricultura, não podemos approval-a, e nem ainda equiparal-a á jurisprudencia dos morgados; porque esta não admitte egual incerteza de dominio, tantas vezes renovada, quantas vezes a avoenga for vendida ou apenhada.

IX

É do mesmo soberano a Ord. Aff. liv. 4, tit. 25 — *Que qualquer homem, que for livre, per todo nosso regno, filhe qualquer senhor que quiser,* — providencia justa e sancta, porém que demonstra de sobejo quão grande era a prepotencia dos senhores feudaes neste periodo, e a oppressão do lavrador. Pois, se a liberdade natural fôra então uma realidade, não era mister lei para declaral-a, e affiançal-a; quanto mais se attentarmos na excepção que logo ahi se segue, e é público testemunho de que entre nós tambem se usava a servidão da gleba, menos perniciosa que a escravatura dos Gregos e Romanos, mas, em verdade, aviltadora do trabalho, e desanimadora de todo o melhoramento: — *tirando aquelles, que moram nas herdades alheias, ou nos testamentos, nos quaees casos nom devem aver outros senhores, se nom os senhores das herdades, ou dos testamentos.*

X

Uma prova ainda mais exuberante da grande oppressão da agricultura, e de todo o commercio interior, que a aviventa, é a necessidade da outra lei de D. Affonso II, que se lê na Ord. Aff. liv. 2, tit. 31, e para a qual não ha elogios demasiados. Superiores ás ideias communs do tempo em que viviam, maior louvor merecem certamente estes primeiros reis pelo, algum, bem que cuidavam de fazer, do que vituperio por suas mal pensadas ou imperfeitas providencias. — *Maao custume* (diz a lei) *antigo soya a ser assy em Coimbra, como em todalas villas da Nossa Estremadura, como em todalas partes de Nosso Regno, que assy Nós, como os que de Nós tinhaõ Terras, ou Alquaidarias, levavamos de todalas as cousas de comer, que vendessem, a terça parte. E esto hé em grão dapno e prejuizo dos misquinhos* (vizinhos) *a qual cousa pera todo o sempre Estabelecemos que nom valha. E Estabelecemos, que Nossos Ovençaaes, nem aquelles, que de Nós tiverem Terras ou Alquaidarias, nom levem as cousas sobreditas, segundo o costume sobredito, mais comprem essas cousas, segundo direita estimaçom, assy como as comprarem os vizinhos. E se alguns de Nossos Ovençaaes davamditos contra aqueesto quizerem hir, peitem quinhentos soldos, e façam corregimento aguisado aos que as cousas tomarem.*

Egual rectidão de intenções, porém menos prudente consideração, é attestada pelo facto, que de D. Affonso II refere a Memoria para a historia da agricultura em Portugal, nas de litteratura da Academia real das sciencias de Lisboa.[1] «Tinha-lhe denunciado um João Eannes, « que o prior e beneficiados da dicta Egreja « (S. Bartholameu de Coimbra) possuiam um « olival, além do Mondego, defronte da cidade, « que havia tres annos, que estava por culti- « var, e em pena pedia, que se lhe désse a elle « denunciante. Resolve ElRei, depois de um « largo relatorio: *Otorgo e apras-me, que ho « dito olival, que havia o Preste e PP. da*

[1] Tomo 2.°, Mem. 1.ª, pag. 13.

« dita Egreja, que vos ho hajades, quejando « elles o haviam, per ho nom amanharem em « maneira que vós me ho notificaste, de guisa, « que vos Joanne Eannes lhe daredes a penson, « que alvidrarem os homens bons.»

Advogado da intervenção directa do governo, e persuadido, que os premios e as penas, mais fortes, que o interesse particular, venceriam os obstaculos da industria, e fariam de nosso paiz um jardim cultivadissimo, o douto academico não duvidou elogiar este decreto absoluto, pelo qual o soberano se fez arbitro e commum distribuidor das terras de seu reino! Os principios porém, que no começo d'esta memoria estabelecemos não nos permittem deixar de censurar este parecer. Quantas encostas e extensos olivaes haveriam de ser tirados a seus donos nas cercanías de Coimbra, por isso que não curam de fazer no seu amanho as despezas, de que carecem, mas que, attenta a falta de producção e os onus que a opprimem, ficariam improductivas!

XI

De D. Sancho II não nos consta, que fizesse leis agrarias. Estendeu os limites de seu reino, e proseguiu com gloria até 1142 a guerra contra os mouros; mas depois

. . . tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado.
CAMÕES.

Os poucos documentos do reinado antecedente; as circumstancias internas e externas do Estado; o poderío do clero, e a altiveza ignorante e barbara dos senhores, são indicios mais que sobejos de que, em meio das discordias, desgovernos, e descuidos d'este reinado tormentoso, cresceria a oppressão dos lavradores, e o atrazo da cultura.

Bem differente de seu irmão foi o illustre Conde de Bolonha, depois D. Affonso III. O seu reinado, glorioso e afortunado, em que se concluiu a inteira restauração dos Algarves, e a guerra interna com os mouros, e não menos forte, illustrado e vigoroso, dá começo a uma nova epocha, que haveria de ser de real e continuada prosperidade, se não accrescessem, sôbre os outros embaraços do estado politico, e insufficiencia de luzes, as graves discordias intestinas, e até mesmo uma peste tão mortífera, que, dizem, levára um terço da população de toda a Hespanha.

As leis proximamente relativas á agricultura, que d'elle podemos recolher, são as seguintes:

1.° *Que nenhuũ Fidalgo ou Cavalleiro, nem outro de qualquer estado e condiçom, que seja, que de Nós terra tever, ou seus Moordomos, nõ pousem nas Igrejas, nem em suas casas, nem façam celeiros, nem adégas nos Moesteiros ou Igrejas, nem nos adros dellas, nem filhem hi pam, nem vinho do que ham d'aver as Igrejas ou Moesteiros contra voontade dos Abbades, e seus Clerigos ou Moordomos.*— Ord. Aff. liv. 2, tit. 19.

Não duvidamos de referir 'neste logar esta lei, apezar de ser o seu unico objecto guardar as terras do clero das extorsões dos seculares; porque, se aqui mesmo ellas se estendiam ousadamente, claro é que nem ao menos ahi a agricultura poderia fazer alguns progressos; quanto mais nas fazendas dos que não tivessem algum amparo!

2.° *Que posto que as Igrejas jaçam em terra Regueenga, nom sejam tributarias por ello a ElRei, salvo quando se per fôro, ou algum outro justo titulo mostrar, que o devam de seer.* — Cit. Ord. §. 1.

Reconfirmação de privilegio, que tirando das terras da Egreja, ajuntava novo pezo ás possessões dos seculares!

3.° *Que Fidalgo ou Cavalleiro, ou qualquer outro, que de Nós terra tever, nom ponha defesa em sua terra, per que faça hermar as terras das Igrejas e Moesteiros, ou leixem de seer por ello lavradas, e aproveitadas, e ainda que o fazer queiram, nom lhes seja consentido.*

4.° *Que os prelados nom agravem as Igrejas e Moesteiros, e homẽes dellas, nem lhes demandem mais daquello que d'antigamente levaarom, e com direito devam d'aver; e se doutra guisa o fazer quizerem, nõ o deve ElRey de consentir ataa veer sobre ello mandado do Santo Padre.* Ord. Aff. liv. 2, tit. 20.

Sempre o mesmo espirito, vigoroso e bemfazejo, que defende, umas vezes, as terras do clero contra o poderío dos senhores, e, outras, os lavradores das mesmas terras contra as extorsões dos prelados; mas sempre mais ou menos dominado pelas ideias e politica do seculo, que não quer deixar de reconhecer e acatar no Pontifice Romano poderes meramente temporaes, uma como suzerania acima dos proprios reis christãos.

Além d'estas leis Duarte Nunes de Leão, na chronica de D. Affonso III, menciona:— *Que ordenou muitas feiras pelos logares do reino com privilegios e franquezas e segurança para os que a ellas viessem*—; e dá a razão,— *para que as terras se enobrecessem, e fossem providas das cousas, de que eram mais faltas, e para que os homens tivessem commercio entre si, e com os reinos vizinhos.*[2]

É muito para sentir, que se não encontre no codigo affonsino a integra d'estas providencias, que em taes tempos, e em tal situação politica e economica não podiam deixar de confortar um pouco a industria e a agricultura portugueza; embora o mesmo rei, sempre dominado do espirito do tempo (e quem ha ahi d'um genio tão elevado que lhe possa resistir inteiramente?) pareça, em parte, frus-

[2] D. Nunes de Leão, Chron. de D. Affonso III, ed. de 1774. tom. I, pag. 273.

tral-as, defendendo a livre taxação dos preços no mercado: — *Poz preço* (diz o mesmo escriptor seguidamente) *ao ouro, prata, e outros metaes, ás mercadorias, mantimentos, e jornaes, e a todas mais cousas por o grande excesso, que havia nos preços dellas.*

Terrivel é por certo esta intervenção do legislador, quando a dirige o valimento, a ignorancia, ou a porfiada resistencia conservadora do que existe; e inutil, sôbre gravemente damnosa pelos receios de que é origem, ainda quando a taxa é confórme ao preço do mercado, se ha uma verdadeira concurrencia. Mas, quando a escacez de capitaes e o atrazo de industria, ou a prepotencia de poderosos se arroga um monopolio, que a marcha natural do trabalho e dos capitaes em demanda dos lucros superiores, não póde desfazer, é certo que, ainda mesmo hoje, e apezar de todos os progressos da sciencia, a economia politica applicada tolera algumas vezes uma prudente intervenção da auctoridade municipal na fixação dos preços dos generos de primeira necessidade.

Não condemnaremos pois o soberano, que, no seculo treze, entendêra, que devia, por bem dos consumidores, e augmento do commercio, taxar as mercadorias. Por ventura, que assim era mister, em opposição a abusos de escandaloso monopolio. Então não seria erro, o que depois fôra gravissima imprudencia decretar, ou deixar de revogar.

Fecharemos a historia da legislação agraria d'este reinado com uma lei, notavel em extremo; porque, determinada pelos mesmos errados principios, então geralmente admittidos, deu comêço a um systema viciosissimo, e por infelicidade instantemente por longos tempos, quasi até hoje, sustentado.

Dom Affonso pela graça de Deos Rey de Purtugal e Conde de Bellonha. A todolos Alquaides, Alvazis, e Commendadores, do meu Regno, que esta Carta virem, saude. Mandamos-vos sob pena dos corpos e dos averes, que nom sofrades, que nenhũ saque pam de nenhuã natura, nem farinha fóra do meu Regno per mar nem per terra. E fazede apregoar per nossas terras, que nehuum nom seja ousado de o sacar. E se polla ventura achardes alguem, que o sacar, mandamos-vos que vós filhedes esse pam, e quanto trouxer, como a descarreirado; e mando que o Alquaide, ou aquelle, que a terra tever, aja a terça parte de todo aquello, que hi filharem, e que o meu Almoxarife guarde pera mim a outra terça; e se hi meu Almoxarife nom ouver, mando, que os Juizes, ou os Alquaides da terra me guardem essa minha terça, e o acusador, que esse pam acusar, leve a outra terça. Dante em Lisboa treze dias de Julho. ElRei o mandou per sa Corte. Martim Pires a fez. Era de 1311 *annos.*[2]

Sôbre os grandes vexames, a que a prepotencia dos grandes, e as exempções dos mesmos, e do clero, os foraes, e a falta de communicações interiores, sujeitavam a agricultura, vedar ao lavrador, visinho do littoral do reino, vender aos estrangeiros os sobejos do seu pão, não sería aggravar a sua sorte, tirando-lhe toda a esperança d'augmentar a retribuição do seu trabalho? E quem, á vista d'esta lei, poderá acreditar, que, não obstante tantos e tão variados embaraços, assim mesmo a agricultura havia attingido a prosperidade, que alguns irreflectidamente lhe attribuem por estes tempos tão proximos ao reinado de D. Diniz?!

Eram, nem podiam deixar de o ser, pequenas e insufficientes as colheitas, e temia-se a fome a cada momento, prova irrecusavel de mui grande defficiencia da cultura em terreno tão productivo como o nosso. Deixar passar o sobejo d'uns districtos para os outros; retirar os embaraços, que da organisação politica nasciam; transcender, em uma palavra, com o pensamento e com as leis, além de cinco seculos; e por meio d'uma repentina revolução, que todavia nem mesmo 'neste prazo tem sido possivel perfazer-se, caminhar em uma hora esta distancia, eram certamente os unicos remedios de tamanho mal! Quem ousará criminar o medico, que os não pôde então applicar?

Adoptou-se como regra permanente uma lei, que sómente circumstancias temporarias poderiam justificar. Não permitte a razão e a justiça condemnar-se por ella D. Affonso III; mas approval-a, e querer, que continuasse a vigorar, seria uma cegueira grandemente reprehensivel.

Continúa. A. FORJAZ.

[2] Ord. Aff. L. 5, T. 48, § 1.

SCIENCIAS PHYSICAS E MATHEMATICAS

AGRICULTURA.

Continuado de pag. 34.

CONCLUSÃO

Lendo agora com animo assente e desassombrado os oito capitulos que ahi ficam longos, temos para nós de íntimo convencimento, que ha 'nelles, por muito pequena que ser possa, alguma coisa menos indigna, alguma indicação acolhivel no nosso paiz, algum descerrar olhos aos lavradores, algum tentame convidativo de capitaes. Defeitos, inda mal! tambem lhe não faltam, já sentidos por nós,

nem lhe faltarão esmerilhados por outrem. Vistavamos a ser claro e compendioso, e fomos obscuro e derramado talvez enfadonhamente. Ainda assim, não é o termos repisado uma ideia, desfiado um preceito ou escurecido uma razão, o havermos tocado aqui e acolá o mesmo principio ou reproduzido as mesmas palavras quasi, o que devéras nos magôa: são sim, e isso muito no vivo, as faltas commettidas, as lacunas muito principalmente.

Causas de muitas d'ellas, das mais, foram, sem dúvida, ou o atrazo dos nossos trabalhos agrarios, como, v. g., na omissão de esmar pelo meúdo as despezas de cada objecto, de cada práctica, ou o não serem tão estreitamente unidas com o nosso assumpto, como, por exemplo, o aproveitamento das aguas escorridas das gaivas, ou o exigirem-nos muitas estampas de instrumentos e apparelhos pouco faceis de fazer de salto; e das outras, das menos, ainda bem, ou de todo ponto nos illudimos, foram-no a nossa ignorancia ou o nosso descuido. Venia, e avizos e conselhos para estas, e instrucções e dados e espera de prazo para aquellas, obrigação é pedil-os 'neste momento. As segundas preenchel-as-hemos um dia com esmeros de attenção e diuturnidade de estudo, as primeiras com vizitar mais e melhor o nosso campo e cada uma das provincias, meditando-lhes os seus usos e os seus instrumentos, e a termos ensejo com uma outra memoria ácerca de irrigações.

'Neste tão importantissimo, quanto desprezadissimo, assumpto, relevem-se-nos aqui algumas poucas considerações ligadas com a gaivagem, e tanto mais quanto nos servem para pela raiz lançarmos em terra uma objecção infundada contra ella. Diz alguem sem nome, ou com o nome sómente inscripto no cathalogo dos ignorantes, que a gaivação é prejudicial, porque (attentemos bem no porque) as aguas da chuva, filtrando através do solo activo, dissolvem á camada vegetal as materias organicas e salinas e as levam para as gaivas. Isto, como já o devemos saber, não tem logar, ou somente o póde ter em diminutissima porção das substancias que os vegetaes não tomam para si; ao mesmo tempo que a passagem da chuva é optimo vehiculo para que a amonia, o azote, o acido carbonico, o nitrico e outros elementos banhem as raízes das plantas que avidamente os absorvem e assimilam. Não carecemos de repetir o sabido, nem de appellar para analyses chimicas das aguas esgotadas. Mas, dando de barato que assim fosse, e 'nisto está o nosso fito, essa agua que corre pelas gaivas póde e deve ser aproveitada, e então esse menos justo reparo d'isso mesmo de bom que póde levar, torna-se absolutamente irrito.

A agua é o sangue da terra, dizem os nossos lavradores, e dizem só verdade, só axioma. Se pois no nosso ardente clima, aonde tantas vezes no verão com angustiosas queixas da lavoura falta agua para regas, existindo stagnada no subsolo, ou inferiormente, podérmos pela gaivação obtel-a, a uberdade da nossa cultura tornar-se-ha irrivalisavel — porque agua e calor são os dois agentes maximos da vegetação.

E podêmos por certo. Um espaçoso tanque aberto na extrema das gaivas collectoras terá constantemente, ou quasi constantemente, a não serem longos dias de secura, a agua para irrigar os campos, dos quaes volverá de novo pelas gaivas a junctar-se 'nelle, e d'este de novo correrá sôbre aquelles, e assim successivamente. Se os campos d'onde a agua escorre são pouco elevados, um pequeno engenho a alteará ahi, e se muito, irá então regar o inferior, e esgotada d'este passará a outro e assim por diante. Para recolhida no tanque resarcir as boas qualidades que deixou no solo, lembrâmos o dissolver-lhe 'naquella conveniente quantidade de estrume liquido e arejal-a por meio d'uma, duas ou mais rodas seguidas, similhantes ás pequenas das azenhas, que a batam bem antes de ir regar, ou emfim por outro qualquer meio. Tudo isto era tão facil de fazer! e todavia bemaventurava tanto a nossa agricultura, que não se póde acabar de conceber o porque se não tenha já feito, quanto mais se não faça ainda!

Já dissemos que as gaivas na terra podiam comparar-se com as veias do corpo humano, mas completada assim a gaivagem com a irrigação, a similhança é sem controversia perfeitissima com a circulação nos animaes. A agua vivificada no tanque como o sangue no coração, iria como aquelle pelas arterias, derramando-se no solo, levar o alimento ás plantas pelas fendas da terra, e recolher-se-hia depois pelas gaivas ao tanque como aquelle pelas veias ao coração, para, recebendo ahi novos principios de vida, tornar a ir ministral-os á terra. Isto é manifesto.

Deixemos agora discorrer na materia a palavra vigorosa de Hervi Mangon. Diz elle: « As aguas das gaivas são geralmente muito boas para os usos domesticos, e alimentam em muitas localidades as fontes e as prêzas para beberem os gados, necessarias ao serviço de quintas importantes, e mesmo d'aldeias inteiras. A sua temperatura é quasi sempre bastante baixa, quando provém de gaivações profundas.

« A vegetação natural do fundo das gaivas collectoras, em geral vigorosissima, denota a boa qualidade das aguas, e o serem propriissimas para irrigação. Convém, todas as vezes que as localidades o permittirem, aproveitar esta indicação, e utilizar as aguas esgotadas para regar os sitios da quinta aos quaes possam chegar, quer naturalmente, quer por processos mechanicos.

« Alguns proprietarios utilizam, como força motriz, as aguas provenientes da gaivagem de

suas terras. Na propriedade de lord Halherton, por exemplo, no Stafordshire, todas as aguas das gaivas guiadas para o pateo põem em movimento uma roda hydraulica que toca uma machina de debulha, um segota-palha, uma serraria, etc. e correm depois por um canal de fraco declive para mais longe serem aproveitadas em irrigação.

« Esta combinação da gaivagem com a irrigação, maxime quando esta tem logar com aguas saturadas d'estrume liquido, constitue certamente em nossos dias o mais alto grau de perfeição da arte agricola, o mais perfeito meio d'assegurar a cada planta, 'num dado clima, a reunião, quanto possivel, completa das condições mais convenientes ao seu desinvolvimento e ao mais completo exito de seus productos.»

Ha ahi mais peregrino principio de fecundidade, mais copioso elemento de forças para soccorrer e descançar o braço do agricultor? ha-o porventura mais exuberante, mais transformavel em mil riquezas, mais dirigivel a mil fins? E deixal-o-hemos nós perder inutil? E ainda mais, continuaremos de mãos na ilharga a tolerar que as chuvas, correndo á superficie dos campos lhes roubem os estrumes e levem a terra vegetal mais fertil, para a irem depositar no fundo dos rios em bancos innavegaveis, ou nas fozes em cabedellos naufragos, ou emfim, para a esterilisarem no Oceano? Vergonha sôbre nós! Com a gaivagem em vasta extensão, as enxurradas violentas jámais desceriam no inverno a assoberbar com enchentes os ribeiros, ou assolar-lhes as pingues margens. As cheias nunca seriam tão altas nem tão funestas, porque as chuvas eram demoradas crivando-se, por assim dizer, através das terras. Dae-nos gaivados os campos marginaes do Tejo ou do Mondego, e os dos seus confluentes, e os campos de Coimbra e da Golegan jámais desvestirão a verdura fructifera para se affogarem em aguas pestilentes.

Que d'abundancias nos não proviriam pois da gaivagem, não se nos cança o braço de o escrever, a cabeça de o pensar, o coração de o anhellar!

Que os nossos lavradores a estudem bem e a conheçam, e a meditem e se lhe affeiçôem practicando-a nas suas terras, aconselhando-a aos seus vizinhos, creando uma justa e mil vezes louvavel emulação no seu concelho, e este em todo o districto, e este em todos os outros, e dentro de breves annos a nossa producção terreal dobrará, triplicará, subirá a um ponto d'abundancia, nem sequer desejado até aqui. Ponhamos os olhos em Inglaterra; vejàmos como modifica, como domina a aridez de suas circumstancias naturaes, cubrindo-se de verdura, pompeando fructos e enxameando-se de gados.

Todos dizem, todos clamam e conclamam, repetindo apenas uma verdade trivialissima, que o nosso chão da patria é o mais productivo possivel, que o nosso clima é quasi irrivalisavel, e que a agricultura deve portanto merecer toda nossa sollicitude, tomar-nos os braços, prender-nos os cuidados, e captivar-nos os capitaes e o estudo. Todos o dizem e o sabem; mas a palavra é pouco: necessita-se o exemplo; a semente lançada só á terra queima-se entre as urzes e nada produz ou vem mal medrada: — lá o dizem as paginas do livro da humanidade: a abundancia provirá das obras: aonde só houver muitas palavras, ahi será frequente a penuria: *In omni opera erit abundantia: ubi autem verba sunt plurima, ibi frequenter egestas.* (Prov. de Salom. c. 14, v. 23).

Felizmente, louvado Deus, já vamos tambem começando a produzir obras: convencidos como estamos de todas essas vantagens naturaes, e de que devemos ser mais agricultores do que fabricantes, a ideia nova já principia a receber o baptismo da applicação, e a ser escripta com o ferro da charrua na face da terra. Por ora pouquissimo, porque entre nós não ha precisamente agricultores, — ha lavradores e rotineiros; e ainda mais, porque os nossos proprietarios fogem ás provincias, e o lavrador abastado espera que a natureza lhe dê a abundante seára, sem que empregue braços no preparar das terras, no amanhal-as e corrigil-as, e estrumal-as, e lavral-as, e regal-as, e caval-as, e tantos e tantos outros esforços e trabalhos, que sollicitos e constantes pedem e exigem.

A gaivagem não será sómente um passo firme e progressivo, o primeiro e mais preponderante para a redempção da nossa agricultura, para a riqueza nacional, para a melhoria da nossa hygiene, será sôbre tudo o meio efficaz de terminar esse escandalo, o maior dos escandalos de Portugal — a escravatura branca, trazendo emprego abundantissimo para braços. O rustico prender-se-ha voluntario ao seu torrão natal, certo de que lhe compensará prodigamente os trabalhos. O refrão vulgar do Minho e do Douro

> Quem me dera ir ao Brasil,
> Quem me dera ir ao ganhaço;
> Tambem a patria é Brasil,
> Para quem não é madraço;

sería de verdade práctica em todas as provincias, mal que o governo com leis proprias, com fomentar a creação de bancos territoriaes, com destribuir ensino, fizesse realidade o que são verdades generosas e demonstradas.

Quem fez com que milhões de braços inglezes não fossem precipitados desentranhar ouro na California ao descobrir-se? Que maga os suspendeu d'irem gandaiar na Australia? Que novo mytho é esse que vence o da conquista do Velocino, e prende na patria os Jasões? Responda a adiantada agricultura ingleza,

a desencantar-se em fructos que são ouro, a desprender-se em gados que são perolas, a despojar-se em lans que são purpura, a derramar para todos os lados fartura, para todos os altos perfumes, por todos os campos searas, por todos os cabeços florestas, por todos os corações alegria, e oiro e sempre oiro por todas as mãos. A que iriam pois lavradores inglezes buscar fóra oiro? E não foram elles; foram commerciantes, foram artifices, foram vadios, foram pobres, mas não foram os filhos do campo. E no nosso paiz o que acontece senão rigorosamente o contrario? ficam os commerciantes, ficam os artifices, ficam os vadios, ficam os pobres e vão os filhos do campo colonizar, rotear, cultivar, e opulentar as plantações do Brasil, minando-se de doenças sob um clima abrasador, substituindo os escravos, ou confundindo-se com estes. O Brasil não quer hoje outros braços da mãe patria: commerciantes bastam-lhe os seus, artifices recebe-os de França, vadios e pobres não ha nação nenhuma que os deseje, e que á custa de sacrificios não anhellasse redimir-se dos creados no seu solo.

Dêmo-nos pois á agricultura como devemos, como a natureza do nosso solo, do nosso clima, e da nossa posição geografica reclamam, e a emigração cessará e seremos ricos. Não desprezemos por mais tempo a mais copiosa fonte de prosperidade nacional. De importadores de cereaes e de gados, metamorphoseemonos, que para tanto, que para muito mais é o nosso paiz, em exportadores constantes de cereaes de todas as castas, de gados de todas as especies, como já hoje de tempos a tempos o vamos sendo de bois.

Estudemos muito, e muito meditemos e muito practiquemos.

Aos nossos irmãos do Brasil, que para entre nós vêm gosar a suavidade do clima, e encontrar o descanço d'uma mocidade e virilidade trabalhosas, e aos que das nossas aldeias alli foram amontoar grossos capitaes, cabe-nos tambem aqui o lembrar-lhes quão valiosissima podia ser a sua ajuda, e ao mesmo passo quão certissimo um bom juro de suas immensas riquezas lhes proviria. Em logar de terem estanques nas burras, ou confiados com modico interesse a bancos estrangeiros os seus haveres, em vez de os empregarem, só para segurança, em obras pouco rendosas, ou de se verem na alternativa de negociarem firmas menos acreditadas no commercio, podiam soccorrer o campo, bemaventurar as suas proprias aldeias, recebendo com um farto lucro as bençãos de seus amigos e parentes, e o agradecimento de todos os camponezes. Desejam a segurança de seus capitaes? que melhor póde havel-a do que na terra? Cubiçam um largo juro? Quem maior o dá do que a cultura? Qual é o alqueire de semente que não dá cinco, dez, vinte alqueires de fructos, isto é, quinhentos mil, dous mil por cento?

Não os convidâmos a comprar propriedades, porque ahi a renda póde ser diminuta; convidamol-os a favorecer a agricultura, fundando bancos, estabelecendo companhias de gaivação, d'irrigação, d'abertura de poços artesianos, etc., etc.; e 'nestes auxilios á lavoura é evidentissimo o proveito. Não ha despeza d'amanho que exceda vinte por % do rendimento; quer dizer o rendimento nunca é menos de quatrocentos por cento do amanho d'uma terra. Pensem elles bem 'nisto os brasileiros, os capitalistas, os homens dinheirosos.

Mas mais do que elles, mais do que todos á uma, reflicta o governo, o parlamento, o ministro respectivo, no como lhes corre apertada, indeclinavel, rigorosissima a obrigação de velar, o mais esmeradamente possivel, assumpto de tamanho momento. Indaguem dos governadores civis, dos administradores, das camaras aldeanas, dos parochos mesmo, as necessidades locaes; que terras ha humidas, quaes as precisadas d'agua ou de correcção, qual a grandeza dos maninhos, e derramem a mãos prodigas (se 'nisto as póde haver) as medidas fomentadoras para converter tudo isso em prosperidade.

Attráia o governo, não com leis velhaqueadas, não com creações phantasticas, não com projectos inexequiveis, mas com sensatez e com sinceridade, as fortunas inertes d'esses negociantes retirados do trafico, d'esses brasileiros pecuniosos, e faça-as convergir para o solo sem lhe passarem pela mão. Faça-o, que nenhuma se recusará: — o commercio póde arruinar-se variando para outros paizes, para outros portos; as fabricas podem ermar por falta de consumidores ou por impossibilidade de materia prima; a patria póde ser conquistada e perder o nome; mas a terra fica sempre, e o lavrador ou morre na sua choupana, ou ahi continúa a lavrar o seu campo: as artes podem findar ao sôpro da moda, as industrias á voz do progresso, os mercados ás mãos da concurrencia; mas o alimento, o pão, ha de nascer sempre.

Relembre o governo o que deixámos apontado pelo decurso de todos os capitulos, principalmente a terceira parte do V, em que traçámos ao de leve os nefastos prejuizos sôbre a salubridade publica, e veja o que lhe urge tão peremptoriamente reclamado todos os dias pela imprensa periodica. Agora mesmo que estamos escrevendo estas linhas, temos debaixo dos olhos alguns n.os do *Nacional* e do *Ecco Popular*, do Porto, d'este mez, em que vem rijamente ferida uma questão ácerca de terrenos paludosos nas margens do rio Leça. As doenças pestíferas que alli grassam por todas as povoações vizinhas, originadas èm «campos aos quaes qualquer porção de chuva, ainda de verão, os torna alagadiços em um momento, e por isso não se podem cultivar» acordam clamores unísonos. Não queremos amontoar

aqui citações: temol-as por escusadas em materia sabida de todos. São queixas de todas as horas e de todas as partes do paiz, e apresentadas em todos os periodicos.

São pois motivos hygienicos, são economicos, são politicos, são tudo a reclamar, a obrigar a acção do governo. Melhorem a terra e peçam trabalho ao lavrador, carreguem-lhe o escote dos tributos, commettam-lhe os encargos parochiaes, e tudo isso prestará de boa vontade e até agradecido; mas melhorem primeiro a terra. A fabula d'Antheu é a parabola, é o dogma mais fecundo que nos legou a antiguidade.

Assombre-se o governo com o que vae nas nações cultas da Europa, d'esforços prodigiosos, e ainda mais com o nada que practicâmos em casa. Releia, do muitissimo que podiamos historiar, o pouco que deixamos memorado no cap. III. Recorde essa enormissima somma de milhões de cruzados postos ao alcance da lavoura. E ainda mais.... mas paremos aqui:— já basta de incriminar o nosso desleixo!

Tractemos antes de indicar meios aptos para maravilhoso remedio.

Além de todos os muitos já apontados, o primeiro dever, dever imperioso acima de quantos lembrem, é o de derramar já por todo paiz, gratuitamente, um livro de gaivagem, que a torne conhecidissima.

O segundo é o de incitar em alguns sitios a sua práctica por quaesquer modos, directos ou indirectos.

E o terceiro é o de promulgar leis proprias. — Não supplicamos impossiveis. Quanto ao primeiro ponto é o que fizeram todos os paizes; com a differença de não ser uma obra só, e todas gratuitamente.

Do segundo veja-se o que dissemos no supracitado capitulo, ou traga-se á memoria para exemplo a engenhosa maneira por que Franklin generalisou o emprego do gesso na agricultura americana.

Para vencer a incredulidade dos seus compatriotas, diz o sr. J. M. Grande, traçou ás portas de Washington, em grossas letras com o pó do gesso, e 'num campo de trevo, as seguintes palavras — *isto foi adubado com gesso.* — A acção estimulante d'este adubo fez sobresahir as letras designativas d'aquellas palavras, que ficaram traçadas em relevo por caules mais vigorosas e verdes. Este facto, observado por quantos entravam e sahiam as portas da cidade, foi mais convincente que todos os argumentos até então inutilmente produzidos — e o uso do gesso popularisou-se desde então nos Estados-Unidos. — É d'este modo com factos e não com theorias que se convencem os agricultores.

Em quanto ao terceiro a sua importancia é clarissima: sem leis é impossivel a harmonia social. Um conjuncto por tanto de leis reguladoras de gaivagem não é senão uma exigencia rasoavel e totalmente necessaria.

Antes de levantarmos mão d'este escripto, permittam-se-nos ainda algumas poucas linhas 'neste ponto da legislação.

Fallamos com o governo, com os homens de letras, com a nação; declarando a feitura d'um codigo agrario, a nossa primeira necessidade; e 'nesse uma secção dedicada á gaivagem. Este só feito, este commettimento antes d'imaginado siquer em paiz algum, seria uma verdadeira gloria nacional.

Pois ha de haver codigos para tudo, e não ha de haver um para o primeiro interesse humanitario, para a agricultura! Codigos politicos, codigos civis, codigos criminaes, administrativos, do processo, e até da viação, da caça, e mais vinte e mais trinta hão de tel-os com a França todas as nações, e nem uma um codigo agrario?!

Pois o *Code Rural* francez, essa meia duzia de decretos e leis sem nexo entre si, esses cento e cincoenta artigos a tractar os minimos pontos d'agricultura, deverá nomear-se um codigo? Pois o *Code Forestier*, que não é, que não póde ser senão um capitulo, uma pequena parte do grande codigo agrario, preencherá devidamente o fim? E, todavia, (pasme-se da grave incoherencia) nós que hoje se póde dizer não temos florestas, temos ahi pensionado, ha nem sabemos quantos muitos annos, um ou dois naturalistas para a feitura d'um codigo florestal! Ha ahi mais inveterado devaneio? porque a França tem um Codigo florestal, tenhâmol-o nós tambem! e feito por naturalistas! — Estamos condemnados a andar (soffra-se-nos a dureza da phraze) á arreata das mais nações! — Até aqui tudo foi entre nós, e ás cegas, o Direito Romano, o direito d'uma nação toda guerreira, eivada dos mais repulsantes preconceitos d'escravidão, e de cem outros que só os myopes não vêem transpecer em quasi todas as páginas das collecções justinianeas: — agora tudo é o direito francez, e nada mais senão o direito francez!

Pois bem! sem despresarmos os esforços d'outros, sem desmerecermos o trabalho de ninguem, mas antes concitando muitos, instigando todos, aqui contrahimos perante o paiz uma solemne promessa, da qual sómente a falta de saude ou a de tempo nos podem desonerar: — é a de nos votarmos á feitura d'um codigo agrario. Jurista e agronomo (se com bom ou mau fundamento dil-o-ha melhor o paiz do que o dizem os nossos attestados universitarios) cremo'-nos um poucachinho habilitado para tomarmos os principios legislativos esparsos no *Corpus Juris Civilis*, nos codigos modernos, na legislação ingleza, e nas nossas leis, e fazermos, em face das necessidades actuaes, alguma coisa de menos pessimo 'neste vastissimo assumpto.

Entre outros objectos buscaremos tractar em secções especiaes os seguintes:

a) Propriedade agraria,....

b) Agricultores, lavradores, pastores, ...
c) Rendeiros, feitores, caseiros, ...
d) Comicios agrarios, ...
e) Conselhos agrarios, ...
f) Quintas exemplares, ...
g) Expropriações, ...
h) Limites, marcos, arvores nas extremas, divisão de ilhas nascidas nos rios e ribeiros, accessorios, ...
i) Correcções, ...
j) Aguas, ...
k) Gaivação, ...
l) Irrigação, ...
m) Cultura, colheitas, ...
n) Pastagens, ...
o) Gados, animaes de serviço, ...
p) Animaes de renda, bichos da seda, abelhas, ...
q) Florestas, soutos, tapadas, ...
r) Habitações ruraes, abegoarias, alpendres, tulhas, ...
s) Maninhos, logradoiros communs, ...
t) Piscicultura, ...
u) Pesca nos rios, ...
v) Servidões, ...
x) Bancos territoriaes, ...
y) Policia rural, ...
z) Seguros, contra inundações, fogos, accidentes de raios, ...

Tal é a nossa tentativa: — o valor d'ella deixâmos até aos invejosos, aos zoilos, e aos indifferentes aprecial-o. Conselhos e alvitres, supplicâmol-os de todos quantos têm a peito coisas verdadeiramente uteis a Portugal. — Será arrojo nosso, será; mas temos do íntimo por divisa «querer é poder.» — Haja, pois, uma vontade tenaz e uma vida de estudo!

Vamos cerrar o discurso. Temos sido longo em demasia. Talvez. Mas é que não ha forças para nos demoverem de dizer e redizer que a agricultura é o nosso unico recurso, e que se Portugal quizer ser próspero, e ainda podêr competir com estranhos, entrando na grande communhão europêa, só pela agricultura o póde conseguir. Não nas ha. — A industria jámais se elevará desafogada entre nós. Faltam-nos muitas das condições imprescriptiveis para esta, em quanto que as geologicas e climatologicas para aquella são todas em nosso prol.

Votemo-nos pois á agricultura orgulhando-nos com o seu desinvolvimento.

Finalmente lembram-nos, terminando, uns versos do mais delicado poeta lavrador, filho das Highlands d'Escossia, os quaes não resistimos a escrever:

Wi' plenty o' sic trees, I trow
The warl' would live in peace, man;
The sword would help to mak' a plough,
The din o' war wad cease, man.

que traduziremos pallidamente por

D'arvores taes com bosques abundados
Creio que o mundo em paz viver podia,
Homem;
A espada talharia então arados,
Da guerra a brava lida cessaria,
Homem.

Ou remataremos ainda melhor com outros que Barral cita d'um poeta bretão

Abarz ma vézô fin ar léd,
Fallá donar ar gwellâ éd.

Antes que o fim do mundo se apresente,
Dará o peor chão trigo excellente.
A. A.

DA VEGETAÇÃO NOS PANTANOS

I

A hygiene caminha, e hoje já não basta só o livro a registrar-lhe os progressos. D'esse affanoso lidar, em que andam empenhadas as mais válidas e robustas intelligencias, surgem a cada momento prestimosos trabalhos, e o jornal, annunciando todos os dias a boa nova da sciencia, archiva as suadas tarefas dos novos apostolos da civilisação.

Tem a hygiene fóros de sciencia antiquissima, mas as descobertas e theorias modernas, entalharam-lhe feições tão novas e variadas, que quasi custa a reconhecer 'nella a predilecta do velho de Cós. Os obreiros do progresso, arroteando o campo da observação e da experiencia, viram-no germinar optima messe, e fructear abundantes fructos. A nós cabe-nos colhel-os, e repartil-os, para que todos gostem, e apreciem, as excellentes primicias de tão laboriosas fadigas.

D'entre os numerosos e variadissimos assumptos, que são do dominio da hygiene, nenhum talvez haja, que com mais justiça deva attrair sympathias, e concentrar meditações, que o estudo dos pantanos. E em verdade não ha pregão, por mais alto que söe, que seja demazia a aquilatar-lhe o valor. Demonstram-lhe a utilidade mil considerações palpabilissimas, avultam-lhe a transcendencia mui vantajosos resultados, abrem-lhe convidativo thema a largueza do assumpto, e a variedade do objecto.

E com produzir incalculaveis vantagens, resolvendo difficeis problemas, o estudo d'esta parte da hydrologia tem ahi corrido tão falho e descurado, que apenas se lhe tem esboçado os rudimentos. Não assim em paizes estranhos. Alli estudam-se e analysam-se os pantanos, perquirem-se-lhe as causas, avultam-se-lhe os inconvenientes, e combatem-se-lhe os effeitos. E já que de fóra nos vem doutrina e exemplos, tomemol-os mui a peito, que já é tempo de acabarmos com esta incuria e desamor, que os estrangeiros, por mais d'uma vez, nos tem lançado em rosto.

A desculpa de que Portugal é um paiz pouco pantanoso, além de futil é inexactissima. 'Num

livro que ahi anda já nas mãos de muitos, e que os cultores das sciencias e boas letras saudam com os gabos e elogios d'uma valiosissima obra, na *Medicina Administrativa e Legislativa* do sr. Dr. Macedo Pinto, e no artigo Geographia dos pantanos traçou o distincto professor da Universidade algumas páginas, que provam exuberantemente a veracidade da asserção que aventâmos.

Diz-se, e nós cremol-o, que ha versos que valem poemas; na obra do sr. Dr. Macedo Pinto, o capítulo da *Hodrologia* só por si vale um livro. Mas dos artigos, que a compõe, poucos nos agradam tanto, como os que dizem respeito aos pantanos. Ha alli tanto que aprender e meditar, tão farta cópia de novidades e boa doutrina, que de certo lhes não encarecemos o elogio, apontando-os como trabalho primoroso, e mui digno de se ter sempre deante dos olhos.

O leitor, de certo, nos não tomará a mal o não estamparmos aqui essas tão preciosas laudas; na obra, cuja maxima parte já sahio dos prélos, melhor poderá avaliar a profundeza e mestria, com que o illustre lente de Hygiene e Medicina Legal escreveu estes e muitos outros artigos.

II

Ha assumptos de si mesmo tão ferteis e substanciosos, que o mesmo é apontal-os, que evidenciar-lhes prestimos e fazer-lhes provas.

Por tal se nos antolha o estudo dos pantanos.

São estes origem fecunda de gravissimos males. Flor, que lhe desabrochou nas margens, cerrou-se e emmurcheceu; arvore, que lhe estendeu os braços, perdeu o viço e enfezou; animal, que alli fartou a sêde, levou comsigo o germen da destruição; homem, que lhe sorveu as exhalações, enfêrmou de perigosa molestia.

E como é que, nos logares alagados de pantanos, a flor viceja e ri, a arvore enflorece e fructifica, o animal afoga a sêde em agua crystallina e pura, e o homem folga, e passa incolume sem temer o miasma? Perguntai-o á hygiene, e ella vos ensinará mui facil meio. Cobri de vegetaes essa agua estagnada, semeae nos pantanos o girasol, o lupulo, as confervas, as lentilhas d'agua, e outras plantas aquaticas, rodeai-os de chopos, salgueiros, platanos, freixos, etc., e a metamorphose será completa.

Mas se anhelaes colhêr decididas vantagens preferi aquellas cujas folhas descansam, e como que boiam á flor da agua. Largo tapete de verdura se desenrola então por sôbre o pantano, recorta-lhe a superficie vistoso estendal de variegados matizes, e a planta, que ha pouco definhava perto, cresce e vive agora pelo maravilhoso poder da vegetação.

A hygiene operou um milagre.

Similhante á vara mysteriosa de Moyses, que fazia jorrar agua dos rochedos, ella ordena aos pantanos que produzam, e a vida surge e pullula do seio da morte.

A causa d'esta maravilhosa transformação explicam-na alguns hygienistas pela propriedade, que tem aquelles e outros vegetaes, de absorverem os miasmas putridos. Ainda ha bem pouco tempo que um jornal de hygiene, e hespanhol — *El Monitor de la Salud* — esposava esta ideia 'num bem elaborado artigo, em que pregoava a excellencia de certos vegetaes para combater os perniciosos influxos da infecção paludosa. Depois de pedir que se ensaiem as plantações de vegetaes dotados da propriedade de absorver as exhalações miasmaticas, diz assim no bello idioma de Cervantes: « *hay, en efecto, plantas que gozan de una rara facultad de absorcion, y, entre ellas algunas cuya vigorosa vegetacion se desarrola precisamentc en la epoca en que mas se descomponen y pudren las yerbas pantanosas, y que, por conseguinte, puede servir como medida de accion, en el momento del peligro.*

É engenhosa a explicação, mas não nos parece evidente.

No livro do sr. Dr. Macedo Pinto, de que já fizemos honrosa menção, appresentou o digno professor de medicina, nova e mui philosophica interpretação d'aquelle phenomeno.

Demonstra-se ha muito em physiologia vegetal, que as partes verdes das plantas, em presença da luz solar, decompõe o acido carbonico da atmosphera, fixando o carbonio e exhalando o oxygenio.

Attentando 'neste phenomeno, e soccorrendo-se ás observações de Morren, confirmadas por Liebig, em que se provava que as aguas estagnadas, cobertas de vegetaes ou animaes, quer verdes quer vermelhos, adquirem um grau de oxygenação que pode subir a 61 por °/₀ do ar que se encontra dissolvido na agua; soltando-se tambem d'esses pantanos oxygenio para a atmosphera: e tomando na devida conta os trabalhos de Léwy, que mostram que o oxygenio se eleva a 23,67 por °/₀ na atmosphera dos pantanos salgados, cobertos de vegetaes e animalculos, o erudito auctor da Medicina Administrativa e Legislativa escreveu, a pag. 357 d'esta apreciavel obra, as seguintes mui pensadas linhas: « das observações referidas deve pois concluir-se, que taes pantanos não são nocivos á saude, antes evolvendo oxygenio concorrem para purificar o ar. Por quanto o excesso d'este gaz no estado nascente oxyda rapidamente os elementos da materia organica formando corpos estaveis, e em taes circumstancias não podem evolver-se, nem gazes deletereos, nem productos fetidos.

Eis a explicação do illustre professor da Universidade. Tam clara, que não ha mister esclarecer-se-lhe o contheudo em minuciosa analyse; e tão simples, que bastam os princípios mais triviaes da chimica para a compre-

hender: leva sôbre a outra decidida vantagem. E, com effeito, que quer dizer essa propriedade electiva de certos vegetaes para a absorpção dos miasmas? Como proval-a? Pelos factos apresentados pelos hygienistas? A crítica menos severa repelle-os 'neste caso, e não ha convicção por mais credula que seja, que os acceite para tal fim. Restava além d'isso assignalar a lei d'esta nova *attracção*, e não sabemos que alguem o tentasse. E quando principios certos, e desde muito assentados, nos explicam satisfactoriamente um phenomeno qualquer, temos sempre viva repugnancia em admittir propriedades novas, que fujam a uma demonstração rigorosa e evidente.

É por isso que, repellindo a explicação até hoje admittida, perfilhâmos a theoria do sr. Dr. Macedo Pinto.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

VENTURA

O sol na marcha luminosa voa,
Lançando á terra magestoso olhar;
Passa cantando quem o ar povôa;
A praia abraça venturoso o mar:

No bosque o vento doce canto entôa;
Ouvem-se em côro as multidões cantar...
Que a um só triste o coração lhe dôa,
Que eu seja o unico a poder chorar!

Por ti, saudade! de quem vae tão perto
E a quem dos olhos e das mãos perdi,
'Neste tão ermo, lugubre deserto!

Por ti, ventura! que uma vez senti!
Por ti, que ás vezes a meu peito aperto...
E o peito aperto sem te ver a ti.

J. DE DEUS.

CARTAS DO EMINENTISSIMO CARDEAL SARAIVA, D. FR. FRANCISCO DE S. LUIZ

VI

Ill.^mo Sr.—Meu presadissimo amigo. Ainda hoje não sei se poderei dar inteira conta de mim; mas tenho presentes duas cartas de v. s.ª uma de 2 de setembro, e outra de 11 do corrente, e não devo demorar mais a minha resposta, embora ella vá ainda incompleta.

Recebi pela cautela, que v. s.ª me enviou, as suas preciosas obrinhas, que muito agradeço pela parte que me toca. Os exemplares que vinham para a Academia, não podiam já então ser entregues por estar a Academia em ferias. Foram porém por mim apresentadas, e da parte de v. s.ª offerecidas na primeira sessão d'este novembro: foi apreciada a offerta, como devia ser, e a Academia encarregou o secretario de dar a v. s.ª o agradecimento official, sem prejuizo das expressões que eu me encarreguei de dirigir a v. s.ª como seu amigo. Não sei ainda se o secretario cumpriria já aquelle dever; mas presumo que não se esquecerá d'elle, apezar da numerosa correspondencia que se vê obrigado a sustentar.

O Sr. Filippe Ferreira gostou muito com especialidade da *Descripção do* .... Como elle me mostrou desejo de mandar ao sr. Silvestre Pinheiro os compendios de.... que cá se tinham publicado, eu lh'os mandei todos tres, o de v. s.ª e os dos srs..... e já vão em caminho, e elle os terá visto, quando lá chegarem os exemplares, que v. s.ª lhe quer mandar, ou já mandou.

Elle (sr. Silv. Pinh.) tem tambem na imprensa em Paris um *compendio* da mesma sciencia, que deve fazer parte dos compendios que elle se tem resolvido publicar para os estudos elementares.

Eu estimo bem que v. s.ª lhe dirigisse directamente uma carta sua. É um *sabio portuguez*, que desempenha completamente este nome, e que não tem sido apreciado como eu julgo que o devia ser, não só pelas suas luzes scientificas (a que abalizados estrangeiros tem feito justiça), mas tambem pela sua nunca desmentida moralidade e ardente amor da patria. Tenho verdadeira pena de que idade e molestia o vão gastando, e que a iniquidade dos homens lhe tenha faltado até com o necessario (devido) á vida.

O sr. Filippe, que tambem está apaixonado por v. s.ª, me encarregou de dirigir-lhe a inclusa carta, mui penhorado da que v. s.ª teve a bondade e civilidade de escrever-lhe. Este é aqui o *commissario* do sr. Silvestre Pinheiro, seu intimo e digno amigo, e por elle temos caminho seguro para qualquer correspondencia com Pariz, *gratuita*.

Cuida v. s.ª que sou eu o que lhe faço contrahir estas relações. Engana-se: é o seu merecimento, que lhas vae grangeando, e ha de sempre grangear; e eu, em quanto for vivo, não terei senão o gosto de ver que o merecimento verdadeiro ainda tem estimadores e admiradores, contando-me eu tambem 'neste

numero, posto que em ordem muito inferior á dos dous que deixo nomeados.

Estou já impaciente por ver a memoria que v. s.ª me annuncia *sôbre*.... O objecto é bem escolhido e interessantissimo. Pouco ou nada poderei eu (pobre theologo!) dizer a respeito d'elle; mas posso segurar a v. s.ª (o mesmo que a similhante respeito dizia ha tempos ao sr. Silvestre Pinheiro) que hei de fazer todo o possivel por achar-lhe algum defeito, e hei de ser inexoravel se o achar; porque quero mostrar 'nisto a minha sinceridade, ainda que de mistura com ella mostre tambem a minha ignorancia.

Cabe aqui dizer a v. s.ª, que me não esqueço do que lhe prometti a respeito da descripção do....; mas que a minha doença, que em tudo me atrazou muito, e as muitas cousas que todos os dias me recrescem, me não tem permittido pôr em escripto os meus reparos; mas estão marcados com pontos de lapis nas margens, e hei de fazer por não demoral-os muito. — São cousas nimiamente miudas, e que só servem de desempenhar aquella minha promessa.

Faça-me v. s.ª o obsequio de recommendar-me com agradecidas memorias a toda a sua respeitavel familia, e a justiça de acreditar quanto e quam sinceramente sou — De v. s.ª m.to am.º e obrg.mo c. — *Bispo Conde D. F.*

16 de novembro de 1829.

Assi como a voz mettida pelo estreito cano da trombeta sae mais sonora e sôa mais ao lonje, que a que, em saindo da bôcca, entra logo no ar aberto; assi a vida mettida em grandes angustias e trabalhos, guarnecida de soffrimento, e animo invencivel, alcança maior nome e estende mais sua fama, que a que se passa em alegrias e prosperidades do mundo.

FR. HEITOR PINTO.

A idade tenra quer ser mettida na conserva das occupações da virtude, pera se não corromper com o ar dos maus costumes, porque d'outra maneira criam-se 'nella umas barejas de meninices, que per tempo vem a ser bichos peçonhentos de grandes vicios.

O MESMO.

Nunca tem vazia a mão de beneficio quem tem o cofre do coração chêo d'amor.

O MESMO.

UMA REPARAÇÃO

No Diccionario bibliographico do sr. Innocencio Francisco da Silva, tom. 1, pag. 175, debaixo do nome de — *Fr. Antonio José da Rocha, dominicano, doutor e lente de Theologia na Universidade de Coimbra,* — lêem-se apenas algumas, mui poucas e mui frias, palavras, como de homem desconhecido, que não merecêra entrar alli senão por ter publicada um sermão, por ventura, como tantos outros, vindo a lume para morrer na nascença, pelo profundo esquecimento, que só merece a mediocridade.

E todavia aquelle nome era sobremodo illustre! A quem ouviu muitas vezes ao grande orador sagrado pronunciar, com lingua de prata, as mais eloquentes palavras; a quem lhe foi testimunha da admiravel alliança, com que, no pulpito, os pensamentos, os sons da voz, e os modos expressivos, delicados, appropriados e cortezãos, tudo 'nelle se casava na mais natural, e arrebatadora harmonia; aquelle nome recorda lembranças as mais gratas!

Era, em seu tempo, o — *Rochinha* — a flor dos oradores de Coimbra, não na austeridade da missão, mas nas graças e adornos do panegyrico; corria a ouvil-o para toda a parte a mocidade academica, sempre enthusiasta do bello, e apreciadora do bom; e os velhos, lembrados dos grandes oradores benedictinos, que, no primeiro quartel do seculo, haviam abrilhantado a cadeira da verdade, reconheciam de bom grado, no sôbre todos agradavel dominico, um gosto especial, uma eloquencia toda sua, captivadora dos corações.

Mas não era só no pulpito, e na cadeira magistral, que o — *Rochinha* — se distinguia pela excellencia de seus dotes singulares; não o era menos na intimidade da convivencia. Quem hoje atravessar a rua de Sancta Sophia, observará, do lado do rio, juncto aos casarões, que foram collegio de Sancto Thomaz, um pouco d'arvoredo, e mostras de terreno ajardinado. Ahi, repartindo com as flores o culto que votára ás lettras, reunia frequentemente o amavel dominico seus muitos amigos; os quaes gozavam, por elle e com elle, a frescura do sitio, e mais que tudo a doce suavidade da conversação do philosopho.

Poucas vezes, e em edade muito môça, entrámos, em companhia de superiores, 'naquelle recinto consagrado á amizade. Assistimos porém, muitas mais, aos sermões do orador predilectissimo da juventude, de que faziamos parte. Grande número dos mais proximos a elle, que melhor podiam testimunhar a verdade de nossos assértos, já desceram á sepultura; restam porém ainda alguns; e pelo menos as impressões dos que, 'naquelle tempo, eram, como nós, dos mais novos, cremos que são conformes com as nossas a seu respeito.

O facundo orador, o professor eximio, o homem bom, o philosopho christão, era apodado, pelos intolerantes, de seguidor d'ideias novas. Vieram os tempos calamitosos, foi victima d'elles. A rede expurgatoria arrastou o orador e professor insigne. Morreu na desgraça, esquecido não, mas retirado, e talvez po-

bre. Sua escolhida bibliotheca, em harmonia com as suas ideias, e até com a sua eloquencia, vimol-a nós, em o naufragio das outras dos conventos, seguir a mesma sorte. Ignoramos onde pára; talvez jazendo no pó do inqualificavel depósito geral, pasto dos vermes!

Devia de possuir manuscriptos proprios, pelo menos os originaes de seus sermões, a mór parte ineditos; aonde existem.....?

Não ha muito tempo que nos veio á mão uma memoria, ou ensaio d'elogio, escripto por mão d'amigo apaixonado, que convivêra com elle por mais d'onze annos. Infelizmente contém pouco, deixa immenso que desejar; e mais ainda, carece de grandes retoques, e talvez profundos córtes; o auctor descêra á sepultura; não podia, qual se acha, saír á luz do dia. Ha ahi comtudo alguns trechos, que é de razão aproveitar, porque confirmam, e esclarecem o que deixamos dicto.

Refere, — que nascêra em Lisboa, de familia honesta e pouco abastada, no anno de 1767; que aos dezeseis annos, em 1783, professára na ordem de S. Domingos; estudára em Lisboa as humanidades; e viera d'ahi para o collegio de S. Thomaz, da mesma religião, em Coimbra, a fim de seguir a Universidade aonde obteve, depois de muitos triumphos litterarios, o grau de doutor, e em 1805 o professorado. Cheio de desgostos passou os ultimos dias 'numa pequena quinta junto ao logar do Senhor dos Afflictos, na estrada de Lisboa, d'onde regressou, enfermo, ao collegio de S. Thomaz, e ahi morreu aos 21 de setembro de 1831. Cultivava todos os generos de litteratura, e era não menos curioso das sciencias naturaes. « Deixou alguns fragmentos sôbre Botanica, Agricultura e Astronomia.

« Sôbre tão grave objecto, como é a oratoria sagrada, (proprias palavras do elogio), Rocha principiou bem cedo a fixar a sua attenção, e a exercer o ministerio sancto. Rico de todos os auxilios da grande arte, colhidos com bom gosto, estremava-se ahi por seu genio elevado, juizo solido, imaginação fertil, correctas pinturas da natureza e do coração humano, e emfim por suas doutrinas philosophicas de san moral, com as quaes deu nova face ao nosso pulpito. Sua linguagem era clara e cingida ao caracter; seu estylo, fluido e desaffectado, recendia um certo perfume e grandeza oriental que a nossa lingua tem do arabigo, e certa elegancia poetica, que imprime fôrça na expressão. Seus quadros eram abastados de movimento pela belleza das metaphoras, viveza das descripções, e um toque de côres brilhantes e macias. Sua eloquencia era sustentada pela voz, e por maneiras francas e expressivas, e corria da sua bôca a persuadir o espirito, e a mover o coração. »

Mais adiante o amigo saudosissimo descreve o pessoal do sujeito. Cremos que não exagera:

« Tinha Rocha uma expressão de rosto sympathica, uma d'aquellas physionomias que pertencem exclusivamente á virtude e ao genio; interprete fiel dos seus sentimentos e das suas ideias, expressão da alma, que a todos convidava a amal-o; serena como a paz do seu coração; olhos animados e vivos, como o seu espirito. A sua sensibilidade era grande, o temperamento irascivel, parecendo que a natureza o quizera favorecer em seus destinos, dando-lhe calor á amisade, excitação ao patriotismo, um caracter profundo e grande ás suas obras. Revestia-o um ar da discrição, conducente a ganhar a confiança, que inspiravam suas tão affaveis maneiras d'involta com este dom de agradar, esta graça e elegancia da urbanidade que a todos conquista; qualidades estimaveis, que nem sempre acompanham aos grandes homens... Não se antepondo a pessoa alguma; não se prevalecendo de suas luzes, e *jamais disputando*, com obsequio o recebiam todas as sociedades. Probo, e amigo dos homens, nada anhelava tanto como a paz, a boa ordem a harmonia social, que muito se empenhava em jámais romper. »

'Noutro logar accrescenta: — « Homem sem artificios, revestido de todas as virtudes sociaes, trilhou sempre, na sua vida pública, as vias mais honrosas; evitou em todos os lances a ambição, especialmente, dizia elle, — *por ser uma d'aquellas paixões, que põem nossa felicidade nas mãos d'outrem;* e a inveja, que tanto atormenta os homens, nunca teve accesso ao seu coração. POUCO E EM PAZ — era a sua maxima predilecta. »

É infelizmente tão escassa de noticias esta memoria, que nem ainda nos informa das principaes orações, que deram tanta nomeada, e attraíram tamanho sequito d'admiradores a Fr. Antonio José da Rocha. Deprehende-se que, em 1823, entregára ao fogo, 'num lance d'angustia, alguns de seus escriptos, especialmente um — « cuja publicação desejava se fizesse sómente depois de sua morte, para descobrir a verdade, quando, livre das opiniões humanas, fóra de toda a suspeita d'interesse, não podesse já lisongear nem o poderoso, nem o litterato. »

Vê-se ahi egualmente que o religioso patriota, participando da repugnancia tão natural nos portuguezes para com o governo de Inglaterra, a cuja quasi colonia eramos reduzidos antes de 1820, escrevêra um — *Ensaio politico dos crimes da Inglaterra para com Portugal,* que não consta haver sido impresso.

Na sua elevada intelligencia, maduro juizo, e natural doçura e moderação, era impossivel que não presentisse os maus resultados dos excessos politicos, condemnando-os como origem de grandes calamidades. Queria, e queria bem, avançar de vagar, compassadamente, para não retroceder.

Por isso o auctor da memoria refere, que, quando, depois de 1821, vira o ponto a que

tinham subido as cousas do Estado, e o extremo dos principios adoptados na constituição, dissera, contristado: — Começou-se a obra por onde se devêra acabar;... desgraçadamente não poderá sustentar-se em um paiz ainda tão verde! »

Talvez que este desconsolo, seguido a tantas e tão gratas esperanças de melhoramento politico e justa liberdade, inteiramente mallogradas; um certo profundo receio das possiveis consequencias das exagerações, que presenciava; a memoria, e o horror dos pavorosos dias de França, de sangue e anarchia, e logo de despotismo militar; talvez que este conjuncto de circumstancias, actuando sôbre uma alma terna e sensivel, e um genio dôce e ameno, determinasse, em 1823, o contexto d'uma de suas orações impressas; a qual não harmonisa com a ideia que se fazia de suas crenças politicas, e que lhe moveu a desgraça dos ultimos dias de sua vida.

Qualquer que seja o juizo que se fórme ácêrca dos pensamentos d'esta composição de Fr. Antonio José da Rocha, cremos que nenhum imparcial apreciador das verdadeiras bellezas oratorias, deixará, apezar d'isso, de a ter em muita conta.

Representa-se-nos estar ainda ouvindo, 'naquella doce voz, clara, distincta, harmoniosa, e sempre natural, o brilhante exordio:

« Exultar de jubilo nas venturas do Estado, « e vir por ellas render no templo graças ao « Altissimo, é uma acção bem digna do ho- « mem, ainda mais digna do christão, e dignis- « sima do cidadão portuguez. Eu nada vejo « tão heroico e sublime, como unir em laço « estreito sentimentos religiosos com affeições « patrioticas. Zêlo pelo esplendor da amada « terra do nosso nascimento; zêlo pela gloria « do grande Ente, nosso moderador; 'numa « palavra, Religião e Patriotismo são as molas « reaes da sociedade, pólos da virtude, fontes « d'elevação e de grandeza. Embora o cida- « dão apathico, o egoista insensivel, veja de « sangue frio, e olhos enxutos, sobrevirem á « nação exaltadas fortunas; sua alma de gêlo « é incapaz de sensações nobres. Mas aquelle « que for bem nascido, e bem formado; o peito « sensivel, aonde influirem principios gene- « rosos, e dominarem propensões finas e deli- « cadas; este, ao lisongeiro aspecto da felici- « dade pública, sentirá effusões d'alegria, la- « grimas ternas, doces palpitações, votos ao « céu, louvores ao Altissimo; eis aqui as bel- « las consequencias do seu alvoroço, etc.»

Menos difficil era a tarefa do orador sagrado, chamado a fazer o panegyrico d'um dos mais illustres e reverenciados prelados da Egreja lusitana; a quem um longissimo episcopado, reunido com o governo da Universidade, e sôbretudo com a gloria de ter sido um de seus reformadores, em tempo do Marquez de Pombal, haviam feito digno objecto de geral veneração, que se traduziu no modo, por que todos, grandes e pequenos, o appellidavam — o *Senhor Bispo*.

A mocidade academica, então mais estreitamente unida em pensamentos, apparecendo sempre em corpo a participar umas vezes da pública alegria, e outras de lucto geral, determinára fazer celebrar umas pomposas exequias ao seu finado, e preclarissimo chefe; e o magestoso templo da Sé nova nunca revestiu tamanhas mostras de dôr, tão significativos emblemas de respeito e de saudade!

> — Feliz quem promove a sabedoria; terá em premio já uma longa existencia, já fortuna e gloria; a sua vida será um composto de feitos singulares. Proverb. III, 13.

« Eu não posso, Senhores (assim começa a notavel oração, proferida 'nesta solemnidade pelo Dr. Fr. Antonio J. da Rocha) offere- « cer-vos uma ideia mais propria do grande « objecto, que hoje occupa os nossos animos, « do que tomando na minha bôca as expres- « sões do antigo Salomão. Este homem, su- « perior em luzes a todos os homens, pinta o « quadro do varão egregio, que, por serviços, « por talentos, se abalisa em sciencia. Começa « por abençoar o seu destino, não duvidando « chamar, á bôca cheia, venturoso aquelle ho- « mem, que acha e derrama o thesouro da sa- « bedoria. *Beatus homo qui invenit sapientiam.* « E como a sabedoria é a mais formosa planta « que vegeta em o nosso globo, os seus fru- « ctos são tambem os mais bellos e admiraveis. « Que bens ha no mundo de superior estima? « É uma existencia prolongada, é opulencia « e creditos, é emfim uma vida gloriosa e justa. « Pois tudo isto o céu accumula sôbre o heroe « sabio. Dá-lhe uma edade provecta, vene- « randa como a dos patriarchas, — *longitudo « dierum in dextra ejus.* Dá-lhe fama, poder « e riquezas, como áquelle que melhor saberá « usar de bens tão melindrosos,— *in sinistra « illius divitiae et gloriae.* Faz por fim que a « sua vida seja um como painel vistoso d'ac- « ções egregias, — *viae ejus viae pulchrae.* As- « sim falou o maior genio do Oriente, e com « estas côres pintou a imagem do homem « grande em sapiencia.

Depois de memorar e exalçar os feitos de D. Francisco de Lemos, na Egreja e no Estado, e especialmente 'nesta Academia, que reformára e reinstaurára, governando-a por mais de trinta annos com affecto e zêlo, e não menos com amor da propria auctoridade, tão natural a quem nascêra para governar; quando o orador chega em seu discurso á epocha, em que o velho bispo reitor se vê obrigado a largar essa authoridade nas mãos de D. Fr. Francisco de S. Luiz, as palavras que emprega são perfeitamente dignas da cortezia e deli-

cadeza, com que todos se destinguiam, e sempre se avantajaram, os dous prelados, e o mesmo, que ácerca d'elles discorria.

« Coberto de cans, e gravado de annos, qui-« zera por vezes largar o sceptro da Acade-« mia. Uma ideia o suspende, filha d'aquelle « seu zêlo e vivo amor pelas lettras. Teme ve-« nha successor, que não ponha esmerados « desvelos na conservação d'essa regenerada « Athenas. Mas logo que um fado venturoso, « ou antes uma providencia benefica, destina « para futuro chefe um varão d'egual nome e « zêlo, elle é o primeiro a levar ao throno o « elogio da escolha, a ventura das lettras, a « demissão do governo. Annoso Elias deixa « com gosto a sua capa e o seu espirito ao « novo Elizeu. Cansado Jacob não duvida aca-« bar a vida uma vez que seus olhos viram a « existencia de Benjamin: *jam laetus moriar.*

Quando tambem, logo depois, o numerosis-simo e escolhido auditorio, para o qual era insufficiente a desmesurada grandeza do tem-plo, pendente de seus labios, chorava a morte d'aquelle — « Abrahão das sciencias, venerando pae das lettras; — cujo padrão de sua fama, sería cada uma pedra da Universidade; — e cada academico uma estatua ao seu nome; e que, similhantemente ao que dizia da India o grande Albuquerque, poderia dizer, do meio do feretro, — *Essa Universidade fallará por si e por mim:* — quando o seu auditorio como quem se esquecia do nada do homem, do pó da sepultura, para quasi divinisar o heroe, é então que o orador sagrado, terminando, faz ouvir estas severas e conceituosas palavras:

« Mas, ah Senhores! aonde me conduz o « fogo do meu enthusiasmo? que falo eu, aonde « me acho? Falo d'um mortal, e acho-me no « templo. Um mortal é alvo de fragilidades e « defeitos; o templo é logar d'expiações e sa-« crificios. Insigne e gloriosa se nos figura a « carreira de seus dias; mas quem sabe se « elle, pesado na balança do Eterno, terá o « mesmo valor, que os homens lhe dão?

« Porisso, ó meu Deus, se lhe annunciamos « a vida, não é com o orgulho do phariseu, « que ostentava justiça; é sim com a humildade « do publicano, que pedia misericordia, *non « in justificationibus nostris, sed in miseratio-« nibus tuis.* Tal é, christãos, o espirito da « Egreja nas lugubres cerimonias. Ao golpe « mortal das personagens insignes ella ergue « tumulos, ordena pompas, e deixa no templo « assoalhar seus feitos, não a fim de canonisar « virtudes duvidosas, nem dar pasto á vaidade, « ou á lisonja; mas sim para de um lado implo-« rar a clemencia divina sôbre homens caros á « patria; de outro lado para offerecer aos, sem-« pre cegos e illudidos, mortaes um exemplo « desenganador, uma lição tocante do nada « que somos. Que é feito da grandeza de tão « augusto prelado? Ah! fugiu, como sombra, « voou, como fumo. De tanto resplandor que « lhe resta? A fraca luz d'essas tochas é a cla-« ridade que só tem; e nem essas mesmas vê. « As minhas vozes são o ultimo echo da sua « existencia; e nem essas mesmas ouve. Uma « nullidade, um silencio eterno, eis a sua sorte, « eis a do genero humano. E para isto, para « uma miseravel vida de dous momentos, que, « por mais brilhante que seja, extingue-se « como relampago; para isto tantas lidas e « cansaços, tão longas ambições, tão vastos « projectos! Ó cegueira dos homens! Ó vai-« dade do mundo!

« Penetremo-nos, fieis, d'estas verdades; ap-« prendamos d'aquelle tumulo; e se o varão, « que elle designa, foi util, quando vivo, á « nossa illustração, sirva, quando morto, ao « nosso desengano. Do fundo daquella urna « como que ouço sair uma vóz, que diz a todos « os homens: — Cêdo ou tarde, 'neste abysmo « vireis cair. O tempo vôa, os annos fogem, « tudo passa, a virtude só fica; fóra della « quanto há, é vaidade pura, *omnia vanitas.*

« Depois d'um tal aviso, eu nada mais devo « ajuntar, finaliso o meu discurso, e baixo do « logar sancto. »

Commentem outros as bellezas magistraes do Bossuet portuguez. Para nós, que nem pos-suimos habilitações a essa empreza adaptadas, nem temos tido outro intento mais do que vingar a gloria d'um nome, votado ao esque-cimento, basta o pouco que deixamos dicto. Se é certo que pelo dédo se conhece o gigante, estes breves fragmentos farão ao menos entre-ver o grande merito de Fr. Antonio José da Rocha, e quão lastimosa é a perda (se por ventura se perderam) de seus valiosos manus-criptos.

A. FORJAZ.

APONTAMENTOS HISTORICOS DE COIMBRA

SANCTA JUSTA

Não valeu á mitra de Coimbra a generosi-dade com que o bispo D. Mauricio concedeu para hospicio a egreja de Sancta Justa, fun-dada fóra da Cêrca d'Almedina, aos monges francezes de Sancta Maria da Caridade[1]. Meio seculo passado tão mal lhe pagaram elles o gasalhado recebido, que, por força e contra direito, se haviam levantado com essa terça do dizimo, que Miguel Salomão teve de rei-vindicar entre 1162 e 1176.[2]

[1] Benedictinos e annexos á celebre abbadia de Cluny, onde D. Mauricio fôra tambem religioso. Em 1101 sería feita a doação por este bispo e o seu Cabido a D. Hugo *patri venerabili cluniacensis monasterii ad honorem S. Mariae de charitate per manus Gaufredi — Benedict. Lusit.* tom. 2, p. 331 — *Reflex. hist. part.* 2, *n.* 14 — A doação da egreja de S. Pedro de Rates, feita tambem em 1100 ao prior *de Sancta Maria de Charitate* pelo conde D. Henrique e sua mulher, acha-se transcripta na *Mon. Lusit. Part.* 3, *p.* 64.

[2] Na relação dos bens e direitos, restituidos á Sé 'neste episcopado, le-se: *item terciam decimarum ecle-*

Expulsa a ordem no governo de D. Affonso I *por querer pertinazmente estar em tudo sujeita ao abbade de Cluny, e que de lá recebesse todas as influencias*, não podemos affirmar se Sancta Justa passaria logo a freguezia e collegiada.[3] O certo é que em 1206 já como parochia apparece designada na transacção sôbre certos direitos, que com o mosteiro de Sancta Cruz celebrou o bispo Pedro Soares[4]; e que em 1380 por collegiada a reconhecia o Cabido no emprazamento de um casal, que fazia ao raçoeiro Esteve Annes.[5] D'estas epochas por diante é fóra de dúvida, que como freguezia e collegiada foi sempre nomeada até á incorporação d'esta no Seminario em 1849,[6] e annexação d'aquella á de Sancta Cruz em 1855.

Do antigo hospicio dos frades da Caridade são, por tanto, as ruinas existentes ainda no passal e residencia do parocho, que partem com o *adro* de Sancta Justa e a *rua direita*. Entrando no quintal d'essa residencia, ahi encontrâmos com effeito a volta do arco em ogiva, que, segundo a tradição, era o cruzeiro da capella mór. Ahi divisâmos á esquerda d'este o fecho d'outro arco mais pequeno da mesma capella. Ahi distinguimos no fundo, onde assentaría o altar, os traços deslavados de toscas pinturas a fresco. Ahi observâmos no recanto do telheiro da cisterna fragmentos de lavores e laçarías. Ali palpâmos alguns troços de fustes e capiteis servindo d'esteios no terreno lavradio, que por ventura sería claustra. Lá topâmos a final uma grande arca de pedra, sepultura outr'ora, hoje canteiro de flores, onde na orla, a principiar da cabeceira e continuando na face exterior, decifrâmos em letra romana inicial a inscripção

ERA M.CCIIII IDVS IVNII OBIIT MARIA : MENENDIC : UXOR IHÑS : PELAGII :[7]

Todavia não é vizitando estas ruinas, nem compulsando os poucos documentos da ex-collegiada, salvos do tempo e da ignorancia, que o antiquario poderá descobrir algumas memorias da fundação e do fundador. Para isto ser-lhe-ha necessario entrar no novo templo, dirigir-se sôbre a esquerda ao vão da passagem para a casa, que foi celleiro, e ahi procurar na parede, a oito palmos do pavimento, uma lapide 'nella embebida, que do velho edificio foi transportada. Feito o achado poderá então soletrar em caracteres romano-gothicos, minusculos e maiusculos, alguns conjunctos ou inclusos, o epitafio seguinte em verso leonino, de que A. C. Gasco apenas fizera vaga menção:[8]

HOC : JACET : IN : PVLCRO : RODERICVS : NEMPE : SEPVLCRO :
QVI : DOMINO : CELI : SERVIVIT : CORDE : FIDELI :
NAMQVE : LOCO : XPISTO : TEMPLVM : CONSTRVXIT : IN : ISTO :
QVOT : BENE : DITAVIT : SACRIS : DONISQVE : BEAVIT :
CLAVSTRI : STRVCTVRAS : FVNDAVIT : NON RVITVRAS :
ATQVE : DOMOS : CVNCTAS : PER CIRCVITVM : BENE : JVNCTAS :
SED : VIGILI : CVRA : MISERIS : DANS : HIC : SVA : JVRA :
TEMPORE : SVB : SCRIPTO : MIGRAVIT : PRESBITER : ISTO :
XVIII : KAL : SEPTEMBRIS : ERA : M : C : LXXXXIIII.

E, graças a esta lapide, aqui temos confirmado o nome do devoto presbytero, que fez construir a egreja velha, a claustra, e casas contiguas. Aqui ficámos conhecendo o generoso dotador e bemfeitor do antigo cenobio, que até 12 d'agosto de 1156 'nelle viveu dedicado ao serviço de Deus e da humanidade. Suppondo que esse piedoso Rodrigo fallecesse de idade avançada, não é difficil admittir a opinião de que Sancta Justa fosse fundada pelos annos de 1100.[9]

Quanto á nova egreja de uma só nave e tres altares por banda, construida á custa de esmolas e legados, nada temos felizmente que investigar por pergaminhos e ruinas. Se em 1855 perdeu as honras de matriz de freguezia, nem por isso o culto divino 'nella deixou

siae sancte Juste quam monachi de caritati ui contra jus retinebant — Doc. do *Liv. Preto na Not. hist. do Most. da Vacc. part.* 2, *doc.* 19.

[3] A noticia da admissão d'estes monges pelo conde D. Henrique, e da sua expulsão por D. Affonso Henriques, dá-a Viterbo no Elucid. verb. Charidade. Na opinião do erudito franciscano, a politica do fundador da monarchia *não gostava de corporações existentes no seu reino, e sujeitas a hum chefe, de cuja fidelidade poderia duvidar com fundamento. Por este modo*, conclue elle, *vinham as pessoas e bens de hum reino livre e independente a reconhecer superioridade e jurisdicção em hum estrangeiro.*

[4] Nos que o bispo cedeu ao prior comprehendia-se *quidquid ad jus meum pertinet in parrochys Sancti Jacobi et Sanctae Justae, quod mihi adjudicatum extitit per sententiam domini Papae — Chr. dos Con. Reg. liv. IX, cap.* 11, *p.* 118.

[5] *Disc. a favor do Cabido da Cathedral.* Provas, n.º 260.

[6] Por effeito da C. de L. de 16 de junho de 1848, e D. de 27 de dez. de 1849.

[7] *Na era de* 1204 (anno de 1166) *aos* 13 *de junho se finou Maria Mendes, mulher de João Paio.* — Mede a sepultura nada menos de 10 palmos de comprimento por 2 ½ d'altura, 4 de largo na cabeça e 2 ½ nos pés. Falta-lhe a campa, de que não encontrámos vestigio algum.

[8] Estava no seu tempo detraz da porta, que da egreja ía para a claustra. *Antig. de Coimbra p.* 24.

[9] Talvez do mesmo presbytero seja a doação da quinta do Curval, na terra da Feira, feita á Sé em 1109, no episcopado de D. Gonçalo. *Not. hist. da Vacc. Part.* 2, *p.* 14, *not.* 4.

de ser exercido até hoje nos domingos e dias sanctificados. Com auctoridade do bispo e governador civil, sabemos que alli funccionam as confrarias do Senhor Jesus e de S. José, recebendo aquella da da Conceição de Sanct'-Iago a pensão annual de 10$000 réis, que para cêra lhe legára em 1712 o desembargador Antonio Duarte de Barros.[10]

PELLOS ANNOS DO
SOR DE 1100 SE FVN
DOV A IGRA ANTIGA
E HAVENDO IA MTOS
Q AS INVNDAÇÕENS
DO RIO ENTRAVÃO
NELLA SENDO ESTAS
CONTINVAS COM TE
RRIVEIS TEMPESTADES
NO INVERNO DE 1708
AOS 17 DE FEVRO DE O
MESMO ANNO POR
ORDEM DO ILL.MO SOR
ANTONIO DE VASCO
NSELLOS E SOVZA BIS
PO CONDE SE FES PROCISÃO DE
PRECES COM A IMA
GEM DO STO CHRISTO
A QVAL SE RECOLHEO
A IGRA DE SANTIAGO
E NELLA SE COLOCOV
A SOBREDA IMAGEM
NA TRIBVNA DO AL
TAR MAIOR E OS PES
DESTA IGR.A FICAR
ÃO CELEBRANDO
OS OFFICIOS DI
VINOS COM OS
BNDOS DA MESMA.

A serem verdadeiras as informações, a imagem do Sancto Christo, a que a primeira lapide se refere, é a mesma, que, com alguns retoques, avulta ainda no throno do altar mór. Que não tem, todavia, essa antiguidade remota, que a tradição lhe attribuia no seculo passado como mandada fazer por D. Affonso Henriques, uma simples vista d'olhos basta para o demonstrar.[11]

J. C. A. DE. C.

[10] O primitivo legado consistia em certos rendimentos, com que os irmãos das duas confrarias deviam concertar-se *com um turno de charamélas, que accompanhem o S. Sacramento quando sahir fóra assim da freguezia de S. Justa como S. Thiago*. São expressões do testamento. Depois da extincção dos charameleiros pela reforma da Universidade (1772) é que teve logar a commutação a dinheiro por sentença da Camara Ecclesiastica de 17 de junho de 1789, que ainda agora se cumpre. Acc. do Cons. de Distr. de 9 de nov. de 1858 no *Liv. das actas*, fol. 67 vers.

[11] *Agiol. Lusit.* Tom. 4, p. 297.

Imitando o nosso illustre consocio, que d'este monumento já deu uma breve noticia no vol. VI do *Instituto*, concluiremos reproduzindo tambem as duas inscripções lapidares que aos lados da entrada principal commemoram a trasladação e fundação em 1708 e 1710.

AOS 24 DE AGOSTO
DE 1710 VEIO A ESTE
SITIO O ILLMO SOR BISPO
CONDE ANTONIO DE
VASCONSELLOS E
SOVZA E NELLE CON
TODA A SOLEMNIDA
DE E ASISTENSIA DO
S RDOS CAPITVLARES
NECESSARIOS E CON
CVRSO DO POVO
BENZEO A PA PEDRA
A QVAL SE LANÇOV
AO CANTO DESTA
PARTE E FES AS MAIS
SEREMONIAS DA IGRA.

INEDITOS

Carta de Jorge de Lemos, escrivão da Fazenda em Gôa, a Pedro Alvares Pereira, sôbre varios negocios da India Portugueza.[1]

Snõr.

Faltarão-me o anno passado, e este presente, cartas de V. m. mas ouue por ditosa a falta

[1] Jorge de Lemos, natural de Goa, foi secretario de muitos vice-reis e governadores do Estado da India. Tendo vindo a Portugal, onde se demorou por algum tempo, voltou para a sua patria em 1590, servindo ahi o cargo de escrivão da Fazenda em 1593. Ignora-se o tempo do seu fallecimento. — D'elle ha impressa, posto que rara, a *Hystoria dos cércos que em tempos de Antonio Moniz Barreto, governador, que foi dos estados da India, os Achens e Jaoo puserão á fortaleza de Malaca, sendo Tristão Vaz da Veiga capitão della — Em Lisboa, em casa de Manoel de Lyra* — 1585.

Do inédito, cuja publicação hoje encetámos, e pertencente em outro tempo ao archivo de Sancta Cruz, já deu

polla causa ser a occupação dos esposorios de V. m. com a snõra Dona Micia, filha de tais pais e neta de taes avós, quaes o mundo sabe, e sobrinha da snõra dona Maria de n..... minha snõra, que eu casei com o snõr Fernão telles, e do snõr Bernardim de carualho, que conheci, comuniquei, e serui nesta cidade, em que elle deixou grandes lembranças de sua honra, do seu valor, da sua brandura, do seu ser, e da sua authoridade. Tambem faltarão nestes mesmos annos cartas minhas nessa casa de V. m. e a causa foi assaz mofina, e desventurada por ser de perdas de hũas naos e desaparecimentos, e arribadas doutras: seja Deos em tudo e por tudo muito louuado. Não me esqueceo no instante, em que tive as nouas do graue e honrado acompanhamento da snõra Dona Micia de Lxª té madrid, e das apparatadas e custosas festas do seu recebimento, e excessivo gosto, e contentamento, que o snõr Nunalurez prª tivera se se achara neste celebre acto: ou intranhavel consolação na sua partida pera os Ceos, se fora com a certesa delle: com tudo não deixa de me lembrar que dizem os theologos, que tem os pais e maïs hũa accidental allegria lá da virtude, que os filhos obrão qua, e assi os Irmãos dos Irmãos, e os parentes dos parentes, e os amigos dos amigos, etc., como V. m. sabe, e polla mesma rezão não ha dúvida se não que a teria o snõr Nunalurez de muito grande satisfação sua nessa vida por ver consumado o que tanto desejou nesta: V. m. a tenha mui prolongada, e chea de muitos prazeres da snõra dona Micia, e com muitos filhos della.

Penhoreime com o snõr dom Christouão de Moura nũa carta muito breue, que lhe nesta armada escreuo, que a auia descrever a V. m. muito larga, porque, fazendo o a elle estes dous annos atraz por mo ter assi encomendado e mandado por hũa sua, não sei o como as recebería, nem se teria tempo pera as mandar ler, e lidas se lhe pareceria bem a relação das nouas, que lhe nellas daua destes estados. Portanto V. m. me perdoe fazer esta muito comprida, pois não pode ser menos polla auer de dar de todas as fortalezas, e do socedido nellas.

Mui vigiada e bastantemente prouida estaua a fortaleza d'Ormuz, e mui segura por isso de todo o cometimento imigo por dom Jeronimo Mascarenhas capitão della, com sua zelloza e prouidente naturesa se não desuelar em outra cousa: adoeceo nos primeiros dias d'Abril duns esmaios e accidentes mortaes, que o necessitárão ao auorrecimento da cama, e, estando nella, teue nouas por terra em quatro de Maio da deseiada vida e saude de sua Magª, com o alvoroço das quaes se alleuantou assi debil, e fraco por mostrar gentilhomem a cauallo o contentamento, que dellas tinha; acabada a festa, e o fervor della, que o alentaua e sustentava, tornou á cama nos braços do seus, donde, dando aos seis do mesmo mes a alma a seu criador, tendo feito todos os autos de bom Christão, foi leuado á sepultura, que lhe estaua aberta no moesteiro de Sancto Augustinho, pera d'ahi se tresladar sua ossada pera hũa Capella, que mandou fazer na casa professa dos padres da companhia desta cidade de goa: e por auer de ser a maior, lhe dotou corenta mil pardaos de larins. Foisse pera o Ceo deixando na terra muitas soidades mui lastimosas a todos os que o conhecemos, tratamos, seruimos, e recebemos mercês delle. Perdeo sua Magª hum verdadeirissimo vassallo, perderão estes estados o filho, que criaram pera os gouernar cõ sua prudencia, pera os desaffrontar com o seu animo, pera os prosperar com sua boa ventura, pera finalmente lhes restituir os fidalgos remontados do seruiço com sua humanidade, e brandura: perderão os parentes hum honradissimo parente, perderão os amigos, hum fidelissimo amigo, e perderão seus criados hum amorosissimo snõr. Sinta sua Magª a perda dum tal vassallo, chorem estes estados hum tal filho, lamentem os parentes hum tal parente, contristesção se os amigos por um tal amigo, e pranteem os criados hum tal snõr.

Veo a nova do seu falecimento a esta cidade no coração do Inuerno polla via do Cynde: fez se logo prestes Diogo Lopes coutinho, que estaua prouido desta fortaleza, e partiu nos derradeiros dias d'Agosto em duas fustas ligeiras, e té oje não temos certeza nhũa de sua chegada a Ormuz: nesta fortaleza se tomou hũa nao do Melique, e outra d'ũ vassallo seu muito rico, e elle nella, por o Melique seu snõr fazer guerra a este estado, como contarei em seu lugar: a hũa, que de Mecca auia de vir, mandou-a o Viso Rey esperar com duas galés, e muitas fustas, que se puserão de Dabul te a ponta de Bombaim: mas ella não apportou em nhũm dos portos desta costa da India, mais por causa dos ventos serem bonansosos, que por noua, que tivesse, desta rotura da paz: E persuado-me a ella não ser outra por hũa nao dum mercador gentio de Goa não ser vinda do estreito, sendo partida, como se soube doutra, que chegou, nem hum galeão de sua Magª, que partiu de Bombaça de que deu nouas hũa nao de Melinde, que entrou a barra de Chaul, zombando da artilharia, que os mouros tem plantado da outra banda num morro fronteiro a ella, que fortificarão pera nos defender a nauegação e comercio com esse porto.

---

noticia o sr. I. F. da Silva no seu *Dicc. Bibliog.* t. 4, n.º 2104 — Escripto em oito folhas de bom papel por letra do auctor e com a sua assignatura no fim *(yorge de lemos)*, ainda conserva no fundo da folha do sobscripto o sinete, de que usava, impresso em lacre vermelho.

Pelo estylo e opiniões do escriptor ácerca dos successos, que elle proprio observou, parece-nos este documento não menos digno de ser conhecido, que outros, já no *Instituto* publicados. J. C. A. DE C.

Mascate estaa bem torreado e amurado, e com mais praças dentro, de que o permitte seu pequeno presidio: o que não ey por muito seguro pera se defender esta fortaleza dos turcos, e os offender como fizera, se tivera menos ambito e roda, ou mais reforsada guarnição: porque de vinte soldados pera corenta a que foi acrescentada, auendo mister cento, he grande a falta: mas tambem a ha no estado, porque aconteceu partir no principio deste verão cinco ou seis nauios sem hum só pera em Chaul, onde inuernarão oitocentos, tomarem os de que tinha necessidade pera poderem trilhar o mar desta costa e discorrer por ella.

A fortaleza de Dio estaa bem, e o capitão della Pero danhaia milhor pollo dinheiro, que ouue de Agiscoca Viso Rey de Cambaia por lhe assegurar a passagem pera Mecca, porque lhe mandou dizer o Aquebar o anno passado, que ou lhe tomasse hũa serra inexpugnavel chamada Junaguer, que está defronte de Dio poucas legoas, ou se fosse pera Meca: o mouro, como soberbo e esforsado, empregou toda a sua industria e forsas na conquista della, e a tomou com a ajuda dalgũs soldados nossos, que se passarão pera elle no Inverno por se lhes não pagarem quarteis nem mantimentos nesta fortaleza, e elles entenderem que lhos daría o mouro dobrados, como deu. O capitão Pero danhaia o socorreu com muito arroz pollo que interessaua da venda delle, com quanto ficou a fortaleza tão desprouida, que ouue passar o pouo necessidades, segundo fama. Como este barbaro conquistou a serra, se carteou logo com Pero danhaia, e tratou com elle a passagem em segredo por interuenção dum portuguez casado, seu amigo, e mandou lhe dez mil pardaos: a Fadrique Carneiro, capitão mór da costa do Norte, que neste tempo se achou em Dio com seu sogro Francisco Paez, provedor da fazenda, deu cinco mil: e ao mesmo prouedor tres mil, que elle mandou receitar sobre o feitor de sua Mag^{e}, *dado, que affirmão os que attalaião e espreitão vidas alheas, que ouue secretamente muito mais dinheiro*. Tanto que o mouro se assegurou, se foi embarcar num dos portos de Cambaia alem de Dio com sua molher e filhos, e dez contos douro, e infinitas perolas e pedraría riquissima, como o certificão mercadores do mesmo Reino de Cambaia, que a esta cidade de Goa vierão.

Sentio muito o Viso Rey a fugida deste mouro ao seu Rey por consentimento nosso, e doeusse mais de se lhe dar seguro sem licença sua, porque com palauras equiuocas e ambiguas, e sem escripto, o poderão enlear, e confialo pera se elle embarcar, e poder ser tomado da nossa armada com todo o seu thesouro sem descredito do Estado, nem escrupulo da consciencia, se Nauarro e Medina não tem o contrario: porque nos tinha errado muitas veses em cousas muito substanciaes. Basta, que perdemos estas tão importantes e rendosas occasiões, não pollo primor antigo, como por elle perdeu o governador Nuno da Cunha o grande thesouro do soltão Badur, mas polla muita e vil cubiça dos modernos. Soube-se da náo de Meca, que aqui veo, que fora o fugitiuo bem recebido do Baxá, que regia essa prouincia, assi por lhe presentar cinco formões do turco de letras douro como por lhe dar grandes presentes. Se elle voltar, como o Aquebar deseia, e tem prometido a sua may, cuio leite mamou, que lhe dará licença com seguro e embarcação pera ella o jr buscar, tenho por sem duuida nos seraa cruel imigo.

Damão não estaa de todo fortificado, posto que polla ordem, que lhe o Conde dom Francisco Mascaranhas deixou, o pudera ser em breuissimo tempo, se os ministros a quem elle deu e encõmendou o cudado destas obras não forão outros depois, ou os que erão não correrão per outra. E por causa desta cidade não estar toda cercada, pareceo ao Viso Rey não deuer fazer alfandega nella agora, como sua Magestade mandou nesta armada por respeitos, que pera isso teria de seu serviço, e por os moradores a pedirem, como se qua disse, que não duuidei, porque não tem elles geralmente de que pagar direitos por serem lavradores, e entenderem que com os *aduenedisos e forasteiros* se inriqueceraa e ennobreceraa a sua cidade, e ficaraa independente da de Dio, que nella tem hum ramo como qua dizem; e os direitos, que se aly pagão, pertencem a essa fortaleza.

Se se fizer alfandega em Damão poderse-ha escusar a que sua Magestade tem mandado, e repetido de cinco annos a esta parte, que se faça em Chaul. E por ventura, ou sem ventura, que roguem porisso os Chaúleiros, e peção de merce a sua Mag^{e} a mande antes fazer em Chaúl por terem feira e não perderem o seu trato e meneo. Creo de verdade que acudirão depreça ao recramo desta noua, tanto que a tiverem e a ouuerem por certa. Eja o Viso Rey a tiuéra posta, se o morro e a guerra, que por causa delle estaa trauada com o Melique, lha não impedirão, porque auendo algũa contradição industriada pollos de Chaul com o filho segundo do Aquebar, que rege Cambaia, não seja necessario diuidir-se o poder do estado em tantas partes, sendo tão pouco, como o tenho nesta significado a V. m. Estaa nesta cidade de Damão hum dom Duarte deça, que V. m. não deue conhecer por ser casado nesta de Goa ha muitos annos.

Do Aquebar escreui o anno passado largo ao snõr dom Christouão, se me não alembra mal. E porque pode ser, que ouuesse V. m. vista dessa carta, não tratarei delle mais nesta a V. m. senão que he o mais poderoso e ambicioso Rey, e da mais esforsada gente, e de mais reinos e prouincias, que quantos nes-

te mundo qua ha; e por isso o temem todos, e o sonhão, e nós durmimos tendo-o por visinho. E certo que mais rezão temos pera temermos o poder desta besta fera, da que tem Italia pera se recear das grandes armadas do turco, porque somos poucos nestes estados e muito mal auindos todos com o Viso Rey, e o Viso Rey com todos, que he o que mais recear se deue e chorar-se com lagrimas de sangue, que a visinhança desta hydra pessonhenta; *por quanto, se faltar esta união e concordia, totalmente declinarão e se perderão estes estados por muito remotos desses, donde se vierão conquistar com forsas unidas, animos conformes, singellas consciencias, e braços fortissimos. E tanto mais necessaria he a conformidade neste tempo que nos passados, quanto agora são maiores, que então, as obrigações de sua sustentação, e mais trabalhoso o gouerno por não auer o thesouro, almazés, e capitaés, que nessa antiguidade auia.* Pello que peço a V. m. lembre a sua Mag.e e ao snõr dom Christouão este tão euidente perigo, em que a India estaa de sua ruina e destruição, auendo nella tantos pouos christãos e tantos templos, em que Deos he venerado e adorado, e seu sancto auxilio inuocado e pedido nos sacreficios das missas pera acrescentamento de seus reinos e da conservação dessa Christandade, que sustenta com seus exercitos, e a defende com dispendio de suas grossas rendas do poder desses infieis todos, que a molestão.

Dom Manoel pereira esteue estes tres annos passados por capitão de Baçaim com tão pouca satisfação do gouernador Manoel de Sousa Coutinho e do uiso Rey Mathias dalbuquerque, como do proprio pouo: e por me não fazer promotor da Justiça não apponto as causas. Socedeo-lhe na capitania João Gomez dazeuedo, sobrinho do arcypreste da See de Lixboa, e gouernára a Baçaim, como dom Manoel. São fidalgos estes, que V. m. não conhece, nem ha pera que me detenha mais em os dar a conhecer. Entrou João gomez primeiro que dom João dataíde, estando-lhe atrasado em tempo e em idade, só por faltar a dom João hũa verba, a que, inconsiderada ou ignorantemente, o obrigou o escreuente de sua carta, porque nunca tal verba vy na fazenda de sua Mag.e ou no Regimento della na India nem no reino. As aldeas desta cidade estão todas despouoadas, crestadas, e queimadas polla gente do Melique té os arrebaldes della sem ficar templo, cujo tecto não fosse abrazado. Esses dous capitães, o passado e o preseute, por não terem talento deixarão de defender aos imigos os passos, por onde entrarão. E como de Baçaím e Chaúl com cobiça dalgũas presas ou paixão de algasaras, que lhes fizérão, lhes dessem nas suas terras ao longo do mar, e as deuastassem matando algũa gente miserauel, não se occupando elles mais que em fortificar o seu morro, derão elles tambem nas nossas, e de perda á fazenda de sua Mag.e cada anno, té auer paz e tempo pera se ellas pouoarem e se cultiuarem, mais de cem mil pardáos, e aos foreiros mais de quatro centos mil.

Quando estas perdas tamanhas ha e causadas, como muitos dizem, por hum prouedor da fazenda das fortalezas do norte, por querer obrigar ao gouernador deste Melique pagar hũas sarrafagens de pouca importancia, e tomar-lhe por esta diuida, pera que elle não foi citado nem demandado, com mil pardaos dũa náo de Mecca, que se perdeo na barra de Agaçaim, tanadaria visinha e sogeita a Baçaím, e de que os officiaes lá, e outros homens, tomárão o que puderão, passa este prouedor da fazenda hũa certidão a hum contador, que comsigo leuou por escrivão (tendo sua Mg.e mandado per hũa instrução sua, que se não seruissem delle), na qual diz que acrescentou a fazenda de sua Mag.e cento e cincoenta mil pardaos, que, *por serem d'algarismo e não de prata e ouro*, eu os não acho em toda a fazenda, sendo escriuão della. E se todauia quér mostrar que fez boa conta, aponta que escreueo o arrendamento da alfandega de Dio, e que subio, estandosse appregoando em mais doze ou quinze mil pardaos, e que se arrematou por este mais com o em que dantes andaua, deuendose esta subida ao rendeiro, pois de sua parte não ouue industria nhũa; dado que não foi pequena valer com o prouedor arrematarse a hum gentio pollo que a elle particularmente deu, o não com muito segredo, sem querer admittir outro lanço maior té contia de cinco mil pardaos, como se affirma sem se puxar por isso, nem por outras exorbitancias, por o prouedor ser valido do uiso Rey. Mui *desemparada está quá a fazenda de sua Mag.e, e não sei official, que a zelle com esperança de sua Mag.e lhe auer de fazer por isso honra e merce. Todos tratão della pera poderem tratar com ella, e a connaturarem com a sua sem temor algum.* Mandou sua Mag.e ao gouernador Manoel de Sousa coutinho per hũa prouisão, que eu vy, fizesse alfandega em Chaul por muitas rezoens, que nella daua, e pera este effeito se foi afforrado nũa pequena armada. Tanto que a assentou, e tomou posse della em nome de sua Mag.e ihe deixou huns apontamentos, pollos quaes se fizessem os direitos, thé de Goa lhe mandar o regimento, que eu fiz, por mo elle encomendar, muito claro e distinto. Como o gouernador voltou as bandeiras pera Goa, intentarão os moradores maltratar o nouo juiz da noua alfandega, sendo muito parente do mesmo gouernador, e não consentirão fazer-se despacho nella, pollo que mandou ao snõr Aluaro de moraes, que andaua nas fortalezas do norte visitando os juizos da obrigação do seu cargo do prouedor mór dos defunctos, fosse a essa cidade apasiguar os alborotos e motins, que

nella auia, e prender as cabeças principaes, fazendo-o pera isto ouuidor geral. Chegando pera fazer o que lhe era mandado, lhe disserão muito ruins palauras, e lhe apedreiarão as casas sem elle poder prender ninguem. E tão apertado se vio, que ouue por milhor conselho não experimentar mais a furia popular, e vir-se pera o gouernador por lhe não acontecer desastre. Vejo-o pouco medrado, e menos rico não casando pobre, não sei se por V. m. o querer por lá acrescentar, se por elle qua não querer nada. Mas o que sei he, e nenhũa pessoa ignora, que procedeo sempre com grande liberdade, isenção, e inteiresa. E se estas partes suas não forão tão patentes a todos como suas calidades, pesára-me tratar dellas a V. m. por não parecer lijonjeiro.

Continúa.

BIBLIOGRAPHIA

Observações sôbre o projecto do Codigo Civil, pelo Dr. A. da C. P. Bandeira de Neiva, Coimbra 1860, 1 vol. in 8.° de 406 pag.

— Com este importante trabalho, reflexo de longos annos de distincto professorado, 'numa das cadeiras do direito civil portuguez da Universidade, veio augmentar o A. a collecção preciosa de trabalhos, saidos da mesma corporação, e relativos á obra do sr. Seabra.

Lições de direito criminal portuguez redigidas segundo as prelecções oraes do ex.mo sr. Basilio Alberto de Sousa Pinto, impressas com sua permissão por A. M. Seabra d'Albuquerque, Coimbra 1861, 1 vol. in 8.° de 454 pag.

— O titulo e o auctor são de sóbra para a recommendação da obra. «Dignando-se (diz o editor) accolher um pedido e repetidas instancias, confiou-nos alguns de seus apontamentos, e prestou-se a corrigir outros, que podémos alcançar dos seus discipulos, sahindo d'elles o livro que offerecemos ao público.»

Elementos do processo civil, 3.ª ed. revista e consideravelmente augmentada, 1 vol. in 8.° de 540 pag.

Elementos do processo criminal, 4.ª ed., revista e consideravelmente augmentada, 1 vol. in 8.° de 526 pag. Coimbra, 1861.

Uns e outros pelo Dr. F. J. Duarte Nazareth, o qual, apezar do seu estado de saude, que infelizmente o retem, ha longo tempo, fóra do exercicio da sua cadeira de práctica, não duvidou emprehender, e levar ao cabo, as novas edições de seus compendios, em grande beneficio não só do ensino das aulas, mas da praxe do fôro.

Memoires pour servir à l'histoire de mon temps, par M. Guizot, 3 vol. in 8.°, Paris 1858 a 1860 (Levy).

Voyages dans les steppes de la mèr caspienne et dans la Russie méridionelle, par M.me Adèle H. de Hell, Paris 1860, 1 vol. in 18.° (Hachette).

H. W. Longfellow, Poetical Works.

Hermine, par L. Enault (Hachette).

— O que se lê na *Revue de l'instruction publique*, n.° 12, de 20 do proximo junho, recommenda sobejamente estas publicações, e com especialidade a primeira.

M.me Swetchine, sa vie et ses oeuvres, par M. Falloux.

— Curiosa biographia de mais uma notavel mulher, insigne no grande mundo, religioso, litterario e politico, de Paris, 'neste seculo; — appreciada por Mr. D. Broglie na *Revue des deux mundes*, de 15 de junho.

S.t Jean Chrysostome, ses oeuvres et son siècle, par l'abbé E. Martin, 3 vol. in 8.° (Lethielleux).

La vie politique de M. Royer-Collard, ses discours et ses écrits, par M. de Barante, 2 vol. in 8.° (Didier).

Traité de l'enchainement des idées fondamentales dans les sciences et dans l'histoire, par M. Cournot, recteur de l'académie de Dijon, 2 vol. in 8.° (Hachette).

— Entre outras notaveis publicações de que dá conta, e algumas das quaes analysa o *Bulletin international*, de 3 de Maio d'este anno, avultam as indicadas.

NOTICIARIO

Pontos offerecidos, parte no proximo anno lectivo, e parte no corrente, pelos socios do Instituto á Classe das Sciencias Moraes e Sociaes, e por ella approvados para servirem de thema ás palestras d'esta classe.

Do sr. conselheiro A. P. Forjaz de Sampaio:

1.° A vinculação dos bens de raiz na familia, considerada absolutamente, é uma instituição democratica ou aristocratica?

Entre a completa desvinculação e o systema de substituições temporarias, confórme, pouco mais ou menos, á legislação ingleza, por qual optar? (Este ponto foi já discutido.)

2.° A centralisação administrativa, como se observa entre nós, tende a desenvolver ou a entibiar a actividade individual e social?

3.° Convirá que se approve o pensamento do Codigo Civil (Projecto) segundo o qual é livre ao foreiro remir o fôro? Como resguardar o direito de propriedade, sem deixar de libertar o solo?

4.° Adoptado um Codigo Civil, convirá conservar no quadro dos estudos juridicos o Direito Romano? E, na affirmativa, dentro de quaes limites? (Já foi discutido.)

Do sr. Dr. Antonio Ayres de Gouveia:

1.° Qual o processo a prefazer para dar-se a melhor representação nacional?

2.° Quaes os meios a effeituar para, sem molesto gravame do thesouro público, se conseguir melhor e mais copiosa diffusão de luzes educativas e instructivas nas classes menos abastadas da sociedade?

3.° A organisação actual do nosso clero, quanto á sua instrucção meios de subsistencia, e origem d'estes, influencia na moralidade e ensino, não instará urgente reforma?

4.° A instrucção pública deve estar sujeita ao governo? E a particular? Mediata ou immediatamente? Na fórma ou na substancia?

Do sr. Dr. Alexandre de Meyrelles:

1.° Qual dos dous principios deve predominar, o principio da intervenção ou o principio das nacionalidades?

2.° A união iberica será possivel e conveniente, sem que soffra a nacionalidade?

Do sr. A. J. de França Bittancourt.

1.° Qual é a origem logica da sociedade?

2.° A Egreja tem direito a adquirir bens de raiz?

3.° Qual a natureza das sciencias moraes?

4.° Qual a origem e influencia, no Estado e na Egreja, do beneplacito?

Do sr. M. Emygdio Garcia:

1.° Qual será o futuro do direito commercial a respeito do direito civil? Permanecerão eternamente separados e distinctos? Ou aquelle tende a tornar-se um dia a regra geral, e até a absorver este?

2.° A separação entre o direito e a moral será possivel na práctica, racional e util na theoria? Essa separação será a observancia ou violação d'uma lei natural e humanitaria? Que nos diz o direito, que nos diz a moral, qual o futuro da sciencia na solução theorica e práctica d'este problema?

3.° Estarão hoje bem determinadas em sua natureza extrinseca e intrinseca as ideias fundamentaes da sciencia economico-social?

4.° As ideas theoricas de Bastiat, Coquelin, e outros contemporaneos serão um erro ou um progresso scientifico, comparadas com as de Quesnay, Turgot, Dupont de Nemours, Smith, Godrin, e Baptista Say? Que pensar dos trabalhos da nossa Academia Real das Sciencias sôbre este assumpto?

O secretario da Classe das Sciencias Moraes sociaes, *A. Saraiva de Carvalho*.

A Classe de Litteratura, em sessão de 4 de março, approvou, depois de ouvir uma commissão especial, os seguintes pontos para thema das palestras:

1.° A influencia dos Jesuitas, em Portugal, foi util, ou prejudicial, ás sciencias e á litteratura portugueza?

2.° Qual dos dous systemas de educação da mulher deverá ser preferido, o da educação da mulher em collegios, ou na familia? (Já discutido).

3.° Será possivel e conveniente a creação ou adopção d'uma lingua universal no tracto scientifico? Este pensamento determinará a admissão e uso, quasi universal, da lingua latina na Europa? Será preferivel a admissão e restabelecimento d'esta á creação d'uma nova lingua?

4.° Qual a influencia que a revolução franceza de 1789 produzio no progresso litterario da Europa?

5.° Que materias deverão professar-se n'um curso superior de letras?

6.° Deverá empregar-se um e o mesmo methodo de ensino em todas as disciplinas?

Forão escolhidos, para memorias, o ponto 3.°, e o seguinte:

A Eneida de Virgilio, apreciada em sua fabula, costumes, estylo e versificação, será um poema epico perfeito?

Na affirmativa, deveremos antepôr o seu estado ao d'outro qualquer exemplar?

O secretario, *F. de P. Sancta Clara*.

Poz-se ponto na faculdade de Medicina no dia 8 de junho, na de Mathematica no dia 15, e na de Philosophia no dia 1.

Defenderam conclusões magnas em — Theologia o sr. Eugenio Avelino de Mattos, nos dias 17 e 20 de junho, versando a dissertação inaugural sôbre a seguinte these, extrahida do c. 5, v. 43-48 do Evang. de S. Math.: — *Christiano-catholica religio vero progressui quam maxime favet:* — em Medicina o sr. José Epiphanio Marques, nos dias 27 e 28, tendo por objecto a dissertação inaugural o seguinte: — *Dos entozoarios, e da relação que existe entre estes e a etiologia e a symptomatologia.*

Movimento clinico dos doentes tractados no Hospital da Universidade em Janeiro de 1861

N.º dos doentes	Molestias	1 a 14		14 a 28		28 a 56		56....		Curados		Por curar		Melhorados		Fallecidos	
		H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.
1	Abcesso no pulso esquerdo	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	» na região inguinal	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...
1	» na fossa iliaca	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1
1	» na perna	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...
1	Anasarca	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...
1	» anemia	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1	...
1	Angina	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Anthrax	...	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...
1	Apoplexia cerebral	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1	...
1	Ascite	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
5	Blenorrhagias	...	1	2	2	...	...	...	...	2	1	...	a2	...	...	...	...
1	» paraphimosa	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
12	Bronchites agudas	...	...	3	...	2	2	4	1	9	3	...	...	...	...	...	...
1	» pleurodynia	...	...	...	...	...	...	...	1	...	1	...	...	...	...	...	...
3	» chronicas	...	...	...	...	...	...	2	1	...	...	...	...	1	...	1	1
2	Bubões na região inguinal	...	1	1	...	...	...	...	...	1	1	...	...	...	...	...	...
1	Cataratas congenitas	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...
1	Chlorose	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...
1	» leucorrhea, amenorrhea	...	...	...	...	...	1	...	...	..	...	...	...	...	1	...	...
1	Condylomas	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...
1	Congestão cerebral	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1	...
4	Contusões	...	...	...	...	1	2	...	1	1	3	...	...	...	...	...	...
4	Diarrheas	...	...	2	...	1	...	...	1	3	1	...	...	...	...	...	...
1	Dores osteocopicas	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...
5	Embaraços gastricos.	...	...	3	...	...	...	1	1	4	1	...	...	...	...	...	...
1	» » rheumatismo	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Epilepsia, diarrhea	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...
1	Enterite, cystite	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1	...
4	Erysipelas.	...	...	1	...	1	2	...	...	1	1	...	...	...	...	1	1
1	» febre intermittente	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	» pemphigus	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
2	Espinhas ventosas	1	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...
26	Febres intermittentes	...	...	13	2	5	5	...	1	18	8	...	...	...	...	...	...
1	» » ascite	...	...	..	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
3	Feridas simples	1	...	...	1	...	1	...	...	...	2	...	...	1	...	...	...
1	Fractura de tres costellas	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	» cominutiva da perna	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	» no vomer	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
4	Gastralgias	...	...	...	...	1	3	...	...	1	3	...	...	...	...	...	...
2	Gastrites	...	...	...	...	2	...	...	...	2	...	...	...	...	...	...	...
1	Hepatite aguda	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
2	» chronicas	...	...	...	...	2	...	...	...	...	...	1	...	1	...	...	...
1	Lypemania	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Ophtalmia	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...
1	Orchite, hydrocele	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...
1	Paralysia da face e lingua	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...
1	» da bexiga	...	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...
4	Parturientes	...	...	...	1	...	3	...	...	...	4	...	...	...	...	...	...
1	Pleuresia aguda	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...
1	» chronica	...	...	...	...	...	...	1	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Pleurodynia	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...
4	Pneumonias	...	...	1	...	...	3	...	...	b1	2	...	...	...	...	...	1
1	Pustulas na cabeça	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
2	Rheumatismo agudo.	...	...	...	1	...	...	1	...	1	1	...	...	...	...	...	...
1	» chronico, diarrhea	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1	...
1	Scirrhose no maxillar inferior.	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...
2	Tuberculisação pulmonar	...	...	...	...	1	1	...	...	...	..	1	...	...	...	...	1
10	Ulceras nas pernas	...	...	5	...	2	1	1	1	8	2	...	...	...	...	...	...
1	» » bronchite	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1	...
1	» » congestão pulmonar	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1	...
1	» » erysipela	...	...	...	...	...	...	1	...	..	...	...	...	...	...	1	...
1	Ulceras gangrenosas	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1
1	» syphiliticas	...	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...
1	Velhice	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	1
4	Molestias não classificadas	...	...	1	1	1	...	1	...	1	1	1	...	...	...	1	...
149	Total dos doentes	4	3	37	15	36	29	15	10	69	43	3	3	7	4	13	7

(*a*) Fugiram do Hospital.
(*b*) No pulmão, affectado de pneumonia, formou-se um vasto abcesso com communicação para a parte externa.

Synopse do movimento do Hospital em Janeiro de 1861

Sexos	Saidos	Curados	Por curar	Melhorados	Fallecidos	Proporções
Homens	92	69	3	7	13	1:7,07
Mulheres	57	43	3	4	7	1:8,1
Total	149	112	6	11	20	1:7,45

Manuel Paes de Figueiredo e Sousa, Director.
José Maria Pereira Coutinho.

Balancete da Receita e Despeza do Instituto de Coimbra no primeiro trimestre de 1861, approvado em Sessão da Direcção de 3 de maio do corrente anno.

RECEITA

Saldo em 31 de dezembro de 1860		13$310
Recebido de mensalidades de Socios	87$600	
De diplomas de dictos . . .	16$800	
De assignaturas do Gabinete	35$520	
De dictas do jornal	35$400	
De venda do dicto, avulsa	9$560	
		184$880
		198$190

DESPEZA

Despendido com a compra de sêllos de franquia para remessa do jornal, cartas, etc., etc.	26$905	
Com portes de correio	7$365	
Com a compra de papel para as capas do jornal	10$400	
Com a compra de dicto para impressão de cartas, diplomas, etc.	4$580	
Com a gratificação a quem dobrou o jornal	5$400	
Com o pagamento do Gaz consumido nos mezes de dezembro a fevereiro . . .	12$400	
Com varias miudezas e expediente da secretaria e do gabinete	14$995	
Com o vencimento dos empregados	48$600	
Com o pagamento da assignatura de jornaes estrangeiros relativa ao anno findo, em divida . . .	22$560	
		153$205
Saldo em 31 de março de 1861		44$985

OBRAS OFFERECIDAS AO INSTITUTO

Relatorio e projecto de lei n.º 121 apresentado á Camara dos Dignos Pares, e lido na sessão de 18 e 21 de janeiro de 1860, pelo Par do Reino, Francisco Simões Margiochi.

Primeiros Traços para estudo do direito ecclesiastico portuguez, por Bernardino J. da S. Carneiro.

Collecção de discursos escholares e outros artigos de litteratura, por Antonio Maria Corte-Real.

Novo diccionario inglez e portuguez com a pronúncia figurada, por José Valerio Capella, 1.ª folha.

Relatorio e contas da gerencia da direcção do Monte-Pio geral no anno de 1860.

Observações sôbre o projecto do codigo civil, pelo Dr. Antonio da Cunha Pereira Bandeira de Neiva.

Diccionario bibliografico portuguez, estudos de Innocencio Francisco da Silva, applicaveis a Portugal e ao Brazil, 1 vol.

Historia de Portugal nos seculos XVI e XVII, por Luiz Augusto Rebello da Silva, 1 vol.

Uma Vingança, drama original portuguez, em 4 actos, pelo Visconde de Pindella.

Recreações Poeticas, por Francisco de Castro Freire.

Elementos de physiologia humana com a histologia correspondente, por Antonio Augusto da Costa Simões, 1.ª parte Physiologia geral, 1 vol.

Lições de direito criminal portuguez, redigidas segundo as preleções oraes do ex.mo sr. Basilio Alberto de Sousa Pinto.

A Grinalda, cantos da juventude, por João Joaquim d'Almeida Braga.

Melodias, cantos da adolescencia, por João Joaquim d'Almeida Braga.

Desgraça e Ventura, drama em 3 actos, por João Joaquim d'Almeida Braga.

Tristeza e Alegria, drama em 2 actos, por João Joaquim d'Almeida Braga.

O Fructo da Obediencia, por João Joaquim d'Almeida Braga.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

RECORDAÇÕES D'UM CURSO DE DIREITO ECCLESIASTICO

Continuado de pag. 29.

O DECRETO

XII

Nem a natureza d'este escripto, nem o jornal, em que sae a lume, nem mesmo a brevidade do curso, de que é apenas uma distante memoria, permittiam que tomassemos largo espaço para investigar, e expôr tudo quanto a historia e a critica têm reunido ácêrca não só do *Decreto*, mas das outras partes do *Corpus juris*.

Limitâmo-nos pois ao indispensavel para fazer conhecidos os elementos, o fim, a traça, a auctoridade, e a maneira de citar os fragmentos das suas differentes partes.

Graciano, monge de S. Felix, em Bolonha, foi o auctor do Decreto, não verdadeiro codigo, antes tractado scientifico, e appropriado ao ensino das escholas, na celebre de Bolonha, aonde elle mesmo professára o direito canonico, como sciencia distincta da theologia[1]!

«É realmente (diz Walter) um tractado scientifico e práctico ácêrca de todo o direito canonico, contendo a citação litteral das leis, como textos em prova, a analyse d'estes textos, e a conciliação das anomalias[2].»

Basta abrir o Decreto em seu principio, e lêr as primeiras linhas, para conhecer a verdade d'esta asserção; e conjunctamente para ao menos, se enxergarem as ideias e os methodos d'aquella famosa Universidade no seculo XII.

Diz assim:

DISTINCÇÃO PRIMEIRA. GRACIANO.

«*O humano genero é regido pelo direito na-*
«*tural e pelos costumes. Direito natural é o*
«*que na lei e no Evangelho se contém; pelo*
«*qual cada um é mandado fazer aos outros o*
«*que quer que a si se faça; e se lhe prohibe*
«*fazer a outrem, o que para si não quer. Como*
«*Christo no Evangelho disse:—O que vós qui-*
«*zerdes, que vos façam os homens, fazei-lh'o*
«*vós tambem; porque tal é a lei e os prophe-*
«*tas.*»

A este principio doutrinal seguem-se textos, que o comprovam; e o primeiro é um fragmento de S. Isidoro no Liv. 5 das *Etymolog.* c. 2, ácêrca da differença da lei divina natural, e dos costumes; aquella fixa e commum, e estes varios, como os differentes povos.

E após o texto vem o commentario, antes *glosa* breve, do auctor, (*Dicta Gratiani*) deduzindo os corollarios.

Divide-se o Decreto em tres partes. A primeira occupa-se das fontes do direito ecclesiastico, e das pessoas e officios da Egreja; e contém cento e uma *Distincções*, cada uma das quaes comprehende muitos fragmentos de—*canones* ou *capitulos*.

Estes citam-se ou expressando o número d'elles, e o da Dist.; por exemplo—*Can.* 1, *Dist* 1: —ou o mesmo, e mais a primeira palavra do capitulo (*Can.* OMNES 1, *Dist.* 1): —ou sómente a inicial sem o número (*Can. omnes Dist.* 1.)

A segunda parte offerece uma diversa partição, em *Causas*, ou *Casos forenses*, que se subdividem em *Questões*, e estas nos canones ou capitulos.

Versa sôbre a solução das questões, que suscitam os *casos*, expostos succintamente no princípio; e respeita propriamente aos juizos ecclesiasticos.

Citam-se os capítulos d'esta parte segunda, como na primeira, ou pelo número só, ou pela inicial, juncta com elle, ou de per si, indicando, além d'isso, a *Causa* e a Questão. Exemplos: —C. 1. Caus. 1.ª Quest. 1.ª; ou —C. *gratia* Caus. 1.ª Q. 1.ª ou C. *gratia* 1.ª (C. 1.ª 2.ª)

Nesta segunda parte, na 3.ª Quest. da Caus. 33.ª inseriu Graciano um tractado —*de penitentia*, dividido em sete distincções, cujos capitulos ou canones se citam, como os outros, com o número da distincção, e o objecto geral do tractado.—Exemplo: *C.* 1 (ou *C. Petrus* 1; —ou sómente *C. Petrus*) *Dist. de pœnitentia.*

A terceira parte do Decreto, intitulada—*De consecratione*, occupa-se das cousas e ritos sagrados, e divide-se tambem em—*distincções*; e os capítulos ou canones citam-se, como os da primeira parte, e do tractado da penitencia, accrescentando ao número da distincção—*De consecratione*. Exemplo: *C.* 1 (ou *C. consecrationem* 1, —ou sómente *C. consecrationem*) *D.* 1. *De consecrat.*

Os elementos, de que se formou a obra, estavam em relação com o seu fim, não de legislar, ou coordenar, mas de doutrinar nas escholas, e resolver as difficuldades, e reaes ou apparentes antinomias, dos canones para uso do fôro, negocios e ministerios da Egreja. Porisso recorreu o auctor não só ás anteriores collecções, mas a todos os mais subsidios, de que um professor carece de lançar mão, havendo d'explicar direito escripto e não escripto, divino, positivo, natural e humano; —grande motivo de curiosidade para quem quizer penetrar os arcanos d'aquelles remotos seculos, discorrendo pelos fragmentos de tão diversos auctores, e meditando tamanho cú-

[1] Philips, Du Droit eccles. dans ses sources, c. 2, § 8.

[2] § 96.

mulo d'assertos, e de disposições da sabedoria dos grandes homens e prelados, que floreceram antes do seculo XII.

É o Decreto, dizem os Estatutos da Universidade, L. 2, T. 4, C. 3, § 12 — « o mais pingue e copioso depósito dos verdadeiros canones, que se contêm no corpo do Direito canonico; » — e como as outras collecções não contêm, *pela maior parte*, senão decretaes dos pontifices, que resolvem casos, propostos ao seu juizo, applicando os mesmos canones, antigos e novos, e adaptando ás necessidades e ideias da Egreja as disposições civis, o seu interesse é d'ordinario mais especialmente relativo ao fôro; nem póde competir, pelo lado scientifico e litterario, com os monumentos, que servem de base ao Decreto, a Escriptura, a tradicção, os canones dos primeiros concilios, e as sentenças dos SS. Padres, cujos extractos ahi se lêem a cada passo.

Bastaria, porém, advertir na epocha da publicação do trabalho para não estranhar que elle sahisse mui defeituoso; fôra milagre o contrário. « Se, em Graciano, (disse o celebre A. Agostinho) procuras arte e ordem d'ensinar, em vão laboras. »

Vão mais longe os erros (accrescenta): — erra em os nomes dos homens, das cidades, e provincias, dos concilios, etc. São muitas vezes falsas as inscripções dos capitulos.....; attribuem-se a Gregorio, Ambrosio, Agostinho e Jeronymo palavras, que não são d'alguem, ou são diversas; e nem sempre as verdadeiras se referem com exacção[3]! » Suas mesmas opiniões têm sido taxadas, em alguns casos, d'erroneas.

E por isso mesmo, muito adiante, quando as lettras e as sciencias começaram de lucrar os progressos da crítica, a obra de Graciano mereceu (como diremos a seu tempo), a devida revisão e correcção.

A consideração, dada ao Decreto, bem como a maior influencia, que obteve nas escholas, e d'ahi na práctica dos negocios, por toda a christandade, é cousa tão assente, como não ser elle, de todo o princípio, senão um trabalho puramente particular, e destituido d'auctoridade pública[4].

Entre outras causas, que determinaram a acceitação, e o influxo do Decreto nas escholas, acredita Bouix[5] com boa razão, que não teve pequena parte o recente predominio do methodo escholastico de disputar por uma e outra parte, e procurar a conciliação dos diversos pareceres, em todo o objecto; o que é saliente na obra de Graciano, e se revela até pelo nome dado ás divisões da primeira e terceira parte, e ao tractado da penitencia. Além de que por esta fórma, bem ou mal, satisfazia-se uma grande necessidade da epocha 'nisso mesmo; porque de tantas collecções, tão várias na data, e nos auctores, resultava grande difculdade quer de conhecer o seu conteúdo, quer de explicar e resolver as contradicções e antinomias, que ou pareciam conter, ou realmente continham[6].

As denominações dadas em princípio a toda a obra revelam a estimação em que era tida. Chamaram-lhe — *Decreto aureo*; — *do Senhor*: — *do Mestre Graciano*, etc.

A Universidade de Bolonha, com a lição do direito ecclesiastico pela obra de Graciano, alcançou ajuntar á eschola já florecente do direito justinianeo outra, não menos famosa, do canonico, distincto da theologia; cujos professores se designaram pelo nome de — *Magistri*, e depois de — *doctores decretorum*; e cujos outros membros foram chamados — *canonistas*, *decretistas*, ou *decretalistas*[7].

Além dos fragmentos de canones, e outros escriptos, reunidos pelo auctor, e indicaveis pelos modos expostos, encontram-se ainda, aqui e acolá, alguns mais, designados pelo titulo de — *paleæ*. Parece incontroverso serem addições posteriores, talvez escriptas á margem, e depois insertas no texto[8].

XIII

AS DECRETAES DE GREGORIO IX.

Da publicação do Decreto á das Decretaes mediaram oitenta e dous annos (1151–1233), bem como a de grande número de Decretaes, e d'outras collecções das mesmas; as quaes, por se fundirem na gregoriana, diminuiram muito de importancia. O desinvolvimento do papado; a sua geral intervenção pelos recursos, que subiam a Roma, de toda a christandade; e a fama de superior sabedoria de alguns dos pontifices d'este periodo, multiplicavam necessariamente não tanto as constituições, como as epistolas decretaes.

« Estava impressa apenas a terça parte das decretaes de Innocencio III (diz Phillips), e já montavam a quatro mil[9]! »

O que parece um pouco exagerado; todavia C. Cantu diz — « que nos restam de Innocencio III — 3855 epistolas, a mór parte escriptas de sua mão, as quaes divididas por quatorze annos (faltam-nos as de quatro) dão a média de 275 por anno! »

Em 1179 reune-se o 11.° concilio ecumenico, 3.° de Latrão, cujas disposições disciplinares foram de elevado interesse, mormente ácêrca da eleição dos papas, estabelecendo-se ahi a regra, para evitar os scismas de antipapas, que não se reconheceria como legítimo senão o que obtivesse o voto dos dois terços dos cardeaes.

[3] Soglia § 53, C. 3, Tom. 1.
[4] Walter § 99.
[5] Bouix, De principiis P. 3.ª, C. 13.
[6] Philips cit.
[7] W. § cit.
[8] Bouix cit. Soglia § 55, C. 3, T. 1.
[9] Philips cit.

Presidiu-o um dos mais esclarecidos pontifices d'estes tempos, Alexandre III, anteriormente eximio professor de Bolonha; que, breve, e depois d'outros menos notaveis, havia de ser succedido por Innocencio III (1198–1216),—o *Salomão* da meia edade.

Não sendo este o logar para extensamente dizer ácêrca da historia dos chefes da Egreja, apenas indicaremos que Innocencio III teve, em nossos tempos de maior crítica e justa imparcialidade, um historiador digno de tamanho pontifice — o allemão Hurter; e que nada ha mais significativo, do que o que se lê em C. Cantu ácêrca do mesmo (Tom. 11, L. 12, C. 2), a quem tão justamente coube, árbitro universal, juiz supremo de infinitas questões levadas perante elle, prudente, sabio, benefico, zeloso e grandioso, o epitheto que lhe démos.

Este papa, cuja influencia, devida á tiara, ao espirito do seculo, e não menos á sua vasta intelligencia, piedade e conhecimentos, levou ao maior grau a supremacia politica do papado, reuniu tambem outro concilio ecumenico, o 12.°, de Latrão o 4.°, ao qual concorreram setenta e um arcebispos, quatrocentos e treze bispos, oitocentos abbades, os legados dos patriarchas d'Alexandria e Antiochia, os patriarchas de Constantinopla e de Jerusalem, etc.

Tamanha e tão luzida assembleia, a que não faltaram, pessoalmente ou por seus representantes, muitos dos principes christãos, attesta, por uma parte, a alta consideração, que se prestava a Innocencio III; e pela outra, o como este grande pontifice bem comprehendia a conveniencia, ao menos, de se rodear dos prelados da christandade, a fim de decidir os mais graves negocios de toda ella.

Decretaram-se ahi (além de novos esforços pelos christãos do Oriente, ordenando-se para este fim — a paz de Deus entre todos os principes e povos christãos por espaço de quatro annos) setenta canones disciplinares, não fallando nas resoluções dogmaticas. Um d'aquelles contém o salutarissimo preceito da confissão e communhão, ao menos, uma vez em cada anno (Can. XXII).

De tão rico peculio de leis ecclesiasticas, que vagavam fóra, *extra*, do Decreto *(extra vagantes*) formaram-se cinco diversos codigos, — *compilationes antiquae*, que a eschola de Bolonha egualmente adoptou para seu uso. Sobresahiu entre ellas a primeira, de Bernardo de Pavia, composta não só d'estes elementos, mas d'outros mais antigos, e que tinham escapado a Graciano; a qual revela frequentemente o influxo do estudo do direito justinianeo — que desde este tempo (diz Phillips) ficou sendo, para o legislador e para o sabio, a base do direito ecclesiastico[10].

A S. Raymundo de Penaforte, (insigne professor na flor dos annos, primeiro em Barcelona, e depois em Bolonha, tão sabio, como desinteressado e caritativo; e que depois, tendo abraçado o instituto dominicano, o illustrou com virtudes heroicas, e lançou, com S. Pedro Nolasco, os fundamentos da nova ordem da *Mercê* para resgate dos christãos captivos em poder dos mouros[11]:) commetteu Gregorio IX o colligir as decretaes, que, ou já colligidas, ou não colligidas, vagavam fóra — — *extra* — do Decreto, com o fim de servirem de regra nas escholas e no fôro, derogadas todas as outras. E o resultado da empreza, concluida de 1230 a 1233, remetteu-o Gregorio IX — *aos doutores e escholares de Bolonha*, de Paris, e mais universidades catholicas, pela bulla, que lhe serve de prefacio.

Cumpria a S. Raymundo — reunir 'num só livro as anteriores compilações, augmentadas com as constituições e decretaes de Gregorio IX; e recorrer e coordenar umas e outras, cortando o inutil, e tirando as contradicções.

Contém este codigo cinco livros, divididos em titulos, e estes em capitulos ou canones. O objecto de cada um livro é designado, por sua ordem, pelo verso:

Judex, judicium, clerus, connubia, crimen;

Divisão e coordenação, tomada da compilação de Bernardo de Paiva: —

Juizes ecclesiasticos, ou prelados; — processo civil; — clero e negocios, do conhecimento do tribunal episcopal, apesar de civis; — esponsaes e matrimonio; — e processo criminal, delictos e censuras.

Citam-se os textos, indicando o capítulo pela inicial, ou pelo numero, ou por ambos, com o objecto do titulo; Exemplo:

C. auditis, De electione, ou *C. auditis* 29, *De electione*, ou *C.* 29, *De electione.*

Alguns tambem accrescentam ou a palavra *extra*, ou a letra X, como — C. 29 X de *electione.*

Além da rubrica dos titulos, e da inscripção dos capitulos, a qual, como no Decreto, indica a fonte, encontram-se ahi, a cada um d'elles, um como resumo, *summas*, posteriormente adjunctas.

A mesma extraordinaria actividade litterario-juridica, que suscitava a eschola de Bolonha; os variados e multiplicados trabalhos dos professores, cuja noticia póde lêr-se especialmente em Walter; a publicação de successivas compilações de Decretaes; e apesar d'isto, a existencia d'outras *extra vagantes*, que eram citadas nas escholas e no fôro, obrigaram ao illustre ancião, Gregorio IX (homem que dizem ter sido de ingenho perspicacissimo, e sciencia eminentissima *in utroque jure*, e sobretudo, desde longos annos, versadissimo nos negocios) a emprehender a publicação do novo codigo[12].

[10] Philips § 17.

[11] Philips cit. § 19.

[12] Philips cit. § 19.

Foi o trabalho menos correctamente elaborado, deixando muito que desejar, e difficuldades de sobra para vencer na intelligencia dos textos; o que deu occasião, similhantemente ao que succedeu com a obra de Graciano, a posteriores trabalhos scientificos e eruditos, de que havemos de fallar 'noutro logar.

Phillips no § que tracta da — *Elaboração das Decretaes* — de pag. 193 a 222, occupou-se largamente de discutir as arguições, que se fazem ao codificador, começando por dizer (o que salta ao bom senso), que,—« se fôr julgado o seu trabalho á luz da sciencia actual, não póde deixar de deplorar-se grandemente o modo por que foi executado; porém, se se interrogarem unicamente as necessidades da epocha, em que sahiu á luz, devemos relaxar-nos muito da severidade d'este primeiro juizo, » — sem comtudo o poder inteiramente absolver.

Com sensivel differença do Decreto, as Decretaes revelam a affluencia dos negocios que concorriam ao supremo juizo de Roma; as decisões pontificias ácêrca d'elles; e a reconhecida e plena interferencia do papado no ecclesiastico, e no civil, por toda a christandade.

XIV

O SEXTO DAS DECRETAES.

Mais adiante sessenta e cinco annos, em 1298, Bonifacio VIII publicou o *Sexto* das Decretaes.

Não é muito largo o espaço decorrido, mas os tempos são demasiado revoltos em toda a christandade, e mormente na Italia, com as incessantes guerras intestinas, e as de italianos e allemães, e varios pretendentes de Napoles e da Sicilia. No meio d'ellas, e jogadas por mãos pouco fortes, e menos habeis, e nem sempre prudentes, as armas espirituaes perdem de consideração. Longos interregnos do pontificado, ausencias de annos, e outras vicissitudes tendem manifestamente a enfraquecer e alluir o poder pontifical no que tinha de puramente politico, e como de suzerano dos reis christãos.

O logar da reunião de dois concilios ecumenicos, celebrados 'neste periodo, demonstra a ausencia dos papas, e como uma nova e poderosa influencia, desfavoravel á grandeza e representação da cidade eterna, tende a tornar-se dominante.

Um e outro, o 13.° e o 14.°, celebram-se em França, na cidade de Leão; e d'ahi tomaram o nome. Ambos elles, além dos grandes negocios politicos da Europa e do Oriente, cuidaram de remediar a disciplina e os costumes do clero.

Além dos seus canones, accresceram ao direito da Egreja muitas constituições e decretaes pontificias; entre as quaes é notavel a de Gregorio X ácêrca da clausura dos cardeaes no conclave, e da successiva limitação da prestação do alimento até se reduzir a pão, agua e vinho, porque não protrahissem a eleição dos papas.

A historia representa a Bonifacio VIII como jurisconsulto versadissimo nos negocios da Curia, d'elevado espirito, e grande, mas indiscreta e áspera, firmeza, mais nascido para rei do que para pontifice, e destituido das virtudes, que por ventura tinham ajudado a fundamentar as pretenções dos Gregorios e Innocencios, a quem elle pretendia imitar.

Em lucta, sôbre todas acre, com Filippe Bello de França, rei despotico e tyrannico, surgem d'ahi novos principios de independencia politica; e o mesmo papa, se não bem nos actos, ao menos nas palavras, condescende em reconhecel-os, distinguindo entre o poder e a jurisdicção — *espiritual*, que pertence ao S. pontifice *principaliter*; e a *temporal* do imperador e outros reis, sôbre a qual não tem ingerencia o papa senão — *rationi peccati*[13].

Pela primeira vez se ouve na christandade, em menosprêzo da auctoridade do legitimo pastor, appellar de seus juizos para um concilio, por outro papa presidido! Nem se limitam a isso os improperios do rei de França. Seus enviados descem ás maiores affrontas, pessoaes e physicas, contra Bonifacio VIII, heroe 'nestes duros transes; e que, tendo sido libertado pelo povo, recae no poder de seus inimigos, e perde a vida no delirio da exasperação, aos oitenta e seis annos d'edade. A omnipotencia (politica) da Sancta Sé termina com elle (diz C. Cantu).

É de sobejo expressivo, sentencioso e moral, o juizo que o mesmo historiador transcreve do continuador de Baronico:

—*Super ipsum itaque Bonifacium, qui reges ac pontifices et religiosos, clerumque, ac populum horrende tremere fecerat, repente timor et tremor et dolor una die irruerunt, ut ejus exemplo discant superiores prælati non superbe dominari in clero et populo; sed, forma facti gregis, curam subditorum gerant, priusque appetant amari quam timeri*[14].

Desconhecêra egualmente as mudanças dos tempos; quizera fazer o impossivel de retardar-lhes a marcha, trabalho até certo ponto sempre impotente, e muito mais quando o esfôrço não é temperado com extremos de doçura e caridade.

O codigo de Bonifacio VIII era destinado a completar o de Gregorio IX com as constituições e resoluções posteriores, sendo como o sexto livro d'este último, e d'ahi o nome, que lhe foi dado de — *Livro Sexto* das Decretaes. Por uma notavel singularidade, dando-se por não valiosas as decretaes, que ainda ficassem va-

[13] Alzog., § 226.
[14] C. Cantu L. 13, C. 6.

gando fóra d'elle, exceptuaram-se todavia algumas, — *reservadas*, e nem ainda comprehendidas por abreviatura no mesmo Codigo.

Citam-se os textos d'elle como os das Decretaes de Gregorio IX, salvo o que é propriamente indicativo d'esta anterior collecção, e que se substitue pela nota — *in* 6.° ou in VI.

Exemplo: — C. *Fideli* 1, *De summa trinitate, in* 6.°

XV

Clementinas e Extravagantes.

Decorreram apenas mais quinze annos, e no de 1313 sahiu a lume o codigo clementino, de Clemente V, contendo novas constituições pontificias, e especialmente os decretos do concilio geral, celebrado em Vienna, na França, o 15.° na ordem dos ecumenicos. O mesmo pontifice suspendeu a expedição da sua obra para a fazer corrigir; e foi o seu successor, João XXII, que a publicou, nova e definitivamente, e expediu ás universidades em 1317.

Citam-se os textos d'ella como os das outras, com a differença da indicação especial —*Ex Clement.* Exemplo: *C. Fidei catholicæ, De summa trinitate. Ex Clement.*

Encerram o *Corpus juris* mais duas pequenas collecções, elaboradas por auctoridade particular, e pela mesma, a princípio, adjectas ás anteriores; e são as *Extravagantes de João XII*, e as *Communs*, de differentes papas, desde Urbano IV (1264) até Xisto IV (1484). Citam-se como no seguinte specimen: — EXTRAV. AD ONUS, JOANNIS XXII, DE ELECTIONE: — EXTRAV. SUPER GENTES, DE CONSUETUDINE, INTER COMMUNES.

Supra tormentosos e desgraçados para a Egreja foram os dias de Clemente V e de seus successores, não só pela longa ausencia dos papas em Avinhão, na França, sujeitos a toda a influencia dos reis e cardeaes d'esta nação, mas e principalmente pelos terriveis resultados do longo scisma, que, tendo principio em 1378, pela eleição dupla de Urbano VI em Roma, e de Clemente, que se nomeou VII em Avinhão, não veio a terminar senão em 1417 pela eleição de Martinho V, no concilio de Constança.

Se a barca de S. Pedro houvera uma vez de sossobrar, não poderia certamente resistir ás tormentas d'esta epocha desgraçada, em que a corrupção, a mais profunda, d'alguns dos chefes, e de seus mais proximos conselheiros; o abuso da auctoridade no superior regimen ecclesiastico; a oppressão das egrejas particulares; e a incerteza do legitimo pastor tocaram o seu zenith.

Mas — *as portas do inferno não prevalecerão contra ella.* — Prometteu-lh'o Jesus-Christo, bem como lhe annunciára estes e tantos outros, passados, presentes e futuros combates; os quaes, sempre vencidos emfim, manifestam por uma parte a divindade da obra e a assistencia do divino Espirito, que lhe mantém a vida; e por outra parte ou — a summa ignorancia d'uns, que cantam victoria por alguns triumphos, que passam; ou — a fraqueza e pusillanimidade de outros, que descoroçoam, e quereriam entrar em ignobeis transacções, á vista d'elles.

Mas aquellas lamentosas consequencias do captiveiro de Babylonia, como chamaram os romanos á estada dos papas em Avinhão, e do longo schisma, importaram, real e urgentemente, a necessidade da reformação da cabeça e dos membros; e tanto mais que a heresia, attiçada por isso mesmo, começava de levantar o collo com altivez nunca vista, intentando não o mesmo fim, por todos desejado, mas, em vez de reformar e corrigir, revolucionar e destruir.

As luctas da verdade contra o êrro, da reformação contra a corrupção, iam a ser origem de muitos e varios capitulos da legislação ecclesiastica, que não entram no *Corpus juris;* e que constituem o direito *novissimo.*

Resta-nos dizer poucas palavras ácêrca das correcções, que se fizeram no *corpo de direito*, e do seu encerramento.

A descoberta da imprensa, o progresso das lettras e sciencias, e com ellas o da critica, se por um lado faziam multiplicar os escriptos relativos a cada um dos codigos, e tendiam a revelar e fazer mais salientes os seus defeitos, excitavam pelo outro aos chefes da Egreja para que curassem de não menos os fazer mais cuidadosamente rever e corrigir. D'ahi procedeu que, logo depois de encerrado o concilio tridentino, em 1566, Pio V, realisando o intento, que o seu predecessor não podéra levar a effeito por lhe fallecer a vida, creou uma congregação de cardeaes e outros sabios para cuidarem da revisão do Decreto. Tiveram o nome de — *correctores romani.*

A historia dos seus trabalhos lê-se, resumida mas substanciosamente, em Phillips § 16.

Em 1522 sahiu á luz em Roma uma edição official do *Corpus juris,* na qual o Decreto foi pela primeira vez publicado com as emendas e os esclarecimentos dos correctores. Abrindo-se as edições vulgares, ahi se encontram as suas notas, em seguida aos capitulos, ou aos dizeres de Graciano, debaixo das abreviaturas — CORR. ROM.

Não eram porém os tempos ainda inteiramente appropriados para tamanha empreza: foi imperfeito o trabalho; curaram de o estender e completar muito depois alguns sabios canonistas, como Berardo (*Gratiani canones genuini ab apocriphis discreti,* etc.); e nem estes mesmos conseguiram leval-a ao cabo.

As Decretaes de Gregorio IX careciam não

menos d'uma reflectida recomposição; todavia a edição de 1522, por mandado do pontifice, houve de reproduzil-as textualmente sem a menor modificação. Antes d'ella A. Conte ousára interpolar no texto de muitas das Decretaes o que S. Raymundo cortára dos originaes (*partes decisæ*); e, apesar da prohibição, as edições vulgares reproduzem-as em caracteres italicos.

Com as extravagantes communs encerrou-se o *Corpus juris*, embora a denominação de —*clausum* haja sido dada mais particularmente ao conjuncto do Decreto, Decretaes, Sexto e Clementinas.

Tudo o mais que as acompanha nas diversas edições, lhes é extranho; e taes são —*as Institutas de Lanceloti*, como compendio, que Paulo V, no começo do seculo XVII, permittiu que se ajuntasse para facilitar a intelligencia das fontes; —*o Septimo* das Decretaes, composto por P. Matheus, e publicado em 1590, contendo novas decretaes até Xisto V; e, outras, adjunctas a arbitrio dos editores.

Continúa. A. FORJAZ.

SCIENCIAS PHYSICAS E MATHEMATICAS

HA NO PENDULO DESVIOS APPARENTES E REAES

Fallando do pendulo dizia Vivianni, um dos physicos, a quem mais deve a eschola de Florença pelas suas muitas e importantes experiencias «observa-se que todos os pendulos d'um só fio se desviam do primeiro plano vertical, da direita para a esquerda, das partes anteriores do círculo, no qual se fazem as oscilações.»

Esta passagem foi encontrada nos manuscriptos authographos de Vivianni, e publicada depois da bella experiencia de Foncault. Ha porém outras asserções dos academicos de Florença, as quaes provam que já por esses tempos se conhecia o facto dos desvios do pendulo. Assim, por exemplo, 'numa *notícia* de 28 de novembro de 1661, diz-se que o pendulo, abandonado ás suas proprias vibrações, descreve *uma spiral oval*, que vae sempre estreitando-se para o centro.

Quasi dois seculos se haviam passado, sem que d'este phenomeno se désse uma explicação plausivel: appareceu 'neste meio tempo Mr. Foncault, que chamou para ahi a attenção dos observadores, considerando-o como uma prova manifesta do movimento rotatorio do globo terrestre.

Não queremos de modo algum attenuar o merito d'esta interessante descoberta; mas parece-nos que no tempo em que foi feita, quando o movimento de rotação da terra estava já considerado, senão como um facto, ao menos como uma hypothese extremamente provavel, era muito natural ligar com elle o phenomeno de que nos occupâmos.

Um facto realmente singular aconteceu a Foncault com a sua experiencia. Apesar dos variados exforços, que empregou para convencer a todos do valor, que tinham as suas considerações theoricas, e da fôrça d'esta prova, que chamava incontestavel, o povo, que via funccionar seu grande apparelho, continuava a mostrar-se incredulo ácêrca do movimento rotatorio do globo; e muitos sabios permaneciam silenciosos e reservados sem interpôr o seu juizo sôbre éste objecto.

Tres são as opiniões, que se têm seguido ácêrca dos desvios do pendulo. Uns, á frente dos quaes figura Foncault, entendem que estes desvios são apparentes, e devidos sómente ao movimento de rotação do globo, que pela sua velocidade angular não exerce acção tangencial sôbre a massa do pendulo; outros julgam que os desvios são reaes, e que a terra, cujo movimento fica provado por elles, procura levar comsigo a massa do pendulo, na sua rotação em torno do eixo; outros finalmente, sem negar o facto em si, entendem que a rotação terrestre o não póde explicar, e procuram assignar-lhe outra causa.

Nós não seguimos exclusivamente nenhuma d'estas opiniões; e procuramos demonstrar, que no pendulo ha desvios apparentes e reaes.

Mas primeiro analyzemos em particular e por sua ordem cada uma d'estas tres theorias.

Supponhamos que a terra era esphérica. Demonstra-se na Mechanica, que 'num tal corpo, cuja densidade é constante ou variavel por camadas similhantes e continuas, a attracção tem logar como se a massa estivesse reunida no centro.

Mas é claro, que se existir um movimento de rotação em torno de qualquer diametro, a fôrça centrifuga que d'ahi resulta, podendo decompôr-se em duas, uma normal, outra tangencial, ficará esta última actuando integralmente; e por conseguinte a direcção do fio de prumo, rigorosamente fallando, não será a do raio.

Ora á superficie das aguas tranquillas a direcção da gravidade deve ser a da normal; d'outro modo seria impossivel conceber o equilibrio d'uma molecula qualquer do líquido.

O que acontecerá porém nos outros pontos do globo terrestre? As considerações geologicas levam-nos a crer que a terra fôra 'noutro tempo fluida; a hydrostatica mostra, que a

figura ellipsoidal satisfaz á condição do equilibrio; e finalmente a geodesia não só confirma esta consequencia, mas dá até o valor do achatamento. Portanto a massa do pendulo está relativamente á terra, animada d'um movimento de rotação, como estaria uma molecula fluida. Mas a equação

$$X\,dx + Y\,dy + Z\,dz = o\,,$$

que tem logar 'neste caso, comparada com

$$dz = p\,dx + q\,dy\,, \quad \text{dá}$$

$$p = -\frac{X}{Z}, \quad q = -\frac{Y}{Z}.$$

Por outro lado chamando α, ϵ, γ os angulos que a resultante de X, Y, Z faz com os tres eixos, teremos

$$\cos\alpha = \frac{X}{\sqrt{X^2+Y^2+Z^2}}$$

$$\cos\epsilon = \frac{Y}{\sqrt{X^2+Y^2+Z^2}}$$

$$\cos\gamma = \frac{Z}{\sqrt{X^2+Y^2+Z^2}}$$

Logo, substituindo por X e Y os seus valores, será

$$\cos\alpha = \frac{-p}{\sqrt{1+p^2+q^2}}$$

$$\cos\epsilon = \frac{-q}{\sqrt{1+p^2+q^2}}$$

$$\cos\gamma = \frac{1}{\sqrt{1+p^2+q^2}}$$

Portanto a resultante é normal; e conseguintemente o pendulo, despresando as attenções locaes, deve tomar a mesma direcção.

Posto este principio, passemos á analyse de cada uma das explicações, que se têm dado dos desvios do pendulo.

Supponhamo-nos transportados a um dos polos da terra: imaginemos o ponto de suspensão do pendulo independente do globo, mas no prolongamento de seu eixo. Se o desviarmos 'numa direcção qualquer, e o abandonarmos depois sém velocidade inicial, segundo a primeira explicação que acima referimos, o plano d'oscillação ficará invariavel no espaço, mas a terra, movendo-se por baixo d'elle d'occidente para oriente, o observador, que não tem consciencia d'este movimento, attribuil-o-ha ao plano no qual se move o pendulo, e por isso este parecer-lhe-ha mover-se d'oriente para occidente.

No equador estes desvios tornar-se-hão nullos; e portanto n'um ponto qualquer do globo, onde a velocidade se póde decompôr em duas perpendiculares entre si, uma d'ellas sómente produzirá o seu effeito precisamente como se o pendulo estivesse no pólo.

Uma só dúvida (dizem) poderia suscitar-se ácêrca d'esta explicação.

Consiste ella no modo de realisar a experiencia, admittindo mesmo a possibilidade de nos transportarmos ao pólo da terra.

Com effeito o ponto de suspensão não póde prácticamente ser independente do movimento da terra.

Todavia a dúvida desapparece, á vista das considerações, que se encontram 'numa *memoria* de Poisson. Prova-se 'nesta memoria que, sendo pequena a amplitude, podemos considerar nulla a influencia do movimento rotatorio do ponto de suspensão.

A experiencia feita com um pendulo, munido d'um apparelho auxiliar, que imprimia uma rotação ao ponto de suspensão, confirmou os calculos do illustre analysta; e porisso julgâmos-nos auctorisados a suppôr nulla aquella influencia.

Esta é, muito em resumo, a primeira theoria dos desvios do pendulo, a qual fôra seguida por Foncault, e ainda hoje o é por mui respeitaveis auctoridades scientificas. Seja-nos permittido emittir o nosso juiso sôbre ella. Examinando attentamente esta questão, conclue-se, que no pólo, o movimento angular do globo não entra 'nella, senão para produzir uma illusão, em virtude da qual se attribue o movimento ao corpo que realmente o não tem. Por outro lado, a razão protesta immediatamente contra a hypothese, de que se parte, e que consiste em julgar nulla a influencia da velocidade angular d'um corpo sôbre outro, que gravita para elle.

O que parece mais racional é, incontestavelmente, a supposição de que o corpo attrahido procura seguir o outro no seu movimento rotatorio.

Mas ainda mais

Sendo g a acção da gravidade á altura h acima da superficie, r a distancia do centro a um corpo collocado áquella altura; n e h a velocidade angular do globo, e a latitude 'naquella região; se o corpo é influenciado pelo movimento rotatorio do globo, vê-se facilmente que elle deve cahir mais ao oriente do pé da vertical a quantidade expressa por

$$\delta = n\cos\lambda \int_o^h t\,dx$$

onde t designa o tempo da queda do grave. Ora segundo a Mechanica racional é

$$\frac{d^2x}{dt^2} = \frac{g\,r^2}{(r-x)^2}.$$

Logo

$$\left(\frac{dx}{dt}\right)^2 = 2gr^2\int_o^x \frac{dx}{(r-x)^2} = \frac{2grx}{r-x}.$$

D'aqui conclue-se facilmente

$$t = \frac{1}{\sqrt{2g}}\int \frac{dx}{\sqrt{\frac{x}{r-x}}}, \quad \text{ou fazendo} \quad \frac{x}{r} = z^2,$$

$$t = \sqrt{\frac{r}{2g}}\int 2\,dz\sqrt{1-z^2} =$$

$$\sqrt{\frac{r}{2g}}\,[z\sqrt{1-z^2} + arc\ (\text{sen} = z)] + C$$

Mas pelas condições do problema deve ser $C = o$. Logo, substituindo por z o seu valor,

$$t = \sqrt{\frac{x}{2g}}\left(1 - \frac{1}{2}\frac{z}{r} + \ldots\right) + \sqrt{\frac{x}{2g}} + \ldots =$$

$$\sqrt{\frac{2x}{g}};$$

desprezando os termos seguintes por serem muito pequenos. Logo

$$\delta = n\cos\lambda\int_o^h \sqrt{\frac{2x}{g}}\,dx, \qquad \text{ou}$$

$$\delta = \frac{2nh\cos\lambda}{3}\sqrt{\frac{2h}{g}} \ldots\ldots\ldots (a)$$

Esta fórmula, deduzida na hypothese do movimento de rotação e da influencia d'elle sôbre um corpo, que parte d'uma altura h, sómente será confirmada pela experiencia se aquellas supposições forem verdadeiras.

Mas tão grande tem sido a concordancia da theoria com as experiencias muitas vezes repetidas, que só um espirito refractario poderia hoje pôr em dúvida a exactidão d'aquellas supposições. — Para melhor se ver até que ponto as experiencias têm corroborado a exactidão d'aquella formula, appresentâmos aqui os resultados obtidos.

Média de muitos resultados . . .	$0^m,283$
Cálculo directo pela formula (a)	$0^m,276$
Differença	$0^m,007$

Assim os auctores, que sustentam aquella theoria, admittem por um lado a influencia do movimento rotatorio do globo sôbre um corpo que cae, e negam a influencia do mesmo movimento sôbre o pendulo que oscilla no pólo. Não estará aqui uma contradicção manifesta?

E o que mais notavel se torna em tudo isto, é que estes dois argumentos — dos desvios do pendulo e d'um corpo que desce — se julgam os mais poderosos que se podem reproduzir a favor do movimento do globo. Portanto esta explicação não nos parece acceitavel. Vejamos a segunda.

O mais celebre defensor d'esta theoria é Mr. Charles Emmanuel, que no meio d'academia das sciencias provocou os sabios para uma discussão sôbre o objecto, que nos occupa. Se o plano d'oscillação do pendulo fica invariavel no espaço, se a terra sómente se move por baixo d'elle, o que naturalmente deve acontecer, é que o pendulo passe sempre pela projecção do ponto de suspensão sôbre o solo.

Mas as experiencias dos academicos de Florença, e modernamente as de Mr. Charles, provam d'um modo incontestavel que não é assim, que as coisas se passam. Se o pendulo 'numa oscillação passa á direita, na seguinte passa á esquerda d'aquella projecção. É este o facto de que parte aquelle observador para dizer que o pendulo tem desvios reaes, cuja causa suppõe elle na influencia do movimento terrestre sôbre a massa do pendulo.

Quanto á experiencia de Foncault, que já acima referimos, e que consiste em dar um movimento rotatorio ao ponto de suspensão por meio d'um apparelho, convenientemente disposto para esse fim, parece a Mr. Charles e parece-nos tambem a nós, que nada mais prova do que a exactidão dos resultados, obtidos pela analyse de Poisson. E, com effeito, de que o movimento de rotação do ponto de suspensão não produza desvios no pendulo, seguir-se-ha por ventura, que tambem a terra os não produz? Crêmos que não. A consequencia sómente sería logica, se a terra os podesse produzir unicamente pela rotação, que imprime ao ponto de suspensão. Mas não é assim.

Tendo a terra a mesma velocidade angular que o pendulo, é necessario examinar se por ventura será esta a causa dos desvios.

Indaguemos mais attentamente as circumstancias das experiencias. O apparelho da rotação não exerce acção attractiva sensivel sôbre o pendulo; a terra pelo contrário exerce-a tão grande, que é ahi que está a causa de seus movimentos oscillatorios. Logo, é impossivel deixar de reconhecer que ha aqui uma falta manifesta de analogia. Portanto a experiencia não prova.

Mas apesar do que fica dito não seguimos completamente as ideias de Charles Emmanuel.

O que as suas experiencias levam a concluir é que no pendulo ha desvios reaes. Mas não os haverá tambem apparentes? É á analyse que compete examinar a questão; é á analyse que compete achar as circumstancias do movimento d'um pendulo, sujeito á acção da gravidade, e tambem das outras fôrças, produzidas pelo movimento de rotação. Os nossos

limitados conhecimentos não nos permittem tractar esta questão, como ella o merece. Mas, apesar d'isto, não completaremos este trabalho sem fazermos algumas considerações, segundo este modo de encarar o problema; veremos por ellas, que os desvios, *que têm sido tomados em conta*, devem effectivamente ser representados pela formula $\delta = u\,t \operatorname{sen} \lambda$, como a experiencia mostra, e como se tinha concluido da primeira theoria.

Quanto aos outros, veremos tambem que elles são reaes e provenientes de que o pendulo, encontrando no fim de cada oscillação um plano invariavel, tem descripto no seu movimento uma curva traçada sôbre a esphera, cujo raio é egual ao comprimento do pendulo, curva que projectada sôbre o plano horisontal é aproximadamente uma elipse.

Se os principios em que fundâmos a nossa analyse são exactos, como julgâmos, podemos talvez suppôr a questão resolvida; e o pendulo, que é um instrumento simples e preciso, fornecerá tambem uma prova *material* do movimento rotatorio do globo terrestre.

Passemos finalmente á terceira theoria. O auctor que primeiro a appresentou foi o celebre physico Mr. Raspail. Este sabio, admittindo que o globo não póde influir nos desvios, como o suppunha Foncault, procura assignar-lhes outra causa. Se o movimento de rotação influe no do pendulo, diz elle, tambem deve influir quando está em repouso, o que a experiencia não confirma; além d'isso, se o pendulo não acompanha o movimento de rotação do globo, deve a final desviar-se tanto da normal, que pareça suspenso no ar.

Estas objecções não têm fundamento. Para as combater bastará notar que, estando o pendulo no pólo e em repouso, o movimento de rotação não poderá desvial-o do eixo terrestre; e por consequencia o mesmo acontecerá tambem, relativamente á normal, 'num ponto qualquer do globo; e que, além d'isso, quando se diz fixar invariavel no espaço o plano d'oscillação, deve isto só entender-se relativamente á rotação componente, que se effectua no sentido horisontal.

Continúa J. R. RAMOS.

O MICROSCOPIO DA FACULDADE DE MEDICINA

É muito louvavel o empenho, que a faculdade de Medicina tem mostrado, 'nestes ultimos annos, em enriquecer os seus gabinetes, aproveitando, até o último real, a mingoada dotação, que o Estado lhe concede, na compra de bons instrumentos e d'outros objectos, indispensaveis para o estudo das sciencias de observação.

Entre os artigos mais importantes da encommenda do anno lectivo proximo findo, avulta um — Grande Microscopio Binocular Completo, de Primeira Classe — com todos os aperfeiçoamentos, que comporta o estado actual da sciencia. Este magnifico instrumento é obra dos srs. *Smith, Beck and Beck*, constructores inglezes, muito acreditados pela excellencia dos seus microscopios, que mereceram medalhas de primeira classe, na grande exposição de 1851 e na exposição franceza de 1855.

Tudo quanto ha de mais importante no microscopio, foi levado 'neste ao maximo grau de perfeição.

Tem duas objectivas de *baixo poder*, uma de 1 pol. $^1/_2$ de distancia focal com 20° de abertura, e outra de $^2/_3$ com 30°; duas de *poder medio*, $^4/_{10}$ com 75° e $^4/_5$ com 100°; e uma de *alto poder*, $^4/_8$ com 120°. Estas differentes objectivas, combinadas com tres oculares n.os 1, 2, e 3, amplificam desde 20 até 1:300 diametros. Póde, na verdade, levar-se mais longe a amplificação nos microscopios; todavia é opinião dos mais abalisados microscopistas, que não ha vantagem real no emprêgo de amplificações mais elevadas: pelo contrário, ultimamente, parece que, tanto os constructores, como os microscopistas, julgaram conveniente não ultrapassar o limite de 1000 diametros[1]. Alem d'estas, tem o microscopio uma lente de reversão (*erecting-glass*), que, combinada com a objectiva $^2/_3$ e os oculares n.os 1 e 2, amplifica desde 5 até 150 diametros.

Do modo, por que o instrumento está assente no seu *pé*, assás firme para evitar qualquer trepidação, que podesse prejudicar as observações; e do systema particular, empregado para applicar o apparelho de illuminação, abaixo do *porta-objecto*; bem como das differentes peças de que este se compõe, e do modo como funccionam: só póde formar-se ideia exacta á vista do instrumento. É notavel a perfeição e commodidade, com que os diversos movimentos, de grande e pequena amplitude, são dados por meio de alavancas, parafusos, hastes e rodas dentadas; achando-se tudo disposto com tal arte, que o observador, que conheça regularmente o instrumento, póde mover, á sua vontade, cada uma das peças, sem desviar a attenção do campo da visão.

Com o microscopio, vêm todos os appensos necessarios e uteis, para este genero de observações.

Para dirigir a illuminação dos objectos transparentes, ha um *Condensador achromatico*, de construcção aperfeiçoada; e um *Prisma d'angulo recto*, que reflecte a luz mais perfeitamente do que o espelho plano.

Para a illuminação obliqua, ha os *Prismas de Amici e de Nachet*.

E para o que se chama — illuminação de

[1] Vej. Dr. Carpenter, *The Microscope and Its Revelations*, 2.ª ed., pag. 186.

campo escuro (*dark field illumination*) traz o *Reflector parabolico de Wenham.*

Para a illuminação dos objectos opacos, ha uma grande lente plano-convexa, de curto foco, que serve de condensadôr (chamam-lhe os inglezes *Bull's-Eye-Condenser*, *Condensadôr-olho-de-touro*) e outra de menor diametro; ha tambem os espelhos de *Lieberkühn*, acommodados ás objectivas $1\,{}^{1}/_{2}$, ${}^{2}/_{3}$ e ${}^{4}/_{10}$; e um *Reflector lateral (Side-Reflector)* de prata, sustentado por um cabo, de tal maneira articulado, que póde collocar-se em todas as posições, conforme a obliquidade da illuminação, que se precisa, e a posição do foco, que fornece a luz.

O apparelho de polarisação é completo, e consta de dous *Prismas de Nichol*, com os seus colares proprios, e d'uma serie de laminas de *Selenite*, que dão 13 côres differentes e as suas complementares.

Emfim, acompanham o instrumento varios outros accessorios, destinados a diversos usos, taes como: uma *Camara clara*, para desenhar os objectos; *Micrometros*, tanto do ocular, como do porta-objecto, para os medir; um *Indicador*, que serve para apontar qualquer objecto particular no campo da visão; um par de *Pinças* (*Stage-Forceps*) proprias para sustentar objectos delicados debaixo da objectiva; etc.

Em todas estas differentes peças, a perfeição artistica é admiravel; e é preciso examinal-as attentamente, para reconhecer a justiça, que o sr. Dr. Carpenter faz aos constructores, dizendo a respeito do microscopio *Smith and Beck: — in point of general excellence of workmanship, this instrument cannot be surpassed.*[2]

No microscopio da faculdade de Medicina, ha ainda um novo aperfeiçoamento, que muito lhe realça o merito: é o systema binocular de *Wenham*, habilmente adaptado pelos constructores ao seu microscopio. Esta feliz modificação produz a visão stereoscopica dos objectos; o observador vê a imagem em relêvo, e distingue immediatamente a fórma, distancia e posição das suas várias partes, como se tivesse á vista um modelo exacto do objecto delicadissimo, que está observando.

O custo do instrumento, com todos os seus appensos, e com o arranjo binocular, é de 94 L. (423$000 réis) em Londres.

Em abono de tudo o que levâmos dicto, a respeito da bella acquisição, feita pela faculdade de Medicina, cumpre declarar, que este microscopio foi escolhido pelo sr. Dr. Carpenter. O sabio presidente da Sociedade Microscopica de Londres, sendo consultado sôbre esta encommenda, e sabendo que era para a Universidade, prestou-se, de bom grado, a examinar os instrumentos dos srs. *Smith, Beck and Beck;* e escolheu, d'entre elles, o que hoje possue a faculdade. É a melhor recommendação, que se póde fazer do instrumento.

S. V.

[2] Obr. cit., pag. 92.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

ABSOLUTISMO DE AUGUSTO

Já dissemos no n.° 1 do vol. 10 d'este jornal, que a primeira fórma de governo dos romanos não fôra uma realeza pura, mas aristocratica, em quanto subordinada ao predominio do elemento aristocratico, que altamente campeia e avulta nas primeiras edades da sociedade romana. Accrescentâmos agora, que foi Augusto o primeiro monarcha propriamente dicto; um monarcha absoluto, que absorveu, mesmo, e aniquilou todos os elementos politicos. Seu governo é uma das epochas mais instructivas e proveitosas da historia romana para o leitor philosopho e pensador.

Dizendo um escriptor biographico, que Augusto fôra um varão d'estado, de quem todo o bem e todo o mal se ha dicto; porém que, no meio de tudo, a historia lhe faz justiça de confessar, que, ou nunca devêra ter vivido, ou nunca devêra ter morrido; dizendo, mesmo, outro escriptor, que elle fôra — πολιτικωτατος — muito politico, ou (em portuguez gracioso e exacto) *um politicão;* importa examinar departidamente, até que ponto isso é verdade.

Tacito, em seu tão admiravel, como substancioso laconismo, nos diz o seguinte: «Depois «que, derrotados Bruto e Cassio, já não ha«via mais guerras civís, tendo sido Pompeu «opprimido na Sicília, despojado Lepido, An«tonio morto, não restando do mesmo partido «juliano outro chefe mais que Cesar, este, «depondo o nome de triumviro, e inculcan«do-se um consul satisfeito com os direitos «tribunicios para tutelar a plebe, tanto que «viu a tropa acareada com dadivas, o povo «com victualhas, e todos com as doçuras do «ocio, começou a insurgir-se pouco e pouco, «chamando a si todas as attribuições e influen«cia do senado, dos magistrados, e das leis, «sem opposição alguma, por isso que os mais «ferozes e indomitos haviam acabado, por «meio das batalhas e proscripção, e os mais, «d'entre os nobres, eram exaltados com ri-

« quezas e honras, á proporção que mostra-
« vam mais prompta subserviencia, de sorte
« que, augmentados pelo novo estado das cou-
« sas, preferiam o presente, que se lhes anto-
« lhava seguro, ao passado, que encaravam
« perigoso.[1]

Que nos revelam estes naturalissimos traços? Duas cousas, factos militares, que preparam a concentração de todo o poder nas mãos de Augusto só; e um astuto refôlho e destreza em trazer a si todo esse poder, o que Augusto levou ao cabo por muitas e variadas traças.

Conservou os magistrados antigos, com todos os seus privilegios exteriores; mas reservando para si a decisão dos negocios principaes – *Eadem magistratuum vocabula* – (Tacit.); porque a realidade já não existia. É a mesma artimanha, que Machiavel recommenda nas transições; e por isso adoptada por Augusto, em sentido contrário, denota mais ardileza.– *Qui veut réformer un ancien état* (diz aquelle) *et le constituer en état libre, doit conserver, au moins, l'ombre des vieilles formes.*[2]

Encheu o senado de creaturas suas, e áquelles dos senadores, a quem falleciam meios para sustentar sua dignidade, ministrava-os elle do thesouro público. Fugiu dos nomes que tinham feito odioso seu pae adoptivo, e que, á força de querer conservar o poder, lhe haviam grangeado a morte: foi para isso que elle interrogou a Mecenas e Agrippa sôbre o que lhe cumpria fazer; e ao passo que Agrippa, como amante do estado primitivo da républica, lhe aconselhou, não aspirasse ao supremo poder, contentando-se com ter uma egualdade civica com o mesmo Augusto, Mecenas desvanecia-se com as esperanças e projectos d'uma aristocracia aulica; e por isso lhe deu um alvitre azado á sua propria importancia, que elle preferiu. Foi então que tomou o nome de *Augusto*, como presagio do supremo poder, a que aspirava, preferindo tambem a esse respeito a opinião de Munacio Planco á d'outros, que lhe apontavam o nome de Romulo, como significando um segundo fundador: e note-se que essa preferencia tem uma razão religiosa, segundo a significação etymologica, dada por Suetonio: — *ut Augustus potius vocaretur, non tantum novo, sed etiam ampliore cognomine, quia loca quoque religiosa, et in quibus augurato quid consecratur, augusta dicantur, ab auctu, vel avium gestu gustuve: sicut etiam Ennius dicit, scribens:*

Augusto augurio postquam inclyta condita Roma est.[3]

Como que denota uma pessoa consagrada pela religião, e tocando de perto a divindade. É tão antiga a hypocrisia d'ir buscar á religião a sanctificação das ambições mais desmedidas! O espirito do christianismo é mais franco no caracter religioso, que attribue aos reis, como perpétua norma de seu proceder: — Ungidos do senhor, imagens da divindade na terra.

Dividiu as provincias do imperio com o senado; mas reservou para si aquellas que eram mais inquietas, e que demandavam a presença das tropas; para o que dividiu-as em trinta e duas colonias pela Italia, conservando, das tropas, doze cohortes junto a si, ou dez mil homens, que vieram a ser ao diante as guardas pretorianas. Conservou tambem ás suas ordens duas armadas, uma no Adriatico, outra no Mediterraneo: e, depois de firmado 'nestes grandes meios materiaes, recorreu á traça da abdicação — simulacro de modestia, cinco vezes posto em práctica durante sua vida pública, sem outro resultado, que ficar governando o imperio por meio do senado, e este governar-se por elle mesmo. Os mais atilados penetraram o plano, sem que, todavia, deixasse de sortir o effeito, a que tendia, de legitimar o seu poder pelo consenso d'aquelles, a quem incumbia sustentar o passado, ou apoiar a mudança presente. O senado mostrou-se logo prestes a conferir-lhe o poder perpétuo: elle é que teve a modestia affectada de o não acceitar, senão temporario por dez annos; mas chegado que foi o décimo anno, essa ordem, conservadora e tutelar da legalidade das cousas, teve a baixeza de lhe facultar e larguear o illimitado direito de seguir sua vontade, como lei. Nem admira, depois dos estudados meios, com que, tanto d'antemão elle tivera o cuidado de corromper e reformar o senado, expurgando-o mesmo dos amantes do partido républicano, que lhe podiam servir de obstaculo.

Taes, entre outros, os meios por que Augusto estabeleceu sua monarchia absoluta. Por meio d'uma politica tão especiosa e sympathica, como dobre e arteira, pela qual escondia as mãos, que empunhavam as rédeas do governo, não foi menos monarcha, do que, se tivera adoptado um systema directo, patente, e despachado: talvez por este meio o fôra menos.

O proconsulado dava-lhe uma supremacia legal em várias provincias: o tribunado perpétuo tornava-o inviolavel, e attribuia-lhe a faculdade de contrastar os projectos adversos á sua vontade: e a censura, a superintendencia dos costumes: o pontificado fazia-o chefe da religião. Como imperador, era o árbitro da paz e da guerra; e como pae da patria, considerava seus subditos, como uma familia sua particular. O citado nome de Augusto, que tomou no septimo anno de seu consulado, era um feliz presagio d'esta universalidade de poder, que, pelo volver do tempo, veio a accumular em suas mãos.

Tal foi a desmesurada elevação, a que che-

[1] Tacit. *Annal.* liv 1, II.
[2] *De la Républ.* liv. 1.er, chap. 25.
[3] *Oct. Aug.* VII.

gou aquelle, que, achando-se em Brindes na Italia, foi proclamado pelos veteranos vingador de Cezar, seu pae adoptivo; e á entrada de Roma foi esperado pelo senado e magistrados, afóra Antonio. Que mais falta, para elle só constituir-se tudo? D'aqui ao despotismo não havia mais que um passo, se elle não existia já em toda a plenitude. Releva porém fazer sentir os beneficios d'este poder universal e unico.

O poder monarchico é sempre benefico, quando vem suspender a desorganisação social; e para isso a epocha era a mais apropriada. Ouçamos ainda Tacito: «Nas epo-«chas anteriores as dictaduras eram exerci-«das quando o tempo o exigia: o poder decem-«viral não vigorava mais que dois annos; e «o direito consular dos generalissimos não «era diuturno. Não fôra longa a dominação «de Cinna nem a de Sylla. O poder de Pompeu «e Crasso em breve passou para Cezar: *Le-«pidi atque Antonii arma in Augustum cessere, «quia cuncta discordiis civilibus fessa, nomine «principis, sub imperium accepit.*[4]» Similhantemente se exprime em outra parte, onde fallando de Antonio e Lepido accrescenta:—*Postquam hic* (*Lepido*) *socordia senuerit, ille* (*Antonio*) *per libidines pessumdatus sit, non aliud discordantis patriae remedium inventum, quam ut ab uno regeretur*—[5] Os historiadores e poetas são accordes em exaltar os beneficios sociaes d'este poder unitario.

Velleio Paterculo nos diz: «Acabaram no «vigesimo anno as guerras civís, extingui-«ram-se as externas, restabeleceu-se a paz, «aquietou-se por toda a parte o furor das «armas: ás leis foi restituida a sua fôrça, «aos julgados sua auctoridade;... voltaram «os braços á cultura dos campos, a honra aos «sacrificios, a segurança aos homens, e a «cada um certeza da posse de seus haveres; «reformaram-se leis uteis, promulgaram-se «outras salutares, etc.[6]»

E o vate de Venusa:

Tutus bos etenim rura perambulat:
Nutrit rura Ceres, almaque Faustitas:
Pacatum volitant per mare navitae:
Culpari metuit fides.

Nullis polluitur casta domus stupris:
Mos et lex maculosum edomuit nefas:
Laudantur simili prole puerperae:
Culpam poena premit comes.[7]

Portanto, Augusto assumiu o poder monarchico; porque assim o exigiam as discordias civis, e especiaes circumstancias do estado social. A corrupção era tão grande, que já Cicero dizia no seu tempo, segundo consta d'um fragmento conservado por Sancto Agostinho,[8] o seguinte: «A nossa edade, vindo en-«contrar a républica, como uma pintura ex-«cellente, mas que já se vae apagando, de «velha, não só descurou de renovar-lhe as «mesmas côres, que tivera, mas nem ainda «conservou, sequer, a sua forma, e como que «últimas feições. Pois, que resta dos antigos «costumes, pelos quaes o poeta Ennio disse «que subsistia a républica romana? certo, «vêmol-os tão obsoletos, á fôrça d'esqueci-«mento, que não só se não cultivam e practi-«cam, mas até ignorados são. Quanto a ho-«mens de respeito e auctoridade, que direi? «Os proprios costumes, se acabaram, foi pela «penuria de taes varões. D'um mal tamanho «não só devemos dar a razão, senão tambem «apontar a causa, como d'um verdadeiro cri-«me capital. É por causa de nossos vicios, e «não por alguma casualidade, que nós rete-«mos a républica em palavras, pois na rea-«lidade já ha muito que a perdemos.»

Quando as cousas chegam a este estado, entra em applicação a sentença de Seneca: — *Desinit esse remedio locus, ubi quae fuerant vitia, mores sunt.*[9]

A remissão das dividas, e as leis agrarias (e mormente estas) eram as duas pedras d'escandalo, que haviam desorganisado e desmoralisado a républica. Aos Gracchos, os dois primeiros campeões da causa do povo, que a tinham propugnado á custa da propria vida, haviam succedido homens ordinarios, Saturnino, e Livio Druso. Porém Mario chega, e com elle a guerra civil, fructo dos excessos dos patricios. Porque razão a democracia se alista debaixo das bandeiras de Mario, Cezar e Octavio? Para receber terras, depois da victoria, das mãos de seus generaes. Sob Augusto a Italia é repartida por seus veteranos, e a propriedade soffre revoluções, que ainda retumbam nas eclogas do vate de Mantua. Assim que, a democracia renunciou á liberdade por causa da propriedade, por causa dos direitos e doçuras da vida civil; e a causa de Tiberio e Caio, d'esses dois républicanos de boa fé, vingada por Mario, triumpha pela dictadura de Cezar, que teve por herdeiro o moço Octaviano. Este, cahindo-lhe nas mãos toda a omnipotencia militar, assumiu o sceptro em um ensejo tão feliz, em razão da necessidade, que havia da unidade do poder, e por outro lado fez-se tão quisto, já pela modestia, que mostrava no governo, já pelos beneficios sociaes que prestou (pois collocou o senado, o povo, e as provincias ao abrigo das guerras civis); fez-se, digo, tão presado, que o senado, tributava uma absoluta deferencia ás suas vontades, a ponto de passar a inserir em seus decretos as cartas e discursos dos principes, o que teve logar desde Augusto até Trajano. De

[4] *Annal.* l. I.
[5] Ibid. l IX.
[6] *Hist. Rom.* lib. 2, LXXXIX.
[7] Lib. 4, Od. 5.
[8] *De civit. Dei*, lib. 2, cap. 21.
[9] Ep. 39.

sorte que o senado rigorosamente, veio a ser um instrumento de formalidade, uma chancellaria de suas vontades: com a differença que o — *solutus legibus* —, (que em Adriano principiou a ser a significativa expressão do despotismo imperial, abrangendo já o podêr legislativo exercido aberta e directamente), em Augusto significava ainda um despotismo machiavelico e astucioso, que habituou o senado, durante o longo reinado de quarenta e tres annos, a submetter-se ás vontades d'um só imperante.[10]

Deixemos, porém, consignado: — que Augusto é o primeiro principe, que, em Roma, accumulou todos os poderes politicos, perpetuamente, e do modo mais formal; e d'est'arte, conferiu ao imperio romano os beneficios sociaes, que os escriptores costumam attribuir ao poder d'um só. Foi um supremo árbitro e juiz de paz, como o A. da *Civilisação da Europa* caracterisa os monarchas, e o mesmo Tacito já muito antes reconhecêra, quando disse: — *Postquam bellatum apud Actium, atque omnem potestatem ad unum conferri pacis interfuit, etc.*[11]

Vejamos agora o reverso da medalha.

Augusto não foi, tão sómente, o primeiro monarcha absoluto de Roma; senão tambem, no exercicio d'esse poder, practicou excessos reprehensiveis.

Um sabedor d'eloquencia laudatoria,[12] fallando dos elogios dados aos imperadores, desde Augusto até Trajano, nos diz o seguinte:

« Sob Octavio, dois homens, que haviam nas-
« cido livres, e que ambos tinham visto as
« proscripções, louvaram á porfia o assassi-
« no, que, á força d'arte e dobrez, tinha avas-
« sallado Roma: peço perdão a esses dois
« homens; mas é força nomeal-os — Horacio
« e Virgilio. Nas eclogas já o assassino é um
« deus; nas georgicas os astros se enfileiram
« humildemente para lhe dar logar, e lhe per-
« guntam, qual é o que elle terá a bondade
« de occupar entre elles; e a Eneida, como
« todos sabem, não é, d'um cabo ao outro,
« senão um monumento, que a escravidão le-
« vantou, por mão do genio, á familia dos Ceza-
« res; Virgilio tinha a alma mais terna, que
« elevada, e mais branda que forte. Acostu-
« mado a vagar pelos bosques, e debaixo do
« bello ceu de Napoles, meditando a natureza,
« que tão bem sabia pintar, devia dar um
« grande apreço ao repouso: não é razão pois
« que alguem se assombre, de que elle lou-
« vasse a Octavio; que tambem se dorme nas
« proprias cadeias. A respeito d'Horacio, na-
« turalmente dotado d'imaginação, d'um espi-
« rito delicado, da mania de agradar aos gran-
« des, e arte de assim os lograr, teve os talen-
« tos e os vicios d'um cortezão polido. 'Nesses
« tempos de crise, em que os governos mu-
« dam, e os povos agitados passam da liber-
« dade républicana para outra constituição, o
« homem d'estado ha mister do homem d'in-
« genho; e Horacio, pelo genero do seu, era
« um instrumento util a Octavio: suas canções
« voluptuosas suavisam espiritos que as guerras
« da liberdade haviam tornado ferozes; suas
« satyras desviavam para o ridiculo as vistas,
« que d'antes se volviam para o governo, e
« para o Estado; sua philosophia, pendendo
« d'um espirito menos ardente que assizado,
« tomando pelo meio de tudo, e em tudo evi-
« tando o excesso, acalmava a impetuosidade
« dos caracteres, e collocava a sisudez a par
« do repouso; em fim, seus eternos elogios
« d'Octavio acostumavam ao respeito, e for-
« mavam illusão sôbre seus crimes; a geração,
« que os não tinha visto, era enganada; a que
« d'elles se lembrava, quasi chegava a duvi-
« dar, se os tinha visto. Os versos d'Horacio
« eram para os Romanos o que o cinzel de
« Phidias para os gregos, aformosentavam o
« que era mister adorar: assim que, o usur-
« pador acariciava o poeta; e o poeta reco-
« nhecido não cessou de celebrar um vencedor,
« que tremia numa batalha; um legislador,
« que violava suas leis, um reformador sus-
« peito de incesto com sua filha. Se é menos
« vergonhoso ser lisongeiro, quando se teme
« ser ingrato, Horacio e Virgilio foram menos
« culpados: elles louvaram seu bemfeitor; mas
« Ovidio, que louvava seu oppressor!... Ovidio,
« que, nascido cavalleiro romano, e desterrado
« por uma só palavra d'Octavio para quatro-
« centas leguas de Roma, e entre povos bar-
« baros do Ponto Euxino, fatigou por espaço
« de seis annos, com súpplicas e elogios, o
« seu tyranno, que se não dignava ouvil-o!...
« Ovidio, que depois da morte d'esse Octavio,
« a quem devia aborrecer, lhe consagrou um
« elogio funebre em versos getas, lhe erigiu
« uma capella e compoz hymnos; que ia,
« mesmo, todas as manhans incensar sua ima-
« gem, para que o olôr do incenso chegas-
« se ao Capitolio, a esse outro tyranno, cha-
« mado Tiberio! Ovidio, em fim, que, durante
« dez annos, perdeu seus versos e suas bai-
« xezas, e nunca se enfadou, que nome dar-
« lhe?!....

« É triste para os poetas o haver-lhes per-
« tencido em todos os seculos o privilegio de
« lisongear, sem o advertirem, e sem que já,
« mesmo, isso cause assombro: cumpre espe-
« rar que um dia reclamarão contra esse di-
« reito; mas esse privilegio, facultado aos ver-
« sos, nunca se estendeu á historia, que, livre
« por sua natureza, parece consagrada á ver-
« dade, como a poesia á mentira. »

Pois bem: recorramos nós tambem agora á

[10] V. Gibbon, *Apérçu Historique sur le Droit Rom.* pag. 24, e seg.

[11] *Hist.* lib. 1, I.

[12] Thomaz, *Choix d'Éloges, précédés de l'Essai sur les Éloges.* Tom. 1.er

historia, para que esta diatribe contra Augusto não pareça mais poetica, do que veridica.

É depois da morte, que a voz da verdade se faz ouvir sem rebuço, e com desassombro a respeito das qualidades de todos, e maiormente das dos grandes, cujos vultos a lisonja, em vida, costuma erradamente engrandecer: *In fine hominis denudatio operum illius. Ante mortem ne laudes hominem quemquam.*[13] E o que se dizia por occasião da morte d'Augusto?

O nunca sobejamente louvado e citado Tacito teve o cuidado de nos transmittir os elogios e vituperios, que o público recitava no dia de seus funeraes; e pede a verdade que se diga, que as asserções proferidas em desdouvor e desabono carregam mais a balança, do que todos os gabos e encomios, que simultaneamente pronunciavam seus affeiçoados: taes vituperios, em quanto faziam allusão aos fundamentos que outros invocavam para o louvor, importavam uma adequada refutação d'esse mesmo louvor.

« Essa decantada piedade para com seu pae « (diz Tacito), e essa apertada situação da « républica, affirmavam outros, terem sido « especiosos pretextos opportunamente appli- « cados; mas que, em verdade, a cobiça de « dominar soubera chamar em seu auxilio os « veteranos, por meio de liberalidades: que o « exercito havia sido preparado por elle, ainda « particular e moço, e corrompidas as legiões « do consul; que simulára favor e adherencia « ao partido de Pompeo; que em seguida, « tanto que, por decreto dos senadores, inva- « dira as fasces e jurisdicção do Pretor, depois « de derrotados Hircio e Pansa.... se apode- « rára das tropas d'um e outro; que extor- « quira o consulado, contra vontade do sena- « do, e que, depois de haver tomado as armas « contra Antonio, as volvêra contra a répu- « blica. Que a proscripção dos cidadãos e di- « visão dos *agros*, nem aos mesmos, que as « fizeram, tinham merecido louvores. Que as « mortes de Cassio e dos Brutos tinham sido « um verdadeiro resultado das inimizades pa- « ternas (com quanto justo fôra sacrificar odios « privados á utilidade publica); mas que « Pompeu e Lepido, haviam sido embaídos, « aquelle, com a appreciação da paz, e este « com mostras d'amizade. Que, depois, Anto- « nio, illaqueado com a alliança de Tarento « e Brindes, e com as nupcias de sua irman,[14] « expiára bem caro, pela morte, a facilidade, « com que se fiára nessa refolhada affinida- « de.[15]

É indubitavel, que este juizo crítico da proxima posteridade nos revela o proceder d'um manhoso déspota, não avultando a favor de Augusto outro facto mais saliente, do que o de ser um pacificador do imperio: — *Non aliud discordantis patriae remedium inventum, quam ut ab uno regeretur* — diziam os elogiadores. Porém esse mesmo caracter pacificador é mais historico, do que pessoal; é mais filho dos factos, da fortuna, ou antes da providencia, que assim quiz predispôr os factos fundamentaes do christianismo,[16] do que da indole pessoal de Augusto.

A feição mais genuina e avultada de seu caracter é a desmedida ambição de se constituir o monarcha, o senhor absoluto de todo o imperio romano, encaminhando-se a isso pelos actos mais immoraes e depravados; — que já então se punha a mira nos fins, empregando os meios mais injustificaveis. Sirva para exemplo a facilidade, com que se congraçou com Antonio, depois de haver tomado as armas contra elle, quando o senado o declarou inimigo público; e isso, para, á sombra das tropas, pedir com exito certo o consulado, que lhe havia sido rejeitado quando pedido por mediação de Cicero. Junte-se a facilidade com que practicava o repudio de suas differentes mulheres, como de Servilia, para casar com Clodia, enteada de Antonio, e d'esta para casar com Livia. Note-se, mais ainda, a ingratidão, com que abandonou Cicero ao furor de Antonio, depois de ter sido um amigo, cujos conselhos mendigára e aproveitára, desde que, na vinda de Brindes para Roma, o fôra visitar á sua quinta (*villa*) em Cumas, como homem, cuja amizade lhe convinha, por se não achar ligado com partido algum, e ser desaffecto a Antonio. Se a este conjuncto de malfeitorias accrescentarmos ainda as proscripções e os confiscos do triumvirato contra todos os seus inimigos, (como se podéra ser estavel um podêr estribado nas bases da intolerancia, as quaes elle proprio reprovou no septimo anno do seu consulado, depois de não acceita a sua fingida abdicação, e abolindo então a mesma legislação do triumvirato) tudo nos levará a concluir, que o seu constante norte, a que de contínuo mirava, era a fruição do poder supremo e unico, percorrendo para isso, e tenteando todos e quaesquer meios, ainda os mais ímprobos e desvairados, que a sofreguidão de mando lhe suggeria.

Esta sua ambição chegou á estolidez e á demencia, levando vantagens ao proprio Alexandre Magno, sem embargo de dizer-se este filho de Jupiter; pois quiz ser honrado, em vida mesmo, com templos, altares e sacerdotes, desprezando a tal respeito as animadversões de Cecilio Balbo, que não deixou de lhe fazer sentir, que a melhor honra era punir a lisonja, e que o melhor modo de servir os deuses, era não o querer parecer; mas Au-

[13] Eccl. XI, 26 e 30.
[14] Irmã d'Octavio, tambem chamada Octavia.
[15] *Annal.* 1, X.
[16] Evang. Luc. cap. 2, v. 1—7. V. Mr. Rollin, *Hist. Rom.*, Préface.

gusto, em menoscabo de tão cordato conselho, ampliou estas honras divinas á pessoa de sua mulher Livia, que fez deificar egualmente em vida.

Foi desconfiado e antojadiço, tímido e cobarde, amigo da lisonja, como ordinariamente são os déspotas.

Exigia á mesa que lhe dissessem alto aquillo que alguem fallava baixo: resentia-se de que seus proprios amigos o não tractassem com palavras respeitosas: equiparou o crime dos libellos satyricos ao d'alta traição, apartando-se do costume vigente na antiga républica, durante a qual castigavam-se os factos e não as palavras: permittiu aos escravos o jurarem contra seus senhores, em menoscabo tambem dos antigos costumes e leis, para illudir as quaes mandava que, depois de jurarem, fossem vendidos ao imperador, ou ao público; e como tal procedimento excitasse murmurios, recorria á distracção dos espectaculos: depois de velho, publicou um edicto contra os astrologos, prohibindo suas predicções contra quem quer que fôsse; mas a causa da prohibição partia de seus proprios remorsos.

Era tão medroso, que nas eleições do senado não comparecia, senão rodeado de amigos, e antes de se dignar fallar a qualquer senador, que se lhe aproximasse, mandava exploral-o. As abdicações, que fez, segundo alguns biographos, não eram tanto filhas de machiavelismo, como dictadas pelo medo, em consequencia das impressões, que lhe deixou o exemplo de Cesar, morrendo senhor do imperio todo, o que elle julgava inferior á morte d'um particular, e preferia o exemplo de Sylla.

Tocante ao seu caracter de amigo da lisonja, já fallámos com relação aos vates de Mantua e Venusa, sendo agóra digno de notar-se o que diz o judicioso Tacito: — Depois da fun- « dação de Roma, muitos auctores relataram « os oitocentos e vinte annos dos primeiros « tempos, quando as cousas do povo romano « eram memoradas com tanta eloquencia, como « liberdade. Depois de pelejada porém a ba- « talha d'Accio, quando importou á paz que « todo o poder se conferisse a um só, acaba- « ram aquelles grandes ingenhos, e d'involta « a verdade soffreu quebra por muitos mo- « dos; primeiramente por ignorancia da go- « vernação pública, como se fosse uma cousa « alheia e estranha, ao depois pelo prurido de « adular, ou ainda por odio aos dominado- « res. Assim que, d'entre os desaffectos, ou « subservientes, nem uns, nem outros tiveram « o devido cuidado com a posteridade.[22]

Que diremos da sua qualidade de protector das lettras?

Que era mais devida a Mecenas, do que a elle proprio. A posteridade assim o reconheceu; pois tal honra só a Mecenas foi tributada; e ainda que elle compoz alguns escriptos, não nos consta que chegassem á posteridade, como chegaram os commentarios de Cesar. Pereceriam, ou não seriam bons? O seu amor das letras era um tanto pedantesco; constanos, que demittira o logar-tenente d'um consul (parece que Enobalbo) por ignorancia d'ortographia. O maior serviço, que elle prestou ás lettras, foi o preservar das chammas o insigne poema epico de Virgilio, sabendo apreciar devidamente (por si, ou por outrem) os versos, em que seu auctor se referia áquelle fatal destino. É innegavel, com tudo, que tinha o merito da eloquencia, o qual era commum a todos os que no seu tempo aspiravam a fazer uma figura culminante na républica, e para elle servia de meio subsidiario a sagacidade, com que procurava captar as pessoas convenientes aos seus fins. Finalmente, se o seu nome denominou e assignalou um seculo de lettras, não foi tanto por influencia preponderante da sua parte, como pela feliz contemporaneidade e coincidencia com uma boa porção d'homens lettrados, com que a Providencia quiz abrilhantar um seculo de paz.

Póde dizer-se, que Augusto, deixado a si só, é pouco vultoso; deve tudo aos dois Ministros da puridade, que com elle mais privavam, mórmente a Mecenas, a quem, todavia, uma tal privança custava o caro preço da honra devida ao thalamo nupcial!

Algumas leis importantes foram promulgadas sob o nome de Augusto, quaes são todas as leis Julias, e nomeadamente a Julia e Papia Popêa, tendente, com as suas diversas disposições, a favorecer o matrimonio, e fulminar o celibato, por meio de prerogativas testamentarias concedidas aos que abraçavam aquelle estado, e restringidas, ou denegadas aos que preferiam este; mas quem ignora, que o maior contingente das leis é dos jurisconsultos que as elaboram? No reinado mais fraco e vicioso, Papiniano e Ulpiano, que tiveram sabedoria e inteireza, estiveram á frente da administração da justiça; e as disposições mais cordatas do Codigo e Pandectas têm o nome de Caracalla, e seus ministros. O tyranno de Roma mostrou-se algumas vezes o bemfeitor das provincias: um punhal terminou os crimes de Domiciano; mas suas leis, cuja annullação o senado havia acolhido nos primeiros momentos de sua indignação e alegria, foram confirmadas por Nerva.[17] A cooperação, que Augusto (e o mesmo é a respeito de todos os imperantes absolutos) pôde prestar á confecção de suas leis, é menos filha de seu caracter, do que da natureza do governo d'um só, com o qual é naturalmente compativel, que a virtude, ou antes, a razão lhe advirta ser o custodio da paz e da equidade, e que seu interesse está

[22] Loc. cit. *Histor.* lib. 1.

[17] Plin. o moço, *Epist.* X, 66, Sueton. *in Domitian.* c. 23.

inseparavelmente ligado com o da sociedade. Se porém Augusto teve alguma influencia mais especial na legislação do seu tempo, foi o pensamento privativo de a amoldar e accomodar ao governo monarchico-absoluto, que elle estabeleceu e personalisou: é o que elegantemente exprime Tacito: — *Jam à sexto consulatu, potentiae securum jura dedisse, quibus pace et principe uterentur.*[18] O que Pomponio e Ulpiano mais explicam em várias leis do Digesto, *De orig. jur. e de const. princ.* É por isso mesmo, que a jurisprudencia criminal de seu tempo apparece com resaibos de mais severa e favoravel ao despotismo, e toda a legislação com laivos de compellente e coercitiva; restringindo, por exemplo, as alforrias concedidas aos escravos; ferindo e gravando com impostos a última vontade, maiormente dos que então eram odiosamente denominados *coelibes, et orbi* (celibatarios e fallecidos sem filhos); tendendo, finalmente, a promover os matrimonios, mas tornando a devassidão do adulterio objecto da vindicta pública, exercitada por meio das penas de confisco, destêrro e multas consideraveis.[19]

É com esse mesmo intuito, que elle fez da interpretação authentica dos jurisconsultos um exclusivo, só para aquelles, cuja fidelidade lhe era mais insuspeita, sendo a esse respeito notavel o proceder dos dois genios mais conspicuos da epocha, Caio Ateio Capitão, e Marco Antistio Labeão, aquelle obsequioso e subserviente, este — *incorruptae libertatis vir, quique nihil ratum pensumque habebat, nisi quod justum sanctumque esse, in romanis antiquitatibus legisset.*[20]

Em tudo isto, não ha mais que traças e ardilezas despoticas, dictadas pela propria ambição, e dirigidas, porventura, por seus ministros privados, cuja falta muito concorreu para os seus ultimos desgostos e infelicidades; pois é certo que o proloquio — *Felicior Augusto* — com que se amplifica a felicidade, desmentiu-se, tanto que Augusto se achou desassistido, e desacompanhado dos seus Mecenas e Agripa.

Foram, sem dúvida, grandes os desgostos que devorou por causa das desinvolturas de sua filha Julia (a Messalina da sua edade) predispostas por Livia, madrasta d'ella, para dess'arte attrahir as affeições de Augusto sôbre Tiberio seu proprio filho; e por essa occasião até commetteu o maior êrro d'estado, escrevendo ao senado uma carta, com que tornou authentico o descredito de Julia: pelo qual procedimento fez conhecer a falta dos seus privados, e quanto são deploraveis os principes orgulhosos, que, tendo governado bem em vida de seus bons conselheiros, depois, querendo governar por si proprios, practicam desacertos d'esta natureza. Taes desgostos foram aggravados pela falta de seu sobrinho Marcello (filho de sua irman Octavia), que era as delicias de Roma, bem como pela caprichosa dominação, que Livia exercitou sôbre seu ânimo até á morte.

Emfim, achando-se só pela morte de seus netos, sobrinho, e filhos, afóra Tiberio, mandou vir este da Germania para junto a si; e como as tropas da Germania se revolucionassem por suggestão de Varo, então cheio de susto, que a revolução o viesse assassinar a Roma, fez Tiberio seu collega, inculcando que o fazia, a requerimento do povo, e esquecendo-se, de que outr'ora chamára infeliz aquelle povo, que vivesse sob tão pesado jugo.

É tempo de resumir, e alliviar a attenção fatigada do leitor.

Ficam expendidos os meios, pelos quaes Augusto estabeleceu e consolidou o seu absolutismo; os effeitos sociaes de tal poder; e a sua degeneração politica.

Augusto, pois, foi o primeiro monarcha de Roma, propriamente dito; mas o seu absolutismo tem sobradas feições de despotismo.

Foi o mesmo Augusto, que, proximo á hora extrema, se julgou a si mesmo em duas palavras; e nos habilitou egualmente a julgal-o. Sentindo fallecerem-lhe as fôrças, e acercar-se o finamento, perguntou aos amigos, que o rodeavam, se tinha feito bem o seu papel; e como lhe respondessem que sim, mandou-lhes dar applausos, que estava a peça acabada.

Poderia alguem definir melhor o seu caracter?!

No calculado e refolhado systema, seguido em suas aspirações ao poder supremo, que attingiu, foi tão especioso, impostor, e fingido, como habil comico.

Com duas alavancas firmou a sua omnipotencia militar, e politica — a fôrça das armas, e uma ambição pertinaz e embuçada. A fortuna das armas fez o principal, a sua ambição encapotada fez o resto.

Emquanto esta ambição encontrou um caminho escabroso, e semeado d'empachos, caminhou ao seu fito pelos meios mais irregulares, incoherentes, e reprovados, servindo-se dos homens com suas paixões, uns contra os outros, de modo que póde dizer-se que venceu Bruto por Antonio, e este por Agripa.

Sob os auspicios do triumvirato, uma tal ambição fez-se, mesmo, sanguinaria, cruel, e vingativa, promovendo durante esse govêrno de terror e de sangue, cruezas, que horrorisam; como as atrocidades practicadas com a cabeça decepada de Bruto; a denegação das honras de sepultura a proscriptos, que as imploravam, respondendo que ficavam a cargo dos corvos, e outras.

Quando porém essa mesma ambição encontrou um caminho desempachado, egual, e pla-

[18] *Annal.* 3, XXVIII.

[19] V.Gibbon, loc. cit. pag. 140, e seg. (mihi); e Gustav. Hug. *Histoir. du Dr. Rom.*, troisiéme période.

[20] Tac. *Annal.* 3, 75.

no, então metamorphoseou-se no extremo opposto: tornou-se liberal para com as tropas, affavel para com o povo, familiar para com os cultores das letras. Pelejada a batalha d'Accio, e fechado o templo de Jano, que, havia dois seculos, estava aberto, a mesma fôrça das circumstancias mostrava, que a vereda a seguir, era um govêrno brando e moderado: para o não conhecer, sería forçoso ter uma intelligencia menos que mediocre. Foi então que Augusto chegou a affectar uma austeridade de costumes, censoria nas já memoradas leis, —austeridade assás desmentida no proceder immoral, que usou em uma especie de jantar de côrte.

Finalmente o fulgôr e luzimento dos ultimos tempos do seu governo não apaga o negrume das cruezas e eivas transactas.

Foi um déspota feliz, primeiro cruel, e depois affectadamente benigno, mas sempre sagaz e ardiloso, sendo essa a quasi unica razão justificativa (se tal se póde chamar) de todos os meios que explorava, e empregava.

Um tal systema tem sido arremedado muitas vezes, e por muitos; mas poderá aquilatar-se, como eminentemente politico —πολιτικωτατος—?

Deixâmos a resposta aos leitores sisudos e cordatos; entretanto que, para nós, é ponto fixo e sobrepensado — que as causas assignaveis ao preconisado govêrno de Augusto são: 1.° a fortuna das armas; 2.° as urgencias do estado social; 3.° a natureza centralisadora do govêrno d'um só; 4.° a illustrada cooperação dos seus mais dilectos aulicos, encaminhando arteiramente uma ambição pessoal, já de si sobejamente astuta e ardilosa; esta em certo modo, se pode reputar a causa primária, em quanto impulsiva e executiva de todas as outras.[21]

DR. CASTRO PILAR.

Porto, 27 de Junho de 1861.

CARTAS DO EMINENTISSIMO CARDEAL SARAIVA, D. FR. FRANCISCO DE S. LUIZ

VII

Ill.^mo Sr. — Bem tenho querido responder á presadissima carta de v. s.ª de 28 de dezembro, até para lhe mostrar, quam conforme estou com v. s.ª nas suas ideias a respeito do *louvavel costume de saudar as pessoas da nossa obrigação, ou amizade, pelas grandes festas do Christianismo.* A Egreja inventou algumas d'estas festas, christianisou outras, e celebrou e solemnisou todas com grandes fins, dignos da sua Sabedoria, e do Espirito que a dirige; e só a ligeireza e a inconsideração do nosso seculo é que póde desconhecer, ou desdenhar aquelles utilissimos fins. Acceite pois v. s.ª (ainda que tardías) as minhas *boas festas*, e queira fazer-me a honra de as dar da minha parte a seu ill.^mo pae, meu amo, e a todas as pessoas da sua familia, a quem estimo e venero por inclinação e por dever, e a quem desejo constantes prosperidades.

Já v. s.ª adivinhará a razão por que vae tardio este meu cumprimento. Antes do fallecimento do sr. Cardeal Patriarcha, e depois delle, não me foi dado um momento de socêgo; e depois de uma grande lucta, em que esgotei todos os meus recursos intellectuaes, moraes, physicos, e economicos, appareci em fim vencido e prostrado; e estou nomeado Patriarcha Arcebispo de Lisboa, por decreto de 5 do corrente mez. Se v. s.ª conhecesse mais de perto o meu genio, a minha situação, as minhas propensões, e os meus habitos actuaes, avaliaria bem exactamente a violencia que foi necessario fazer-me, e creio que teria pena de mim. Por último disse á Rainha, que eu estava prompto para *o altar e para a charrúa*, para o sacrificio e para o trabalho; e assim estou ainda. Lá ficam arrumados os livros, os papeis, as curiosidades litterarias, e tudo aquillo em que eu actualmente fazia consistir as minhas innocentes distracções, ou divertimentos. Estou com tudo impaciente por ver a memoria que v. s.ª me annuncia terminada, e estou de antemão mui persuadido de que ella ha de corresponder ao conceito, que eu faço de v. s.ª *em todo o sentido*, e sem sombra de lisonja.

A este respeito direi, que o meu benemerito amigo sr. Filippe Ferreira não está menos *enamorado* de v. s.ª do que eu, e tem-me fallado sempre em v. s.ª com expressões, que elle não costuma usar sem motivos e fundamentos que julga solidos e bastantes. Encantou-o a Descripção do ...., e 'nella divisou esses motivos e fundamentos, que eu nunca me lembrei de lhe combater, como v. s.ª facilmente acreditará.

Já que fallo na Descripção, ou Memorias do ...., aproveito a occasião de mandar a v. s.ª os rabiscos inclusos, que em substancia, e em fórma, bem necessitam de que v. s.ª os leia com paciencia, e indulgencia. Foram lançados, ha bastante tempo, 'nesse papel, e esperava eu alguns momentos para retocar e corrigir os meus proprios retoques e correcções; mas as circumstancias em que me acho, fazem-me recear falta de tempo, e não demoro mais cumprir a minha antiga promessa. V. s.ª desculpará esta semceremonia, e em quanto aos meus reparos fará d'elles o juizo que lhe parecer arrazoado, e aproveitará algum que entre elles lhe pareça de aproveitar.

Muito agradeço a v. s.ª a communicação que me faz do projecto da *Revista de Coimbra*. Justo é que Coimbra dê signaes da *vitalidade*

[21] V. Robinet. Diccion. Univ., outro Diccion. Univ. por uma sociedade de sabios francezes e estrangeiros, 9.ª ediç. París 1811, Biografia univ. por uma sociedade de litteratos e sabios, 1810; etc.

litteraria, que certamente goza, e de que vão apparecendo apreciaveis demonstrações. Se os seus dous collegas forem tão bons, como quem os escolheu, a *Revista* ha de ser lida, e estimada, e dignamente avaliada. — Se eu não fôsse posto *fóra do quadro*, e lançado para a *terceira secção*, ou antes para os *invalidos* litterarios, acaso me viria a tentação de mandar para a *Revista* alguma *traducçãozinha*. Veja v. s.ª até onde chega a minha vaidade; mas ao mesmo tempo a minha paixão pelas lettras portuguezas!

Passe v. s.ª como lhe desejo; porque não necessita de mais fortuna.

De v. s.ª — Fiel am.º e cr.º apaixonado — *Bispo Conde D. F.*

Lisboa, 8 de Janeiro de 1840.

VIII

Ill.mo Sr. — Como hei de eu desculpar-me com v. s.ª do longo silencio, que ha tanto tempo tenho guardado? Como dizer-lhe que não tenho tido um instante de meu, e que me vejo opprimido, e suffocado de trabalho, e mettido a meu pezar n'um labyrinto, em que não acho fio que me guie, nem sahida por onde me ponha em ar livre.

Li com grande gôsto e interesse a Memoria que v. s.ª mandou offerecer á Academia, e que me pareceu muito bem, tanto pelo assumpto, como pelo modo com que v. s.ª o tractou. Permitta-me v. s.ª a que eu lhe diga francamente o meu pensamento, e não o attribua a lisonja. O seu genio reflexivo e exacto, a sua prudencia intellectual e moral, a sua penna, e o seu estilo hão de honrar a nossa nação, e a nossa litteratura. Não sou lisonjeiro, nem agora depois de velho tomaria esse geito: estou persuadido que não presagio em vão. Algum dia se lembrará v. s.ª d'este meu prognostico, quando eu já não poderei ter o gosto de o ver realisado. Eu já ha muito tempo remetti a Memoria ao secretario da Academia, de quem v. s.ª receberia resposta á sua carta. A minha *negra* vida não me tem permittido ir á Academia, nem tenho visto o secretario: mas não duvido que os censores façam justiça ao merecimento de v. s.ª e da sua Memoria, e que ella tenha por último o resultado, que eu ha muito tempo desejava.

Agora recebi tambem as duas, que v. s.ª chama *propinas* dos seus trabalhos litterarios, e que eu chamo valiosos presentes da sua bondade e amizade. O Discurso sôbre a utilidade do estudo da . . . só tem o defeito de ser pequeno. Na *Revista Encyclopedica* de janeiro de 1828, vem um excellente artigo de J. B. Say — « *da influencia dos futuros progressos dos conhecimentos economicos sôbre a sorte das nações* » que eu, na serra d'Óssa, tive tenção de traduzir para minha instrucção. Este artigo acaba com o passo que v. s.ª d'elle tirou, e poz no fim do seu discurso, e que é na verdade uma bella comparação, e *formosa imagem*. Bem hajam os emprezarios da chronica! qneira Deus que não desanimem, ou não tenham algum motivo de abandonar a empreza! é tempo de nos mostrar-mos quaes já fomos, e podemos ser ainda: e é tempo de eu acabar estes rabiscos porque me não deixam escrever mais.

V. s.ª desculpe-me, e seja meu amigo, como eu sou seu, que a amizade tambem entra na lista dos bens e riquezas da sociedade.

De v. s.ª fiel am.º e obgrd.mo servo — *F. Patriarcha Eleito.*

Lisboa, 21 de Março de 1840.

IX

Ill.mo Sr. — Meu presadissimo amigo e sr. — V. s.ª tem muita bondade, pois que tanto me perdoa! Eu não sabia como havia de implorar a indulgencia de v. s.ª, e v. s.ª vem offerecer-ma, e como? não me arguindo, antes penhorando-me com novos favores, e mimos da sua amizade, que por taes qualifico as suas cartas.

Eu tenho passado este meio anno bem incommodado, e sempre opprimido de trabalhos pouco agradaveis: com tudo havia outro genero de prisão que me atava as mãos, quando queria escrever a v. s.ª O meu..... lhe terá dicto alguma cousa; mas elle mesmo não sabe tudo, nem eu o posso referir a v. s.ª em uma carta que estou a escrever á pressa. Só direi que as cousas me levaram á extremidade de querer abandonar uma sociedade, que sempre amei, respeitei, e servi de coração: e que não continuaria a ligar-me a ella, se ElRei em pessoa não viesse a esta casa *pedir-mo:* que tanta é a sua bondade, e affabilidade!

Em fim estou outra vez vice-presidente. — Está v. s.ª associado aos trabalhos academicos com honra da mesma Academia, e grande vantagem dos seus estudos, ...

. . . . . .

Desculpe-me v. s.ª Bem vê que eu ainda estou *picado* com aquelle homem, a quem disse muitas vezes em público, que v. s.ª, nem o Conde de Lavradio (duas pessoas que eu me honro de ter lembrado) nunca em tal assumpto me fallaram . . . . . .

. . . . . .

Em fim: não dou o parabem a v. s.ª, porque, dado que seja honroso estar associado a uma corporação sábia, v. s.ª tem em si mesmo sobejos meios de estabelecer o seu credito litterario: dou o parabem á Academia que teve o bom senso de o unir a si, e dou-o tambem a mim pelo interesse que tenho no bom nome da mesma Academia, e embora tambem pela satisfação da amisade, que tenho a v. s.ª e que é cada vez maior. Vote v. s.ª (como diz) toda a sua vida ás lettras, que têm ellas di-

reito a isso, e é uma divida, que v. s.ª deve á Providencia do Ceu, que o tem enriquecido de dons do espirito e do coração, não vulgares. E não me tenha 'nisto por exagerado, nem lisongeiro: exprimo o que tenho no coração.

Meu sobrinho é obrigadissimo a v. s.ª, e assim o reconhece e confessa. Eu gósto de que elle ame e respeite quem lhe póde dar lições e exemplos.

Mais cousas me ficam por dizer, mas vejo-me forçado a acabar. Acceitei com muito gôsto e reconhecimento as Theses de seu estimavel irmão, e era este um dos pontos, em que agora quizera ser mais extenso. Acceito tambem as memorias de seu honradissimo Pae, e as retribuo; e se me fôsse permittido, tambem tomaria a liberdade de recommendar-me áquella pessoa, sua «*Desenhadora.*» Sou sempre — De v. s.ª — Fiel e extremoso am.º e c. — *Patriarcha Eleito de Lisboa.*

Lisboa, 25 de Novembro de 1840.

X

Ill.mo Sr. — Meu estimadissimo amigo e senhor. No correio passado comecei a responder a v. s.ª, mas não esteve na minha mão acabar, porque me não deixaram. Começava eu dizendo, que v. s.ª é um homem, com quem se não podem ter contas, porque sempre quer ficar crédor, e não tem pena do pobre devedor, que sôbre reconhecer a divida, fica ainda obrigado, penhorado, e, não sei se diga, arrastado. Veja v. s.ª bem, se isto se conforma com a recta justiça! v. s.ª ainda fez mais: foi alliar-se com outra pessoa, que tinha grandes direitos á minha estimação e respeito, para que ella se pozesse tambem na lista dos meus crédores, e assim o conseguiu, e eis-me penhorado e endividado para toda a vida, e constituido 'numa especie de escravidão, de que toda a philanthropia ingleza me não póde libertar, nem eu quero acceitar esse beneficio!

Direi sem figura. V. s.ª avalia e préza em muito o ser associado a um corpo litterario, que tem em seu favor recordações honrosas, e que merece contemplação por muitos titulos. Até aqui vamos bem, e eu approvo completamente os seus sentimentos. Approvo tambem, e me lisongeio, que v. s.ª me tenha por primeiro auctor, ou inspirador d'este facto; mas aqui ha muito que descontar: eu não fallaria 'nisto, se v. s.ª o não merecesse sobejamente: eu não fallaria 'nisto, se não julgasse que o seu nome honrava e acreditava a Academia, dando-lhe esperanças, auxiliando-a com trabalhos litterarios, augmentando as suas luzes, e o seu crédito, e realçando tudo isto com uma exemplar moralidade, tão rara nos nossos tempos! Isto não são visões minhas: são factos attestados por todos os que conhecem a v. s.ª, e pelos seus proprios actos. Onde está pois aqui esse tamanho merecimento meu, e essa tamanha obrigação, que v. s.ª me exprime nas suas cartas? Não é isto querer constituir-me em uma nova divida, além das que já confesso, e reconheço? E com que pagarei eu a outra maior divida, em que fico penhorado para com a ex.ma sr.ª....., por culpa de v. s.ª? *maior divida* digo, pela bellissima execução, e perfeição dos seus desenhos, porque elles me recordam os dias que com tanto gôsto e satisfação vivi em Coimbra; e muito principalmente porque é presente de uma senhora, que assim quer honrar e consolar a minha velhice. Encarregue-se pois v. s.ª, já que assim o quer, e *para seu castigo*, de pôr-me aos pés de s. ex.ª com os sentimentos da mais rendida gratidão, e como captivo dos seus obsequios, e admirador de seus talentos, e ainda mais de suas virtudes. Bem suave é o castigo para v. s.ª, e pelo menos tão suave, como para mim é honroso o motivo por que lh'o imponho. A seu ill.mo Pae e Irmão agradeço e retribuo, do modo que posso, tanta bondade, e, attrevo-me a dizer, tanto amor, com que me tractam, e desejo não o desmerecer jamais. De v. s.ª já se sabe que sou, e serei em quanto viver — Amigo *sem confeição*, e muito obrigado e devedor — *F. Patriarcha Eleito de Lisboa.*

Lisboa, 4 de Dezembro de 1840.

XI

Ill.mo Sr. — Como quer v. s.ª que eu responda á sua carta? estou cheio de vergonha e pejo por ter faltado ha tanto tempo ao meu dever: e v. s.ª, que devia ter pena de mim, vem agravar este meu estado, reprehendendo-me indirecta, mas severamente.... como? com me fazer um novo e generosissimo obsequio, participando-me o feliz resultado das informações de meu sobrinho, e o seu premio, e fazendo-lhe a elle a honra de o nomear seu amigo.

Reconheço a generosidade d'este proceder, e não me admiro que assim o tenha quem tem tantas virtudes, como v. s.ª E não cuide, que lhe digo isto para o fazer propicio. Creio que v. s.ª já me tem desculpado e perdoado, e eu digo o que sinto, e o que me inspira o meu coração.

A minha vida tem sido uma verdadeira escravidão, e nem sempre tenho fôrças para a supportar. Estou quasi só, com o pêso de toda esta grande e espinhosissima administração ecclesiastica: trabalho incessantemente, sem tirar fructo de cousa alguma: sinto-me fatigado, abhorrido, melancholico, e cheio de tédio. A saude cada vez mais enfraquecida: e a edade a correr *a galope*. Veja v. s.ª se ésta pintura, que não é exagerada, não merece alguma compaixão!

O masso, que v. s.ª me mandou para o sr. Silvestre Pinheiro, foi logo remettido pelo expediente da secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, com uma carta minha de 5 ou 6 linhas, que nem tempo tive para me alargar então mais. Como d'elle não recebi até o presente mais carta alguma, desejo saber se v.ª s.ª a teve directamente, porque me tem isto dado cuidado, e não posso suppôr que o official maior da secretaria, meu amigo, e tambem muito amigo e obrigado ao sr. Silvestre Pinheiro, tivesse 'nisto algum descuido, nem me attrevo a perguntar-lh'o.

Venham os trabalhos de v. s.ª, que eu hei de estimar como seus, mas melhor, se v. s.ª os acompanhasse.

Acabo, porque me não deixam continuar. Recommendo-me com agradecidas memorias, e com respeitoso affecto a seus ill.mos Pae e Irmão, á sua desenhadora, e a tudo quanto é seu. E sou invariavelmente — De v. s.ª fiel e obrg.mo am.° e C.— *Patriarcha Eleito.*

Lisboa, 31 de Julho de 1841.

XII

Ill.mo Sr.— Entre muitas e repetidas provas, que v. s.ª me tem dado da sua amizade, não posso deixar de avaliar em alto grau a que agora recebo na participação honrosa, que v. s.ª me faz do seu proximo casamento com.....

Não tenho conhecimento das pessoas d'esta familia: tive porém muito do sr....., e ainda hoje venero as nobres virtudes civicas e moraes que o adornavam, e o zêlo com que promoveu os interesses de Portugal nos differentes empregos, em que foi collocado. É de crer que estas virtudes se perpetuem nas pessoas, que lhe eram tão conjunctas, e que a razão e o coração de v. s.ª se não achem enganados no accôrdo com que lhe aconselham esta união. Pela minha parte isto basta para merecer a minha approvação e o meu sincero louvor, e para eu fazer votos ao ceu pelas futuras prosperidades de uma alliança ajustada com tão felizes auspicios.

Bem folgarei de ver a v. s.ª 'nesta cidade, e de poder repetir-lhe as leaes expressões da minha gratidão, do meu invariavel affecto e estima, e do respeito com que me glorio de ser — De v. s.ª — mt.° att.° v.or fiel obrg.mo am.° e servo — *Patriarcha Eleito de Lisboa.*

Lisboa, 4 de Dezembro de 1841.

XIII

Ill.mo Sr.— Dou a v. s.ª e a sua ill.ma e ex.ma Familia o mais sincéro e expressivo parabem pelo feliz nascimento do seu novo filho varão: e a v. s.ª em particular agradeço a honra e fineza d'esta participação.

O nascimento de um filho é sempre um acontecimento fausto para os Paes, e Familias; mas quando estas são illustres por origem, e distinctas por honrados e honestissimos costumes, o nascimento de um filho é tambem fausto para a sociedade, que espera ver 'nelle reproduzidas as virtudes paternas. Deus se digne abençoar o novo filho de v. s.ª! Deus o fade bem! Deus o faça imitador, e depois herdeiro, das virtudes, de que em casa tem tantos exemplos!

Muito quizera eu escrever a v. s.ª ácêrca da sua *vida academica e litteraria*, em que me falla na sua carta; mas eu padeço ha muitas semanas uma cruel inflammação na bôcca, que ao principio me não deixava comer, nem fallar, nem escrever, e que ainda agora me faz penoso este ultimo exercicio.

Duas cousas sómente direi a v. s.ª em breves palavras — Primeira: que não espero, nem presumo, que o amor que v. s.ª tem ás boas lettras soffra grave interrupção pela necessidade de outros estudos mais severos, porque estes não são incompativeis com aquellas, antes ás vezes tiram d'ellas mui valiosos subsidios.

Segunda: que não tenho pena de que v. s.ª fosse, como diz, *arvorado em canonista.* A sciencia das doutrinas ecclesiasticas e canonicas, sendo estudada, como deve ser, ha de offerecer a v. s.ª muitas occasiões de se entreter no campo das amenidades litterarias e philosophicas, e ao mesmo tempo lhe dará a opportunidade de indicar aos seus discipulos e lhes inculcar o caminho recto e seguro, e a judiciosa temperança, que dista tanto dos excessos ultramontanos, como dos cismontanos, « *medio tutissimus ibis.* » Hoje, mais que nunca, parece necessario chamar os moços estudiosos a esta prudente mediania.

Tenha v. s.ª bem saude, porque com ella ha de sempre fazer sobresahir a excellente constituição do seu espirito, em qualquer assumpto, em que se veja obrigado a empregal-o.

Quero-me muito respeitosamente recommendado a todas as pessoas da sua ex.ma Familia, e a v. s.ª renovo os protestos da distincta estimação e agradecido affecto com que sou — De v.ª s.ª — att.° v.or, amigo, e obrg.mo C. — *F. Cardeal Patriarcha de Lisboa.*

Lisboa, 26 de Novembro de 1844.

INEDITOS

Carta de Jorge de Lemos, escrivão da Fazenda em Gôa, a Pedro Alvares Pereira sôbre varios negocios da India Portugueza.

Continuado de pag. 69.

Veo o Viso Rey em maio de nouenta e hum, e trouxe tambem ordem de sua Mge pera esta alfandega de Chaúl se fazer, por onde no setembro seguinte, em que se detreminou correr

com ella em todo caso, mandou chamar alguns ricos dessa cidade culpados nas palauras, que se disserão ao snõr Aluaro de moraes, não lhes declarando o pera que. Como aqui forão os mandou ao carcere pera este exemplo ser de consequencia aos outros pera se renderem e comprouarem a alfandega, que tinhão reprouada. Mas nem por esta via pode o Viso Rey conseguir o effeito de sua pretenção. Os presos saírão condenados em degredo e em muito dinheiro, e os que estauão soltos e encastelados na fortalesa de Chaul se obstinárão, e votárão selenemente nũa Igreia de não consentirem a alfandega, antes com mão armada a defenderem.

Com esta tão rebelde como desatinada e furiósa detreminação sollicitárão o Melique, e o prouocarão a hum leue rompimento, mandandolhe dizer inuiasse algũa gente de cauallo pera que o Viso Rey desistisse do intentado, dando-lhe a entender que insistia tanto na alfandega por obrigar seus vassallos pagar direitos nella, estando libertos pelo contracto das pazes, que se fizerão com dom Francisco Mascarenhes, conde de Villa dorta, que hora he, e general, que era, naquelle famoso cêrco passado. Pareceo-lhes que acudiría este barbaro a impedilla na forma, que elles trassauão, e socedeo-lhes ao reuez, porque se resumio em nos fazer guerra mandando fortificar o morro com muros, torres, baluartes, courassas, que dessem té onde o mar costuma roer, e com muita e mui grossa artelharia. E tem dentro da cerca quatro mil homens de presidio com muita espingardaría; mas nem sombras são daquelles valentes mouros, com que dom Francisco Mascarenhes peleijou, porque esses prouauão a mão com os portugueses cada hora *mano y mano,* como dizem, e estes fogem, e deixão o lugar em que estão, se os nossos os vão buscar nelle, saluo no morro por demandar maior poder.

Antes que estes imigos marchassem pera o morro, depois de descidos, se foi Fadrique carneiro, capitão mór da costa do norte, metter na cidade, e mandou pedir ao Viso Rey socorro de gente e monições pera si jr pôr nelle, e o defender. O Viso Rey o apprestou logo, e expedio por capitão mór Cosme de Lafetá, e escreueu a Fadrique carneiro que se fosse com cem soldados pera Baçaím a guardar as terras dos incursos e assaltos dos imigos; mas o Fadrique, tanto que soube da elleição de Cosme, o não quis esperar, auendo-o por mal barbado e de menos idade que elle, e se veo logo pera Goa só na sua galeota. O Viso Rey o mandou prender na hora em que chegou, e o teue preso todo o inuerno na fortaleza de Rachol, que estaa em Salsete, quatro ou cinco legoas desta cidade, e, pouco antes das náos do Reino virem, o soltou.

Allegão os moradores de Chaul pera se a alfandega não fazer, que estaa capitulado no contrato das pazes, que ficassem as cousas do comersio entre Melique e este estado no em que estauão antes do cêrco, porque então não auia alfandega, e que por esta razão deuião elles ser desobrigados della; rustico e grosseiro fundamento, pois querem sobre elle armar o seu direito não sendo vassallos do Melique pera se lograrem da liberdade concedida a elle, e não quererem por isso obedecer á prouisão de sua Mag^{e}, cuios são, e cuia a cidade he, e cuia defensão custou muito á sua fazenda com grande profusão de sangue de seus magnanimos capitães e valerosissimos soldados, e cuios muros finalmente se fizerão depois com mercês suas. Quanto mais que no contrato, se me acordo, concèdeo o Melique que os vassallos de sua Mag^{e} lhe não pagassem a elle na sua alfandega direitos nhũs como lhe todos os estrangeiros pagauão. Se por esta beneuolencia do mouro, a que dom Francisco Mascarenhes o obrigou com se defender de sua potencia offendendo-a juntamente com o indomito brio de seu exercito, cuidão que deuem e podem usar della com resistencia ao comprimento do mandado de sua Mag^{e}, he ignorancia grande. Diz-se que iraa o Viso Rey ao morro, e, se o tomar, ficaraa a alfandega absoluta e uniuersal pera o christão e pera o pagão, sem exceição de nhũa nação.

Esta guerra, que tão lenta e vagarosamente correo, tirou lograr-se este estado das occasiões, que lhe o tempo offereceo, pera a bem pouco custo se conquistarem as riquissimas ilhas de Ceilão e Samatra, por os reis, tiranos dellas, serem mortos e seus capitães diuisos, e os seus thesouros dilapidados com guerrejones, que huns tem contra os outros por cada qual querer ser o maior. Não dou mais particular relação destas duas empresas por me não metter em gouerno de guerra, não na tendo cursado: mas não posso deixar de me querelar de se passarem estas occasiões, porque se vão passando os casos dellas, e de dizer algũa cousa das que ouui aos velhos, que gouernárão estes estados, no lugar, que mais conuenha: porque de verdade, que todo homem d'entendimento se pode embaraçar pera cair, se quiser inuestigar os juizos de Deos na contraposição e variedade das cousas que ordena; porque vejo que, *quando ha thesouro, almazẽs, capitães, e soldados, estão os imigos destas duas celebradas Ilhas poderosos de sorte que nos incitão a guerra cada hora, e quando elles estão quebrantados, fracos, e arruinados, faltão esses capitães, soldados, almazés, e thesouro, pera se não poder emprender a conquista dellas.*

Não quero passar de Goa ás fortalezas do sul sem primeiro tratar da alegria, que estas quatro náos, que chegárão a este porto, hũas apoz outra, e todas juntas no mes de setembro, derão a todos em geral com a certesa,

que tivemos, da vida e saude de sua Mag.ª, e do principe e mais casa Real, porque estauamos aspados e tristes com as uouas, que nos vierão por terra de Tripoli de Soria e de Venesa, da heresiarca d'Inglaterra ter occupado o mar com seus piratas e cossairos em grandes armadas, e tomadas as náos da India todas, sendo certo que peccados nossos lhe derão hũa só, e as outras espadaçarão e as tragarão sem dellas nos deixarem rastro algum.

Fizerão-se procissões e outras festas, e escaramuças a cauallo, polla noua da uida e saude de sua Mag.ª, e da fortuna, que o seu exercito vai tendo contra o do Vandoma, intruso Rey de França, e polla quietação do reino d'Aragão com sua magestatiua e real presença, e rigurosos castigos dos amotinadores.

Desta cidade de Goa todos os que della vão pera esse Reino poderão dar mui largas nouas, porque não ha nhũ que se não comunique, e se não dem nouas huns aos outros das que de fóra vem, e nella correm, principalmente o licenceado Simão pereira, procurador da Coroa que foi cinco annos, e chanseler per seruentia dous meses e meio por lhe vir nestas náos, porque vai nellas de mandado do Viso Rey por lhe duuidar todas as suas prouisões, posto que acordauão em Relação que erão bem duuidadas, e por hũa, que o Viso Rey ouue que duuidára elle mal, e na altercação della lhe disse com paixão, presentes o Juiz dos feitos e o procurador da coroa, que agora veo, algũas palauras affrontosas. Negoceousse pera esta tão prolongada viagem em dous dias e meio. Pezou-me assaz desta sua jda, ou da causa della, por amor do Viso Rey. Pezou-me por respeito dos negocios da fazenda por não auer letrado nhum, que saiba delles nada, e Simão pereira andaua ja tão versado, que nem os muitos experimentados officiaes estauão tão inteirados em todos como elle. E posso eu bem testificar isto, porque fui sempre chamado do gouernador Manoel de sousa e do Viso Rey Mathias dalboquerque pera os conselhos da fazenda, e huma vez ou duas do Viso Rey dom Duarte, porque não teue tempo pera mais, e vy Simão pereira, depois de passado o primeiro anno da sua vinda do Reino a esta cidade, dar voga nelles ás cousas, que se propunhão, e resoluerem-se polla maior parte com o seu parecer, por ter hum juiso muito claro alem de suas letras. E pezoume polla falta, que, por rezão dellas e do seu bom entendimento, hade fazer na Relação, e polla pratica e experiencia, que ja tinha de todas as materias, que se nella tratauão, segundo o ouuy dizer a alguns desembargadores, porquanto, tirando Lopo alues de moura e o sñr Aluaro de moraes, era elle o mais antigo desembargador. Mostrou zello no tempo, que seruio, e com a maior jdade e curso o mostrou muito mais. Viueu liure e isento, e vai mais *escoteiro* que hum soldado. E pode-se auer por marauilha, porque, *viuendo com o registo dos letrados, não ajuntou dinheiro: ficou-o deuendo a alguns amigos, que lho emprestárão pera sua matolotagem e gasalhados, e quitando-lhe a valia dos vestidos de pano e roupa branca, qué lhe derão pera o mar.*

Lembre V. m. no conselho, se se não fizer alfandega em Chaul, que deue sua Mag.ª mandár que nhũa náo, nem outra qualquer embarcação, carregue nesse porto pera outros destes estados sem vir registar á barra de Goa, e pagar direitos na alfandega della, sob pena de perdidas pera a camara Real com as fazendas, que nellas forem. E assi ficaraa Chaul sem feira e Goa com ella, e sempre a aueraa muito grande aqui inda que se faça alfandega em Damão, porque antes quererão vir de Cambaia sua rota abatida pagar direitos nesta que na de Damão, por quanto não tem saca lá, e qua a tem sobeia.

Affirmo a v. m. conforme a experiencia, que tenho, do governo da India, que tomára, se fosse possivel, todas as alfandegas e cidades mettidas nesta, porque o Viso Rei o he mais desta que de nhũa outra, e mais certas tem pera tudo as rendas desta que as das outras, e mais prestes os moradores desta pera o serviço de sua Mag.ª com suas pessoas e fazendas que os das outras, porque lhes parece que uiuem em cidades liures, sogeitos ás leis e não ás de sua Mag.ª, chamandosse huns vassallos delrei de Chochim, outros do Rajo, e outros do conde Fernão gonsalves.

Continúa.

Desconhece-se de homem o que não sabe perdoar. A abelha mestra, que, governando as outras, não tem aguilhão com que lastime, semelha o rei, cujo sceptro deve ter serveridade sem rigor, gravidade com clemencia, e suavidade de mel em a governança de seus vassalos; os quaes então se lhe rendem de boa vontade, e á competencia lhe obedecem, quando d'elle se vêem governados com brandura e amor. Com declaração que, por temer o odio de seus vassalos e conservar amigos, não deixe de castigar seus vicios. Dicto é digno de Seneca: *Odia qui nimium timet, regnare nescit.* Nescio é no reinar, o que é nimio no temer.

FR. AMADOR ARRAES, Dial. 5.

«Não ha animal mais peçonhento que o juiz injusto, e o rei tyranno; cujos ouvidos andam desemparados da verdade, e cujo coração está sempre acompanhado de sobresaltos, dos quaes nunca vive exempta a consciencia d'aquelles que não fazem o que devem. Guarde-nos Deus de vermos embalançada a balança da justiça por odio, por amor, por íra, vingança e cobiça; e de sermos governados por principes dados ao sono, e entregues ao descuido, cuja vontade manda mais que a justiça e que a verdade.

O MESMO, Dial. 5, c. 2.

NOTICIARIO

Movimento clinico dos doentes tractados no Hospital da Universidade em Fevereiro de 1861

N.º dos doentes	Molestias	1 a 14		14 a 28		28 a 56		56....		Curados		Por curar		Melhorados		Fallecidos	
		H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.
1	Amolecimento cerebral	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	1
4	Anasarcas	...	...	1	1	...	2	...	...	...	1	...	1	...	...	1	1
4	Ascites	...	...	1	...	2	1	...	...	...	...	...	...	2	1	1	...
1	Asthma nervosa, bronchite	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Blenorrhagia	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...
16	Bronchites agudas	2	...	4	...	5	2	...	3	9	5	...	...	2	...	...	...
2	» chronicas	...	...	...	...	1	...	1	...	1	...	...	...	...	...	1	...
1	» febre typhoide	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	..	...	...	...	...
1	Bubão simples	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	» syphilitico	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Congestão hepatica	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
5	Contusões	1	...	...	...	...	...	...	4	1	4	...	...	...	...	...	...
2	Diarrhea chronica	...	...	...	...	2	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...
1	» bronchite	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...
1	Diathese purulenta	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1
4	Dores osteocopicas	...	...	2	...	1	...	1	...	1	...	...	...	3	...	...	...
1	Dyspepsia	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...
2	Embaraços gastricos	...	...	1	...	...	...	1	...	2	...	...	...	...	...	...	...
1	Entrose	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
2	Enchaquecas	...	...	...	...	1	...	1	...	...	...	...	...	2	...	...	...
2	Erysipelas	...	...	...	...	2	...	...	...	2	...	...	...	...	...	...	...
1	» ferida simples	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Espinha ventosa	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...
17	Febres intermittentes	2	1	8	3	1	1	...	1	11	6	...	...	...	...	...	...
1	» remittente	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
3	» typhoide	...	...	2	...	...	...	...	1	1	...	...	...	...	...	1	1
2	Feridas simples	...	...	1	1	...	...	...	...	1	1	...	...	...	...	...	...
1	» no pé, grande suporação	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...
2	Fracturas nos braços	...	...	1	...	...	...	1	...	2	...	...	...	...	...	...	...
1	Fistulas na coxa	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...
1	Gastralgia	...	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...
1	Hematuria, degenerencia dos rins	...	...	...	...	...	...	1	...	..	...	...	...	...	...	1	...
1	Hemiplegia	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...
1	Hemoptise	...	...	..	..	...	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...
1	Herpes	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Hydrocele	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Hydropericardio	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	1
1	Hypocondria	...	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...
1	Incontinencia d'ourina	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Laryngite grave	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...
2	Lumbago	...	...	...	...	...	1	1	...	1	1	...	...	...	...	...	...
1	Mania	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...
1	Nephrite albuminosa	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...
1	Ophtalmia chronica	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...
1	Orchite	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Osteite no tarso	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...
2	Parturientes	...	...	...	2	...	...	...	...	...	2	...	...	...	..	...	...
2	Phlegmões nas pernas	...	...	...	...	1	1	...	...	1	1	...	...	...	...	...	...
1	Pleuresia	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
3	Pleurodynia	...	...	1	...	...	2	...	...	1	2	...	...	...	...	...	...
1	Pneumonia, anasarca	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1
1	» lesão organica do coração	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1
1	Pustulas na cabeça	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Queimadura do terceiro grau	...	...	...	...	...	...	1	...	1	...	...	...	...	...	...	...
4	Rheumatismo agudo	...	...	1	...	2	1	...	...	3	1	...	...	...	...	...	...
1	» chronico	...	...	...	...	...	...	...	1	...	..	...	...	...	1	...	...
1	Sarna	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Tinha	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
3	Tuberculos pulmonares	...	...	2	...	1	...	...	...	...	...	2	...	...	...	1	...
1	» na larynge	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...
4	Ulceras nas pernas	...	1	2	...	...	...	1	...	3	1	...	...	...	...	...	...
1	Ulceras syphiliticas na larynge	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...
1	» » na pharinge	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...
3	Molestias não classificadas	...	...	1	...	...	...	2	...	1	...	...	...	2	...	...	...
132	Total dos doentes	8	3	38	14	26	18	13	12	59	30	3	2	14	8	9	7

Synopse do movimento do Hospital em Fevereiro de 1861

Sexos	Saidos	Curados	Por curar	Melhorados	Fallecidos	Proporções
Homens	85	59	3	14	9	1:9,4
Mulheres	47	30	2	8	7	1:6,7
Total	132	89	5	22	16	1:8,2

Manuel Paes de Figueiredo e Sousa, Director.

José Maria Pereira Coutinho.

Na faculdade de Theologia defendeu theses nos dias 1 e 2 de julho o sr. Manuel Filippe Coelho. A sua dissertação inaugural teve por objecto o cap. XVI, v. 14—20 de S. Marcos, de que tirou a these: *Homo quoad christianas veritates indifferens esse non potest*, 1 vol. in 8.° de 75 pag.

Na de Direito o sr. José Augusto Sanches da Gama, nos dias 5 e 6. Objecto da dissertação: *Será justo e conveniente tornar obrigatoria para os senhorios a remissão dos fóros emphyteuticos?* 1 vol. in 8.° de 67 pag.: — o sr. João de Mendonça Cortez, nos dias 10 e 11. Objecto da dissertação: *Se a organisação do jury entre nós precisa d'algumas reformas, e no caso affirmativo, quaes devam ser?* 1 vol. in 8.° de 83 pag.: — e nos dias 19 e 20 o sr. Bernardo d'Albuquerque e Amaral, cuja dissertação teve por objecto: *Como devam ser graduados os credores nos concursos de preferencias, civis e commerciaes*, 1 vol. in 8.° de 125 pag.

No dia 21 receberam os graus de doutor na faculdade de Theologia os sr. Mattos e Coelho, e na de Direito o sr. Sanches; e no dia 28 os srs. Marques em Medicina; e Cortez e Albuquerque em Direito.

Em distribuição de premios e honras do *accessit*, nas duas faculdades positivas, foram aggraciados os seguintes *socios do Instituto;* em Theologia, no quarto anno, o sr. José Antonio de Sanct'Anna Corrêa; e em Direito, no quinto, os srs. Delfim Martins Ferreira, Manuel Emygdio Garcia, e José Antonio Franco; e no quarto os srs. Jayme C. Moniz, Augusto Saraiva de Carvalho, e Antonio de S. e S. Costa Lobo.

Nas informações ácêrca de todo o curso juridico dos bachareis formados, em conferencia de 24, da faculdade de Direito, receberam aquelles tres *socios do Instituto* mui distinctas e singulares qualificações; de MUITO BOM por tres, e BOM por nove, o sr. Delfim; e de MUITO BONS por dous, e BONS por dez, os srs. Garcia e Franco.

Abaixo d'estas qualificações obtiveram a de UM MUITO BOM sómente *quatro;* — *redondas* (de BONS por todos) sómente *seis;* e com quebra d'um só — SUFFICIENTE — doze.

Sem informações *oito.* Entraram no juizo das informações *bachareis formados* — 67.

O illustre e respeitabilissimo auctor da — Historia universal, — da Historia dos italianos, — da dos Cem annos etc. — o sr. CESAR CANTU, socio honorario do Instituto, dignou-se, em data de 8 de julho, escrever, de Modena, accusando e agradecendo a recepção do diploma.

— « Se a constante fadiga no procurar a verdade (diz ahi o grande historiador), e o firme proposito de dizel-a a todo o custo, me grangeou alguma attenção d'esse illustre corpo, antes creio que foi o vosso intuito dar um signal de sympatia para com a minha nação, irman da vossa, e talvez destinada a compor com ella a alliança dos povos latinos, a qual encaminhe a sociedade por outras vias, que não sejam as da violencia e das intrigas. » —

A estas conceituosas palavras, e a outras de muita cortezia, junta as seguintes, não menos obsequiosas, e d'uma esperança para o Instituto tão honrosa, como grata: — *al quale* (o Instituto) *mi faró un dovere di far giungere qualche mio lavoro.*»

Antecedentemente o sr. Filippe Monlau, sabio hespanhol, cujos escriptos são d'uma valia reconhecidissima, havia tambem mostrado ter em muito, e agradecido com expressões mui delicadas, o diploma de socio honorario.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

APONTAMENTOS

Para a historia da legislação agraria portugueza, desde o começo da monarchia até ao reinado de D. João I.

Continuado de pag. 52.

XIII

Na era de 1279 subio ao throno D. Diniz, cujo longo reinado, de 46 annos, é, no sentir de nossos escriptores, a epocha mais brilhante da agricultura portugueza. Dizem elles, que povoára meio Portugal; que em seu tempo não houvera gente, nem terras ociosas; e que merecêra o nobre titulo de Pae da Patria e Lavrador! Mas quaes foram as suas leis e providencias? quaes os testemunhos, que nos podem attestar que a verdade, e o amor de seu povo, não a lisonja de cortesãos, lhe teceu tamanhos elogios? Foraes, privilegios e isempções, á maneira de seus antepassados, com o intuito de augmentar a população, e animar os lavradores; uma fama de justiça, que transcendeu as raias de seu reino, e que, dentro e fóra d'elle, fez seu nome respeitado e venerado; — o seu consorcio com a virtuosissima Senhora Rainha Sancta Isabel, anjo de paz, e de concordia, e mãe carinhosa dos pobres e desvalidos; — um affecto mui particular, que sempre mostrou, e a historia uniformemente nos refere, para com os lavradores, que chamava — *nervos da républica;* — algumas leis, bem poucas na verdade, mas sufficientes para attestar seu animo forte e grandioso, que não succumbia sob o influxo de poderosos, quando era mister prover ao bem do Estado.

Todavia, bem longe estamos nós de facilmente acreditar, que estes seus cuidados surtiram todo o effeito desejado, e levantaram a cultura ao ponto de desinvolvimento, que, como dissemos, se lhe attribue. Se, em tempo de D. Diniz, não houvessem terras ociosas, fôra então Portugal muito mais povoado do que hoje, o que não está, nem póde ser provado[1]; quanto mais que o Rei providentissimo não podia acabar com as causas permanentes, que temos relatado, de estorvo para o andamento da industria; nem elle teve a felicidade de deixar de ver ardentes discordias intestinas dos grandes entre si, e por maior infortunio seu, em sua propria casa e geração, d'elle mesmo com seu filho.

As leis, que d'este Soberano indicamos, são as que se lêem na Ord. Aff. liv. 2, tit. 14 e 15, e que têm por objecto a acquisição de bens pelas Ordens e clerigos.

[1] Balbi, *Ess. Estatistiq. sur le R. du Port.* T. 1.er, pag. 134.

Tinha sido infructifera a ordenação de D. Affonso II; as inquirições começadas de tirar por todo o reino desde o mesmo reinado sobre usurpações dos direitos e regalias dos Monarchas pelos grandes e pelo clero, e continuadas com disvelo por D. Diniz (o que, em seu elogio, não devemos omittir), mostravam de sobejo, quanto se augmentava cada dia, por um lado, a quantidade de bens de raiz das Ordens e do Clero, e, pelo outro, a miseria e defficiencia dos seculares, sobre quem exclusivamente carregavam os onus do Estado.

« Este era meo exerdamento (diz D. Diniz « no preambulo da primeira lei), e mui gram « dapño d'elles de guisa, que quando os eu, e « os cavalleiros da minha terra, e os conce- « lhos ouvessem mester pera meu serviço, que « me nom poderiam servir, assi como deviam: « e eu assi o entendo.

« Sabendo por verdade (diz no preambulo « da segunda lei), que as Hordeẽs aviam a « maior parte de meu regno; e porem consi- « rando prol dos meus Filhos d'algo, e das « outras minhas gentes, que ham de defender « o regno, e consirando ainda como o re- « gno pudesse seer milhor defeso, e milhor « èmparado, se pela ventura hi aqueecesse « guerra de mouros, ou d'outras gentes; e « consirando que as Hordeẽs do meu regno « som muito ricas, e muito avondadas assy « em herdamentos, e em possissões, como em « outros haveres de guisa, que podem mui « bem viver e servir a Deos.

1.ª LEI.

« Mando e defendo, que os clerigos, nem « Hordeẽs nom comprem herdamentos; e aquel- « les herdamentos, que comprarom ou fezerem « comprar ataaqui pera sy, des que eu fui « rei, dou-lhes prazo, que os vendam desta « Santa Maria d'Agosto ataa um anno; e se « os nom venderem ataa este prazo, percam- « nos.

2.ª LEI.

« Ponho por lei, e faço tal constituiçom em « meu regno pera todo sempre, que se Filhos « d'algo, ou outras gentes, quer homeẽs, quer « molheres, que em meo regno entrem em « Hordeẽs, que aa morte dellas as Hordeẽs nom « venham ás suas successões, quanto é nos « herdamentos e nas possissões: nem os pos- « são vender ou dar, nem enalhear, nem em « outra maneira fazer d'elles cousa algũa, em « que se faça engano, per que os ajam as « Hordeẽs: mais se alguũs destes quizerem « dar por sua alma, vendam o terço de seus « herdamentos, e possissões, e as duas partes « fiquem a seus hereeos: e vendam o terço a

«taaes pessoas, que nunca se possão tornar «á Hordem; mas esses herdamentos, e possis- «sões fiquem sempre a taes pessoas, que nom «sejam Freires, nem Freiras, nem Donas «d'Hordeēs, e os que nom houverem herdeiros «hordenem, e façāo d'esses herdamentos e «possissões aquello, que por bem tiverem, em «tal guisa, e em tal maneira, que despois «nom fiquem esses herdamentos aas Hordeēs.»

A simples leitura d'estas duas leis é sufficiente para se conhecer quão imperfeita providencia ellas contém, deixando livre aos corpos de mão morta adquirir por doação entre vivos, *causa mortis*, e ultimas vontades, de todos aquelles que não fossem os professos; e não seria de tão pouca monta esta faculdade, vista a constante tendencia dos povos 'nesta epocha para engrandecerem as egrejas e os mosteiros, e a sua poderosissima influencia sôbre os grandes e pequenos.

As concordatas e leis do mesmo rei, que se referem na Ord. Aff. liv. 2, de tit. 1 a tit. 5, não denunciam, que outras providencias publicasse, vedando inteiramente a amortisação ecclesiastica. Por ventura, que receou o monarcha prudentissimo cortar com um só golpe tantos arreigados preconceitos, e falsas ideias de supposto interesse religioso. Para quem tomar a empresa de escrever uma histora completa de nossa legislação agraria, e não um simples ensaio, como este, de grande cópia de subsidios certamente se proverá 'nestas importantes e singulares convenções, aonde os verdadeiros direitos, e as exageradas pretenções do clero se debatem de continuo com a firmeza, ou debilidade, de nossos primeiros reis.

Uma só observação mais, e passaremos ao governo de D. Affonso IV. 'Nestas leis de D. Diniz enxerga-se outra lucta social, muito digna de notar-se. No preambulo d'uma e d'outra figuram como queixosos, e principaes accusadores, estes pederosos *Filhos d'algo*, cujas *avoengas* se definhavam pouco a pouco pela amortisação ecclesiastica. Elles, que a impugnam, são os mesmos que começam de levantar um edificio similhante, convertendo-as em morgados, cuja alienação nem ainda condicionalmente, como a das avoengas, a lei consentirá. Era a aristocracia das armas, sempre émula da aristocracia da Egreja, procurando supplantal-a. Do reinado de D. Diniz datam as primeiras instituições de morgados, de que ha noticia em Portugal.[2]

Mas não cuidemos, que a agricultura vae lucrar 'neste combate. Uma e outra amortisação, conspiradas contra ella, marcharam conjuntamente; e entretanto que, ao menos, uma parte das propriedades do clero, bafejadas de contínuo pelo sollicito proprietario, serão cuidadosamente cultivadas; as dos nobres, inteiramente, e em longes terras, occupados em guerrear os mouros, sulcar os mares, e cortejar os reis, offerecerão miserandos quadros de abandono!

[2] Mem. de Litt. da Acad. R. das Sc. T. 3 pag. 386.

XIV

Dos dous principes, que se seguiram a D. Diniz, seu filho D. Affonso IV e seu neto D. Pedro I, não encontrâmos memoria de que fizessem leis agrarias, salvo se ampliarmos este nome ou a estranhas providencias, de influxo remoto para a agricultura, ou a concessões especiaes; o que é fóra de razão.

As terriveis dissensões civis, que dividiram os portuguezes no reinado de D. Affonso IV, não podiam deixar de augmentar os gravames e o desalento dos lavradores, entretanto que davam nova força á prepotencia dos senhores, e á desorganisação feudal da sociedade, obrigados como estavam os mesmos principes a soccorrer-se do poderio d'aquelles para se debellarem mutuamente.

Debaixo do governo forte e justiceiro de D. Pedro, temeroso a malfeitores sem distincção de hierarchias, haveriam de respirar os opprimidos. Todavia o seu genio era severo em demasia; e a sua justiça carecia grandemente de lume, que a guiasse por entre os escolhos da barbaridade e tyrannia. Mandou que fosse açoitado e desorelhado, pela primeira vez, segundo refere Duarte Nunes de Leão, o lavrador, que não empalheirasse toda a sua palha, e enforcado, reincidindo!

Barbaro meio, e inefficaz, porque não é pela violencia, que o homem se convence, e se sujeita a procurar seus interesses! e documento, a nosso ver, concludentissimo, de que a oppressão dos lavradores, sob tantos estorvos, e no meio de tão asperos e continuados conflitos, produzia em todo o reino aquella desculpavel negligencia, de quem não tem senão a perder em trabalhar com mais ardor.

O auctor da memoria citada, para a historia da agricultura de Portugal, crê, que d'este monarcha são as duas ordenações, dos vereadores, que lhes encarregam o aproveitamento das propriedades dos concelhos, e das esterilidades, que soccorre os seareiros diligentes. Grande louvor mereceria D. Pedro por estas providencias, e mui principalmente pela segunda, que referiremos a outra épocha; porém, como o douto escriptor não transcreveu os testemunhos, em que se fundava o advogado Manoel da Fonseca Bordallo, em cujas notas encontrára esta opinião, e o Codigo Affonsino, que elle desconheceu, não a confirma, sernos-ha licito pôl-a em dúvida.

XV

Do justo e duro Pedro nasce o brando
.....
Remisso, e sem cuidado algum, Fernando.
CAMÕES, Cap. 3, Est. 138.

As calamidades d'este reinado, as violen-

cias dos poderosos, e a oppressão dos desvalidos, aos quaes já não escuda o affecto pater, nal de D. Diniz, ou o braço forte de D. Pedro e por consequencia o estado miserando da agricultura, descaída de uma tal ou qual crescente vida, que, sob o governo d'estes principes, começára de gozar, tudo clarissimamente é attestado por estas poucas linhas do principe de nossos poetas; e as leis de D. Fernando, que vamos a referir, verificam-o de sobejo.

A Ord. Aff. liv. 2, tit. 60. — *Das malfeitorias, que os fidalgos, e pessoas poderosas fazem pelas terras, hu andam,* — diz assim no § 2.°

« Honde e como nos Dom Fernando pela « graça de Deos rei de Portugal e do Algarve, « nom tam solamente pola fama, mais pola « verdadeira enformaçom sejamos certo, e seja « notorio per todalas partes de nossos regnos, « que alguũs dos maiores, e mais poderosos, « e mais honrados destes regnos metem-se a « andar pelas terras, e lugares desse regno « com muitas companhas de bestas, e de pee, « e pera comerem elles e suas bestas, filhão « aos lavradores, e a outras pessoas o pam e « cevadas, que tem pera seu mantimento, e « pera sementes de suas heidades; e lhes ma- « tam os bois e vaccas, que tem pera suas « lavouras, e lhas comem; e levão todalas ou- « tras cousas, que lhes acham contra sua von- « tade delles, etc.

E no § 3.° — « E que outro sy alguns dos « sobreditos com seus escudeiros e com sua « companha, e outros que se ajuntam com el- « les em nome de monteiros, vaão a correr « montes fora dos lugares e terras, que teem, « ou lhes per Nós som dadas, mostrando aos « moradores hy assy querem correr monte, « que o fazem por prol delles, matando os « porcos montezes, que dizem que lhes fazem « dãpno nos paães, e vinhas, e pumares, e « assentão-se em esses lugares a comer, e fi- « lham aos lavradores o que lhes acham con- « tra suas vontades; e outro sy os caães, que « teem pera guarda de seus gaados, e de suas « cousas, e casas; em que lhes fazem muy « maior dãpno, que todolos porcos montezes, « que assy matão, e que matar podião. »

Nem estas queixas poupavam os mesmos reis. Na Ord. Aff. liv. 5, tit. 46, lê-se que nas côrtes de Lisboa os povos se queixavam — « que « nosso avoo avia coutadas certas pera serem « coutados porcos montezes e ursos, e depois de « nosso Padre Nós fazemos outras coutadas; o « que he em gram dampno da nossa terra, por- « que destas coutadas, *que som muitas*, saaem « porcos, que dampnam paães, e vinhas, os « quaes defendemos que os nom matem, posto « que os achem fazer dampno; e o pior que « he, mandamos que nas ditas coutadas nom « cortem lenhas, nem outra madeira, que he « compridoira pera suas cazas e apeiros; e « que per esta razom *muitas herdades som de- « samparadas por elles.* »

« Por estas razões (Ord. Aff. *supra* citada, « liv. 2, tit. 60, § 4) e polas outras suso di- « tas os moradores em nossa terra nom podem « aver perque mantenhão si, nem suas lavoi- « ras, nem aproveitar suas herdades, perque « se ham de manteer; nem podem a Nós fa- « zer serviço, quando Nos compre, nem pagar « a Nós, nem a outros senhores das herdades « os direitos e tributos, que delles havemos « d'aver pera mantimento de nosso estado; e « a nossa terra é posta em grã mingoa, e em « mui grande caristia. »

Que outros podiam ser os resultados, senão aquelles que, o mesmo rei confessa no § 4 desta mesma lei, e no preambulo da outra das sesmarias (Ord. Aff. liv. 4, tit. 81)? — » Consirando como por todas as par- « tes de nossos regnos ha desfalicimento de « mantimento de trigo, e de cevada, de que « antre todalas terras e provincias do mundo « soyam ser mui abas tadas, e estas cousas « são postas em tamanha carestia, que aquel- « les, que ham de manter fazenda ou estado « de qualquer graao de honra, nom podem « chegar a aver essas cousas, sem mui grande « desbarato, do que ham; e esguardando como « antre todalas razoões, perque este desfali- « cimento e carestia vem, mais certa e espe- « cial é per minguadas lavras, que os homeẽs « leixam, e se partem dellas, entendendo em « outras obras e em outros mestres que, nom « som tam proveitosos pera o bem commum; « e as terras e herdades, que soyam a seer « lavradas e semeadas, e que som convinha- « vees pera dar pam e outros fruitos, perque « se os povoos ham de manter, som desam- « paradas, e deitadas em ressios sem prol, e « com grande dãpno do povo, etc. »

Vê-se d'esta lei, que grande numero de mancebos se acolhiam ao serviço dos poderosos, ou para escaparem debaixo de seu nome ás oppressões, que o povo padecia, ou para gosarem com seus amos da licença, que os mesmos poderosos se arrogavam, augmentando suas quadrilhas insolentes: e que outros, ou tomando o nome dos mesmos senhores, e até dos principes, seguiam egual senda d'extorsões e ardimentos; ou, deitando-se a pedir como d'ermitães, procuravam acoitar-se no manto da religião para gozar vida descançada e livre dos vexames, que soffriam os que continuavam a trabalhar.

Não é mister grande reflexão sôbre a historia d'este rei, tão bem dotado da fortuna, quando subio ao throno, como improvido, inconstante, e desgraçado, por não saber nem ao menos conserval-a, para descobrir a origem não só d'esta sensivel e espantosa decadencia, mas d'aquella insolente licença e oppressão dos fidalgos e poderosos. D. Fernando, preso nos braços, adulteros e traiçoeiros, de

D. Leonor Telles, governado por seus familiares e validos, sem força para se fazer obedecer, ora inimigo, ora amigo de Castella, deixando talar seus reinos impunemente, umas vezes pelos inimigos, que o desprezam, e outras pelos proprios vassallos, que o não temem, em vão promulga leis, indicativas pelo menos d'excellentes intenções, que, uma ou outra vez, melhores ministros lhe propõem. As causas do mal vão por diante, nem se atina com o remedio; e D. Fernando, como que não contente de fazer, em sua vida, o infortunio dos vassallos, deixa-lhes ampla herança de discordias no imprudente casamento de sua filha, cujos resultados necessarios houveram de ser a perda da independencia nacional, senão fôra o nobre orgulho portuguez, e as virtudes de D. João mestre d'Aviz.

Mas consideremos mais de perto cada uma d'essas leis. A primeira, cujos motivos supra extractámos, e que se lê na Ord. Aff. liv. 2, tit. 60, contra os excessos dos poderosos, seria de elogio sincero e verdadeiro para D. Fernando, se bastára legislar, e não fôra mister executar. Contém graves penas, de restituição em tresdobro pela primeira vez, em seisdobro pela segunda, e que pela terceira vez *moira porém*, contra estes verdadeiros salteadores; e outras não menos asperas contra os encubridores de suas malfeitorias, os que as perpetrassem sob pretexto de montarias, e meirinhos e corregedores menos zelosos, ou coniventes.

A segunda é a famosa lei das sesmarias, tão apregoada por excellente, e ainda agora por alguns como digna de cumprir-se; e que todavia nem sortiu, nem jámais podia sortir algum effeito, sendo pelo menos inutil e improvida, senão injusta, confrontada com os principios da sciencia economica, e com as luzes da experiencia. 'Nesta lei, depois de referidas as lamentações sôbre o desalento dos lavradores, desaproveitamento das terras, e carestia do pão, que deixâmos copiadas, ordena-se no § 2 — « que todos os que ham her-« dades suas proprias, ou teverem emproza-« das ou afforadas, sejam constrangidos pera « as lavrar e semear, per sy, e per hu elle « quiser, e lhe mais aprover, e quanta lavrar « poder sem grande seu dãpno, e com meor « seu encarrego, a *bem vistas*, e determina-« çom daquelles, a que desto for dado poder, « etc.» —No 3.° § determina que os cultivadores tenham os bois necessarios « *segundo a* « *conthia das herdades que houverem, com as* « *outras cousas, que aa lavoira pertencem*; » e sujeita os criadores, a que lh'os vendam por taxa. No § 4 impõe-se aos infractores a pena gravissima do perdimento das herdades; — « *dem* (as justiças) essas herdades, a quem nas « lavre, e semee sob certo tempo, e por pen-« som, ou parte certa; e o senhor da herdade « nom a possa filhar depois per sy, nem tolher « durando o dito tempo aaquelle, a quem assy « foi dada; e essa parte ou pensom, que o « lavrador assy houver de dar, seja pera o « bem commum, em cujo termo essas *herda-« des jouverem*. » — Os §§ 5 a 12 comprehendem uma serie de providencias destinadas a obrigar a servir na lavoura — « *todolos* « *que foram* ou soyam a seer lavradores, e « outro sy os filhos e netos dos lavradores, e « todolos outros moradores, assy nas cidades « e villas, como fóra dellas, e ouverem de « seu quantidade meor de quinhentas libras: » — e egualmente a vedar a ociosidade de falsos ermitães, ou sobejos criados, que trocavam a vida trabalhosa dos campos por esta folgada e divertida. Nos §§ 12 a 18 encontra-se a instituição de dous juizes, a quem se encarrega a policia agricola, a inspecção sôbre o aproveitamento das terras, e a execução d'esta lei, auctorisando-os a taxar a renda das terras, os jornaes dos operarios etc. E finalmente, nos §§ 18 até ao fim, prohibe-se a creação de gados a quem não fôr lavrador, tomando-o por perdido áquelles que em certo prazo não tomarem herdade, que hajam de cultivar.

Tal é em resumo a lei das sesmarias. O seu fim não foi outro senão remediar os graves males, cujas causas se manifestam na outra lei que memorámos, na guerra continuada com Castella, e na debilidade do governo. Os meios, que esta lei emprega, seriam adequados ao seu fim? Não, certamente. Nem D. Diniz, nem seus filhos, nem algum de seus veneraveis ascendentes, haviam tido por necessario obrigar violentamente, por lei geral, a cultivar: nenhum d'elles julgou mister constranger, com mão de ferro, uns a lavrar, outros a servir, e outros a abandonar a creação dos gados. Sem nenhum d'estes exforços a agricultura, no dizer do mesmo rei D. Fernando no preambulo de sua lei, havia consideravelmente prosperado; como pois não procurar nos exemplos de seus avós o remedio de tamanhos males?!

A lei das sesmarias viola a propriedade, em quanto priva o proprietario de seus bens para dal-os a outrem, segundo juizo por ventura de inimigos ou interessados: em quanto auctorisa os mesmos sesmeiros a intervirem no ajuste dos rendimentos, dos jornaes, do proveito dos mistéres para cada um dos cidadãos, da demanda do officio a cada um mais convinhavel! Pondo mesmo de parte os abusos e vexações d'estes pequenos juizes, não poucas vezes dirigidos pela ignorancia, ou pela má fé, quem não vê, que é grave engano esperar, que os homens apremados e ameaçados procurarão melhor o seu proveito? que sempre que a força intervem em taes assumptos, apparece logo a desconfiança e o desalento? que esta pesada intervenção da auctoridade repelle os calculos do interesse pessoal, que, se são mal cuidados, comsigo mesmo trazem a

pena sufficiente e a emenda, que a sociedade necessita? Quem ha que, por outra parte, não conheça, que a paz, a quietacão, a fôrça d'um governo protector, e a remoção dos obstaculos, sôbre a tendencia natural do homem para a terra, farão desenvolver e prosperar a agricultura, procurando uns de melhorar e aproveitar suas herdades, e outros de tomar, d'arrendamento ou emprasamento aquellas, que seus donos não podem ou não querem cultivar? E quem nos diz, que o gravame dos foraes, e outros tributos, sempre mais pezados no meio de tamanhas desordens do Estado, não era uma das causas por que os lavradores abandonavam herdades, que lhes não davam senão perda, e que ainda mais oppressas ficavam com o novo encarrego das sesmarias?

Sôbre todos estes incovenientes a lei de D. Fernando *condemna* á agricultura uma classe de seus vassallos; prende-os á profissão, d'onde o estímulo do proprio interesse em tempos tão calamitosos os affastava; e recusa a muitos d'elles a livre retribuição de seu trabalho! Pelo que toca á criação dos gados, tão essencialmente unida com o progresso da lavoura, e para a qual sería de fôrça 'nesta epocha deixar em pousio grandes tractos, por falta de conhecimento de methodos de cultura aperfeiçoada, que nem mesmo hoje usamos, limitado o numero dos criadores, taxado o preço dos bois, como poderia elle prosperar?

Senhorio moral de nossos gostos e inclinações, esperanças de melhor fortuna, calculos do proprio interesse individual, propriedade territorial, modo de cultura nas terras de cada um; tudo, na lei das sesmarias, é sacrificado á acção directa e violenta do supposto interesse do Estado!

Corroborada, declarada, e considerada nos seguintes reinados como obra prima de prudencia legislativa, porém sempre mal, ou nunca executada, cedeu emfim ao tempo e á opinião; jaz no grande catalogo de nossas leis, abrogadas a principio pelo não uso, e agora pela opinião e pela sciencia.

Na Ord. Aff. liv. 4, tit. 4, § 2, lê-se outra providencia de D. Fernando, a qual não só era altamente prejudicial ao cultivador, affectando a boa extracção dos seus géneros, mas a tóda a industria e commercio interno do paiz: nem a nosso ver outra cousa se ha mistér mais do que referil-a, para manifestar esta verdade.

« Defendemos que nenhum mercador de fóra « de nossos regnos nom compre per si, nem « per outrem, nenhum aver de peso comisinho, « salvo para seu mantimento, nem moeda, « nem metal, nem outra nenhuma mercadoria « em nenhum logar de nossos regnos, fóra da « cidade de Lisboa; nem dê seus dinheiros a « outros de nossa terra para comprarem ne- « nhumas mercadorias fóra d'esta cidade: .... « salvo vinhos, ou fructas, ou sal » (§ 3.º).

Esta e outras providencias, que nos são de grande luz para conhecermos o estado do commercio 'nestes tempos, e que por ventura melhor e mais extensamente examinaremos algum dia, considerando-as sómente em relação a este objecto, denunciam um tal temor pelo supprimento das primeiras necessidades do paiz, e uma tal ignorancia da marcha natural do commercio, que, por uma parte, servem-nos de testemunhos da escassez, que então se experimentava; e, por outra parte, auctorisam-nos a desculpar os legisladores d'uma épocha, em que tão pouco se conheciam os verdadeiros interesses materiaes das nações.

Legislou tambem o mesmo rei contra os clerigos e fidalgos, que se davam ao commercio: e como quer que esta lei pareça dictada tão sómente pelos prejuizos de classe, e injuriosa á profissão de negociante, todavia de sua mesma letra se deprehende, que o seu fim não era outro senão bemfazer aos pequenos traficantes d'esse tempo, desviando-lhe poderosos concurrentes, que privilegios e isenções, se arrogavam, ainda mesmo no commercio. « Compram (diz a lei na Ord. Aff. Liv. 4, tit. 47) muitas cousas para ao depois revende- « rem, e usam publicamente de regataria, e « não querem consentir, que os Almotacees « ajam em elles jurdiçom, pera lhes manda- « rem como revendão as cousas, e lhes dem « as medidas, e fazer outros autos, que per- « tencem a seus officios: nem querem pagar « sisa como os outros, que aasy compram e « e vendem, e se os querem penhorar, allegão « que som priviligiados, etc.

E quanto não soffreria esse mesmo pequeno commercio de cereaes pela summa versatilidade, e menos conhecimento ou boa fé, com que o mesmo D. Fernando mandou por differentes vezes alterar a moeda, já cerceando-a no peso, já rebaixando-a no toque!

Folgamos de transcrever 'neste lugar o que d'este facto nos conta Nunes de Leão; e é esta uma sobeja prova de que muitas das grandes verdades economicas, que a sciencia hoje ensina, são de mui largo tempo conhecidas, e pela experiencia confirmadas. « Mudou « e desfez todas as moedas antigas do reino, « alevantando as valías das novas, de manei- « ra que moedas de muito pouco peso tinhão « tanta valía, como as antigas de muito: o « que causou vir grande cópia de moeda cu- « nhada fóra do reino furtadamente, por o « muito, que se nisso ganhava, e a troco de « moedas de pouca valía levavão ouro e prata « e mercadorias de muito preço. — A qual « vindo-se depois a abater e redusir ao que « justamente devia valer, *empobreceo* muitos « dos que com aquella moeda se acharão.[3]»

Ácêrca da acquisição de bens pelo clero e Hordens lê-se outra lei do mesmo Soberano

[3] Nunes de Leão, Chr. de D. Fernando, E. cit. T. 1, pag. 261.

na Ord. Aff. liv. 4, tit. 48, a qual é mais uma prova da frouxidão d'este reinado, e de quão pouco exactamemte se observava a de D. Diniz.

Queixaram-se os povos em côrtes de Lisboa: — « som agravados porque dispensamos con- « tra a lei perque he defeso, que os clerigos « nom comprem nenhuns herdamentos, e da- « mos a elles cartas, e bem assy aos religiosos « e Hordeẽs, que ataa certas conthias possam « comprar possissões. — »

Responde o rei: — « que nós outorgamos « esto a algũas pessoas, por entendermos, que « he aguisado do lho outorgarmos, e outor- « gamos-lho com razam aguisada, e que ao « tempo de suas mortes fiquem estas herdades « a pessoas leigas. »

Conclue, dando providencias para evitar o abuso d'estas concessões.

Mencionaremos finalmente outra lei, promulgada tambem a rogo dos povos nas mesmas côrtes de Lisboa, e cujos motivos já supra extractámos: — « que adugam as coutadas, que « tinha nosso Avoo, e que nos praz non fazer « outras, e de lhes fazer em ello mercee: — « que talhem madeira e lenha, aquella que « lhes comprir pera suas casas aguisadamente, « e pera suas lavoiras. »

Se as queixas que lhe deram origem são testemunho contra o monarcha, a sua prompta provisão deve servir-lhe de elogio.

D. Fernando falleceu a 22 de Outubro de 1383 com 38 annos de idade e 17 de reinado. Diz-se d'elle, que, sempre variavel em suas resoluções, não mostrou constancia senão em seu amor pela rainha, paixão fatal ao reino pelas discordias e desgovernos, de que foi causa; união, de que nem ao menos se aproveitou a patria, recebendo um principe, que continuasse a legitima varonia de D. Affonso Henriques. A prole de D Leonor Telles não devia subir ao throno de Portugal. Esta cadêa de heroes, apenas interrompida por dous monarchas de coração bem intencionado, mas de animo fraco, tinha de não quebrar-se. O animo ousado e varonil; o genio resoluto e justiceiro d'aquelle, cujos dez annos de governo, no sentir dos portuguezes, ou nunca deviam terminar, ou nunca principiar; estas qualidades tão nobres, e tão proprias d'um monarcha, mórmente na primeira quadra da vida das nações, que faltaram a D. Fernando, transmittiram-se todavia a seu heroico irmão, o mestre d'Aviz,

Ainda que bastardo verdadeiro.
CAMÕES

N'elle começa uma dynastia nova, uma época toda dissimilhante da primeira, mas nem por isso mais proficua á agricultura.

A. FORJAZ.

SCIENCIAS PHYSICAS E MATHEMATICAS

HA NO PENDULO DESVIOS APPARENTES E REAES

Continuado de pag. 81.

O que fica dicto basta para provar que Mr. Raspailh não carecia procurar outra explicação, visto não ter concluido cousa alguma contra a que se adoptou antes d'elle.

Podiamos por consequencia terminar aqui as nossas reflexões ácerca d'esta theoria; mas continuemos ainda examinando-a directamente.

Raspailh parte dos factos seguintes: que o pendulo de Foncault tinha a hastea de ferro batido; que, assim modificado, o ferro é sempre magnetico; é que 'numa agulha, que goze da mesma propriedade, ha desvios occidentaes.

D'aqui conclue, que o pendulo se desvia por uma propriedade magnetica. Depois cita algumas experiencias, feitas a este respeito, das quaes infere, que, sendo de madeira a esphera do pendulo, e o fio da natureza organica, não têm logar os desvios; e que, empregando-se ferro batido, se podem obter desvios em qualquer sentido, quando se approxima uma consideravel massa magnetica.

Mas para ver que esta explicação não satisfaz, basta advertir que segundo ella, em cada extremidade do arco devem os desvios ser *sempre* os mesmos; e então não se vê como o pendulo de Foncault desfazia successivamente, em quanto oscillava, uma porção dos monticulos de areia, collocados nas duas extremidades.

Além d'isto, Raspailh não estabelece a relação entre o magnetismo e os desvios do pendulo; e esta relação deve ser considerada uma parte integrante da theoria.

É possivel que o magnetismo terrestre tenha alguma pequenissima influencia no phenomeno; mas de certo não póde considerar-se a sua causa principal.

Pomos em dúvida a experiencia de Raspailh, na qual, diz elle, não ter encontrado desvios, quando o pendulo tem uma esphera de madeira, e o fio de materia organica.

O modo, como todos os outros observadores antigos e modernos se explicam a este respeito, não póde deixar-nos dúvida sôbre a existencia dos desvios em todos os pendulos.

De mais, póde mesmo admittir-se, que a preoccupação do auctor, e sôbre tudo o espirito de contradicção, que se nota em todas as suas

obras, especialmente quando se tracta d'alguma opinião seguida pela Academia Franceza, o levasse a vêr as cousas d'um modo differente d'aquelle por que ellas se passam.

Não é rara a necessidade de recorrer a tudo isto, quando se quer avaliar com segurança o juizo emittido por alguns sabios.

Passemos a resolver a questão pelo lado analytico.

Este fecundo instrumento, de que vamos lançar mão, é, incontestavelmente, em todas as questões d'esta natureza o mais poderoso auxilio e o mais seguro recurso.

Deante d'elle desapparecem as preoccupações do espirito humano; e os seus resultados, dependentes da exatidão das equações fundamentaes, não só podem ser confirmados pela experiencia, mas até fazer-nos descobrir novos pontos do contacto no problema que nos occupa.

Consideremos primeiramente o pendulo suspenso a um ponto do eixo terrestre.

Sejam S e Sz este ponto e este eixo; Sxz, Syz, Sxy, tres planos coordenados rectangulares, dos quaes o primeiro passa pela posição inicial P do pendulo. Seja n a velocidade angular do globo terrestre; α, e γ o angulo PSz, e a ordenada inicial. Sejam tambem, no fim do tempo t, x, y, z as coordenadas da posição P' do pendulo; ϵ e φ os angulos $P'Sz$ e o que fazem os dois planos PSz, $P'Sz$.

Na posição P' do pendulo consideraremos a acção da gravidade, as forças provenientes do movimento de rotação, e a circumstancia de mover-se o pendulo na superficie d'uma esphera, cujo raio é $PS=r$. Temos portanto as quatro equações

$$\left.\begin{aligned}
\frac{d^2x}{dt^2} &= -\frac{x}{r}N + n^2x - ny \\
\frac{d^2y}{dt^2} &= -\frac{y}{r}N + n^2y + nx \\
\frac{d^2z}{dt^2} &= -\frac{z}{r}N + g \\
x^2+y^2+z^2 &= r^2
\end{aligned}\right\} \ldots\ldots (1)$$

Os termos $-ny$, nx provêm da força tangencial do movimento da terra; e n^2x, n^2y da força centrifuga. Abstrahamos primeiramente d'aquelles.

No caso de ser ϵ um pequeno angulo, teremos, como facilmente se póde ver,

$$\left.\begin{aligned}
x &= \sqrt{r^2-z^2}.\ \cos\varphi = r\epsilon\cos\varphi \\
y &= \sqrt{r^2-z^2}.\ \operatorname{sen}\varphi = r\epsilon\operatorname{sen}\varphi \\
z &= r\cos\varphi
\end{aligned}\right\} \ldots (2)$$

Logo

$$dx = \cos\varphi\,.\,d\sqrt{r^2-z^2} - \sqrt{r^2-z^2}\operatorname{sen}\varphi\,d\varphi$$

$$dy = \operatorname{sen}\varphi\,.\,d\sqrt{r^2-z^2} + \sqrt{r^2-z^2}\operatorname{sen}\varphi\,d\varphi$$

Portanto

$$x\,dy - y\,dx = (r^2-z^2)\,d\varphi = r^2\epsilon^2\,d\varphi.$$

Mas se multiplicarmos a primeira das equações (1) por y, e a segunda por x, e tomarmos depois a differença, resultará nas nossas supposições,

$$\frac{d}{dt}\cdot\left(\frac{x\,dy-y\,dx}{dt}\right) = o,$$

ou, chamando c uma constante arbitraria, que logo determinaremos,

$$x\,dy - y\,dx = c\,dt \ldots\ldots (3)$$

Portanto:

$$d\varphi = \frac{c}{r^2}\cdot\frac{dt}{\epsilon^2} \ldots\ldots (4)$$

A equação (3), combinada com

$$x\,dx + y\,dy = -z\,dz,$$

$$x\,d^2x + y\,d^2y + z\,d^2z = -ds^2,$$

que resultam da ultima de (1), dá

$$(r^2-z^2)(ds^2-dz^2) = z^2\,dz^2 + c^2dt^2 \ldots (5)$$

Ora, multiplicando respectivamente por $2\,dx$, $2\,dy$, $2\,dz$ as tres primeiras de (1), e sommando, virá

$$d\left(\frac{ds}{dt}\right)^2 = 2g\,dz - 2n^2z\,dz$$

Logo, sendo b outra constante,

$$v^2 = \left(\frac{ds}{dt}\right)^2 = 2gz + b - n^2z^2 \ldots (6)$$

Tirando d'esta equação o valor de ds^2, e substituindo em (5), acha-se

$$dt = \frac{r\,dz}{\sqrt{(r^2-z^2)\,[2gz+b-n^2z^2]-c^2}} \ldots (7)$$

Passemos á determinação das constantes. Chamando k a velocidade inicial do pendulo, a qual corresponde a $z=\lambda$, a equação

$$\sqrt{r^2-z^2}\cdot\frac{d\varphi}{dt} = \frac{c}{\sqrt{r^2-z^2}}$$

dá $c = k\sqrt{r^2-\gamma^2}$, que determina c.

Temos tambem

$$k^2 = 2g\gamma + b - n^2\gamma^2,$$

equação que determina b.

Será pois

$$2gz + b - n^2z^2 = 2gz + k^2 - 2g\gamma + n^2\gamma^2 - n^2z^2$$

$$= 2g(z-\gamma) - n^2(z^2-\gamma^2) + k^2.$$

Sendo tambem α um pequeno angulo, teremos

$$z = r\left(1 - \frac{1}{2}\epsilon^2\right),\ \gamma = r\left(1 - \frac{1}{2}\alpha^2\right):$$

portanto $dz = -r\epsilon\, d\epsilon$,

$$2gz + b - n^2z^2 = gr(\alpha^2 - \epsilon^2) - \frac{n^2r^2}{4}(\epsilon^4 - \alpha^4) + k^2$$

$$+ n^2r^2(\epsilon^2 - \alpha^2) + k^2$$

$$= \epsilon^2(n^2r^2 - gr) - \frac{n^2r^2}{4}\epsilon^4 + \alpha^2(gr - n^2r^2)$$

$$+ \frac{n^2r^2}{4}\alpha^4 + k^2$$

Para simplificar esta expressão, façamos

$$gr - n^2r^2 = \varepsilon^2 gr,\ \frac{n^2r^2}{4} = \theta^2\varepsilon^2 gr,\ k^2 = \delta^2\varepsilon^2 gr.$$

Teremos assim

$$2gz + b - n^2z^2 = \varepsilon^2 gr\,[-\epsilon^2 - \theta^2\epsilon^4 + \alpha^2 + \theta^2\alpha^4 + \delta^2]$$

Ora $c^2 = k^2r^2\alpha^2 = gr^3\alpha^2\delta^2\varepsilon^2$. Logo

$$(r^2 - z^2)[2gz + b - n^2z^2] - c^2 = \varepsilon^2 gr^2$$

$$[(-\epsilon^2 - \theta^2\epsilon^2 + \alpha^2 + \theta^2\alpha^4 + \delta^2)\epsilon^2 - \alpha^2\delta^2].$$

Será pois

$$dt = -\frac{1}{\varepsilon}\cdot\sqrt{\frac{g}{r}}\times$$

$$\frac{\epsilon\, d\epsilon}{\sqrt{(-\epsilon^4 - \theta^2\epsilon^4 + \alpha^2 + \theta^2\alpha^4 + \delta^2)\epsilon^2 - \alpha^2\delta^2}} \ldots (8)$$

Se na equação (8) despresarmos ϵ^6, o que está em harmonia com as nossas supposições, teremos, pondo $\delta^2 + \theta^2\alpha^4 + \alpha^2 = 2p$,

$$dt = -\frac{1}{\varepsilon}\cdot\sqrt{\frac{r}{g}}\cdot\frac{\epsilon\, d\epsilon}{\sqrt{2p\epsilon^2 - \epsilon^4 - \alpha^2\delta^2}}$$

Esta equação intégra-se facilmente com a hypothese $\epsilon^2 = x + p$, e dá

$$2\varepsilon t\sqrt{\frac{g}{r}} = arc\left(\cos = \frac{\epsilon^2 - p}{\sqrt{p^2 - \alpha^2\delta^2}}\right) + C.$$

Como para $t = o$, deve ser $\epsilon = \alpha$, fazendo

$$\frac{\alpha^2 - p}{\sqrt{p^2 - \alpha^2\delta^2}} = \cos 2\varepsilon\cdot a\sqrt{\frac{g}{r}},\quad \text{teremos}$$

$$2\varepsilon(t+a)\sqrt{\frac{g}{r}} = arc\left(\cos = \frac{\epsilon^2 - p}{\rho}\right),$$

sendo $\rho^2 = p^2 - \alpha^2\delta^2$, e a um arco muito pequeno, que, nas nossas hypotheses, podia mesmo ser despresado. Logo

$$\epsilon^2 = p' + \rho\cos 2\varepsilon\sqrt{\frac{g}{r}}(t+a)$$

Todas as quantidades, p, ρ, ε, a estão expressas 'noutras conhecidas; e a quantidade ε é muito proxima de 1, por ser n muito pequeno.

Substituindo o valor de ϵ^2 na equação (4) teremos, fazendo por simplicidade

$$v = \varepsilon\sqrt{\frac{r}{g}}(t+a),$$

$$d\varphi = \frac{c}{\varepsilon r^2}\sqrt{\frac{r}{g}}\cdot\frac{dv}{p + \rho - 2\rho\,\mathrm{sen}^2 v},\quad \text{ou}$$

$$d\varphi = \frac{c}{\varepsilon r^2\alpha\delta}\cdot\sqrt{\frac{r}{g}}\cdot\frac{\alpha\delta\, dv}{p + \rho - 2\rho\,\mathrm{sen}^2 v}.$$

Mas $\frac{c}{\varepsilon r^2\alpha\delta}\cdot\sqrt{\frac{r}{g}} = 1.$ Logo

$$d\varphi = \frac{\alpha\delta\, dv}{p + \rho - 2\rho\,\mathrm{sen}\, v}$$

Para integrar esta expressão, façamos

$$y\sqrt{\frac{p+\rho}{p-\rho}} = \frac{p+\rho}{\alpha\delta}\ y = tg\, v,\ \text{o que dará}$$

$$\varphi = arc\,(tg = y) + C',$$

Para $\varphi = o$, deve ser $t = o$, ou $v = a\varepsilon\sqrt{\frac{g}{r}}$.

$$\varphi = arc\left(tg = \frac{y - \frac{\alpha\delta}{p+\rho}\cdot tg\, a\varepsilon\sqrt{\frac{g}{r}}}{1 + y\frac{\alpha\delta}{p+\rho}\cdot tg\, a\varepsilon\sqrt{\frac{g}{r}}}\right);\ \text{ou}$$

$$tg\,\varphi = \frac{\alpha\delta}{p+\rho}\,\frac{\mathrm{sen}\,\varepsilon t\sqrt{\frac{g}{r}}}{M} \ldots\ldots (9),$$

sendo $= M\cos\varepsilon(t+a)\sqrt{\frac{g}{r}}\cdot\cos\varepsilon a\sqrt{\frac{g}{r}}$

$$\frac{p-\rho}{p+\rho}\cdot\mathrm{sen}\,\varepsilon(t+a)\sqrt{\frac{g}{r}}\cdot\mathrm{sen}\,\varepsilon a\sqrt{\frac{g}{r}}$$

Esta equação (9) encerra a consequencia mais notavel, que podiamos esperar. Com effeito:

1.° Se a velocidade de rotação do globo não produz no pendulo senão a velocidade inicial k, devemos em (1) despresar tambem os termos n^2x, n^2y; o que equival a $n=o$. Será pois rigorosamente $\varepsilon=1$. Então para $t\sqrt{\frac{g}{r}}=o, \pi, 2\pi\ldots$ deve tambem ser $\varphi=o, \pi, 2\pi\ldots$. Portanto um observador, independente do movimento rotatorio do globo, veria o pendulo, no fim de cada oscillação, bater 'num plano invariavel, o qual não seguira na sua excursão.

2.° Se realmente o movimento de rotação da terra influe no pendulo em qualquer das suas posições, concebe-se muito bem que as circumstancias do movimento serão sensivelmente as mesmas, que se supprimirmos a velocidade tangencial em cada posição, augmentando um pouco a velocidade inicial. Mas 'neste caso a analyse é exactamente a precedente. Temos portanto que no fim do tempo dado por $\varepsilon t\sqrt{\frac{g}{r}}=o, \pi, 2\pi$ etc., deve ser $\varphi=o, \pi, 2\pi$ etc., como precedentemente.

Ora como ε é muito proximo de 1, conclue-se que a fórmula $t=\pi\sqrt{\frac{r}{g}}$, que se deduz para o pendulo simples, não attendendo ao movimento da terra, tem ainda logar, pelo menos proximamente, querendo attender-se a elle.

Temos até aqui supposto o pendulo no polo.

No equador, sendo nulla a rotação de terra em torno da vertical, devem ser nullos os desvios; e portanto 'num ponto qualquer do globo poderemos applicar a analyse precedente mudando n em n sen λ. Logo os desvios do pendulo, na extremidade de cada oscillação, serão representados por

$$D=nt.\operatorname{sen}\lambda$$

São estes os desvios apparentes.

Passemos aos desvios reaes.

Se para qualquer valor de t fosse $\varphi=o$, estes desvios não existiam.

Mas não acontece assim, pelo que se vê da equação (9).

Se d'esta equação tirarmos cos φ e sen φ, e os substituirmos nas primeiras de (2), teremos relações da fórma

$$\psi(x, z, t)=o,\ \omega(y, z, t,)=o$$

Finalmente se em vez de t substituirmos o seu valor em funcção de z, as equações resultantes serão as da curva descripta pelo pendulo.

Para mais simplesmente formarmos ideia d'esta curva, supponhamos nullo o pequeno arco a.

A equação (9) será

$$tg\,\varphi=\sqrt{\frac{p-\rho}{p+\rho}}\ .\ tg\,\varepsilon t\sqrt{\frac{g}{r}}:$$

d'onde $r^2\epsilon^2\operatorname{sen}^2\varphi=r^2(p-\rho)\operatorname{sen}\varepsilon t\sqrt{\frac{g}{r}}$

$$r^2\epsilon^2\cos^2\varphi=r^2(p+\rho)\cos^2\varepsilon t\sqrt{\frac{g}{r}}$$

Mas por outro lado as expressões (2)

dão $r^2\epsilon^2\operatorname{sen}^2\varphi=y^2$, $r^2\epsilon^2\cos^2\varphi=x^2$. Logo

$$\frac{y^2}{r^2(p-\rho)}+\frac{x^2}{r^2(p+\rho)}=1.$$

Esta equação é a d'uma ellipse projectada no plano xy. O pendulo passa portanto á direita e á esquerda da projecção do ponto de suspensão.

O maximo desvio apparente é

$$D'=r\sqrt{p-\rho}$$

Ora

$$\rho=\sqrt{p^2-\alpha^2\delta^2}=\frac{1}{2}\sqrt{(\alpha^2+\delta^2+0^4\alpha^4)^2-4\alpha^2\delta^2}=$$

$$\frac{1}{2}(\alpha^2-\delta^2)+h,$$

sendo h uma serie de termos, todos muito pequenos. Logo,

$$p-\rho=\delta^2$$

proximamente. Será pois

$$D'=r\delta=\frac{rk}{\varepsilon\sqrt{gr}}$$

Mas como é, com muito pouca differença, $k=nr\alpha.\operatorname{sen}\lambda$, teremos

$$D'=n\operatorname{sen}\lambda\ .\ \sqrt{\frac{g}{r}}\ .\ \alpha r.$$

Quanto á conformidade d'esta theoria com as experiencias, basta notar que desde os academicos de Florença até nós, tem a maior parte dos observadores reconhecido que o pendulo parece descrever uma curva, a qual, projectada no plano horisontal, é proximamente elliptica.

Parece-nos pois que o movimento de rotação da terra deve ser tomado em consideração na questão que nos occupa, e que elle nos leva a admittir duas especies de desvios no pendulo.

A curva oval de que fallam dois dos mais abalisados physicos de Florença, e o facto de de passar o pendulo á direita e á esquerda da projecção de seu ponto de suspensão, tem uma explicação completa 'nesta theoria.

Assim o movimento de rotação fica demonstrado pelos desvios do pendulo.

É claro tambem que este movimento deve influir na velocidade do pendulo conico. As experiencias que modernamente se fizeram a este respeito, as quaes se encontram minuciosamente descriptas 'numa Memoria, publicada no jornal de mathemathica de Mr. Lioville, confirmam perfeitamente esta consequencia, e estão d'accordo com outros factos conhecidos.

J. R. RAMOS.

BREVES REFLEXÕES Á DOUTRINA DE KÖLLIKER SOBRE OSTEOGENIA

Sessenta annos têm corrido depois que Bichat publicou o seu Tractado de Anatomia geral, e com elle marcou uma epocha nova, e a mais gloriosa das Sciencias Medicas.

Seguiram-lhe as pisadas os Naturalistas de Allemanha e Inglaterra, desenvolvendo e aperfeiçoando os trabalhos originaes d'aquelle genio célebre com estudos microscopicos, e perseverantes ensaios chimicos. A elles deve a Anatomia, e a Phisiologia os maravilhosos progressos, que ha trinta annos tem sabido grangear.

Merece especial menção Schwann pelos assiduos e escrupulosos trabalhos histologicos, com que abriu na sciencia novos horisontes, a que hoje não é ainda licito assignar limites. Bowman, Todo, e J. Tomes em Londres, têm ao mesmo tempo cooperado com reconhecida dedicação para assentar uma sciencia nova, que já na infancia inspira as mais fundadas esperanças ás Sciencias Naturaes.

Mas Kölliker é inquestionavelmente o vulto que no campo da Histologia se eleva acima de todos, tanto

Quantum lenta solent inter viburna cupressi:

Seja porém falta de methodo na exposição da formação generica dos ossos, algum defeito na traducção do allemão para idioma francez, ou já o *aliquando bonus...* que justifica o *non omnia ad Homerum, tanquam ad normam....*, o caso é que a leitura do artigo do systema osseo nos provocou as reflexões, que seguem.

Não obstante a falta de esclarecimentos que Kölliker confessa haver sôbre as successivas mudanças por que vae passando a cartilagem temporaria antes da ossificação, o que será por ventura a causa da obscuridade que sobresáe em todo o artigo alludido da osteogenia, concorda Kölliker, e tem por doutrina assentada, que na cartilagem ha uma substancia fundamental amorpha, com muitas cavidades cheias de um liquido granuloso com um nucleo, ao menos, e sem vasos, limitando-se a existencia d'estes ao perichondrio, que, chegado o periodo da ossificação, se formam vasos, que, distribuidos em duas series (periosticos, e medullares), percorrem todos os pontos da cartilagem que se ossifica, havendo entre elles mutuas e estreitas relações, assim como com as celulas, e canaliculos d'estas, sendo por meio d'estes que na cartilagem communicam umas com outras cellulas: que muitas e importantissimas metamorphoses se verificam na cartilagem proximo á ossificação, augmentando o numero das cavidades e cellulas por meio da scisão endogena, alargando-se a sua capacidade, dispondo-se em series com direcções diversas, e especiaes, e em grupos com adaptação a fins ulteriores: que a ossificação começa pela substancia fundamental, passa ás cavidades e canaliculos osseos, sendo então que a micoscropio se divisam as cellulas de Virchow com a immensa ramificação de tubos em todas as direcções, e os vasos sanguineos que a estas cellulas se encaminham, e aonde apparecem os pontos centraes da ossificação, que pelos canaliculos de communicação se vae propagando a toda a cartilagem.

Assim que as cellulas estrelladas de Vichow, e canaliculos de Havers serão para Köllicker as partes mais essenciaes do osso, sendo as primeiras as fontes da materia ossea, e os segundos os vehiculos dos vasos sanguineos que lhe fornecem os materiaes. As cellulas são as primitivas da cartilagem com a transformação subsequente, e as laminas da substancia compacta dispostas em fórma curva e concentrica, são formadas egualmente de cellulas oblongadas e condensadas, recheiadas tambem de cellulas estrelladas. O periosteo completa a ossificação dando por fim o blastema, que produz tambem cellulas estrelladas similhantes. A substancia esponjosa é formada da terceira serie de laminas interposta ás duas Haversianas, e menos transformada, em que apenas se encontram poucos canaes vasculares, aonde ella toma caracter mais compacto.

É quanto em resumido quadro se póde extrair da doutrina exposta por Kölliker em um longo capitulo, algum tanto obscuro pela falta que ha no complemento de observações, e não menos pela ordem que segue na exposição d'ellas, e repetição por vezes dos mesmos objectos em phrase variada.

No estado de imperfeição d'esta parte histologica temos, que o melhor serviço á sciencia, no estado actual, será estremar o que é acceite geralmente pelos observadores de melhor nota, d'aquillo que é só provavel ou duvidoso, acceitando o mais conforme aos factos physiologicos e pathologicos, em quanto a sciencia não pronuncía a este respeito a ultima palavra.

Que a fórma laminada, mais ou menos condensada, é a disposição que toma a substancia ossea, é facto de que hoje se não duvida. A immersão do osso em acido chloridico ou azotico, roubando-lhe os saes calcareos, reduz o osso a laminas cartilagineas, que com uma pinça se podem separar, como nota J. Tomes. Tambem se não duvída que as laminas da substancia compacta, offerecem á vista microspica os canaliculos de Havers, e as cellulas estrelladas por entre as laminas dos mesmos canaliculos: que os prolongamentos, ou ductos d'essas cellulas na sua vária fórma radiada communicam umas com outras cellulas, e com os canaliculos de Havers: que os vasos sanguineos se formam, ou estendem pela substancia da cartilagem, chegada ao periodo da ossificação, e se vão distribuindo por meio dos canaliculos de Havers, partindo uns da substancia do periosteo, outros da substancia reticular na cavidade dos ossos longos. Se esses canaliculos levam sómente arterias, ou se tambem veias, como quer Carpenter, é por ora objecto de questão. Não póde tambem duvidar-se que a fórma granulosa seja a elementar da ossificação, depois que Tomes e Bowman mostraram que de uma ligeira maceração em acido nitrico diluido, resulta logo o aspecto granuloso da substancia compacta; que se póde separar um d'esses grãos, e continuada a maceração até subtrair toda a parte salina, ficará uma vesicula gelatinosa; que pelo aspecto granuloso começa sempre a ossificação accidental dos tecidos, a de ossos normaes, em que não ha caniculos de Havers no homem, e em muitos animaes; por fórma que as laminas osseas, e a primitiva granulação, que a precede, são elementos constantes do osso, quanto canaliculos, e cellulas estrelladas deixam de existir em muitos. E das observações de Tomes egualmente consta que aonde coexistem canaliculos e cellulas, o numero d'estes elementos segue a razão inversa uns dos outros, d'onde se póde inferir que sejam destinados ao mesmo fim ambos elles.

Na cartillagem temporaria admittem todos substancia amorpha fundamental com cavidades, e perichondio externo, que depois passa a periosteo. Mas é notavel que, das minuciosas observações de Tomes feitas no ovo gallinaceo de seis em seis horas no periodo da incubação, resulte que no primordio da formação cartilaginea se veja um agregado de pequenas cellulas tão estreitamente unidas, que não deixam espaço intercellular: e parece haver harmonia entre esta textura e a fórma granulosa por que a ossificação começa.

A fórma elementar granulosa, as laminas e cavidades osseas, são pois os elementos constantes de osso. Os canaliculos de Havers, e as cellulas estrelladas, que no osso humano, e de alguns animaes se encontram, nem são partes essenciaes de todos os ossos normaes, anormaes, e accidentaes de mammiferos, nem em todos os vertebrados se hão demonstrado. O que vae além d'estes conhecimentos positivos, fundado em observações conformes, as metamorphoses de cavidades e cellulas cartilagineas, as da secreção periostea, o arranjo de substancia esponjosa e compacta, dependente da fórma e condensação de cellulas, a necessidade da coexistencia de canaliculos de Havers, e de cellulas (desmentida nos ossos de alguns peixes, compostos na sua totalidade de canaes Haversianos sem cellulas (Tomes) são doutrinas pelo menos duvidosas, que pertencem ao futuro da sciencia, e actualmente não passam de phenomenos subjectivos.

Movidos d'estas considerações, não nos sentimos dispostos a acceitar toda a doutrina de Kölliker. Além da obscuridade d'ella, que fôra motivo para suspender o nosso juizo, basta reflectir que a formação e a regeneração do osso, é dos actos nutritivos mais simples e obvios do organismo vivo, para não achar harmonia entre este facto, e o longo e complicado processo da ossificação. Demais, a doutrina da ossificação da cartilagem temporaria não tem aplicação ao osso de formação secundária, não procedente de cartilagem (parietaes, palatinos, clavicula, nazaes, etc.) em que a ossificação se deve toda a uma secreção periostea. 'Nestes suppõe Kölliker que o blastema de ossificação se transformará em laminas, canaliculos e cellulas, umas oblongas, outras largas, conforme a adaptação ao fim, admittindo tambem a reabsorpção na formação das segundas, no que em verdade não ha muita coherencia; sendo que 'nesses ossos formados de uma membrana fibrosa, nada precede similhante á cartilagem, e nada póde haver do que 'nesta admittiu de metamorphozes e processos de ossificação. Suppõe o auctor que a secreção periostea se depõe primeiro por fórma de uma rêde de corpusculos, que depois se transformam nos diversos elementos osseos; mas confessa a obscuridade da materia, e necessidade de novas observações. Tambem não tem applicação a doutrina á ossificação de cartilagens permanentes (larynge, costellas, etc.) em que apenas se observa a formação granulosa, e reunião d'esta em laminas; nem a ossos de animaes em que ha sómente canaliculos de Havers (alguns peixes) ou sómente cellulas. O crescimento do osso em grossura á custa do periosso tambem não tem explicação nos pontos em que a elles adherem cartilagens, tendões, ou ligamentos.

Obstam finalmente á citada doutrina os factos pathologicos de regeneração de partes osseas, e até de ossos inteiros, conservado o periosteo, factos que Kölliker não desconhece, e que apparecem confirmados ultimamente pela imprensa periodica; e, o que sobreleva, regeneração de partes osseas por meio do periosteo roubado a outro animal, como ulti-

mamente o attestam os Extractos das actas da Academia das sciencias de Paris (*comptes rendues*) e a Gazeta hebdomadaria.

O que não soffre contestação é que o periosteo seja o principal representante na formação, conservação, e regeneração dos ossos. Ha alguns annos Flourens emittiu a opinião de que o osso era apenas uma substancia estratificada, similhante ás unhas e cabellos, sendo as substancias matrizes periosteo, e membrana medullar nos ossos longos. Ha pouco tem Hamel referido factos de regeneração d'ossos devida toda ao periosteo. Os factos acima referidos da regeneração com periosteo estranho; e os de consideração de fracturas sem formação prévia de cartilagem, seguindo-se a ossificação ao desinvolvimento de um tecido conjunctivo accidental, factos que o proprio Kölliker reconhece, parece quererem confirmar a opinião de Flourens. Que acceitando esta opinião se explicam melhor todos os phenomenos da formação genesica, e regeneração em toda a escala animal, e os que ultimamente se offerecem da reproducção ossea com periosteo emprestado por outro animal, é cousa que não admitte contestação. Se o progresso histologico chegar a convencer-nos d'essa verdade, simplificará em extremo uma doutrina actualmente confusa, e mui complicada. A este ponto queremos chamar a attenção dos Anatomicos por interesse da sciencia. Outro fim não o temos.

J. J. DE MELLO.

A ESTOMATITE ULCEROSA DO EXERCITO

CLINICA DO HOSPITAL MILITAR PERMANENTE DE LISBOA

POR

Leopoldo da Silva Cardeira

Medico-cirurgião pela eschola de Lisboa, cirurgião ajudante do batalhão de caçadores n.° 2, membro effectivo da sociedade das sciencias medicas de Lisboa, socio correspondente do instituto medico valenciano, redactor do Escholiaste Medico. — Lisboa, Imprensa Nacional. 1861,

Vemos, todos os dias, correr á estacada da imprensa, a esgrimir com as armas da intelligencia, muitos e luzidos ingenhos; é porém da classe medico-militar que surgem os mais ardidos combatentes.

Como que se inspiram, na especialidade de sua profissão, d'esses brios guerreiros por que se têm já assignalado 'nestas batalhas incruentas, mas gloriosas e proficuas.

Nas pleiadas dos escriptores eminentes, que fulguram no puro céu das lettras medicas portuguezas, ha obtido um logar distincto, e por mui nobre titulo, o Sr. Silva Cardeira.

Referimo-nos, com particularidade, á memoria, que acaba de publicar, *A Estomatite Ulcerosa do Exercito.*

Tractaram os antigos do typho das cadeias, da diarrhêa dos hospitaes, do escorbuto das armadas, etc.; escrevem os modernos da opthalmia do exercito [1], do mormo na especie humana, e, em particular referencia ao exercito [2], da estomatite ulcerosa do exercito, etc.

Certo que bem merecem estudo particular as molestias de cidadãos tão prestadios e necessarios como os d'esta corporação benemerita: são o nosso broquel permanente na paz, e na guerra a trincheira do nossso paiz.

É o soldado uma das mais nobres figuras da sociedade; ninguem ao estado dá mais sem murmurar, ninguem recebe menos sem queixume.

Cede-lhe, sem restricção, a sua independencia individual, os seus habitos de familia, as suas relações da natureza, os seus desejos e paixões, o seu quinhão de livre arbitrio, a sua intelligencia, os seus membros, a sua vida.

E recebe, em retribuição, um pão negro, e algumas peças de cobre, escassas e tardias (em quanto serve); na velhice o direito de mendigar; depois da morte a valla do cemiterio, e o esquecimento.

Haja, al-de-menos, quem lhe proteja a vida quando em effectivo serviço, quem lhe cure com todo o desvello os padecimentos, quem procure melhorar, sob todos os respeitos, sua condição mofina.

Parece-nos, porém, que, á conta de tão humanos serviços, não poderá justificar-se plenamente a legitimidade de uma *nosologia militar.*

Cremos na *especifficidade* de alguns morbos em varias classes sociaes sob a influencia directa de agentes determinados; mas o accidente da reunião de muitos individuos, embora exercendo a mesma profissão, e expostos ás mesmas acções meteorologicas, auctorisará, por ventura, que se criem novas especies nosologicas?

O sr. Cardeira divide a sua memoria em sete capitulos, tractando no 1.° da historia da estomatite ulcerosa em Portugal — bibliographia; do 2.° da definição, synonimia, symptomatologia; no 3.° do curso, duração, e terminação; no 4.° do diagnostico, prognostico, doenças coincidentes e intercurrentes; no 5.° da etiologia, causas essenciaes, causas predisponentes; no 6.° da prophylaxia; no 7.° do tractamento.

Lastima-se, no primeiro capitulo, da pobresa da nossa litteratura medica; assevera-nos que a *bibliographia da estomatite ulcerosa em Portugal não dá até hoje nem para uma pagina.*

Doeu-nos devéras a denúncia de tamanha

[1] Vide *Aperçu Historique de l'Opthalmie Militaire Portugaise, etc. par J. A. Marques;* e nas *Resultas d'uma Commissão Medico-Militar* pelo mesmo A. a *parte* 1.

[2] Vide esta interessante memoria no *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, tom. XXIII, n.°s* 4 a 7, *Abril a Junho, pag.* 121.

indígencia; quizeramos contestar a verdade de similhante asserto; vimos, porém, que sería baldado o nosso tentamen 'nesta pobre terra, e na solidão em que vivemos, quando o illustre pathologista, no seio de uma capital, opulenta em bibliothecas, e cercado de numerosos collegas, que o poderiam esclarecer sôbre o assumpto, pôde apenas apurar as escassas noticias que nos transmittiu.

Folheámos, ainda assim, nossos vetustos escriptores, esmerilhámol-os com toda a paciencia, impellindo-nos mais o antojo de amador d'essa litteratnra medica tão depreciada, do que a crença de que a poderiamos justificar, 'neste ponto, da sua acoimada pobreza.

O Dr. Francisco Morato Roma dedicou um capítulo ao tractamento das *chagas da bôcca e das gengivas* na sua *Luz de Medicina*[3].

Antonio Martins Vidigal tractou egualmente do *Escorbuto*, expondo suas principaes causas, e mais adequada therapeutica, na *Descripção compendiosa das enfermidades mais communs dos exercitos*[4].

O Dr. Manoel Joaquim Henriques de Paiva incorporou no *Aviso ao Povo ácêrca da sua saude* um interessante capitulo sôbre o *Escorbuto*[5].

E mencionamos estes dous escriptos, porque o sr. Cardeira *viu que muitas vezes se davam symptomas de escorbuto no periodo adiantado da estomatite, symptomas que caminhavam com ella bem caracterisados e fazendo sentir seus effeitos*[6].

Não se esqueceu, tambem, Manoel Gomes de Lima, no seu *Receptuario Lusitano, das chagas da bôcca,* produzidas de humores lymphatico-acres, indicando os topicos abstergentes, os collutorios anti-scorbuticos, etc. com que devem curar-se[7].

E das causas das doenças dos soldados, dos meios de as prevenir, e remediar a corrupção do ar nas casernas, e da alimentação que lhes deve ser distribuida, ha muito que se occupou o Dr. Antonio Nûnes Ribeiro Sanches, no seu *Tractado da conservação da saude dos Povos, capitulos XXI, XXII, XXIII, XXIV.*

Não nos embrenharemos nas questões de etiologia, que o sr. Cardeira tracta no cap. V, procurando discriminar, na sua doutrina, o que ha de certo e indubitavel do provavel e verosimil. Uma declaração, porém, devemos á sciencia, que não podemos omittir.

Crê o A. da memoria, que não é a alimentação, que produz a *Estomatite Ulcerosa;* porque, se assim fosse, no campo, em que é pouco restaurante a alimentação, deveria reinar aquella epidemia; e não lhe consta, que houvesse jámais invadido o campo, onde aliás dão nos olhos a alvura dos dentes e a belleza das gengivas dos que o habitam.

Affirmamos ao sr. Cardeira, que, desgraçadamente, no campo tambem reina epidemicamente a *Estomatite Ulcerosa*, e exactamente na quadra do anno, em que a alimentação é menos substancial, e mais se deprimem as forças pelo calor, isto é, nos mezes de julho e agosto.

Havemos tido occasião de a observar, algumas vezes, na nossa clinica 'neste concelho, e tambem nos asseverou o nosso collega, o sr. Campos, que ha muitos annos occorre nas freguezias ruraes, com muita frequencia.

O ultimo capitulo da memoria do sr. Cardeira sobreleva em merecimemto a todos os outros. Examinou á luz de judiciosa crítica a acção dos differentes medicamentos, que applicou na *Estomatite Ulcerosa*, indicando os que reconheceu mais proficuos.

Nem louvou nem condemnou absolutamente o uso de determinadas substancias; algumas foram uteis em certos doentes, e 'num periodo de molestias; 'noutros, e em periodo diverso, não produziram o mesmo beneficio.

Os que exercemos a clinica, todos os dias reconhecemos a verdade do que nos affirma o sr. Cardeira.

Em Medicina não ha nunca, nem sempre; havemol-o dicto muitas vezes, e agora o repetimos.

São tão individuaes os morbos, que encontrariamos as mais obvias indicações therapeuticas, se, em todos os casos, pretendessemos preenchel-as com o mesmo medicamento, embora presentaneo em circumstancias, que nos parecceram indenticas.

Felicitamos cordealmente o sr. Cardeira pela publicação d'esta interessante *Monographia*. Revela não só amor de trabalho, que tão raro é no nosso paiz, mas fino discernimento na apreciação dos factos, e grande tino em coordenal-os, e descrevel-os.

F. A. R. DE GUSMÃO.

[3] *Pag.* 222 — *Ed. de* 1700.
[4] *Pag.* 151.
[5] *Tom. III, cap. XXX, pag.* 345 — *Ed. de* 1787.
[6] *A Estomatite Ulcerosa, pag.* 45.
[7] *Pag.* 100.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

VERSÃO DAS ELEGIAS DE A. TIBULLO

ELEGIA TERCEIRA

Retem, Cerintho, a aldeia a minha amada:
Ai! é de ferro o que a cidade habita.
A mesma Venus para o campo alegre
Já emmigrou, e as rusticas palavras
Da bôcca do colono Amor aprende.

Oh, como eu visse a amante, com que esforço
Volvêra o pingue solo a dura enchada!
E o curvo arado eu lavrador seguíra

Domando estereis bois semeandos sulcos!
Nem me queixára, bemque o sol tisnasse
Meus debeis membros ou rasgada a bolha
As tenras mãos ferisse.— Appollo airoso
Tambem apascentou d'Admete os toiros,
Nem cithara sonora ou longa coma
Não lhe valeu, nem com saudaveis hervas
Pôde as maguas sanar: Amor vencia
De toda a medicina as várias artes.
Então teceu de leve junco o tincho
Por cujas fendas se destilla o sôro.
Oh! quanta vez, se diz que a irman corára
Vendo-lhe ao collo pelo campo a cria
E quantas, ao cantar no fundo valle,
Dos doutos carmes lhe quebrou o accento
O mugido dos bois. Emvão buscaram,
Em apuros da guerra, muitas vezes,
Os chefes seus oraculos: dos templos
Volvia a casa sem resposta a turba:
Muitas vezes gemeu Latona ao ver-lhe
Os divinos cabellos desgrenhados
Que antes via com pasmo a propria Juno.
Se era de Phebo a coma, interrogava
Quem as sôltas melenas e a cabeça
Sem adornos olhova. ¿A tua Delos,
Phebo, onde está? aonde a Pytho Délphica?
Em pobre choça manda amor que habites!
Feliz tempo o d'outrora, em que se conta
Que aos deuses não pejava o culto a Venus!
Hoje do povo é fabula quem ama!
Embora! pue mais-quer o attento amante
Fábula ser, que um deus, não sendo amado.

Mas vós, a quem Cupido austero opprime,
Buscae em minha casa o vosso asylo.
Ouro e não Venus louva o ferreo seculo;
Ouro, a causa fatal de tantos males!
Cinge o ouro os exercitos feroses
D'armas discordes e, apressando a morte,
O sangue a flux e as vidas malbarata:
Manda o ouro dobrar no oceano os riscos
E juncta á vaga nau bellicos rostros.
Anhella immensos campos o avarento,
Onde a innumera grei lhe passa á larga,
Cubiçoso do marmor peregrino,
Para que arrastem mil possantes junctas
Vasta columna da cidade assombro;
Cerca o mar fremente em dique enorme
E cerra extenso dique ao mar as aguas,
Em cujo gremio o peixe socegado
Despreze as furias da chuvosa quadra.
A vós, porém, de Samos a vazilha
E o fragil prato do Cumano barro
Vos tornem gratos os frugaes banquetes!

Ai de mim, a riqueza agrada ás bellas!
E, se Venus as quer, haja riquezas:
Nade em meu luxo Némesis formosa,
Ostentando os meus dons pela cidade;
Traje os raros estofos guarnecidos
Pelas filhas de Cos com fios d'ouro;
Vão-lhe escravos ao lado, esses que torra
Da India o sol ardente, conduzindo
Mais perto ao globo os férvidos cavallos;
Disputem-lhe o favor ás suas côres
Africa no carmim, Tyro na púrpura.

Digo coisas sabidas: hoje reina
Quem muita vez a barbara senzala.
Forçou a branquear os pés com gesso
E tu, Ceres cruel, pue assim me afastas
Némesis da cidade, oxalá nunca
Fiel te pague a terra as sementeiras!
E tu, Baccho mimoso, tu da vide,
Consôlo em maguas, plantador, ó Baccho,
Deixa tambem as feiticeiras dornas.
Impune não se leva ao triste campo
A bella; tanto ó pae, não val' teu mosto!
Oh, vão-se os frnctos por que as moças tornem!
Seja a lande o sustento e, como outr'ora
Agua a nossa bebida: foi-o a lande
A nossos paes e amaram sempre e tudo...
¿Que mal lhes trouxe e não semearem sulcos?
Se, quando Amor os abrazava, ás claras
Venus em fresco val lhes dava afagos;
Não havia espiões, nem ao queixoso
Dura porta expulsava: ¡oh! se é possivel,
Volve, eu t'o peço, uso tão bello, volve!
. . . . . .

A. A.

NUM ALBUM

Não me admira a mim que o sol — monarcha
D'indisputavel throno e throno eterno
De céu e terra e mar,
Que em seu imperio o mundo inteiro abarca —
Abaixe á triste flor seu doce e terno
Mavioso olhar!

Não me admira a mim que a crystallina
Tão pura onda do mar, que espalha a face,
Do astro creador,
Que essas asperas rochas cava e mina —
Á praia toda languida se abrace
E toda amor!

Mas sendo vós um ser mais magestoso
Do que onda e sol — um anjo de poesia,
Inspirada, e que inspira!
Que ás minhas mãos das vossas tão mimoso
Delicado favor descesse um dia...
É o que admira!

Quizera nos meus cofres de poeta
Ter as riquezas todas do Oriente
E com mãos liberaes
Expulsar esta dúvida que inquieta
Um grato coração — que apenas sente...
Mas nada mais!

De limpido diamante e fio d'ouro
Quizera-vos tecer collar que á aurora
Vencesse em brilho e cor:
Mas o poeta o unico thesouro
Que tem... ah! São as lagrimas que chora
E o seu amor!

E se vol-o dou! E lá do espaço immenso
Se amada estrella olhar piedoso envia
A quem da terra a adora;
Se o sol aceita á flor humilde incenso...
(Ha no amor tambem muito poesia!
Minha Senhora!)

J. DE DEUS.

O PADRE LACORDAIRE

O Instituto de França designára o ultimo de Janeiro para a solemne recepção do grande orador; e ás portas do palacio *mazarino*, que não haviam de ser patentes senão ás doze, apinhava-se, desde as oito, apesar do rigor da estação um numeroso concurso de damas e cavalheiros, das primeiras classes da sociedade.

Quando o relógio bateu a hora marcada, a rotunda, aonde se junctavam 'neste dia, com os principes da aristocracia litteraria, grande parte dos caracteres mais respeitaveis do imperio, offerecia por isso mesmo *(disseram-no os jornaes)* a mais curiosa e variada perspectiva; e como que para lhe exalçar o lustre, e augmentar a pompa, a imperatriz Eugenia dignou-se, *pela primeira vez*, vir assistir ao grande triumpho do merito litterario, sob o modesto habito de S. Domingos. Que Lacordaire, recebido por Montalembert e Berryer (*que trio de eloquencia!* disse bem a *Illustration*) entrou, como era de razão 'num paiz culto, no seu traje proprio, isto é, no da profissão religiosa a que se votára, certo do respeito e consideração d'este grande *meeting* da civilisação, o qual sabia comprehender e apreciar a ingenita liberdade não só das consciencias, senão tambem das vocações e associações.

Ao frade dominicano, *Lacordaire*, que tinha de fallar de *Tocqueville* e de appreciar a sua obra da *Democracia na America*, respondia o insigne, protestante, *Guizot!*

Berryer, Montalembert, Lacordaire, Tocqueville e Guizot! Que vultos na républica das letras!

Que de contrastes 'nessas grandes physionomias!

Não possuimos ainda os discursos; vimos apenas os extractos, que do recipendiario nos deu a Illustração; e que, como o dedo do gigante, revelam a elevação de seus pensamentos, e generosa e franca liberdade.

Nem outra cousa era de esperar de quem á ideia sublimada reune a coragem necessaria para dizer o que entende ser a verdade, 'num paiz de sobejo experimentado nas desgraças, que traz comsigo a oppressão de uns, tomada como base para a licença dos outros, embora apregoada esta, mentidamente, por verdadeira liberdade!

O nome do heroe do último de Janeiro, no Instituto de França, não ha ahi homem de letras, que o ignore; nem todos porém conhecem as particularidades da sua vida.

Differente na patria, na lingua, e sobretudo na crença, a *Illustração* de Londres, referindo-nos a sua biographia, será mais acreditavel, que qualquer outros d'aquelles que, no continente, têm dado noticia do mesmo objecto.

O extracto, que se segue, parece-nos por tanto muito digno de ser lido. A. FORJAZ.

João Baptista Henrique Lacordaire, da ordem dos Prégadores, eleito membro da Academia Franceza a 2 de Fevereiro de 1860, nasceu em Recey-sur-Ource a 12 de Maio de 1802. Nos primeiros annos, tendo perdido seu pae, cirurgião da marinha franceza, foi educado, com mais tres irmãos, em Dijon, por sua mãe, Anna Maria Dugied, senhora de raro merito e educação, pertencente a uma familia illustre d'esta cidade.

Em 1809 foi mandado para o collegio, onde, desde logo, se distinguiu em differentes ramos de estudos universitarios; e, dez annos depois, laureado com os premios, que os francezes costumam dar, em suas escholas, aos estudantes distinctos, deixou a Universidade, porém mais ou menos imbuido nas doutrinas de Voltaire, que então predominavam na mocidade d'esse tempo.

Com a formatura em Direito partiu-se para Paris, onde o foro parecia prometter-lhe brilhante carreira; mas, inesperadamente, com grande admiração de seus antigos companheiros, que não tinham observado a mudança successiva de suas convicções, entrou no seminario de São Sulpicio. Tres annos depois foi ordenado de presbytero: tinha então vinte annos. O Arcebispo de Paris immediatamente o nomeou capellão dos conventos que, dentro 'nesta cidade, estavam subjeitos á sua visitação. Pelos fins de 1828 o Padre Lacordaire passou d'este cargo modesto para o de capellão assistente no collegio de Henrique 4.°; mas, porque em semelhante emprego não achava materia, a que applicasse toda a actividade de seu espirito, nem opportunidade para desenvolver seu zelo evangelico, emprehendeu ir, na qualidade de missionario, para os Estados-Unidos da America. O Arcebispo de New-York até lhe offerecia o cargo de vigario geral. Foi porém 'neste meio tempo, que rebentou a revolução de Julho; e o Padre viu, que era então o momento favoravel, para annunciar abertamente ao povo o reinado da liberdade politica e religiosa. Tal era tambem a opinião de Lamenais, de Montalembert, de Gerbert, de De Coux, etc.; e foi, com similhante intuito, que estes publicaram um jornal intitulado *L'Avenir*. Era tambem necessario combater então o prejuizo d'estes espiritos levianos, que julgam a religião connivente com a realesa contra as novas instituições; e, para rebater esta idêa e livrar a Egreja de uma tão perigosa accusação, o jornal defendeu denodadamente a causa do povo contra a de seus oppressores. O Padre Lacordaire entrou 'nesta contenda com a energia de mancebo, com a vehemencia de seu talento, e com a coragem indomavel, que inspiram um coração devoto, e profundas convicções. Tendo sido levado aos tribunaes um dos artigos do *Avenir*, dirigido aos Bispos de França, e escripto pelo Padre, junctamente com

outro, sahido da pena de Lamenais, deu isto occasião a que Lacordaire se defendesse com tanta originalidade, que os accusados foram absolvidos. Dois mezes antes o Padre tinha requerido inscrever-se na lista dos advogados da Relação de Paris; porém o conselho de disciplina, convertendo-se então em conselho de canonistas, não deferiu a esta legitima pretenção.

Os editores do *Avenir* ainda não tinham preparado convenientemente a opinião pública, nem excitado a conquistar a liberdade de instrucção, quando De Coux, Montalembert e Lacordaire reuniram alguns rapazes, e converteram-se em mestres de eschola. A liberdade, diziam elles, não nos é concedida: tomêmol-a por nossas mãos! A Universidade julgou que a tinham tomado em demasia. A eschola livre foi fechada, e seus fundadores multados por decisão da Camara dos Pares, unico tribunal competente para julgar de uma causa, em que se achava involvido o Conde de Montalembert. O Padre Lacordaire pleiteou a sua causa e a da eschola com tanta energia, originalidade e eloquencia, que ainda hoje lembra.

Este modo de proceder, forte e novo, admirou o governo, os partidos politicos, e o clero. Os editores do *Avenir*, atacados por todos os lados, julgaram que só ficariam salvos se fossem apoiados pela auctoridade Apostolica, cujos direitos tinham sempre defendido. Assim, a 15 de Novembro de 1831, voluntariamente suspenderam o jornal; foram a Roma; e appresentaram á Sancta Sé um memorial, em que expunham suas intenções e seus actos. A resposta, um tanto tardia, de Gregorio 16.°, *foi calculada* para dissipar todas as illusões; uma incyclica condemnou, o que havia de arrojado nas doutrinas do *Avenir*. Excepto o editor principal, que mais se resentiu d'este proceder, todos se submetteram, sem reserva, á decisão do Papa. O Padre Lacordaire, depois de vêr baldados tão grandes esforços, empregados para subjeitar Lamenais á obediencia, separou-se d'elle com profundo sentimento.

Voltou então á vida privada; e continuou seus estudos no convento da Visitação, onde tinha encontrado um asylo, quando deixou o seminario de São Sulpicio. Por esta occasião foi convidado pelo director do collegio de Estanislau para fazer uma serie de leituras aos educandos. A pequena capella d'este edificio tornou-se insufficiente para o auditorio, que cada vez augmentava mais; até que, pela grande agitação, que produziram em seus ouvintes os brilhantes improvisos d'este orador, taes conferencias, como lhe chamavam, deixaram de continuar.

Durante este tempo, o Padre Lacordaire, para mostrar a profunda differença, que o separava do editor principal do *Avenir*, publicou as *Considerações sôbre o systema philosophico de Lamenais*; as quaes sairam á luz exactamente quando appareciam as *Palavras de um crente*.

Esta obra apartou completamente Lamenais de seus primeiros amigos; e até mesmo o Abbade Gerbert, um dos seus mais firmes apoios, se separou d'elle publicamente. A resolução pois de Lacordaire ficou, por este facto, justificada perante não só a sua conscieneia, mas a de todos.

Por fim o pulpito de Notre-Dame foi-lhe franqueado; Lacordaire brilhou em 1835 e 1836. A sua elocução era nobre, convincente e cheia de originalidade. Não se póde negar que a sua eloquencia foi apropriada ao espirito do tempo; ainda que a fogosa energia do orador, os assumptos que escolhia, e a temeridade de seus improvisos, inspirassem justos receios a muitas pessoas. A approvação de seu chefe espiritual, as sympathias do auditorio, que cada dia augmentavam mais, fizeram ver ao Padre Lacordaire, que seus esforços em prol da restauração religiosa do paiz não seriam frustrados, se houvesse uma ordem de prégadores, que se encarregasse de similhante trabalho. Esta instituição tinha já existido em França: era a ordem de S. Domingos, ou a dos Prégadores.

Para este objecto, de cuja utilidade e excellencia se achava profundamente convencido, chamou a opinião pública, com uma memoria intitulada —*Restabelecimento em França da ordem dos Prégadores;* na qual adduziu, como prova, que as ordens religiosas tinham sido, por officio proprio, civilisadoras, beneficas o populares. Esta memoria não teve antagonistas, nem a *Vida de S. Domingos* escripta por elle algum tempo depois.

Em 1840 entrou 'num dos conventos de Prégadores em Roma, como noviço; proferiu os votos no convento de La Quercia, e ao nome do baptismo accrescentou o de Domingos. O habito branco do novo Dominico bem depressa appareceu no pulpito de Notre-Dame. Este habito, de extrema pobreza, desconhecido á geração nova, poderia ter despertado muitos prejuizos; mas não succedeu assim, porque o Padre Lacordaire cada vez mais se via rodeado de amigos e ouvintes, que admiravam as expressões sahidas de seus labios. Grande numero de mancebos, de muito merito, largaram as suas altas posições, e abandonaram as aspirações terrenas para seguil-o 'nesta carreira de abnegação e devoção; e d'este modo differentes conventos dominicanos se foram successivamente fundando. O progresso do verdadeiro espirito de tolerancia religiosa tem sido tão grande em França, durante alguns annos a esta parte, que todos os estabelecimentos d'esta ordem ficaram inteiramente livres, e apenas subjeitos ás leis communs do paiz. O mesmo se deve dizer da instrucção, actualmente dirigida pela ordem ter-

ceira de San Domingos, da qual o Padre Lacordaire é vigario geral. Desde 8 de Agosto de 1854 tem elle sido tambem director da afamada eschola de Sorèse, e no exercicio d'este cargo se deixa ainda ver a diligencia e enthusiasmo do mestre eschola de 1831.

A revolução de Fevereiro de 1848 foi causa de que Lacordaire voltasse á arena politica. Eleito pelo departamento das Bouches-du-Rhone para membro da Assembleia constituinte, tomou assento por algum tempo, vestido com hábito monastico, nos postos mais elevados da Republica; mas as estereis discussões, que alli tinham logar quotidianamente, não eram para elle de interesse algum: a sua tribuna propria era o pulpito christão.

Durante alguns annos o Padre Lacordaire tinha desinvolvido, como prégador, a mais infatigavel actividade; e, é forçoso dizer, que revelou sempre vastos conhecimentos, grande coragem, e immenso talento para improvisar. A maior parte das cidades de França ouviram com prazer seus discursos. Em 1854 a Academia de Leão votou-o, por acclamação, para seu membro; e, poucos annos depois, a Academia de Dijon lhe conferiu similhante honra.

Os trabalhos apostolicos do Padre Lacordaire foram resumidos nas suas *Conferencias de Paris e Tolosa*, que formam uma exposição completa do Dogma e Philosophia Catholico-Romana. Debaixo do ponto de vista litterario estas conferencias podem ser consideradas como um dos mais eminentes titulos para que o Padre Lacordaire recebesse com justiça a corôa academica. Seus outros escriptos comprehendem grande número de memorias em differentes assumptos de controversia religiosa; artigos litterarios e biographicos; orações funebres; discursos relativos á educação, etc.

Todas estas producções são notaveis por seu caracter de energia, profundidade, e elegante originalidade; mas é sôbretudo á sua eloquencia deleitosa e popular, que deve Lacordaire a bem merecida reputação. Representará na Academia franceza a eloquencia christan, no mais elevado grau.

(Extrahido do *London-illustrated.*)

A. J. DE FRANÇA B.

A CAPELLA DE SANCTA CATHARINA DE ALPEDRINHA

Sendo geralmente conhecidas as várias fundações do Cardeal D. Jorge da Costa[1], somos nós, acaso, o primeiro que escrevemos, particularmente, da capella de Santa Catharina de Alpedrinha, cabeça do morgado, que instituiu 'nesta villa.

A Sancta Catharina dedicou o Cardeal a capella; porque, devendo a uma princeza d'este nome[2] o principio de suas grandezas[3], folgava de mostrar, em todas as acções de sua vida, a profunda gratidão, que sempre lhe consagrára.

Primeiro nucleo, talvez, da mais collossal fortuna, que em Portugal chegára a lograr um ecclesiastico, por ventura seria tambem a instituição d'este grandioso morgado[4] o primeiro passo para a honrosa alliança matrimonial de suas irmans Margarida Vaz da Costa com Lopo Alvares Feio[5], e Catharina da Costa com Pero d'Albuquerque, alcaide mór do Sabugal, e irmão do primeiro Conde de Penamacor[6].

Fôra o Cardeal filho de Martim Vaz, e Catharina Gonsalves[7], pessoas pobres e de humilde nascimento[8]; e, com quanto o favor do soberano o tivesse exaltado ás mais subli-

[1] Erigiu a capella de Nossa Senhora da Assumpção e S. Luiz, que mandou fabricar com grande dispendio no convento de S. Eloyo (Lisboa), para jazigo da Infanta D. Catharina (*Castro, Mappa de Portugal, parte V, pag.* 196; *les arts en Portugal, pag.* 252). Acabou e aperfeiçoou a fábrica do convento de S. Clara (Evora). Mandou fazer na Egreja de N. Senhora do Populo de Roma a capella de Sancta Catharina de preciosos marmores *(Fonseca, Evora gloriosa, pag.* 289).

[2] D. Catharina, filha d'ElRei D. Duarte. Morreu donzella em 1453, com 27 annos de edade. Distinguiu-se por sua piedade e cultura das lettras, vertendo em linguagem o *Tractado da perfeição da vida monastica*, que em latim escrevêra o patriarcha de Veneza, S. Lourenço Justiniano.

[3] *Historia Geral de Portugal por Mr. de La Clede, tom. VII, pag.* 104.

[4] É sito em Alpedrinha, Atalaia, Alcaide, Castello Novo, Catrão, Cabeças, Fatella, Freineda, Fundão, Orca, Povoa, (da Atalaia), Povoa Palhaça, Valle da Torre, etc. É seu actual administrador o sr. D. Christovão Manuel de Vilhena, filho do primeiro e último Conde d'Alpedrinha.

[5] *Corographia Portugueza, tom.* 2.°, *pag.* 392.

[6] *Historia Geral de Portugal por Mr. de La Clede, tom.* 6.°, *pag.* 264; *Chronica d'ElRei D. João II por Ruy de Pina (Ineditos de Historia Portugueza, tom. II, pag.* 63); *Chronica d'ElRei D. João II por Garcia de Resende, pag.* 77 e 85 mih.

[7] O sr. Bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo (*tom. I das suas obras, pag.* 228), seguindo por ventura o Padre Fonseca, dá por paes ao Cardeal, *Antonio de Gusmão*, e *Maria da Costa*.

Em um papel de lettra antiga, existente na capella, de que tractâmos, com este titulo: *Como deve applicar o capellão d'esta capella de Sancta Catharina as missas a que he obrigado em todo o anno*, lê-se o seguinte: *Novembro, Dezembro e Janeiro, pelas almas de Martim Vaz, e Catharina Gonsalves, Pays do Arcebispo, etc.* São estes tambem os homes, que lhes dá o A. do artigo — *O Cardeal de Alpedrinha* — inserto no vol. 5.° do *Panorama*.

[8] O A. do citado artigo do *Panorama* reputa os paes do Cardeal pessoas *nobres e abastadas*. As considerações do sr. Bispo Lobo, e as de Fonseca destróem tal asserção, que não só é contrariada por um dos nossos Chronistas, contemporaneo do Cardeal, mas expressamente por Mr. de La Clede (*Historia Geral de Portugal, tom. VII, pag.* 104), e ainda pela tradição constante entre os naturaes de Alpedrinha. É tão viva no povo d'esta villa a memoria do Cardeal, que qualquer vos mostrará a casa, em que nasceu, e vos indicará o logar do forno, em que por officio padejaram seus paes. Maior gloria cabe por isso a D. Jorge, que por sua indole elevada, e raras disposições do entendimento, soube grangear e merecer uma nobreza mais luzida e honrada que a devida ao acaso do nascimento.

mes dignidades da Egreja [9], e do Estado [10], cremos que não valeriam, só por si, prerogativas tão accidentaes para nobilitar suas irmans, e filial-as no recatado gremio da fidalguia portugueza [11].

'Nesse tempo de crenças tão vivas no poder e valor de um nome illustre, 'nessa epocha de zêlo tão ardente pela distincção das raças, certo que não desceria um fidalgo a alliar-se com uma mulher da plebe, se antes um titulo qualquer de nobreza não tivesse apagado as manchas da mechanica, e grossos cabedaes não fizessem esquecer a origem villan.

Perspicaz, como era, o Cardeal alcançou a conveniencia de remover taes embaraços; e creando além d'isto estabelecimentos opulentos para todos os seus parentes, condecorou-os ainda por fórma, que muitas familias da mais estremada aristocracia se gloriam hoje de taes ascendentes.

Fica a capella junto da Fonte do Leão na principal rua d'Alpedrinha. Construida toda de cantaria, e coroada, em grande parte, de ameias, tem mais feições de baluarte guerreiro do que de casa de oração.

O frontispicio é ornado de uma bella estatua de Sancta Catharina com os emblemas do martyrio, e do escudo de armas do Cardeal D. Jorge da Costa [12].

No portico, de figura parabolica, fabricado de cantaria mais fina, sobresahem os bustos ao natural de S. Pedro e S. Paulo, obra prima de esculptura pela magestosa expressão das physionomias dos dois Apostolos.

São de cedro as portas, que, tendo zombado até agora da acção dos annos e violencias dos homens [13], ainda promettem duração por muitos seculos.

O interior da capella corresponde á magnificencia exterior. Tem uma só nave, e um só altar de formoso marmore côr de rosa; é apenas alumiado por duas estreitas frestas. O retabulo é antigo, e representa pintados em tábua alguns passos mais notaveis da vida do Salvador, e da Martyr Padroeira.

Uma grade de ferro, terminando em uma rendilha de exquisito lavor, ainda com seus longes de douradura, divide o corpo da capella (que é cercado de assento de pedra, á maneira dos antigos refeitorios monasticos) do vestibulo do altar.

O tecto é de abobada, com mimosas laçarias e lavores, similhantes ás do templo de Sancta Cruz de Coimbra, tendo no meio as armas do Cardeal.

As paredes, cobertas de azulejos verde-negros, alternados com brancos, de figura rhomboidal, por ventura dos primeiros fabricados no reino [14], mal reflectem a escassa luz, que se escôa pelas frestas.

Grandes campas sepulchraes lageiam o pavimento, augmentando o religioso respeito que inspira tão venerando monumento [15].

F. A. R. DE GUSMÃO.

[9] Logrou as maiores e mais pingues dignidades da Europa; porque foi juntamente arcebispo de Braga e Lisboa, Bispo de Evora, Porto, Viseu (para o sr. Bispo Lobo é mui duvidoso que o fôsse de Viseu), Algarve, Ceuta, Deão de Braga, Lisboa, Porto, Lamego, Guarda, Vizeu, Silves, e Burgos. Teve os bispados cardinalicios, Albanense, Tusculano, Portuense, e de Santa Rufina. Foi decano do sacro Collegio, Legado de Veneza, e Ferrara, senhor da villa de Arpanica com todas as suas rendas e jurisdicções, Dom Prior de Guimarães, e protector da Universidade de Lisboa. Teve uma abbadia em Veneza, outra em Navarra, e em Portugal sete abbadias da Ordem de S. Bento, seis da Ordem de S. Bernando, em que entrava a de Alcobaça, e dez priorados de conegos regulares.

[10] Vide *Obras* cit. do sr. Bispo Lobo, *Castro*, *Mappa de Portugal*, *Severim de Faria*, *Discursos etc.*

[11] Fonseca é de opinião contrária; julga que a purpura de D. Jorge, e a auctoridade e valia que tinha com ElRei D. Affonso V, foram, só per si, as que dignificaram suas irmans para acharem tão nobres casamentos, como succedeu com as sobrinhas dos Cardeaes Richelieu e Mazarino, que casaram pelo merito dos thios com as maiores casas da Europa. As immensas riquezas do Cardeal, previamente vinculadas em grossos morgados, foram, em quanto a nós, os principaes, se não os unicos, motores de taes casamentos.

[12] O Cardeal D. Jorge da Costa, para memoria da Infanta D. Catharina, irman d'ElRei D. Affonso V, trazia o escudo partido em palla; ao primeiro de azul, uma roda de navalhas de Sancta Catharina Martyr, ao segundo as armas dos Costas, que são em campo vermelho seis costas de prata postas em tres faxas. *Nobiliarchia Portugueza de Villasboas*, *pag.* 269, *e Monarchia Lusitana por Fr. Antonio Brandão*, *Liv. X*, *cap. XXXV.*

[13] Alguns francezes, em uma das invasões, tentaram arrombar estas portas á fôrça de coronhadas, mas resistiram a taes embates.

[14] Vide *Les arts en Portugal*, *pag.* 426 *e seg.*

[15] Podemos lêr ainda os seguintes epitaphios:

Aqui jaz Margarida Vaz da Costa, molher de Lopo Alvares, irman do Cardeal Dom Jorge, e dous Arcebispos de Lisboa e Braga, máy e pay de Dona Ilena, e de Christovão da Costa, thezoureiro e conego na Sé de Lisboa, etc. 1562.

Aqui jaz Simão da Costa Freire, senhor de Pancas, administrador d'estes morgados; falleceu a 8 *de Maio de* 1674, *dia da ascenção e invenção da Cruz.*

Sepultura de Luiz de Vasconcellos de Souza, e de Dona Maria da Cunha, sua mulher e herdeiros.

Confrontem-se estes epitaphios com as notícias da *Corographia Portugueza*, *tom.* 2.º, *pag.* 392.

CARTAS DO EMINENTISSIMO CARDEAL SARAIVA, D. FR. FRANCISCO DE S. LUIZ

AOS

Illustrissimos e Reverendissimos Srs. Presidente e Membros do Cabido da Sancta Egreja de Portalegre.

I

Ill.mos e R.mos Srs.— Penetrado de reconhecimento e gratidão, dou a vv. s.as as mais sinceras e rendidas graças pelo parabem, que se dignam dirigir-me, da minha elevação á alta dignidade de Cardeal, e pelas expressões de benevolencia, com que acompanham este generoso obsequio. Não posso gloriar-me de merecer tão distincta honra; mas desejo, por certo,

fazer-me cada vez menos indigno d'ella, e para este fim aproveitarei em meu auxílio os religiosos exemplos do Ill.^mo e R.^mo Cabido de Portalegre, ao qual me acho ligado não só pelas relações canonicas, mas tambem pela veneração que professo a todos os seus membros.—Deus guarde a vv. s.^as por muitos annos. —De vv. s.^as — muito attento e respeitoso vn.^or — *F. Cardeal Patriarcha de Lisboa.*

Ill.^mos e R.^mos Srs. Presidente e Membros do Cabido da Sancta Egreja de Portalegre.

26 de Julho de 1843.

II

Ill.^mo e R.^mo Sr. — Tenho a honra de transmittir a v. s.^a, para conhecimento do Ill.^mo e R.^mo Cabido d'essa Santa Sé de Portalegre, as cópias das Letras Apostolicas, pelas quaes, a instancias da Rainha Fidelissima minha senhora, e com seu Regio Beneplacito, fui encarregado da Administração Provisoria d'essa Diocese, com os poderes nas mesmas Lettras Apostolicas e Regio Aviso mencionados.

Já no passado correio quiz cumprir esta honrosa obrigação, e não m'o permittindo a estreiteza do tempo, pedi ao Ill.^mo e R.^mo Senhor José Joaquim dos Sanctos Pinheiro, que por mim a satisfizesse, logo que recebesse a nomeação que d'elle fiz para Vigario Geral d'esse Bispado.

Grande será a minha satisfação, se v. s.^a e o Ill.^mo e R.^mo Cabido, a quem dignamente preside, receberem com agrado a communicação que tenho a honra de fazer-lhes, e isto me servirá de novo motivo para me assignar com destincta estimação e respeito — De v. s.^a attento vn.^or e servo — *F. Cardeal Patriarcha de Lisboa*, Administrador Provisorio Apostolico de Portalegre.

Ill.^mo e R.^mo Sr. Francisco Teixeira de Aguiar, Presidente do Ill.^mo e R.^mo Cabido da Sancta Sé de Portalegre.[1]

Lisboa, 5 de Outubro de 1844.

AO COMMENDADOR JOÃO DA GAMA MACHADO

Ill.^mo e Ex.^mo Sr. — O reconhecimento e admiração, quando elevados a um alto grau, são difficeis d'exprimir por palavras. Eu o experimento agora, achando-me penetrado d'aquelles dois sentimentos para com v. ex.^a

De *reconhecimento*, pela obsequiosa lembrança que v. ex.^a se dignou ter do meu nome, para me offerecer um exemplar da sua excellente obra *Theorie des ressemblances*, e o bello quadro allegorico, de cujas epigraphes quiz v. ex.^a fazer-me lisonjeira e honrosa, posto que não merecida applicação.

De *admiração*, por ver desinvolvida por v. ex.^a com tanta arte, claresa, fôrça de discurso e erudição uma doutrina em grande parte nova e fecundissima em consequencias moraes e politicas. Confesso a v. ex.^a que ha muito tempo não li uma obra que tanto me recreasse, instruisse e deleitasse.

Bem quizera eu alargar-me na analyse d'esta doutrina, mostrando assim a gostosa e profunda impressão que me fez a sua obra; mas abstenho-me, por não metter a foice em seara alheia, e por não roubar a v. ex.^a o tempo que com tanta utilidade da sciencia emprega em suas tão curiosas como uteis applicações.

Limito-me a pedir a v. ex.^a queira acceitar com benevolencia estas breves expressões do meu reconhecimento, e acreditar quanto me foi grata esta primeira e opportuna occasião de assignar-me, com a mais distincta estimação e respeito — De v. ex.^a sincero admirador e obrigadissimo servo — *F. Patriarcha Eleito de Lisboa.*

Lisboa, 30 de Setembro de 1841.

DISCURSOS

Recitados na sala grande dos actos, por occasião das visitas, feitas á Universidade, em 1836 por S. A. R. O Senhor D. Fernando (ElRei o Senhor D. Fernando;) e em 1852 por S. M. A Senhora D. Maria II com o mesmo Principe, Seu esposo.

Relatando-se miúdamente, no *Instituto*, a pag. 160 do 1.° vol., e a pag. 122 do 2.°, as visitações d'estas reaes personagens, esqueceu todavia inserirem-se ahi, como era de razão, as orações, breves, eloquentes e conceituosas, que por essa occasião recitára, em presença de SS. MM., e do corpo cathedratico, um dos seus maiores ornamentos, o Dr. Manuel de Serpa Machado, digno par do reino, decano da faculdade de Direito, professor distinctissimo; facundo orador nas camaras legislativas, desde as constituintes de 1820; e modelo de bondade, benevolencia, tolerancia, amenidade e cortezania.

Foi talvez a segunda d'estas orações um dos ultimos e brilhantes clarões de resplendente luz do seu ingenho, e eloquente, e harmoniosa locução, que a edade, e longos padecimentos iam breve comprimir e abafar na mais penosa decrepitude; na qual terminou a vida, chorado, muito do coração, de todos os seus, a familia, e os amigos numerosissimos; sempre memorado, com saudade, amor, e respeito, por quantos o conversaram; e levando á sepultura uma das maiores consolações, que o homem de bem, e benemerito da

[1] Ao zêlo do illustre socio honorario do Instituto, o sr. Rodrigues de Gusmão, deve a redacção estas duas cartas. Oxalá o seu exemplo não fique desacompanhado! Com egual reconhecimento, e prompta publicação serão acolhidas quaesquer outras.

patria, póde ter, ao sahir d'esta vida — o deixar-se ahi reproduzido n'uma geração, digna do seu nome, e herdeira e émula de seus talentos, virtudes e serviços.

1.ª

EM 1836

Antiquos servare mores, et instituta majorum, quam maxime innoxia, et reipublicae utilia, Clarissime Princeps, sapientium est. Ac si, pro temporum diversitate, Lusitani Reges, et Principes, provincias et conimbricensem Academiam visitare curaverint, tu quoque, Prestantissime Vir, tot clarissimorum Principum exempla secutus, ad almam Academiam nostram advenis, apud nos consides, litteras et sciencias honoras, et illarum cultores, splendidissima praesentia tua officiosissime faves. Nos vero, in veterum vestigiis insistentes, victique singulari, solemnis salutationis beneficio, in Academiam nostram collato, laetitiae applaususque signa exhibere contendimus. Quapropter in consilio Academiae maximo fuit statutum, prout mos est, ut orationem, latino sermone compositam, hoc in magnifico gymnasio, et tuo in conspectu recitetur, in qua tanti Principis dotes ac virtutes laudarentur, et vota nostra, spesque in eo posita, innotescerent.

Perdificile quidem mihi nunc, in hoc amplissimo loco, dicendi onus est commissum. Attamen nec temporis angustia, nec rei magnitudo, nec ingenii mei et inventionis inopia, nec sapientium virorum praesentia et Academiae decus, gravissimae causae ad avertendum animum ab audacissimo proposito, me avertere potuerunt. Nam gloria orationis pro tanto viro eximioque Principe, vires meas auxit, animum restauravit, omnia modestiae et timoris obstacula solvit, ingeniique paupertatem et animi aegritudinem vicit.

Sed primum de Principis perfectissimi imagine aliquid dicam. Princeps, qui ad perfectionem aspirat, divinae menti parere debet: rectam rationem sequitur, juris aequabilitatem colit, fraudem et malitiam coercet, modum et ordinem in omni officio conservat, rempublicam universam excellentibus meritis abstringit, nullum periculum adire pro salute patriae recusat, ad gloriae sempiternae decus tendit, mortem denique contemnit, ut immortalitatem consequatur. Ergo, cum Princeps divino praesidio cinctus sit, et verissimae honestatis laudibus abundet, et hominum ad se voluntates vehementer alliciat, consequens est, ut sit in administrando regno sapiens, in repellendis hostibus acer, in constituenda republica moderatus, in juris aequalitate tuenda constans, in rerum successibus et eventis spectator tranquillus ac felix: nec ipse solum beatus erit, sed patriam universam felicem reddet, omnibusque bonis affluentem. Tyrannus autem contra, cum sit ope divina orbatus, et turpitudinum maculis inustus, et hominibus propter malitiam et fraudem invisus, et omnium mortalium fide et benevolentia destitutus; ea de causa omnia, quae gerit, partim rabide et furenter, partim timide et diffidenter administret, evenire necesse est, ut non solum ipse corruat, sed etiam omnes, qui sese ad illius ductum et imperium adjungunt, in calamitatem conjiciat. Unde perspicitur mala haec omnia non in illum cadere, qui vere Princeps est, sed in eum qui principis nomen falso usurpat; et ita se in omni officio gerit, ut magis immanis tyranni speciem referat, quam legitimi principis naturam atque mores immitetur.

Cum haec mecum saepe recogito, Lusitaniam beatam existimo, cum principes eos habuerit, quos nemo dubitare potest extitisse, hoc nomine tam sancto et augusto dignissimos. Nec enim vel in religionis santimonia, vel in justitiæ cultu, vel in decoris honestate, vel in virtutis róbore, vel in mansuetudinis lenitate, quidquam fuit ab illis praetermissum, quod ad optimi et fortissimi Principis virtutes pertineret. Ita vero factum est, ut eorum nomen memoriae sempiternae consecratum sit, et ipsi in coelo illis opibus, quae sunt iis Principibus, qui omnia vitae consilia ad patriae salutem contulére, Dei beneficio constitutae potiantur.

De te autem, clarissime Princeps, quid lusitani augurentur, libet dicere. Fore namque suspicantur, ut illos praestantissimos Principes, quorum stirpe procreatus es, multum virtute superes. Vident enim multa signa, quibus admoniti credunt, te divino consilio susceptum fuisse, te regio clarissimoque sanguine tum Hungariae, tum Saxoniae ortum, eodem consilio a longinquis Germaniae regionibus in ultimum Occidentem advenisse. Tu tenebras, moerores, animi aegritudines, quibus Lusitania est oppleta, tui adventus salutationisque splendore dispulisti. Ac tandem, praestantissime Princeps, spem salutis, libertatis, et dignitatis omnibus Lusitanis in rebus trepidis attulisti. Quod, si exercitui summo cum imperio praees, gladiumque cingis, sic agis non ad evertendam, sed ad tuendam libertatem; non in cives, sed adversus hostes; nec ad turbandum, sed ad pacificandum imperium: et ensem Principis semper paratum credimus pro religione, pro constitutione, pro legibus, pro libertate, et pro Regina Augusta, eximii Principis conjuge, magnanimique Petri clarissima fillia; quae claritatem generis a regiis domibus Austriaca, Hispanica, et Bragantina deduxit, quemadmodum virtutum splendorem a clarorum virorum serie non interrupta derivat. Et si quis advena, vel patria pulsus et proscriptus, miserandae memoriae, in nos aliquid tentare audeat, validissimum praesidium tuo in brachio inveniemus; et etiam in animi

fortitudine, in constantia, in admirabili audacia illorum praestantissimorum virorum, ac procerum, qui te circumdant, et circumstant; et qui de patria benemerentes, in expugnatione et defensione Portuensi, in Algarbiorum regno, Olisipone, et in reliquis memorabilibus regni locis, victorias alias post alias, et sempiternam gloriam, obtinere.

Accipe, optime Princeps, devotissimas gratias totius populi conimbricensis, et ipsius civitatis, quam antiqui scriptores civitatem ridentem appellant; et civitas re vera ridet et exultat tuo in conspectu, splendidoque adventu. Accipe denique maximas hujus almae Academiae gratias pro tam honorifica salutatione; Academiae, dico, quae ab antiquis temporibus ad nos usque, sub perpetua lusitanorum principum tutela gloriosissime perdurat: nam reges nostri faustissimo titulo propugnatorum et defensorum Universitatis conimbricensis benevole gloriati fuere: quapropter Augusta Regina nostra, antiquis et recentioribus legibus, hujus Academiæ Patrona Fautrixque est; et nunc, celsissime, Princeps, sub tuo Augusto patronatu manebimus.

Et si a Rege Dionisio fundata, a Joanne tertio reformata, a Josepho primo instaurata, et denique a Joanne sexto, et Petro quarto, illustrata tantopere floruit; quantum sperare debemus a curis, defensione et tutella, praestantissimae Reginae et clarissimi Principis Ferdinandi?

Age apud Reginam, spectabilis Princeps, litterarum ac scientiarum causam, ne sinat ut aliquid dignitatis, splendoris, et integritatis huic Academiae auferatur; et tantorum sapientiumque virorum Mater ac Genitrix, prout validissima sapientiae arx, in posteros maneat; et tantae molis conservatio, incrementum, et perfectio sit et tuae, et reginae gloriae aeternum monumentum.

2.ª

EM 1852

«*Salve Regina, lusitanorum Mater.*» Eu vos saudo, Excelsa Rainha, e Excellente Senhora, em nome da Universidade de Coimbra; que se dignou conferir-me este honroso mandato, de que tanto me glorio, por me haver constituido o orgão do corpo scientifico mais antigo do Reino, e tambem o mais vasto; e que encerra em si o amplo systema de conhecementos humanos; que desde remotissimos tempos, e nas differentes epochas da Monarchia, tem diffundido as luzes por todo o Reino; e aonde tudo o que tem apparecido de grande em Portugal tem vindo beber as maximas da sabedoria e da illustração; e que tem merecido por isso a especial e generosa protecção de nossos Augustos Soberanos, que assumiram o titulo de protectores da Universidade: nobre exemplo que Vossa Majestade e ElRei Seu Augusto Esposo se dignaram seguir.

Os imperios e as nações, Real Senhora, estão sujeitos, como todas as instituições humanas, a differentes vicissitudes; e têm epochas notaveis de grandeza e decadencia; e incumbe aos soberanos, directores d'estas sociedades, o considerar, na sua alta sabedoria, as verdadeiras causas d'esta grandeza ou decadencia, aproveitar umas, e evitar outras. E por isso Vossa Magestade não podia deixar de entender, na sua elevada comprehensão, que a felicidade do imperio, e a sua grandeza, depende essencialmente da união dos subditos com o chefe do estado, e do amor e confiança reciproca; e que os laços d'esta união se fortificam com o tracto e conhecimento d'aquelles a quem se governa, colocando-se os reis, sem quebra da dignidade real, em contacto com as differentes classes da sociedade.

É com este louvavel intuito de estreitar tão importante união, que Vossa Magestade, prescindindo das commodidades de sua real habitação, veio ás provincias para ver com os proprios olhos, e apalpar com as mãos as públicas precisões e aggravamentos, que por este modo mais prompta e facilmente podem ser reparados; veio Vossa Magestade respirar o ar puro dos campos, que é mais saudavel e menos nebuloso e espesso, que o das grandes cidades; e é este o primeiro beneficio, que nos traz a real presença de Vossa Magestade, ainda que commum com os mais habitantes das provincias.

A outra das puras intenções que se manifesta 'nesta patriotica digressão de Vossa Magestade, é chamar a um centro commum quaesquer animos dissidentes, mais por êrro de intendimento do que de vontade, empregando Vossa Magestade, além do exemplo, a efficacia do philosophico e generoso principio da tolerancia de opiniões, que é uma das preciosas joias da real corôa. E por este modo Vossa Magestade vem com o seu real manto cubrir estes agastamentos passageiros, que por ventura haja, nascidos, as mais das vezes, da prevenção, ou de uma politica mal definida, fazendo por este modo ver aos Portuguezes, que Vossa Magestade os tem adoptado a todos por filhos; e que a prosperidade social se resume 'neste ponto — *obediencia ás leis, e respeito e acatamento áquelles, que as observam, e que estão legitimamente encarregados da sua execução;* e que 'neste ponto d'apoio, e nesta alavanca politica se firma toda a máchina social, e todo o bom regimen das sociedades humanas.

E é este um outro beneficio, que a Universidade goza em communhão com os mais subditos de Vossa Magestade.

Mas a augusta presença de Vossa Magestade 'neste logar, no gremio das lettras e das scien-

cias, tendo em tôrno de si os que as professam e ensinam, e a viçosa mocidade, ávida de saber, que as apprende, é um singular favor que excede a todos, e que faz vêr que Vossa Magestade considera o saber como o principio vivificante da sociedade; e que Vossa Magestade muito bem conhece, que, não havendo uma sciencia solida e verdadeira, a liberdade mesmo periga, e póde declinar para a anarchia, ou abrir o caminho ao abuso do poder, e á tyrannia.

Não posso tambem deixar de agradecer a Vossa Magestade, por parte da Universidade, o singular favor de se acompanhar 'nesta honrosa visitação com Sua Magestade ElRei, digno e augusto Esposo de Vossa Magestade; que sendo dotado de sublimes virtudes e das melhores intenções, de tal modo as manifesta, que concilia os animos de quantos o tractam e se aproximam d'elle, lendo todos no seu coração as singulares qualidades, que encerra, e tanto o enobrecem.

A companhia e presença de Suas Altezas, os Serenissimos Principe e Infante, são o último complemento da generosa dadiva de Vossa Magestade: d'elles é Vossa Magestade duas vezes mãe, uma pela natureza, a outra pela educação moral, piedosa e scientifica. São elles as nossas esperanças, e fazem lembrar os illustres filhos do magnanimo Rei D. João I de boa memoria; dos quaes um illustrou as sciencias e a legislação; o outro a navegação e as conquistas, e nos abriu o caminho ao mundo e á gloria; um terceiro deu lições de bom regimento na regencia do reino; e o quarto mostrou valor e resignação com o seu captiveiro, que preferiu á entrega de Ceuta ás mãos dos inimigos da patria.

Porém, se os Serenissimos Principes, Filhos de Vossa Magestade, dão esperanças de seguir as nobres pisadas de tão assignalados varões, que contribuiram para a elevação da Monarchia ao seu maior esplendor; por outra parte Vossa Magestade parece ter tomado por modelo as singelas virtudes, discrição e maternal sollicitude da Rainha a Senhora D. Filippa, que com tão singulares dotes se avantajou ás mais Rainhas, que cingiram o real diadema.

Póde ser, Real Senhora, que esta seja a última vez, que eu tenha a honra de orar na augusta presença de Vossa Magestade, em tão plausiveis circumstancias; porque, na declinação da edade, ou antes na decrepitude, enfraquecido com o laborioso serviço do magisterio de mais de quarenta annos, tomado das consequencias de um penoso, ainda que glorioso, *ostracismo* nos inhospitos montes Trans-Cudanos em prol da boa causa, pouca esperança tenho da prolongação de uma existencia inferma; mas ella será terminada agradavelmente depois de ter podido com a minha debil voz solemnisar a augusta presença de Vossa Magestade 'neste alcacer das sciencias, aonde Vossa Magestade offerece uma benefica e protectora mão ás letras, e aos que a ellas se dedicam; e que por fortuna nossa é Vossa Magestade a primeira Rainha reinante, que emprehendeu, e nos liberalisou tão inapreciavel visitação.

Exultae, pois, por tão fausto acontecimento, benemeritos professores de todas as ordens, e meus estimaveis socios no importante mistér da illustração pública, em que vos tendes encanecido: exultae tambem, nobres mancebos, flor da mocidade portugueza, que concorreis de todos os angulos do reino em demanda da sabedoria, e que em breve, obedecendo ás leis e fazendo-as executar, augmentareis a prosperidade social, que tanto depende da cultura das sciencias, e das maximas de uma solida e verdadeira philosophia, em que vos tendes iniciado.

E vós, Senhora, continuae a firmar a grandeza do vosso Throno no amor e confiança do Povo que governaes, e que em toda a parte vos dá sinceras demonstrações do maior respeito e não equivoca affeição: continuae a animar as sciencias e o estudo d'ellas, não só 'neste centro, mas em todo o reino; aonde as escholas, debaixo de qualquer denominação, são ramos d'este robusto tronco, d'esta arvore frondosa; e d'ella nasceram, pela maior parte, muitos dos sabios, que as dirigem e ennobrecem: continuae a aperfeiçoar a instrucção pública, por ser ella o melhor apanagio da elevação dos imperios, e os degraus pelos quaes hão de subir vossos illustres e reaes descendentes ao cume da gloria, que no mundo obtiveram seus inclitos maiores e illustres progenitores.

A felicidade social e a protecção Divina serão o *alpha* e o *omega* do vosso feliz reinado.

Perdoae, Senhora, a imperfeição de uma oração elaborada inopinadamente, e por fôrça do dever e de obediencia, e tão inferior ao assumpto; e da qual só se póde dizer com verdade — *vix placet brevitate sua.*

Da virtude se hão de fazer as corôas dos reis; e não do ouro, nem das perolas, ás quaes nem por resplandecerem mais, carregam e atormentam menos.....

Como nos corpos, assi nos regnos, é gravissima a enfermidade, que procede da cabeça. Se o rei quer subjeitar tudo, subjeite-se á razão; a muitos regerá, se o reger a razão; reja-se a si mesmo, e será rei d'um grande reino. Não cuide que tudo lhe é licito, por que, se por ser rei quer appropriar a si esta licença, tyrano é, e não rei.

Menos licença tem que qualquer outra pessoa particular; e não póde mais, que o que lhe está bem em quanto rei.

FR. AMADOR ARRAES, Dial. 5, c. 9.

NOTICIARIO

Estatistica Pathologica no Hospital da Universidade de Coimbra de 1 a 31 de Março de 1861

N.º DOS DOENTES	MOLESTIAS	1 a 14		14 a 28		28 a 56		56		CURADOS		POR CURAR		MELHORADOS		FALLECIDOS	
		H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.
2	Abcesso	...	...	...	1	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1
2	Alienação mental (*a*)	...	...	...	...	1	...	1	...	...	...	2	...	...	...	...	...
2	Anasarca	...	...	...	...	1	...	1	...	1	...	...	...	1	...	...	...
1	Angina	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
2	Ascites	...	...	...	...	1	1	...	...	...	...	...	...	...	1	1	...
5	Blenorrhagia	...	...	4	...	...	1	...	...	4	1	...	...	...	...	...	...
7	Bronchites (uma com embaraço gastrico)	...	...	1	1	2	2	...	1	4	3	...	...	...	...	...	...
1	Bubão	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...
1	Cancro syphlitico e blenorrhagia	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Catharro pulmonar	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1	...
1	Contusões	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...
1	Corisa com bronchite	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Corpo estranho na cornea e conjuntivite	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Cystite e hemorroidas	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...
6	Diarrhea (uma com bronchite e gastralgia)	...	2	3	...	...	...	...	1	3	3	...	...	...	...	...	...
1	Dores osteocopas	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Dilatação d'aorta abdominal	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...
1	Echymoses	1	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
2	Embaraço gastrico	1	...	...	...	...	...	1	...	2	...	...	...	...	...	...	...
1	Entrite	...	...	...	...	...	...	...	1	...	1	...	...	...	...	...	...
1	Hepatite e bronchite	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
7	Erysipela (uma com peritonite puerperal)	...	...	...	1	1	4	...	1	1	2	...	...	...	1	...	3
1	Erythema nas pernas	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...
2	Gastralgia	...	...	2	...	...	...	...	...	2	...	...	...	...	...	...	...
5	Grippe	...	...	4	...	1	...	...	...	5	...	...	...	...	...	...	...
1	Gastrite	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...
10	Febre intermittente	...	...	6	...	2	1	...	1	8	2	...	...	...	...	...	...
1	» remittente e diarrhea	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
2	» typhoidee pneumonia (1 com hepatite)	...	...	1	1	...	...	...	...	1	1	...	...	...	...	...	...
1	Fractura incompleta da quinta costella	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Furunculo na região umbilical	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Hemiplegia	...	...	...	...	...	...	1	...	1	...	...	...	...	...	...	...
3	Hemoptises	...	...	...	1	...	1	1	...	...	1	...	...	1	1	...	...
2	Hemorroidas	...	...	..	...	...	...	2	...	..	...	...	...	2	...	...	...
1	Hepatisação pulmonar	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...
1	Hydro-thorax	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	..	...	1	...	...	...
1	Hypertrophia do baço	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	..	...	1	...	...	...
1	Hysterismo	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	1	...	...
3	Ictericia	...	...	1	...	1	...	1	...	...	...	2	...	1	...	...	...
1	Laryngite simples	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Lipoma	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
2	Lumbago	...	...	...	...	2	...	...	...	2	...	...	...	...	...	...	...
2	Metrite (uma com peritonite)	...	...	...	1	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1
2	Ophtalmia	...	...	1	1	...	...	...	...	...	1	...	...	1	..	...	...
2	Panaricio	...	...	...	1	...	1	...	...	...	2	...	...	...	...	...	...
1	Papulas, no anus	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
1	Paralysia das extremidades nervosas dos dedos dos pés	...	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...
1	Parturiente	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...
2	Phlegmão	...	...	1	...	...	...	...	...	1	1	...	...	...	...	...	...
5	Pleurisias (duas com pneumonia)	...	1	2	...	2	1	...	...	4	1	...	...	...	...	...	...
4	Pneumonia (um com symptomas de typho)	...	...	...	...	1	1	...	2	...	1	...	...	...	...	1	2
8	Rheumatismo	...	...	5	...	2	1	...	...	4	1	3	...	...	...	...	...
1	Sarna	...	...	1	...	..	...	...	...	1	..	...	...	...	...	...	...
1	Soluções de continuidade	...	...	...	1	...	...	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...
6	Tuberculos pulmonares (1 com elefantiasis)	...	...	2	...	2	...	...	1	...	...	4	...	...	...	...	2
1	Tumor branco	...	...	...	...	1	...	...	...	1	...	...	...	...	...	...	...
6	Ulceras 1 psorica 2 syphiliticas 3 simples	...	...	3	...	1	...	2	...	6	...	...	...	...	...	...	...
3	(*b*)	...	...	1	...	...	...	...	1	..	...	1	...	...	...	...	2
132	Total dos doentes	2	3	38	14	26	18	13	12	59	30	3	2	14	8	9	7

(*a*) Sahiram para Rilhafolles.
(*b*) Um sem edade e os dois sem diagnostico.

O 1.º Ajudante de Clinica, *Dr. Jacintho Alberto Pereira de Carvalho.*

Com os actos do quinto anno medico, e com a última congregação da faculdade de medicina, terminaram na Universidade os trabalhos academicos do anno lectivo de 1860 a 1861. Na distribuição dos premios do 4.° anno medico foram agraciados com partido, e obtiveram nas informações dois *MB* e quatro *B* os seguintes socios do Instituto — Antonio Fortunato da Cunha Vieira Meyrelles — Philippe de Quental — José Carlos Lopes Junior — Fernando Augusto d'Andrade Pimentel.

Na faculdade de mathematica foram agraciados com *premio* no 4.° anno, Jeronimo Rodrigues Ramos — Manoel Paulino de Oliveira ; e no 5.° anno com *accessit* D. José Saldanha Oliveira e Sousa, que obteve nas informações 1 *MB* e 6 *B*.

Na faculdade de philosophia obtiveram informações de *muito bom* por um e *bom* por cinco os srs. Firmino Augusto de Magalhães — Vieira Meyrelles — José Carlos — D. José Saldanha; e *muito bom* por dous, e *bom* por quatro o sr. Paulino de Oliveira.

Novo planeta — O telegrapho electrico acaba de annunciar a descuberta de um novo planeta, da 11.ª grandeza. Não temos ainda os pormenores do facto: em o número seguinte daremos d'elles conta.

Sociedades de economia politica. — Um dos meios efficazes de progresso economico, que começa de generalisar-se na Europa, em accôrdo com todas as necessidades e ideias do tempo, consiste na reunião e conferencia dos sabios, theoricos e practicos, periodica ou eventualmente.

Além da sociedade de economia politica de Londres, fundada ha já longos annos, contam-se outras em Paris, Bruxellas, Amesterdam, Madrid, Turin, e S. Petersburgo; e a Allemanha tem-nas — *locaes*, — *regionaes*, — e o *congresso* d'economistas allemães, que se reuniu em 1858 em Gotha; em 1859, em Francfort; em 1860, em Colonia; e que 'neste de 1861 ha de juntar-se em Stutgard. As primeiras, em conferencia mensal, discutem questões principalmente de interesse local, e preparam trabalhos para as segundas; as regionaes, que abrangem um Estado, ou partes d'um Estado da Confederação, reunindo tres a quatro vezes por anno, e preparando egualmente os elementos da discussão no grande congresso geral de cada anno.

(Do Jornal dos economistas de Paris n.os 6 e 7, d'este anno)

Erupção volcanica — Houve uma no mez de maio nas margens do mar Vermelho. O capitão Playfain descreve-a em uma nota que acaba de enviar de Aden a Inglaterra.

Na noite de 7 d'aquelle mez a povoação de Edd soffreu um tremor de terra, a que succederam numerosas sacudiduras verificadas em curtos intervallos por espaço de uma hora. Ao pôr do sol cahiu á maneira de chuva cinza branca, que pouco depois se tornou encarnada, chegando a ser tão espessa que escureceu a athmosphera, sendo perciso acender luzes. A escuridão era maior que a da noite. Isto durou até o dia 9, em que a athmosphera se aclarou completamente.

Paleontologia — Acharam-se ha pouco na Australia restos fosseis curiosos.

M. Villiam Burtt 'numa pequena escavação em Hergotts'Springs, proximo do monte Attracção, a 50 milhas de Adelaide, encontrou os ossos d'um animal, cuja raça se perdeu. Estes ossos são o maxillar inferior quasi inteiro, fragmentos de dentes e d'ossos, que evidentemente pertenceram a um herbivoro, cuja structura devia ser analoga á do porco. Os ossos da cabeça e da face são longos em comparação dos outros ossos do esqueleto: sería talvez uma especie de hyppopotamo de menor corpo que o que hoje conhecemos. Estes ossos fósseis foram enviados para Londres.

OBRAS OFFERECIDAS AO INSTITUTO

ESTUDOS

SÔBRE O

GARROTILHO OU CRUP

Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa

POR

Antonio Maria Barbosa

Socio effectivo da mesma Academia, Membro de várias associações, nacionaes e estrangeiras, etc., etc

Esta memoria, segundo affirma o auctor, serve de introducção a outra que brevemente espera concluir sôbre a tracheotomia no garrotilho.

Em um volume de 189 páginas em 4.° francez colligiu o sr. Barbosa observações suas e alheias sôbre o garrotilho; e com tal mestria se houve, que logrou formar o mais acabado trabalho, que sôbre o assumpto se tem publicado em Porrugal. Não esqueceu o sr. Barbosa o procurar nos escriptos de medicos portuguezes avultada cópia de observações: na parte historica apresenta o muito que temos de casa em nada inferior ao que vemos no estrangeiro.

Para complemento da obra começada conclua o sr. Barbosa os estudos sôbre a tracheotomia no garrotilho, e a litteratura medica portugueza será assim engrandecida com mais um d'esses trabalhos, que tanto contribuem para exaltar sua gloria.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

O ENSINO RELIGIOSO

Quanto somos, devemol-o á educação. Esta sentença do antigo sabio é d'uma verdade tão palpavel, que ninguem ha que rasoavelmente possa contestal-a. E com quanto a educação, que principalmente se dirige ao coração, comprehenda muito mais que o ensino; não é menos certo que este, em differentes graus e por diversas fórmas, póde, e deve, entrar 'nella, mormente o religioso; porque a religião é o alicerce da moral, e esta a base da educação.

Grande e nobilissima é pois a missão do educador, como a do mestre, a quem incumbe iniciar o homem nos segredos da Providencia ácêrca do Creador, das creaturas racionaes, e de suas mútuas relações, no tempo e além d'elle.

Somos avidos de saber; potentissima é a fôrça da palavra, mormente a fallada. Com ella civilisou-se o mundo. Por via d'ella é dado ao homem, ou mais intelligente, ou mais virtuoso que os outros, e que se empenha pelo bem de seus similhantes, exercer sôbre elles um imperio real. Julgue-se do seu poder, quando rectamente dirigido, pelos terriveis resultados do abuso. Ha na palavra como uma fôrça magnetica, irresistivel.

O divino Mestre poz, como primeira obrigação, a seus Apostolos o ensino: — *Docete omnes gentes, praedicate evangelium.* Era o instrumento da immensa e completa transformação social, que viera trazer ao mundo.

Comprehenderam-no, seguiram-no, imitaram-no, ainda á custa de todos os bens terrenos, e atravez de todos os perigos, não só os doze, mas seus mais proximos successores; — todos quantos, mais ao diante, herdaram, com o poder, o zelo e a piedade d'elles; — e os missionarios, preteritos e presentes, que, com a cruz na mão, percorrem os mais inhospitos sertões da Asia, Africa, America e Oceania.

Successores dos Apostolos, na plenitude do poder, são os bispos; e em parte d'elle, e subordinadamente a estes, são-no tambem os sacerdotes, principal e muito especialmente os parochos.

Poderá, algures, abundar a messe; e escassearem os cegadores; falta *absoluta*, mercê de Deus, não a sentimos. Cada diocese tem um bispo, ou quem por elle a jurisdicção exerça; cada freguezia um parocho; e muitas têm, ou devem ter, adjuncto, número de presbyteros, não-parochos, que os auxiliem.

Corresponderá o ensino, e a educação religiosa do povo?...

Penoso é responder. Diz o grande Doutor S. Jeronymo, que — o sacerdote, quanto por seus costumes houvera de grangear, perde-o pela *mudez*. E certo, porque não é sacerdote nem para si só, nem para sómente orar e offerecer pelo povo o sacrificio. *Docete,... praedicate.*

Por mais sancto que seja o bispo, ou o parocho, se os fieis não ouvem a sua voz; se não conhecem o seu rosto; ou quando muito apenas o vêem administrando os sacramentos, e celebrando, seja-nos lícito dizer-lhes, que nenhuma injúria se lhes faz, applicando-lhes o pensamento do grande mestre; e que não perdem sómente perante Aquelle, que sem falta nos tomará as contas, mas para com o mesmo povo, o qual os respeita e considera á proporção do que vê e ouve de suas *acções* e *palavras*.

É verdadeiramente sublime a administração dos sacramentos; e excede tudo quanto ha de mais alto sôbre a terra a celebração do sacrificio incruento do Homem-Deus; mas note-se, que foi Elle, que, enviando os seus Apostolos, não lhes disse que primeiro baptisassem e administrassem, senão que ensinassem e prégassem, e o mais depois. E o motivo era claro; porque, na ordem racional do desinvolvimento religioso, o *crer* precede a tudo, imposto não pelo alfanje ou pelas torturas, mas pela persuasão, humildade, e inalteravel doçura do docente; cuja voz, milhões de vezes mais forte que o som do mais agigantado sino de nossas cathedraes, convoque os fieis á oração e frequencia dos sacramentos.

Por que motivo, quando, rarissimo, a cruz episcopal sae ao campo, 'nalguma de nossas dioceses, 'naquellas visitações, tão caras aos Bartholomeus dos Martyres, e Caetanos Brandões, aflue em massa o povo, mormente se o pastor usa fallar ás suas ovelhas?

Por que motivo, quando, não menos raro, o parocho considera como sua primeira obrigação catechisar *assiduamente* os meninos, instruir os adultos, e fallar a todos, quer da cadeira parochial, quer do pulpito, juntando a isto as outras virtudes, proprias do seu estado, recolhe, em troca, as bençãos, a estima, a confiança, e o filial respeito de seus parochianos?

Cousa nenhuma ha tão provada e manifesta, como o certo interesse, para o tempo e para a eternidade, do fiel desempenho da obrigação do *magisterio* pelos bispos e sacerdotes. E, se tão quebrantado e amortecido vegeta, por desgraça, 'neste nosso paiz, o alto e baixo clero; se o respeito lhe foje; se a indifferença, a irreligião, e os seus necessarios consectarios, a immoralidade e o desregramento, parecem querer tomar nunca vistas proporções; que outra causa mais forte, do que a *mudez* dos pastores?

Quem ensinará o povo na sua falta? Os

paes e os mestre-escholas? E quem foi que instruiu a estes?

De longe vem a molestia.

E quando o possam fazer, ficarão por isso dispensados da divina missão aquelles, não estes, a quem o Messias encarregou, *propria e mui especialmente*, do ensino religioso: — DOCETE?

A religião do Estado, a religião de nossos avós, aquella pela qual grangeámos, os portuguezes, uma fama immorredoura, plantando-a, victoriosa, nos dois mundos; — a religião catholica, apostolica, romana, em quanto se levanta e resurge, cada dia mais gloriosa, em paizes, como a Inglaterra, que a tinham proscripto e perseguido, definha aqui a olhos vistos; combatida todos os dias, de palavra e de factos, por infinitos modos, variadissimos, d'influencias pantheistas, materialistas, e anglicanas, quasi que não encontra uma voz imparcial que a defenda! Lucta nas outras nações, sôbre a trincheira mais avançada, o alto e o baixo clero, com a voz e com a penna; e a lucta, que foi e é a vida, faz ahi surgir quotidianamente as grandes obras, em prol da fé, que hão de confirmar os presentes, e enriquecer o arsenal dos vindouros; por que a guerra acabará com o mundo.

Corria, ha annos, o tempo consagrado mais especialmente ás práticas da religião; era a quaresma em París; e annunciavam os jornaes que o illustre Mgr. Sibour, seu Arcebispo, visitava muitas das egrejas no mesmo dia, fallando em todas, do alto da cadeira, ao povo fiel, apinhado em torno d'ella?...

Que de contrastes?...

A missão da imprensa é tambem dizer as verdades, duras embora. Quando a cumpre, se faz doer e sangrar, simelha-se ao cirurgião, que cauterisa a ferida, talvez do mais caro amigo.

Deus e a sociedade pedirão contas ao clero portuguez — da crassissima ignorancia, em pontos de religião, e por consequencia de moral, que experimenta um maximo número de pessoas de quasi todas as classes da sociedade; da licença e desregramento, que, por falta d'aquella tão primária base da educação, invade a todas estas, enfraquece todas as relações, e allue todo o edificio da legislação politica e civil; — e mais ainda, da summa e temerosa facilidade com que penetram por toda a parte as mais erroneas e perigosas doutrinas, contrárias á religião em geral, e mui especialmente á do Estado, sem que se ouçam, em contrário, as vozes auctorisadas d'aquelles, a quem foi confiado o depósito da fé.

Temos, 'noutras occasiões, combatido a exaggerada intervenção do governo, além da sua orbita, na da Egreja. Accreditâmos que a humilhação, e o enfraquecimento moral do clero, d'ahi procedem em parte.

Mas no ponto, de que ora fallamos, outras contas, com reverencia, entendemos deverem pedir-se-lhe. É defensor nato da sociedade; representa o povo portuguez, catholico; tem a seu cargo velar pela religião do Estado; acha-se em relações, excessivas até, com o corpo docente da mesma; habituou-o a ouvir a sua voz ainda ácêrca de negocios que pertencem ao interior do templo: compete-lhe pois o direito, tem rigorosa obrigação, de excitar o mesmo corpo, por via de sérias observações e instantes recommendações, — a que os bispos sáiam, uma e muitas vezes, a visitar; procurem de conhecer *pessoalmente* as suas ovelhas; e de as fazer instruir, — por si mesmo, e pelos parochos, nas grandes verdades do catechismo, na sólida doutrina do Salvador, unico, mas firmissimo alicerce, de todas as virtudes moraes e politicas.

Grande fôrça teve sempre o exemplo. Se os subalternos e cooperadores, mais do que pelas palavras, forem instigados pelas obras dos superiores, honrar-se-hão, primarão, em seguil-os. Podem os seminarios, e as escholas magistraes, theorias optimas ensinar, que fortaleçam e adornem o espirito; só os exemplos dos pastores tocarão mui de veras (o que mais val) os corações. Em materias de religião sempre primeira a caridade; só depois, e com ella em estreita ligação, a theoria, a sciencia.

Algumas objecções presentimos; respondem-lhes a historia da Egreja, e os canones.

«É diminuta a congrua episcopal para sahir em visitação, e responder, com a generosidade de principe da Egreja, ás súpplicas dos pobres.»

Mas os Apostolos eram bem mais pobres. São-no ainda hoje os bispos, que curam das longinquas missões.

Uns e outros, davam e dão, como ensinára o sancto Tobias, muito, se por ventura, alguma vez, tinham ou tem muito; pouco do pouco. Isto pelo que respeita ao material; que das obras espirituaes, as quaes, como as consolações, o bom conselho, a paciencia, e o perdão, não carecem de congrua, derão sempre, e estão dando, com summa edificação e proveito, mais do que milhões.

Que diria D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, quando, a pé, apenas com o bordão do viandante, e o breviario do sacerdote, ou pizava as ingremes trepadas do Gerez, ou seguia as estradas de Trento, se alguem lhe suscitasse aquella difficuldade para a visitação?

E ainda quando a objecção procedesse a respeito do campo e das serras, como estender a sua fôrça á das egrejas, capellas, mosteiros, casas de beneficencia etc., da propria séde do prelado?

« Não ha quem queira vir, e mandar os filhos

á catechese; ninguem quer demorar-se, um pouco, á missa conventual, para ouvir o parocho; não se cumpre o que manda o concilio de Trento aos paes, para que enviem ahi alguma pessoa de suas familias.»

Se essas desculpas procedessem, cumprindo o pastor, d'um modo devido, sua alta missão, ficaria então demonstrada (por absurdo) a inefficacia da palavra, a nullidade do iman da humana voz, fallando ao coração dos assistentes!

E que tal aconteça; perguntâmos: — Responderá o parocho pelas suas obrigações; ou pelas dos outros, a que estes faltam, cumprindo elle de sua parte?

Firme no seu posto; cheio de doçura, paciencia e caridade, falle a voz de Deus — *ás paredes*, se os homens lhe fugirem; ensine um, dous, tres meninos, se os mais, ou antes suas familias, preferirem deixal-os jogar pedras no adro do templo: amenise a práctica, e o ensino; chame, em seu auxílio, o canto e a musica, a mais singela; imite o divino mestre, e deixe vir a si os pequeninos, pela edade, e pelos teres; seja verdadeiro pastor, e pae; e o resto, não lhe dê cuidado. Talvez que não tarde a achar-se estreito, ainda que mui largo, seja o templo.

«Mas fallar em público, ensinar ahi, carece de grandes conhecimentos. Vêde, como, por toda a parte, é raro o bom pregador; e vós quereríeis que, d'um jacto, todos os pobres curas se convertessem em Lacordaires, Venturas, ou Malhões?»

Responderemos com os canones, terminando estes já longos queixumes, não de contrário, senão d'amigo.

O concilio tridentino, Sessão 24 *de reformatione* cap. 14, manda que os bispos exerçam — *praedicationis munus*, QUOD EPISCOPORUM PRAECIPUUM EST — per si mesmos, não estando impedidos legitimamente, ou por outros, caso o estejam; e nas parochias, pelos parochos, — *saltem omnibus dominicis et solemnibus diebus festis*; e na quaresma e advento, se não todos, ao menos tres dias na semana, annunciando — *sacras scripturas et divinam legem.*

Mais adiante ordena que, ao menos nos domingos, e dias de festa, se ensinem aos meninos — *fidei rudimenta et obedientiam erga Deum et parentes.*

No cap. 2, da secç. 5, *de reformat.* mais explicitamente remove os falsos pretextos dos parochos negligentes: — *diebus saltem dominicis et festis solemnibus plebes sibi commissas* — PRO SUA ET EARUM CAPACITATE — *pascent salutaribus verbis, docendo quae scire omnibus necessarium est ad salutem, annunciandoque eis* — cum brevitate et facilitate sermonis — *vitia quae eos declinare, et virtutes, quas sectari oportet.*

O sacerdote, qualquer que seja, que não está habilitado, a todo o momento, para fallar dos rudimentos da fé, dos mandamentos de Deus e da sua Egreja, em linguagem breve, facil, clara, popular, que todos entendam, sem adornos de locução, como manda o concilio, accusa ou nos que lhe conferiram as ordens, ou na sua propria indolencia posterior, outros defeitos, perniciosissimos, de que não podemos, nem por ventura devemos occupar-nos agora.

Possam estas nossas sentidas maguas achar echo prolongado no seio da mesma classe, respeitabilissima, a quem principalmente se dirigem; e abundem, excedam, os exemplos, que nos convençam d'exaggerados; que seremos promptos a reconhecel-os e applaudil-os.

Viva uma vida toda evangelica; surja do abatimento, e da mudez, o nosso clero; vença, na palavra e na acção, os que mais se esmeram, nos outros paizes, em seguir as pisadas dos Apostolos: e goze então, vencedor dos perigos que o rodeiam a elle, e á Egreja, o respeito, a confiança e as bençãos do povo.

A. FORJAZ.

SCIENCIAS PHYSICAS E MATHEMATICAS

ESTUDOS SOBRE O GARROTILHO OU CRUP

MEMORIA APRESENTADA Á ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

POR

Antonio Maria Barbosa

Socio effectivo da mesma Academia, cirurgião honorario da camara de Sua Magestade Fidelissima, lente da eschola medico-cirurgica de Lisboa, cirurgião do hospital real de S. José, membro de várias associações scientificas nacionaes e estrangeiras, etc., etc.

Lisboa: Na Typographia da mesma Academia. 1861.

Formoso e bem fadado appellido é o de Barbosa, como que lhe anda associada a ideia de ingenho fino e primoroso.

É avultado o número de varões insignes, que, sob tão bella nomeada, logram distincto logar em nossa historia litteraria, e veio continuar esta serie veneranda o eximio auctor dos *Estudos sôbre o Garrotilho.*

Difficil, se não impossivel, é marcar a epocha em que o termo se incorporou na lingua; cremol-o tomado aos nossos vizinhos, entre os quaes, por mofina, ainda é frequente o genero de morte, de que o vocabulo se deriva.

É certo porém, que sómente no principio do seculo XVII apparece em escriptos scientificos, sendo, por ventura, já vulgar no ante-

cedente, como o foi no seguinte, segundo testificam Vieira e Cardoso.

Tractando este último, no *Agiologio Lusitano*, de Fr. José de Jesus Maria, diz-nos o seguinte:

« Dando em Fontarcada (sua patria) uma grande mortandade de *Garrotilho*, de que morreram muitas creanças, elle as acompanhou todas á sepultura; mas receando seus paes, que se lhe pegasse o mal, o mandaram para outro logar vizinho.[1] »

Foi a epidemia de Fontarcada anterior á que grassou em Olivença em 1626, de que o sr. Barbosa nos dá notícia; e, augmentando o número das já conhecidas, confirma a sua conjectura, de que seriam em o nosso paiz frequentes 'nesse tempo.

Com serem, porém, estas epidemias frequentes, nem por isso excitaram os antigos a escrever sôbre ellas, como deviam; contrista, em verdade, lacuna tão desairosa na historia da nossa medicina, quando tão rica se apresenta a bibliographia estrangeira.

Ditosa foi, todavia, a culpa, que mereceu tamanho redemptor, como, sob este respeito, o sr. Barbosa se nos ostenta. Não sómente remediou, com os seus *Estudos sôbre o Garrotilho*, a negligencia dos antigos, mas deu aos modernos uma monographia tão perfeita, como poderão requerel-a os mais exigentes.

Representando o estado actual da sciencia avaliado com fino descernimento, logrou ainda imprimir na sua obra o cunho de nacionalidade, que tão apreciavel é em todas as d'este genero: *é portugueza na linguagem, e portugueza, quanto o póde ser, na doutrina.*

Portugueza na linguagem dizemos; porque a não conspurcam os vicios communs na mór parte de nossos escriptores, que, em geral, transcuram a pureza de elocução como se lhes devesse merecer menos cuidado que o rigor do raciocinio e a solidez da doutrina: e portugueza, tambem, quanto o póde ser, na doutrina; porque, não se limitando á cópia servil das estranhas, estriba a que apresenta na práctica esclarecida dos nossos facultativos.

Constam os *Estudos sôbre o Garrotilho*, além da introducção, de nove partes distinctas: 1.ª Definição e Synonimia; 2.ª Historia; 3.ª Anatomia pathologica; 4.ª Etiologia; 5.ª Symptomatologia; 6.ª Diagnostico; 7.ª Prognostico; 8.ª Natureza; 9.ª Tractamento.

Já se vê, que á divisão de materias presidiu ordem e clareza, que transparece mais evidente nos varios capitulos, em que cada uma das partes se divide.

Na *Anatomia pathologica* tracta: 1.° da falsa membrana crupal, considerando-a nos seus caracteres physicos, microscopicos e chimicos; 2.° da mucosa subjacente; 3.° dos outros orgãos em relação aos aparelhos respiratorios, digestivo, circulatorio, urinario, e pelle.

Na *Etiologia* considera a edade, sexo, temperamento e constituição dos doentes, sua condição social, estações, temperatura, climas, recidivas, doenças anteriores, epidemia, contagio e infecção.

A infecção é demonstrada com argumentos exuberantes, deduzidos das estadisticas nacionaes e estrangeiras; nem póde ser rasoavelmente controvertida por quem examinar os factos á luz que os illumina.

Felizmente nenhum facultativo succumbiu ainda em Lisboa ao *Garrotilho*, contrahindo-o no exercicio clinico; o joven professor da faculdade de medicina, o Dr. Antonio Carlos de Guimarães Moreira, é o unico ferido, de que temos notícia.

Em oito dias se extinguiu a existencia do nosso condiscipulo; ao terceiro de seu padecimento julgou-se melhor, nutriu esperança de restabelecer-se; passado, porém, esse relampago de esperança, avizinhou-se a morte a passo accelerado, precedendo-a delirio constante.

O dia 2 de novembro de 1847 ainda o viu raiar o doente; mas quando á tarde se cravou o sol no horizonte, os olhos do martyr estavam fechados para sempre, e os sinos, que em toada lugubre convidavam em toda a Coimbra os christãos a fazer preces pelos finados, já tambem pediram orações pela alma d'esta victima generosa da mais nobre dedicação, do mais sublime dever.

Comprehende a *Symptomatologia* quasi metade dos *Estudos sôbre o Garrotilho*, e não é maravilha; porque, sendo uma das partes mais importantes d'esta monographia, era de todo o ponto indispensavel, que tivesse o desinvolvimento, que lhe competia.

Em quatro periodos divide o sr. Barbosa o *Garrotilho*: o 1.° é caracterisado por certo número de symptomas geraes e locaes, que de ordinario precedem a affecção da larynge; o 2.° é constituido por symptomas referidos á larynge sem accessos de suffocação nem dyspnêa; o 3.° principia com a dyspnêa, e termina com a manifestação dos primeiros phenomenos asphyxicos; 4.°, finalmente, indica-o a dyspnêa continua com symptomas asphyxicos.

Tracta, além d'isto, da incubação, marcha, duração e terminação da molestia, das suas fórmas e complicações.

O periodo, que decorre, desde a acção da causa morbigena até ás primeiras manifestações da doença, ou a *incubação*, varía dentro dos limites da das febres eruptivas, e da maior parte das febres virulentas.

A *marcha* é variavel, segundo é primitivo ou consecutivo o crup, mas essencialmente aguda.

A *duração* é geralmente de sete a nove dias;

[1] *Agiologio Lusitano pelo Licenciado Jorge Cardoso, tom.* 1, *pag.* 221.

ha, comtudo, casos, em que o morbo percorre em dois dias todos os seus periodos até á asphyxia, ou á infecção, o que, todavia, é mui raro. Citam-se mesmo casos fataes em um só dia de duração; assim como se apontam exemplos de haver persistido a molestia vinte e cinco, e trinta dias, mormente quando é consecutiva a anginas diphtericas, e quando a terminação é favoravel.

Em quanto ás *fórmas* o sr. Barbosa menciona o *crup simples, localisado*, ou *commum;* e o *crup infectuoso, generalisado* ou *maligno,* reputando, todavia, estas duas fórmas expressão da mesma doença.

Crêmos, que o eximio auctor dos *Estudos sôbre o Garrotilho* foi o primeiro, que, em o nosso paiz, definiu estas duas fórmas distinguindo-as convenientemente.

E esta distincção é de summa importancia para a indicação e prognostico da tracheiotomia no crup.

Em verdade, se esta operação não póde destruir o modo de ser particular da séde das exsudações, para o dizer assim; se o morbo não consiste nas concreções plasticas, nas pseudo-membranas, que são meros effeitos d'aquelle modo de ser; se ha evidentes signaes de intoxicação geral, coincidindo com aquellas manifestações morbidas; está claro, que deve considerar-se contra-indicada, neste caso, a tracheiotomia, que removeria, por algum tempo, um embaraço mechanico, mas deixaria incolume a causa, que o produziu, continuando com a aptidão para reproduzil-o.

Foi, sem dúvida, por não se haverem determinado, como deviam, estas duas fórmas de crup, que alguns dos nossos cirurgiões, aliás habilissimos, proscreveram, em *todos* os casos, a tracheiotomia, acoimando-a de perigosa e inutil.

Em duas ordens divide o sr. Barbosa as *complicações do* crup; na primeira comprehende a angina e coriza diphterica, a diptheria cutanea, a bronchite pseudo-membranosa etc. quando manifestadas posteriormente á invasão da larynge; na segunda colloca, como principaes a bronchite, pneumonia, tosse convulsa, e emphysema pulmonar, a enterite, as febres eruptivas, a molestia de Bright, etc.

Escriptos no seu verdadeiro estylo, os quadros symptomaticos fazem recordar, pelo seu admiravel atticismo, os primorosos traços das pennas de Cullen e Pinel; e são fielmente copiados de vinte quatro observações interessantissimas, sôbre as quaes se baseia, principalmente, a historia da diphteria.

O *diagnostico do Garrotilho* não é, geralmente, difficil, todavia o sr. Barbosa, para discriminal-o das molestias, com que podia confundir-se, ennumera-as com as respectivas caracteristicas, mencionando, além d'isto, os *accidentes consecutivos*.

São frequentes estes accidentes, porque epidemias têm havido, em que o terço ou metade dos doentes, que escaparam aos primeiros perigos do *Garrotilho*, apresentaram depois as perturbações de sensibilidade, e movimento, que caracterisam os phenomenos secundarios da diphteria.

Apparecem os primeiros accidentes no veu palatino e pharynge, manifestando-se a paralysia muitas vezes no decurso da angina, mas pronunciando-se mais distinctamente no fim de oito ou quinze dias.

São acommettidos, em segundo logar, os membros inferiores (*paraplegia*), e nos adultos tambem, algumas vezes, se enfraquece a inervação genital (*amaphrodisia*).

Ao mesmo tempo, e muitas vezes antes de tomados os membros inferiores, manifestam-se perturbações na visão (*presbyopia, amblyopia, hemeralopia*), e na direcção do ôlho (*estrabismo*).

Em quarto logar são invadidos os membros superiores; e por último os musculos do tronco e dos orgãos respiratorios.

O Sr. Barbosa descreveu todas estas especies de accidentes, considerando cada uma d'ellas de per si. E crêmos, que foi, tambem este insigne pathologista o primeiro, que, entre nós, observou e fez conhecido este genero de paralysias, que bem podem chamar-se diphtericas.

O *prognostico* é gravissimo, porque este morbo é fatal á mor parte dos invadidos; mas a gravidade augmenta ou decresce, confórme o número e qualidade das circumstancias, que o revestem, e d'estas circumstancias fez o sr. Barbosa a apreciação devida.

Sôbre a *natureza do Garrotilho* expõe o insigne pathologista uma theoria, que havemos pela mais racional e verosimil, a unica acceitavel em nosso humilde parecer: considera-o como uma molestia geral, especifica, infectuosa, em que as manifestações locaes se desinvolvem particularmente sôbre a mucosa da larynge, tendo por causa um principio morbido, um *virus* especial, que é o da diphteria, qualquer que seja a séde e a extensão das suas manifestações locaes; apresentando-se, umas vezes, benigna, outras vezes grave, do mesmo modo que as bexigas, a escarlatina, o sarampo, a febre amarella, etc.; sem que, todavia, a substancia, a natureza da doença seja por isso differente.

É a mais philosophica interpretação dos factos, concactenados por ligações tão naturaes e estreitas, que o nosso espirito sem o minimo esfôrço os comprehende e avalia nas suas relações intimas.

Ao *tractamento do Garrotilho* dedica o sr. Barbosa a última parte da sua Memoria; como porém naturalmente se divide em tractamento medico e tractamento cirurgico, do primeiro se occupa exclusivamente, reservando o segundo para outro escripto.

Se nos artigos, que havemos percorrido, admirámos a perspicuidade e erudição do illustre professor ulisiponense, 'neste resplandece, de um modo singular, o bom senso, o tino práctico, o genio observador do distincto facultativo.

Não tomou a seu cargo indicar os numerosos medicamentos, que os medicos de várias escholas e paizes hão prescripto no *Garrotilho*; facil seria a tarefa, que bem coordenados os acharia até em obra portugueza mui conhecida. Mais transcendente foi a empreza; propoz-se descrever o methodo therapeutico, que tem empregado nos doentes affectados de crup entregues aos seus cuidados e vigilancia.

Entre os meios geraes usa dos sudorificos, ligeira infusão de tilia, de flores de borragem, no primeiro periodo da molestia, quando ainda não se manifestam os phenomenos diphtericos locaes.

Emprega uma, duas, e mais vezes, por dia, os vomitivos (*tartaro emetico* e *ipecacuanha*, de per si, ou reunidos, juntando, algumas vezes, como coadjuvante, ou para facilitar a administração ás creanças, o xarope da última substancia), quando a doença está ainda limitada á pharynge; emprega, tambem, vomitivos, quando já está invadida a larynge.

D'entre os alterantes usa, com preferencia, o chlorato de potassa tanto no crup, como na angina diphterica, até que haja albuminuria, que não possa explicar-se por congestão dos rins, mas seja effeito da alteração no sangue, e que o estado geral reclame o tractamento tonico.

Apesar, porém, da confiança, que lhe merece este sal tão *preconisado*, emprega-o sempre concurrentemente com os emeticos, e os topicos catherticos.

Abstem-se de preparados mercuriaes, pelas razões que apresenta, com referencia á sua acção sôbre a crase do sangue, tornando-o mais liquido, e menos plastico, as quaes são bem adduzidas e concludentes.

Proscreve a medicação anti-phlogistica, e, consequentemente, as sangrias locaes e geraes, as ventosas sarjadas, etc., como contraindicada pela natureza da molestia; e pelo mesmo motivo rejeita toda a classe de revulsivos.

O tractamento essencial, de que não prescinde, é o topico, e preenche-o com catherticos e adstringentes: dos primeiros usa, com preferencia, o nitrato de prata solido, ou em solução concentrada; dos segundos o alumen e o tannino.

Applica o alumen junto ao mel rosado em proporções eguaes, ou uma parte do sal para duas de vehiculo, sôbre toda a garganta com pincel de fios, ou com as barbas de uma penna de escrever, de duas em duas horas, no intervallo das cauterisações.

Usa algumas vezes, com egual vantagem, o tannino com o mel, ou com agua distillada.

De todos estes medicamentos justifica as indicações, prescreve o modo de preenchel-as, explicando a sua acção, determinando as doses e tempo em que devem exhibir-se, e examinando ainda o valor therapeutico de outros havidos como presentaneos; nós é que não podemos acompanhar o A. dos *Estudos sôbre o Garrotilho* 'nestas discussões utilissimas, sem transcender os limites, que nos havemos prescripto.

Deligenciámos, ainda assim, referir o mais importante, não tanto para satisfazer a curiosidade do leitor, como para incital-o a conhecer de perto obra de tamanho preço, sem dúvida a mais excellente, no seu genero, da moderna litteratura medica comtemporanea.

Promette-nos o benemerito professor outra memoria sôbre a *tracheiotomia* no Garrotilho. Ninguem conhecemos no paiz mais competente para a escrever por seus peculiares conhecimentos.

E folgaremos que em breve se publique, illustrando-a com estampas para mais facil intelligencia.

Possuiremos então um corpo de doutrina sôbre o *Garrotilho*, como, por ventura, não possuem os estranhos.

E creia o sr. Barbosa, que, erigindo com estes escriptos perduravel monumento ao seu nome, tambem presta á humanidade relevantes serviços.

Quizeramos vêl-os remunerados condignamente, não com a mera approvação, aliás muito apreciavel e lizonjeira, da Academia Real das Sciencias, mas com algum d'esses testimunhos solemnes de reconhecimento, com que os poderes publicos, em nome da sociedade, que representam, galardoam os escriptores eminentes, nos paizes, onde se prezam as sciencias.

F. A. R. DE GUSMÃO.

BREVE NOTÍCIA DO GABINETE CHIMICO DA FACULDADE DE MEDICINA

Esta Faculdade tem dado aos seus estudos o caracter práctico, que as necessidades da época imperiosamente reclamam; no que mostra comprehender o seculo em que vivemos. Novos instrumentos enriqueceram a collecção dos existentes em estabelecimentos já creados. Mas não se tem limitado a isto todo o empenho da Faculdade de Medicina.

A Cadeira de Jurisprudencia Medica no que respeita á toxicologia, e policia medica, não póde bem estudar-se sem ensaiar practicamente os processos, e meios aconselhados pelos diversos medico-logistas para a investigação dos venenos, falsificação e sophystica-

ção das substancias alimentares, etc. A physiologia experimental, engrandecida pelo genio de Cl. Bernard, dando a solução de muitos problemas, que agitavam o mundo scientifico, e traziam em campos oppostos physiologistas do maior nome, tem constituido uma parte importante e indispensavel do ensino da physiologia humana.

A histologia tem tomado tal desinvolvimento; as observações microscopicas, ajudadas pelas acções chimicas, têm esclarecido tanto a estructura intima da organisação do homem, e a delicada textura dos tecidos, que compõe os diversos orgãos, a fórma, e volume dos seus elementos anatomicos; que se tornava urgente, a creação na Faculdade de Medicina d'um gabinete. que, especialmente dedicado á medicina legal, prestasse aos outros estabelecimentos todos os auxilios de que elles carecessem.

Coube ao illustre Professor da nossa Universidade, o Sr. Dr. José Ferreira de Macedo Pinto, a iniciativa sôbre objecto de tanta ponderação; e a Faculdade de Medicina, approvando a organisação do gabinete de Chimica, deu occasião a que o Sr. Dr. Macedo, mais uma vez, fôsse util ao seu paiz.

Começada a organisação do Gabinete de Chimica Medica, no anno lectivo de 1858 a 1859, progrediu de tal sorte no seu engrandecimento, que, logo no primeiro anno, e posteriormente em maior escala, tem sido o theatro das investigações toxicologicas, para a instrucção práctica dos alumnos do 5.° anno medico; dos ensaios de chimica anatomica, e das experiencias de physiologia, para a confirmação dos trabalhos mais modernos, sôbre estes importantes ramos dos conhecimentos medicos. Grande número das experiencias de Cl. Bernard e de Kölliker têm sido confirmado pelos sabios Professores de Physiologia e de Anatomia os Srs. Drs. Mello e Costa Simões.

O Gabinete de Chimica Medica compõe-se de duas salas: uma destinada para Gabinete propriamente dicto e aula, outra para Laboratorio chimico. É na primeira que se acham depositados em armarios, e estantes appropriadas, todos os apparelhos, utensilios e reagentes necessarios para as analyses tanto organicas como inorganicas. A segunda é destinada exclusivamente para trabalhos practicos.

Percorrendo os armarios e as estantes, encontra-se numerosa collecção de reagentes os mais puros, preparados nos laboratorios mais accreditados de Paris e Londres.

Chamam a attenção do observador os seguintes objectos: a máchina pneumatica para a evaporação no vacuo, o barometro de Fórtin, o hygrometro de Saussure, a lampada do esmaltador, uma rica collecção de areometros, e de thermometros, a balança d'analyse, a pilha de Bunsen com dez elementos, a pilha de Smithson, o eudiometro de Bunsen, o quinimetro de Glénard, e Guilhermond, o acetimetro de Reveil, o alcohometro de Gay Lussac, o alkalimetro de Descroisilles, e muitos outros apparelhos proprios para anályses.

O apparelho extractor de Payen, o apparelho de Donny para os ensaios das farinhas, o oleómetro de Lefevre, o elaiometro de Gobbley, o lactodensimetro, e cremometro, o chlorometro de Gay Lussac, o sulphydrometro de Dupasquier para a anályse das aguas sulphuricas, formam a collecção dos instrumentos appropriados para a anályse da sophisticação das substancias alimentares, e para a das aguas medicinaes.

Entre os instrumentos encontram-se tambem o galvanometro, a sonda de Bernard, o microscopio chimico de Nachet, e a caixa de dissecção de Cl. Bernard.

Enriquece este gabinete, que a Faculdade de Medicina se deve ufanar de possuir, uma rica collecção de objectos de vidro, porcelana, e gres, etc., parte vindos de Paris, outros já fabricados nas officinas nacionaes. Encontram-se 'nelle tubos d'ensaio, frascos graduados, tubos de vidro de todas as dimensões, retortas, tubos de Liebig, tubos de segurança, medidas de capacidade, frascos e balões com tubuladura, e outros bitubulados, syphões, capsulas de vidro, e porcelanas, etc., etc.

Uma collecção dos venenos conhecidos, classificados segundo a ordem do compendio adoptado para ensino, acham-se dispostos em estantes appropriadas para tornar mais facil aos alumnos o conhecimento d'estas substancias.

Tal é o estado em que se acha o gabinete de Chimica Medica. Com tão pouco tempo de existencia, com uma dotação limitadissima, era impossivel fazer mais. Os esforços do Sr. Macedo Pinto acham-se coroados do mais feliz resultado; e a faculdade de medicina conhece já as vantagens, que para o ensino lhe proporciona este estabelecimento.

Muito ha ainda que fazer. É este um estabelecimento, que jámais se póde dizer completo. Deve acompanhar a sciencia na sua marcha sempre progressiva; por isso é necessario que novos apparelhos e instrumentos augmentem a rica collecção, que já possue.

F. A. ALVES.

PTERIS ARGUTA. Vahl.

É mencionada esta planta no *Catalogus Plantarum Horti Botanici Medico-Cirurgicae Scholae Ulisiponensis*, publicado em 1852, na grande secção das plantas *Acotyledoneae Vasculares, Ordo—Filices, Sub-Ordo—Polypodiaceae, Tribus—Pterideae*, sob o número 1771.

O Dr. Felix Avellar Brotero não a comprehendeu na *Flora Lusitanica*, mencionando

aliás a *Pteris aquilina*, de que o Dr. Jeronymo Joaquim de Figueiredo tambem tractou na *Flora Pharmaceutica e Alimentar Portugueza*, e nenhuma outra especie d'este genero.

Escrevendo aquelle celebre Botanico, em 6 de agosto de 1811, ao Dr. Vallorado, que 'nesse anno havia encontrado a *Pteris arguta* na serra de Cintra, diz-lhe o seguinte:

«Eu não pude ver as descripções, nem estampas d'este novo genero, mas pelos poucos livros, que li na Bibliotheca da nossa Academia de Lisboa, acho que a fructificação é sómente posta em uma borda dos foliolos, o que não convém á nossa planta. Eu julgo, pois, que é uma especie de *Pteris*, a que devemos chamar *Pteris Lusitanica*, muito analoga á *Pteris comans* dos Botanicos Austriacos.»

Conserva em seu poder o nosso amigo, o sr. Manuel Bernardo Lopes Fernandes, um exemplar d'esta planta pegado com gomma a um papel; e 'neste papel se acham as seguintes noticias escriptas pelo Dr. Vallorado:

«*Pteris Lusitanica*. Brotero.»

«Primeiro exemplar muito imperfeito, e por isso offerece muitas variantes. Muito analogas á *Pteris comans* dos Botanicos Austriacos, ultimamente reconhecida por Brotero. *NB*. A fructificação é coberta com uma grande e notavel membrana dobrada para baixo, como na Avenca. *P. S.* Esta mesma circumstancia tenho notado depois na *Pteris aquilina* — Linn.»

«*Pteris palustris* — Wildenow, pag. 379.
«*Filix lusitanica non ramosa palustris*. Tournefort.
«*Asplenium Filix femina*.
(*Pteris palustris*. Poir.)
Sprengel, tom. 4, pag. 88.

«Encontra-se na serra de Cintra, e alli mesmo é rara. *NB*. Ou esta planta não está bem determinada, ou é ainda pouco conhecida dos Botanicos. Tournefort, que herborisou em Portugal, parece que a reconheceu e deu-lhe o nome de *Filix Lusitanica*. Talvez só indigena da serra de Cintra; encontrei-a só em dois logares.»

Em uma carta, que em 1844 escreveu ao mesmo nosso amigo o sr. Dr. Friedrich Welwitsch, naturalista bem conhecido no nosso paiz pelos seus preciosos trabalhos botanicos, diz o seguinte:

«Remetto uma nova exposição de todos os fetos até agora descriptos conforme ás nervuras da fronde, obra que foi publicada, ha pouco, pelo meu amigo Presse em Prague (Bohemia), e aonde encontrou a *Pteris palustris* como novo genero: *monogonia* Presse —. Mas parece-me sempre que o auctor foi enganado pelo herbario de Wildenow em Berlim, aonde qualquer outra especie de fetos com o nome de *Pteris palustris* está collocada; pois a nossa Pteris é sem dúvida a *Pteris arguta*. Vahl.»

No mesmo Wildenow, a pag. 387 e 388, se acha:

Pteris arguta. *Habitat in Canariis Azoribus, Arabia felici*. ♃ (v. s.).

Com este mesmo nome de *Pteris arguta* recebeu o nosso amigo, com outras plantas seccas, um exemplar da Ilha de S. Miguel, perfeitamente egual ao de Cintra.

Devemos, pois ao Vallorado a descoberta d'esta planta, a qual, sendo desconhecida do Dr. Brotero, foi ultimamente determinada pelo sr. Dr. Welwitsch.

Persuadiu-nos a publicação d'estas noticias a, que lemos no *Conimbricense* n.° 785, de que se achava encarregado de coordenar a nossa Flora o sr. Carlos Maria Gomes Machado, sendo em tão difficil como gloriosa empresa subsidiado pelo Governo.

Poderá, por ventura, tirar algum proveito d'estes esclarecimentos, que divulgâmos em graça de todos os que amam e cultivam este formoso ramo de conhecimentos.

F. A. R. DE GUSMÃO.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

TRADUCÇÃO DOS PRIMEIROS 67 VERSOS DA ILIADA

Do filho de Peleu, do féro Achilles,
Ó Musa, canta a cholera funesta,
Causa de males mil ao povo Achivo,
E que tantas de heroes inclytas almas
Ao inferno arrojou, seus corpos dando
Em pasto aos cães e ás aves de rapina
(O que a Jupiter prouve, assim cumpriu-se)
Desde que, porfiando a vez primeira,
Em discordia fatal se separaram
O Atride, rei dos reis, e o divo Achilles.

Quem á lide impelliu os dois guerreiros?
De Jupiter o filho e de Latona,
Que contra Agamemnón, em ira aceso,
Lethal morbo espalhou na grega armada:
Victimas d'elle, aos centos, succumbiam;
Porque o filho de Atreu desacatára
Ao sacerdote Chryses. Supplicante,

Este viera ás naus da fróta Argiva,
A filha a libertar, offerecendo
Riquissimo resgate. Um sceptro d'ouro
Na mão trazendo, e as fachas consagradas
Do jaculante Apollo, aos Gregos todos,
Mórmente aos dois Atrides, que das hostes
Eram chefes supremos, dirigia
Taes rogos: « Ó de Atreu preclaros filhos,
« E todos outros vós, guerreiros Gregos,
« Praza aos Deuses do Olympo habitadores,
« Que possaes derribar de Troia os muros,
« E incolumes volver aos patrios lares;
« Mas entregai-me, livre, a cara filha,
« E o resgate acceitae que vos eu trago,
« Honrando em mim, o longe jaculante
« Filho de Jove, poderoso Apollo. »
Que se honrasse de Phebo o sacerdote,
Que acceito fosse o 'splendido resgate,
Taes dictos escutando, o campo Argivo,
Unanime, approvou; mas não aprouve
Tal voto a Agamemnón: antes, iroso,
O antiste despediu, accrescentando
Ao acto immite desabridas vozes:
« Não aconteça, ó velho, que te encontre
« Outra vez ante as naus... Sem mais demora
« Parte, e não voltes, que de nada o sceptro
« Te aproveitára, nem do Nume as fachas.
« Sabe que á tua filha eu liberdade
« Não quero dar, primeiro que envelheça
« Longe do ninho seu, no sólo Argivo,
« Occupada em tecer no nosso alcaçar,
« E em preparar meu thalamo. Desejas
« Salvo regresso? Vae-te, e não me irrites. »
Assim o rei failou. Prestes, tremendo,
O velho obedeceu. Calado, foi-se
Do fluctisono mar buscando as praias:
Depois, já longe, da gentil Latona
Ao filho, ao louro Apollo, estas envia
Férvidas, preces: « Meu clamor escuta,
« Ó Smintheu nume; tu que sempre armado
« Do arco de argento, a Chrysa, e a fertil Cilla
« Te dignas proteger; tu que dominas,
« Rei poderoso, em Tenedos suberba;
« Se ao teu annoso templo, excelso tecto
« Eu puz outr'ora, se de bravos touros,
« Se de gado caprigeno, 'noutr'ora
« Pingues côxas queimei nos teus altares,
« Este voto me cumpre: as tuas settas
« Façam caro pagar ao Danao povo,
« (Justa vingança) as lagrimas que choro. »
Assim o antiste orou. Apollo ouviu-o,
E do cimo do ceu desceu em furia,
Arco e aljava, de settas atochada,
Trazendo aos hombros: do irritado Phebo
Sôbre os hombros as settas retiniam,
No rapido correr. Eis se adianta,
Á noite similhante, involto em trevas:
Longe das naus se assenta, e um dardo lança.
O arco de argento dá sonido horrendo.
O arremessão fatal fere primeiro
Mulos e pérros: alvo os homens logo
São das settas lethiferas do Nume.
Ardem aqui e alli no campo Achivo
Funereas pyras cem, com luz infausta.
Sôbre elle dias nove as settas voam
Do Deus que espalha, assim, terror e morte.
O bravo Achilles, no dezeno dia,
Os Gregos capitães chama a conselho,
Inspirado por Juno, a quem pezava
A desventura atroz do Danao povo.
Logo que juntos são, ergue-se Achilles:
« Filho de Atreu, exclama, agora eu temo
« Que errantes sôbre o pelago, de novo
« Hajamos de volver aos nossos lares,
« (Se escaparmos da morte ao duro golpe)
« Pois peste e guerra, a um tempo, nos flagellam.
« Algum augur, portanto, ou sacerdote,
« Ou de sonhos interprete, busquemos
« (Pois por sonhos, tambem, nos falla Jove)
« Que a causa nos declare, a fatal causa,
« De tamanho furor de Phebo Apollo:
« Se um não cumprido voto o torna adverso,
« Se lhe é devida esplendida hecatomba,
« Ou se de pingues, escolhidas rezes
« Um sacrificio quer, com que se applaque,
« E para longe affaste a infanda peste. »

A. J. VIALE.

BREVIDADE DA VIDA

POR

SIMONIDES

Não ha para os homens – estavel ventura –
O bem pouco dura – vem prestes o mal.
« Das folhas das plantas – semelha ao destino –
« O fado mofino – da raça mortal »
Meonia sentença! – Quão poucos humanos –
Nos flóridos annos – se lembram de ti!
Sonhando delicias – o moço descança –
Que doce esperança – fagueira lhe ri.
Planeia, embebido – na dita que gosa –
Na quadra viçosa – projectos aos mil:
E vem, entretanto – frustrar-lhe os intentos, –
Com passos não lentos – a edade senil.
Em tal não cogita – são, válido, e forte –
Não pensa na morte – não teme o porvir.
Ah!, miseros, tanto – fortuna inconstante –
Que brilha um instante – vos póde illudir!
Da humana cobiça – que valem desvelos –
Os annos mais bellos – quão cedo se vão!
Gosae – vêm achaques – e a morte não longe –
Ah! não vos lisonje – funesta ambição![1]

A. J. VIALE.

[1] Traduzi para os alumnos de minha aula estes versos, por serem o mais gabado fragmentos dos poucos que nos restam das poesias de Simonides. Considerei este trecho debaixo do aspecto litterario, e tive o devido cuidado de fazer observar a conformidade da philosophia edonica do lyrico de *Ceos*, com a do impio cujos conselhos: *coronemus nos rosis antequam marcescant*, etc., são tão poeticamente amplificados, e tão vigorosamente combatidos, nos primeiros capitulos do sagrado livro da *Sabedoria*.

DOCUMENTOS PARA A HISTORIA DO SANCTO OFFICIO EM PORTUGAL

IV

De quanto era simples e economico o antigo systema medico-infernal — Provas infalliveis dos contractos com Barrabaz — Feiticeiros e benzedeiros — Scenas edificantes de justiça e caridade inquisitorial.

1735

SENTENÇA DA INQUISIÇÃO DE LISBOA [1]

Accordam os Inquisidores, Ordinario, e Deputados da Sancta Inquisição, que, vistos estes autos, culpas e confissões de Francisco Barbosa, pedreiro, natural da freguezia de S. Pedro do Pico, Concelho de Coura, arcebispado de Braga, degradado na galé de Lisboa Oriental — porque se mostra que, sendo christão baptisado, obrigado a ter e crêr tudo o que tem, crê, e ensina, a Sancta Madre Egreja de Roma, e dar com sua vida e costumes bom exemplo, e não usar de curas e artes falsas, vans, supersticiosas e diabolicas, nem ter pacto e amisade com o demonio, nem o adorar, tributando-lhe cultos e adorações, e offerecendo-lhe resas e o seu sangue, esperando d'elle a salvação, que só devia pedir e esperar de Deus N. S., e não se apartar da nossa Sancta Fé Catholica, elle o fez pelo contrário, e de certo tempo a esta parte esquecido de sua obrigação, com pouco temor de Deus e da justiça, em grave damno e prejuizo de sua alma, com escandalo geral dos fieis, se jactava de feiticeiro, promettendo que no mesmo instante faria apparecer na presença de certas pessoas outras, que assistiam em terras mais remotas, e para este effeito e outros fins tomava medidas ao corpo de certas pessoas com uma linha, que depois mandava queimar. — E para saber se outra certa pessoa, que assistia fóra do reino, viria para sua casa brevemente, lançava sortes com certas ceremonias, e, levantando as mãos para o ceu, dizia *que.... certa pessoa haveria carta*, inculcando que sabia o que continham algumas sem as lêr.

Tambem se gabava que sabía fazer encantos, e desfazer feitiços, obrigando a vir á sua presença a pessoa, que os tinha feito, ainda que estivesse dormindo, sem usar para éste fim do favor do demonio, mas sim de suas artes, que aprendêra com certas pessoas. E para cortar feitiços usava de tomar as dictas medidas, bençãos e palavras, e dava parte das medidas para se queimarem, e a outra parte entregava á pessoa inferma para a trazer ao pescoço, e lhe mandava tomar banhos de maceira, compostos de tres castas de hervas differentes, e que tudo se lançasse em uma panella e depois em um rio corrente sem olhar para traz.

E para degradar sombras, depois de várias cruzes e lançar agua benta por toda a casa, dizia as palavras seguintes: *eu te requeiro da parte de S. Pedro, de S. Paulo, e de todos os Sanctos, que me acompanhes para qualquer parte que eu for.*

Promettia tambem descobrir thesouros e muitas leguas de minas, para o que se servia de um livro, que tinha, e convidou muitas pessoas d'ambos os sexos, assegurando-lhes *que dentro de um mineral achariam doze mouros muito bem adereçados com seus espadins nas mãos, e outras tantas mouras muito bem adereçadas com muitas peças d'ouro e diamantes, o que tudo se havia de repartir entre elle R. e as dictas pessoas que o acompanhavam, e que, despojados os dictos mouros e mouras, cahiriam logo por terra e se reduziriam a cinza, e entrariam novamente a repartir entre si copiosissimos thesouros, que alli se achavam.*

Pelas quaes culpas sendo o R. prêso nos carceres do Sancto Officio, e na Mesa d'elle com muita caridade admoestado as quizesse confessar para descargo de sua consciencia, salvação de sua alma, e bom despacho de sua causa — disse e confessou que, de certo tempo a esta parte, sendo procurado para descobrir onde havia thesouros e minas, ajustou com certas pessoas de um e outro sexo o entrarem nessa empresa, e, para melhor introduzir o seu engano, mandava aos homens, que haviam de ir em sua companhia, que por certo número de vezes beijassem as espadas, e as pozessem nuas no chão, e ás mulheres media por várias partes de seu corpo, recommendando-lhes muito que levassem as taes medidas comsigo, porque nas partes em que estavam as minas, lhes havia de repetir e tomar-lhes medidas com as mesmas. E perguntando-lhe uma das dictas pessoas *se haviam de levar sacos para conduzirem os thesouros*, o R. lhes respondeu, *que no sitio das minas havia grande provimento d'elles.* E, fazendo todos a jornada, tanto que chegaram perto do sitio, em que dizia estarem os thesouros, se retirou elle R. sem dizer cousa alguma aos companheiros.

E costumava tambem *cortar o ar* usando de medidas, cruzes, signos-saimões, e palavras em nome da SS. Trindade: e a varios infermos applicava lavatorios de certas hervas, recommendando-lhes muito que depois se lançassem em um rio corrente com a mão direita, e voltassem sôbre a esquerda.

Para cortar sombras se valia de cinza peneirada, que lançava para o ar, dizendo: *eu*

[1] No Ms. da Bibliotheca da Univ. n.° 156, com a indicação — *Sentença de Francisco Barbosa, de alcunha o Tio de Massarellos, relaxado por feiticeiro em Lisboa. Sahio no auto de 24 de julho de* 1735, *de idade de* 55 *annos* — faltam as assignaturas dos Inquisidores, e o accordão da Relação, que á sentença mandou dar cumprimento.

te degrado, sombra, pela graça de Deus, e de S. Pedro e de S. Paulo. E, sendo perguntado pelo estado de certas pessoas, que assistiam em terras remotas, respondia que não só estavam vivas mas ricas, para o que industriosamente se valia d'umas sortes de papel para confirmar os seus enganos.— Que estas eram as culpas, que havia commettido, *movido sómente da sua miseria e pobresa*, e que de todas estava muito arrependido, e d'ellas pedia perdão e misericordia.

E sendo o R. examinado pela materia de suas culpas e confissões, em que se achavam muitas faltas, diminuições e inverosimilhanças, foi novamente admoestado para que acabasse de confessar inteiramente, e a verdadeira tenção com que as commettêra —'Nestes termos disse elle R. que, antes de principiar suas curas e embustes, tivera repetidos sonhos, em que se lhe representava o descobrimento das dictas minas e thesouros, e que via ao mesmo tempo *um vulto com cabeça negra, vestido de branco*, o qual lhe approvava o seu modo de curar, e lhe promettia muitas cousas se quizesse ser seu, a elle R. nos mesmos sonhos se lhe offerecia por tempo de nove annos se cumprisse as promessas, que lhe fazia.

E, passado certo tempo, levantando-se o R. da cama, lhe appareceu o demonio visivelmente, *vestido de branco e a cabeça descoberta*, e promettendo-lhe tudo o que o R. quizesse, desapparecêra de repente, o que fez em outra occasião sómente para que se não confessasse nem tractasse das cousas de Deus; e, continuando mais vezes em lhe apparecer, lhe pediu em uma d'ellas que o adorasse e reconhecesse por Deus, entregando-lhe *a alma e uma gôta do seu sangue*, a qual elle R. lhe deu, e o demonio lh'o tirou com *um alfinete, do dedo minimo*, que levou comsigo, e lhe tornou a recommendar que se não confessasse, nem tractasse das cousas de Deus, nem crêsse no mysterio da SS. Trindade, nem em Christo S. N. e Sacramentos da Egreja, e só a elle reconhecesse e adorasse por Deus, offerecendo-lhe as suas resas para o salvar; ao que tudo elle R. satisfez, offerecendo-lhe o rosario, que muitas vezes resava — e a crença de taes erros lhe durou até certo tempo que declarou.

E, continuando o Sancto Officio em admoestar o R. com muita caridade, para que dissesse sómente a verdade, não impondo a si testimunho falso, confessando verdadeiramente as suas culpas, para se podêr usar com elle da misericordia, que a Sancta Madre Egreja costuma conceder aos bons e verdadeiros confitentes — respondeu, que tudo o que tinha dicto e confessado era pura verdade, e de todo o coração detestava suas horrorosas e abominaveis culpas, e esperava de Deus o perdão, e que a Mesa do Sancto Officio usasse com elle de misericordia.

E por parecer que estava de coração arrependido e convertido á nossa Sancta Fé Catholica, foi recebido ao gremio e união da Sancta Madre Egreja, e com *hábito penitencial, carocha e rotulo de feiticeiro*, foi levado ao auto público da Fé, que, no terreiro de S. Miguel da cidade de Coimbra, se celebrou em 8 do mez de outubro de 1730, onde ouviu sua sentença, e foi açoutado pelas ruas públicas da dicta cidade, e que não entrasse mais na do Porto e seus suburbios, e degradado por tempo de cinco annos, absoluto da excommunhão maior, em que tinha incorrido.[2]

E, devendo elle R., em observancia do que prometteu em sua abjuração, apartar de si toda a especie de heresia e apostasia, e detestar como abominavel todo o tracto e communicação com o demonio, houve informação no mesmo Sancto Officio que elle R... reincidira nas mesmas culpas, que tinha abjurado, por quanto, sendo chamado para curar certa pessoa do sexo feminino, que padecia várias queixas, lhe disse *que lhe mostrasse o braço esquerdo*, e, apalpando-o no sangradouro sôbre a carne, affirmou *que a dicta pessoa tinha feitiços, porém que logo lh'os tiraria dentro de breve tempo*, e para isto pediu certa quantia de dinheiro em varios trocos, porque era assim necessario para lançar umas sortes, e como a dicta inferma tinha a espinhela cahida, devia primeiro levantal-a, o que logo pôz em execução fazendo um emplasto com certos in-

[2] Na — *Lista* (impressa) *das pessoas que sahiram, condemnações que tiveram, e sentenças que se lerão no Auto publico de Fé, que se celebrou no terreyro de S. Miguel da cidade de Coimbra em Domingo* 8 *de Outubro de* 1730. *Sendo Inquisidor Geral o Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Nuno da Cunha, Presbytero Cardeal da Santa Igreja de Roma, do titulo de Santa Anastasia, do Conselho de Estado de Sua Magestade* — encontra-se com effeito o seguinte:

«N.° 44 — idade 50 annos — Francisco Barbosa, «pedreyro, de alcunha o Tio de Massarellos, natural «da Freguesia de S. João do Pico, concelho de Cou«ra, Arcebispado de Braga, sem domicilio certo: «por fazer pacto com o Demonio, dando-lhe adora«ção, e entregando-lhe a sua alma.

«Carc. e habito a arbitrio, carocha com rotulo «de feyticeyro, açoutes, e 5 an. para as gallés, e «não entre mais na cidade do Porto e seus suburb.

Da mesma *Lista* vê-se que com o pobre pedreiro mais figuraram 'neste auto nada menos de 43 homens entre leigos e clerigos, e 59 mulheres de todos os estados e edades, hereges, idolatras, perturbadores do ministerio do Sancto Officio, bigamos, feiticeiros e pactuantes com o demonio — ao todo 103 sentenciados a carcere, degredo, açoutes, hábito perpétuo e suspensão. Para matiz nas côres e variedade do espectaculo até não faltaram 6 negros escravos (Felix, Sebastião, Dias, Creança, Pedro e Manuel), condemnados a prisão e açoutes *por usarem de mandinga para não serem feridos, e presumpção de pacto com o demonio.* Se a tudo isto addicionam alguns *relaxados em carne* com as indispensaveis fogueiras, então é que este triumpho da Fé, na phrase dos oradores dos *Autos*, ficava completissimo e edificantissimo.

Do *terreiro de S. Miguel*, onde estas scenas se passaram, em outro logar daremos noticia.

gredientes, que applicou na bôca do estomago da pessoa enferma, formando com elle primeiro tres cruzes sôbre o dicto logar, e ao mesmo tempo repetia certas palavras, que ninguem percebia.

E, para curar os feitiços, disse á dicta pessoa *que era necessario por espaço de nove dias metter os pés em agua quente, estando elle presente;* e com effeito para o dicto lavatorio preparou elle R. um alguidar com agua quente, no qual lançou cinco mancheias de cinza do forno, cada uma em fórma de cruz, e logo mandou á dicta pessoa que mettesse os pés no dicto alguidar, o que ella fez, e elle R. lhe formou tres cruzes em cada perna, uma na côxa, e duas do joelho para baixo, e depois, molhando a mão na agua, corria com ella as pernas da dicta pessoa pela parte de fóra; e o mesmo lhe fez nos braços, e esta primeira agua mandou o R. deitar em um pote, e que á noite fôssem lançar a agua e pote em uma encruzilhada, e quem fôsse lançal-a não olhasse para traz, e depois de a lançar voltasse sôbre a parte esquerda — e d'este modo continuou por nove dias successivos, em um dos quaes mandou lançar a agua em certo logar, e a pessoa, que a lançasse, havia de dizer ao mesmo tempo, *eu te degrado em louvor de S. Pedro e S. Paulo.*

Para o mesmo effeito mandou o R. vir um novêlo de linhas brancas, e com ellas tomou várias medidas á pessoa inferma, uma do pescôço até ao peito, outra da cintura para baixo, ambas sôbre a carne, e do mesmo modo outra do sangradouro do braço até á ponta do dedo grande da mão esquerda, outra do quadril da mesma parte até ao tornozelo do pé, e isto repetiu por tres vezes ou quatro, e das dictas medidas levou uma, outra cortou em bocados, os quaes lançou em uma bacia d'agua, e, sem diligencia alguma d'elle R., andavam á roda da bacia, e se ajunctavam no fundo da mesma em fórma de cruz ou signo-saimão, o que o R. dizia *era bom signal.* E as outras medidas deu á pessoa inferma para que, umas as mettesse em uma bolsa com um dente, que tambem lhe deu sem dizer de que era, recommendando-lhe que trouxesse sempre comsigo a dicta bolsa, e a outra medida a mettesse debaixo da cabeceira da cama; e com este remedio experimentou melhoras a pessoa inferma, ainda que, quando dormia, sonhava cousas horriveis — E elle R., quando visitava a pessoa inferma, sempre lhe perguntava se tinha alguns sonhos, e, dizendo-lhe a pessoa o que sentia, o R. dizia *que isto lhe procedia dos humores, que andavam abalados.*

E por este modo curava elle R. várias outras pessoas, ás quaes declarava quem lhes tinha feito os feitiços, affirmando que o faria vir á sua presença no mesmo estado, em que se achavam em suas casas, declarando o modo por que podia fazer aquella obra, que não chegou a executar-se, porque as pessoas, a quem o dizia, tiveram mêdo de vêr o que elle promettia. E, mandando abrir um colxão, em que dormia uma das pessoas infermas, de dentro d'elle tirou umas linhas cortadas, cabellos, pedaços de fiado crú de lemiste, e um boneco sem braços, com alguns alfinetes cravados por várias partes do corpo, em que a pessoa inferma experimentava grandes dôres, e o R. queimou o dicto boneco, e na cinza, que d'elle ficou, lançou agua benta de certa Egreja, e junctamente agua da que tinha servido nos lavatorios — E esta cinza com um cantaro d'agua mandou o R. lançar no mar, e que a cinza fôsse lançada por tres vezes, dizendo ao mesmo tempo *assim como tu andas, assim ande fulana*, nomeando a pessoa inferma.

Tambem applicava ás pessoas infermas outro lavatorio composto de tres hervas: eram, tres olhos d'alecrim e tres de marcella, usando d'elles na fórma acima dicta, e deixando a dicta agua de cosimento em um alguidar, pelo achar enxuto no dia seguinte sem embargo de estar em uma casa fechada, elle R. affirmou que a tinham sumido os feiticeiros, que nomeou, para fazerem maior mal á pessoa inferma — E para que não tornasse a succeder o mesmo, deixando outro lavatorio na noite seguinte, mandou pôr á porta de certas pessoas umas medidas ás vessas, e na pessoa inferma pela parte detraz, formando com ellas um laço, e com effeito por este modo se conservou a agua do dicto lavatorio. E mandava defumar as casas com incenso, e lançava agua benta nos quatro cantos d'aquellas, em que assistia a pessoa inferma. E a outras pessoas curava de feitiços com os dictos lavatorios, dizendo *que deviam ser feitos em nove quartas feiras*, e, se acaso em alguma o R. não podia assistir ao lavatorio, affirmava *que era necessario principiar de novo*, e, tomando medidas a algumas das pessoas infermas, as lançava em uma bacia d'agua, e dizia *que no fundo d'ella via um sapo, que nenhum dos circumstantes divisava, e que, se quizessem, faria vir até alli as pessoas, que tinham feito os dictos feitiços,* dando a entender quem ellas eram. — Tambem dizia *que as medidas que tomava, serviam para fazer apparecer e achar tudo quanto se pedia por bôcca*, e mostrava um dente do qual affirmava que, fazendo com elle um circulo e dizendo *marcha*, este lhe ia buscar quanto elle queria; e que tinha umas figurinhas com quem fallava de noite, que lhe contavam tudo quanto elle R. queria saber. A outras pessoas dizia elle R. *que os feitiços que tinham, haviam de passar para outros, e que, se cravassem uma faca no chão, logo appareceria a pessoa que lh'os tinha feito, e não poderia apartar-se d'aquelle logar sem que elle R. desencravasse a dicta faca.* E ás mesmas pessoas, que curava, dizia *que as medidas, que*

tomava, tambem serviam para tocar com ellas as pessoas com quem quizessem casar, e o conseguiriam, porque d'este modo tinha feito muitos casamentos: e a algumas das pessoas infermas dizia os dias e noites que haviam de passar bem e mal, e assim succedia. E a certa pessoa, que lhe deu conta de uma molestia, que padecia, entregou um lenço para que o mandasse lavar por certa pessoa e logo se acharia bem, e assim o experimentou. E a outras pessoas fazia acções torpissimas, dizendo *que eram boas para que não entrassem os feitiços*, e mandava ás mesmas pessoas que, quando elle dissesse *horto*, lhe respondessem *males fóra, sombras e feitiços*, e elle R. dizia *para que não entrem males e feitiços, nem sejas vexada por feiticeiros e feiticeiras*, com outros factos e acções similhantes.

Pelas quaes culpas sendo o R. prêso segunda vez, nos carceres do Sancto Officio, e na Mesa d'elle com muita caridade admoestado da parte de Christo N. S. para que quizesse confessar toda a verdade d'ellas, por ser o que lhe convinha para descargo de sua consciencia e salvação de sua alma, disse, que elle de mandado de certas pessoas fôra visitar outras, que tinham a espinhela cahida, e para lh'a levantar usára de uma ventosa na bôcca do estomago, sem cruzes, rezas, ou bençãos, e tambem a curar algumas pessoas, que se suppunham enfeitiçadas, e elle R. nem lhe dizia, nem sabía se tinham feitiços, nem se lhe aproveitariam as medicinas, que applicava, as quaes consistiam em um cosimento de herva moleirinha com ervas de S. João, e este lavatorio mandava applicar do sangradouro do braço direito para baixo, e da mesma sorte o fazia do joelho da perna esquerda até á ponta do pé, sem observar dias nem horas, e, se elle R. estava presente, os fazia com a sua mão, mas, se não podia ir a casa das pessoas infermas, lh'os mandava applicar por qualquer pessoa — e, depois dos dictos lavatorios ás pessoas, a quem os dava, tomava medidas com uma linha do sangradouro do braço até á ponta do dedo grande, e do joelho até ao tornozelo, e ao redor do pescôço até ao logar dos peitos, e as lançava na agua, que tinha servido aos dictos lavatorios, dizendo que alli haviam de apparecer os dictos feiticeiros, os quaes nunca appareceram, nem elle R. fazia o sobredicto com esse sentido. E por este modo curava a várias pessoas, algumas das quaes lhe disseram que se achavam melhores, e a uma elle R. *lhe mandou abrir o colchão, no qual lhe metteu uma boneca que levava escondida, que a dicta pessoa achou revolvendo a lan.* E a certa pessoa, que o consultou para que lhe désse remedio para cobrar uma dívida, elle R. respondêra que tinha sua difficuldade, mas que lhe tomaria umas medidas, como com effeito tomou em várias partes do corpo, e disse á dicta pessoa que, tocando com ellas o seu devedor, poderia alcançar o seu dinheiro. E a outra pessoa tomou outras medidas para que podesse casar com quem lhe parecesse, tocando com ellas a pessoa a quem se inclinasse. — E em certa casa deixou umas medidas postas em cruz em um guardanapo, e outra ao redor d'elle, tudo mettido dentro de uma caixa, dizendo que por aquellas medidas havia de vir alli tudo quanto procurassem e quanto dinheiro quizessem — E assim tomava as dictas medidas e as punha em cruz ou em signo-saimão, e nos lavatorios cinza por modo de cruz — E a certa pessoa déra um dente, e a outra mandava que trouxesse comsigo as medidas que tomava, e que tudo isto observava sem tenção alguma de que aproveitasse, e se acaso alguem experimentava melhoras, era porque Deus lh'as dava, porque elle nada fazia ás direitas, nem ajudado do demonio, nem repetia palavras em que o invocasse, e obrava o sobredicto por lh'o pedirem algumas pessoas; e supposto que fôsse por modo, que o demonio lhe havia ensinado antes da sua primeira reconciliação, como largára de todo a sua amisade, fazia o sobredicto sem tenção alguma de que aproveitasse. E era certo que elle de todo o seu coração largára a amisade do demonio, o qual depois da sua reconciliação nem lhe apparecêra, nem elle R. com elle queria cousa alguma, nem fallar 'nisso era bom: e que estas eram as culpas que tinha que confessar, e do escandalo, que tinha causado com ellas, estava arrependido, e d'ellas pedia perdão.

E pelo R. não fazer verdadeira confissão das suas culpas nem satisfatoria, antes diminuta, simulada e fingida, não declarando toda a verdade d'ellas, nem a verdadeira tenção com que commetteu as que confessou, veio o Promotor fiscal do Sancto Officio com libello criminal accusatorio contra elle, que lhe foi recebido *si et in quantum*, e o R. o contestou pela materia de suas confissões e declarações — e, por não vir com defesa, foi lançado d'ella, e, rectificadas e repetidas as testemunhas da justiça, se lhe fez publicação de seus dictos, confórme o estylo do Sancto Officio: e, por não vir com contradictas, foi lançado d'ellas.

'Nestes termos, sendo o R. novamente admoestado para que declarasse a verdade de suas culpas, disse, que de certo tempo a esta parte lhe propozera o demonio em sonhos por tres noites, que tornasse para o seu modo de curar, e fizesse as mesmas curas, que elle lhe tinha ensinado, porque em sahindo da galé o faria rico, e lhe daria tudo quanto houvesse mister, e tudo sería seu, mas que fizesse muito por não tornar a ser prêso pelo Sancto Officio; e acordando elle R. com os sonhos atemorisado, e vozes, que tinha ouvido, e com os abanos que lhe davam, viu *um gato raiado*, cuja figura o demonio tinha tomado; e o

mesmo demonio pediu a elle R. lhe entregasse a sua alma, o que elle R. fez, e o teve e adorou por Deus apartando-se da nossa Sancta Fé Catholica, e se poz de joelhos diante d'elle e bateu nos peitos, e, por mandado do mesmo demonio, principiára a fazer as curas que declarou.

E sendo o R. novamente admoestado para que dissesse só a verdade de suas culpas, não impondo a si nem a outrem testimunho falso, nem ainda ao *mesmo demonio*, pois era tão pura a verdade inviolavel da fé do juramento, que se devia sempre observar não mentindo nem contra o mesmo *pae da mentira*, disse, que se não fôsse verdade o que tinha declarado, por nenhum modo o diria.

E sendo elle R. examinado pela materia de suas confissões, e perguntado pela crença que seguia no dicto tempo, disse, que, sem embargo de ter adorado o demonio e de lhe ter promettido a sua alma, nunca o adorára por Deus, nem por tal o reconhecêra, nem se apartára da nossa Sancta Fé Catholica, antes 'nella estava firme, e pedia a Nossa Senhora o livrasse do demonio, e no seu coração conservára sempre o Sanctissimo nome de Jesus.

E por não ser verosimil que o R. ao mesmo tempo adorasse o demonio, e por seu mandado fizesse várias curas, e lhe promettesse a sua alma, e não vivesse apartado da nossa Sancta Fé Catholica, antes a conservasse pura no seu coração, foi novamente admoestado para que assentasse na verdade de suas culpas, por ser o que lhe convinha para descargo de sua consciencia, e salvação de sua alma.

'Nestes termos disse que queria declarar toda a verdade de suas culpas, a qual era que o demonio lhe apparecêra várias vezes em figura de *gato ruivo de maior grandeza que a ordinaria*, e elle R. o adorára, apartando-se da nossa Sancta Fé Catholica do mesmo modo que o tinha feito antes de sua reconciliação, entregando-lhe sua alma, e que no dicto tempo não cria no mysterio da SS. Trindade, nem em Christo N. S., nem em outro mysterio algum da nossa Sancta Fé, nem lhe lembrava a crença dos Sacramentos, porque reconhecia o demonio por Deus; e é certo que, se morresse no dicto tempo, que declarou,.....
e que esta era a verdade de suas culpas, as quaes sempre fizera tenção de confessar na Mesa do Sancto Officio para remedio de sua alma, e d'ellas estava muito arrependido, e por cegueira sua não tinha feito esta declaração.

E, guardados os termos de direito, e feitas as diligencias necessarias, seu feito se processou até final conclusão — E visto na Mesa do Sancto Officio, se assentou que o R. estava convencido em *relapsia* no crime de feiticeria, e por *herege* da nossa Sancta Fé Catholica, *convicto, confesso e relapso*, foi julgado e pronunciado.

O que tudo visto e bem examinado e concludente prova de justiça, número e qualidade das testemunhas, e sua propria confissão, e como o R. depois de haver abjurado seus hereticos erros em fórma, continuou 'nelles, vivendo apartado da nossa Sancta Fé Catholica, e *não ter a Egreja mais que fazer com elle, por se fazer indigno da misericordia, que no primeiro lapso lhe foi concedida* — tendo só a Deus diante dos olhos, e a verdade infallivel da nossa Sancta Fé Catholica e extirpação das heresias, com o mais que dos autos consta, e disposição de direito em tal caso,

Christi Jesus nomine invocato,

declaram o R. Francisco Barbosa por *convicto, confesso e relapso no crime de feiticeria, e ter pacto com o demonio*, e que foi *herege apostata* da nossa Sancta Fé Catholica, e incorreu em sentença de excommunhão maior, confiscação de todos os bens para o Fisco e Camara real, e nas mais penas em direito contra similhantes estabelecidas, e mandam que vá ao auto público de Fé na fórma costumada, *com carocha e rotulo de feiticeiro*, e 'nelle ouça sua sentença. Como *herege apostata* de nossa Sancta Fé Catholica, *convicto, confesso e relapso*, o condemnam e relaxam á justiça secular, a quem pedem com muita instancia se haja com elle benigna e piedosamente, e não proceda a pena de morte, nem effusão de sangue.[3]

.....

J. C. A. DE C.

[3] Mais feliz que o *Tio de Massarellos* fôra, em 1654, o curandeiro militar Antonio Rodrigues. A este não só el-rei auctorisou as curas *com palavras*, apesar da Ordenação e da Inquisição, mas até accrescentou ao soldo a mercê de 40$000 réis annuaes em attenção ao seu prestimo e utilidade! Dil-o o alvará de 13 de outubro d'esse anno, que pela sua originalidade transcrevemos do *Jorn. de Coimbra* n.º 45, *part.* 1, *pag.* 219.

«Eu Elrei faço saber aos que este meu Alvará vi-«rem que, tendo respeito á informação, que se me «deo das *curas*, que Antonio Rodrigues, soldado, «tem feito *com palavras* em alguns cabos, capitães, «e soldados do Exercito do Alemtejo, e do prestimo «e utilidade, de que será nelle para as continuar, «Hei por bem de lhe fazer mercê de quarenta mil «réis por anno de accrescentamento no seu soldo «com obrigação de assistir no Exercito para se pode-«rem *valer delle* os referidos e os *curar*. E mando «que os dictos quarenta mil réis se lhe assentem no «Livro do soldo do dito Exercito para delles haver «pagamento a seu tempo devido e costumado. E este «Alvará quero se cumpra tão inteiramente como «nelle se contém.

«Domingos Luiz o fez em Lisboa aos 13 dias do «mez d'outubro de 1654 annos, e eu Antonio Pe-«reira o fiz escrever — REY.»

«Regist. a fl. 101 do *Liv.* 3 *do Reg. das Paten-«tes e Alv. pela Contadoria Geral do Exercito do «Alemtejo.*»

INEDITOS

Carta de Jorge de Lemos, escrivão da Fazenda em Gôa, a Pedro Alvares Pereira sôbre varios negocios da India Portugueza.

Continuado de pag. 94.

Vejo as patentes das merces dos fidalgos com condição de virem a India seruir: e como qua são, e casão nas outras cidades, ja mais sabem o nome ao seruiço de sua Mag^e^, porque, se se offerece algũa occasião nellas e não he cada hum delles *chamado pera general*, se deixão estar em suas casas sem acudir a rebate nhum, se o perigo não estaa *in promptu*. E os que casão em Goa acompanhão o seu Viso Rey, e estão prestes pera a toda a hora em que os quizer occupar. Desta cidade saem as armadas, desta os prouimentos, desta os socorros, e desta os capitães e soldados.

Como assi seja deue V. m, quando se nesse conselho tratar das cousas da India, fazer lembrança do ennobrecimento e acrescentamento, que se deve procurar a esta cidade, ordenando com que tudo lhe corra e tudo lhe venha de todas as partes, e que os *homés da nação* uiuão nella, porque estão aqui os Inquisidores, *com cujo receo deixarão de judaisar*, e nas outras muitos Rabís, principalmente na de Cochim e Ormuz, que os deuem conuidar a isso, e *pagarão direitos nesta alfandega*, que não pagão nas mais *por suas indiabradas inteligencias*, ja que se não vão pera o Reino, como lhes he mandado: dado que me não pareçe bem mandarense, porque, *quando o Viso Rey ha mister vinte mil crusados ou trinta pera o seruiço de sua Mag^e^, nelles os acha, e não acha nunca quinhentos em cincoenta christãos velhos*, saluo se são fidalgos ricos, que com zello de bons vassallos emprestão e gastão quanto tem, como sei de muitos que o fizerão assi. *Andão as rendas de sua Mag^e^ em pregão e não ha christão velho, que lanse nellas dez cruzados, e os nouos lansão o que valem e plus ultra, confiados na sua rara industria e sagacidade.*

Assi que, sendo de parecer que os não embarquem pera o Reino, o sou juntamente que *os obriguem a uiuer* nesta cidade, como disse, e lhes *não consintão nauegar* pera nhũa outra nossa nem alhea, porque desta maneira *penderão dos christãos velhos* nas compras das fazendas que quizerem, e no retorno do procedido dellas pera por elles mandarem vir de fora seus empregos. Que no mais, que se delles diz, acerca d'auisos que pódem mandar ao Turco, ou causar alterações e mouimentos na terra, *he grossaria e fraquesa falar-se nisso*, auendo sempre nella soldadesca bem lusida, e fidalgos com criados sem mais cabedal que o das armas, e muito pouo christão velho com muitos escrauos, que *detestão e abominão esta gente*, e com qualquer aceno de seus sñores *a abrasarão* toda: e a cidade estaa patente e aberta em toda a hora a todo estrangeiro pera auisar do que quizer aquem quizer sem elle correr risco, nem a nós fazer dano. Mas porque *a la hora mala no ladrão perros* como dizem, mais seguro e proueitoso seraa auer guarda e vigia em ordenança militar como a ouue ja nos tempos passados, pois estamos rodeados damigos fingidos e imigos publicos e simulados, que espreitão hũa boa e segura coniunção pera se lograrem dela.

O anno passado mandou o Viso Rey a Francisco paez, prouedor mór dos contos, per intercessão de seu amigo Diogo velho, ao norte com poderes de uedor da fazenda acabar os tombos das aldeas e outras fazendas foreiras, pollos ter começado o outro anno antes por sua Mag^e^ mandar que se fizessem, e fosse a isso hum desembargador. Confesso a V. m. que deseiei muito qua pera esta missão e obra o licenceado Francisco de frias por concorrerem nelle todos os requisitos necessarios pera este negocio, posto que a não deseiaria elle por trabalhosa. Trouxe Francisco paez aquelle anno feitos alguns tombos e, sendo vistos no conselho da fazenda, em que me eu achei, forão reprouados por todos, e principalmente pollo Juiz dos feitos e pollo procurador da Coroa, por as tresladações serem sentenças suas difinitivas ou decisões, como as de Antonio da Gama, sem os seus fundamentos, dado que se deue crêr delle que sería o seu sobeio zello de seruir sua Mag^e^. Os do anno passado vierão da mesma maneira, segundo se suspeita, porque não chegarão a exame, e huns forão a Portugal na armada de Francisco de Mello, e nesta de dom Luis coutinho vão os outros. Acharão-se alguas aldeas perdidas pera a Coroa por faltas dos escreuentes, que fizerão as cartas dos aforamentos conforme as sentenças de Francisco paez, que não aprendeo letras, e por ellas fez o Viso Rei mercê dessas aldeas a certas pessoas. as quaes não quiz o licenceado André fernandes, que seruia de chanseler, passar poila chanselaria, por sua Mag^e^ mandar n'ũa instrução que se não dessem qua. Se V. m. vir lá estes tombos, logo acharaa nelles cem mil defeitos, que não sei se quererá Francico de frias que o sejão por muito amigo de Francisco paez, e por estar fora deste jogo.

Mandarão os officiaes da casa da India hum treslado assinado por elles d'ũa prouisão de sua Mag^e^, em que estaua inserta e encorporada outra delRey dom Sebastião, que Deos tem, que se reportaua a outra delRei dom João, seu avô, que estaa em gloria, sobre se assentar hum por cento em todas as rendas deste estado, declarando que se arrecadasse o atrasado de trinta annos a esta parte, em que a prouisão delRey dom Sebastião veo, dos feitores, thesoureiros, almoxarifes, recebedores e rendeiros, sem se lembrarem esses officiaes, que impetrarão a de sua Mag^e^, estando a ou-

tra delRey dom João extinta e apagada da memoria dos homens, que era impossivel fazer-se esta arrecadação, porque estes feitores, thesoureiros, e outros officiaes, não tiuerão na India cidade permanente, antes todos caminhárão pera o Reino, e com as riquezas, que a elle leuarão, não puderão comprar moios nem juros por ser esta a propriedade do adquerido pollos officiaes de conta commumente.

Mandou o Viso Rey chamar a conselho os officiaes da fazenda, o juiz dos feitos, e o procurador da Coroa, e propondo nelle o que sua Mag^e^ mandaua acerca desta imposição, disserão algũs *que se ella não estaua detreminada por condição nos arrendamentos das alfandegas, e nos das outras rendas, que se não podia com justiça arrecadar dos officiaes passados*, e outros, *que nem dos presentes polla mesma rezão*, e outros, *que se declarasse nos arrendamentos futuros*.

Neste indetreminado lembrei eu *que se mandasse prouer os liuros dos registos da fazenda dos contos, e se buscassem nelles as prouisões delRey dom João e delRey dom Sebastião, porque, se vierão a India, de necessidade se auião de registar e acharem-se nestes registos com a declaração do comprimento, que ellas tiuerão*. Os registos forão buscados, e perguntados contadores muito antigos se erão lembrados de taes prouisões, e não ouue registo nem lembrança dellas, por onde pareceo a todos que ou não vierão do reino depois de despachadas, ou vindas se não publicarão, e as tornarão os Viso Reys d'aquelle tempo entendendo que não consentirão os pouos destes estados nesta noua imposição, ou a tomariam mal por o rendimento della se auer de leuar pera as obras pias de Portugal, como as prouisões dizem. E se assi foi, entenderão-no como deuião, porque ja V. m. ouuiria dizer a repugnancia, reclamação, e protestos, que todos fizerão pollo hum por cento, que o conde Viso Rey dom Luis dataide poz nas alfandegas, sendo pera galés e fortificações das cidades, que habitauão. Pello que se resolueo o conselho em que se suspendesse a execução destas prouisões e nos arrendamentos ajnda, que daqui em diante se fizessem, e que se rescreuesse a sua Mag^e^, e se esperasse por reposta súa do que nesta materia se aueria por seruido.

Tambem veo este anno outra prouisão, polla qual manda sua Mag^e^ fazer alfandega na fortaleza de Moçambique, largando as minas a todos os seus vassallos, e reseruando pera o capitão o trato do marfim, ambar, breu, e cairo, de que ha por bem lhe não pague direitos nhũs, e dos quintos do ouro, que ha por seu seruiço que todos paguem, lhe faz merce da decima parte pera ter cudado, segundo se entende, de obrigar os mercadores ao pagamento dos quintos. A prouisão se appregoou com cheremelas porque veo mui precisa na execução, que, se assi não viéra, não appregoara, porque se tem entendido quão pouco esta alfandega hade render, e as perdas futuras, que a fazenda de sua Mag^e^ hade receber por se deuaçarem as suas minas. Bem se vio isto na larga da pimenta em tempo delRey dom Sebastião, que Deos tem, porque logo no mesmo anno, em que se ella neuegou pera o reino per conta de particulares, foi tomada na casa da India por se alterar o preço com a comprarem todos a seu aluedrio, e sem ordem algũa. E na volta das naos, que a leuarão, mandou elRey reuogar esta licença e restituir a sua fazenda o trato della, porque a pimenta e o ouro das minas deuem correr por hũa só mão.

Entenda V. m. que não val qua a rezão, que se daa pera todos jrem a ellas, fazer-se o mesmo nas da Espanha noua e do Perú polla reputação deste trato, e por não abaixar o preço das roupas la leuandosse muitas e per diversas pessoas, que pollas resgatarem as darão por menos do que ordinariamente valem, e se não aleuantar com isso o preço do ouro, e por outras rezões, que deuem ser presentes a V. m. pollas informações, que sempre toma de semelhantes negocios. Fôra eu antes de parecer se arrendassem estas minas, porque, se ellas são de sua Mag^e^, bons erão pera sua fazenda setenta e cinco mil pardaos, que se dauão por ellas cada anno liures e desembargados, como estauão arrendadas ao Ximenes, filho e parente dos outros de Lix^a^, que as largarão ao Aiferes mór, que Deus perdoe, porque forão ameaçados dos parentes e amigos de Lourenço de brito. E milhores serião cem mil pardáos no segundo arrendamento, e no outro e outros mais e mais, não deixando por isso o capitão de tirar outros cem mil com as liberdades, que o gouernador concedeo a Lourenço de brito, alem de cinco mil crusados dordenado, que lhe deu como se lá dão aos capitães da mina, porque sabemos que se embarcou Lourenço de brito pera o Reino com corenta mil, e que lhe ficárão qua embargados no moesteiro de são francisco corenta e cinco mil afóra os que pagou a alguns acredores seus, e peças douro, escrauos, e escrauas.

Bem claro testemunho deu desta verdade dom Jeronimo dazevedo, que num anno, que lá esteve por capitão com menos partido que o que o gouernador concedeo a Lourenço de brito por lhe ser restringido e aguarentado pollo Viso Rei, tirou trinta mil crusados confessados polla sua bocca. Se parecer a V. m. que aos cinco mil cruzados dordenado se deuem acrescentar mais bazes ao capitão, que os concedidos pollo gouernador no contrato do rendeiro ao mesmo Lourenço de brito (cujos treslados então forão a Portugal), bem lhos pode sua Mag^e^ acrescentar, porque nem por

isso hão as minas deixar de subir a cem mil pardaos arrendandosse.

Manda sua Mag.e nesta prouisão da fundação da alfandega em Moçambique que se paguem nella seis por cento dos direitos dentrada de todas as fazendas, e que, pera se não desencaminharem, se *chapem*. Deuia não ter muita noticia desta fortaleza quem informou sua Mag.e que se podião as roupas *chapar* ao despacho, porque ao tempo, que lá chegão, o não ha as mais das vezes pera se embarcarem em terra por a monsão ser breuissima, e não dar lugar pera mais que pera se baldearem e canjarem da nao, em que vão, nos pangaios, que estão esperando por ellas de vergas d'alto e ancoras leuadas pera partir logo pera os rios.

Mas sem embargo desta breuidade, que mostra totalmente empidir o pagamento dos direitos, se poderão elles fazer muito bem, sem falacia nem engano, pollo liuro da carga da propria náo, pollo qual o capitão della arrecada dos mercadores os seus fretes sem erro. E pera mais resguardo e verificação se póde mandar ao feitor da cidade, em que a náo carregar, faça registar todas as fazendas, que se ouuerem dembarcar nella, e o registo inuiar-se ao feitor de Moçambique pera o coteiar com o liuro da carregação, pera que, os que as desencaminharem deste registo, paguem a pena de regimento como se as desencaminharão da propria alfandega, porque o registo se custumaraa fazer per fardos, que ordinariamente são tamanhos huns como os outros, e, visto hum pera se saber quantas corjas póde ter, se darão por vistos os outros pera se registarem, como o ordenei no regimento, que fiz per mandado do conde dom Luis pera a alfandega de Dio, por rezão do mesmo inconuiniente de monsão appressada pera Mecca.

Dizem alguns que, quando a náo estiuer a carga, se podem as roupas *chapar*, dizendo outros que não seraa possiuel por virem de Cambaia tão tarde que senão podem embarcar senão com as mãos nos cabellos. Mas dou que se possão *chapar* a carga, pergunto, que he o que se consegue desta diligencia, pois, á falta de tempo, se não hade poder fazer em Moçambique outra por ella? Assi que o em que me resumo he que a alfandega se faça, e os direitos dentrada de todas as fazendas se paguem nella pollo registo e pollo liuro da carga inda que se contratem as minas.

Quanto a se marcar o ouro quando vem dos rios a Moçambique, como a prouisão diz, pera se pagarem os quintos delle, tenho-o por impossibillissimo, por que o mais he em pó, o qual se póde mesturar com a area do lastro dos pangaios. De mais disto são muitos os pousos que elles fazem, onde, quem quizer não pagar os quintos, o póde deixar com suas balisas, e marcos ou boias, nos mesmos rios, que não são trilhados mais que dos mesmos pangaios, pera depois mandar por elle, ou entregalo em Angoxa a mercador conhecido. Pello que nhum outro remedio poderaa auer mais seguro pera fazenda de sua Mag.e cobrar os seus quintos senão mandar que se lhe paguem em roupas antes dos donos dellas partirem de Moçambique pera os rios, como se em Maluco pagão os terços de todo o crauo primeiro que se carregue no galeão de carreira, nem parta para a India; porque bem se sabe o que valem as roupas lá pouco mais ou menos pera, na conformidade das avaliações, se fazer o pagamento nellas. E estas podel-as-ha levar cada um desses mercadores, que assi pagarão os quintos, pera as vender nos rios, e responder em ouro bom e de receber como o seu. E nisso hade auer pouca differença — E se algum delles se deixar ficar por não contribuir, o capitão portuguez da nossa gente, que lá estaa, o poderaa obrigar que pague. E isto se sua Mag.e quizer escusar em Cuama official com ordenado pera vir dar conta á India, tarde, mal, e nunca.

Continúa.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

NOTICIA

Das principaes obras publicadas em Inglaterra no primeiro semestre do corrente anno.

O romance leva de vencida em Inglaterra a poesia, e constitue hoje a parte mais original e preeminente da litteratura ingleza. Raras são por isso hoje as producções poeticas 'neste paiz, e mais raras as que mereçam honrosa menção entre as publicações de recente data.

A maior parte dos romances são dados á estampa ou nos jornaes, ou em livretos, pará satisfazer á curiosa avidez de um grande número de amadores d'esta especie de — « poesia em prosa.»

Este modo de publicação é um meio de obter maior consumo, e auferir mais avultados lucros; as obras porém sahem menos aprimoradas, e, não raro, menos bem acabadas. É porém certo que, se o número dos romances tem crescido extraordinariamente 'nestes ultimos annos, nem por isso tem degenerado do seu verdadeiro typo.

A collecção dos romances mais notaveis, cuja publicação 'neste anno está já concluida, não avulta tanto proporcionalmente como a dos annos anteriores; mas contam-se entre elles alguns de incontestavel merito.

O *Presbyterio de Framley*[1] é um bom ro-

[1] Framley Parsonage by *Francis Trollope*.

mance de Francis Trollope, um dos mais distinctos escriptores da eschola de Thackeray.

Trollope descreve em estylo jovial a sociedade ingleza, pondo sôbre tudo em relêvo o ridiculo e as extravagancias de seus habitos; e se não é tão mordaz como Thakeray, tambem se não deixa vencer pela misanthropia que por vezes toca o cynismo. *O Presbyterio de Framley* é uma obra digna da reputação do seu auctor.

'Num genero inferior a — *Mulher branca*[2] é um romance melo-dramatico de Wilkie Collins, escripto com incontestavel talento; e que excita particularmente o interesse dos leitores, para quem o mysterioso, e os lances mais romanescos, têm sempre um grande attractivo; e que não perdem o encanto da illusão atravez mesmo da narração dos mais inverosimeis acontecimentos, e dos quadros onde sobresae o typo de caracteres impossiveis.

Desde o primeiro até ao último capítulo, um terrivel segredo involve o ingenhoso enrêdo de peripecias, que se vão succedendo por tal arte, que só na página final se descobre o almejado desenlace das aventurosas scenas que o auctor tem disposto com o intento de ter em suspensão a attenção do leitor, e lhe espertar cada vez mais a curiosidade que o devora.

Para uma obra assim traçada nada é mais talhado para produzir o pretendido effeito, que a publicação por capitulos em artigos de jornal; e o auctor não se esqueceu d'este meio, estampando o seu romance no *All the year round*.

O romance *Silas Marner*[3], publicado debaixo do pseudonymo de *Adam Bede*, é obra de uma senhora conhecida já por outras interessantes publicações 'neste genero. Elevação de sentimentos, a nobre imagem da vida singela dos campos, realçada com o colorido da poesia de que sabe inspirar-se quem penetrar os arcanos d'essa vida íntima, que ali se goza longe do bulicio das grandes povoações, são os titulos que recommendam esta obra; onde brilham as excellentes qualidades litterarias e moraes da auctora, que, pela fôrça e nobreza do seu estylo viril, fez por algum tempo suspeitar que mão estranha dirigia a penna que tão bellas páginas traçára.

A litteratura historica tem ultimamente produzido muitos e valiosos trabalhos. Lady Trevelyan acaba de publicar o quinto e ultimo volume da historia de Inglaterra de seu irmão Macaulay, cuja perda fôra profundamente sentida. Este volume não cede em merecimento aos quatro primeiros pela sua importancia historica e politica. O vigor do pensamento, a riqueza de imaginação, que o auctor possuia em grau eminente, não o abandonaram 'neste seu derradeiro trabalho. Macaulay reunia, o que é raro, a um espirito práctico os elevados dotes de artista. O talento dramatico que caracterisa a sua historia de Inglaterra, é um dos principaes meritos d'esta obra. Macaulay era um distincto representante da eschola ingleza, de historiadores que consideram a historia e a politica como duas partes de um mesmo todo, as quaes mutuamente se auxiliam.

Pearson publicou — *A Inglaterra nos tempos primitivos e na edade média*[4]; obra muito estimada, que comprehende uma exposição popular das investigações feitas para descobrir as origens da nação ingleza, as relações das raças em que se divide, e os primeiros actos da sua constituição.

Vaughan deu á luz o segundo volume das — *Revoluções da historia de Inglaterra*.[5]

O primeiro volume comprehendia as revoluções das raças; este as revoluções religiosas; um terceiro e último volume completará a obra com a historia das revoluções politicas e sociaes nos tempos modernos.

Sob esta epigraphe de «revoluções» o auctor tracta das transformações e diversas phases por que a sociedade ingleza tem passado no volver dos tempos. Esta obra recommenda-se pelo espirito de imparcialidade, e pelos principios liberaes que dirigiram o seu auctor; o qual, apesar de pertencer a uma das egrejas dissidentes, não participa do exclusivismo, que algumas vezes as caracterisa. Escreve a historia, como historiador, exempta de polemicas. É um dos melhores escriptos populares sôbre a epocha da reforma. Os capitulos ácêrca da constituição, estado social, costumes, litteratura, e situação economica da Inglaterra 'nesse seculo, em que ella viu operar-se uma, a todos os respeitos, rapida transformação, são muito interessantes.

A Historia da constituição ingleza desde 1760 até 1860[6] por Erskine May, completa a historia de Hallam, e é como a continuação d'ella. A divisão d'aquella obra é por materias; não segue a ordem chronologica. Apenas está publicado o primeiro volume, que comprehende a historia do poder real e das suas relações com as duas camaras do parlamento, as rendas da corôa, a constituição e as funcções do parlamento, o systema eleitoral, e a fórma das discussões parlamentares.

O segundo volume será consagrado á historia dos partidos politicos, da imprensa, e da Egreja, e rematará por um resumo dos progressos da legislação ingleza.

May conhece práticamente os assumptos de que tracta na sua obra; os factos historicos

[2] *Wilkie Collins* — The woman in white, 1 vol. 8.° 1861.

[3] *George Eliot* — Silas Marner the weaver of Raveloe.

[4] *C. H. Pearson* — The earty and middle ages of England.

[5] *R. Vaughan* — Revolutions of English history II. Revolutions in religion, 1 vol.

[6] *Erskine May* — Constitutional History of England. 1760 — 1860.

são narrados com ordem e clareza, e apreciados com agudeza e com espirito liberal. Esta obra é a unica que tracta de todos os objectos que mencionámos, reunidos em um só corpo de doutrina.

Publicou-se o segundo volume da *Historia da Civilisação em Inglaterra* de Buckle.[7] 'Neste volume o auctor occupou-se da historia da civilisação em Escocia e na Hespanha, do rigorismo theologico 'neste paiz, que elle considera, com demasiada severidade, o mais atrazado da Europa. O estylo é nervoso, e ha nos pensamentos do auctor o cunho da originalidade; o exclusivismo porém das suas idéias, e a tendencia para contrariar as crenças nacionaes, tem-lhe suscitado numerosos adversarios: e a apreciação de certos factos da civilisação não é sempre exempta da parcialidade partidaria que domina este escriptor.

Á excepção das obras sôbre assumptos da historia patria, poucas obras 'neste genero se deram em Inglaterra á estampa no corrente anno, e essas mesmas versam principalmente sôbre a historia religiosa, como a — *Historia da egreja do Oriente* de Stanley[8], professor em Oxford, trabalho mui importante e consciencioso; e a *Historia do Porto-Real* de Beard,[9] que o público inglez tem acolhido favoravelmente, porque fez conhecido um assumpto pouco estudado 'neste paiz.

Entre as muitas memorias publicadas ultimamente, merecem citar-se as de lord Auckland[10] que são principalmente curiosas pelos documentos que contêm ácêrca do tractado de commercio de 1786 celebrado com a França; e pelas analogias que á vista d'elles se podem estabelecer entre aquelle tractado e o de 1860.

O — *Jornal de Lord Colchester*[11] versa tambem sôbre a politica do reinado de Jorge III. Lord Colchester (Sir Abbot) não era um estadista eminente; via porém os negocios com bom senso, e como presidente da camara dos communs, tivera occasião de tractar de perto com muitos dos homens mais distinctos da sua epocha, que por isso são por elle mencionados com particularidades pouco sabidas.

As memorias de Raikes[12] e do duque de Buckingham[13] sôbre os reinados de Guilherme IV e da rainha actual, interessam principalmente pelas noticias do partido tory e do duque de Wellington, seu chefe que fôra. Ha 'nestas memorias algumas cartas curiosas, entre outras muitas destituidas de interesse.

Geralmente as memorias historicas não têm em Inglaterra a mesma importancia litteraria que em França e nos outros paizes. Apreciaveis debaixo do ponto de vista da verdadeira historia, carecem, por via de regra, de unidade e de interesse.

Os inglezes escrevem as memorias da sua epocha, e os factos mais importantes em que foram actores ou testemunhas, seguindo a ordem chronologica dos successos, e despidos da prevenção da sua individualidade e das galas de um estylo aprimorado.

Quasi sempre essas memorias são publicadas posthumas, pelas dilligencias e cuidados dos successores ou amigos do finado, sem mais commentarios.

A par das memorias politicas, as litterarias occupam um logar assás modesto.

Piozzi,[14] a amiga de Johnson, publicou as memorias sôbre sua vida, que não são destituidas de interesse, pelo menos para o público inglez. São tambem curiosas e bem escriptas as memorias do pastor escossez, o reverendo Somerville,[15] o qual, durante sessenta annos que exerceu o seu ministerio pastoral, teve occasião de tractar com muitos homens notaveis, e de ser testemunha presencial das rapidas transformações que 'neste longo periodo se operaram nos habitos e costumes d'esta parte do Gran-Bretanha.

Hopworth Dixon emprehendeu a rehabilitação de Bacon, publicando uma notavel biographia[16] d'este celebre philosopho, que contém muitos documentos novos sôbre a sua vida, mas é notoriamente parcial.

Em archeologia os *Ensaios* de Wright[17] são a obra de recente data mais recommendavel que se tem publicado em Inglaterra. Estes ensaios versam, principalmente sôbre factos archeologicos dos primeiros periodos da historia ingleza.

Um occupa-se das edades de pedra, de bronze, e de ferro, que o auctor julga não constituirem periodos tão completamente distinctos, como geralmente se affirma. Outro d'aquelles ensaios é consagrado aos estabelecimentos romanos na Gran-Bretanha; em que o auctor mostra que não fôra destruida a população, ou romana, ou que havia herdado os habitos e tradições dos romanos, e que essas populações exerceram uma poderosa influencia sôbre seus conquistadores.

A obra de Davis[18] sôbre as ruinas de Carthago é uma exposição dos objectos encontra-

[7] *Buckle* — History of civilization in England II. vol. containing the history of civilization in Scotland and in Spain.

[8] *Stanley* — Lectures of the history of the eastern church, 1 vol.

[9] *Beard* — History of Port-Royal, 2 vol.

[10] *Lord Auckland* — Journal and correspondence. 2 vol.

[11] *Lord Colchester* — Diary and correspondence, 2 vol.

[12] *Raikes* — Private correspondence with the duke of Wellington and other distinguished contemporaries.

[13] *Duke of Buckingham* — Memoirs of the court and reign of William IV, and Victoria, 2 vol.

[14] *Piozzi* — Antobiography.

[15] *Somerville* — My own life and times 1741 — 1814, 1 vol.

[16] *Hopworth Dixon* — Personal history of Lord Bacon.

[17] *Wright* — Essays on archeological subjects, 2 vol.

[18] *Davis* — Carthage and her romains, 1 vol.

dos nas excavações a que se procedeu ahi por ordem do governo. Ha pouca novidade 'neste escripto.

As viagens e explorações scientificas são hoje, mais que nunca, um dos objectos que merece a especial attenção do governo inglez, e que excita as mais ousadas e aventurosas especulações das associações litterarias e commerciaes. Para a Africa principalmente é que na actualidade tendem todos os esforços dos mais intrepidos e zelosos viajantes, como a região menos estudada, e onde correm maior risco os exploradores.

A obra mais interessante que se publicou no presente anno sôbre o continente africano, e que mais attrahiu a attenção pública, foram as viagens do americano Chaillu na Africa equatorial[19]. A sua narração contém extraordinarias aventuras e particularidades sôbre notaveis especies de animaes pouco conhecidos: apesar porém da boa acceitação que tem merecido esta obra, escripta em estylo apurado, alguns criticos sevéros accusaram Chaillu de menos exacto nas suas descripções, e de ter copiado de obras antigas os desenhos que elle apresenta como fructo das suas observações.

Owen, Roderik Mirchison, e outros sabios distinctos defenderam o auctor das — *Adventures in equatorial Africa* contra aquellas accusações; mas a controversia dura ainda.

Merecem citar-se tambem, entre as boas obras ultimamente publicadas sôbre viagens, a de Petherick,[20] que tendo residido muitos annos na Nubia, e viajado na região onde nasce o Nilo, descreveu com perfeito conhecimento d'estas localidades o que ellas offereciam de mais interessante; e a descripção do Japão pelo bispo de Victoria.[21]

Pena é que fôsse de curta duração a residencia d'este illustrado prelado 'naquelle imperio, que depois de aberto ao commercio europeu se torna mais digno de ser bem conhecido nas variadas condições da sua civilisação, dos seus habitos, e das suas naturaes riquezas; condições até aqui apreciadas com pouca exactidão, se não a muitos respeitos ignoradas.

É egualmente interessante a viagem de Tilley a este imperio e ao paiz do Amor,[22] ultimamente annexado á Russia; a cuja politica o auctor se mostra inclinado, e por isso este livro está menos no gôsto dos leitores inglezes.

As viagens a differentes paizes da Europa têm dado assumpto para muitas publicações mais ou menos curiosas; e entre estas merece notar-se a obra de Forbes sôbre a Islandia,[23] que é hoje um ponto de attracção para *os touristas* inglezes, que o espirito aventuroso incita a estas viagens de recreio 'num paiz tão pitoresco.

A esta classe de viajantes *touristas*, que em grande parte pertencem á mocidade estudiosa das universidades inglezas, é devida a publicação de uma collecção de memorias sob o titulo — *Vacation tourists and notes of travel in* 1860,[24] em que se descrevem, em estylo elegante, os paizes percorridos pelos *touristas* durante as ferias escholares.

Das sciencias moraes, a theologia foi a que preoccupou mais a attenção pública. Uma obra dada á estampa no anno anterior, mas que só ultimamente começou a agitar os animos, deu logar a esta particular direcção, que tomaram os estudos das sciencias moraes no corrente.

Os «*Essays and Reviews*[25]» produziram entre o clero da egreja anglicana profunda sensação. Esta obra comprehende sete ensaios de diversos auctores sôbre algumas das mais delicadas questões theologicas, taes como as da inspiração, da authenticidade dos livros biblicos, dos milagres, e da redempção, tractadas á luz de uma crítica liberrima. Estas tentativas não eram novas, e já alguns dos auctores dos «ensaios» tinham manifestado 'neste sentido as suas opiniões em diversas obras, que corriam impressas sem excitarem a viva animadversão do clero anglicano; mas, desde que appareceram reunidas 'num só volume, como formando um corpo de doutrinas, consideraram-nas como manifesto de guerra de uma eschola neologista. A indisposição do clero subiu de ponto por ver que quasi todos os auctores d'aquelles ensaios pertenciam á sua classe. A obra foi condemnada por todos os bispos, e dez mil ecclesiasticos assignaram uma declaração de que adheriam á censura infligida pelos bispos.

A assembleia, ou parlamento ecclesiastico, tomou officialmente conhecimento do negocio; e a commissão nomeada para dar o seu parecer a este respeito, concluiu o relatorio, que apresentou, propondo que o livro fôsse julgado em synodo geral. O parecer foi approvado, e a condemnação dos — *Essays* póde considerar-se como acto consummado.

Este procedimento da auctoridade ecclesiastica valeu ao livro condemnado uma celebridade que estava longe de merecer. Poucos mezes bastaram para se esgotarem oito edições d'aquella obra, avidamente procurada em todos os livreiros.

A publicação dos *Ensaios* deu logar na im-

[19] *Du Chaillu* — Adventures in equatorial Africa, 1 vol.

[20] *J. Petherick* — Egypt, the Soudan, and central Africa, 1 vol.

[21] *Bishop of Victoria* — Ten weeks in Japan, 1 vol.

[22] *H. A. Tilley* — Japan, the Amoor and the Pacifu; a voyage of circumnavigation in the Russian corvette Nyuda, 1 vol.

[23] *C. S. Forbes* — Iceland, its volcanos, geysers and glaciers. 1 vol.

[24] *Galton* — Vacation tourists and notes of travel in 1860, 1 vol.

[25] Essays and Reviews, 8the edition, 1 vol.

prensa a larga polemica; poucas porém das memorias, que sôbre este assumpto sahiram a lume, têm verdadeira importancia.

Entre as mais interessantes contam-se as broxuras publicadas por D. Maurice, e Th. Hughes[26] e outros, em que seus auctores, adoptando algumas das ideias dos ensaios, rejeitam com tudo muitas das innovações dogmaticas que alli se propõem.

Nas outras sciencias moraes algumas obras importantes viram a luz pública. A mais notavel, em relação á educação popular, é o relatorio official da commissão de inquerito sôbre o estado da instrucção primária em Inglaterra, que fôra nomeada em 1858.

É um trabalho conscienciosamente feito, contendo uma notícia mui exacta do estado actual das escholas primárias de todas as classes, e em que se propõem muitas providencias, que devem alterar a legislação sôbre a instrucção pública.

As reformas lembradas pela commissão, e os seus juizos sôbre o estado de algumas escholas, têm suscitado queixas da parte dos interessados, distinguindo-se entre estes Lord Shaftesbury; que accusava a commissão de ter querido desconsiderar as escholas de pobres, creadas sob sua protecção. Apesar d'estas censuras, aquelle relatorio que consta de um volume em 8.°, e sete de documentos e mappas estatisticos, é uma obra mui digna de consultar-se.

A legislação e o estado actual da instrucção pública em França foi tambem objecto de um inquerito emprehendido sob os auspicios do governo inglez por Arnold,[27] que publicou 'num volume de 8.° o resultado dos seus estudos sôbre este importante ponto.

Arnold, contrariamente á opinião geralmente seguida no seu paiz, sustenta o princípio da centralisação da educação pelo Estado.

Rogers publicou um livro importante sôbre a Universidade de Oxford,[28] em que propõe diversas reformas na sua organisação e no plano dos seus estudos.

As sciencias da legislação e da politica foram enriquecidas com duas obras de incontestavel merito; Maine sôbre as leis primitivas,[29] e Mill sôbre o governo representativo.[30]

Maine propoz-se fazer conhecidas as leis das primitivas nações da antiguidade, particularmente de Roma e Grecia, anteriores ao periodo da legislação escripta; e avalia as modernas theorias juridicas á luz das observações que lhe sugeriu aquelle estudo.

O livro de Maine não é mais que um ensaio escripto concisamente, mas comprehende a historia dos mais importantes ramos da legislação, a da propriedade, dos contractos, das successões, etc.

Mill, discipulo da eschola radical ingleza, não é, apesar d'isto, partidista da moderna democracia, e combate vigorosamente o principio da exclusiva representação das maiorias.

A sua obra sôbre o governo representativo é o resultado dos estudos a que têm dado logar as questões da reforma eleitoral, que ha annos agitam a Inglaterra, mas que hoje vão desapparecendo da arena politica.

O auctor pretende, que todos os partidos da nação sejam representados; advoga por isso o suffragio universal, mas em proporções diversas: para isto estabelece cathegorias de eleitores com differentes direitos, segundo sua educação e condição social.

O pensamento do auctor é ingenhoso, e têm uma certa originalidade, mas revela um espirito pouco práctico.

A litteratura jornalistica tem tido grande desinvolvimento, e 'neste progresso tende a absorver quasi toda a actividade litteraria do paiz. Os *Magazines* mensaes têm-se multiplicado, e contam um semnumero de leitores, não só porque o seu custo é menor que o das Revistas trimestraes, mas porque os *Magazines* offerecem uma leitura mais amena, e assumptos mais ao alcance da instrucção de todas as classes.

Os romances, os contos e lendas nacionaes, as pitorescas descripções de viagens aventurosas, e a singela noticia dos phenomenos naturaes, que mais excitam a curiosidade, ou que têm immediata influencia nos usos da vida domestica, dão a estas publicações uma feição popular, que as torna interessantes ao maior número de leitores.

Escriptores distinctos têm-se associado a estas empresas, e concorrido com seus escriptos para o credito e crescente prosperidade d'ellas.

O *Cornhill magazine* de Thackeray é actualmente o que tem mais voga. Os romances d'aquelle auctor, e de Trollope, e outras importantes producções que ali são estampadas grangeáram-lhe o merecido credito de que hoje goza. O desempenho material corresponde em tudo ao primor da redacção, e isto junto ao modico preço de um xelim por mez, tem-lhe attrahido um avultadissimo número de assignantes, muito superior ao de todos os outros *Magazines*.

O *Macmillans magazine*, redigido pelo distincto professor David Masson, é o unico que póde comparar-se ao *Cornhill* em reputação e interesses. Ainda que publique excellentes romances, o seu estylo é em geral menos popular.

Outras publicações periodicas, de muito inferior merito, têm ultimamente visto a luz pú-

[26] Tracts for priests and people by various writers. 1. Religio laici by Th. Hughes; 2. The mote and the beam by F. D. Maurice.

[27] *Arnold* — Popular education in France, 1 vol.

[28] *Rogers* — Education in Oxford, 1 vol.

[29] *H. Sumner Maine* — Ancient Law, 1 vol.

[30] *J. Stuardt Mill* — Considerations on representative governement, 1 vol.

blica, mais por espirito de mera especulação, que no interesse das letras.

Encontram-se 'nellas alguns artigos bem escriptos, e que merecem ser lidos, mas involvidos 'numa indigesta farragem de insignificantissimas producções. Pertencem a esta classe o *Temple Bar Magazine*, e o *Saint James' Magazine*.

Annuncia-se a proxima apparição de um novo *Magazine* 'neste genero, que deverá exceder a todos, se não pela sua accurada redacção, pelo formato e pela barateza; e é provavel que encontre numerosos leitores dos que se enlevam mais com a grandeza do formato e modicidade do preço, do que com a excellencia dos artigos.

J. M. DE ABREU.

Elogio historico de José de Seabra da Silva, pronunciado na secção pública da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 10 de março de 1861, pelo Marquez de Rezende, seu socio nacional correspondente.

Lisboa, 1861, 1 *in* 4.º *de 72 pag.*

Muitas das epochas mais proximas da nossa edade são-nos menos conhecidas que as mais remotas por causas bem faceis d'apreciar, avultando entre ellas as convulsões e transformações, por que tem passado a presente geração. O curiosissimo livro, com que o sr. Marquez de Rezende acaba d'enriquecer a nossa litteratura, dignissimo dos mais prosperos tempos da Academia, na fórma e no fundo da materia, vem encher uma d'estas lacunas, e lançar um immenso clarão sôbre alguns annos, e obscuros successos dos fins do seculo passado, em Portugal. Ligados em estreitas relações d'amizade e familiaridade com o ministro de D. José e D. Maria I, os srs. Marquezes de Penalva, e de Rezende (seu filho), pôde o auctor benemerito, rico de memorias mui intimas, referir-nos não só acontecimentos notaveis, mas dictos tão sentenciosos, como caracteristicos, d'outros ignorados, que, melhor que os retratos, pintam ao vivo os grandes homens. As longas e curiosissimas — *Annotações* — completam e enriquecem o magestoso quadro.

É dest'arte que o insigne academico, (para cujo merito bastaria o testemunho da confiança que 'nelle tem depositado, desde muitos annos, S. M. I. A Senhora Duqueza de Bragança, modelo de todas as virtudes), fructifica, na longa edade de *setenta e um annos*, os estudos e as recordações dos tempos, tão varios e abundantes de successos importantes, por que tem passado, em diversos e estranhos paizes e climas, sem lhe esgotarem, como 'noutros, a seiva da vida, e o ânimo d'emprehender e levar ao cabo tarefas espinhosas e trabalhosas.

Crêmos que o livro, desde que for mais conhecido, pois que apenas acaba de sahir a lume, justificará plenamente este nosso juizo; que ousâmos aqui estampar, esperando que outros, melhor habilitados, tractem mais cumprida e dignamente, em honra e louvor do seu auctor, o importante assumpto.

A Paz, por M. Gratry;—e Discurso de Mgr. Dupanloup, Bispo d'Orleans, ácêrca da agricultura.

O jornal dos economistas, 'num dos ultimos numeros, dizia o seguinte, na sua chronica economica: — «Fugimos de tudo quanto divide; folgâmos com tudo quanto approxima e estreita. Acolhemos por isso, com um verdadeiro movimento d'alegria, toda a palavra emanada d'alguma das grandes potencias moraes, que dominam o mundo, a favor ou no sentido da economia politica. Quando é a religião, que pronuncia esta palavra, sentimo-nos com ella particularmente felizes, mesmo por causa da prevenção, de que a sciencia economica é ainda sobejas vezes objecto, da parte d'algumas pessoas religiosas, que vêem 'nella uma sciencia material e materialista.

Ha pouco tempo, era um padre eminente do Oratorio, o P. Gratry, que nos proporcionava este gôsto 'num escripto de singular eloquencia, intitulado — *A paz*. M. Gratry cita Bastiat ao lado de S. Paulo, e falla, como Cobden, na lingua de Fenelon. São meditações d'uma alma, generosamente enamorada de todos os progressos moraes, politicos, e economicos, reconduzidos á lei do Evangelho, como a um tronco commum.

No mez passado foi Mgr. Dupanloup, o eloquente e energico Bispo d'Orleans, que, por occasião d'um concurso regional agricola, fallava em termos magnificos ácêrca da agricultura na cathedral de Santa Cruz.

Com este bello elogio da vida rural e da arte agricola, vinham de mistura considerações d'uma ordem mais elevada, que mostravam, que o digno Bispo comprehende bem as condições da vida moderna. Mgr. Dupanloup está mui longe de condemnar os interesses dos capitaes, a industria, e o commercio, origem dos commodos, sem os quaes a vida moral, segura da satisfação das primeiras necessidades da existencia material, não póde desinvolver-se e estender-se.

Sentimos que nos falleça o espaço para citar algumas bellas passagens d'esta oração, que tinhamos notado com esse fim, e que todo o economista, de bom grado, applaudirá. Mas lêl-a-hão por inteiro, que bem o merece; e será bôa e saudavel a sua influencia. A economia politica ensina os beneficios da vida rural, que demonstram os perigos do *absenteismo*, o velho mal da propriedade e da patria franceza. É de summo gôsto ver prégar os deveres da vida campestre pela religião, não se dedignando de juntar ás razões, que lhe são

proprias, motivos que toma na sciencia de Quesnay e de Turgot.»

O elequente prelado, desde longo tempo conhecido por seus escriptos, na França e paizes estrangeiros, é auctor das seguintes obras: *De la pacification religieuse*, 1 in 8.°; — *De l'education*, 2 in 8.°; — *De la haute education intellectuelle* (tom. 1.°) 1 in 8.°; — *De la souveraineté temporelle du Pape*, 1 in 12.°; — *La souveraineté pontificale, selon le droit catholique et le droit européen*, 1 in 8.°; — *Defense de la liberté de l'eglise*, 2 in 8.°; — *La vraie et solide piété* par Fenelon, *recueillie de ses oeuvres*, 4 in 12.° etc. A. FORJAZ.

«Ha reis que ordenam multidão de leis, das quaes se não colhe outro fructo senão viverem os bons em cêrco, que não hão mistér leis; e os maus terem mais leis que desprezar. Isto é atar as mãos aos bons, e soltal-as aos maus.» FR. AMADOR. ARRAES, Dial. 5.° c. 4.°

Quantas são as linguas dos servidores, tantas trombetas de pregoeiros temos; e quantos olhos e orelhas elles têm, tantos agulheiros e aberturas têm nossas casas, por onde se lhe vae até o muito guardado.

O que tem muitos criados em sua casa, tem muitos sovios de serpentes, linguas de escorpiões, muito veneno escondido para o repouso d'ella, muitos ventres famintos, e vorazes, muitas gargantas insaciaveis, de sorte que os poucos moços são maus, e os muitos mui peores; e não ha peor cousa que, do que é mau, ter muito; e dos muitos ministros pouco serviço. O MESMO, Dial. 2.° c. 14.°

NOTICIARIO

A união, e alegre convivencia dos felizes dias da mocidade, que cursa as escholas, acaba, para cada uma das gerações academicas, no termo de poucos annos, sem deixar após de si mais do que algumas, mui doces, recordações. Os estudantes da Universidade livre de Bruxellas tentaram, quanto possivel, perpetual-a, em beneficio da mãe commum, do progresso das lettras, e não menos de seus successores nos bancos das aulas, menos bem quinhoados da fortuna.

«Apreciando (disse o Conselho da Universidade em seu relatorio de 17 de dezembro de 1859) a util influencia que esta associação podia exercer no interesse da Universidade, o Conselho admittiu-a a fazer-se representar na administração por um delegado escolhido annualmente pela *União dos antigos estudantes*. Posta assim ao corrente do que pareça exigir o interesse da Universidade, a União póde trabalhar com certeza na tarefa que se impoz. Duas pensões (*bolças*) d'estudos são annualmente conferidas pela União aos estudantes que, por sua situação e trabalhos, mais direito tenham a ellas. Além d'esta obra de beneficencia, applica-se a União a propagar os principios ensinados pela Universidade; e todas as vezes que surgem contra ella injustos ataques, um nucleo de defensores organisados encarregam-se de justifical-a.»

Extrahimos do livro intitulado — *L'Université libre de Bruxelles pendant vint-cinq ans* — os seguintes estatutos e regulamentos, mui dignos de se offerecerem á meditação da nossa juventude escholastica, e egualmente a indicação dos cursos de que se compõem as faculdades.

ESTATUTOS

Da União dos antigos estudantes da Universidade livre de Bruxellas.

1.° Os antigos estudantes da Universidade livre de Bruxellas constituem-se em associação com o fim de estreitar entre si os laços da fraternidade, e de concorrer para a prosperidade da Universidade, e desinvolvimento de suas doutrinas.

2.° Uma direcção, composta d'um presidente e de oito membros, é particularmente encarregada de velar pelos interesses da associação.

3.° Torna-se membro da associação todo o antigo estudante, que, sendo admittido pela direcção, adhere aos estatutos e programma da União.

4.° A associação reune-se todos os annos em assembleia geral, a 20 de maio, anniversario da sua installação; e a 20 de novembro, anniversario da inauguração da Universidade livre.

5.° Na reunião de 20 de maio a assembleia ouve um relatorio sôbre os trabalhos do anno transacto, e situação financeira da associação, e procede á renovação da direcção.

6.° Na reunião de 20 de novembro a assembleia procede á eleição d'um delegado perante o conselho administrativo da Universidade; e estatue sôbre as propostas, que os membros entendem dever submetter á sua decisão.

7.° A Direcção póde receber, como *membros honorarios*, as pessoas, que adherirem ao programma da União.

Os membros honorarios têm direito ás publicações da sociedade.

8.° Para prover ás despesas da União, cada membro entra annualmente na caixa social com uma somma, pelo menos de cinco francos.

Bolsa (*pensão*) d'estudos.

REGULAMENTO

1.° A União dos antigos estudantes da Universidade livre de Bruxellas tem fundado uma *Bolsa* (pensão) para facilitar aos moços, desfavorecidos da fortuna, o accesso dos estudos universitarios.

2.° Esta bolsa, do valor real de 515 francos annuaes, compor-se-ha de 300 francos em moeda, e do direito concedido ao pensionista de seguir gratuitamente os cursos da faculdade que queira frequentar.

3.° Será conferida todos os annos para tomar curso na abertura do anno academico, e o antigo pensionista será preferido a todos os outros, se o seu aproveitamento e bom porte o fizerem digno d'isso.

Todavia o mesmo pensionista não poderá disfructal-a mais de cinco annos seguidos, salvo em casos excepcionaes, deixados á appreciação dos collatores.

4.° A collação d'esta bolsa pertence á commissão da União.

5.° Os moços, que desejarem obtêl-a, requerel-a-hão por escripto, antes do 1.° de Maio de cada anno, ao presidente da União. O requerimento deverá ser acompanhado da certidão de edade do supplicante, e d'um certificado de como fez as suas humanidades (*preparatorios*). Indicará tambem os estudos, que se propõe fazer.

6.° Os requerimentos, em todo o caso, serão transmittidos pelo presidente da União aos Conselhos das faculdades, em que os supplicantes pretenderem tomar os graus, rogando-se a estes Conselhos, que façam as suas observações, e dêm o seu voto sôbre o merecimento dos differentes pedidos.

7.° A commissão da União reunir-se-ha para conferir a bolsa nos primeiros dias de julho; e o presidente lhe fará conhecer os requerimentos apresentados, os documentos que os acompanham, os votos e observações das faculdades, e as outras noticias, que tenha procurado. Se d'estes diversos documentos e relatorios resultar sufficiencia d'informações para que a commissão possa immediatamente conferir a bolsa, a collação far-se-ha desde logo. No caso contrário, a commissão poderá exigir novas informações, ou abrir um concurso entre aquelles dos postulantes, que lhe parecer estarem mais habilitados; e 'neste último caso, não conferirá a bolsa senão depois de ouvido o parecer d'um jury especial, que tiver nomeado para o concurso.

Mais ampla e benefica, sem comparação, a Sociedade Philantropica da Universidade de Coimbra, poderá comtudo aproveitar alguma cousa para seu melhor regimen, e justa repartição de seus soccorros ao merito, não á mediocridade, na meditação d'estas *bases* da sociedade belga. A audiencia e o voto das faculdades ácêrca dos postulantes, que já cursaram algum anno, tem vantagens, que não carecem d'exaggerar-se.

A Universidade livre de Bruxellas compõem-se de cinco faculdades, — *de philosophia e lettras — sciencias naturaes e mathematicas — direito — sciencias politicas e administrativas — e medicina.*

Os cursos da primeira são: — de litteratura grega — latina — philosophia e historia da philosophia — archeologia, antiguidades gregas e romanas — historia e geographia antiga — historia e geographia moderna — lingua e litteratura franceza, e historia das litteraturas modernas — grammatica geral — e linguas orientaes.

A faculdade de sciencias naturaes e mathematicas compõe-se dos seguintes cursos: — mathematicas especiaes, cálculo infinitesimal, e mechanica analytica — geometria descriptiva — zoologia, anatomia comparada — botanica, mineralogia e geologia — physica — chimica — astronomia e historia das sciencias.

A de direito tem os seguintes: — philosophia do direito, direito natural — historia do direito romano — theoria e fontes da legislação, desde a legislação romana até á actual — Institutas de direito romano — Pandectas em relação com o codigo e as novellas — direito civil moderno — codigo do processo civil e ordem das jurisdicções — direito commercial — direito criminal, codigo penal e do processo criminal — direito dos costumes, e legislação transitoria — medicina legal (curso commum com a faculdade de medicina).

Os cursos da faculdade de sciencias politicas e administrativas são: — de direito público, interno e externo — historia politica, tractados, diplomacia etc. — economia politica — estadistica — direito administrativo — historia das assembleias deliberativas, cartas e constituições, e eloquencia politica.

Os de medicina comprehendem: — anatomia e historia da medicina — physiologia e chymica medica — pathologia geral — pathologia medica — pathologia chirurgica — hygiene geral e dietética — clinica interna e therapeutica — clinica chirurgica, medicina operatoria, apparelhos, e ligaduras — partos, clinica dos partos, e molestias de mulheres e meninos — pharmacia theorica e práctica, pharmacologia e materia medica — medicina legal, e legislação medica (curso commum com a faculdade de direito).

Esta Universidade, como a catholica de Luvaina, testimunhos vivos do que póde a liberdade do ensino, ainda o superior, 'num paiz cheio de vida e acção, posto que pequenissimo, foi fundada por meros particulares, cidadãos de Bruxellas, e a expensas suas, em 1834.

O INSTITUTO

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO

REDACTORES

A. Forjaz

A. Ayres de Gouvêa — A. da C. Vieira de Meirelles — A. d'O. Silva Gaio

A. Victorino da Motta — F. de Torres Coelho — Jayme C. Moniz

Preços da Assignatura

Por anno em Coimbra	1$500
Para fóra de Coimbra, estampilhado	1$800
Para o Brasil (moeda fraca)	4$000
Avulso (tão sómente para os socios e assignantes)	160

Assigna-se no Gabinete do Instituto — Rua Larga.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

ECONOMIA POLITICA

A primeira ideia que se offerece a quem quer que pretende estudar, de princípio, a sciencia, que commummente se diz *da riqueza*, é exactamente a contrária, a da pobreza e necessidades.

Nascemos nus, desarmados de todos os recursos, de que a Providencia dotára os irracionaes, quer contra os rigores das estações e dos climas, quer contra a raiva ou a voracidade dos outros animaes. E, quanto mais nos desinvolvemos, e alçâmos acima d'elles, tanto mais, individuos e nações, experimentâmos urgentes e imperiosas necessidades, variadissimas, physicas e moraes, reaes e feitiças, rasoaveis e desarrasoadas.

Querer demonstral-o fôra ociosidade. Não ha ahi alguem, que per si mesmo, a todo o instante, não possa dar testimunho d'esta verdade.

Para a satisfação d'essas necessidades sobram os obstaculos. Vencel-os é o constante intuito do homem o mais rude, e, em superior grau, o cuidado, e esfôrço do mais intelligente.

Necessidades, e logo o — *esfôrço* pelas satisfazer: eis ahi pois o introito da bella sciencia economica.

Mas o esfôrço consiste na acção de nossas faculdades, que são muito, e mui exclusivamente — *nossas — de cada um de nós*, — a nossa individual *propriedade;* que ninguem nos póde tomar, sem que ao mesmo tempo nos tire o nosso ser de racionaes, de *pessoas*.

Propriedade por tanto do *esfôrço*, e se antes querem dizel-o, *do trabalho;* propriedade necessaria de seus resultados, quando hajam sido realisados sôbre elementos commuus, do genero humano, *nullius*, em phrase juridica; d'estes, tantos, e innumeraveis, que o Creador disseminou sôbre a terra, e no seio d'ella, para exercicio da nossa actividade, e soccôrro de nossas precisões, modificando-os nós ou na fórma, ou na situação.

A ideia pois da *necessidade* no limiar; logo a do esfôrço; e em seguida a da — *propriedade*.

Mas a primeira das nossas necessidades distingue-se bem, reflectindo-se no curto alcance, e limitação de nossos esforços, ou antes dos meios individuaes para os tentar, de nossas fôrças. Em meia duração da vida são quasi nullas; no resto, a bem pouco attingem, desajudadas.

Qualquer dos instrumentos, ainda os mais singelos, que empregâmos, revelam uma certa combinação e associação de fôrças, que os produziram; e que sem ella poderia ser que por fórma nenhuma o homem conseguisse obtel-os; aperfeiçoados, per si só é inquestionavel que nunca.

Limitação de fôrças, e d'esforços; urgente necessidade, uma das primeiras e mais vivas, a da — *associação*, e combinação d'elles, — a *troca*; porque, quando presto a outro algumas horas do meu trabalho, concorrendo elle comigo no mesmo ou em outro analogo, que egualmente me presta, da sua parte, é tão manifesta a troca, como quando cada um de nós cede ao outro os resultados d'essas horas de trabalho.

E tão poderosa é a efficacia e a potencia d'essa combinação e troca d'esforços, que o pigmeu, o homem só, converte-se em gigante, penetra os segredos da natureza, apodera-se dos seus thesouros; e não contente de a subjugar na terra, ousa e consegue, nos mesmos ares, fazer sua a fôrça e a velocidade do raio.

Necessidade.
Esfôrço.
Propriedade.
Troca; — e com esta o
Valor.

Porque aonde ha troca, houve de preceder a appreciação, mais ou menos pensada (pouco importa), dos esforços, ou de seus resultados, que se trocam; e quando definitivamente se ajustou, e o contracto ficou perfeito, cada um dos permutantes avaliou a sua prestação na do outro, e concluiu serem eguaes, isto é, merecerem eguaes sacrificios.

Chegados a este ponto, o que se segue, é por assim dizer subordinado, e a certos respeitos segundario, como o são as consequencias, referidas aos principios, de que procedem.

Aquellas ideias, que os termos — necessidade, esfôrço, trocas, e valor — indicam e resumem, são a base, o mais fundo alicerce da sciencia economica pura, do que chamâmos *philosophia da industria*, alcançando com este nome todos quantos esforços o homem emprega, modificando-se a si, ou á materia, para conseguir satisfazer as suas necessidades.

As condições do aperfeiçoamento dos esforços, produzindo a *utilidade*, anthitese da necessidade; e as da troca, em que entra tudo quanto respeita aos largos campos da — *moéda* e *credito;* — as leis que presidem naturalmente á distribuição dos resultados da associação, ou dos esforços combinados, — a *theoria da distribuição;* e os breves traços da natureza e effeitos do *consummo* das utilidades produzidas, — tudo isto pende d'aquelles primeiros conhecimentos, e explica-se por elles.

Entre as condições, porém, do aperfeiçoamento do esfrôço, e da troca, avultam umas, após das quaes o observador caminha a outra diversa região, que lhe abre novas e formosissimas perspectivas.

Sem *Ordem*, e sem *liberdade*, condição da ordem, não é possivel a continuação e o aperfeiçoamento, quer do esfôrço individual, quer da troca; porque sem ellas domina a fôrça, cala-se o direito, *a propriedade é nulla*.

D'ahi a indispensavel necessidade, tambem *economica*, da associação politica, *do Estado*, e do governo d'elle: que para nenhum outro fim é constituido senão para manter a ordem, e com ella a *justiça*, e por consequencia a *liberdade* e a *propriedade*, ideias que jámais podem desprender-se.

Quaes os justos limites da acção do Estado? como deverá segurar a liberdade d'acção e desinvolvimento dos humanos esforços, ou da industria e das trocas, sem que, prétendendo o melhor, se converta em — tutor, director, senhor absoluto, enervando a iniciativa individual?

Novo, e gravissimo capítulo da economia politica, ou antes da sciencia do direito público, considerado em relação á industria.

Com o que deva fazer-se, acode á averiguação o que se fez, e o que se está fazendo; e da confrontação da theoria com a práctica surgem milhares de observações, e regras d'ahi procedentes, do mais elevado interesse, para luz do cidadão, do estadista, e do legislador.

'Nêste campo *politico-economico*, propriamente dicto, não já, como o primeiro sómente *philosophico-industrial*, acode ao pensamento a investigação dos meios pecuniarios, pelos quaes o Estado poderá satisfazer á sua missão. E como esteja plenamente demonstrado que o — *imposto*, como, em qualquer outra associação, a cotisação dos socios, é o unico modo constante e regular d'encher o thesouro público para d'ahi sahirem aquelles meios; a *sciencia do imposto*, as regras de sua escolha, lançamento, cobrança e emprêgo, o que tudo prende estreitissimamente com as condições da vida e progresso industrial, vem ligar-se em fim á policia economica, como esta á philosophia da industria.

Taes são os primeiros, e mais largos traços, em nosso entender, d'estas bellas doutrinas, que, com o nome de — *Economia politica*, a mocidade estudiosa procura estudar, para, um dia, bem-merecer da patria nos cargos publicos, mórmente administrativos e parlamentares.

A. FORJAZ.

SCIENCIAS PHYSICAS E MATHEMATICAS

INFLUENCIA DA CULTURA DO ARROZ

(Excerpto da Medicina Administrativa e Legislativa do sr. Dr. Macedo Pinto).

Reputada a mais nociva de todas, merece esta cultura que d'ella nos occupemos especialmente no presente artigo. A observação propria e a experiencia alheia ha muito nos têm convencido da insalubridade dos arrozaes, que reputâmos verdadeiros pantanos artificiaes, e até em geral mais nocivos que os naturaes. Porém, em objecto tão grave e melindroso, no qual a saude pública parece luctar contra grandes interesses particulares, não basta emittir a nossa opinião, cumpre fundamental-a, quanto o permitte a estreiteza do logar, e o exige a gravidade do assumpto.

A CULTURA DO ARROZ EM PORTUGAL. — Entre nós cultiva-se arroz de duas variedades: o arroz ordinario ou paraganudo (*Oryza sativa*), e o arroz carolino (*O. mutica*): aquelle cultiva-se em terrenos constantemente inundados, porisso mais conhecido pelo nome de *arroz aquatico*; este ou se rega periodicamente (processo que é mais seguido), ou se cultiva em terrenos constantemente inundados.

A cultura do arroz foi introduzida em Portugal por meiado do seculo passado; e fazendo logo do princípio sentir seus perniciosos effeitos, já experimentados 'noutros paizes, pro-ov cou contra si os repetidos clamores dos povos; pelo que tal cultura foi prohibida em Villa-Nova de Anços, e successivamente no Louriçal, Leiria, Alcobaça, etc. Contra esta prohibição e para defender os arrozaes, cita V. C. Seabra da Silva Telles[1] o alvará de 24 de junho de 1781, com o qual nossos reis os quizeram proteger. Deve porém advertir-se que assim este alvará como os precedentes, que regulavam a importação do arroz, tinham por fim promover a sua cultura no Brazil, não em Portugal. Em epochas posteriores, esta cultura pouco se desinvolveu; e ainda em 1818 J. P. de Freitas Soares[2] lhe dava pouca importancia, accrescentando: «Em alguns sitios do nosso reino se tem por vezes tentado esta cultura, e sempre os povos vizinhos têm padecido febres perniciosas.» Posteriormente a 1837 aquella cultura ganhou incremento: então a reforma das pautas das alfandegas e a legislação consecutiva, elevando o preço do arroz, muito influiram para o desinvolvimento do seu cultivo, que diminuiu um pouco depois de 1857, quando escaceando as subsistencias, as reclamações dos povos fizeram baixar os direitos do arroz extrangeiro.

Já em 1850 a insalubridade dos arrozaes,

[1] Memoria sôbre a cultura do arroz em Portugal e suas conquistas. Lisboa, 1800.

[2] Tractado de polícia médica, pag 343. Lisboa, 1818.

sem embargo das providencias que regulavam a sua cultura, deu origem á circular dirigida pelo conselho de saude pública do reino a seus delegados, a pedir esclarecimentos sôbre a má influencia dos arrozaes na saude pública. Depois as muitas representações dos povos contra tal cultura e algumas de proprietarios a favor d'ella, moveram o govêrno[3] a formar commissões nos districtos, onde se cultivava o arroz, e a propor-lhes quesitos sôbre a insalubridade e vantagens de tal cultura. Estas commissões em seus relatorios deram, como era de esperar, respostas mais ou menos favoraveis a ella. O conselho do Instituto agricola, consultado[4] sôbre estes relatorios, representou[5] ao govêrno a necessidade de crear uma commissão especial, para visitar as localidades onde mais se cultiva o arroz, á similhança do que se fizera ao sudoéste de França em 1852. Era certamente este o meio mais judicioso de bem estudar a questão, uma vez que a commissão fôsse composta de medicos e agronomos, que, além de colherem na localidade as necessarias informações, examinassem por si as condições da sobredicta cultura e a sua influencia na saude dos povos.

Quando tractarmos da policia sanitaria, daremos noticia das providencias regulamentares, que a este respeito o govêrno adoptou em differentes epochas. Já defficientes em si, ainda as mais d'ellas foram sophismadas na execução, deixando subsistir o flagello dos arrozaes; o que não só provocou novas representações, mas até forçou um povo docil e obediente, como o nosso é, a fazer-se justiça por suas mãos, destruindo em alguns logares as sementeiras do arroz; outras mandou-as inutilisar a auctoridade para evitar os motins populares[6].

Factos de tal natureza não podiam deixar de attrahir a attenção da imprensa; e effectivamente a questão dos arrozaes foi tractada nos jornaes medicos e politicos, e a final calorosamente discutida no parlamento. Em resultado de tudo isto o govêrno, por portaria de 16 de maio de 1859, nomeou uma commissão de lentes do Instituto agricola, para estudarem os pontos mais importantes da questão dos arrozaes, com respeito á salubridade e á agricultura: a commissão já se desempenhou d'aquelle encargo publicando o respectivo relatorio[7].

A historia da oryzicultura em todos os paizes da Europa, sôbre tudo em Italia, mostra que tem crescido o número dos impugnadores dos arrozaes, e augmentado as restricções propostas pelos seus mesmos defensores, ao passo que mais se tem estudado este objecto: d'onde já poderiamos concluir que a cultura do arroz é insalubre; porque, se o não fôra, deveria acontecer a esta o mesmo que ás outras industrias agricolas e fabris, as quaes o estudo têm feito progredir, despeando-as parcial ou totalmente das medidas coercitivas.

A CULTURA DO ARROZ JULGADA PELOS MEDICOS. — Em França, Tardieu[8] qualifica os arrozaes de verdadeiros pantanos artificiaes, e os julga muito nocivos á saude pública. A commissão encarregada de estudar os da Gironda, julgou-os perigosos não só para os trabalhadores empregados em sua cultura, mas tambem para as povoações vizinhas; e foi de parecer, que similhante industria devia contar-se na primeira classe dos estabelecimentos insalubres. Boileau-Castelnau[9] recolheu factos mui importantes sôbre a malefica influencia da mesma cultura, dos quaes exporemos só os dois seguintes:—Bourely, encarregado da clínica medica na faculdade de medicina de Montpellier, no seu relatorio de 1848, diz, que as febres intermittentes mais graves e rebeldes se deram nos trabalhadores do arrozal de Chateau-d'Avignon, e que grande parte d'estes infelizes morreram de febres pernicio-

[3] Circulares do ministerio das obras públicas etc. aos governadores civis, em data de 15 de fevereiro e 1 de março de 1854.

[4] Officio do ministerio das obras públicas, etc., de 26 de abril de 1855.

[5] Consulta do conselho do Instituto agricola de Lisboa ácêrca dos relatorios dos governadores civis de Aveiro, Coimbra, Evora, Leiria, Portalegre e Santarem, sôbre a influencia dos arrozaes na salubridade pública (Vej. Gazeta méd. de Lisboa, 1.ª série, tom. 4.º, 1856, pag. 37).

[6] Na portaria do ministerio do reino ao governador civil de Coimbra com data de 28 de junho de 1852, estranha-se-lhe o haver mandado destruir algumas sementeiras de arroz; e na portaria ao governador civil de Aveiro em 13 de maio de 1853, ordena-se-lhe que previna a destruição tumultuosa das sementeiras do arroz, recommendando rigor contra os abusos de tal cultura. Da portaria de 11 de maio de 1855 ao governador civil de Coimbra consta, que em 6 do mesmo mez o povo do concelho de Cantanhede destruiu amotinadamente as searas do arroz; excesso, que foi geralmente attribuido á facilidade com que se haviam concedido as licenças para tal cultura. Em 1858, no districto de Aveiro, os povos de Villar, S. Bernardo e Oliveirinha, reuniram-se, em número de mais de duzentos individuos, e começaram a inutilisar os trabalhos da cultura dos arrozaes de Mataduços, Esgueira e Agras; a auctoridade resistiu-lhe com fôrça armada, e depois d'uma lucta bastante renhida, que deu logar a ferimentos graves, conseguiu dispersar o povo prendendo vinte e cinco pessoas. Em maio de 1860 tiveram logar occurrencias analogas entre a auctoridade e o povo de Vil-de-Matos (concelho de Coimbra), por causa do arrozal do Val-Travesso: corre ainda processo criminal, em que estão involvidos alguns individuos presos 'neste motim. Estes e outros alvorotos populares, e as repetidas representações que os precederam, provam exuberantemente a profunda convicção dos povos sôbre a influencia dos arrozaes.

[7] Relatorio sôbre a cultura do arroz em Portugal, e sua influencia na saude pública (comprehendendo: I. Diario das visitas aos arrozaes, por Manuel José Ribeiro. II. Informações da administração e dos facultativos. III. Considerações chimicas sôbre os arrozaes e analyses comparativas, regimen das salinas, por Sebastião Bettamio de Almeida. IV. Estudos economicos e hygienicos sôbre os arrozaes, porJ oão de Andrade Corvo.) Lisboa, 1860.

[8] Dictionnaire d'hygiéne públique, tom. II, pag. 452, e tom. III, pag. 331. Paris, 1854.

[9] Annales d'hygiéne publique et de méd. lég., tom. XLIII, pag. 327. Paris, 1850.

sas, e outros ficaram padecendo obstrucções das visceras abdominaes.— Martin, medico e director do hospital de Arles, assevera que o arrozal de Chateau-d'Avignon fornece áquelle hospital grande número de doentes de dysenterias, de intermittentes, e sôbre tudo de febres remittentes de mau caracter, e que o proprio director do arrozal succumbira d'uma febre perniciosa.

Em Italia, o paiz da Europa onde maior incremento tem ganhado a cultura do arroz, os medicos attribuem a esta causa as graves molestias, que no estio e outomno alli dizimam as povoações proximas aos arrozaes. Giovani Strombio e Giacombio Ambrosoli [10] dizem, que as febres intermittentes e remittentes que infectam Milão, são causadas pelos ventos que varrem os arrozaes. Baird Smith [11] assevera terminantemente, que em Italia é universal a opinião quanto á insalubridade dos arrozaes, e que na epocha da sua ceifa é que mais se desinvolvem as intermittentes.

Em Hespanha, segundo refere Monlau [12], a cultura do arroz já foi prohibida em 1342 no termo de Valencia e de algumas villas das immediações; prohibição renovada assim 'nestas como 'noutras localidades, por se haver insistido 'naquella cultura, apenas afrouxára o rigor na execução das leis. Dando como verdade assentada a insalubridade dos arrozaes, aquelle auctor declara-se abertamente contra a sua cultura.

A opinião da grande maioria dos medicos portuguezes tambem é contra os arrozaes. M. A. de Moraes Mendonça [13] reputa uma felicidade, que no concelho de Monte-Alegre não haja prosperado esta cultura. L. S. Barbosa [14] diz que os arrozaes, produzindo evaporações maleficas similhantes ás dos pantanos quasi seccos, são insalubres. Madeira Torres [15] diz que a cultura do arroz não é para desejar-se, por não compensar com o seu proveito os damnos que causa á saude pública. O Dr. J. F. da Silva Pinto [16] affirma ter observado no concelho da Louzan, que alli os arrozaes produzem todas as molestias dos pantanos, excepto a peste do Egypto, a cholera-morbus do Indostão e a febre amarella das Antilhas; e que as molestias provenientes dos arrozaes, além de serem sempre mais graves, apresentam symptomas insolitos que difficultam mais o seu diagnostico. Havendo exercido por mais de vinte annos a clinica 'naquelle concelho naturalmente saudavel, e comparando a frequencia e natureza das molestias e o número dos obitos occorridos, assim antes da cultura do arroz, como no tempo d'ella, e posteriormente, chegou a convencer-se da nociva influencia de similhante cultura, de sorte que se exprime nos termos seguintes: «Nem o mais robusto e obstinado pyrrhonismo se atreverá a negar de boa fé a nocividade dos arrozaes, a qual só a ignorancia ou a má fé podem pôr em dúvida.»

No relatorio da commissão do Instituto agricola vêm citados documentos officiaes, que mostram a firme opinião da grande maioria dos facultativos (dos concelhos, onde o arroz se cultiva) sôbre a insalubridade dos arrozaes; e dos poucos facultativos, que mais favoraveis se lhes mostram, só mui raros negam absolutamente a insalubridade d'elles, e deixam de propor restricções á sua cultura. Se a questão pois houvesse de decidir-se pela auctoridade dos medicos, poderiamos afoitamente dal-a já por decidida; muito principalmente, porque as auctoridades allegadas representam a observação das pessoas, que mais de perto estudaram a materia só com as vistas na saude e bem estar dos povos. Alguns d'elles, clinicos respeitaveis, declaram até haver reconhecido por experiencia, que os arrozaes são uma causa poderosa e infallivel das febres paludicas de todos os typos, e que estas febres presentam maior gravidade e uma natureza especial.

Terminaremos citando o seguinte trecho do referido relatorio: «A commissão dos arrozaes teve nas suas excursões occasião de fallar com muitos individuos occupados nos trabalhos ruraes: á excepção dos proprios donos dos arrozaes, a ninguem mais ouvimos dizer, que a cultura do arroz não era poderosa e funesta causa de insalubridade. No rosto amarello e angustiado dos desgraçados habitantes das localidades onde os arrozaes mais abundam, era-nos facil ter incontestaveis provas, de que as representações contra essa cultura tinham infelizmente fundamento em uma dolorosa experiencia.»

A CULTURA DO ARROZ JULGADA PELOS AGRONOMOS. —Como estes são os que mais devem attender aos interesses da agricultura, tem porisso o seu voto grande pêso na questão dos arrozaes. Ouçamol-os pois. Gasparin [17], o mais distincto agronomo de nossos dias, diz: «As povoações que se sustentam de arroz obtêm este saudavel alimento á custa da saude dos que o cultivam: tal cultura não só vae despovoando lentamente os logares onde se exerce, mas a creação d'um novo arrozal, infiltrando no solo agua viciada, estende sua funesta influencia além de 1 myriam. de distancia, e assim preju-

[10] Milano e il suo territorio. Milão, 1844.

[11] Italian irrigation. vol. 1. Londres, 1855.

[12] Elementos de hygiene pública. Barcelona, 1847.

[13] Vej. Jornal de Coimbra, vol. 3.°, pag. 324—Breve descripção do concelho de Monte-Alegre.

[14] Vej. Jornal de Coimbra, vol. 6.°, parte 1.ª, pag. 33. Lisboa, 1814—Segundo semestre nosologico de Leiria.

[15] Mem. da Acad. Real das Scienc. de Lisboa, tom. 11.°, parte 2.ª, pag. 254.

[16] Memoria sôbre os inconvenientes da cultura dos arrozaes em relação á saude pública (Vej. Instituto de Coimbra, vol. 6.°, pag. 179) Esta bem elaborada memoria é de muito valor, por conter o resultado das observações d'um de nossos clinicos mais distinctos.

[17] Cours d'agriculture, tom. III, pag. 726. Paris, 1846.

dica outra qualquer cultura. Por este modo obriga ella a converter em arrozaes os terrenos assim esterilisados; e o empenho da auctoridade em reprimir o desinvolvimento dos arrozaes quebra-se contra a resistencia do interesse privado.»

Puvis[18] affirma, «que as povoações que se sustentam de arroz, carecem geralmente de energia e actividade, por ser este alimento pouco nutriente, embora saudavel; e que de mais custa mui caro, pois se compra com a saude e vida de quem o cultiva. Além de que, a cultura do arroz só produz com abundancia nos chãos fundos e humosos, dos quaes poderiam fazer-se excellentes prados, e aproveitar-se terras de lavoura mui productivas.» M. Bonnafous[19], fallando dos arrozaes da Italia diz, «que, se por ventura fôssem consultados sôbre elles os amigos da agricultura e da humanidade, em logar de se animar, devêra coarctar-se a sua cultura.» Os agronomos italianos tambem não são favoraveis a similhante cultura: Magaroli[20], por exemplo, dá por incontestavel, que a maioria dos cultivadores do arroz morre de intermittentes.

De Hespanha diz Monlau[21]: «Modernamente se ventilou a questão, se era ou não nociva a cultura do arroz. Teve esta alguns defensores; porém, depois dos trabalhos do célebre botanico Cabanilles, todos acceitaram a consequencia de suas observações, que é — *el cultivo del arroz daña sobremanera á la salud publica: luego se debe prohibir, y la humanidad pide que cuanto antes se verifique la sentencia* » Posteriormente Alejandro Olivan[22] reputa os arrozaes uma verdadeira praga; pois, como deixam grandes lucros, o cultivador tudo lhes pospõe, até a propria vida e a de seus vizinhos: e assevera tambem, «que a grande maioria dos agronomos está de accôrdo com os hygienistas em julgar a cultura do arroz prejudicial á saude pública.»

Entre nós, o dr. F. Soares Franco[23] é de opinião, que se esgottem os paúes, que se semeiem de cereaes, e que de maneira nenhuma se convertam em arrozaes. « A lei que prohibisse a sementeira do arroz só juncto ás cidades ou villas sería iniqua: a saude dos habitantes dos campos não é menos preciosa (talvez o seja mais) que a dos que vivem nas villas e cidades; e a experiencia mostra, que os miasmas exhalados dos arrozaes se estendem a grande distancia.» J. Maria Grande[24] diz que, «regados á noite, de sorte que o terreno esteja enxuto de manhan, os arrozaes não prejudicam a saude pública, mas que então a sua cultura se torna pouco productiva.» O concelho do Instituto agricola de Lisboa, consultado[25] sôbre os relatorios dos governos civis de Aveiro, Coimbra, Evora, Leiria, Portalegre e Santarem, relativamente á influencia dos arrozaes na agricultura e salubridade pública, propõe, nas bases que offerece para a legislação regulamentar da cultura do arroz, muitas restricções a ella, attenta a sua insalubridade.

A commissão do mesmo Instituto foi mais adiante concluindo o seu relatorio[26] com dizer: «Os arrozaes oppõem-se aos verdadeiros interesses da agricultura: a insalubridade dos arrozaes é um facto demonstrado: a cultura dos arrozaes deve ser substituida por outras culturas regadas, que não prejudiquem a saude dos homens, que augmentem a fertilidade do solo, que tornem mais segura e melhor a alimentação do povo, e que engrandeçam indefinidamente a riqueza pública.» R. de Moraes Soares[27] tracta a questão da oryzicultura pelo lado economico em relação á industria agricola, e termina o seu trabalho propondo um projecto de lei para a prohibição absoluta de tal cultura.

ARGUMENTOS A FAVOR DOS ARROZAES — Por toda a parte onde se cultivam, têm os arrozaes encontrado defensores, bem que em número inferior ao dos que os impugnam. E. V. C. de Seabra da Silva Telles[28] nos diz, « que a cultura do arroz ou não é nociva, ou quando o seja, o é incomparavelmente menos que os paúes.» Para fundamentar sua opinião affirma, que as antheras do arroz, de natureza resinosa, resistem muito á putrefacção; e que os paizes onde o arroz mais se cultiva, como a Asia e a China, são saudaveis: e para citar algum exemplo de casa, adduz tambem como saudaveis as margens do Mondego, onde mais se exerce aquella cultura. Todavia 'nestes e 'noutros argumentos o apologista dos arrozaes não foi feliz: a verdade desmente-os todos.

A. C. Palhoto foi quem compoz o trabalho mais importante em defesa dos arrozaes entre nós[29]: porém as medidas restrictivas que elle mesmo lhes propõe, no projecto de regulamento que offerece, mostram de sobejo, quanto este médico estava convencido da insalubridade de tal cultura; e que, se a admitte assim regulada e restringida, é só para conciliar o interesse dos proprietarios com a saude dos povos.

[18] Emploi des eaux en agriculture, etc., pag. 366. Paris, 1849.

[19] Maison rustique du XIX.e siécle tom. I, pag. 407. Paris, 1842.

[20] Manuali dell'abitatore di campagna. Milão, 1851.

[21] Elementos de higiene publica, pag. 97 (nota), Barcelona, 1847.

[22] Manual de agricultura. Madrid, 1856.

[23] Diccionario de agricultura, vol. 1.°, pag. 320. Coimbra, 1804.

[24] Guia e manual do cultivador, tom. 1.°, pag. 310. Lisboa; 1850.

[25] Vej. Gazeta méd. de Lisboa, 1.ª serie, tom. 4.° (1856), pag. 37.

[26] Relatorio da cultura do arroz em Portugal. Lisboa, 1860.

[27] A cultura do arroz em Portugal (Vej. Archivo rural, 1859, n.° 18, pag. 417).

[28] Memoria sôbre a cultura do arroz em Portugal e suas conquistas, pag. 11. Lisboa, 1800.

[29] Da influencia dos arrozaes na agricultura e na salubridade pública, etc., pag. 10. Lisboa, 1852.

*

«As margens do Sado, do Mondego, etc. (diz elle), têm sido como invadidas pelas sementeiras do arroz; á introducção d'esta cultura succede immediatamente o seu rapido desinvolvimento: ora, se a sua influencia fôsse tão malefica, o instincto popular suffocaria logo á nascença a tendencia para a cultura do arroz.» Admittimos os factos, e respeitâmos o instincto popular: mas a historia mostra que a manifestação d'este contra os arrozaes, quer dentro quer fóra do paiz, tem sido geral e clamorosa [30].

A importante memoria de C. M. F. da Silva Beirão [31] tambem não póde dizer-se favoravel á cultura do arroz; e para o provar basta que citemos o trecho seguinte: « Declaremos com toda a franqueza, que aconselhâmos e votâmos por essa providencia restrictiva [a de marcar a distancia dos arrozaes ás povoações] por estarmos *plenamente convencidos* de que não é possivel entre nós, como o não tem sido 'noutros paizes, estabelecer os arrozaes segundo todos os dictames e preceitos d'uma hygiene esclarecida e d'uma cultura illustrada: se assim fôsse, os arrozaes, ainda os estabelecidos no centro das povoações, não produziriam o menor inconveniente.» Advirta-se, que esta memoria teve por base os relatorios das commissões officiaes nomeadas pelo governo em 1854, das quaes já fizemos menção. Não obstante isto as medidas restrictivas, propostas na dicta memoria, equivalem a uma quasi prohibição indirecta.

J. C. F. Serra [32], facultativo em Alcacer do Sal, é quem mais calorosamente tem ultimamente pugnado pelos arrozaes. Os seus argumentos, bem como os dos auctores antecedentes, podem todos resumir-se nos seguintes: 1.° A cultura do arroz não é insalubre nem na India, nem 'noutras regiões mais quentes que a Europa, nas quaes se faz em maior escala. 2.° Ainda admittido que o seja, podem aperfeiçoar-se os seus processos, e subordinal-a aos convenientes regulamentos, quanto á distancia a que deve ficar das povoações, natureza das condições climatologicas, e outras circumstancias que a tornem innociva. 3.° As doenças dos operarios dos arrozaes são devidas a differentes causas; entre outras, á sua má alimentação, excesso de trabalho, influencia dos pantanos naturaes, etc. 4.° A cultura do arroz póde até melhorar, e tornar menos insalubres as localidades pantanosas, quaes são de ordinario aquellas onde elle se cultiva. 5.° A cultura do arroz, a mais productiva de todas, constitue uma fonte consideravel de riqueza nacional, que não é para desprezar-se; tanto mais, porque o alimento do arroz é saudavel, e a planta innocente: porisso a sua má influencia não póde vir senão de vício de cultura. 6.° Emfim, as doenças attribuidas aos effluvios dos arrozaes podem ser effeito d'outras causas que egualmente as produzem; pois que na pathogenia de taes doenças torna-se muito difficil, se não impossivel, o determinar precisamente, se ellas são causadas por taes effluvios; e muito mais, se junctamente com esta causa actuam outras.

1.° SALUBRIDADE DA ORYZICULTURA. — Diz-se que a cultura do arroz na India, China, America, etc., não é insalubre, e porisso tambem o não deve ser na Europa. Assevera porém Baird Smith [33], que o systema de irrigação acolá é o mesmo seguido na Italia, e todavia a cultura aqui é reconhecidamente insalubre, mórmente em seguida á epocha da florescencia da planta. Huc [34] em suas viagens observou, que na China eram mui frequentes as febres intermittentes. Dos Estados-Unidos da America são mais doentios os do sul, onde mais avulta a cultura do arroz; e nomeadamente cita-se a Carolina, como um dos paizes onde as febres paludicas maiores estragos causam. Refere Boudin [35] que na America, e até nas localidades, em que ha extensos pantanos, raro se dão estas febres fóra das regiões intertropicaes, onde mais se cultiva o arroz. Além d'isso, esta cultura alli faz-se d'um modo muito diverso: semeia-se o arroz com as primeiras chuvas do inverno, colhe-se ainda com muitas chuvas, não tem regas nem é inundado; e por outra parte, os trabalhos da cultura estão a cargo dos negros, que, segundo Boudin, são sujeitos ás febres paludicas menos que os brancos na razão de 1 : 22. Não admira pois, que os arrozaes sejam menos nocivos em taes regiões: mas d'aqui não póde tirar-se argumento a favor de sua cultura na Europa.

2.° APERFEIÇOAMENTO E RESTRICÇÕES DA CULTURA DO ARROZ. — A triste experiencia da cultura do arroz por irrigação [36] ou inundação em França, em Hespanha, e sôbre tudo em Italia, mostra de sobejo que este genero de cultura é de sua natureza pernicioso, e incapaz de se tornar innocente. A cultura, unica admissivel na Europa, seria a do arroz *de sequeiro*,

[30] Vej. pag. 147, 1.ª columna, nota [6].

[31] Memoria academica. Algumas considerações ácêrca das restricções, a que é necessario sujeitar a cultura do arroz em Portugal para conciliar o maximo proveito d'esta industria agricola com o menor risco possivel da saude dos povos. Lisboa 1857.

[32] Breves reflexões ácêrca do debate a que tem dado logar a questão dos arrozaes na camara dos rs. deputados (Vej. Gazeta méd. de Lisboa, serie 2.ª, tom. 1.°, de 16 de abril de 1859, pag. 115 e segg.).

[33] Italian irrigation. London, 1855.

[34] Souvenir d'un voyage, etc., tom. I, pag. 123. Paris, 1853.

[35] Traité de géogr. et de statist. méd., tom. II, pag. 195. Paris. 1857.

[36] No Piemonte tem a experiencia mostrado, que o systema de irrigação alli seguido e reputado o mais perfeito (faz-se a rega de tarde, de sorte que no dia seguinte pela manhan o terreno esteja quasi enxuto, e deixam-se de fazer as regas periodicas na epocha da florescencia) além de tornar os arrozaes menos productivos, diminue sim, mas não extingue sua insalubridade.

ultimamente recommendada por Londero[37]: mas para nós ainda é duvidoso se este genero de cultura póde estabelecer-se fóra das regiões tropicaes. Os regulamentos sôbre a cultura do arroz, por melhores que sejam, não dão um penhor seguro á saude dos povos; o interesse privado tende sempre a sophismal-os na práctica, como mostra a triste experiencia dentro e fóra do paiz. D'aqui concluimos, que o mal não vem dos governos, senão da natureza mesma do objecto.

3.° CAUSA DAS DOENÇAS DOS TRABALHADORES DOS ARROZAES.— A etiologia das molestias é realmente a parte mais intrincada e difficil da pathologia: porém o facto, constante e geralmente observado, de serem os trabalhadores dos arrozaes, principalmente em certas epochas, attacados de febres intermittentes e remittentes, mais que os trabalhadores d'outras culturas, embora exercidas em localidades e condições climatologicas analogas; a circumstancia de se darem nos arrozaes as condições de verdadeiros pantanos; tudo mostra claramente a influencia nociva dos arrozaes. O argumento adduzido póde valer só para collocar os dictos trabalhadores em estado de melhor resistirem áquella má influencia empregando o regime conveniente: porém esse meio nem sempre é efficaz.

4.° MELHORAMENTO DAS LOCALIDADES PANTANOSAS.— É possivel que a cultura do arroz corrija excepcionalmente as condições d'um ou d'outro pantano; mas nem porisso deixa ella de ser um foco de emanações morbificas: por consequencia tal meio de melhoramento hygienico não é prudente, nem seguro. Deve pois esgottar-se o terreno pela gaivação e varios meios que o tornem proprio para a cultura d'outros cereaes e dos prados: nos mais dos casos, a despeza que requer a cultura do arroz, não excederá muito a d'est'outras, e o mesmo poderemos dizer da producção[38]. Além d'isto, a estatistica prova positivamente, que dos arrozaes estabelecidos em terrenos antes paludosos resultou, salvas raras excepções, augmento mui consideravel de mortalidade. A commissão do Instituto agricola, do diario das suas visitas aos arrozaes, concluiu que, «afóra mui poucas excepções, todos os nossos arrozaes foram estabelecidos em terrenos, que d'antes davam milho[39], feijão, e diversas culturas hortenses.» É porém certo, que no campo de Coimbra alguns arrozaes se encontram em paúes que sem melhoramento dispendioso não produzirão outro cereal, pelo menos em annos chuvosos.

5.° RIQUEZA DA CULTURA DO ARROZ.— Em verdade a producção d'esta cultura é espantosa: todavia nos bons terrenos, onde ella é tamanha, podem estabelecer-se outras culturas, que, embora apparentemente menos productivas que a do arroz, se lhe avantajam comtudo, uma vez que se lançem á conta d'ella as despezas feitas com as doenças que causa, e o valor do trabalho que os doentes perdem: portanto, bem longe de constituir verdadeira riqueza pública, a cultura do arroz antes prejudica o lavrador e o estado, deteriorando a saude pública, tolhendo outras culturas mais rendosas, e sôbre tudo empecendo o desinvolvimento da industria pecuaria, que fornece um alimento tão substancial. O arroz é sim alimento saudavel, mas não tão nutritivo, como apregoam os seus apologistas; e poucas nações da Europa fazem d'elle uso tão geral como nós: é porém certo, que este alimento póde ser vantajosamente substituido por outros; e que nós podêmos (como antes faziamos) importar o preciso para nosso consumo, comprando-o com o producto de culturas salubres e rendosas.

6.° MOLESTIAS ATTRIBUIDAS AOS ARROZAES.— Sendo estes reputados geralmente verdadeiros pantanos artificiaes, claro está que as doenças provenientes d'elles se confundem com as causadas pelos outros pantanos, sôbre tudo em localidades paludosas: torna-se porisso mui difficil o estremar os effeitos d'estas duas causas, principalmente entre nós, onde ainda pouco se tem estudado as condições climatologicas de cada localidade. Todavia de similhante argumento nada póde concluir-se a favor da salubridade dos arrozaes, visto que localidades antes saudaveis se tornaram doentias depois de cultivadas de arroz, e a outras com a cessação de tal cultura voltou sua salubridade primitiva[40].

Continúa.

[37] Monitor de la salud, tom. II, pag. 108. Madrid, 1859.

[38] Relatorio da cultura do arroz em Portugal, pag. 551.

[39] O caso referido por J. C. F. Serra, de haver perdido o seu trabalho um lavrador que tentára a cultura do milho em chão antes redúzido a arrozal, é excepcional; pois a práctica da alternação da cultura do arroz com a dos outros cereaes mostra o contrário. A cultura do arroz por si esterilisa sim o terreno; mas o lodo, que 'nelle fica do depósito dos saes da agua e materia organica, o fertilisa: porisso, só quando em pequeno grau se der esta última circumstancia, é que o terreno póde ficar menos adubado e pouco productivo para qualquer outra cultura; como talvez aconteceu no caso adduzido.

ZOOLOGIA

Duas novas especies zoologicas.

O *Instituto* sente sempre gostoso empenho em archivar trabalhos, que alvoreçam á luz d'esta boa terra portugueza. E com prazer, mais que empenho, regista elle hoje uma nova descoberta, que lhe ha de exalçar o nome, á mesquinha, entre os cultores das sciencias naturaes. O sr. Barão do Castello de Paiva,

[40] Vej. a Mem. do Dr. J. F. da Silva Pinto citada a pag. 148, columna 1.ª, nota 16.

afamado naturalista portuguez, é de sobejo conhecido aos que tractam sciencias e lettras, para que lhe levantemos aqui honrosa memoria. Entregue com particular desvelo ao estudo da zoologia, o illustre professor de botanica na academia polytechnica do Porto, tem colhido valiosos resultados que muito abonam a sua competencia 'neste ramo das sciencias naturaes. Ainda ha pouco que o sr. Barão do Castello de Paiva descreveu, o primeiro, duas especies de insectos coleopteros das costas do Oceano indico, e já hoje nos assignala outras duas especies novas.

Que o illustre naturalista não desanime na trabalhosa senda que encetou, e mostre a extranhos que a patria de Garcia d'Orta, e Correia da Serra, de Brotero, e Vicente de Seabra, não perdeu ainda os fóros intellectuaes, que já tão respeitada a fizeram.

Eis a descripção estampada nos *Annals and Magazine of natural Hystory, Sept.* 1861 *pag.* 210 *a* 212.

Fam. Galerucidae.— Genus CALOMICRUS. (Dillwyn) Steph., Ill. Brit. Ent. iv. 293 (1831). — *Calomicrus Wollastoni*, Paiva.

C. oblongus, subopacus, subtilissime alutaceus, subtus pubescens, supra flavo-testaceus, capite (praesertim postice) rufescentiore, oculis, interdum mento, prosterno, mesosterno, metasterno abdomineque nigris; prothorace brevi, in medio trasversim impresso (impressione in disco plus minus interrupta); elytris dense punctulatis; antennis testaceis, apicem versus paulo infuscatis; pedibus pallido-testaceis.

Long. corp. lin. $1^2/_3$—$1^3/_4$.

Habitat in floribus foliisque *Cistorum* (sc. *vaginati*, Linn., et *Monspeliensis*, Linn.) in ins. Teneriffa, Palma, et Hierro, inter 1500′ et 3000′ s. m. crescentium, una cum *Hispa occatore*, Br., degens; in pinetis locorum editiorum praecipue vivit.

In honorem peritissimi Entomologici T. Vernon Wollaston necnon viri praestantissimi hanc speciem certe novam, ob quamplurimas gratias mihi amicissime oblatas, grata mente libenter nuncupavi.

C. sat angustulus, oblongus, subopacus et oculo valde armato subtiliter sed distincte alutaceus, subtus pubescens, supra pilis omnino carens, pallide flavo-testaceus, capite (praesertim postice) paulo rufescentiore. *Corpus* subtus (sc. sterna abdomenque necnon interdum etiam mentum) nigrum. *Oculi* magni, prominentes, nigri. *Prothorax* brevis, transversus, antice truncatus, postice leviter rotundatus, lateribus fere rectis, ad latera et basin anguste marginatus, in medio transversim impressus, impressione in disco plus minus distincte interrupta vel divisa. *Elytra* dense sed leviter punctulata, concolaria. *Alae* amplissimae. *Antennae* ad basin testaceae, apicem versus paulo magis infuscatae, ad apicem articuli ultimi ipsissimum saepius nigrae. *Pedes* pallido-testacei, tarsis vix obscurioribus.

Esta distincta e grande especie de *Calomicrus*, assás notavel por ser de um amarello desmaiado superiormente, e negra ao mesmo tempo que pubescente pela face inferior, parece viver de preferencia, se não exclusivamente, sôbre as flores e as folhas de duas especies do gen. *Cistus* da região das montanhas; e encontra-se alli com frequencia sôbre as especies de flores rubras (*Cistus vaginatus, Linn.*), convivendo com a *Hispa occator*, Brullé, em Agua Mansa, e no Pinheiral por cima de Icod dos Vinhos, na ilha de Teneriffe.

Egualmente apparece, em posições analogas, ainda que com menos frequencia, nas elevadas regiões dos Pinheiros da ilha de Palma: assim como se acha, em egualdade de circumstancias, sôbre o *Cistus Monspeliensis*, no extremo das Vueltas ao descer-se da Cumbre para o districto do Golfo, no lado occidental da ilha de Ferro.

Fam. Hylesinidoe.— Genus HYLASTES. Erichson, in Wiegm. Archiv, ii. 47 (1836).— *Hylastes Lowei*, Paiva.

H. cylindricus, niger, subnitidus; capite sat dense punctulato; prothorace vix parcius punctulato (punctis in disco paulo magis remotis); elytris vix picescentioribus, dense transversim rugulosis et longitudinaliter sub punctato-striatis; antennis rufo-piceis, capitulo obscuriore; pedibus piceo-nigris, tarsis clarioribus.

Long. corp. lin. $1^2/_3$—$1^3/_4$.

Habitat locos editiores ins. Teneriffae et Palmae, in pinetis, sub cortice laxo, lignum emortuum *Pini canariensis*, una cum *Tomico* quodam magno inedito, destruens: in arboribus antiquis ad Agua Mansa Teneriffae crescentibus tempore aestivo abundat.

In honorem Reverendi R. Thomas Lowe, scientiae naturalis perscrutatoris laborissimi et etiam virtutibus ornati, hanc novam speciem gratiis mihi amicissime oblatis, animo grato sponte dedicavi.

H. angusto-cylindricus, niger, subnitidus et fere calvus. *Caput* sat dense et rugose punctatum; rostro brevi, in medio longitudinaliter carinato necnon ad apicem ipsum pilis pallidioribus obsito. *Prothorax* longiusculus, postice vix angustatus, paulo magis nitidus sed vix parcius leviusque punctulatus, punctis versus latera densioribus profundioribus et subconfluentibus, in disco linea laevi impunctata longitudinali instructus. *Elytra* paulo magis (praesertim postice) picescentia ac minus nitida, dense transversim rugulosa, sat profunde subpunctato-(fere subcrenato-) striata, interstitiis minutissime punctulatis ad apicem integra sed ibidem parce et breviter pilosa. *Antennae* rufo-piceae (fere piceo-ferrugineae), capitulo solido, obscuriore. *Pedes* pi-

ceo-nigri, tarsis pallidioribus; *tibiis* latis, compressis, extus fortiter spinoso-dentatis.

Esta nova especie de *Hylastes* parece, á primeira vista, referir-se exactamente á especie europeia *H-ater*, Payk., da qual póde considerar-se o representante canariense. É todavia, em verdade, uma especie distincta d'esta, não só por ter menor tamanho e ser menos perceptivelmente *punctulada*, mas egualmente por se ver mais proeminente a linha lisa que se lhe nota longitudinalmente no prothorax. Similhante como é ao *H-ater*, apresenta entretanto bem desinvolvida a quilha longitudinal para baixo do meio do rosto, e offerece na base das antennas duas grandes e profundas impressões. Parece ser uma especie distincta de todas as congeneres até hoje descriptas, indigenas de latitudes mais septentrionaes.

Encontra-se nos pinheiraes seculares das ilhas de Teneriffe e de Palma, e vive alli a uma grande altura sôbre o nivel do mar. O seu *habitat* parece limitar-se exclusivamente aos troncos carcomidos do *Pinus-canariensis*, aonde se encontra em abundancia por baixo da casca já despegada, em sociedade com o *Eremotes-crassicornis*, Brullé, e tambem com uma grande especie (até hoje inedita) do gen. *Tomicos*. Abunda occasionalmente, durante os mezes do estio, em Agua Mansa na ilha de Teneriffe.

A PORTARIA DE 9 D'OUTUBRO E A FACULDADE DE MATHEMATICA

Sôb graves aprehensões começa, para os amigos dos serios e profundos estudos da Universidade, o anno lectivo corrente!

A indole do *Instituto* não comporta sahir do preciso campo da sciencia; nem, ainda quando assim não fôra, careceria d'arriscar, ácêrca de possiveis, sinistras intenções, juizos e palavras; que os factos, por sua natureza e antecedencias, bradam muito alto.

A lettra da Portaria de 9 d'outubro, por uma parte; e as sizudissimas reflexões da Faculdade de Mathematica pela outra, supprem bem, para que não faltemos á justa moderação, difficil de sustentar, qualquer maior arrazoado. Transcrevendo-as, entendemos haver satisfeito a uma obrigação, de tomar de principio a arriscada e temerosa pendencia.

Representou, como devia e podia, sobr'estando na execução, a faculdade. Fal-o-ha egualmente, (assim o cremos), o Conselho geral da Universidade, se for mister.

Á defesa d'uma e da outra, e á reflectida e grave contestação dos artigos, que por ventura se proponham contra ellas, estão sempre francas as columnas do Instituto, com preferencia a todo o outro objecto.

Curso geral da faculdade de mathematica segundo a portaria de 9 d'outubro

1.º ANNO

1.ª cadeira — algebra superior — principios da theoria dos numeros — geometria analytica a duas e a tres dimensões — theoria das funcções circulares — trigonometria espherica — chimica inorganica e metallurgia — desenho, duas lições por semana.

2.º ANNO

2.ª cadeira — cálculo differencial e integral das differenças, directo e inverso, das variações e das probabilidades — physica experimental — desenho, duas lições por semana.

3.º ANNO

3.ª cadeira — mechanica racional e suas applicações ás máchinas.

4.ª cadeira — geometria descriptiva — applicações á stereotomia, á perspectiva e á theoria das sombras — physica dos imponderaveis.

4.º ANNO

5.ª cadeira — descripção e uso dos instrumentos opticos — astronomia práctica.

6.ª cadeira — physica mathematica — applicações de mechanica ás construcções — botanica.

5.º ANNO

7.ª cadeira — geodesia — topographia — operações cadastraes.

8.ª cadeira — mechanica celeste — mineralogia — geologia e arte das minas.

Curso da faculdade de mathematica para os alumnos que pretendem só tomar o grau de bacharel.

1.º, 2.º E 3.º ANNOS

Como os do quadro.

4.º ANNO

5.ª cadeira — descripção e uso dos instrumentos opticos — astronomia práctica.

7.ª cadeira — geodesia — topographia — operações cadastraes.

Curso geral da faculdade de philosophia

1.º ANNO

1.ª cadeira — chimica inorganica e metallurgia — 1.ª cadeira da faculdade de mathemathica — desenho, duas lições por semana.

2.º ANNO

2.ª cadeira — chimica organica — analyse chimica — 2.ª cadeira da faculdade mathematica — desenho, uma lição por semana.

3.º ANNO

3.ª cadeira — physica experimental (mechanica physica — estudo elementar dos imponderaveis).

4.ª cadeira — botanica — desenho, uma lição por semana.

4.º ANNO

5.ª cadeira — physica dos imponderaveis.

6.ª cadeira — anatomia e physiologia comparadas — zoologia — desenho, uma lição por semana.

5.º ANNO

7.ª cadeira — mineralogia — geologia — montanistica.

8.ª cadeira—agricultura geral—zootechnia —economia rural.

6.º ANNO

Repetição da 5.ª e 7.ª cadeiras.

Curso preparatorio para a faculdade de medicina

1.º ANNO

O 1.º das faculdades de mathematica e philosophia.

2.º ANNO

Chimica organica e analyse chimica — physica experimental —desenho.

3.º ANNO

Physica dos imponderaveis — botanica — anatomia e physiologia comparadas e zoologia.

SENHOR— Foi presente ao Conselho da Faculdade de Mathematica a portaria do Ministerio dos Negocios do Reino, de 9 do corrente mez de Outubro, na qual se acha designado o quadro, que V. M. se dignou approvar, contendo a distribuição das doutrinas, que devem professar-se no curso da mesma Faculdade.

Acatando sempre, como lhe cumpre, as determinações de V. M., o conselho da Faculdade de Mathematica, apesar de estar persuadido na sua grande maioria, que da adopção do quadro designado pelo govêrno de V. M. resultam gravissimos inconvenientes para o ensino, apressar-se-hia comtudo a pol-o em práctica desde já, se não reconhecesse, por unanimidade, que era impossivel a sua execução litteral, e, por grande maioria, que nem mesmo era exequivel em alguma das suas partes no presente anno lectivo.

Com effeito, não podendo os estudantes matriculados, do 2.º anno em diante, frequentar desde já as disciplinas designadas no novo plano, por falta dos estudos previos, necessarios para a intelligencia d'ellas, tornava-se forçoso que a Faculdade estudasse e discutisse, meditada e pausadamente, o plano mais conveniente de transição, e que em conformidade com elle escolhesse os compendios mais apropriados; o que não podia ter logar nas vesperas da abertura das aulas, e quando se achavam já effectuadas as matrículas dos alumnos, segundo um plano inteiramente diverso.

E pelo que respeita aos alumnos, que se matricularam no 1.º anno, reconheceu o Conselho da Faculdade que tambem não poderiam dar um passo no estudo das materias designadas no novo quadro, vindo elles apenas preparados com o exame da habilitação nos primeiros elementos d'Arithmetica, Algebra e Geometria.

No programma d'este exame sómente se tem comprehendido até agora as partes mais elementares da Arithmetica, Algebra, da Geometria plana e da Trigonometria, e apenas algumas definições da Geometria dos solidos: sem a mais pequena ideia da existencia e comparação dos methodos de exhaustão, limites, etc. E nos Lyceus e aulas particulares nem mesmo têm sido cabalmente ensinados aquelles programmas; que de fórma alguma podem supprir aquillo, que pelo novo plano já se suppõe estudado e sabido.

Além d'isso é constante que a bitola d'este exame tem estado até aqui pouco elevada, em attenção a que o maior número dos examinandos, destinando-se ás faculdades positivas, não careciam profundar estes conhecimentos mathematicos; e a que os outros, que seguiam as sciencias naturaes, recordavam no 1.º anno mathematico esses conhecimentos, para proseguirem depois no estudo d'outras doutrinas muito importantes e necessarias, que entravam, por determinação legal, no ensino do mesmo anno, e que se acham supprimidas agora no novo plano.

Á vista d'estas ponderações, que este conselho muito respeitosamente tem a honra de submetter á consideração de V. M., espera elle que V. M. lhe relevará a resolução que tomou quasi unanime, de não pôr o novo plano em execução no presente anno lectivo.

Agora permitta V. M., que o conselho da Faculdade de Mathematica, que tem tomado por timbre o rigoroso cumprimento dos seus deveres, e o zêlo constante pelo progresso do ensino, que lhe está confiado, e pelo aproveitamento de seus discipulos, exponha submisso, mas franca e lealmente, a V. M., os gravissimos inconvenientes, que lhe parece hão de resultar da adopção do novo plano.

Importa esta adopção a quasi completa suppressão, no ensino da Faculdade, do estudo da Arithmetica, Algebra elementar, da Geometria synthetica e da Trigonometria plana: materias, que achando-se consignadas desde os Estatutos actuaes da Universidade em todas as outras leis organicas posteriores, e ainda na de 20 de Setembro de 1844, parece ao conselho, que *não podiam ser supprimidas sem uma medida legislativa.*

Prescindindo porém das considerações de legalidade, entende este conselho, que a suppressão d'estas disciplinas não póde de maneira alguma ser supprida 'numa Faculdade pelo ensino, com indole diversa e limitada extensão, feito nos Lyceus, ou com mestres particulares.

A indole de ensino nos Lyceus deve ser inteiramente diversa da que tem logar na instrucção superior.

Na instrucção secundária só se tracta de imbuir os alumnos nas ideias geraes, e nos processos e práticas mais elementares, que possam aproveitar em qualquer posição ou em qualquer carreira pública.

Na superior, e principalmente nos estudos scientificos, é de necessidade profundar detida e desinvolvidamente os elementos funda-

mentaes, para sôbre elles construir, com proveito e solidez, os alicerces da sciencia que se professa.

O estudo nos lyceus devendo ser limitado segundo os seus fins, é quasi evidente, que muito mal cabido seria alli o estudo desinvolvido da Arithmetica, Algebra e Geometria; porque, além d'outras razões, seria superfluo e inutil para todos aquelles, que se não destinassem á Faculdade de Mathematica.

Mas devendo 'nesta, por isso mesmo que é Faculdade, professar-se estas disciplinas com o maior rigor e extensão, parece ao conselho, que a suppressão d'ellas, determinada no novo plano, em vez de alargar o ensino theorico, o tornaria acanhado e rachitico, parecendo que *se encaminha a tirar á Faculdade a sua razão de ser.*

Os elementos de mathematica aprendidos nos Lyceus, ou com mestres particulares, devem resumir-se, em referencia ao estudo completo e desinvolvido da sciencia professada na Faculdade de Mathematica, ao fim util de fazer com que os alumnos não entrem, por assim dizer, ás escuras 'num estudo difficil, e se não embaracem com a praxe das operações elementares.

Nos paizes mais illustrados os elementos mathematicos repetem-se duas e mais vezes, e só depois de bem sabidos é que os alumnos passam ao estudo das materias subsequentes.

Em abôno d'esta práctica falla a experiencia feita na propria Faculdade, porquanto tendo a maioria do conselho decidido, que no estudo do 1.º anno se omittissem completamente algumas doutrinas, que já se suppunham estudadas nos Lyceus, veio ultimamente a reconhecer-se, que longe de se adiantarem os alumnos por este meio, se atrazavam effectivamente, porque o professor do 1.º anno confessa, que se vê na necessidade de insistir de novo uma e mais vezes na repetição d'esses principios elementares, que já se suppunham sabidos, e em que achára quasi sempre falhos ainda mesmo os alumnos, que além dos Lyceus, os *têm estudado em escholas superiores.*

Os Professores dos annos mais adiantados reconhecem tambem a cada passo, que os maiores embaraços que encontram os seus discipulos provêm de ainda não estarem bem seguros nos principios, em que, por falta de tempo, se não tem insistido bastante.

Além de tudo isto, 'nesta suppressão das materias do 1.º anno depara-se com um procedimento, singular e inexplicavel, para com a Faculdade de Mathematica.

Se os elementos de parte da Arithmetica, Algebra e Geometria, estudados nos Lyceus, podem supprir o estudo d'estas materias na Faculdade de Mathematica, *por que razão não podem tambem os elementos de Physica e Chymica supprir o estudo d'estas disciplinas na Faculdade de Philosophia?!*

Sem que a Faculdade de Mathematica pretenda intrometter-se no que pertence ás outras, entende todavia não dever calar, que não concebe por que razão, para os alumnos que se destinam á Faculdade de Medicina, se lhes supprime o estudo dos elementos de cálculo, e são obrigados, pelo novo plano, a estudar a algebra superior, a geometria analytica a tres dimensões, e a trigonometria espherica, que, segundo o parecer d'este conselho, são de todos os estudos mathematicos, a que eram até agora obrigados aquelles alumnos, *os que se podiam dizer superfluos e inuteis para elles.*

Senhor, concedendo mesmo qué o estudo prévio dos principios elementares de mathematicas nos Lyceus, possa servir para abreviar o ensino das materias analogas do 1.º anno mathematico, entende este conselho, *que nunca se poderá encurtar o praso de quasi tres annos, que até aqui tem sido destinado para o ensino das mathematicas puras.*

Para fazer durante este praso um curso completo d'estas materias, tem sido necessario aos Professores passar de corrida sôbre algumas doutrinas, e supprimir ainda outras, aliás importantes, mas que não são de um uso tão geral.

Tem faltado entre outros o estudo da Geometria superior, ao qual em França se liga tanta importancia, que é professado 'numa cadeira especial, ultimamente creada na Faculdade de Sciencias; estando actualmente o seu ensino confiado ao eminente Geometra Mr. Charles.

É uma verdade reconhecida, que, apesar de ser a Faculdade de Mathematica o estabelecimento, em que o ensino theorico da sciencia tem mais desinvolvimento, ainda assim os seus melhores discipulos não sahem preparados, sem novos estudos proprios, para entenderem a maior parte dos jornaes de sciencias mathematicas, em cujas páginas se estão a cada passo citando theoremas e processos novos, que a escassez do tempo não deixa estudar e desinvolver durante o curso mathematico.

Por todas estas considerações, e desejando sôbre tudo desviar de si a grave responsabilidade, em que o conselho da Faculdade de Mathematica entende que incorreria, se não as expozesse francamente a V. M., espera o mesmo conselho do ânimo esclarecido de V. M., que as tomará na devida conta, *dignando-se mandar, que o govêrno de V. M. sôbreesteja na decisão tomada relativamente á suppressão do ensino da Arithmetica, Algebra, Geometria e Trigonometria plana; e á reducção do tempo destinado ao ensino das Mathematicas puras na Faculdade de Mathematica.*

Vossa Magestade porem mandará o que for servido.

Do Conselho da Faculdade de Mathematica da Universidade de Coimbra, em 26 de Outubro de 1861.

(Seguem-se as assignaturas.)

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

BIBLIOGRAPHIA

Estas linhas são escriptas para antecederem a traducção d'um artigo excellente, publicado no N.° 50 da *Rivista Italiana di Scienze Lettere ed Arti colle Effemeridi della Pubblica Istruzione*, e fructo da culta e formosa penna do Sr. Giovenale Vegezzi Ruscalla.

Notavel pelos aprimorados escriptos de seus collaboradores, estampada na linguagem que o Dante creou, e promettedora como tambem está sendo a terra d'onde nol'a enviam, a Revista demanda cuidados de zeloso estudo, e captiva, nos que a versam, vontades de a lêr sempre.

Douram-a ainda, a nossos olhos, as honras de nascer filha d'um paiz, que ao fim de longos e penosos esforços, logra nacionalisar-se, desejo ha tantos annos apertado por algemas estrangeiras no coração italiano; e o mostrar-se digna representante d'uma das singulares feições do novo reino, sollicita apregoando os desvelos que a instrucção pública, de dia em dia, ali vae grangeando a mais e mais.

Alegrâmo-nos nas alegrias e progressos do grande povo, como tambem já chorámos com elle, quando o vimos vestido de dó, em horas de lucto e pezar. Á irmandade d'origem veio accrescentar-se a fraternidade das lagrimas.

O soldado que foi heroe em Goïto e infeliz em Novara, preferiu, para asylo de seus dias, a cidade invicta. Escolheu como quem não soubera poupar sacrificios a bem da sua nação, desde a vida posta diante a metralha nos combates, até o resignar da corôa, quando chegou o momento de ver queimada pelo fogo inimigo, e em cinzas, a flor das últimas esperanças! Os que haviam soffrido valorosos, em holocausto á patria, males e privações de cêrco duradouro, podiam comprehender o martyrio do Rei, que menos venturoso, arrancando-se do torrão natal por causa egualmente justa, viera procurar guarida, caminho de terra extranha! Ao cerrar para sempre os olhos, Carlos Alberto, não se viu entre inimigos. A cidade que, em deixa legada com mil recordações de affecto, houve o coração de Pedro IV, devia mitigar com retemperados carinhos as agonias do passamento do Chefe sardo, e, saudosa, respeitar-lhe os restos mortaes. Soube fazel-o.

Portuguezes e italianos esta dor agermanou-nos, e ficou de symbolo á amizade que os dois povos juraram entre si, pela palavra das lagrimas, juncto do leito de morte do exilado monarcha d'um d'elles!

Acima escrevemos o nome do Sr. Giovenale Vegezzi Ruscalla. Não lhe additámos elogios. Á estima pública basta elle só, nem ha esmiuçar a biographia de seu illustre possuidor, quando já todos a sabem de cór, e mão auctorisada a lavrou.

No artigo que apresentâmos abaixo traduzido, tracta-se d'um escriptor nosso e falla-se em prol dos portuguezes.

Atarefado com os immensos cuidados politicos, que a regeneração do seu paiz lhe merece, ainda assim o Sr. Vegezzi Ruscalla não olvida Portugal, que, á similhança da sua terra d'elle, tem sido berço de muitos heroes, theatro de façanhas a mil, e viveiro de homens sabios e preclaros.

O nobre italiano promette demonstrar que na práctica das lettras e sciencias, já levâmos vencidos os nossos vizinhos hespanhoes. Em optima conjuncção e bem a ponto chega o promettimento: bella resposta a quem nos acoima de não possuirmos litteratura, justamente na epocha em que nos podemos orgulhar, com razão, do nosso progresso intellectual.

O auctor de quem se tracta no artigo é o Sr. Antonio Augusto da Costa Simões, cujos *Elementos de Physiologia humana com a histiologia correspondente* alli se appreciam á luz imparcial da justiça.

Practicando com este distincto Professor sôbre o modo agradavel por que a imprensa extrangeira acceitára aquella obra, acudiu-nos rogar-lhe nos instruisse de quaesquer juizos, que a proposito do seu livro houvesse recebido; e assim nos mostrou, além d'outras[1] as duas cartas, que transcrevemos para honra e prazer da Faculdade de Medecina.

O eximio lente d'Anatomia tem já tirado á lume varios lavores da sua penna, todos primorosos e excellentes, quaes os deprehendemos das opiniões lançadas por quem satisfez o mister de julgal-os.

Um ha todavia de que nos apraz fazer especial commemoração. É a historia do mosteiro da Vacariça.

Se o leitor visitar algum dia estes sitios não esqueça munir-se de tão preciosas e convidativas páginas, onde a crítica apparece enlaçada com a historia. Averiguará com ellas a fundação do Mosteiro que d'ha muito não existe, a sua duração, as ordens religiosas que á sombra do ceu ali viveram, e magoado e triste despedir-se-ha de todas essas construcções posteriores que restam ainda, ao vel-as passar, por alvitre e conselho do espirito reformador e devastador, para o acanhado dominio particular.

Mas é ja tempo de fazer praça á traducção annunciada.

JAYME C. M.

Elementos de Physiologia humana com a histiologia correspondente, por Antonio Augusto da Costa Simões, lente d'Anatomia na Universidade de Coimbra, etc. — Coimbra 1861.

[1] Entre estas contam-se tres honrosissimas; uma do Sr. May Figueira, outra do Sr. Rodrigues de Gusmão, e a terceira, do Sr. José Fructuoso Ayres de Gouveia.

«De todas as nações pertencentes á familia latina é a portugueza a menor, em fôrça numerica: mas assim como da grandeza da estatura e do gigantesco das fórmas, se não póde inferir a excellencia da capacidade intellectual d'um individuo comparado com outro, tambem a cifra da população d'um paiz não é medida por onde acertar com o maior ou menor grau de cultura d'elle. Posto que na Europa se contenham 16.800:000 hespanhoes, e sós 3.800:000 portuguezes, em verdade, a proporção que actualmente se nota entre os productos da intelligencia das duas nações, data de ha bem pouco. Nos ultimos dez annos porém, os portuguezes fizeram taes progressos nas lettras e sciencias, que tomaram o passo aos seus vizinhos da peninsula iberica, e já agora os têm excedido.

Logo que possamos pôr tregua ás multiplices occupações, hoje a nosso cuidado, publicaremos um quadro do maravilhoso movimento que Portugal tem feito nos diversos ramos do saber: no presente artigo cingimo-nos a annunciar o livro do illustre Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, Professor que lê Anatomia na celebre Universidade de Coimbra.

Mas antes de tudo, por de vontade, noticiaremos ao leitor, que Costa Simões goza não só em Portugal, senão ainda em França, da bem merecida fama de preclaro na sciencia medica: passando os dias e as noites a bom velar sôbre os livros, e servindo-se do escalpelo anatomico, alcança verificar as doutrinas alheias, e accrescentar-lhes judiciosas observações.

E pois para uso dos que cursam Medicina em Coimbra, trouxe Costa Simões á luz o 1.° volume dos *Elementos de Physiologia humana com a histiologia correspondente*, um bello tomo em 8.°, de 416 pag., com 103 gravuras, em madeira, intercaladas no texto, ha tres mezes sahido da imprensa d'aquella Universidade.

O auctor compulsou quanto ácêrca da materia escreveram, até fins do anno preterito, os mais distinctos physiologistas da Europa: assim o evidenceiam as copiosas notas com que guarneceu todo o seu livro.

Costa Simões acudiu, d'este modo, a uma grande necessidade da litteratura medica portugueza.[2] O encadeado das ideias, a clareza da exposição e a ordem, por systematica, accrescentam os quilates de valor da sua obra.

Os italianos, que possuem duas edições do optimo tractado de Physiologia do Professor Tommasi, um dos ornamentos da Universidade de Pavia e orgulho da famosa Napoles, que primeira que toda a Italia lhe é patria, podem ver, cotejando-o com o de Costa Simões, que não engrandeço louvores.

[2] A entendedores temos ouvido encomiar de excellente o livro de physiologia escripto pelo sr. Dr. J. J. de Mello. *Nota do Traductor.*

E já entre todas partes sobresae merecedora d'encomios a oitava da secção 2.ª, que diz respeito á physiologia geral do systema sanguineo. Lêem-se ahi novas e importantes considerações. Porventura será inferior ás outras a que deparâmos na secção 1.ª art. 8.°, o capítulo que tracta das raças humanas. É mui breve. O auctor declarou que, ao longo do seu curso physiologico, pouco se aproveitaria da divisão do genero humano em quatro raças[3]: e nós somos de parecer, que optimamente procedêra, se, pelo contrário, tal assumpto tractára, pois que das comparações, por sem dúvida, deduziria consequencias ainda hoje pouco advertidas. Antes assim o esperáramos d'elle que, por suas relações com os anatomicos brazileiros e portuguezes na India e Costas d'Africa, tinha ensejo para colher observações physiologicas e histiologicas ácêrca dos indianos, e mestiços do Brazil, negros de Angola e Moçambique (Africa), dravidicos de Goa, e malaios de Timor.

Isto podia fazer-se, como se vê do livro «*The comparative anatomy and psycology of the african negro*» — (anatomia comparativa e psycologia do negro africano), pelo Dr. Ermann Burmeister, professor de zoologia em Halle (Nova-York 1858), e da *Memoire sur les cicatrices coloriées et incolores des races humaines* do Dr. M. G. Deschamps, inserta na *Union Medicale* de Paris, de 26 de fevereiro último, sem que fallemos dos artigos *sôbre os dentes* do celebre Owen, *sôbre o systema nervoso*, de Todd, e sôbre as variedades *do genero homem*, de Carpenter, que se encontram na bella *Encyclopedia de anatomia e physiologia*, ha dois annos publicada em Londres.

A franqueza com que dictâmos sempre os nossos juizos, quaesquer que sejam, requeria fizessemos estes reparos.

A humanidade é uma, mas são taes as differenças que andam cunhadas nas differentes raças humanas que por de prestimo se devem memorar 'num tractado de physiologia, especialmente quando o auctor, como Costa Simões, possue capacidade para, do exame d'ellas, deduzir importantes corollarios.

Concluiremos registrando as seguintes obrás do nosso auctor, a fim de que os italianos conheçam os titulos que o recommendam entre os seus concidadãos. Não sei se escreveu outras, porém estas pareceram-me todas dignas de particular menção.

1.ª Historia do Mosteiro da Vacariça e da Cêrca do Bussaco, 1855 — 2.ª Relatorio da Direcção do Hospital dos colericos, de Nossa Senhora da Conceição em Coimbra, 1856 — 3.ª Relatorio da Camara municipal de Coimbra — 4.ª Notícia dos banhos de Luso, 1859 — 5.ª Topographia medica das cinco villas e Arega.

[3] Note-se que os antropologistas celebres reconheceram 3, 5, 7 e mais typos humanos, mas poucos adoptaram 4.

Possam estas indicações valer a mostrar que Portugal ainda conta homens doutissimos nos diversos ramos das sciencias medicas.» Vegezzi Ruscalla.

Seguem as cartas a que acima alludimos:

Sñr. Dr. Antonio Augusto da Costa Simões. Coimbra.

Madrid Junio 29 de 1861.

Muy Sñr. mío y distinguido comprofesor: com gusto, reconocimiento, y no poco probecho, acabo de leer la primera parte de vuestros elementos de fisiologia humana, que habeis tenido la galanteria de dirigirme, y que comprende, la fisiologia general escrita con orden, metodo, claridad y á la altura de los conocimientos mas modernos de la ciencia fisiologica.

Os doy la mas cordial y cumplida enorabuena, no dudando que vuestro escelente libro llenará completamente los deseos y objeto que os habeis propuesto en su publicacion.

Recibid, mi distinguido comprofesor el testimonio de mi aprecio y alta consideracion.

Aprobecho esta oportunidad, que en mucho tengo, para ofrecerme de v. m. respetuoso companero y S. S. q. b. s. m.

Patricio de Salazar.

Catedratico de fisiologia de la faculdad de Medicina de la Universidad céntral, etc., etc.

Sñr. D. Antonio Augusto da Costa Simões. Coimbra.

Barcelona 3 de Agosto de 1861.

Muy Sñr. mio y de toda mi consideracion; he recebido, como catedratico de fisiologia de la Universidad de Barcelona, el tomo primero de su interesante obra *Elementos de physiogia humana com a histiologia correspondente*, y me complasco en felicitar á V. por su trabajo, asegurandole que me aprobecharé de ella para mis explicaciones en la Catedra y que tendré un gusto especial en citar á V. como uno de los autores que reunen mas claridad, mas concision y mas tino para la resolucion de los problemas fisiologicos.

Como el tomo que he recebido no comprende mas que la fisiologia general del organismo, espero con impaciencia la continuacion de la obra ó sea la parte correspondente a las funciones en particular.

Doy a V. las mas expresibas gracias por haberme proporcionado el placer de conocer su importante escrito, y aprobecho con gusto esta ocasion para ofrecerme de V. aff.^{mo} S. S. y amigo q. b. s. m.

Juan Magaz.

Catedratico de fisiologia de la Universidad de Barcelona.

AS ARMAS DE COIMBRA

«Em campo d'ouro um vermelho leão; no meio uma cópa de prata com uma formosissima donzela núa, mettida 'nella, coroada, e com as mãos levantadas ao céu; e da outra parte uma verde serpente.» GASCO, Antig. de Coimb. C. IX.

Rico thesouro de curiosas notícias são os nossos velhos livros, tão mal trocados, hoje em dia, por insulsas, se não immoraes, novelas, em portuguez bastardo, estropiadas do original idioma.

Raro succede abrir-se algum, que não se encontre ahi, além da frase castiça, e da sentença moral, ou interessante facto, ou circumstancia menos conhecida do brilhante passado d'este povo d'heroes, de quem disse o nosso Garret, com tão penosa verdade: — *Fomos, não somos já.*

As armas de Coimbra, cujo brazão, á entrada da ponte, e frente para Lisboa, ahi memóra suas antigas, marcias, glorias, tem uma explicação sabida. Historia ou fabula, o leão simbolisa Attaces, rei dos Alanos; o drago Hermenerico, rei dos Suevos; e a donzella Cindasunda, anjo da paz entre os dous barbaros.

Descobriu-lhe mais profundo sentido, um mistico, e o outro todo de gloria para a cidade *ridente*, e Rainha do Mondego, o bom Fr. Heitor Pinto; que entre os mais classicos, assim como tem logar distincto, soffre, como elles, egual esquecimento, se não menospreço. O trecho, que vem como perdido 'num dos volumes, terá escapado talvez aos mais curiosos. Transcrevemol-o por honra da patria, e curiosidade de todos.

«A Antigva, nobre & sempre leal cidade de Coymbra, tem por armas hũa donzela coroada, metida nũ vaso, per cima do qual està apparecendo dos peytos pera cima, combatida d'hũ lião d'hũa parte, e da outra d'hũa serpente: mas como vẽcedora tẽ na cabeça coroa de victoria. E porq̃ estas antiguas armas sam vistas de muytos & entẽdidas de poucos, por se perder a memoria de sua significação por culpas dos tempos, q̃ passarã, obscuros & apagados, ouve nestes nossos algũs homẽs doctos & curiosos, que as quiserão interpretar & desenterrar da sepultura do esquecimẽto a significação d'este notauel escudo. Mas como se não fundassem em theologia, nem philosophia, nem em historias autẽticas, mas somente quisessem seguir a rota de seu parecer, disserão cousas fabulosas, que tão facilmente se negão, quam facilmente se affirmão. Poys vendo eu que não conuinha estar a interpretação de tão excellentes armas encuberta, determiney cauar tanto no campo das letras, que a podesse descubrir como thesouro escondido. E senão effectuey meu desejo, ao menos he d'agradecer, o que tiue de o effectuar. E o q̃ achey escripto, & me parece destas armas, he o que se segue.

Nas diuinas letras tem o diabo dous nomes principaes antre muytos outros, hũ he lião, outro serpente: quando nos tenta cõ asperezas

chamase lião, quãdo com branduras, serpente. O glorioso sam Pedro principe dos apostolos na sua primeira epistola diz: Irmãos sede sobrios & vigiae, porque vosso aduersario o diabo assi como lião brauo vos combate, & tem posto cerco, buscando vossa destruição. Onde o diuino apostolo está claramente chamando lião ao diabo. Pedindo o bom Rey Dauid a Deos nũ Psalmo, que o livrasse do demonio, que o não destruisse, diz. (Nequando rapiat vt leo animam meam.) Como se dissera: Senhor tendeme de vossa mão, pera que o diabo como lião nã arrebate minh'alma. E afóra estes lugares hai muytos outros, onde o diabo se chama lião. Poys que se chame serpente, affirmao claramente sam Ioão aos xx. capitulos do Apocalypse dizendo, que Christo nosso saluador tomou a serpente antigua, que he o diabo, & q̃ a prendeo, & meteo no abysmo. E no terceyro capitulo do Genesis está posto em memoria, q̃ quãdo o diabo tentou a Eua com branduras, pera que comesse do deleytoso, mas defeso pomo vinha em figura de serpente. Donde veo sam Ieronymo no liuro q̃ escreueo contra Iouiniano a chamar aos maos conselhos, com que aquelle hereje excitaua a gente a peccar, assouios da antigua serpente. E isto não sómente os Christãos o entenderão, mas ainda muytos dos gentios, os quaes forão rastejando e atinãdo com muytas verdades, que deyxarão em escripto, enfronhadas em suas fabulas. Donde vierão a dizer, que Hercules, a quem elles punhão por exemplo & idea das virtudes, matara sendo inda de tenra idade hũas serpentes: significando nisto, como diz Pierio Valeriano, que os homẽs que na virtude auião de ser insignes & abalisados, logo de pequenos auião de extinguir as branduras & falsos contentamentos, com que o diabo os tẽtasse, & que não auião de fazer bom rostro ás tentações, antes em começando as auião de fazer em pedaços. Isto ensinou o real Propheta, quando falando nũ Psalmo dos filhos de Babylonia, disse: (Beatus qui allidit paruulos ad petram.) Como se mays claro dissera: Bemauenturado he o que quebra os maos pensamentos, sendo inda pequenos, & barra com elles á pedra. Aos maos pensamentos quando começão, chama filhos de Babylonia, que quer dizer cõfusão, os quaes em nascẽdo auemos de quebrar naq̃lla pedra, de que diz S. Paulo: E a pedra era Christo. Assi interpretão esta authoridade S. Ieronymo, & S. Ambrosio, & outros doutores. Per estas razões & authoridades tenho mostrado claramẽte, que o diabo quãdo nos combate cõ iras & asperezas, se chama lião, & quãdo cõ afagos & mimos, serpente. A isto se pode reduzir o que diz S. Augustinho, q̃ o lião abertamente se ira, mas a serpente secretamente nos combate. Agora poys temos declarado os combatentes, he necessario declarar quem he esta donzella cõbatida mas não vencida, tentada mas não sobrepojada: & que quer significar este vaso, em que está metida, per cima do qual apparece triumphante. O diuino Paulo na epistola segunda aos Corinthios falando n'alma diz: (Habemus thesaurum hunc in vasis fictilibus.) Temos, diz elle, noss'alma, que he thesouro immortal, & criada á imagẽ de Deos, em vasos de barro. Onde sem nenhũ debate chama ao corpo vaso. Esta fermosa & rica imagẽ de noss'alma está metida no fragil & caduco vaso de nosso corpo, cõmbatida d'ambas as bandas de diuersas tẽtações, hũas brandas & mimosas, outras asperas & cruces, mas todas perigosas & enganosas. Quando alma resiste ao diabo, & vence suas tentações, he coroada de Deos. E diz sam Cypriano, que quantas tentações vence, tantas vezes a coroa o alto remunerador de nossos trabalhos por elle padecidos. Esta he a coroa, de que diz o Propheta: Vos senhor lhe posestes na cabeça a coroa de pedras preciosas. E quando a alma assi he coroada estando no corpo està sobr'elle, como mais alta & eminente, & como rainha & vencedora. He logo a exposição destas armas que a donzela he alma, & o vaso o corpo: & o lião & a serpente que a combatem, sam as tentações do diabo, que a guerreão hora per asperezas, hora per branduras. Mas ella resistindo a todas as tentações está per seus effeytos apparecendo mays alta & eminente que o corpo, como rainha com coroa de victoria, triumphando de seus proprios aduersarios. E como este reyno de Portugal he como hũ corpo humano, & Coimbra como alma delle, per esta rainha s'entende esta nobre cidade, que de vencer os ĩmigos dalma, veo a vẽcer os do corpo em muytas batalhas campaes perigosas de cometer, & espantosas d'acabar, em especial em tempo do invẽcivel Rey dom Afonso Anriquez de gloriosa memoria: o qual com a gente de Coimbra venceo os Mouros ĩmigos de Deos, & os lançou deste reyno, & regou seus campos com o sangue da barbara gẽte, & entregou seu nome á perpetuidade. E porque os Reys deste reyno se coroauã nesta cidade, está ella coroada, porq̃ alem de lhe pertẽcer a coroa per via de victoria, tenna tambẽ pera a dar aos Reys, porq̃ os q̃ quiserẽ ter coroa, ẽ Coimbra a hã de receber, & ella lha hade dar. E assi como quẽ edifica em terra alhea, por mays q̃ faça, sempre fica deuẽdo o foro ao senhorio, de cuja mão tem a terra, assi por mays que os moradores de Lisboa, Euora, Santarẽ, & doutras cidades & villas nobres deste reyno edifiquẽ, sempre ficão deuendo o foro a esta tão antigua como excellente cidade de Coimbra, poys ella como senhora & rainha lhe entregou as terras, q̃ ella tirou do poder dos ĩmigos de Christo, que por peccados do mũdo tinhão vsurpadas. E assi como do centro da esphera saem as linhas pera a circumferencia, assi daqui sairão as

armas com que se conquistou o reyno, e daqui saem as virtudes & as letras assi diuinas como humanas, com que elle he ornado & ennobrecido. E finalmente he esta cidade como alma deste reyno coroada e sempre leal, & hũa fermosa imagem, em que todos deuem poer os olhos. Esta he a ãtigualha das insignias de Coimbra, & a exposição do brasão de suas armas, que certo são illustres, & dignas de nunca serem gastadas do esquecimẽto pois declarão a virtude d'alma, que está em graça, & a victoria q̃ alcãça dos ĩmigos assi espirituaes como corporaes, & como vence toda a tentação, toque onde sua firmeza mostra o lustro da virtude, & todos os quilates da fineza de sua constancia. E percima disto estão mostrando estas armas, q̃ a mais nobre cousa deste reyno he Coimbra, onde os Reys se soião coroar. O que agora resta he, que os que nesta cidade viuemos nos armemos destas illustres armas imitando sua significação, & vençamos nossas tentações, & appetites, em quanto nauegamos pelo mar do mũdo, pera que acabada a viagem em graça ẽtremos no seguro porto da gloria, a qual o Senhor Deos nos queyra cõceder pola sua misericordia. Amen.»

NOTICIARIO

No 1.º de Outubro deu-se princípio ao anno lectivo com o solemne juramento e profissão de fé, ordenada nos Estatutos velhos Livro 1.º Tit. XIII., cuja lettra expressa as particularidades d'esta gravissima cerimonia religiosa, que tem resistido ás mudanças dos tempos; e diz assim:

«O primeiro de Outubro, pela menham se ajuntarão na capella o Reitor, Lentes, e toda a mais Universidade, e haverá Missa solemne do Spirito Santo, a qual dirá o Cathedratico de Véspera de Theologia; e sendo impedido, a dirá o que se segue por ordem das cadeiras; e os Capellães da Universidade a officiarão, e o Mestre da Musica a fará cantar solemnemente.....

Todos os Lentes assi de propriedade, como de sustituição, acabada a Missa, farão a profissão da Fé e juramento, conforme ao sagrado Concilio Tridentino, por esta ordem. O Reitor estará assentado em huma cadeira de espaldas com as costas pera o altar, tendo um Missal aberto no regaço[1]; e o mais antigo Lente de Theologia se porá de joelhos deante delle, e os mais Lentes da mesma Faculdade, com as cabeças descobertas; e logo o dito Lente mais antigo dirá em voz alta e clara a profissão da Fé, pela fórma da Bulla de Pio IV., pondo no fim as mãos no dito Missal, dizendo, *Sic me Deus adjuvet et haec sancta Dei Evangelia:* e tornando-se a seu logar, cada um dos outros Lentes, que foram com elle, por suas antiguidades, fará o mesmo, dizendo somente: *Ego eadem credo, profiteor, et juro; sic me Deus adjuvet et haec sancta Dei Evangelia.* E por este modo irão todas as outras Faculdades.....»

Em seguida dirĩgiu-se o prestito á sala grande, a assistir não á Oração *de sapientia*, no mesmo estatuto ordenada, e que ao presente é recitada no dia 15, vespera da abertura das aulas, mas á outra do dia natalicio d'ElRei, reservada de 16 de Setembro, por ser então epocha de ferias.

Finda esta, encerrou-se o corpo do magisterio em claustro pleno; e ahi resolveu, segundo o estylo, felicitar S. Magestade pelo consorcio de Sua Augusta Irman, S. A., a Senhora D. Antonia com o Principe Leopoldo, por meio de carta e deputação. Decidiu egualmente que cada uma das faculdades nomeasse um de seus membros para formarem uma commissão, a qual estudasse o melhor modo de resolver os seguintes quesitos de dúvida no cumprimento do regulamento dos concursos, propondo ao mesmo Claustro o seu parecer:

1.º Se os lentes jubilados podem votar nos concursos como membros ordinarios, ou sómente sendo chamados como supplentes?

2.º Se a votação relativa deve ser feita com relação ás cadeiras, ou aos graus da proposta?

3.º Se, sendo com relação aos graus, se devem distribuir tantas espheras brancas, quantos forem os candidatos, ou das brancas sómente uma?

O Reitor propoz finalmente ao claustro, que para se solemnisar d'um modo devido o dia 1.º de Dezembro, e excitar na mocidade estudiosa as suas gratas e nobres recordações, se fizesse 'nesse dia a solemne distribuição dos premios, transferindo-a do dia 8 de Dezembro; cuja resolução ficou addiada para outra sessão.

No dia 16 tiveram princípio as aulas.

Os matriculados foram em

Theologia	105
Direito	464
Medicina	54
Mathematica	71
Philosophia	228
Curso administrativo	40
Voluntarios (militares) em Econ. politica	3
Sommam pelas matrículas	965

É inferior a somma, contados individualmente por cursarem muitos alumnos mais d'uma faculdade, e em Philosophia mais d'um curso.

[1] Não se observa. O Reitor fica em sua cadeira de espaldas, do lado do Evangelho, e deante d'elle, finda a missa, colloca-se uma pequena mesa, e 'nesta o missal, e as formulas impressas, pelas quaes recita o primeiro Lente de Theologia a profissão, e depois o juramento; e os mais o *ego eadem credo etc.*



11 DE NOVEMBRO

O SENHOR D. PEDRO V

O MUITO AMADO, JÁ NÃO EXISTE!

Quando a uma familia amante a morte arrebata o pae, podem estranhos tecer-lhe sôbre a campa elogios funebres... os filhos não...

Tomam-lhes a voz as lagrimas e os soluços.

O Rei, que, ha tão pouco, victoriavamos, cheios d'amor por Elle, e de esperanças d'um futuro, longo e risonho:... Aquelle, que, de Suas Mãos, viera coroar a flor de nossos alumnos, e animal-os, com a presença e palavras, a esforços novos:.... o Rei, que, 'num abraço d'irmão, (oh! dor!) o último, correspondêra aos enthusiasticos affectos da juventude academica....

O Senhor D. Pedro V, O MUITO AMADO de todos os portuguezes d'áquem e além mar, hontem Senhor e Rei.... hoje cinza e pó!...

Insondaveis mysterios da Providencia!

Expondo a existencia no seio do contagio, por consolar os moribundos, e alentar os sãos;... sacrificando, mais d'uma vez, os commodos da vida, apesar dos perigos d'uma estação de fogo, já para animar a industria, já, e sempre, por satisfazer os votos d'um povo, que quizera continuamente vel-o;... descurando cautelas, que a qualquer outro demandaria a saude, não para correr após de vãos passatempos, mas por cumprir d'est'arte o arduo mistér de Rei,... quem o sabe?... talvez, Principe magnanimo, antolhava carrancudos futuros, nos quaes, affeita a alma, e habituado o corpo a superiores fadigas, a Patria d'elle aguardasse sacrificios de Heróe!

Perdemol-O; resta-nos Ella.

Outro, criado com o mesmo leite, socio nos mesmos trabalhos, entra, maritimo, de atravessar procellosos mares, e desce a escada d'um navio, em Belem (feliz presagio á terra dos Gamas!), para subir ao posto, de que tão longe se considerava!...

Mostremos ser tão real a nossa saudade, como fôra o nosso amor, cumprindo-LHE os votos pela PATRIA, e pelo IRMÃO; e prestando a ESTE, além da obediencia, o respeitoso affecto, que já, infelizes! não á PESSOA, mas á MEMORIA saudosissima tributaremos sempre.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA
DO
REINADO DO SENHOR D. PEDRO V

O Sr. D. Pedro de Alcantara Maria Fernando Miguel Raphael Gonzaga Xavier João Antonio Leopoldo Victor Francisco de Assis Julio Amelio, rei fidelissimo sob o nome de D. Pedro V, 30.° reinante de Portugal, e 26.° dos Algarves, 23.° duque de Bragança, 18.° de Barcellos, 20.° de Guimarães, 22.° marquez de Villa Viçosa, 24.° conde de Ourem, de Barcelos, de Faria e de Neiva, 26.° deArrayollos, e 21.° de Guimarães,— nasceu no paço das Necessidades a 16 de setembro de 1837.

Foi jurado herdeiro pelas cortes a 26 de janeiro de 1838.

Jurou a carta constitucional, como principe real, a 8 de julho de 1852.

Succedeu no throno a sua augusta mãe, a sr.ª D. Maria II, no dia 15 de novembro de 1853 — sob a regencia de seu pae, o sr. D. Fernando, por ser ainda menor.

Depois de fazer duas viagens pela Europa, durante a mesma regencia, na companhia de seu irmão mais velho, o sr. infante D. Luiz, duque do Porto — hoje rei de Portugal — e tendo completado 18 annos de edade, foi acclamado em 16 de setembro de 1855.

Casou em Berlin, por procuração, a 29 de abril, e depois em pessoa, a 18 de maio de 1858, com a princesa Estephania, filha do principe de Hohenzollern Sigmaringen, e que morreu aos 17 de julho de 1859, pouco mais de um anno depois de casada.

O sr. D. Pedro visitou o Porto tres vezes — a primeira ainda como principe real e em companhia de sua augusta mãe, em 1852 — e outras duas, já como rei, em novembro de 1860 para inaugurar a exposição agricola — e em agosto do anno corrente de 1861 para inaugurar a exposição industrial.

Nas duas primeiras epochas visitou egualmente Coimbra e a Universidade dignando-se ahi fazer a solemne distribuição dos premios no dia 28 de Novembro (*Instituto* vol. 9. pag 260).

Chamavam os egypcios a juizo os seus reis, finados; e não lhes davam sepultura antes de sentença favoravel.

Morreu o Senhor D. Pedro V., o muito amado, e a nação portugueza, por via dos orgãos de todas as crenças e parcialidades, ainda antes que o seu corpo se encerrasse no feretro, chamou-o tambem a contas; e se não fôra unanime, a posteridade duvidaria da justiça da sentença, pelos extremos de favoravel. Com os nacionaes concorreram, muito antes de podêrem ouvir a estes, os estrangeiros; e as seguintes palavras do Jornal dos debates, em França, reproduzidas na Illustração de Paris, resumem tudo;

Qui a vécu ainsi, meurt toujours trop jeune pour les autres, et a vécu assez pour lui même.

MR. WEISS.

Quizeramos transportar para aqui, como documentos para a historia, as tenções de todos os julgadores. Não o comporta o espaço. Cingir-nos-hemos a copiar alguns dos muitos trechos, que melhor desenham do principe as virtudes, e do povo o íntimo, universal e unanime accôrdo de saudades.

Do Jornal do Commercio.

«Acabou o Senhor Rei D. Pedro V, o amigo do povo, o protector das escholas, o auxílio dos desvalidos, o primeiro pelas virtudes, como o era pela jerarchia. A sua morte, como a sua vida, foi um pensamento de abnegação.

«É uma perda imménsa — immensa, e immensamente e universalmente sentida!

«As ordinarias hyperboles das commemorações funebres são aqui imagens visiveis, são no caso presente realidades que todos têm presenciado.

«O palacio dos reis aberto á consternada saudação do povo! diante do despojo terreno do monarcha a turba em lagrimas! de todos os angulos do reino um grito de desolação, quaes de terror! Haverá maior, nem mais bella, oração? Haverá esfôrço de panegyrico ou prodigio de oratoria que valha este, accorde e eloquente, testimunho?

«O sr. Rei D. Pedro V, o MUITO AMADO, fizera-se mais já do que uma esperança, tornara-se um penhor. Ninguem se lhe avantajava no sincero amor a esta terra e a todas as suas cousas, na clara razão e na austera probidade, no respeito da sciencia e no culto da liberdade. Magistrado supremo da nação, inclinava-se como primeiro respeitador da lei. Soberano escrupulosamente constitucional, antepunha a tudo as instituições. Era no throno exemplo, no desvelo incansavel, na juventude modelo. Era mais que um rei, era um pae. Era em tudo um perfeito homem de bem.

. . . . . .

. . . . . .

«Morreu cercado de bençãos unanimes. Rara ventura para o commum dos homens! Rarissima e innegavel felicidade para monarchas!

«Morrer sem deixar uma affronta, sem deixar

uma iniquidade, sem deixar uma sombra sequer d'estas fraquezas humanas, que a purpura tanto encarece e affeia no vulgo dos monarchas! Morrer sem que uma voz se levante para dizer: aquelle homem, quando era grande e poderoso, deixou-me orphão! Aquelle homem, quando era rei, deixou-me infeliz! Aquelle homem quando era opulento, negou-me a esmola! Aquelle homem, quando era rico das felicidades, que a fortuna lhe entornou, sem elle o saber, no berço, negou-me a consolação na minha viuvez, na minha orphandade, na minha penuria, na minha infermidade, no meu carcere, no meu encêrro, no meu leito de agonia!

«E D. Pedro V morreu, sem que uma voz rompesse o côro lugubre das saudades populares para exprobrar ao rei uma acção má: ao passo que o soberano, na lucta crescente com a morte, despia pouco a pouco a purpura, para tomar, na humildade da condição commum, a vestidura dos sepulchros, o homem depurado das prevenções, que levanta contra elle paixão politica, apparecia, como elle era realmente, piedoso, resignado, benevolente, pacifico, modesto, humano, caridoso, inimigo das suberbas e das vaidades, amicissimo das liberdades públicas, ânimo varonil e resignado na adversidade, continente e modesto nos falsos e ephemeros esplendores da fortuna dos homens e dos reis.

«Ha homens, que para descobrirem aos olhos do mundo toda a gravidade e compostura do seu busto precisam de que o tumulo lhes sirva de pedestal. É á sombra dos cyprestes, que apparecem nas suas verdadeiras proporções. D. Pedro V era assim. Foi preciso que deixasse, morrendo, de ser rei para que apparecesse exemplar e modelo de homens. Nem para rei, porventura o tivera fadado a Providencia. Nascêra para mais pura atmosphera que a das côrtes, para mais substancial convivencia que a dos aulicos, para mais serenas regiões, do que são as que circumdam os soberanos. D. Sebastião morreu moço, porque aspirava, pela espada e pela sanctidade dos costumes, a um ideal, incompativel com a corrupção dos tempos em que reinava. D. Pedro V cedo tambem se finou, porque talvez o govêrno, como elle o devaneiava, nas horas de sua meditação e de seu frequente conversar com os livros, não era para os nossos dias, para os nossos homens, para os nossos costumes, e para o nosso mundo.

. . . . . .

. . . . . .

«Depoz a mão fria o sceptro sôbre o tumulo. Começa a posteridade, começa a justiça, começa a historia. E como começa?

«Nunca página tão luctuosa, meditada, se fez tão brilhante! Nunca de tanta sombra golfou maior luz!

«Não são estes momentos de commoção vehemente para sequer tentar descripções. Suffocam as impressões accumuladas; o espirito, em tumulto, vacilla entre a insufficiencia das palavras, e o receio dos encarecimentos.

«Não contaremos pois. É pouco possivel, é cedo, e para Lisboa desnecessario. Lisboa inteira viu o que sôbretudo foi para ver-se. Sem embargo, para que a todos chegue, para que se dilate no futuro, é indispensavel que a memoria d'este dia fique — exemplar para reis — exemplar para povos!

«E ficará. Ha de apparecer — deve apparecer — quem, com ânimo reposto, sem a suspeita dos sobresaltados que levam á exaggeração, com pausa e serenidade, se encarregue de archivar e transmittir essa compungente e pathetica scena de grave consternação, que fez hoje de Lisboa um immenso sanctuario de dor!

«Diz tudo o sequito funerario do soberano muito amado, e bem amado, que não se chamára já infeliz, se a taes demonstrações podéra ter assistido. Disseram tudo as lagrimas, que rebentavam nos olhos dos ministros e dos grandes, que deslisavam, mudas, pelas faces de illustres veteranos, e formosamente aljofaravam os rostos energicos dos homens que o trabalho ennobrece.

«Quem viu o prestito innumeravel, entre alas compactas de povo, submersas nas quaes desappareciam as filas dos soldados; quem meditou o silencio magestoso, de que apenas se levantava, como o susuro gemebundo de um oceano d'almas, o flebil murmurio, indicio de uma angústia comprimida; quem assistiu ao desfilar de tantas mil pessoas no meio de um recolhimento solemne; quem observou como as turbas espontaneamente se policiaram com ordem admiravel; quem finalmente presenciou o austero recato e a grave compostura de todos, poderá attestar o que é esta gente, o que se póde confiar d'ella, e como á civilisação estão servindo, e hão de servir, com todas as mais corporações, essas benemeritas classes operarias, nervo da nação, e sua esperança!

«Cabe aqui mencionar um facto, que na sua concludente singeleza, é acaso a prova mais cabal da grandeza d'esta magua, e da cordura d'este povo. Nos tres dias decorridos a policia da capital não teve de effectuar uma só prisão!

«Eram eguaes as tristezas nos espiritos, nos semblantes, e nos trajos. Toda a cidade se cobriu de crépes. Este lugubre accôrdo entre o patentear e o sentir achou a sua mais profunda expressão na phrase ingenua d'uma pobre mulher, que, no Largo de S. Paulo, referindo-se ao tempo, soluçava exclamando com a pictoresca viveza da imagem meridional: — «Mandou Deus esta chuva para até as pedras das ruas se vestirem de lucto!»

«Quem não dirá agora: que homem o que soube inspirar tanto amor! que povo o que sabe amar com tão finos extremos!

«Em fim, repousa! Está superior a todas

as dúvidas e malevolencias o derradeiro culto que se lhe prestou! Não foi já ao soberano; o soberano não existe. Não foi ao podêr; o podêr acabou. Não foi ao cofre das graças; esse cofre é um athaude. Não foi á última scintillação do astro das côrtes: a idolatria do sol adora o Levante, ás horas a que esse cortejo de povo sahe ao trabalho. Não foi á grandeza, não foi ao explendor, não foi á cubiça, não foi sequer á esperança. Que se ha de esperar do encêrro a que baixou, senão a paz, que elle mesmo anhelára, como remedio contra as cegueiras da sorte, como refugio contra as ruins paixões? Foi á indole, ao coração, á virtude — á indole amoravel, ao coração extremoso, á virtude rara! Foi ao desvelo, foi á abnegação, foi ao sacrificio. Foi ao longo e inestimavel sacrificio, cuja memoria lá estava patente na medalha commemorativa dos serviços eminentes prestados na temerosa epidemia, a insignia, que mais que todas presava, e da qual dizia:— «esta ganhei-a!»

«Ganhou com effeito. E ganhou estas singulares sympathias. E ganhou esta pura gloria, acima da qual só ha uma — a que o Eterno, lhe deu em premio abrindo-lhe os braços!

M. L.

. . . . . .

. . . . . .

«Nos seis annos do seu reinado, o sr. D Pedro V não teve que «perdoar aos vencidos, nem que debellar os suberbos.» A purpura que o cobre no athaude está pura como a veste candida do menino que adormeceu nos braços da mãe para não mais acordar. D. Pedro V não custou uma lagrima aos seus subditos, nem uma gotta de sangue manchou a sua terra natal, á voz da tyrannia, ou mesmo da justiça.

«Rei constitucional, nunca impoz a sua vontade á nação; respeitou sempre a opinião pública, bem ou mal manifestada; porisso os partidos pugnaram no campo legal, e nem sequer, durante estes ultimos annos, se imaginou que fôsse possivel qualquer perturbação na ordem pública, que levantasse armados portuguezes contra portuguezes.

«Se fomos mal governados, queixemo-nos de nós mesmos, porque o rei D. Pedro foi rei como devia sel-o, e ahi está a sua maior gloria. Do officio de rei constitucional cumpriu o chorado monarcha todos os deveres, e foi exemplo para os seus successores. Não fazendo sentir a vontade real na governação do Estado, não mostrando predilecções por nenhum dos partidos, acatando a lei, não forçando os seus ministros, contra os dictames da consciencia d'elles, a actos illegaes ou obnoxios, usando com brandura e clemencia do poder moderador, gratificando munificentemente os bons servidores do paiz, e os homens eminentes, o sr. D. Pedro V patenteou ao mundo que era o cidadão mais liberal da sua patria, e este proceder conteve as facções, impoz respeito a todas as demasias, e o seu reinado, se não foi venturoso por causas extraordinarias, foi tranquillo e pacifico, e glorioso para um neto de D. Pedro IV. o doador da Carta Constitucional.

«E assim como soube ser rei conforme a lei, o sr. D. Pedro V soube tambem ser rei para usar do seu podêr em beneficio da patria. Ahi estão as escholas que fundou, umas para o ensino das sciencias philosophicas, outras para a educação dos filhos dos pobres. Ahi estão a industria e as artes favorecidas e honradas; ahi estão todas as festas do trabalho, a que folgava de assistir; ahi estão os consideraveis auxilios prestados ás aulas de instrucção primária; ahi estão as esmolas distribuidas aos estabelecimentos de caridade, e o hospital que fundou para as creancinhas pobres; ahi estão as attenções havidas com os homens de letras mais distinctos do paiz; ahi estão os testimunhos do seu amor aos estudos serios, e a sua illustração; ahi estão os innumeros beneficios feitos pela sua mão direita, e ignorados pela esquerda; ahi estão a benevolencia, a lhanesa, a cortezia com que attendia a todos, e com que sabía captar as sympathias dos que se lhe acercavam; finalmente, ahi estão todas essas demonstrações dos seus amigos, que foram todos os seus subditos, que hoje o conduziram á funebre mansão, entre saudosas lagrimas.

. . . . . .

«Na morte dos tyrannos faz-se um silencio aterrador, porque passaram na terra como flagellos da humanidade; na morte de um bom rei ouve-se o brando murmurio dos soluços dos que choram, porque morreu um amigo dos homens.

«Lisboa e o reino inteiro não esquecerão nunca, e a historia o dirá, que o Sr. D. Pedro V, quando um flagello immenso açoitava a capital da monarchia, ficou no seu paço cercado de toda a sua familia, ficou entre os seus pelo sangue e pela missão que Deus lhe confiou, para os animar e consolar nessas tão dilatadas horas de tristeza, de lagrimas e de terror. O joven monarcha não tremeu da epidemia, e desprezando os exemplos de alguns dos seus maiores, não só não desamparou a capital, mas ia visitar os hospitaes, practicar com os infermos, e observar se o serviço sanitario era como devia ser.

R. DE S.

. . . . . .

. . . . . .

«O rei D. Pedro era um d'estes homens que tomam a vida por um lavor incessante, por um encargo difficil. Incumbia-lhe uma grande e affectuosissima missão. Tinha, como elle proprio o dizia, o *officio* de reinar. Notae que nunca disse o *direito de reinar*, a vaidade de reinar, o privilegio de reinar, a doçura de imperar aos outros. O podêr que para tantos

*

é uma delícia, para todos uma satisfação das paixões individuaes, era para elle quasi um sacerdocio, temeroso como um encargo, cujas responsabilidades são mil vezes mais duras do que é mimoso e regalado o prazer de commandar.

. . . . . .

«A lhanesa e simplicidade, com que a todos acolhia, acostumaram o paiz a ver no rei o primeiro dos cidadãos. D. Pedro, com a amenidade e modestia do seu tracto, com a urbanidade com que se egualava com os seus interlocutores, revelava não acreditar 'nesta especie de superioridade sobrenatural, de que os principes mais contemplativos e philosophos se não podem nunca totalmente desprender.

«Presidiu á consolidação do systema representativo. Pela primeira vez, depois de quarenta annos, um principe portuguez reina e morre, sem que nos cortejos dos seus paços, nem no prestito das suas exequias, appareça a minima recordação das discordias civis. Nem sentenças de morte, nem amnistias politicas, receberam a auctoridade dos seus sellos. A paz lhe deu o sceptro e o jazigo; e a civilisação de Portugal, que 'nestes ultimos annos cresceu e prosperou, apesar das calamidades públicas, tem de registrar o nome de Pedro V, como um dos nomes da sua mais fausta recordação. L.

. . . . . .

. . . . . .

«Os seus ocios, como os de Frederico II, da Prussia, foram approveitados. A sós comsigo, no remanso dos aposentos reaes, a penna traduzia, nas páginas desaffectadas de suas memorias, as inspirações generosas, os planos civilisadores, e as commoções de um espirito que só presava a existencia para a empregar em favorecer os desditosos, em restaurar ruinas, e em promover todos os aperfeiçoamentos moraes e physicos. R. DA S.

Da Revolução de Setembro.

«O varão mancebo, que se levava, por entre o lucto e sentimento de nacionaes e estrangeiros, do paço ao jazigo, era mais para mim que um simples rei; era um litterato, e um sabio, amigo, e fautor da litteratura e das sciencias; começára apenas, mas com boa mão, a beneficial-as; quem sabe até onde ellas medrariam, se o tempo, se o progressivo amadurecimento, e o constante empenho de acertar, tivessem deixado ao joven principe preencher para a gloria todo o seu destino, assim como o preencheu para o infortunio?

«Ao amigo de toda a instrucção; ao fundador ao mesmo tempo de escholas elementares, e da faculdade superior de letras; ao presidente da academia real das sciencias; ao que tinha os estudos pelo melhor dos passatempos; ao que practicava de egual a egual com o erudito, o naturalista, o militar, o litterato, o philosopho, o polyglotto; ao que, em tão curta vida, e tão poucos annos de laborioso reinado, achou ainda assim ocios para deixar, como affirmam, escriptos de seu punho mais de vinte volumes de *Memorias contemporaneas*, e dois tractados, incompletos, mas já crescidos, um da *Sciencia e arte de guerra*, outro da *Instrucção e educação popular;* áquelle, em fim, que eu tinha sinceramente admirado, e de quem esperava ainda cousas maximas para a civilisação da nossa terra por via da instrucção popular, queria eu tambem, como os meus confrades, tributar aquella dolorosa vassallagem. A. F. DE CASTILHO.

. . . . . .

. . . . . .

«Apartou-se de nós subitamente, inesperadamente, fatalmente, um rei que era um irmão, uma criança que era um rei! Estava-se habituado a vel-o e a estimal-o; um caracter melancholico separava-o por vezes das festas do mundo, mas via-o a gente de quando em quando passar serio e sympathico através da multidão que lhe sorria; e, quando elle procurava as provincias para conhecer as cousas da sua terra, e ver os homens d'ella em todas as suas feições e gestos, por toda a parte encontrava, ao chegar, a alegria e a esperança, deixando sempre, ao partir, o humido olhar da saudade!

«O povo amava de todo o coração este rei. Tive mais do que outros occasião de o julgar, porque um singular acaso me conduziu muitas vezes ás terras que elle visitára, com um brevissimo intervallo de tempo: assim em Coimbra, assim depois no Porto, da mesma fórma em Peniche, ultimamente ainda no Alemtéjo. Em toda a parte, ao fallar-se-me do sr. D. Pedro V, a estima popular raiava esplendida, e era a qual havia de explicar-me mais detidamente quanto era affavel a sua indole, com quanto docemente triste; quanto a sua intelligencia era profunda, ainda que melancholicamente scismadora! Nas suas viagens, a mais pequena cousa o retinha, uma pedra, uma cruz, a inscripção de uma memoria de aldéia, uma avesinha que pousava 'num tronco de arvore, um mendigo que pedia esmola á beira de um vallado, uma voz que cantava nos campos, uma estrella que corria nos ceus! Perguntava tudo, tudo indagava e commentava, tudo tentava explicar e saber, com a anciedade do peregrino que presente que a noite vem perto, e procura chegar ao seu destino em quanto o sol doira a montanha!

«Era uma existencia predestinada, e um espirito cheio de elevação e de sisudez. A sensitiva murcha ao mais leve contacto; a virtude, flor mais casta ainda, mancha-se ao menor olhar; para elle, todavia, nem a sciencia lhe despoetisou a alma, nem o mundo lhe perdeu

a innocencia. Os maiores philosophos têm difficuldade em ler no coração humano, mas as crianças sabem ler correntemente no coração de suas mães; assim elle desde o berço leu no da sua, e leu tudo, alli, porque leu — a consciencia e a honra!

«Todas as classes iam representadas 'neste último acto do triste drama de um rei; os artistas, os estudantes, os escriptores, os negociantes, os asylados, os officiaes de marinha, os actores e actrizes, os deputados, os medicos, os advogados, e, mais que tudo, o povo, — o povo que chorava em roda do coche funebre, que só levava por distinctivo a medalha da febre amarella de Lisboa, e a medalha humanitaria do Porto!...

«Mas não havia em tudo isto a affectação nem o cálculo; era a saudade que dictava tudo, 'nesta hora em que apenas se escutava das janellas e das ruas o convulso soluçar do chôro. O nosso povo dorme por muito tempo, mas quando accorda por algum grande successo, tem mais calor e mais alma do que nenhum. O sr. D. Pedro V deixou saudades tão ardentes, que nem as lagrimas as apagam. Os pobres, que a cada instante do dia podem fazer homenagem a Deus dos seus soffrimentos e das suas dores, estão em melhores condições do que os poderosos para ganharem o ceu; quando porém se é rei e se é infeliz, tão alto se está para os homens pela grandeza, como para Deus pelo infortunio; o rei e o povo sentem-se irmãos então pela desgraça, e, por morte d'aquelle, este balbucia apenas no seu coração o —Ergue-te, ó alma! — em quanto a razão positiva repete, humilde e melancholica, as palavras do Ecclesiastico — Quando o vento desenraisar as nossas tendas, reergamol-as na movediça areia!... JULIO CESAR MACHADO.

Do Districto d'Aveiro.

O NECROLOGIO DO REI

«Meu marquez. Tem-me dado tantas provas d'amigo, que me anima a pedir-lhe um favor, triste sim, mas de que eu devo carecer muito breve. Minha mãe e a minha querida Estephania querem-me para juncto d'ellas. Presinto no coração o seu chamamento, e eu devo ir para onde estão. Quando, meu caro marquez, eu estiver em perigo de vida, e deva receber os sacramentos, diga-m'o; não receie assustar-me, porque a morte não me assusta. É este o favor que lhe peço. O meu marquez é muito meu amigo, e muito christão, para se negar a isto.—

.....

«As lagrimas rebentam nos olhos de todos os homens de coração, quando se acabam de ler estas palavras, que a imprensa nos transmittiu sahidas da bôcca do moço-rei nas vesperas do seu passamento.

«O necrologio do Senhor D. Pedro V está ahi! Não lhe façam outro. Resumiu-o elle, melhor que os seus cortezãos, 'nessas palavras de presentimento celeste, que revelam a essencia angelica do seu coração.

«Ahi está tudo! a simplicidade do sentimento e a elevação do espirito: o amor e a amizade, a resignação e a fé.

«Ahi está tudo! o filho, o espôso, o christão, e o rei!

«Filho, conserva sempre viva as saudades e a memoria de sua Mãe, que lhe morrêra, ha oito annos, assentando-o 'num throno, que elle troca de boamente por mais alto assento, ao pé de sua Mãe. *Minha mãe quer-me juncto de si.*

«Espôso, viera-lhe a Noiva da terra onde as mulheres são anjos pelo sentimento e pelos sacrificios; e o coração prendera-se-lhe para sempre ao anjo da Allemanha, que o amára com o amor de Ignez de Castro, e a virtude de Sancta Izabel, em extasi de momentanea felicidade. Eram barbaras as exigencias da politica. Elle já não podia acceitar outro thalamo. A sua viuvez era eterna. O coração levara-lho para o ceu a *sua querida Estephania* que o chamava de lá. *Presinto no coração o seu chamamento.*

«Christão, não lhe basta a consciencia de ter practicado o bem: quer purificar-se pelos sacramentos para apparecer em graça diante de Deus; é esse o seu maior cuidado, porque elle é *muito christão*, como o seu Marquez. *O meu Marquez é muito meu amigo e muito christão.*

Illustrado, e bom como D. Diniz, morre em flor como D. Sebastião, procurando a morte como um dever, não podendo arcar com a mourisma do seculo, como aquelle com as hostes de Alcacer-kivir! *Devo morrer, a morte não me assusta.*

«Confórme o disse, assim o fez. O necrologio do Senhor D. Pedro V é esse, não lhe façam outro, que o não póde haver mais sublime de affectos e de verdade. J. B.

.....

«Rei muito antes da epocha em que o seu amor filial lhe consentia desejal-o, em que a sua sizudeza lhe permittia acceitar a coroa com confiança de bem preparado para os encargos d'ella; viuvo na edade em que a maior parte dos homens não tem ainda escolhido espôsa, e no momento em que o seu coração começava a gostar os prazeres da vida conjugal, não havia bem que lhe não viesse do mal, nem ventura que a fortuna lhe não roubasse.

«Ferido nos seus affectos intimos, mortificado de desastres, as epidemias parece que esperavam a sua ascensão ao throno para assaltarem o povo. Perseguia-o a infelicidade

como rei e como homem. Dizer-se-hia que a morte estava apostada a trazer-lhe sempre diante dos olhos o seu horror; e este sestro havia de pesar-lhe no coração como um presagio.

«Uma gloria suprema assignalou o reinado de D. Pedro V, uma gloria, que a philosophia social ha de registrar como um triumpho, a humanidade celebrar como uma honra, e a historia apontar como um exemplo. D. Pedro V não assignou uma só sentença de morte, e não assignava nenhuma. Disse-o a um de seus ministros, tão bondoso como elle, ao apresentar-lhe um processo em que aquella pena vinha imposta. O rei defuncto julgava, que o cadafalso era mais ignominioso para a sociedade do que para os criminosos; que a pena de morte era degradação moral da auctoridade pública; que o carrasco era um professor público de assassinatos e crueldade; que as execuções eram uma barbaridade inutil, e o sangue das victimas um insulto feito a Deus, e um processo aberto á governação humana.

Do Conimbricense.

«Comparando o rei D. Duarte I com o Senhor D. Pedro V encontra-se entre elles uma notavel coincidencia. — D. Duarte governou Portugal quasi pelo espaço de 6 annos — o Senhor Pedro V tambem o governou pouco mais de 6 annos; — D. Duarte viu, durante o seu reinado, o flagello da peste, acommetter o reino, e principalmente a capital; — e o Senhor D. Pedro V tambem soffreu a peste, que grassou em muitas terras do reino, e com especialidade em Lisboa, onde fez muitos estragos. — D. Duarte morreu com uma grande magua pelo captiveiro de seu irmão o Infante D. Fernando, que os mouros tinham prisioneiro; — e o Senhor D. Pedro V morreu tambem com uma grande magua pela morte de seu irmão o infante D. Fernando, a quem poucos dias sobreviveu. — Finalmente D. Duarte foi Principe muito virtuoso e instruido, e porisso mereceu o epitheto de — *Eloquente;* — e o Senhor D. Pedro V, tambem foi Principe virtuoso e instruido, e por isso muito bem lhe cabe o epitheto de — *Illustrado.*

«Estes Monarchas eram ambos dignos de melhor sorte, e teriam feito a felicidade de seu povo, se o seu reinado fôsse mais duradouro e mais ditoso: 'Nelles não houve mais que desejar senão melhor fortuna!

Do Commercio de Coimbra.

«— Os factos que attestam a nobreza d'alma do fallecido rei, reproduzem-se, e qual d'elles mais honroso; como se vê do seguinte extracto da correspondencia do *Diario Mercantil:*

«De dia para dia se vão colhendo mais provas da magnanimidade, e grandeza d'alma do nunca assás chorado rei D. Pedro V. Tendo-se-lhe encontrado o caderno onde elle registrava as pensões, que concedia, viu-se, que, de ha muito tempo, seu thio, o sr. D. Miguel de Bragança, recebia mensalmente do rei de Portugal cincoenta moedas. Logo que o Senhor D. Pedro V tomára as redeas do poder, lhe foi feito este pedido por um dos redactores do Povo, e membro da commissão encarregada de levar soccorros ao sr. D. Miguel. El-Rei, disse, que ignorava achar-se seu thio em tão precarias circumstancias; mas que, verificado o facto, podia o sr. D. Miguel contar com uma pensão de 600 moedas por anno do seu bolsinho particular, o que cumpriu. Esta acção registra-se; não se commenta: porque basta só por si para fazer o elogio completo do homem que a tenha praticado.

Do Tribuno

«'Neste estado acabou o Senhor Rei D. Pedro V, o amigo do povo, o protector das escholas, o auxilio dos desvalidos, o primeiro pelas virtudes, como o era pela jerarchia. A sua morte, como a sua vida, foi um pensamento de abnegação!

«É uma perda immensa — immensa, e immensamente, e universalmente sentida!

«As ordinarias hyperboles das commemorações funebres são aqui imagens visiveis, são no caso presente realidades que todos têm presenciado.

Testimunhos dos estrangeiros tanto mais recommendaveis, quanto se seguiram immediatamente aos telegrammas recebidos.

«Ministerio dos negocios estrangeiros, 14 de novembro de 1861. — Senhor — Encarrego-vos de apresentar á familia real de Portugal o sincero e profundo pesar do govêrno de Sua Magestade (A Rainha Victoria) pela morte do último monarcha.

As excellentes qualidades do fallecido Soberano, a sua admiravel educação, a sua vasta instrucção, o seu zêlo pelo bem estar do seu povo, os seus sãos principios constitucionaes, o conhecimento que tinha dos interesses da Europa, e sôbretudo as suas singulares virtudes e não affectada piedade, inspiraram em Portugal dedicada lealdade, e em todas as outras nações — *esperança, respeito e admiração.*

«Expressareis estes sentimentos a El-Rei D. Fernando, ao Principe Reinante, e ao ministro dos negocios estrangeiros. — Sou etc. — Sir A. Magenis, K. C. B. — (Assignado) *Russell.*

Da Correspondencia de Hespanha.

«Desgraçadamente confirma-se a tristissima notícia que démos em a nossa edição da manhan, ácêrca do fallecimento do joven Rei de Portugal D. Pedro V. Sua Magestade falleceu hontem ás sete horas e meia da noite. Esta nova e terrivel desgraça, que acaba de pesar sôbre a familia real e a nação portugueza, causou profunda dor em Madrid, e estamos certos de que causará em toda a Hespanha. Consta-nos que os nossos reis derramaram abundantes lagrimas ao sabel-a. El-Rei D. Pedro V, que ainda não contava vinte e cinco annos, era digno do amor de nacionaes e estrangeiros, pelo seu coração, pela sua intelligencia e até pelas suas desgraças. Em seu curto reinado de oito annos, que inaugurou sob a impressão da mais pungente de todas as dores, a da morte da sua nunca assás chorada mãe, padeceu o seu nobre coração grande somma de acerbas penas. Terriveis epidemias, em que o joven monarcha deu provas de tanto valor como abnegação; a perda de sua angelica e amada espôsa, D. Estephania; e ultimamente a morte de seu querido irmão D. Fernando, foram as principaes desventuras que amarguraram seu curto reinado. Temos visto chorar com profunda dor, ao receberem a' fatal noticia, os portuguezes residentes em Madrid, não só pela perda de El-Rei, como por se lembrarem da immensa dor que 'nestes momentos experimentará El-Rei D. Fernando e seus augustos filhos.

Jornal dos Debates.

«O rei de Portugal está perigosamente infermo: corre a noticia da sua morte. Era um homem de sentimentos elevados. Morre ainda moço, mas depois de ter vivido nobremente como deve viver o rei d'um povo livre. Quem assim viveu, morre sempre demasiado cedo para os outros, e viveu quanto bastava para si.»

—A illustração de Paris copiou, e commentou, no mesmo sentido, estas sentenciosas palavras.

Da Independencia Belga.

«Um telegramma de Lisboa nos annuncia uma noticia triste, que ha dois dias temiamos receber. O rei D. Pedro morreu hontem. É uma grande perda para Portugal. D. Pedro, moço, activo e intelligente, era dotado de caracter bondoso, e tinha todas as qualidades que podem constituir um principe illustre. Era estimado e amado pelo seu povo, que bem comprehendêra que tinha no monarcha um guia seguro, movido pelo amor do bem público, e que, apesar da mocidade, era homem feito e proprio para se desempenhar dos arduos deveres da realeza. A dedicação heroica de que deu provas um soberano de tão poucos annos, quando a epidemia devastou Lisboa, foi para os portuguezes testimunho de affecto real, cuja lembrança não se poderá apagar nunca da sua memoria.

Do Norte de Bruxellas.

«A morte inesperada do Rei de Portugal é um successo que se reveste de caracter mui especialmente doloroso, em razão das qualidades do joven soberano e do amor com que os seus subditos o rodeavam.

«O Rei D. Pedro V havia succedido em 17 de novembro de 1853, a sua mãe, a rainha D. Maria II. Nascêra aos 16 de setembro de 1837, e por consequencia contava apenas vinte e quatro annos.

«Logo na sua exaltação ao throno portuguez, ao redor do qual o assisado liberalismo do pae de D. Maria tinha consolidado as instituições constitucionaes, o joven monarcha manifestou-se o que foi sempre. Leal, circumspecto, applicado aos seus deveres, fervoroso em instruir-se, offereceu desde o primeiro dia o exemplo do verdadeiro soberano constitucional. Possuido da iniciativa e do impulso do coração quando era preciso mostrar-se no conflicto, usou da sua prerogativa com aquelle tacto tão difficil que procede da inteira lealdade, e que conserva á individualidade do rei todo o seu realce e o seu prestigio, deixando ao mesmo tempo ao mechanismo constitucional o seu livre movimento. Sôbretudo, teve logo desde o comêço essa grande fortuna e grande habilidade, que consistem em tornar-se amado do povo, merecendo-lhe confiança. Mostrou assim evidentemente que na práctica sincera e cordeal das instituições constitucionaes ha logar para uma união íntima entre o povo e o soberano, e para a grandeza da nação e da monarchia.

«Perante as declamações revolucionárias, que affiguram as monarchias como inimigas naturaes do povo, e as diffamações reaccionarias que insultam a consciencia dos povos, representando-os como adversarios natos das monarchias, é consolação para os animos moderados, que procuram, como tambem nós, conciliar estes dois elementos, que tantos factos e successos tendem a desunir, é consolação, repetimos, ter de indicar exemplos que attestem que os povos e as monarchias nada contêm, assim na sua essencia como em seus interesses, que seja hostil ou contrário.

«Rebateremos sempre energicamente esta preoccupação, propagada, por certa eschola, da incompatibilidade da instituição monarchica com o bem estar popular; mas, pela mesma razão, não cessaremos de lembrar aos soberanos que d'elles depende, e só d'elles, que a sua dynastia e o principio monarchico sejam amados dos seus povos. Observae todas as re-

voluções que pozeram termo ao reinado de uma dynastia, ou derribaram um regimen monarchico, e vêde se a primeira origem d'essas ruinas não deve ser imputada á cegueira ou ás preoccupações dos que estavam constituidos no govêrno, e que faltaram ás suas obrigações para com os seus povos e para comsigo. D'esta verdade quereriamos, especialmente, convencer os principes que são chamados ao throno de seus antepassados; e que, sendo ainda moços, podem encher a lacuna que existia na educação monarchica de seus predecessores, e, por consequencia, nas relações do povo para com o soberano,

«Por certo, e bem o sabemos, que os povos, uma vez impellidos na carreira das revoluções, commettem terriveis excessos; não é para absolvel-os, mas para evitar a repetição d'aquelles, que recordâmos caber sempre a culpa aos que, tendo os meios de prevenir, não usaram da sua auctoridade senão para reprimir, e quando já era tarde. Porventura não temos visto, não vemos ainda grandes nações, habituadas a amar, a venerar o soberano que sôbre ellas reina, esperar da iniciativa d'este a justiça e o progresso com paciencia e longanimidade, verdadeiramente meritorias, e soffrer, sem se queixarem, as provações e as decepções mais duras? Todas as nações, com pequenas differenças, têm passado por estes transes; e quando, cansadas de esperar debalde, arrastadas ao extremo pela miseria moral e material, procuraram na arma fatal das revoluções a conquista do que necessitavam, quem foram os responsaveis d'esta desgraça, os governos, que desattenderam as suas obrigações, ou os povos, entregues finalmente aos conselhos da desesperação, depois de haverem dado magnificos exemplos de confiança e de paciencia?

«Estes factos são de todos os tempos. E, quando a par d'elles se apresenta um exemplo de sabedoria e de virtudes governamentaes, não será dever nosso animal-o a insistir 'nelle?

«O Rei D. Pedro, como dissemos, estava penetrado das suas obrigações de soberano; por isso o seu povo se cobre de luto, e sente-se por essa morte ferido nos seus mais intimos sentimentos. Fiel na sua politica interna á constituição que havia jurado, e na externa zeloso do decoro nacional, de que foi opportunamente defensor energico, conformou todos os seus actos com os principios que se tinha assimilado. Não se esqueceu, como outros, de que, representando uma dynastia constitucional, devia estender a mão ás que procediam das mesmas origens: e quando alguns monarchas regateavam por muito tempo ao rei da Italia o reconhecimento, e outros lh'o recusavam, não hesitou elle em ser um dos primeiros em dar ao seu paiz, no reino de Italia, um alliado natural e sympathico.

«Os seus sentimentos de homem e de cidadão mediam pela altura do seu procedimento de soberano. Todos se recordam da carta tão maviosa, tão digna, e de uma dor tão funda e communicativa, que lhe dictou a perda da sua querida esposa, a princeza Estephania de Hohenzollern. N'essas palavras tão humanas, tão nobremente resignadas, reconheceu-se a abnegação, as sinceras e fortes qualidades de um rei, superior a todos os acontecimentos, e em cujo coração, feliz ou lastimado, o seu povo tinha sempre logar. A impressão que produziu esta admiravel carta foi universal, e não contribuiu pouco para a popularidade europeia que adquiriu o joven principe.

«Pouco tempo antes viram-no, durante a febre amarella, que tão cruelmente devastou Lisboa, não se poupar em tomar parte nos perigos, e levar a toda a parte consolações. Finalmente, as particularidades do prematuro termo de sua vida vol-o representam victima do amor fraterno, pois que, desde o momento em que recebeu a noticia do fallecimento de seu irmão D. Fernando, o seu estado peiorou, a ponto de não dar esperanças.

«Taes são os actos que tornam saudoso em subido grau um rei que já tinha dado tantas provas de suas régias virtudes. Toda a Europa dynastica e nacional acompanhará na sua dôr a nobre nação portugueza.

Da Revolução de Setembro.

Meu caro amigo.— A noticia da morte d'el-rei o senhor D. Pedro V em seguida á do fallecimento do senhor infante D. Fernando causou dolorosa sensação em Paris e na Europa. Nunca vi manifestações tão unanimes de pezar pela morte de um principe e de profundo respeito pela sua memoria. Em tôrno do tumulo do rei de Portugal derrama pranto sincero a Europa inteira.

Adquiriu o senhor D. Pedro geraes sympathias nas suas viagens, conquistára depois universal estima affrontando os perigos de uma epidemia cruel, e ganhára a affeição dos homens intelligentes cultivando as sciencias e as letras, e esmerando-se em protegel-as.

Apontava-se para exemplo a lealdade do monarcha portuguez no desinvolvimento e applicação dos principios liberaes, e não merecêra menores testimunhos de admiração a firmeza com que se houvera em tristes conjuncturas de público soffrimento ou de pezares domesticos.

D'ahi proveio a alta consideração que o joven soberano de um pequeno reino inspirava aos primeiros monarchas da Europa, a affeição que lhe consagravam os estudiosos, a confiança que grangeára no ânimo dos amigos da civilisação e da liberdade, e a veneração com que os homens de bem pronunciavam o seu nome.

Os dotes do senhor D. Pedro V honravam

com novos titulos de gloria a historia de Portugal e os Annaes da casa de Bragança, mereciam o respeito de naturaes e estranhos, e serviam de poderosos fiadores á independencia nacional.

O reinado do seu augusto irmão principia sob o pêso de azares bem desventurosos, mas da enormidade do desastre que afflige a nação portugueza surge a esperança de porvir menos infausto. Ao tocar a meta do infortunio sôa a hora de melhor futuro.

Facil será o exercicio do poder real ao principe que soube nos degraus do throno conciliar a affeição geral, que tem de casa tão subidos exemplos de virtude, e que conhece as necessidades do povo portuguez e as suas modestas, mas justas, ambições.

Portugal não enxuga as lagrimas para proclamar o novo rei. Chora com elle a desditosa morte do senhor D. Pedro V, e une-se cada vez mais pelos laços do soffrimento á dynastia constitucional, que sempre recebeu dos portuguezes provas de amor e de lealdade. Um official de marinha no throno de D. Manuel é um bom agouro, uma consolação e uma esperança para a nação, cujo futuro engrandecimento só pode ser commercial e maritimo.

A Europa conhece el-rei o senhor D. Luiz I, aprecia as suas elevadas qualidades; e olha com sympathico interesse para o principe sôbre quem pesam simultaneamente profundas máguas domesticas, e os encargos nem sempre suaves da realeza.

O imperador Napoleão tomou luto immediatamente, e ordenou que não se festejasse o dia do nome da imperatriz, que é amanhan. É esta a mais alta distincção que podia fazer-se á familia real portugueza. Em geral as côrtes não tomam luto senão depois da participação official, e interrompem-o para celebrar as festividades nacionaes. Napoleão não attendeu aos estylos da côrte, nem ao grande numero de convidados que já estavam em Compiègne; e quiz dar á dynastia, e á nação portugueza, a prova mais pública da sinceridade dos seus sentimentos.

A imprensa foi unanime na recordação das qualidades do soberano portuguez e nas manifestações de pezar pela sua morte.

SCIENCIAS PHYSICAS E MATHEMATICAS

INFLUENCIA DA CULTURA DO ARROZ

(Excerpto da Medicina Administrativa e Legislativa do sr. Dr. Macedo Pinto).

Continuado de pag. 146.

ESTATISTICA SÔBRE A INSALUBRIDADE DOS ARROZAES. — Segundo as estatisticas apresentadas por Boudin [1], a mortalidade das tropas inglezas de 1842-1845 em Hong-Kong, elevou-se, média annual, a 285 por 1000; e a mortalidade causada pelas febres intermittentes e remittentes paludicas nas tropas negras é de 1,1, nas recrutadas na India de 4,5, nas dos mulatos de 6,7, nas indigenas de Ceylão de 7,0, e nas inglezas de 24,6 por 1000. Um paiz, onde a mortalidade é tão horrorosa, onde o povo vive na maior miseria (sôbre não haver uma estatistica exacta de sua mortalidade), não póde trazer-se para termo de comparação na questão dos arrozaes, ao menos em sentido que lhes seja favoravel. Refere Moreau [2], que no Piemonte a mortalidade das povoações proximas aos arrozaes tem duplicado nos ultimos annos. Berra [3] diz, que na provincia de Pavia, onde mais se cultiva o arroz, a mortalidade excede 8 por 1000 á de Milão, terra de condições climatologicas mui similhantes, mas onde raro se exerce tal cultura. Diz Monlau [4], que entre mil exemplos que podéra citar, apenas menciona um succedido no anno de 1844, em que, no partido médico de Murviedro, que consta de 4465 fogos, houvera 3974 pessoas affectadas de intermittentes, a maior parte terçans, as quaes o mesmo auctor attribue á influencia nociva dos arrozaes.

Segundo o relatorio já citado da commissão do Instituto agricola [5], «nos dois districtos de Leiria e Aveiro, em oito concelhos completos, e mais dezenove freguezias pertencentes a outros concelhos, em que se produziram nos dois annos de 1857–1858 aproximadamente 43800 hectolitros de arroz, a mortalidade effectiva foi de 7932 pessoas. Se a relação entre os obitos e a população se houvesse conservado a mesma que era antes de alli haver arrozaes, o número dos fallecidos 'nestes dois annos não deveria exceder a 5224. Assim, 'nestes concelhos e freguezias houve 2708 obitos, que devem attribuir-se ás doenças causadas pelas emanações dos arrozaes; e por consequencia, 'nestas localidades que tomâmos por exemplo, 16 hectolitros de arroz custaram uma vida!»

[1] Traité de géogr. et de statis. méd., tom. II, pag. 195 Paris, 1857.
[2] Éléments de statistique, pag. 262. Paris, 1856.
[3] Dei prati del Basso Milano.
[4] Elementos de higiene pública. Barcelona, 1847.
[5] Relatorio da cultura do arroz em Portugal, Lisboa, 1860.

Mappa da mortalidade em relação aos arrozaes nos districtos de Leiria e Aveiro em 1853—1858.

Localidades em que se cultiva o arroz		Producção do arroz em hectolitros	Obitos que effectivamente tiveram logar	Número dos obitos que devia haver, calculados em relação ás epochas anteriores á cultura do arroz	Excesso da mortalidade effectiva sôbre o número normal dos obitos
Districto de Leiria					
Concelhos de	Caldas	3.683	478	376	102
	Obidos	5.500	631	449	182
	Leiria	3.270	1.980	940	1.040
Concelho de Pombal, freguezias de	Pombal	980	368	207	161
	Pelariga	168	62	44	18
	Almagreira	640	107	87	20
Districto de Aveiro					
Concelho da Feira, freguezias de	Cortegaça Esmoriz Maceda Paramos Silvado Anta	880	427	369	58
Concelho de Estarreja, freguezias de	Avanca Pardilho Salreu Veiros	3.815	603	427	176
Concelho de Albergaria, freguezia de	Angeja	2.000	123	84	39
Concelhos de	Aveiro	4.000	728	526	202
	Ilhavo	1.200	455	313	142
	Vagos	7.970	504	270	234
Concelho de Agueda, freguezias de	Agueda de Baixo Agueda de Cima Barró Espinhel Oys da Ribeira	1.250	181	141	40
Concelhos de	Olivr.ª do Bairro	5.950	591	450	141
	Anadia	2.500	694	541	153
	Somma	43.806	7.932	5.224	2.708

Este mappa é uma compilação escrupulosa (vej. pag. 519 e segg. do citado relatorio) dos dados estatisticos mais importantes contidos nos mappas parciaes sôbre o movimento da população; os quaes, bem que não estejam formulados com a regularidade desejavel [6], nem porisso deixam de offerecer factos valiosos. O exame attento d'estes mappas mostra, que em muitas freguezias a mortalidade annual variava com as alternativas da cultura do arroz, parecendo seguir a razão directa de seu desinvolvimento, ora elevando-se ora baixando, conforme se alargava ou restringia a área dos arrozaes. Em questão de tamanha importancia para a saude dos povos e para a agricultura, é para sentir a falta d'uma estatistica médica exacta: no referido relatorio pretende-se porém supprir esta falta com a declaração dos medicos dos concelhos onde se cultiva o arroz. A estatistica das molestias reinantes nas localidades onde o arroz se cultiva, comparada com a respectiva a outras localidades analogas, em que não se exerce tal cultura, seria certamente o meio mais seguro para resolver d'um modo satisfatorio a questão da insalubridade dos arrozaes. Tambem poderiamos esclarecel-a comparando a duração da vida dos habitantes das freguezias onde se cultiva o arroz, com a dos que vivem em freguezias de circumstancias analogas, porém livres de similhante cultura [7].

[6] Este e outros factos justificam assás o que a respeito da estatistica dissemos no art. 10.º do capítulo antecedente.

[7] Quizemos emprehender este trabalho, para avaliarmos a influencia dos arrozaes sôbre a duração da vida: mas faltaram-nos os dados estatisticos, não obstante o havel-os pedido ao govêrno com bastante anticipação por via do prelado da universidade.

EMANAÇÕES DOS ARROZAES E SEUS EFFEITOS.— Não contém o arroz em si principio algum venenoso: os observadores são todos accordes em attribuir só á cultura d'elle a sua insalubridade. Nos arrozaes dão-se em subido grau as condições dos pantanos de agua doce: são pantanos *superficiaes encharcados*, e mais ou menos *subterraneos* segundo a natureza do solo sempre muito humoso. Nos pantanos de agua doce as emanações nocivas são em tanto maior abundancia, quanto mais superficial e menos profundo é o pantano, menos renovada e mais exposta ao sol a agua, mais elevada a temperatura da localidade, e maior a quantidade de materia organica vegetal e animal na superficie e no interior do solo.

Estas condições favorecem a decomposição das materias organicas, e a evolução aërea dos principios volateis chamados miasmas. Os arrozaes onde se dão todas estas condições (das quaes nos occuparemos no capitulo seguinte), são pois nocivos; tanto menos porém, quanto mais rapida for a corrente, e mais completa a renovação da agua: não, porque ainda assim deixe de ter logar a decomposição da materia organica; mas porque os principios volateis se desprendem em muito menor porção, e assim mais facilmente se attenuam e perdem a fôrça. Tambem é vária a energia das emanações dos arrozaes segundo os processos relativos a cada epocha de sua cultura, taes são o desenviço, maturação, ceifa e restolho[8].

[8] Nos arrozaes alagados, ou de innundação permanente, quando o arroz se torna muito *viçoso*, vasam os cultivadores a agua aos canteiros; morrem então todos os animalculos, e racha-se em grandes fendas o solo lodoso, ao passo que se vae enxugando pela acção directa do sol; logo que o arroz começa a amarellecer, tornam a lançar-lhe a agua. Este processo repete-se tantas vezes, quantas é necessario, para que o arroz não ganhe vegetação luxuriosa. A este meio de desenviço outros lavradores substituem o de darem por alguns dias maior altura de agua ao arrozal, e de diminuirem assim que o arroz amarelleça; práctica esta, que além de mais proveitosa para a cultura, não tem, como a outra, o grave inconveniente de augmentar consideravelmente as emanações do arrozal. A *monda* dos arrozaes tambem favorece a sua insalubridade de dois modos: já porque, exvasando-se a agua, fica o solo exposto á acção directa do sol; já porque as hervas da monda, que ficam ou á superficie do arrozal ou enterradas no lodo, vão augmentar a materia putreficavel. Para favorecer a *maturação* tira-se quasi de todo a agua ao arrozal, a fim de que o calor solar aqueça melhor o terreno, e faça medrar mais o arroz. Completa a maturação retira-se dos canteiros toda a agua para a *ceifa* fazer-se em sêcco.

Do exposto se vê, que todas estas operações, nas quaes o solo ora se alaga, ora se enxuga e expõe á acção directa do sol, isto nas estações do anno mais quentes, devem necessariamente favorecer muito as exhalações mephiticas. Depois da ceifa, lança-se novamente agua ao arrozal, o qual com a folhagem e o *restolho* continúa ainda nas condições d'um verdadeiro pantano, sempre mais nocivo nos outomnos quentes. Entre nós, nos arrozaes de irrigação periodica, os canteiros são alternadamente enchidos de agua que se conserva 'nelles estagnada, sem escôo, e algumas vezes se evapora toda antes de nova irrigação: portanto impropriamente se chama irrigação este systema de cultura, não menos nocivo que o de innundação permanente.

As emanações dos arrozaes são mais insalubres que as da maioria dos pantanos naturaes de agua doce; por quanto os arrozaes carecem da vegetação permanente que assombra estes, contêm maior quantidade de materia organica em decomposição, e por effeito dos processos de sua cultura expõe alternada e inconvenientemente o terreno á acção directa dos raios solares. Porisso a cultura do arroz, tão longe está de diminuir a insalubridade dos brejos, que antes a augmenta fazendo, de muitos charcos apenas interrompidos por pequenas elevações do solo, um pantano mais extenso e menos profundo. Ainda não foi determinada a distancia a que chegam as emanações dos arrozaes; varia ella nestes, assim como nos outros pantanos, por diversas circumstancias quer dos mesmos arrozaes quer da atmosphera; portanto não se sabe ao certo, a que distancia do arrozal póde uma povoação dizer-se segura da má influencia d'aquellas emanações.

Estas, especialmente as que se elevam durante a manhan, presentam cheiro septico mais ou menos activo e repugnante, algumas vezes em tamanha quantidade, que formam um como nevoeiro a pouca altura do arrozal. Não se tem descoberto ainda verdadeira differença entre as emanações dos arrozaes e as dos outros pantanos. Infelizmente a sciencia não possue por ora análises comparativas da atmosphera d'uns e d'outros; e a commissão do Instituto agricola 'nesta parte apenas indica o methodo de proceder a essas análises: porém, dos ensaios chimico-hydrologicos[9], que fez em relação a certo arrozal, concluiu ella, que alli não só se encontra grande quantidade de materia organica, senão, que esta é mais consideravel na agua dos alagamentos fóra das correntes diagonaes, que na agua que sáe pela bôcca de descarga na parte inferior dos arrozaes; conclusão que se acha em harmonia com as análises dos chimicos extrangeiros, que encontraram a materia organica na agua dos pantanos e na atmosphera das camadas mais proximas ao pantano, como veremos no capítulo seguinte.

Não só durante a vegetação da planta é nociva á saude a cultura do arroz; tambem o é ainda depois da ceifa, por effeito do mau estado em que deixa o solo. A este respeito, diz o nosso distincto hygienista A. N. R. Sanches, fallando dos pantanos[10]: « As aguas encharcadas, que ficam nos campos depois da cultura do arroz, são as mais perniciosas. Expostas aos ardores do estio nos mezes de agosto e setembro infectam o ar; o que os habitantes pagam com toda a sorte de febres que terminam ou pela morte, ou por doenças

[9] Relatorio da cultura do arroz em Portugal, pag. 347.

[10] Tractado da conservação da saude dos povos, pag. 66. Paris, 1756.

que duram toda a vida; e isto mesmo succede nos estados de Veneza, na Persia, e no reino de Sião na Asia, onde se cultiva o arroz em abundancia.»

EFFEITOS DAS EMANAÇÕES DOS ARROZAES.— Quem se expõe a ellas por algum tempo, principalmente de manhan, e sem estar ainda habituado á sua má influencia, só por excepção deixa de sentir quebrantamento geral de fôrças, atordoamento e pêso de cabeça, indisposição de estomago e nauseas, começando a perder a sua côr natural etc.: é o primeiro grau da intoxicação paludosa, que, se augmenta de intensidade, manifesta-se mais frequentemente por pyrexias intermittentes de todos os typos e remittentes, faceis de tomar o caracter pernicioso; por hydroemias, e outras molestias paludicas, quasi sempre acompanhadas ou seguidas, e até algumas vezes precedidas de hyperemias visceraes, e com mais frequencia das splenicas e hepaticas.

Os poucos individuos, que, habitando proximo aos arrozaes, deixam por sua robusta constituição e fôrça de hábito de ter pyrexias paludicas, não resistem comtudo inteiramente á má influencia de taes agentes; antes sua côr pallida e terrosa bem denuncía quão profundamente se acha 'nelles alterada a sanguinificação. Emfim uma causa insalubre e permanente, qual é a cultura do arroz, deve por seus effeitos actuar necessariamente d'um modo funesto sôbre a propagação da especie humana, causando a degeneração progressiva das gerações.

PRECEITOS HYGIENICOS. —Deve o govêrno propor quanto antes aos corpos legislativos um projecto de lei que prohiba absolutamente a cultura do arroz em Portugal: em objectos de tal ordem a contemporisação é funestissima para a saude, vida e propriedades dos povos. Não julgâmos, porém, sufficiente a prohibição directa. Para que tal cultura não volte, afrouxando a execução da lei, convem lançar mão de meios indirectos, dos quaes temos por mais efficazes os seguintes: auxiliar o melhoramento dos pantanos e exemptar de tributos por espaço de vinte annos as culturas ahi novamente estabelecidas; alliviar de quaesquer tributos municipaes o consumo de carnes frescas; promover por todos os meios a industria pecuaria; e finalmente diminuir os tributos do arroz importado.

Em quanto não forem decretadas as providencias convenientes, ao govêrno incumbe o restringir por todos os modos ao seu alcance esta cultura, e assignar-lhe o processo que a torne menos insalubre. Aos facultativos pertence tambem guardar o maximo rigor na execução dos preceitos hygienicos e regulamentos sanitarios. Como os arrozaes são verdadeiros pantanos artificiaes, no capítulo seguinte exporemos os preceitos para prevenir os effeitos de suas emanações.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

NOBILIARCHIA CONIMBRICENSE

Bosquejo historico da nobreza de Coimbra, e descripção de seus brazões

POR

A. M. Seabra d'Albuquerque.

Acaba de sahir dos prelos da Imprensa Litteraria o primeiro caderno da curiosa obra, cujo titulo referimos.

Para a officina, difficilmente podería mais honroso testimunho divulgar-lhe o crédito. Compete, na singular nitidez da impressão, e no bem delineado e executado das estampas, com os melhores trabalhos, pelo menos nacionaes.

Para o auctor, cujo gôsto, bem singular, pelas *velharias* heraldicas, já o público conhecia, a honra é superior, não só porque o seu ensaio revela improbo trabalho, principalmente sôbre os nossos mui esquecidos, antigos, historiadores, e sobremodo desinteressado, vista a natureza do assumpto; mas o bom senso de procurar, por este meio, avivar amortecidos brios portuguezes. Pena é que, tendo d'entrar pela porta da cidade, não podesse encontrar senão ruínas, e que, se lhe não faltar o ânimo para proseguir, nem por isso mais gratos resultados coroarão os seus esforços. Por ventura, mais que em outra qualquer terra, o tempo arrebatou d'aqui não só os ultimos restos das antigas familias, mas até as memorias de sua passagem. Eram filhos adoptivos os que posteriormente se acolheram á sombra do templo de Minerva. D'estes mesmos, já alguns se extinguiram, e outros foram levados a diversas regiões.

Do introductor que podêmos nós dizer? O seu bom gôsto litterario, a finura e segurança dos seus traços, o acêrto e a rectidão de seus juizos em tão delicada materia, nada tem que admirar dos leitores do *Instituto*, que por muitas vezes se tem felicitado d'encontrar, nas suas columnas, e de estudar com singular amor e curiosidade, os excellentissimos artigos do sr. Fonseca Pinto.

Oeuvres choisies de Mgr. Dupanloup, Evêque d'Orleans, de l'Academie française, 4 vol. in 8.° 1862. Tome 1.er Oeuvres oratoires. Tomes 2.e e 3.e Oeuvres pastorales. Tome 4.e Etudes ecclesiastiques.

Quando, a pag. 142, do *Instituto*, indicavamos as obras do celebre Bispo d'Orleans, cujo discurso sôbre a agricultura tamanhos elogios havia merecido ao Jornal dos economistas, não conheciamos ainda a recentissima publicação, que, antidatada de 1862, acaba de fazer-se em París. A sua importancia deprehende-se dos objectos supra-referidos. Correndo por cada um livro, revela-se o singular e incansavel zêlo apostolico e litterario do evangelico, e ao mesmo tempo letradissimo, prelado. De seus discursos, que temos lido, e alguns dos quaes, com os dois sôbre a agricultura, e os pobres catholicos da Irlanda, são de data recentissima, entrevê-se o cúmulo da variadissima sciencia do auctor; e colhem-se egualmente primorosos modelos d'eloquencia suavissima, e singelissima, que prende e arrastra de tal arte, que não é possivel deixar de levar ao cabo, em leitura não entrecortada, qualquer d'elles.

Nada em especial mais curioso, instructivo e arrebatador que a oração, verdadeiramente inspirada, ácêrca da Irlanda. As insuspeitas auctoridades de que lançou mão, e os documentos que reuniu em as notas, tornam este trabalho importante, ainda mesmo pelo lado puramente historico, e com relação á miseria d'este povo desditoso, que a aristocracia ingleza, mórmente clerical anglicana, esmaga com mão de ferro.

A. FORJAZ.

É tempo perdido animar pera a batalha quem fica fóra d'ella; e aconselhar virtude quem não é primeiro em seguil-a.

FR. LUIZ DE SOUSA, V. do Arceb. 1, c. 5.

O pae, que de verdade ama o filho, quando mais asperamente usa com elle da vara; quantos golpes lhe dá em odio da culpa porque lh'os dá; tantos recebe nas meninas dos seus olhos, pollo amor que lhe tem.

O MESMO C. 12.

Aquella parte da vida é mais perigosa, que a muita seguridade faz desapercebida. Nenhuma cousa é tão conjuncta á outra, como a morte á vida, porque a vida sempre foge, e a morte sempre a segue. Para onde quer que fujamos, a achâmos não só presente, mas sôbre nossas cabeças. Não ha para que guiemos a vida por muitos rodeos, pois a sua unica e segura via é por a virtude; nem para que nos segure alguma edade, ou disposição valente, pois nunca de nós se absenta.

FR. AMADOR ARRAES.

«O homem é ao mesmo tempo *um e diverso;* o que ha de mais *um*, e tambem o que ha de mais *diverso:* da mesma sorte que é, por dupla condição, a qual egualmente não é contradictoria, o mais pessoal e o mais sociavel dos entes; o que é mais individuo, e o que, para ser individuo completo, mais carece do concurso dos seus similhantes.

« Nada ha por isso mais vulgar que ouvir dizer que o homem é sempre o mesmo em todos os logares e tempos; e conjunctamente que o homem se assimelha a si tão pouco, quanto possivel, destruindo o que fez, queimando o que adorou, nunca satisfeito, inquieto sempre, perpetuamente revolucionario, considerado no tempo, e offerecendo as mais completas opposições d'usos e costumes, ideias, linguagem, e primeiro de côr, de rosto, e de craneo, considerado no espaço.»

MR. BAUDRILLART.

NOTICIARIO

A Direcção do Instituto recebeu com grande satisfação uma communicação official da Universidade de S. Paulo, no imperio do Brasil, agradecendo-lhe a offerta do jornal, e remettendo-lhe as *Memorias*, que a mesma Universidade faz publicar annualmente, e consignam o seu movimento litterario.

Na Universidade de Coimbra o mez de novembro, como em todo o Portugal, passou-se, a principio, em continuos sobresaltos, e depois no mais sentido lucto. Á interrupção das aulas por tres dias, pela morte do Infante D. Fernando, seguiu-se outra de oito pela infaustissima do Rei, de saudosissima memoria; a quem a Universidade toda, e especialmente a juventude escholar, prestava a mais respeitosa e viva affeição. Ás demonstrações piedosas do Instituto, da Philantropico-Academica, de muitos dos cursos, e estudantes de diversas naturalidades, que fizeram celebrar o sacrificio da missa pela alma do Augusto finado, vão seguir-se em breve pomposas exequias, pelo corpo do magisterio umas, e pelos alumnos da Universidade outras.

O Claustro pleno accordou enviar a SS. MM. uma deputação, composta de dois de seus membros activos, os Drs. Vicente Ferrer Netto de Paiva, e José Maria d'Abreu, com os pezames da Universidade; e que, na fórma dos Estatutos velhos, se recitasse na vespera do dia das exequias, na capella, uma oração latina, expressiva de seu profundo sentimento; a qual coube, por turno, ao lente mais

antigo de Direito, o Dr. Frederico d'Azevedo Faro Noronha.

Não havendo verba approvada no Orçamento para as exequias, os professores prestaram-se ás necessarias despesas, commettendo a uma commissão de cinco, um de cada faculdade, a direcção d'esta solemnidade, conforme se havia feito por morte da Senhora D. Maria II.

Na mesma sessão se resolveu differir a distribuição dos premios para o dia, em que houvesse de celebrar-se o TE-DEUM pela exaltação d'El-Rei o Senhor D. Luiz I, sendo precedido d'outra oração, na sala grande, tambem em latim; e, por não se sobrecarregar aquelle professor, a quem se entendeu cumpria tambem fazel-a, com mais este onus, foi commettida ao immediato, o Dr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Pela chegada do Dr. Jacintho Antonio de Sousa, que tinha sido encarregado de escolher e comprar em Londres os instrumentos necessarios para o observatorio meteorologico, vae dar-se começo á edificação d'este nas vistosas e desafogadas alturas da Cumiada, juncto á estrada de Sancto Antonio dos Olivaes.

Na sessão da sociedade d'economia politica de Paris de 5 d'este mez deu conta Mr. Garnier d'uma serie de novas publicações dignas de toda a attenção; a saber — *Lettres sur la Russie*, por M. G. de Molinari, 1 in 18, Bruxelles, (noticia da sua viagem em 1860). *Questions d'économie politique et de droit public*, do mesmo, 2 in 8.°, 1861. *Manuel d'économie politique*, por M. H. Brasseur, professor na Universidade de Gand, Tom. 1, 1860. *Traité élémentaire d'économie politique*, por M. Ch. L. de Beaulieu, professor em Mons, in 18, 1861. *De la richesse dans les sociétés chretiennes*, por M. Ch. Périn, professor na Universidade catholica de Louvaina, 2 in 8.° O relator, e outros dos socios, expressaram os mais favoraveis juizos a respeito d'estas obras, que mostram quanto de vida anima o pequeno mas prosperissimo reino da Belgica.

Concorre com esta noticia, no mesmo número, uma serie de novas publicações notaveis, e cujos auctores as acreditam por seus nomes, dadas á luz pela casa Guillaumin, como — *Principes de la science sociale* por M. H. C. Carey (*americano*) trad. de l'anglais, 2 in 8.° — *Lectures d'économie politique rationelle*, por M. Wolkoff, 1 in 18. *Theorie critique de l'impôt*, por L. Walras, 1 in 8.° *Prècis de la science économique et ses principales applications*, por M. A. Cherbuliez, professor em Zurich, 2 in 8.° *Études sur les impôts* por M. de Parieu, 3 in 8.° *Leçons d'économie politique faites à Montpellier*, por M. F. Passy 2 in 8.° etc.

Mais um illustre nome riscado da lista dos vivos! Não fôra bastante perderem as lettras 'neste anno de 1861 Savigny, V. de Raulica, S.t Hilaire, e outros. Desceu tambem á sepultura no dia 22 o insigne e eloquente Padre Lacordaire, cuja biographia o *Instituto* referiu a pag. 111 d'este volume.

«Esta morte, disse o Amigo da religião, transcripto na R. da Instrucção pública de París, — priva a Egreja d'um grande servo; a ordem de S. Domingos do seu poderoso restaurador; o mundo litterario d'uma de suas glorias; e a França d'um bom cidadão.

— A sua carreira foi cheia de obras e profundas inspirações... como pensador, como orador, e como apostolo.»

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

Sahiu á luz o Tomo 2.° das Obras de Luiz de Camões, pelo Visconde de Jerumenha, 1 in 8.° de 572 pag., contendo em princípio curiosos *fac simile* do poeta e de D. Catharina d'Athaide; uma curiosa introducção ácêrca do contheudo 'neste volume, e dos augmentos de novos ineditos, que 'nelle se encerram; e os sonetos, canções, sextinas, odes, e oitavas; tudo trabalhosamente annotado, como no 1.° tomo.

ENIGMAS CURIOSOS

Por debaixo d'uma caveira lia-se a seguinte inscripção latina, enigmatica:

ó quid tua te
be bis? bia abit.

---

ra ra ra
es,
et in
ram ram ram
ii;
Mox eris quod ego nunc.

Outro

Lêde o seguinte de modo que faça um sentido:

Vita . crucem . ut vivas . hominum .
Si scire praeoptas.
Quis? quid? cur? cujus? passus amore fuit.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA
DO
REINADO DO SENHOR D. PEDRO V.

Continuado de pag. 171.

Do Jornal dos Debates.

«Não ha pessoa que deixasse de sentir dolorosa sympathia á vista das infelicidades que, após tantas, ultimamente pesaram sôbre a casa real portugueza. As paixões e os interesses podem ser causa para nos dividirmos, á perda da fazenda de estranhos, dos revezes politicos que outrem soffra, podêmos ser indifferentes, e até sentirmos satisfação, quando 'nelles virmos um triumpho para a nossa individualidade, ou imaginarmos que a nossa prudencia nos salvou dos escolhos onde outros naufragaram. Porém, quando se tracta de um infortunio dos que incessantemente pairam sôbre nossos lares, e que nenhum podêr, nenhuma ternura humana podem remover, então penetra-nos a sincera compaixão das victimas, tanto mais viva, quanto nos recorda o que talvez tivessemos soffrido hontem; tanto mais horrorosa, quanto nos aterra com a ideia do que poderemos soffrer ámanhan. Entre todos os que têm pago em seus filhos tributo ao destino, quem deixará de dar os pezames ao Rei Fernando, ao pae que, depois de ter pago tanto á sorte adversa, vê serem-lhe arrebatados dois filhos em cinco dias?

«É sem duvida diminuto ainda o número das pessoas que têm apreciado, como merece sel-o, as raras e esmeradas qualidades que este Principe tem manifestado 'numa posição brilhante na apparencia, mas as mais das vezes ingrata, e sempre difficil: ainda hoje o mundo não lhe leva talvez em conta a coragem tão singela e tão franca, o bom juizo tão modesto e tão seguro, que nunca o desampararam nas vicissitudes da sua carreira; mas quem não toma sentida parte nas suas dores paternaes?

«Na Europa o sentimento foi geral; em Portugal, que sente a sua perda de mais perto, fez explosão com uma vehemencia que chega a admirar 'naquellas compleições meridionaes. Não é sómente um luto, é uma verdadeira catastrophe pública; e como de ordinario acontece, quando as multidões se vêem feridas de golpes inesperados, acreditam achar-se sob a influencia de algum grande flagello, quizeram alli procurar a causa da morte do joven Rei e de seu irmão no enredo de tramas impossiveis.

«Seriam os obreiros hespanhoes empregados em grande número na construcção dos caminhos de ferro, que por suas machinações, por seus maleficios talvez, empeçonharam o ar que os Principes respiravam? Boatos absurdos, chimeras de imaginações salteadas pela dor; mas que provam quanto era íntimo o effeito que produzia nos corações nacionaes a perda que acabavam de padecer. E ha razão para admirar d'isto, não porque o Rei D. Pedro não fosse de certo mui digno de todos os testimunhos de affecto á sua memoria; mas pensando-se na edade em que a morte o tomou de subito, na pouca duração do seu reinado, em que este não foi assignalado por acontecimentos dos que costumam captivar as imaginações populares, e finalmente por se conhecer a pouca inclinação que elle tinha para ostentações, antes ao contrário a propensão para a vida retirada, que os lutos que quasi constantemente trajou, tanto desculpava, se reconhece facilmente que foi da coragem que elle soube demonstrar pelos fataes successos da febre amarella que devastou Lisboa, que nasceram principalmente as causas que formaram entre o povo e o Rei todo esse thesouro de sympathias reciprocas, que acabam de expandir-se com tanta fôrça e sensibilidade.

«Sua Magestade Fidelissima o Rei de Portugal e dos Algarves, D. Pedro V do nome, era, como todos sabem, filho da Rainha a Senhora D. Maria II e do Duque de Saxe-Coburgo, Fernando, o primogenito de oito filhos reduzidos hoje a cinco; e como todos os primogenitos da casa de Bragança devia tambem morrer antes de chegar aos limites ordinarios da vida humana; poucos d'estes reinaram, e os que subiram ao throno apenas o occuparam passageiramente. Nascido a 16 de setembro de 1837, o Rei D. Pedro tinha dezeseis annos, quando foi chamado á successão pela morte da Rainha sua mãe, em novembro de 1853; completára vinte e quatro annos, quando foi arrebatado em 11 de novembro último á affeição da sua familia e dos seus subditos, e ao respeito de todos os que tiveram a honra de conhecel-o. Casado em 1858 com a Princeza Estephania de Hohenzollern, enviuvou no anno seguinte. Não houve filhos d'este matrimonio, e por consequencia o Rei D. Pedro teve por successor legítimo o Duque do Porto, seu irmão, mais novo do que elle um anno, e que acaba de ser proclamado com o nome de D. Luiz I.

«A educação dos dois irmãos foi encaminhada simultaneamente, e sob a direcção vigilante de seus paes, pelo respeitavel visconde da Carreira, que tinha desempenhado durante dezoito annos as funcções de ministro de Portugal em París, deixando na sociedade parisiense recordações que o tempo ainda não apagou. Logo em princípio o Principe D. Pedro mostrou um gôsto ao estudo e ao trabalho,

que conservou em toda a sua vida; e isto não era 'nelle o resultado da educação e do ensino, era uma propensão natural; póde dizer-se que foi um dos Principes mais instruidos do seu tempo, e 'num tempo em que a instrucção dos Principes é geralmente cultivada com esmero. O seu caracter, meditativo e grave mais do que frio ou reservado, a perspectiva da corôa ao longe e das obrigações que esta impõe contribuiam por outra parte para nutrir aquellas disposições. O tempo levou-o á escolha dos objectos de seus estudos, e o seu espirito moveu-o de preferencia para a historia, a politica, e as sciencias sociaes. Em materias de economia politica possuia saber mui real, e era, como se diz, fautor da livre permutação (*libre-echangiste*) tão illustrado quanto fervoroso. Esta ordem, ou antes preferencia de estudos, não obstava a ser mui dado ás letras, em contrário do que alguem poderia pensar. Tinha fundado nos seus paços das Necessidades e de Mafra escholas primárias, cujo ensino dirigia, assistindo aos exames dos alumnos que duravam ás vezes cinco e seis horas, aprazendo-lhe distribuir elle proprio os premios, e fazendo os discursos de uso em taes occasiões.

«Era, como um grande proprietario, nas localidades onde tinha suas residencias, e procedia assim, dando exemplos, que desejaria ver seguidos pelos nobres do seu reino. Como rei tirára dos recursos, voluntariamente reduzidos, da sua dotação real, os fundos necessarios para crear na academia de Lisboa cadeiras de historia e de litteratura nacional e estrangeira, e desejoso de as popularisar, assistia frequentes vezes ás lições dos professores. Tinha fé inteira e absoluta no bem que deve fazer aos homens e á sociedade a propagação da instrucção. Como consequencia natural prezava os livros; era um bibliophilo com as qualidades e as innocentes fraquezas d'esta profissão: não podia pessoalmente dar caça ás raridades que é um dos attractivos d'esta fagueira paixão; mas tinha alguns amigos discretos que trabalhavam por conta d'elle, e era muita a sua alegria quando lhe annunciavam mysteriosamente o descobrimento d'esses livros, que as guerras e os abalos politicos dispersaram em grande número das escolhidas livrarias que os guardavam. A este respeito é Portugal um paiz que aos curiosos de livros cumpre explorar. Ignoro a importancia numerica da collecção formada pelo joven rei; mas vi, tive na minha mão, e folheei alguns dos volumes destinados a engrossar este thesouro real; e posso assegurar que se algum dia se emprehender em Lisboa alguma publicação analoga á nossa—«collecção dos documentos ineditos relativos á historia nacional», achar-se-ha muito que colhêr nas obras extraviadas que foram recolhidas pelos pios desvelos do Rei D. Pedro.

«Os que o viram só na viagem que fez em 1855, depois da declaração da sua maioridade, com quanto já d'elle formassem lisongeiro juizo, comtudo não lhes seria facil conceber ideia do desinvolvimento intellectual que havia adquirido quando o arrebatou a morte. No passado anno offereceu-se-me occasião de o ver muitas vezes em Lisboa, e quanto o achei differente do que o tinha visto em Paris! Não era já o adolescente que se ensaiava timidamente para ser Rei; era um bello mancebo de estatura elegante, de modos francos e affaveis, de physionomia expressiva, animada quando tractava das cousas que estimava, porém quasi sempre assignalada por um caracter de melancholia profunda. Através de toda a sua tristeza, comtudo, nunca notei cousa que se parecesse com amargura; pareceu-me ao contrário que, não obstante a magua que lhe inspirava a perda ainda recente de uma esposa adorada, a recordação da ventura de que gozára nos poucos mezes do seu matrimonio, irradiava sempre de sua alma religiosa e resignada para o rosto.

« Era grato a esses poucos dias felizes que lhe tinham sido concedidos; sabia que a vida é um tecido de afflicções, mas conhecia que a sua partilha era grande no apanagio commum das dores humanas, e desconfiava de algum modo do seu destino. A primeira audiencia que se dignou conceder-me, teve de ser deferida para outro dia, em consequencia da morte de um ajudante de campo, a quem tinha particular affecto, o general José Jorge Loureiro, arrebatado por um ataque de apoplexia fulminante. Foi naturalmente a primeira cousa de que depois me fallou:— «Parece, dizia o real finado, que a tudo quanto eu amo vem a infelicidade; minha mãe, minha esposa, a princeza D. Amelia, minha thia D. Anna, a duqueza de Nemours, todas deixaram este mundo prematuramente.» Em seguida enumerou os pares do reino, os ministros, os conselheiros d'estado, os generaes que o cercavam na sua exaltação ao throno, e cujos cargos já se achavam vagos. Estas dolorosas recordações nunca o abandonavam; na sua hora extrema, quando não se illudia com a gravidade do seu estado, e procurava consolar os que o rodeavam, repetia ainda essa lista funeraria, mas accrescentava como compensação, que a sua morte ía em breve libertar Portugal da funesta influencia, que incessantemente havia pesado, sem tregua, nem piedade, sôbre o seu reinado. E todavia não era o grande Rei uma alma desalentada. Não esquecem os admiraveis exemplos de firmeza e dedicação, que, contando apenas vinte annos, soube dar a quantos então foi mister consolar, tranquillisando o povo, que, espavorido, fugia ao flagello da febre amarella; procedimento que nos corações singelos e agradecidos gravaram para sempre a memoria do caridoso Principe.

«E o que mais provava que, apesar de

quanto tinha padecido, não era um ânimo desalentado, foi a sua constante applicação aos negocios publicos, e as nobres paixões que agitavam o seu coração. Era liberal e patriota fervoroso. Lord Macaulay, tendo passado uma tarde a conversar com o principe, disse a um dos nossos amigos que não imaginava que um mancebo podesse ser tão instruido, nem um rei ser tão liberal. Não me cumpre confirmar pelas minhas apreciações individuaes o juizo dado pelo illustre historiador; mas se eu podesse referir quanto o Rei D. Pedro se dignou dizer-me em conversações particulares, sempre amigaveis, e sempre interessantes; a quanta gente não inspiraria os sentimentos de respeito e de affecto que não podem deixar de tributar á sua cara e saudosa memoria todos os que o conheceram? Passeando 'numa das galerias do paço, disse-me que os successos, immediatos á revolução de fevereiro, vingaram bem dos povos e dos reis a quebra que então soffreram os principios constitucionaes, por quanto o credito das ideias liberaes grandemente soffrêra na apreciação das nações e dos soberanos.

«Tão altas eram as suas virtudes que El-Rei seu pae dizia: O meu Pedro nem sabe o que vale, nem eu tambem; mas parece-me que todo o homem de bem, que d'elle se approxime e o conheça, não póde deixar do tomar vivo interesse pelas suas qualidades.» Ainda que não fôsse rei, fariam sensivel impressão a pureza exemplar da sua vida, a sua applicação ao trabalho, a sua confiança tão constante em tudo quanto era bom, e a fôrça e sinceridade que punha nas suas ideias, que eram preexistentes, a despeito de revezes e de frustradas esperanças. Era como uma arvore nova e exotica, que, transplantada de outro hemispherio, tivesse de passar, antes de chegar ao nosso, por muitos azares e muitas tormentas; e agora que começava a brotar, a dar as primeiras flores, e que se aguardavam excellentes fructos, não aprouve á Providencia que se colhessem todos, conforme nossas esperanças, sendo todavia bastantes os resultados que honram sua memoria. Em todo o seu reinado Portugal gozou, sem a mais leve interrupção, de uma tranquillidade que ha muito não conhecia; a prosperidade geral desinvolveu-se extraordinariamente tanto na instrucção pública, como na agricultura, na industria, no commercio, e na marinha, esse antigo instrumento da gloria nacional portugueza. Celebrou-se a concordata com a santa sé, conciliando-se antigas desintelligencias; melhorou-se consideravelmente o estado da fazenda pública; deu-se notavel impulso á construcção das vias-ferreas; reformaram-se em sentido liberal as pautas das alfandegas: a lei eleitoral e as que regulam os impostos, foram egualmente estabelecidas sôbre bases mais amplas e accomodadas aos principios constitucionaes. São estes sobejos titulos para tão breve reinado ter merecido a gratidão do seu povo, e a consideração da Europa. Se ha voto que devam formar os que têm sincero interesse na prosperidade do novo reinado, é que o Rei D. Luiz continue, nas tradições e na práctica, as virtudes do soberano, ao qual não só era ligado pelo sangue, mas de quem era tambem, (e diga-se por honra sua), o confidente mais íntimo e o mais dedicado amigo.»

XAVIER RAYMOND.

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA
DO
REINADO D'ELREI O SENHOR D. LUIZ

Nasceu a 31 d'outubro de 1838.

Educado junctamente com seu augusto irmão, e concluidos os estudos primarios na edade de nove annos, começou a seguir os secundarios até aos dezenove, em 1857, com grande proficiencia. Aprendeu ao mesmo tempo a musica, a dansa, o desenho, a gymnastica, a equitação, e bem assim, theorica e practicamente, as linguas franceza, ingleza e alleman, que falla correcta e expeditamente.

Entrado na arma da marinha, seguiu todos os postos desde guarda até ao de capitão de mar e guerra; e foi dirigido nos estudos theoricos pelo Dr. Philippe Folque, Seu mestre de mathematicas; e nos practicos pelo capitão mór do porto de Lisboa, e pelo capitão de Fragata Antonio Sergio de Sousa.

Sua Magestade, depois de ter visitado, com seu saudosissimo irmão, as principaes côrtes da Europa, sahiu novamente de Lisboa, commandando o brigue *Pedro Nunes*, a 18 de março de 1858 para Gibraltar, d'onde regressou em 16 d'abril. No mesmo anno sahiu outra vez a 8 d'outubro na corveta *Bartholomeu Dias*, visitou a Madeira e os Açôres, e regressou a 17 de novembro.

No mesmo vaso tornou a fazer viagem a 12 d'abril de 1859, e voltou d'Inglaterra em 6 de maio. A 14 do mesmo mez sahiu novamente com direcção á Inglaterra e Belgica, e de volta entrou em Lisboa a 14 de julho.

A 14 de setembro do mesmo anno de 1859 sahiu a Tanger, e regressou a 22 do mesmo mez.

No 1.° d'agosto de 1860 partiu outra vez; e depois de visitar Cabo-Verde e Angola, entrou no porto de Lisboa a 15 d'outubro.

A 16 d'abril d'este anno de 1861, na mesma *Bartholomeu Dias*, voltou á Madeira, Cadiz, e Gibraltar; e regressou em 15 de maio:

A 4 d'agosto a Inglaterra, e d'ahi para Lisboa a 26:

A 3 de setembro para o Porto, e d'ahi em 5 do mesmo.

Ultimamente, tendo partido de Lisboa a 18

de setembro, e visitado novamente a Inglaterra, a Belgica, a Prussia e a França, entregou o commando da corveta a 9 de novembro; e regressou no paquete inglez *Oneida*, que deu entrada com Sua Magestade no dia 14 de novembro.

ACTA DO CONSELHO D'ESTADO

Aos 11 dias do mez de novembro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1861, o conselho d'estado reunido no paço das Necessidades, sendo-lhe communicada a infausta e sentidissima noticia do fallecimento d'El-Rei o Senhor D. Pedro V, foi admittido á real camara, e beijou a augusta mão de Sua Magestade El-Rei defuncto.

O conselho, attendendo a que, na crise em que se acha o paiz por tão fatal acontecimento, era de absoluta necessidade e conveniencia pública o providenciar de maneira que não haja a menor interrupção da acção governativa, e a que, não havendo expressa disposição na carta constitucional para o infausto caso que se apresenta, todas as razões d'estado aconselhavam que fôsse convidado El-Rei o Senhor D. Fernando para assumir a regencia do reino até á proxima chegada de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I; o conselho levou o exposto á presença d'aquelle augusto senhor, e Sua Magestade logo ahi declarou que passava a exercer a regencia do reino, visto que assim o reclamava a causa pública, prestando o competente juramento por sua proclamação da data de hoje. E mais declarou Sua Magestade El-Rei que havia por bem confirmar o ministerio que se acha em exercicio, e que fôra nomeado por El-Rei seu augusto filho, de gloriosa memoria. E, beijando os conselheiros d'estado a mão a Sua Magestade El-Rei Regente, se deram todos estes solemnes actos por concluidos pelas onze horas da noite do mesmo dia 11; do que se lavrou esta acta, que é assignada por Sua Magestade El-Rei Regente e por todos os conselheiros d'estado presentes.— REI, Regente. — *José Bernardo da Silva Cabral* — *Antonio José d'Avila* — *Visconde de Castro* — *Visconde de Algés* — *João de Sousa Pinto de Magalhães* — *Visconde da Carreira* — *Marquez de Loulé* — *Joaquim Antonio de Aguiar* — *Visconde de Sá da Bandeira.*

PROCLAMAÇÃO

Portuguezes! Foi Deus servido chamar á sua sancta gloria, hoje pelas sete horas e um quarto da noite, El-Rei o Senhor D. Pedro V, meu muito amado e prezado filho. A dor que opprime o meu coração de pae é sem dúvida comprehendida por este povo que perdeu no Rei, que tanto amava, o modelo de todas as virtudes.

Na urgencia das circumstancias, e conforme o voto do conselho d'estado, entro no exercicio da regencia d'estes reinos durante a curta ausencia do legitimo successor da corôa. Na conformidade da carta constitucional — Juro manter a religião catholica apostolica romana, a integridade do reino, observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza e mais leis do reino, e prover ao bem geral da nação, quanto em mim couber.—Juro egualmente guardar fidelidade a El-Rei o Senhor D. Luiz I, meu sôbre todos muito amado e prezado filho, e entregar-lhe o govêrno logo que chegue a estes reinos.

Tenho resolvido que os actuaes ministros e secretarios d'estado continuem no exercicio de suas respectivas funcções.

Paço das Necessidades, em 11 de novembro de 1861.— REI, Regente.— *Marquez de Loulé* — *Alberto Antonio de Moraes Carvalho* — *Antonio José d'Avila* — *Visconde de Sá da Bandeira* — *Carlos Bento da Silva* — *Thiago Augusto Velloso de Horta.*

PROCLAMAÇÃO

Portuguezes! Pelos decretos imperscrutaveis da Providencia Divina, e na conformidade das instituições politicas do reino, fui chamado a presidir aos destinos da nação.

A dolorosa surpreza que soffro pela perda immensa, que todos acabâmos de experimentar, consterna o meu coração. O paiz chora a morte do mais justo e illustrado dos soberanos, e eu derramo lagrimas sôbre a sepultura do mais caro dos irmãos.

No desempenho da difficil missão, que me é confiada, procurarei seguir os nobres exemplos, que me legou o virtuoso monarcha tão prematuramente roubado á affeição do seu povo. Observar fielmente as instituições politicas do meu paiz é tão conforme á prescripção dos meus deveres, como ao dictame dos meus sentimentos. Em cumprimento da Carta Constitucional da monarchia — Juro manter a Religião catholica apostolica romana, a integridade do reino, observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza e mais leis do reino, e prover ao bem geral da nação, quanto em mim couber.

Este juramento será por mim ratificado em breve na proxima reunião das côrtes geraes da nação portugueza.

Tenho resolvido que os actuaes ministros e secretarios d'estado continuem no exercicio das suas respectivas funcções.

Paço de Belem, 14 de novembro de 1861. — REI.— *Marquez de Loulé* — *Alberto Antonio de Moraes Carvalho* — *Antonio José d'Avila* — *Visconde de Sá da Bandeira* — *Carlos Bento da Silva* — *Thiago Augusto Velloso de Horta.*

CARTA D'EL-REI AO PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS

Meu caro Marquez — Ha dores que se sentem, mas não se podem expressar. A minha é uma d'essas. Ainda não enxutas as lagrimas pela morte de um irmão querido, já outra campa se abria para receber outro irmão, que todo se dedicava á felicidade do seu povo. Não posso comtudo, apesar de opprimido pela dor mais cruel, esquecer e deixar de agradecer não só aos habitantes das cidades de Lisboa e Porto, como tambem aos de todo o reino, as provas de amor e sympathia, que deram por occasião da morte de meu sôbre todos querido irmão, El-Rei o Senhor D. Pedro V.

Quando a dor e o luto são espontaneos, são o mais valioso epitaphio a que um Rei póde aspirar. Grande é a minha dor, mas peço ao Marquez que faça saber aos portuguezes que egual é o meu reconhecimento.— D. LUIZ, Rei de Portugal.

Lisboa, 1 de Dezembro de 1861.

INSTRUCÇÃO PÚBLICA

Sociedade d'economia politica de Paris, sessão de 6 de Maio.

A palestra ácêrca da liberdade d'ensinar, de que se occupára a sociedade d'economia politica de París na sessão de 5 de fevereiro, e de que démos conta a pag. 4 d'este volume do *Instituto*, continuou na de 6 de maio, tomando parte 'nella Mrs. Dunoyer, Wolowski, Henrique Baudrillart, José Garnier, Renouard, e Marcello Roulleaux.

São tão conhecidos a mór parte d'estes nomes na républica das letras, e especialmente das sciencias economicas, que bastam elles para despertar a curiosidade sôbre o que se passou 'naquella reunião.

Todos adeptos da mesma eschola, propugnadores da liberdade industrial, nem por isso todavia se ajustaram na questão que discutiam; talvez porque, na verdade, com quanto irmans, as industrias que modificam o homem, e as que modificam a materia, sensiveis differenças as distinguem, tantas, por assim dizer, quantas as que separam os dois, tão distinctos objectos, 'numas e outras, sôbre que se exerce ahi a humana actividade.

Mr. Dunoyer, deixando a presidencia a Mr. Passy, entrou na questão com a largueza de pensamentos, propria do auctor da *Liberdade do trabalho*. Para elle o debate era todo subordinado á ideia fundamental, de qual deva de ser a intervenção do Estado na industria; se tão sómente reprimindo abusos, o que ninguem contesta; se, com esse pretexto, e o de prevenir o excesso, regulando e dirigindo todo o legitimo uso.

Mr. Dunoyer pugnou pelo maximo grau de liberdade, a que se oppõe qualquer prevenção; e nem mesmo admittiu que o Estado tome, na instrucção, a iniciativa aonde falte; ou vá adiante d'ella, aonde, da parte dos cidadãos, caminhe com vagar.

Tomar o govêrno a iniciativa importa, na sua opinião, annullar a da sociedade; a qual, como no individuo, descae e quasi perece, quando outrem toma sôbre si o pensar por nós, e o melhorar, e zelar, em nosso logar, o exercicio de que se tracta; mórmente em paizes já cultos e enriquecidos, nos quaes limitar-se o govêrno á sua missão essencial, administrando a justiça, e mantendo a ordem e segurança, é — « o verdadeiro meio d'obter dos povos que dêem á sua cultura intellectual a melhor direcção, a mais activa, mais sizuda, e a todos os respeitos melhor appropriada;— abandonal-os, quanto possivel, ao seu genio natural, e actividade espontanea; e — obrigal-os de certo modo a tirarem tudo de si mesmos.»

No entender do eximio economista a França soffre muito pela preponderancia da opinião contrária nas leis que regem o ensino: o Estado —«absorve, na sua, a actividade das povoações; obriga-a a subordinar-se á d'elle;— annulla inteiramente, em partes, a liberdade do ensino; e distribuindo-o 'num plano uniforme e systematico, acha-se este, em muitos casos, mui pouco em relação com as necessidades das povoações que o recebem.»

Concluira Mr. Dunoyer, admirando-se de que, 'naquella sociedade, estes seus principios ainda hoje encontrassem contradictores; e todavia o seguinte orador, um dos mais energicos e eloquentes propugnadores da liberdade industrial, Mr. Wolowski, não hesitou em combatel-os por demasiadamente absolutos.

O Estado, tutor natural dos menores e invalidos, não póde deixar de ser o primeiro a curar de que recebam aquelles primários e fundamentaes conhecimentos, que entende serem a primeira necessidade da sociedade. «Não senão aprendendo a ler, escrever e contar, que o homem entra verdadeiramente em communicação com os seus similhantes; deixa d'estar encerrado no estreito círculo das relações individuaes; completa-se, e adquire d'est'arte o instrumento mais poderoso do desinvolvimento de suas fôrças moraes e materiaes.»

No ensino superior, a parte mais eminente, os estudos que não têm uma applicação immediata ás humanas necessidades, mas que alimentam o progresso, carecem, no entender de Mr. Wolowski, da intervenção e manutenção pelo Estado, sem a qual não seriam cultivados.

O exemplo d'Inglaterra, aonde o progresso das ideias e dos factos, no sentido d'uma maior

ingerencia do Estado na materia do ensino, mórmente primário, é cada dia mais sensivel, apesar do genio e instituições do povo inglez, essencialmente prezador da liberdade da acção individual, completava para o insigne orador a demonstração da verdade de sua opinião, adversa á de Mr. Dunoyer.

Seguiu-se Mr. Baudrillart.

«*Quanto maiores são ás necessidades materiaes, mais se fazem sentir. Quanto maiores são as intellectuaes, pelo contrário, menos se fazem sentidas.*« O digno substituto de Mr. Chevalier, na cadeira de J. B. Say e de Rossi, oppoz ás theorias de Mr. Dunoyer estes dois aforismos. Nega que umas e outras, indistinctamente, como elle parece acreditar, obriguem os homens, pela sensação do mal que lhes causam, a excogitarem os meios de as satisfazer.

«A fome corre á sua prêa; a sede não se cansa até que tope com o nascente d'agua. A fome e a sede do espirito bradam menos alto, e as suas vozes não se fazem ouvir de princípio, imperiosamente, senão a um pequeno número d'escolhidos.

Deixar fazer não será por tanto sufficiente; será mister *ajudar a fazer*. O concurso de todas as fôrças sociaes não é demasiado para uma obra tal; e o papel, que ha de representar o Estado, mostra-se aqui tanto mais inevitavel e maior, quanto menos prompta e menos apta é a associação livre para satisfazer a necessidade da instrucção.»

Discorrendo pelos tres graus da instrucção, Mr. Baudrillart conserva-se na elevada altura de pensamentos, que tomára de princípio.

Na instrucção superior repete, com Mr. Wolowski, que o Estado poderá criar e manter os mais eminentes estudos theoricos, como as mathematicas superiores, que — « 'numa cidade, qual Paris, não são accessiveis talvez a dez ou vinte alumnos.» E o mesmo ácêrca do estudo das linguas orientaes e outras — « que põe em relação o espirito moderno, a sciencia contemporanea, ora com as gerações que deixaram d'existir, ora com as povoações mais remotas das nossas, pelas ideias, costumes, e lingua.»

Na instrucção secundária, especialmente na industrial das classes médias e operárias, reconhece haver muito mais que esperar da iniciativa individual, por sua ligação com aquellas necessidades, que, quanto maiores, mais vivamente sentidas.

Mas — « os capitaes (disse elle) são timidos; por que o não sejam, hão mister do engôdo de grandes interesses. Quando com a mediania do provento se juncta a incerteza do resultado, não convém contar com elles, senão com reserva.»

A inercia dos homens do campo com relação á instrucção primária; as prevenções e indolencia d'algumas camaras municipaes; e a necessidade de chegar o manancial aos beiços menos sequiosos d'elle, pela alta importancia, social e política, da instrucção primária, pareceram ao mesmo orador justificar plenamente a iniciativa do Estado 'nesta parte.

«A instrucção é o melhor preservativo contra tentações culposas; porque é, ao mesmo tempo, nobilitamento d'alma e ganha-pão.»

Mr. Dunoyer, viva e inesperadamente combatido 'num terreno, em que era tão natural seguirem o mesmo rumo os dois dintinctos e liberaes economistas, Mrs. Baudrillart e Wolowski, não podia deixar de lhes redarguir, penetrando e descobrindo, o mais fraco de suas argumentações.

O primeiro pareceu ao orador haver desconhecido a influencia da satisfação das necessidades materiaes, ou antes dos esforços pelas vencer e dominar, sôbre o sentimento de todas as outras, intellectuaes e moraes.

Separou entidades, que não soffrem distincção, senão no campo da pura theoria.

«Não é conforme (disse elle) nem á verdade historica, nem á philosophia, que as artes, que provêm á satisfação das necessidades materiaes, honradamente practicadas, sejam indifferentes aos progressos da intelligencia e dos costumes.

. . . . . .

Não podem passar sem a intelligencia. Tem feito mais, desde o comêço d'este seculo, pelo progresso das ideias, costumes, e boas relações sociaes, do que as philosophias mais remontadas; a ellas são devidas, em grande parte, as modernas descobertas das sciencias, e principalmente as felizes applicações que têm recebido; . . . . . .

. . . . . .

que realmente sollicitam, todas, a actividade geral com bastante energia, para não haverem mister da assistencia do Estado.»

Nota-se no resumo da improvisação de Mr. Dunoyer alguma cousa d'incompleto. Entrevê-se o pensamento; não satisfaz o que da palavra refere o jornal.

Arrojâmo-nos a desinvolvel-o, porque o tomâmos por nosso, crendo todavia que, um e outro, os dois mestres, peccaram por exaggerados, ou antes por tomarem mui diversos e não todos os necessarios pontos de vista, 'numa questão, em que, levada ao campo das applicações, não póde deixar de attender-se á variedade dos tempos e logares.

É insaciavel o coração do homem; não ha satisfação de necessidades que dê mate ás necessidades. Ás mais grosseiras succedem-se, entre as materiaes, outras que o são menos; e a estas ainda outras mais delicadas; a progressão não tem fim.

É sempre o agente de toda a industria a humana intelligencia, que se apraz, cultiva,

e desinvolve, na mesma lucta; conhece-se, deseja-se melhor, sente as necessidades intellectuaes e moraes; e de sentil-as a procurar satisfazel-as o passo é um só na mesma theoria de Mr. Baudrillart, sem carecer d'incitamento alheio.

É a lei fatidica do progresso; é o resultado de nossa natureza, por uma parte limitada, e pela outra sempre desejosa d'avançar sôbre os segredos e thesouros da natureza.

Um povo rico e próspero, embora o Estado, limitado á acção puramente tutelar, não tome a iniciativa, ha de levantar escholas, lyceus, e academias; bem como o homem rico, e conhecedor do que exige o mundo, e o proprio interesse na sua situação, ha de, embora a não tivesse esmerada, primar na boa educação, e instrucção de seus filhos.

Mas Mr. Baudrillart collocou-se, segundo parece, na entrada da cidade; e Mr. Dunoyer no extremo opposto. O primeiro viu a sociedade em nascendo; e o segundo já plenamente desinvolvida.

Por certo que, no berço d'ella, só a flor dos cidadãos, os *aristoi*, os poucos, aos que cabe naturalmente o governar, se os houver, poderão tomar a iniciativa na cultura das industrias intellectuaes; o resto difficilmente erguerá do chão suas humildes vistas, só attentas a procurar o escasso pão quotidiano. Desejáramos perguntar a Mr. Baudrillart, se realmente crê alguma cousa nos felizes resultados d'essa iniciativa.

Não germina a semente lançada em terreno inapropriado; e os grandes homens, que ultrapassam consideravelmente a epocha em que vêm ao mundo, não passam, como os Carlos Magnos, de felizes accidentes, quaes brilhantes meteoros, cuja luz desapparece, em trevas ainda mais escuras.

Longe porém d'este estado primitivo, mas por ventura muito áquem do maior possivel desinvolvimento, a iniciativa do Estado, em accôrdo com o movimento dos espiritos, e supprindo a deficiencia dos meios materiaes, póde effeituar, e tem concluido, em materia d'instrucção pública, inquestionaveis bens.

Restam porém ainda os maus resultados da centralisação administrativa, que enerva a actividade individual, e favorece a natural frouxidão e ignavia do commum dos homens, que não pensa, nem actua, quando outros se encarregam de pensar e actuar por elles.

Contra o pensamento de Mr. Wolowski, Mr. Dunoyer insistiu em que a liberdade do ensino, que elle reconhece, e quer que se assegure, é incompativel na poderosa e invencivel concurrencia, que lhe fará o Estado, ensinante.

Esta concurrencia é de natureza tal que não consente que o ensino venha a ser um dos ramos da actividade nacional; — toma o passo ao seu desinvolvimento; — vicia a sua natureza, e especialmente embaraça, que elle se aproprie ás necessidades das povoações».

Por último contestou os bons resultados que na Inglaterra se hajam tirado das tentadas imitações de França; e insistiu em que aquelle paiz não houve mister da iniciativa e intervenção do Estado para dar ao ensino público o impulso mais vivo, e apropriado ás necessidades.

Mr. Baudrillart sustentou segunda vez, que a lei do desinvolvimento das necessidades materiaes e physicas era, a muitos respeitos, diversa, e até inversa; e que os factos convencem que a instrucção soffre em todos os paizes, aonde as necessidades intellectuaes das massas são abandonadas ao proprio impulso, como na Inglaterra, pelo que toca á instrucção primária.

Seguiu-se-lhe Mr. J. Garnier, o qual acompanhou inteiramente a Mr. Dunoyer na mais rigorosa applicação do princípio economico, *laissez faire*.

Respondendo a Mr. Baudrillart, disse com muita verdade, collocando-se porém no campo restricto d'aquell'outro orador: «Os illitteratos têm bom senso, muitas vezes mais que os mandarins; e vêem bem que a instrucção augmenta os meios dos que a adquirem, de sorte que os paes sangram-se nos quatro membros para a obterem para seus filhos em toda a parte aonde a civilisação penetra.»

Entre outras graves considerações, com que o illustre professor redarguiu aos factos e numeros, apresentados por Mrs. Wolowski e Baudrillart, poz dúvida á exactidão d'esses dados.» É facto (disse) que o povo inglez não tem Universidade central, e que é dos mais illustrados; que a instrucção é 'neste paiz o objecto d'esforços de grande número d'associações, e que até mesmo ha ahi *nugged schools*, escholas *dos rotos*, para os vagabundos.

Mr. J. Garnier concluiu, que deve limitar-se a acção do Estado á repressão penal, no caso d'abuso e damno causado, e o menos possivel por medidas prohibitivas ou preventivas; — não fazendo ensinar por agentes seus, senão em casos excepcionaes; — e em todo o ponto sem *direcção central e unitaria, a qual sempre, cedo ou tarde, se vem a fazer ininteligente das necessidades públicas e tyrannica.*

Menos conhecido que os antecedentes, Mr. Marcello Roulleaux, mostrou-se digno de quebrar a lança 'nesta honrosa liça.

A divergencia das opiniões indicia-lhe problema complexo, cujas resoluções não podem ser uniformes.

Crê que o princípio de Mr. Dunoyer é absolutamente verdadeiro, — mas que não tem exigencias eguaes em todas as ordens d'ensino,

e que, em certos casos, é contradictado por evidente necessidade.

No discursar d'este orador encontram-se ideias precisas, pelas quaes não convem passar de leve, e que offerecem larga margem ao pensamento. Quizera, no ensino secundario, —« uma forte diminuição da acção do Estado, e a suppressão d'esta *dictadura que exerce sôbre os estabelecimentos particulares, impondo-lhes directa ou indirectamente os seus programmas.*»

Pelo que pertence aos estudos superiores, entende que ao Estado só cumpre instituir, manter, e regular os que têm por objecto fornecer-lhe funccionarios.

« O alto ensino (disse) é essencialmente a philosophia das sciencias, da historia, da economia social, da esthetica, da biologia, das sciencias da natureza morta. Quem não ha de recear, se o Estado dominar para sempre essas altas regiões do saber, a ruina da liberdade intellectual, e a parada do genio nacional?

. . . . . .

« O Estado póde e deve ter escholas, em que se ensine, como facto, a legislação existente; e não deve metter-se a impor uma doutrina ácêrca dos principios d'uma boa legislação. Um govêrno não é senão uma verdade d'um momento; e o futuro do espirito humano não deve ser-lhe entregue.»

Na instrucção primária cousa nenhuma encontra propria da missão do Estado, senão prestar um serviço, acudir a uma urgencia, satisfazer a uma necessidade instante; porque « o ler, escrever e contar, apesar de sua humildade, é uma d'estas necessidades, cuja sensação tão sómente uma civilisação mui adiantada póde tornar universal.»

Pelos filhos, — que hão mister de ser instruidos, e que o serão, ou não, a arbitrio dos paes, ignorantes e indifferentes, se não prevenidos e suspeitosos, — quer que o Estado organise, e faça obrigatoria a instrucção primária, sem comtudo annullar, nem entibiar a acção particular.

Fechou o debate Mr. Renouard, do Instituto, reconhecendo que seria certamente melhor prover cada familia á sua propria instrucção; mas que estamos mui longe de tamanho grau de civilisação, nunca attingida em algum tempo ou logar. A esta impotencia, e dos soccorros individuaes, insufficientes para a auxiliarem, acudiram os poderes politicos e religiosos, curando da educação, e não deixando que a ignorancia reinasse, como soberana.

Exaggerando uns e outros, pertenderam o monopolio, contra o qual lucta, cada vez menos timidamente, a liberdade.

Esta não deve procurar fazer desapparecer, ou enfraquecer os estabelecimentos creados ou sustentados por elles. De tudo se carece. Melhor procederá por addição, que não por suppressão, construindo a seu lado, e em concurrencia com elles.

No problema da intervenção do Estado Mr. Renouard quer que a questão historica preceda á *philosophica*.

«Dar-se-ha satisfação á philosophia, quando o auxílio do Estado deixar de ser mister. Estamos longe d'essa virilidade.

Por emquanto — «a ignorancia occupa, no coração da nossa sociedade, um tão amplo espaço, que, para disputar-lhe o terreno, é mister a reunião de todas as fôrças; melhorar tudo, mas, no entanto, não renunciar a cousa alguma».

Estas sentenciosas palavras encaminham-nos naturalmente a concluir com algumas, mui breves, considerações ácêrca da nossa terra.

Póde um paiz, mais pequeno que o nosso, abraçar a ideia da plena liberdade. Sobejam-lhe instrucção, e capitaes. Duas Universidades livres o attestam na Belgica.

A nós fallecem-nos luzes, e meios materiaes; e além d'isso, por desgraça, acostumámos-nos a olhar, em tudo e por tudo, para o Estado, ou antes para o govêrno d'elle, como para pae commum, de quem os cidadãos, pobres pupilos, tem que receber todo o pão do espirito, toda a acção e movimento. E o govêrno, seduzido pelos attractivos da suprema e universal superintendencia e direcção de toda a actividade social, e por ventura sollicitado d'exigencias fiscaes, nem sempre d'interesse commum, achou por bem fazer sua, de facto, a palavra de Luiz XIV:— *L'Etat c'est moi!*

Difficil será á sociedade portugueza soltar-se d'esta rêde. Temos porém fé no desinvolvimento geral, e progresso verdadeiro, que nos trará, embora tarde, o necessario desingano.

No entanto perguntaremos:— O que faz entre nós a iniciativa do Estado?

Cria escholas primárias sem mestres capazes de as regerem; sem retribuição condigna de suas fadigas; sem os meios materiaes indispensaveis para ellas funccionarem proveitosamente. Nas maiores cidades, salva alguma, rarissima, excepção, guarde-nos Deus de que tentem estrangeiros visital-as!

O conselho superior propunha, e instava, perante o govêrno. Ahi estão impressos todos seus relatorios.

Substituiu-se-lhe o conselho geral, que devia ter tanta vida e acção, quanta a somnolencia *sonhada*, que se lançava em rosto áquelle.

São passados tres annos; . . . . está-se dispondo o edificio para — *uma só* — eschola normal, em Lisboa. . . .

Em compensação actua-se por via de regulamentos na instrucção secundária, os quaes despovoam os lyceus; e quando começa de pôr-se a mão na superior, as faculdades estremecem, e uma d'aquellas, que mais puro tem

conservado o honroso depósito de recordações gloriosas, e cujos filhos, em outras escholas, patrias e estranhas, ennobrecem o nome portuguez, sente-se á borda do precipicio, e vê-se obrigada, para não succumbir 'nelle, a exhaurir todos os recursos da resistencia legal!

Quaesquer portanto que sejam as circumstancias, é fôrça confessar que a intervenção do Estado na pública instrucção não é senão remedio, mas perigoso ; o qual, como todos os outros, e por mui variados modos, em vez de dar a vida, póde causar a morte; e que, como dizia bem Mr. Garnier, mórmente no ensino secundario e superior,— *uma direcção central e unitaria, cedo ou tarde*, pelo menos, corre grande risco, de se tornar—*inintelligente das necessidades públicas e tyrannica.*

É absurdo querer (como na sessão de fevereiro sustentava o mesmo orador) *que o Estado faça o que não sabe fazer, ou que sabe menos bem fazer do que o público, mais naturalmente e melhor representado pelos homens intelligentes da nação*, e — pelo corpo ensinante das escholas e faculdades, muitos, as maiorias,— do que por um, dois, ou tres conselheiros, embora mui sabios no assumpto, apoiados no voto inconsciencioso d'outros, ahi inteiramente leigos.

*

SCIENCIAS PHYSICAS E MATHEMATICAS

ISCHURIA, TRACTADA POR MEIO DA PUNCTURA DA BEXIGA URINÁRIA

Vamos registrar mais um facto dos que tanto ennobrecem a arte de curar: revela-nos elle quão poderosos são os meios cirurgicos, quando devidamente empregados. O caso de que nos vamos occupar era uma completa retenção d'urina (ischuria) que, sem dúvida, compromettia imminentemente a vida do doente, por haver impossibilidade de practicar o catheterismo da uretra.

A extracção da urina apesar de ser a indicação mais auctorisada pelos escriptores de melhor nota e sanccionada pelos practicos, é certo que raras vezes se satisfaz por meio da punctura do reservatorio urinario. Ainda que tal operação tenha sido practicada na região hypogastrica, pela primeira vez em 1701 por Mery, como refere Sedillot, e nascida com a talha pelo alto apparelho em 1560 segundo o nosso Antonio d'Almeida e outros, não se tornou ella vulgar; e foi este o principal motivo que nos deliberou a fazer a presente exposição.

O Sr. Antonio de Figueiredo, de 71 annos de edade, temperamento sanguineo, constituição robusta, viuvo, morador na rua direita, freguezia de Sancta Cruz. d'esta cidade, foi por nós tractado nos tres annos anteriores d'incommodos da bexiga urinária, os quaes attribuimos a congestões nas visceras do baixo ventre, resultando d'ahi ischuria, seguida de reacção febril.

Quasi sempre encontrámos facilidade em practicar o catheterismo da uretra com algalia elastica: e poucas vezes nos foi necessario repetir esta operação, porque o curso da urina se restabelecia com mais ou menos difficuldade e incommodo, cedendo tudo a tractamento antiphlogistico. Algumas tentativas com algalia metalica para fazer o catheterismo, sempre foram inuteis, talvez porque era grande a curvatura da uretra.

No dia 14 de Junho do corrente anno, visitámos pelo meio dia o doente, que nos disse não urinava desde as tres horas da manhan, e accusava grande incómmodo na região hypogastrica. Á nossa observação apresentou-se então o seguinte: calor geral econsideravelmente augmentado, pelle arida, pulso frequente e cheio, lingua sêcca, grande cumulo d'urina na bexiga urinária, que se patenteava por um tumor arredondado e com fluctuação na região hypogastrica, tumefacção sem rubor no perineo e região anal.

Tentámos o catheterismo da uretra, não conseguimos porém a introducção da algalia na bexiga; por isso aconselhámos trinta e seis sanguesugas no perineo, e um banho prolongado. No fim do banho pelas cinco horas da tarde, procedemos a nova tentativa de catheterismo e conseguimos extrahir approximadamente dois litros d'urina normal.

Estabeleceu-se o curso da urina em pequena quantidade, porém amiudadas vezes, e sempre com algum ardor na uretra no acto da emissão (dysuria); cujo estado se conservou até ao dia 20, acompanhado de febre e sede. Indicámos então para tractamento, internamente leve infusão de linhaça e dieta de caldos de gallinha; localmente, cataplasmas e unções emollientes.

Dia 21 — Houve retenção completa da urina. Ao meio dia tentámos o catheterismo sem resultado; depois recommendámos nova applicação de sanguesugas e banho geral. Ás sete horas da tarde repetimos o catheterismo, extrahindo mais de dois litros d'urina perturbada, e com notavel cheiro ammoniacal. Conservou a algalia só até á madrugada do dia vinte e dois, deixando sahir a urina por tres vezes durante a noite.

Dia 22 — Não urinou; e de tarde por tres sessões tentámos o catheterismo sem resultado. O mesmo tractamento geral; e localmente as cataplasmas e unturas emolientes e annodinas.

Dia 23 — O mesmo estado — Em conferencia com os meus estimaveis e particulares amigos os ill.^{mos} srs. José Maria Pereira Coutinho de Figueiredo, e Carlos Augusto Correia d'Araujo, distinctos clinicos d'esta cidade, depois de termos feito algumas tentativas de catheterismo infructuosas, assentámos em applicar ao doente mais quarenta e oito sanguesugas na região perineal, e um banho geral muito prolongado.

Dia 24 — Em conferencia com os mesmos senhores, achámos o doente 'num estado assustador — o cúmulo da urina elevava o tumor abdominal muito acima do umbigo — havia soluço e um apparato de symptomas que mostrava começo de envenenamento uremico. Depois de repetidos ensaios de catheterismo nos convencemos de que por este meio não conseguiamos extrahir a urina: não havendo tempo a perder, e em circumstancias tão arriscadas, resolvemos fazer a punctura da bexiga urinaria pela região hypogastrica, ao que annuiu o doente.

Coube-me fazer a operação e a practiquei acima da symphisis do pubis tres centimetros (processo de Sedillot), e da canula sahiram mais de tres litros d'urina sanguinolenta, perturbada e fetida. Aconselhou-se ao doente o uso de bebidas refrigerantes, localmente cataplasmas e unções emollientes; dieta de caldos de gallinha.

Dia 25 — Diarrheia em grande quantidade — a urina tirada de tres em tres horas, vem menos sanguinolenta — cozimento branco com laudano, para bebida.

Dia 26 — Parou a diarrheia — a urina é mais clara e não fetida — pulso apyretico — ventre flacido e sem dor — o doente muito animado, sente de quando em quando vontade d'urinar, que não satisfaz. Estado que se conservou até ao dia 1.° de julho. Foi-lhe applicado oleo de ricino em emulsão quando tinha constipação de ventre; e dieta de caldos de gallinha e tapioca.

Dia 2 de Julho — Foi substituida a canula de prata que até hoje se conservou na abertura, por uma algalia de gomma elastica, do modo seguinte. Introduzimos uma velinha n.° 1 por dentro da canula até penetrar na bexiga urinaria, e retirada a canula deixámos ficar a velinha: depois introduzimos, concentricamente a esta, uma porção (egual ao comprimento da canula) d'algalia de gomma elastica das de n.° 8, e tirámos a velinha para fóra por meio d'um arame que haviamos ligado á sua extremidade externa, fixando a porção d'algalia.

Tomámos estas precauções, para evitar as difficuldades que talvez encontrariamos em fazer a introducção da algalia sem um conductor que a dirigisse até á bexiga no caso presente, em que as differentes camadas de tecidos atravessados pelo trocarte, haviam mudado as relações que tinham quando se fez a operação, como depois verificámos.

Dia 7 — O doente continúa melhor, não tem febre nem accusa incómmodo algum; a urina sahe quando se abre a algalia. Recommendámos o mesmo tractamento, e dieta de caldos com gallinha e arroz.

Dia 10 ás 8 horas da manhan — O mesmo estado; foi substituida a algalia por outra. Desde o dia vinte e quatro do mez passado temos feito várias tentativas de catheterismo da uretra sem resultados, e só hoje conseguimos fazer penetrar na bexiga, uma algalia n.° 6, que conservámos. O mesmo tractamento e applicação de pomadas resolutivas localmente.

Ás nove horas da noite — A algalia que de manhan tinha sido introduzida na abertura artificial havia sahido, e agora não conseguimos fazer penetrar na bexiga por aquella abertura uma sonda delgada. A urina continúa sahindo pela algalia que se conserva na uretra.

Dia 11 — Sahiu a algalia impellida por um tenesmo; urina naturalmente e sem grande incómmodo. A abertura da região hypogastrica está quasi tapada, apenas sahe por ella alguma gotta d'urina quando faz esforços.

Dia 12 — Desde as duas horas da manhan, que não sahiu urina pela uretra, nem pela abertura da região hypogastrica. Ha grande cumulo d'urina na bexiga, febre, e constipação de ventre. Extrahimos por meio do catheterismo litro e meio d'urina clara e com algum sedimento mucoso. Deixámos a algalia na uretra e aconselhámos emulsão d'oleo de ricino para tomar internamente — cataplasmas emollientes para topico — e dieta de caldos de gallinha e tapioca.

Dia 13 — Sahiu a algalia e verte-se a urina pela abertura da região hypogastrica — Podemos introduzir uma algalia n.° 2 por esta abertura, e em seguida a substituimos por outra n.° 9, a qual fixámos convenientemente. — Introduzimos outra algalia pela uretra e indicámos o mesmo tractamento.

Dia 14 — Sahiu a algalia da uretra, e correm algumas gottas d'urina por este canal — Repetidas vezes se tirou urina pela abertura artificial que conserva a algalia — Ha menos febre — continúa o mesmo tractamento, bebidas refrigerantes e caldos.

Dia 15 — Não sahe urina pela uretra, mas tira-se pela região hypogastrica — Não tem febre — O mesmo tractamento.

Dias 16 a 18 — Naturalmente sahe alguma urina pela uretra; e, quando se accumula na bexiga, tira-se pela abertura artificial — Não tem febre nem incommodos — Dieta de gallinha e arroz.

Dias 19 a 21 — Urina pela uretra, não faz uso da abertura da região hypogastrica — O mesmo tractamento.

Dia 22 — Urina sem difficuldade nem in-

cómmodo. Tirámos a algalia da abertura artificial — Dieta um pouco restaurante.

Dia 28 — O mesmo tractamento — O doente levantou-se — Cauterisações com azotato de prata, em fungosidades que tem na abertura hypogastrica.

Dia 8 d'Agosto — Continúa a passar sem incommodos — A abertura da região hypogastrica está completamente cicatrisada.

Temos continuado a ver o sr. Figueiredo, que está hoje em pleno uso de todas as suas funcções. Cremos que este doente teria succumbido, não se tendo feito a punctura da bexiga, attendendo a que desde o dia vinte e dois de junho até dez de de julho se não conseguiu restabelecer o curso natural da urina; e ainda mais, porque em casos similhantes temos visto sempre uma terminação fatal.

Com quanto o pae da medicina considerasse mortaes as feridas da bexiga urinaria, (ideia talvez devida ao pouco desinvolvimento que 'naquelle tempo se dava ao estudo da anatomia), os factos hoje têm demonstrado evidentemente o contrário; e por isso, não suppomos esta operação de tão alta gravidade.

Desprezámos os processos da punctura da bexiga pela uretra, pelo perineo, ou pelo recto, por lhe notarmos mais inconvenientes do que no adoptado: taes são principalmente, mais variedade de tecidos compromettidos, e maior risco em se estabelecerem fistulas urinarias.

Aconselhâmos pois nos casos d'ischuria em que não possa practicar-se o catheterismo da uretra, depois d'esgottados os meios mais aconselhados em taes casos, e sôbre tudo quando houver imminente risco de envenenamento uremico, o practicar a punctura do reservatorio urinario na região hypogastrica, tres centimetros acima da symphisis do pubis e na linha alba; ponto em que se não encontram vasos ou nervos de consideração que possam ser offendidos.

Tambem não temos receio de ferir o peritoneo, que deve estar afastado pela bexiga em razão do cumulo que então adquire; e como não exista alli orgão importante, julgâmos a operação menos grave, sendo feita d'este modo.

IGNACIO RODRIGUES DA COSTA DUARTE.

Coimbra, 17 de Setembro de 1861.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

HYMNO

A ROMA OU AO VALOR E FORTALEZA [1]

Salve, filha do fero Mavorte,
Roma, augusta, potente, rainha,
Qu'imperterrita encaras a morte,
Que no Olympo tens séde immortal.

Deu-te o fado perpétua victoria,
Mil conquistas, thesouros, imperio;
Quiz, e quer, que de fulgida gloria
No fastigio não tenhas egual.

Tu dominas no mar e na terra,
Dictas leis a cem povos diversos;
Quem resiste, na paz ou na guerra,
Ao teu mando, ao teu braço e valor?

Longo tempo no mundo não dura
Da Fortuna fagueiro sorriso;
Só comtigo constante a Ventura
Te concede perenne favor.

Mas tu logras tal honra, tal dita,
Porque geras contínuo e renovas
Marcia prole, que férvida, invicta,
Te conserva no antigo esplendor.

Tal loureja com cheias espigas
Sempre a mésse na quadra viçosa,
Quando Ceres premeia as fadigas
Do solerte, feliz, lavrador.

[1] A causa de não se saber com certeza se esta Ode é consagrada a celebrar as glorias da *Cidade eterna*, é porque em grego Ῥωμη tambem (como pretendem Oleario, Christiano Wolf, Volger) significa o mesmo que ἀνδρία bravura, fortaleza. Vulgarmente esta bella composição lyrica é attribuida a Erinna, discipula de Sappho; mas 'nesta hypothese a Ode não póde referir-se á cidade que só seculos depois veio a ser metropole do mundo. Sem fallar de outras conjecturas sôbre este ponto, é hoje tida como verosimil a opinião de Schoell; o qual dá como auctora de tão breve como sublime trecho poetico a poetiza Melinno, que floreceu na ilha de Lesbos, em tempos muito posteriores, quando, debellado Philippe V, rei de Macedonia, na batalha de Cynocephala, Roma não ficou tendo rival em gloria e poderio.

A VENUS

ODE TRADUZIDA DE SAPPHO

Filha de Jove, enganadora Venus,
Deusa que em templos cem o mundo adora,
Com pezares crueis, ah! não tôrmentes
Quem paz implora.

Sê-me propicia, como outr'ora, ó Diva,
Quando ao meu triste brado ouvidos déste,
E, deixando a estellifera paterna
Mansão celeste,

Ao teu carro jungiste as ternas aves:
Ellas, velozes, desde o summo polo
As azas desferindo, te desceram
Ao terreo solo.

Foram-se prestes. Tu, sorrindo meiga,
E a mim volvendo o divinal teu rosto,
« Por que me invocas?» Perguntaste, «Provas
«Grave desgosto?

« Amas e temes qu' esse bem que adoras
« Os teus extremos de prezar não haja?
« Armas laços em vão? Sappho responde:
« Alguem te ultraja?

« Ha de seguir-te, se te agora foge;
« Se regeita os teus dons, ha de brindar-te;
« Se, amado, te não ama, ha de bem cedo,
« Férvido, amar-te.»

Vale-me hoje tambem... De acerbas maguas
Por ti meu coração respire forro:
Cumpre meus votos, e tu mesma acode
Em meu socorro!

OUTRA VERSÃO DA MESMA ODE

Filha de Jove, que tens altares —
Em cem logares — Diva fallaz,
Ah! poupa maguas a quem te adora —
A quem implora — favor e paz.

Tu já 'noutr'ora piedosa ouviste —
O brado triste — da minha voz:
E da paterna mansão celeste —
A mim vieste — prompta e veloz.

Ao niveo carro jungido tinhas —
Das avezinhas — o terno par:
Elle, voando pelo ar sereno —
Em prado ameno — veio pousar.

E tu, sorrindo, de mim diante —
Meigo o semblante — fallaste assim:
« Sappho, eu te vejo tão consternada —
« Porque maguada — chamas por mim?

« Paixão te opprime? Gemes, suspiras —
« Dize, a que aspiras — com tanto ardor?
« Alguem, ingrato, se te não rende? —
« Ah quem te offende — com tal rigor?

« Ha de rogar-te, se te ora engeita —
« Teus dons regeita? — Dons te dará!:
«Desquer-te, amado? Por ti já 'squiva —
« Em chamma activa — se abrazará.»

Tambem agora, deusa benigna —
A mim te digna — dar protecção:
Auxiliadora 'neste conflicto —
Vale ao afflicto — meu coração.

ANTONIO JOSÉ VIALLE.

NOTICIARIO

EXEQUIAS NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

NOS DIAS 15 E 16 DE DEZEMBRO.

(Do Conimbricense.)

Tendo o corpo cathedratico da Universidade determinado celebrar, a expensas suas, solemnes exequias por S. M. El-Rei o Sr. D. Pedro V, seu augustissimo protector, de saudosa memoria, foram deputados para estas os dias 15 e 16 do corrente.

Uma commissão de cinco Lentes eleitos um por cada Facuidade, e composta 'nesta conformidade dos srs. doutores José Gomes Achilles, Joaquim José Paes da Silva, João Maria Baptista Callisto, José Teixeira de Queiroz, e José Maria de Abreu, foi encarregada de dirigir, de accôrdo com o Exm.° Conselheiro Reitor da Universidade, todo este serviço funebre, provendo em tudo de modo que a solemnidade do acto correspondesse ao seu elevado fim, e fôsse digno da illustre corporação que por este modo procurava prestar as ultimas e respeitosas homenagens ao magnanimo Principe, que tanto honrára as letras patrias, e mui especialmente a Universidade.

A commissão desempenhou-se completamente do honroso encargo que lhe fôra commettido.

A real capella da Universidade achava-se primorosamente decorada. No altar da capella mór, que estava toda forrada de preto, um grande crucifixo, com uma rica imagem de grandeza quasi natural, erguia-se magestosamente sôbre um espaldar de damasco roxo com galões d'ouro, infundindo a mais respeitosa devoção.

No meio da capella levantou-se uma eça sustentada sôbre oito grandes columnas, cuja cupola, rematada com a coroa real, e ornada de emblemas, tocava no tecto: debaixo d'esta cupola, forrada por dentro de veludo preto com galões e ornatos d'ouro, se levantava o mausoleu, sustentado sôbre outras quatro columnas, e sôbre elle em moldura dourada o retrato do saudoso monarcha, em meio corpo. Tres genios sustentavam o crepe transparente que velava o retrato.

Por baixo do mausoleu estava collocada

sôbre uma almofada de velludo preto com borlas d'ouro, a coroa e sceptro real, de prata ricamente lavrada, e coberto tudo com um comprido crepe.

Duas idas de brandões de cera, e outras muitas luzes, cercavam a eça, guardada pelos archeiros da Universidade, em grande uniforme e com as alabardas em funeral.

Dentro da capella mór havia bancos forrados de preto para o corpo cathedratico, e no cruzeiro para todas as auctoridades e corporações que costumam assistir a taes actos.

No domingo ás 3 horas da tarde começaram as *vesperas* solemnes, a que se seguiram as *matinas*, a musica vocal e instrumental.

Acabadas as matinas subiu a uma cadeira, levantada no cruzeiro da capella do lado da epistola, o Lente de vespera da Faculdade de Direito, o sr. Dr. Frederico de Azevedo Faro e Noronha, e leu uma oração latina, commemorando os gloriosos feitos que illustraram o curto reinado do sr. D. Pedro V, e deplorando sentidamente a prematura perda de tão virtuoso e esclarecido principe, roubado á patria e ás sciencias na mais bella primavera de seus dias.

A oração do illustre cathedratico prendeu a attenção do luzido auditorio que o escutára com religioso respeito, porque ao interesse que o assumpto merecia, junctava-se a elegancia do pensamento, expressado com muita propriedade, na bella e polida linguagem dos escriptores da edade aurea do povo romano.

Os sons harmoniosos e plangentes do orgão echoavam ainda nas abobadas do templo, quando o orador soltava as primeiras palavras do seu discurso, juncto do tumulo que recordava a dolorosa perda de um rei joven, querido do seu povo, e que havia apenas um anno antes era recebido festivalmente pela Universidade, 'naquelle mesmo logar onde no domingo se lhe erguia funereo monumento. A hora adiantada da noute, o clarão das luzes, indo perder o seu brilho nos crepes que velavam as paredes do templo, tudo emfim imprimia no ânimo de todos a imagem pavorosa da morte, em toda aquella sublimidade que a religião lhe pode dar, e que tornava este acto verdadeiramente tocante e doloroso.

No outro dia, pelas 11 horas da manhan, seguiu o resto do officio e a missa solemne a musica. Foi celebrante o Lente de vespera da Faculdade de Theologia o sr. Dr. José Gomes Achilles, assistido no altar pelos Lentes da mesma Faculdade os srs. Drs. Albino Jacintho, José de Andrade e Silva, e Manuel Bernardo de Sousa Ennes.

A missa e todo o officio eram do insigne mestre que foi da capella da Universidade, José Mauricio.

Acabada a missa, subiu ao pulpito o Lente de prima e decano da Faculdade de Theologia, o sr. Dr. Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo, que tomou por thema da oração funebre o versiculo do livro da Sabedoria — *Puer ingeniosus eram, sortitus animam bonam.*

Fazer a apreciação de uma tal oração nas fugitivas páginas de um artigo escripto ao correr da penna, seria dar uma ideia incompletissima de uma das producções litterarias que mais honra o distincto academico.

Sem a van ostentação das flores de uma eloquencia profana, mas em estylo sempre elevado, em uma linguagem digna sempre do assumpto, o sr. Rodrigues de Azevedo poz em alto relêvo as egregias virtudes do fallecido monarcha como christão, como politico, e como principe esclarecido e amante das sciencias.

O illustre orador fallou aos sentimentos do coração, pagou á viva saudade de uma tão infausta perda o tributo de suas lagrimas; mas o sr. Rodrigues de Azevedo, traçou mais largos horisontes nas elevadas considerações que fez sôbre o curto, mas glorioso reinado do sr. D. Pedro V, apresentando-o á posteridade como modelo de todas as virtudes que podem ennobrecer um grande rei.

Acabada a oração seguiram-se as cinco absolvições sôbre o tumulo com responsorios tambem por musica.

Officiaram 'nestas absolvições o exm.° Conselheiro Vice-Reitor da Universidade o sr. Dr. José Ernesto de Carvalho e Rego, e os srs. Drs. Francisco Ferreira de Carvalho, Lente Cathedratico da Faculdade de Direito, D. Victorino da Conceição Neves Rebello, Dr. Antonio José de Freitas Honorato, e o celebrante Dr. José Gomes Achilles, todos Lentes Cathedraticos da Faculdade de Theologia.

Eram tres horas da tarde quando esta solemnidade terminou, dando a fôrça militar, que faz a guarnição da cidade, as descargas do estylo no pateo da Universidade, onde desde pela manhan se achava postada e em grande uniforme.

Toda a funcção correu com a maior ordem, gravidade e respeito. O corpo cathedratico, presidido pelo exm.° Conselheiro Reitor, occupou os logares que lhe estavam destinados dentro da capella mór, sendo tanta a concorrencia que não havia um unico logar vasio.

No cruzeiro dentro da teia, que fazia a separação do resto da real capella, estavam á esquerda o exm.° Governador Civil, Secretario Geral, Juiz de Direito, delegados do procurador regio e do thesouro, thesoureiro pagador do districto, director das obras públicas, governador militar, e officialidade da guarnição da cidade.

Á direita estava o exm.° Deão governador interino do Bispado, com o cabido da Sé Cathedral, e os professores do Lyceu Nacional; em logar especial do mesmo lado estava o conselho de districto e a camara municipal, e fronteiro á camara do lado opposto estavam diversos funccionarios publicos.

Abaixo da teia o corpo academico occupava até fóra das portas da capella todo o restante espaço, sendo muito para louvar a religiosa attenção e gravidade que sempre manteve apesar de ser tamanha a concorrencia, que por momentos alguns academicos correram risco de ficar abafados.

A tribuna reitoral e os logares do côro, que não era occupado pelos capellães e pela musica, estavam cheios de senhoras.

Foi deste modo que a Universidade prestou á saudosa memoria do seu augusto protector o solemne testimunho da sua rendida gratidão, e do respeito e admiração devida ás suas excelsas virtudes.

---

22 DE DEZEMBRO

Pelas 11 horas da manhan, reunido na sala grande o ex.mo Conselheiro Reitor com o corpo cathedratico, em grande numero, e com as competentes insignias; e estando presentes as principaes auctoridades, administrativas, ecclesiasticas, judiciaes, de fazenda, obras públicas, e a officialidade dos destacamentos, todos em seus costumados logares, tomou a cadeira o Conselheiro Dr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, e recitou a Oração latina relativa á solemnidade do dia, a fausta inauguração do novo reinado d'El-Rei o Senhor D. Luiz I.

Concluida esta, seguiu-se na capella real o *Te-Deum*, em que officiou o ex.mo Conselheiro Vice-Reitor, acompanhado de cinco lentes cathedraticos de Theologia, e um de Direito. D'ahi regressou o corpo cathedratico, auctoridades, e mais numerosos assistentes á sala grande, a fim de se proceder á jubilosa publicação e distribuição dos premios.

O discurso, recitado pelo ex.mo Reitor, e ouvido com o mais religioso silencio, contém a expressão dos grandes, e encontrados pensamentos que, 'neste acto tão festivo, mas egualmente despertador de tantas e tão justas saudades, agitava todos os espiritos no grande e magestoso auditorio. Disse assim:

Senhores. — Por mais que alguns philosophos, seduzidos pelo amor da humanidade, tenham querido inculcar uma ephoca, em que o progresso da civilisação, por si só, ha de ser bastante, para levar os homens ao cumprimento dos seus deveres, o conhecimento da natureza humana, e a experiencia de largos seculos desmentem este sonho dourado. O bem e o mal são inherentes áquella natureza; e por isso, os premios e os castigos são, e hão de ser sempre, condições indispensaveis para promover um e evitar o outro.

Mas os castigos são uma condição terrivel, martyrisam, humilham, e degradam quem os soffre; consternam e compungem quem os dá; affligem e contristam quem os vê. Pelo contrário, os premios ennobrecem e exaltam quem os recébe; lisongeiam e engrandecem quem os dá; alegram e consolam quem os vê, e, até mesmo quem d'elles tem noticia, ainda ao longe. Quantos paes, quantas mães de familia, 'neste mesmo momento, estarão festejando, com parentes, amigos e vizinhos, o mesmo acto, que nós hoje festejâmos?.. cobrindo de bençãos os filhos que nós vamos cobrir de louros; e esperando, com alvoroço, o desejado momento de os apertar em seus braços, tão amados e queridos como lumes dos seus olhos, e delicias do seu coração?

Tal é, senhores, a natureza e excellencia do acto, que hoje celebrâmos; e por isso vemos reunido 'neste recinto tudo quanto ha de mais nobre e illustre 'nesta nossa terra. Auctoridades venerandas e respeitaveis; professores abalisados; academicos briosos e distinctos; cidadãos de todas as classes, probos e honrados: todos, todos á porfia, querem ver e conhecer os mimosos filhos de Minerva; todos querem gozar o espectaculo grandioso do triumpho do genio, coroado pelo estado.

Se, porém, o acto, que hoje celebrâmos já era de sua natureza grande e solemne; tornou-se solemnissimo, depois, que um Rei, sabio e illustrado, se dignou honral-o com a sua presença e distribuir, com a sua propria mão, os premios aos alumnos da Universidade mais estudiosos e distinctos... Esse Rei, que ainda ha pouco vimos entre nós... tão moço... tão gentil... tão sympathico... tão affavel... tão cheio de vida e de esperanças... já não existe!.. A sua alma generosa e bemfazeja, transpondo os umbraes da eternidade, foi gozar, na mansão dos justos, o premio das suas virtudes na companhia da Mãe querida, e da Esposa idolatrada!... O seu corpo, despido das grandezas d'este mundo enganador, desceu á sepultura, acompanhado da saudade e tristeza pública, que são a mais bella e mais rica pompa do funeral dos Reis!

Assim se converteram em sentidas lagrimas as nossas alegrias! Assim se mudaram em luctuoso pranto os nossos applausos! Assim se trocaram em sonhos vãos as nossas esperanças! Mas as palavras d'affecto, e benevolencia, com que nós todos, mestres e discipulos, fomos animados á cultura das sciencias, á práctica das virtudes, e ao amor da patria e da humanidade, não morreram, permanecem vivas no fundo dos nossos corações; e parece, que, fazendo echo nos angulos d'esta casa, ainda soam aos nossos ouvidos, com o accento suave d'aquella voz harmoniosa, que vencia os espiritos e prendia os corações.

Felizmente, essas palavras tem fiador seguro na illustração do novo Rei, o Senhor D. Luiz I, que nos foi enviado pelo ceu para acudir aos nossos males, e enxugar as nossas lagrimas. Gerado do mesmo sangue, nutrido no mesmo seio, educado e instruido na mesma

eschola, por uma Mãe extremosa, e um Pae esclarecido: assim como é o retrato vivo de seu Augusto Irmão na práctica das virtudes; não deixará de o ser no amor ás lettras, e na protecção a esta Universidade, a qual tem sido, e ha de ser sempre, o esteio mais firme do throno Portuguez; e a joia mais brilhante da coroa dos nossos Reis.

A Universidade, solemnisando hoje a acclamação do Rei joven e esperançoso, com a distribuição dos premios aos estudantes mais distinctos na cultura das sciencias, que são a flor da mocidade portugueza, e as esperanças da patria, inaugura e proclama um reinado de paz, de civilisação, e de progresso; porque as sciencias são inimigas da guerra, e a arma mais poderosa para ganhar a victoria, na conquista da civilisação e do progresso.

Antes que o immortal Colombo ousasse aventurar-se ao alto mar, em fragil baixel, já outros mais practicos e mais bem providos do que elle, o tinham navegado em todas as direcções, sem nunca avistarem, nem sonharem as praias d'um novo mundo. É porque lhes faltava a sciencia, que suggeriu a ideia d'elle ao ousado Argonauta, o qual firme 'nessa ideia, e com os olhos fitos na estrella, que a sciencia lhe apontava, viu surgir-lhe pela prôa a terra desejada, e poude colher o vellocino d'ouro, com que a Providencia quiz premiar a sua fé viva na voz da sciencia, que é a voz de Deus.

Foi a sciencia, que, subjugando as fôrças da natureza, poz á disposição do homem o ferro, o fogo, a agua, o vento, o vapor, a electricidade, o gaz, a luz, e outros agentes naturaes, com que, alargando a esphera da vida, no tempo, e no espaço, obrou os prodigios, e maravilhas da civilisação moderna.

Mas se a sciencia assim promove a prosperidade pública; não tem menor influencia na felicidade particular. Ajunctae todas as riquezas de Creso: levantae soberbos palacios com os jardins e banquetes de Lucullo: frequentae theatros, bailes, jogos e passeios: percorrei o mundo inteiro nas azas do vento, e nas nuvens do vapor: gosae todos os divertimentos e distracções, que a vossa imaginação possa inventar: se o vosso coração não tiver sido cultivado com uma educação moral e religiosa bem ordenada: se o vosso espirito não tiver sido desinvolvido por uma instrucção solida, e substancial: encontrareis 'nessas grandezas e divertimentos uma saciedade enfadonha, um desalento cansado, uma aridez d'alma insoffrida, e uma inquietação desesperada, que vos ha de levar á sepultura com morte prematura, e o coração retalhado de desgostos e amarguras.

Pelo contrário se uma educação esmerada tiver formado os sentimentos do vosso coração; se uma instrucção escolhida tiver desinvolvido as faculdades do vosso espirito; encontrareis 'nessas riquezas o patrimonio dos pobres, o amparo dos desvalidos, a consolação dos afflictos, os recursos do Estado, e os meios necessarios para passar uma vida larga e feliz no seio da vossa familia, e na companhia dos vossos amigos, entregues á cultura das sciencias e á práctica das virtudes, que, depois de fazerem a felicidade do homem 'nesta vida, ainda fazem a sua bemaventurança na outra.

Cultivae, pois, illustres mancebos, as sciencias, com todas as fôrças do vosso coração. Apurae os vossos sentidos com o estudo das sciencias physicas; formae os vossos sentimentos com o estudo das sciencias moraes; desinvolvei o vosso espirito com o estudo das sciencias intellectuaes.

Bem sei, que este trabalho demanda fadigas e vigilias, que sómente uma nobre coragem póde vencer. Bem sei que é preciso sacrificar a um estudo severo e assiduo, não só as distracções e frivolidades d'uma vida leviana; senão tambem os prazeres mais innocentes d'uma juventude alegre e jovial. Bem sei tudo isto; porque muitas vezes me tem doído o coração, por me ver na dura necessidade de vos impor estes sacrificios; porém o espirito do homem, por mais favorecido que seja da natureza, não produz fructo, sem ser fecundado por um estudo aturado, por uma experiencia perspicaz, e por uma meditação profunda.

Mas quanto não é gloriosa e brilhante a recompensa de tantos sacrificios! Quanto não é lisongeira a ideia de nada dever, senão a si proprio! Quanto não é nobre e legítimo o orgulho d'obter uma posição honrosa na sociedade, tendo por só recommendação o trabalho, o estudo, a sciencia, e o merito pessoal!.. Haja muito embora quem ainda se queira encostar á sombra d'antigos brazões; ou ao esplendor d'opulentas fortunas; mas lembre-se, que a nobreza e a riqueza são luzes, que alumiam tanto o vício como a virtude; e que sómente esta, e a sciencia podem dar a verdadeira grandeza.

Se algumas almas fracas, seduzidas pelos attractivos do bem estar material, tem levantado altares ao culto do bezerro d'ouro; nem por isso a consciencia do bem moral ainda acabou entre nós; porque os sentimentos nobres, grandes e generosos, nunca morrem em corações portuguezes: póde a sua luz tornar-se menos brilhante; apagar-se, nunca. Ainda a beneficencia e caridade pública e particular, levantam entre nós estabelecimentos de piedade, aonde a necessidade, a infancia desvalida, e a humanidade inferma encontram abrigo e allivio. Ainda se multiplicam escholas d'ensino público e particular, aonde o filho do pobre encontra o pão do espirito. Ainda a politica offerece a todos garantias de segurança, liberdade e independencia, sem distincção de classes, nem de pessoas. Ainda a justiça, de-

fendendo o innocente contra a criminoso, estende a este mão bemfazeja para o arrancar do abysmo do crime, e restituir á sociedade corrigido e emendado. Ainda a incredulidade e o scepticismo não despovoaram os templos: e uma nação inteira vae prostrar-se de joelhos diante dos altares, pedindo a Deus misericordia para salvar o Rei, que tanto amou e de quem foi tão amado.

Quando uma nação dá tantos signaes de vida moral e religiosa não está morta, nem corrupta. Appareça uma mão firme e vigorosa, que a saiba guiar pela estrada da justiça, da moral, e da religião, que, se não der saltos no caminho do progresso, ha de dar passos accelerados e seguros .... Essa mão ha de ser a mesma, que hoje empunha o sceptro portuguez, a do Senhor D. Luiz I, o qual, instruido na arte de reinar, não só pelos seus estudos e viagens, senão tambem pelas lições de seu Augusto Irmão, que, no verdor dos annos, ensinou a ser reis os reis do mundo, ha de accender nos nossos corações o fogo sagrado da sciencia e da virtude; não para matar os interesses materiaes; mas para os fazer marchar acompanhados dos moraes; porque nessa boa companhia vê o verdadeiro progresso, a felicidade dos povos, e a gloria dos reis, que leva o seu nome, abençoado, á posteridade.

DISSE.

RESOLUÇÕES

Do Claustro da Universidade ácêrca das duvidas, na legislação dos concursos.

1.° Se a votação relativa deve ser feita com relação ás cadeiras ou aos graus?

Com relação aos graus, e não ás cadeiras. (Claustro de 11 de novembro).

2.° Se, sendo com relação aos graus, se devem distribuir aos votantes tantas espheras brancas quantos forem os candidatos, ou d'estas sómente uma?

Aos votantes devem distribuir-se tantas espheras brancas e pretas, quantos forem os candidatos. (Claustro de 11 de novembro).

3.° Se os lentes jubilados podem votar nos concursos como membros ordinarios, ou sómente sendo chamados como supplentes?

Só podem ser chamados como supplentes. (Claustro de 12 de dezembro).

4.° Se na votação sôbre o merito relativo é necessaria maioria absoluta, ou se bastará que haja maioria relativa?

Que deve haver maioria, procedendo-se, quando seja necessario, a escrutinio forçado. (Claustro de 12 de dezembro).

BOLETIM DO INSTITUTO

Eleições no mez corrente para o anno de 1862.

1.ª CLASSE

Director, Dr. João Maria Baptista Callisto, lente cathedratico de Medicina.
Vice-Director, Dr. Manuel Augusto de Sousa Pires de Lima, doutor na faculdade de theologia.
Secretario, Dr. Manuel Nunes Giraldes, doutor em Direito.
Vice-Secretario, Manuel Emygdio Garcia, doutorando na mesma faculdade.

2.ª CLASSE

Director, Conselheiro Dr. Jeronymo José de Mello, lente de Medicina.
Vice-Director, Dr. José Teixeira de Queiroz, lente de Mathematica.
Secretario, Dr. Antonio dos Sanctos Viegas, lente de Philosophia.
Vice-Secretario, Jeronymo Rodrigues Ramos, bacharel em Mathematica.

3.ª CLASSE

Director, Dr. Antonio Ayres de Gouveia,
Vice-Director, Dr. José Dias Ferreira — lentes de Direito.
Secretario, Francisco de Paula Sancta Clara, bacharel formado em Direito.
Vice-Secretario, Antonio João de França Bettencourt, doutorando em Theologia.

O Instituto acaba de receber da Academia real das Sciencias de Lisboa o valioso presente d'um exemplar das — Lendas da India, de Gaspar Correia, 4 vol. 1858 a 1861.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

A ECONOMIA POLITICA E OS PECCADOS CAPITAES

Se porventura ha ainda alguem, que culpe de materialista a economia politica, é fôrça que soffra dizer-se-lhe que não tem conhecimento claro do objecto d'esta sciencia, de seus principios e conclusões. Não só não ha a mais leve repugnancia entre os seus verdadeiros dictames e os da moral, senão que mutuamente se coadjuvam. As mais bellas qualidades do industrial, as que lhe asseguram proveito, credito, fortuna, um prospero futuro, qualidades e dotes exactamente economicos, serão não menos virtudes christans, se nascerem da consciencia, e prenderem na fé, e nas obras que d'esta procedem.

Desde o momento, em que se reconhecer que o objecto da economia politica, antes philosophia da industria, é não o producto material da actividade humana, mas o homem, intelligente e livre, actuando para vencer as difficuldades que tolhem o seu desinvolvimento,— será indispensavel concluir quão profundas relações devam de prender este ramo de nossos conhecimentos a todos os outros, que se occupam do mesmo homem.

Não admire pois a epigraphe do artigo:— a economia politica e os peccados capitaes.

Em todos os capitulos da doutrina christan a humana razão, ora humilhada diante de mysterios, que, como tantos outros do mundo physico, crê sem comprehender; ora extasiada na contemplação da immensa claridade que projectam sôbre o homem e a humanidade, na sua falta incomprehensiveis, descobre por toda a parte facilmente o dedo de Deus, o cunho d'uma suprema sabedoria, perante a qual toda a sciencia humana não é mais que sombra e escuridade.

Do pequeno manual, que corre pelas mãos da infancia christan, transportemos a admiravel synthese das culpas do homem para o mundo economico.

I

No limiar da philosophia da industria, offerecem-se realmente, e de prompto, e manifestas, as ideias quer das multiplas, e várias, humanas necessidades, quer da limitação de nossas fôrças e meios individuaes para as satisfazer. A razão e a experiencia demonstram egualmente que só a união faz a fôrça; e que por ella o individuo, pigmeu, converte-se em gigante.

Mas a união com os nossos similhantes assenta no principio da reciprocidade dos serviços, no mútuo adjutorio, na benevolencia, e até no amor d'uns para com os outros. Bem fragil e transitoria será a ligação dos que reciprocamente se desprezam e odeiam! Esta relação de continua dependencia, que não rebaixa alguem aos olhos da razão, quem não vê como admiravelmente se casa com a christan humildade?

O suberbo despreza o mundo inteiro, que folgára de ver beijar-lhe os pés; quer imperar, não servir, embora por serviço receba outro serviço. O primeiro dos peccados capitaes traduz-se, no mundo industrial, pela insupportavel arrogancia do emprezario egoista, que calcula sordidamente sôbre a fome e a miseria do operario, se não pela infame crueldade do tyranno, que fórça com o zorrague os escravos a darem por elle o extremo de suas fôrças.

A sublime virtude opposta, conciliando o rico e o pobre, e estreitando os laços do chefe da empreza e de seus subalternos, ainda os ultimos e menores, póde fazer da manufactura uma cómo só familia; cujo pae, aquelle, proveja amorosamente á educação e instrucção d'estes, como filhos; e os anime ao trabalho sempre com palavras, doces e amigas, e razoavel paga; e muitas vezes amiudando os trabalhos d'empreitada, e tentando participação nos proprios lucros das emprezas com os mais habeis:—não fallando já nas caixas d'economias, nas de soccorros mutuos, e outros inventos de caridade e credito, que o emprezario, mais instruido, e melhor dotado da fortuna, bem póde suscitar e dirigir, em beneficio dos seus consocios e subordinados.

Se ha verdade indubitavel nos capitulos da distribuição, salarios e lucros, é certamente esta; que é mistér exalçar o conceito da propria dignidade do operario, para que seja mais perfeito, mais activo, e mais moral o seu trabalho, em beneficio seu, e da empreza; e infundir-lhe a íntima persuasão do interesse racional que não póde deixar de ter pela ordem, obediencia, e devida sujeição quer á lei sagrada do contracto, quer á direcção do chefe dos trabalhos.

Lições perdidas para o emprezario orgulhoso; para os operarios suberbos!

Olhavam os antigos povos com grande desdem, e nenhum preço, para as outras gentes, como barbaros destinados a serem conquistados, despojados, e por ventura reduzidos á condição dos miseros *ilotas*. Dominava-os a suberba. Seus maiores sabios e acreditados philosophos criam haverem homens nascidos para servir, vis e abjectos; e como não entendiam ser nobre senão o disputar e julgar no foro, ou fazer armas fora da patria, todo o trabalho honesto, excluida quando muito a agricultura, abandonava-se aos escravos, e era, como estes, desprezivel!

Discorreram assim Aristoteles e Cicero! que outros testimunhos se hão mister?

Veio Jesus Christo; e com a doce humildade e a commum fraternidade, a qual importa o mútuo adjutorio, e a reciprocidade dos serviços, minou os fundamentos da antiga sociedade. O trabalho, e o trabalhador, ficaram enobrecidos.

Ao suberbo mostrou-se o desengano no pó da campa, e no castigo sem fim, na humilhação sem limites.

D'estes principios surgiu um mundo novo, honesto, e pacificamente industrial e commerciante, d'homem a homem, e de povo a povo. Surgiu porém, como da minima semente surge pouco a pouco, durante seculos, o cedro do Libano. *Crescit occulto, sicut arbor, aevo.*

Casa-se de tal arte com as miserias de nossa corrupta natureza o paganismo; seus vicios, torpes e abominandos, agradam tanto á suberba e ao desregramento dos costumes, são por outra parte tão lisongeiras ao amor proprio dos que tomam a espada do imperio, as pretenções e os exemplos dos Cesares; que não admira, como, muito mais ao diante, quando já começava d'alvorecer, o mundo economico se visse como accomettido d'um systema de govêrno industrial, o qual, sem condemnar a industria, todavia novamente a rebaixava, e a constituia em instrumento d'orgulhosa oppressão, dentro, e fóra da nação!

O govêrno politico, 'neste systema, ou antes os ministros, como o principe, eram os unicos sabedores; os mais, o povo, a nação, eschola ou collegio de pupillos. Quem quer que quizesse trabalhar, havia mister de receber d'aquelles o aprendizado pelos mestres *officiaes*, encartados, e arregimentados; — durante espaço legalmente fixado; — difficilimamente por sua conta e risco; — e em todo o caso operando segundo as minuciosas regras de trabalhar, legisladas nos regulamentos!

Livres transacções com os outros povos... oh! por nenhum modo. Obrigal-os pela fôrça das armas, ou pelo imperio de infelizes circumstancias, a comprarem muito á nação poderosa, e a não lhe venderem senão pouquissimo, era o grande intuito d'esta politica suberba, que se designou pelo nome de mercantil; e pela sustentação da qual dissiparam-se, mais do que os milhões, precioso cabedal de innumeras vidas, e trabalho, absolutamente infructifero.

A suberba no govêrno interior, e nas relações externas; a violencia, os monopolios, a oppressão, a guerra com todos os seus furores e desastres, — eis a synthese do infaustissimo — *systema mercantil*.

O contrário, que, por toda a parte, vae hoje transmudando-se dos livros e dos professores para os factos do govêrno, e tractados das nações; o systema da livre industria, da livre troca, assenta nos grandes principios da personalidade e dignidade do individuo; da justa egualdade e real confraternidade d'elles, e dos povos; da restricta missão do Estado; e tende a estreitar, pelo principio christão do mutuo adjutorio, as relações, a paz, a harmonia, entre todos.

A *suberba* é pois tambem, no mundo da industria, um peccado capital. A contrária virtude, a vera humildade, no opposto, tanto approveita quanto aquelle prejudica.

II

São os capitaes os instrumentos do trabalho. Capital resume para o industrial — o mantimento, o vestido, e a morada; — a ferramenta, o machinismo, o material, e a materia prima; — a officina, o armazem, e a loja.

Inactivo, dormente, é o capital como se não existira.

A sua acção, gyro, movimento, é a vida da industria; 'nessa incessante rotação de valor, os interesses vão retribuir o que possue o instrumento, e o prestou para a obra; e o que o move por suas mãos.

O *avaro* apprehende, fecha com cem chaves, enterra, faz desapparecer, algumas vezes para sempre, o fecundo manancial que devia fructificar o trabalho. E se, vil usurario, consente em deixar sahir algumas gottas d'elle, são taes as condições, que os incautos e imprudentes, obrigando-se alem da possibilidade, vão ahi não matar a sêde, mas buscar a morte. Porém o avaro passa, e os thesouros ficam... Embora; que o rifão é de sobejo justificado pela experiencia: — Após o grande poupador vem o grande gastador. As economias do primeiro, largos tempos inuteis para a industria, alumial-a-hão talvez um instante, na sua morte, mas qual fogo d'artificio, que brilha para mais escurecer. A prodigalidade que consome os capitaes, é irman gemea, nos effeitos, da avareza, que os esconde.

A virtude contrária não consiste sómente em repartir gratuitamente. Os dictames da pura caridade, os influxos da doce sympathia, que o economista respeita, e, como individuo, póde e deve nutrir e seguir, em suas particulares relações, pertencem a uma ordem de ideias, que não são as propriamente industriaes. Aqui a mutualidade dos serviços, o — *facio ut facias; facio ut des;* e o — *do ut des.*

Entremos porem com o pensamento na manufactura; e observemos como se haverá aqui o sordido emprezario, cuja avareza não consista tanto no aferrolhar, como no especular sôbre a necessidade do infante, da mulher, do velho, e do infermo, e em geral do operario pobre; — e acolá, pelo contrário, o generoso e liberal, que paga, rasgada e direitamente, a cooperação dos menos felizes que o cercam e coadjuvam.

Se a boa vontade, o estomago cheio, o corpo agasalhado, e a alma contente tem alguma influencia na quantidade e qualidade da obra,

será manifesto que a avareza do primeiro prejudicará tanto, quanto ajudará, e instigará, a liberalidade do segundo.

A *avareza* é por tanto egualmente um peccado capital na industria.

III

Nos excessos sensuaes vão-se a saude, as fôrças, e a vida, prematura e dolorosamente. Quantos industriaes no vigor dos annos, quando houveram de gozar e trabalhar, ganhar e felicitar uma familia honesta, passam dos lupanares ás dores e miserias do hospital, e descem, esquecidos, á fria sepultura!

A christan castidade, (quem há que possa conscienciosamente contestal-o?) aproveita tanto ao corpo, como á alma; traz a um e outro o alento, a robustez, a agilidade, que a industria reclama na officina, no armazem, no escriptorio, no gabinete, sôbre a terra e sôbre os mares.

Podêmos inscrever por consequencia no catalogo dos peccados capitaes da industria, como nos religiosos, a torpe luxuria; e mais uma vez reconhecer, que a crença, e os costumes sanctos e puros, que o christianismo ensina e promove, não podem deixar de considerar-se um poderoso elemento de progresso no mundo que tão infundadamente chamaram materialista, ou na esphera da industria.

IV

Quem haverá não menos, que, pensando reflectidamente no que seja a industria, não conheça desde logo que, se a religião ensina que — os mansos, bemaventurados, possuirão a terra, egualmente o assevera a sciencia com relação, não já á *promettida*, além do espaço e do tempo, mas a esta mesma em que se agita o homem laborioso?

Á fôrça de paciencia, o sabio, ou no gabinete lendo, e comparando, e meditando, ou em acção, explorando e experimentando, consegue roubar á natureza o segredo de suas fôrças, quasi rasgar o veu de seus mysterios, e de suberba, tornal-a humilde serva de seus intuitos.

Á fôrça de paciencia o mineiro, o caçador, e o pescador, nas industrias extractivas: — o transportador através das terras, e dos mares, ainda os mais longinquos; — o fabricante e o manufactor; — o cultor dos campos; todos em summa, que luctam por modificar a materia na situação ou na fórma, como aquell'outros que se exercem em modificar o homem, não conseguem resultados, senão porfiando, tenazes e pacientes, no proposito. Se o enfado, e peior a ira e a cholera, contra os obstaculos, conseguem dominal-os, perderão com o lucrado, todo o mais que se propunham, e que lhes era mister, adquirir, até mesmo para compensar o despendido.

Não há por certo um emprezario, de qualquer genero, que não deva, por assim dizer, registrar no seu — DEVE, como primeiro e essencial capitulo de despesa, um enorme capital de — mansidão e paciencia.

E nas crises industriaes? Largadas ao vento as velas da paixão, correrão ao precipicio; de que talvez fôra bem facil escapar, colhendo-as pacientemente, soffrendo e esperando.

O paciente sem difficuldade se associa, presta e recebe serviços, ajuda, e é ajudado; porque sabe soffrer as alheias fraquezas; elevar-se acima das injúrias, perdoando-as; — e até mesmo especular sôbre as precipitações e arrojos, irosos e imprudentes, dos bravos e insoffridos.

Eis ahi pois, toda formosa, entre as primeiras virtudes economicas, a mansidão e a paciencia; tanto como, horrenda e de tristissimos eventos, entre os peccados capitaes da industria, a cholera, tão justa e sanctamente condemnada na esphera da religião!

V

Os opiparos manjares, as copiosas libações, o luxo das mesas, e a frequencia das tabernas, não se compadecem com a economia, que juncta os capitaes, e por elles distribue a seiva da industria. Consome-se acolá o que devêra dispôr alimento, vestido, habitação, instrucção e educação, no presente e no futuro, para os grandes e pequenos industriaes. Consomem-se, mais, do espirito as faculdades, e do corpo as fôrças; abrevia-se a vida; e uma parte d'esse mesmo curto espaço, longe de ser causa e origem de producção, não o é senão de consumo no leito da dor, nas privações da familia que cérca o infermo, na despesa dos hospitaes!

As sociedades de temperança contra as bebidas espirituosas, as caixas economicas, e as de soccorros mutuos, captivam a geral approvação, da moral, e da sciencia da industria; e este unanime accôrdo, fundado em razão e experiencia, é o mais convincente testimunho, de que a gula, como os outros, é peccado tão capital perante Deus, que tomará as contas, como perante os homens, que se interessam na pública e privada prosperidade.

VI

Inveja não é emulação. Aquella respira a má vontade, e o odio; apraz-se na contemplação da desgraça, e contrista-se na do bem. Podem irmãos e amigos, sem deixar de o ser, disputar a palma da carreira. A emulação é tão alta e nobre, como a inveja é baixa e vil.

A concurrencia significa, na industria, emulação. Não fallâmos d'individuos, elevâmo-nos mais alto. Podem ser movidos de sordidos sentimentos Paulo e Pedro. Nada importa. A sua vileza não murcha o brilho da verdadeira e leal emulação, — da porfia no bem, no melhor fazer.

Carecem por ventura os individuos, as povoações, os districtos, e as nações industriaes da ruina dos outros? Terão 'nisso vantagem; enriquecerão mais em quantidade, qualidade, e permanencia de bens?

Imaginem-se os homens de genio e habilidade, o sabio, o litterato, o artista, e o artifice de merito, no meio d'indigentes; sejam elles, qual folgára de ser o invejoso, os unicos distinctos, providos dos meios de trabalhar e commerciar: quem lhes tomará os productos? quem lhes pagará os serviços?

Não é o selvagem, nem ainda o povo rude e pouco alevantado acima da infancia, que póde abrir vastos mercados á industria da Inglaterra. Quanto mais industriaes e opulentos forem os povos, com quem tractarem seus commerciantes, e por estes a sua povoação laboriosa, tanto mais extensas e valiosas serão as reciprocas transacções.

Trocam-se productos por productos. Quando as circumstancias, e os interesses naturaes da circulação, exigem que uns d'elles sejam *ouro* ou *prata*, cujas minas esse territorio não possua, houve certamente de os haver pela troca das producções indigenas; deu estas, mediante o metal precioso, por est'outras que recebe.

É *A B C* em economia politica. O invejoso, preenchidos todos os seus desejos, ficaria solitario como o suberbo; e possuidor de materia sem valor (porque este não é real sem a troca), como o avarento.

A caridade é o amor, do individuo para o individuo, e do povo para com o povo, de todos para com todos. Soccorre generosa e gratuitamente, quando é mister; e tracta, franca e lisamente, fóra d'esses casos.

Não será pois esta flor das virtudes christans, com seu perfumado aroma, vinculo de paz, sôpro d'harmonia, tambem na esphera do interesse?

Estamos costumados a ligar a esta ideia uma outra bem contrária. É um êrro; a sordidez não é, não póde ser, forçada companheira do justo e devido interesse, como o abuso não é o uso, a licença a liberdade, e o excesso a regra.

Deixem-nos pois assentar, do mesmo modo que os antecedentes, a asquerosa inveja, capital entre as culpas moraes, no tão analogo e concomitante registro das culpas economicas.

VII

Da preguiça porque discursar? Basta dizer com o catechismo dos meninos, que a virtude contrária, a *diligencia*, consiste em cumprir nossos deveres com coragem e exactidão; e com a sciencia economica, que a industria é a lucta continúa, incessante no tempo e no espaço, da humana intelligencia contra os obstaculos que impedem a justa satisfação das necessidades do espirito e do corpo.

Lei sancta do trabalho, nem a felicidade e innocencia do Eden isentou d'ella, por divino preceito, o primeiro dos homens!

Et posuit eum (diz o Gen. 11. v. 15.) *in paradiso voluptatis, ut* OPERARETUR *et custodiret eum...*

— A primeira página, que a historia do christianismo abre a vossos olhos (prégava em *Notre Dame* o jesuita Padre Felix), mostra-vos a industria nascendo, juncto do berço do homem, d'uma palavra de Deus. —

Direito e suave occupação antes da quéda; lei rigorosa e penosa depois d'ella, mas sempre — diligencia e trabalho.»

Maledicta terra in opere tuo; in laboribus comedes ex ea cunctis diebus vitae tuae. Spinas et tribulos germinabit tibi... In sudore vultus tui vesceris pane. Gen. III, v. 17, 18 e 19.

Se a perguiça e a ociosidade é mãe e origem de todos os vicios, não o é menos da miseria. Se a condemna e pune inflexivelmente a religião, não menos a abomina, e anathematisa a sciencia, que dizem das riquezas.

E dest'arte eis ahi a religião e a economia, os interesses do ceu e os verdadeiros da terra, do presente e do porvir, em perfeita analogia; e esta testimunhando não menos a infinita sabedoria D'AQUELLE que trouxe aos homens a *boa nova* da mais elevada crença, e da mais pura e divina moral.

*

A CENTRALISAÇÃO ADMINISTRATIVA

Apesar do muito que se tem dicto e escripto ácêrca da centralisação administrativa, não admira que o assumpto se considere ainda mui distante de esgottar-se. Prende com todo o movimento social. Embaraça-o, enfraquece-o, arrisca-se a extinguil-o: dizem uns. Aviventa-o, dá-lhe impulso, disperta-o, e encaminha-o, no progresso: contestam outros!

Debatem-se as mais contrárias opiniões ora no campo da theoria, óra no da práctica. Aquelles partem dos principios, estes das conveniencias. Os primeiros põem a mira na só verdade, pura, extreme d'interesses.

Muitos dos segundos por ventura não são superiores ás influencias d'estes; porque é incontroverso, que o govêrno do Estado, quanto mais se ingere, ampliando a esphera de sua acção, e tomando a si regular, dispor, presidir e prevenir, tantas mais funcções tem de criar, empregos e ordenados que distribuir.

A questão por tanto continúa na ordem do dia, por toda a parte, e com especialidade 'num paiz qual o nosso, aonde a intervenção do govêrno parece querer attingir, por effeito do mau estado público, enormes proporções.

Como todas quantas se referem á ordem social, carece com effeito de se ponderar nos dois campos, mui distinctos, do que deva ser em *these*, e do que possa, e convenha, *em hypothese*.

I

Qual é a missão do govêrno politico?

Intelligencia para conhecer, e liberdade para obrar, tendo por estímulo a propria responsabilidade, e obtendo pelo bem o bem, e pelo mal o mal, eis certamente os dois maximos instrumentos, que Deus concedeu ao ente racional para conseguir a legítima satisfação de suas necessidades.

Pigmeu ante as fôrças colossaes da natureza; e gigante, quando associado, em união de fôrças, e *subordinação* de vontades; a qual não mata, antes aviventa a vera liberdade; porque do pleno arbitrio individual que resultaria senão a lucta, e o predominio da fôrça, a *licença* do mais forte?

Intelligencia, liberdade, associação — em cada uma esphera da humana actividade. E como a *segurança* é condição essencial do desinvolvimento da intelligencia, da realidade da liberdade, e da liberdade da associação, não para uns sós, mas para todos,— d'ahi a necessidade do ESTADO. É indispensavel que os homens estejam tambem unidos e associados, sob commum direcção, para obterem, e manterem a segurança interna e externa, contra os que a perturbarem, ou dentro dos limites e confins da nação; ou de fóra, attentando contra a sua autonomia.

Qual seja pois a propria missão do govêrno do Estado, ou da cidade, disse-o bem, segundo nos parece, o illustre Ventura de Raulica, resumindo-a em — *julgar e combater*.

Nem á religião, nem á educação, nem á cultura das letras, sciencias, e artes; nem á industria, nem ao commercio, se propõem a cidade, ou a associação politica, e por conseguinte o govêrno do Estado; mas sim á segurança, como condição para que os homens, por elle assegurados, possam espontaneamente, e em reciprocidade de serviços, proseguirem livre e conscienciosamente aquelles multipulos e vastos fins; que tantos e tão variados correspondem ás egualmente tantas, tamanhas, e tão diversas necessidades do homem, e da humanidade.

JULGA — o Estado os litigios, que perturbam a harmonia; e fixa, sentenciando, quaes de cada um cidadão os direitos, e dos outros as correlativas obrigações.

COMBATE — ou a anarchia, e a violencia, ou as injustas pertenções dos estranhos.

Para lhe attribuir outras funcções, não eventual e transitoriamente, mas ordinaria e permanentemente, é mistér descer os cidadãos da cathegoria d'homens *sui juris* á condição de pupillos, se não antes de pessoas a cousas; e querer que a intelligencia, a sciencia, o discernimento, em uma palavra, todas as qualidades indispensaveis para o homem dirigir seus interesses, se incarnem, por milagre, sôbre todos estupendo, nos felizes mortaes, que tomam assento nos maximos conselhos d'uma nação!

Se na verdade tamanha pertenção é absurda, não é menos certo, que a missão do govêrno, circumscripta a — julgar e combater — nada tem de diminuta e pouco elevada; salvo se a justiça, a policia, a gerencia dos rendimentos publicos, e os negocios da paz e da guerra, são objectos de pequena monta; o que ninguem ousará aventar.

Mas se são evidentemente importantissimos, maximos, e tanto que demandam superiores capacidades, estudos profundos, indefessa práctica de negocios, e superior elevação de pensamentos; quanto mais repugnante não é ao bom senso querer que os mesmos homens, quasi deuses, alcancem mais longe, aos negocios das Egrejas, das sciencias, das letras, das artes, da agricultura, da industria, e do commercio?!

A centralisação administrativa contrasta realmente a ideia, superiormente verdadeira, da diversidade das aptidões e vocações, limitação de fôrças individuaes, escassez de tempo para desinvolvel-as, e emfim da — divisão do trabalho, em tudo e por tudo; porque, em summa, por mais que o govêrno, attestando a insufficiencia propria, se circumde de — CONSELHOS, a decisão concentra-se de necessidade nos pouquissimos, em quem o exercicio da auctoridade effectivamente reside.

Predominou longissimo tempo o systema mercantil na parte economica; cercou de embaraços a actividade industrial e commercial, a pretexto de a animar e desinvolver; regulamentou, prohibiu, permittiu, premiou, desconfiando do influxo dos proprios interesses, e do podêr da concurrencia para estimular todo o trabalho honesto: e quando chegava ao apogeu, um grito de geral e unanime indignação, um conhecimento cabal e profundo dos terriveis resultados d'esta maxima intervenção, a voz da industria e do commercio, proclamada pelos sabios, e echoando d'um a outro mundo, derribou o colosso; e a actividade industrial, por infinitas maneiras, e variadissimos progressos, está justificando as vantagens da liberdade.

Por mais lisonjeiro que seja o governar em tudo e por tudo, o centralisar a universal direcção das artes, das manufacturas, dos officios, da mercancia e da navegação, todos os governos, liberaes e illiberaes, vão decepando continuadamente os ramos, que ainda restam, da arvore gigante.

O mesmo pensamento centralisador tão grato á paixão de dominar, e tão accommodado para isso, quando se estende aos limites da consciencia, ás relações do homem com Deus, no culto externo ao menos, manifestou-se egual-

mente no scisma do Oriente, e no protestantismo, assumindo por elles os governos dos Estados a supremacia religiosa, e junctando 'numa só mão as duas espadas, espiritual e temporal. Manifestou-se não menos na exaggeração do podêr civil, que chamaram—*circa sacra;*—nas pertenções *gallicanas*, que Fenelon por *liberdades* chamára *servidões*; — no *Josephismo* da Austria, imitado e seguido desde logo nos governos das nações catholicas; e ainda hoje (que contraste de ideias!) acremente sustentado por muitos contra a liberdade da Egreja!

Áparte as prevenções de partido, e os odios de religião, ou contra a religião; em boa fé, á luz da razão, que maior absurdo do que attribuir ao govêrno politico se não a direcção das consciencias, ao menos, nos actos do culto, e nos meios que os crentes entendam dever applicar para a sustentação exterior de suas Egrejas, uma ingerencia qualquer?!

Nas letras e sciencias o quanto de repugnante offereça o princípio centralisador, este jornal, mais d'uma vez, o tem tomado da bocca dos mais eminentes publicistas e economistas francezes.

Constituido pela centralisação administrativa o govêrno do Estado, em verdadeiro centro de todo o movimento não só político (como é mistér) mas até social; partindo d'elle só o movimento e a vida; chamado a prever, prevenir, regular tudo; obrigado a subministrar *panem et circences* (não ha exaggeração); quem extranhará que se levantem d'uma parte os mais extravagantes systemas socialistas e communistas; e da outra que o povo, na presença de qualquer crise, na impressão de qualquer fatalidade, ou na influencia de quaesquer paixões, se revolte contra o govêrno, porque não satisfaz ao que se obrigou?

O socialismo e o communismo não são senão umas das formas, as mais correctas, da centralisação. O individuo é nada, o govêrno social é tudo; absorve a sociedade, e distribue, como entre escravos, a obra e a recompensa, segundo o seu superior e infallivel arbitrio!

Descentralisae, escreveu o Padre Ventura, e os pretextos das revoluções, se não acabarem, diminuirão consideravelmente. «Todo o govêrno centralisado (disse elle), entendendo-se que faz tudo, é responsavel por tudo; e todas as faltas e injustiças, a que uma acção social immensa, exercida por uma só mão, necessariamente dá occasião, remontando ao govêrno, enfraquecem-no, desconsideram-no, e acabam pelo perder.

Todo o govêrno do Estado, centralisado 'num pequeno número de pessoas, e 'numa só cidade, sendo muito facil de derrubar, torna-se naturalmente o alvo de todos os tiros das revoluções; e eis ahi porque, em todos os paizes centralisados, o espirito da desordem votou a vida dos principes ao assasinio.»

Mais ao diante o insigne theologo e publicista argumenta com as diversas circumstancias da França e da Inglaterra. Acolá, uma revolução em Paris, a queda d'uma dynastia, o regicidio do chefe, muda a face politica de todo o Estado.

Concentrou-se allí a acção; é o foco do movimento. Quem d'elle se assenhoreia, domina promptamente o resto.

Não succederia o mesmo além do canal. A Inglaterra não é Londres, como a França é Paris.

O *laisser faire* dos physiocratas, applicado em toda a sua extensão, áquem do abuso, e dentro dos limites do respeito da personalidade e liberdade dos outros, é a expressão natural e exacta da descentralisação; a verdadeira e rigorosa da justa liberdade, que poucos Estados gozam, porque é incompativel com a interferencia do govêrno nos dominios da religião, das sciencias, das artes, e do commercio.

Todos sabem que, se um pae, por excesso de zêlo e carinho, não larga a mão do filho para que não cáia; não deixa mais ao longe, que caminhe só, porque póde ter maus encontros; não permitte que se afaste da casa paterna, ou da terra natal, sem que o mesmo pae o acompanhe, para que não se perca; todos sabem, que este exaggerado esmero d'educação produzirá tudo, menos — *um homem*.

Egual nos parece haverá de ser a sorte d'um povo, cujo govêrno, centralisando tudo, como que lhe haja dicto:— o Estado, a nação sou eu; eu o pae, o tutor, o experiente, o sabio: vós, crianças e pupillos, esperae, attendei, e obedecei.

Mas muitas vezes o homem criança quebra o jugo, que pretendem conservar-lhe além da infancia; e os desvarios são porporcionados á compressão, e á inexperiencia. Da mesma sorte, com dobrada intensidade, e seduzido por sonhos vãos, o povo, cujas necessidades e gostos o govêrno, *omnisabedor* e *omnidirector*, não póde satisfazer, ergue-se, e despedaça as peias, que o prendiam, ignorando, por fôrça do mesmo hábito de esperar e obedecer em tudo e por tudo, qual seja o recto uso de sua justa liberdade!

Por ventura, que, passando de decepção em decepção, só muito tarde, e por cima de muitas ruinas, possa chegar a per si mesmo com juizo governar-se.

É absurdo pretender que a familia absorva o individuo; o municipio a familia; e o Estado o municipio. Em caso algum o homem póde legalmente annullar-se em cousa; a familia com os seus fins privativos, naturaes, indispensaveis, e os meios adequados, eliminar-se inteiramente; e o municipio, destinado a promover, defender, e gerir os interesses locaes, e a animar, conservar, e desinvolver com relação a elles a actividade individual, fundir-se no grande todo, o Estado.

Mas a centralisação administrativa a nada menos tende que a absorver o municipio, a familia, e os individuos. Lucta o despotismo, aonde quer que póde erguer o collo, e ou seja *regio* ou *democratico*, por elle só dominar, sacrificando as franquias locaes, e especiaes. A *unidade*, com a centralisação, immola necessariamente a *liberdade*. No communismo, a quinta essencia da centralisação, desapparece até a familia; não ha senão a communidade!

E todavia os laços que prendem o homem á casa que o viu nascer, aos paes que o criaram, aos parentes que na infancia o cercáram de seus carinhos, prendem-no egual e firmemente á patria, em cujo seio existem ou existiram a casa, os paes, e os parentes.

O romano, ardente em amor da patria, concebia estes nobres sentimentos, mais fortes que o amor da propria vida, no seio da familia, sôb o rigoroso e apertado regimen d'aquelle patrio podêr, que se ufanava de ser sómente seu, — do direito dos *quirites*; e que fazia da sociedade domestica uma verdadeira pequena cidade, com seu imperio illimitado na extensão e duração, dentro da maior, a associação dos chefes d'ella, os *patresfamilias*, na republica.

Quaes serão por ventura, entre nós mesmos, os mais exemplares nesta sancta paixão das almas grandes, — os presentes com os laços familiares e paternaes infelizmente tão distendidos, e para muitos quasi nullos; ou aquelles antigos — barões assignalados —, que não deixaram que invejar aos Regulos, Curios, e Marcios!

Quanta vida recebe uma nação com a fôrça, vitalidade e realidade das instituições e *autonomia* municipaes, manifesta-o bem a historia da regeneração da Europa pelas communas; e das ligas das cidades, lombardas e anseaticas, na edade média.

Passam os imperios; succedem-se, uns a outros os vencedores; são estes os Atilas, e caminham por entre montões de cadaveres, incendios e ruinas; o povo vencido parece, durante seculos, inteiramente extincto; e todavia, d'entre as cinzas, como não acabára inteiramente, nas cidades, o elemento municipal, embora imperceptivel, eil-o que renasce; e logo após elle novas leis e costumes, — Estados novos!

Escusado será advertir que entre centralisação administrativa e centralisação *governativa* a distancia é immensa; e que tanto repugna aquella á verdadeira liberdade, individual e local, como lhe aproveita esta. Para julgar e combater, com egualdade por todos e para todos, e com presteza e regularidade, de modo que a paz, a ordem, e a segurança encontrem, em todos os pontos do Estado, constante e efficaz defensão, ciaro é ser mister que entre a acção e a deliberação não medeiem tropeços que a retardem e enfraqueçam; — e que a marcha da justiça seja uniforme e expedita.

Queremos tanta concentração da auctoridade que rege o Estado, nos negocios de sua esphera toda politica, como liberdade do individuo e do municipio no restante. *

Continúa.

SCIENCIAS PHYSICAS E MATHEMATICAS

HYGIENE PÚBLICA

A theoria da salubrificação dos pantanos pela vegetação.

Escreveramos ha pouco da vegetação nos pantanos.[1]

Em boa hora alvoresceu a luz da publicidade ao pobre do nosso artigo.

Hoje, que muita ideia ahi definha, e mesmo se perde, á mingua do calor da discussão, é para muito alvoroçar, que um jornal, redigido pelo mais distincto hygienista da Hespanha, nos tomasse o passo, pleiteando-nos o valor de uma theoria, que talvez por mui auctorisada nos seduzisse. E fel-o o nosso excellente collega com tal primor e cortezia, que não sabemos qual nos captivasse mais, se a obsequiosa polidez do escriptor, se as razões ponderosas do escripto.

Permitta-nos o illustrado articulista do *Monitor de la Salud*, que, envasando a nossa resposta em identicos moldes, offereçamos ao seu esclarecido juizo algumas considerações, que se nos antolham por menos duvidosas.

Tentando pôr em relêvo os fructuosissimos resultados da vegetação nos pantanos, fecháramos o nosso artigo inquirindo a causa d'esses phenomenos maravilhosos. Occorreu-nos então fallar da explicação mais geralmente seguida, a da absorpção, e cahindo-nos, acaso, debaixo dos olhos o artigo do *Monitor de la Salud* citamol-o com a attenção, que sempre nos mereceu tão considerado jornal. Pareceu-nos porém deficiente aquella explicação, e, atilando todas as que conheciamos no crisol do raciocinio, adoptámos após madura reflexão a theoria do Sr. Dr. Macedo Pinto.

Recordêmo-la em poucas palavras. Decomposto em presença da luz solar o acido carbonico do ar pelas partes verdes dos vegetaes, assimilam estes o carbonio, e lançam de si o

[1] Vid. pag. 57 d'este jornal.

oxygenio. Este, soltando-se no estado nascente do vasto tapete de verdura que cobre a superficie do pantano, transforma as substancias putridas nos seus ultimos productos d'oxidação, e, formando assim corpos estaveis, não podem evolar-se para a atmosphera nem gazes deleterios, nem productos fetidos.

Se a simplicidade d'uma doutrina basta a avultar-lhe os meritos, é todavia mister que o rigor dos principios e a justeza do raciocinio lhe venham a par, que d'outro modo não ha accender convicções em animos ainda os menos pechosos.

A singeleza d'esta theoria de si mesma se evidenceia, sua exactidão e consequencias demonstram-se mui facilmente á luz da chimica. E se os principios são rigorosos, e as deducções logicamente conduzidas, nem aquelles nos podem trahir na applicação, nem estas fallecer na práctica.

A chimica cria o seu objecto, disse com sobeja razão o illustre Berthelot. Ora vejamos, se as considerações do illustre articulista hespanhol, amoldadas ao nosso assumpto, desmentem a conceituosa frase do celebre chimico francez, falseando tambem a theoria que pregoámos.

«Nosotros conjeturamos, escreve o nosso distincto collega (e não nos tome elle a mal, começarmos a anályse do seu artigo não pelo princípio, mas pela parte que mais frisa com o nosso proposito, e que parece destinada a combater mui especialmente a theoria do Sr. Dr. Macedo Pinto) nosotros conjeturamos que *los miasmas se forman*, pero son absorvidos ó descompuestos por el girasol, etc, y nuestro colega opina que *los miasmas no llegan á formar-se*, porque se lo impide la oxigenacion rápida de los elementos de la fermentacion pútrida. — No nos convencen, empero, sus raciocinios, á pesar de que conocemos los trabajos de Morren, de Lewy y de Liebig, ni nos son desconocidos los de Hoffmann, Drapper, Schleiden, Vogel y Wittmer, de Boussingault y de J. Ville, referentes á la composicion del aire disuelto en las aguas, no menos que á la atmósfera misma que se halla en inmediato contacto con las que tienen en su seno una vegetacion muy activa, ó están cuajadas de los millares de millones de infusorios peculiares de las saladas. Tam poco ignoramos (y es cosa sabida de mucho antes que los referidos químicos nos anunciacen sus trabajos sobre el aire natural disuelto en las aguas) que, en circunstancias normales, el aire de las aguas contiene siempre un 12 por 100 mas de oxigeno que el de la atmósfera que nos rodea, contribuyendo esta mayor cantidad de oxigeno á que los peces, y demás animales que respiran por bránquias, puedan cómodamente ejercer su modo especial de hematosis. — Pero cabalmente el observar que los arrozales, las charcas y los pantanos, tienen una atmósfera tanto mas insalubre cuanto mas numerosa y activa es en su seno la vegetacion (que es decir cuanto mayor y mas enérgica funciona la accion purificante que admite nuestro colega), es lo que debe movernos á buscar la causa de la salubrificacion de que se trata en un órden de ideas distinto del que se admite por la generalidad, y á desechar por completo la accion oxidante que tan sencilla le parece al articulista del *Instituto* de Coimbra.

Formulando a opinião que lhe apraz defender, e apresentando em seguida as ideias que sustentámos, o nosso excellente collega recusa tenazmente acceital-as. Nem os nossos raciocinios, ajudados das experiencias de Morren, e de Liebïg, e de Lewy, nem o estudo de chimicos e botanicos mui illustres o poderam convencer, porque a observação lhe demonstrára que os arrozaes, charcos, e pantanos, apresentam uma atmosphera tanto mais insalubre, quanto mais farta e activa é sua vegetação, ou, o que vale o mesmo, quanto mais forte e energica funcciona a acção purificante, que admittimos.

Pedimos venia ao articulista hespanhol para não deixarmos passar sem commentos algumas das suas asserções.

Não contestâmos a prejudicialissima influencia dos arrozaes na saude pública, mas negâmos que esta influencia malefica se manifeste em todos os periodos da vegetação do arroz. Antes da efflorescencia da planta, quer dizer, em quanto a folha não empallidece, mas ainda mui verde decompõe o acido carbonico do ar, e golpha torrentes d'oxygenio para a atmosphera, os nocivissimos effeitos dos arrozaes mui pouco, ou nada avultam. Este facto, que um illustre Lente da Universidade de Coimbra tinha demonstrado a *priori* [2], é confirmado pelas observações de muitos agricultores, e attestado pelo testimunho insuspeito de distinctissimos medicos [3].

Nos charcos e pantanos, quando espesso tapiz de verdura se lhes desdobra por sôbre a superficie, tambem não ha vaticinar-lhes resultados perniciosos. Mais d'uma vez nol-o mostrou já a experiencia, assevera-o o mesmo *Monitor de la Salud* no seu artigo *el Girasol y las Tercianas*, pregoam-no os factos succedidos em Rochefort e no Observatorio de Washington, dil-o finalmente o consciencioso auctor da Medicina Administrativa e Legislativa no seguinte trecho « em poços de agua, cuja superficie estava coberta de lentilhas (*Lemma minor*, Linn.) parecendo um prado, notámos sempre agua cristallina sem mau cheiro: algumas vezes, porém, observámos que, no tempo das regas, quando os poços se esgottavam de todo, morria a maior parte dos vegetaes ; e quando de novo se represava a água

[2] Memoria sôbre a cultura do arroz em Portugal e suas conquistas, por Vicente Coelho de Seabra Silva Telles, Lisboa 1800.

[3] Relatorio sôbre a cultura do arroz em Portugal. Lisboa 1860.

por alguns dias, alterava-se na côr, e exhalava cheiro putrido: perdendo esta má qualidade, logo que a superficie da agua outra vez se cobria de vegetaes.

Talvez nos illudamos muito, mas cremos sinceramente que as razões antedictas resolvem todas as dúvidas sôbre a theoria que esposámos.

Segue depois o collega; «quien tal teoría acepte, condene desde luego la limpia de los canales de desagüe em los países encharcados ó pantanosos, y aconseje que las aguas de los mismos estén siempre tranquilas, en vez de mantenerlas en el mayor movimiento posible, porque de este modo se desarrolará en su seno una vegetacion mas apiñada, se desprenderán con ella mayores cantidades de oxígeno, y la salubridad quedará de cada dia mas firme e assegurada. Es el caso, empero, que la experiencia secular nos testifica que los países que se hallan en las condiciones que acabamos de suponer, son de los mas insalubres, y que solo se alivia de una manera cierta lo pestilencial de su atmósfera por medio de la *desecacion* y el *desagüe* de los mismos, ó sea destruyendo la antigua vegetacion acuática, y sustituyéndo-la por outra que necesita ó exige condiciones del todo diversas. Por esto, aún cuando estimemos en mucho los trabajos de dichos químicos, preferimos atenernos en esta parte al testimonio histórico de todos los tiempos y países. Y, para citar á nuestro colega un ejemplo de los mas palpables, le dirémos que en Holanda, cuya constitucion paludosa es general, solo se ha podido hacer mas salubre su clima por los inmensos trabajos de desecacion, verdaderos modelos en su classe; y que si los canales de desecacion que surcan el país en todas direcciones no están bien limpios y expeditos ó se retarda por incuria dicha limpieza, las numerosas tercianas que presto se desarrollan, recuerdan su deber, de una manera tristemente elocuente, al labrador ó arrendatario que por un momento ha podido olvidarlo. Estos son hechos, y su elocuencia no ha menester do nuestro humilde apoyo.

Cuidamos ainda que estas objecções não são tão válidas, como á primeira vista poderiam ostentar. Não condemnâmos a limpeza dos canaes de esgôto, nem aconselhâmos que se faça parar o movimento das aguas, que por elles deslisam, não só porque d'este modo não temos certeza, se 'nelles se desinvolvêra alguma vegetação, podendo haver formação de gazes que a não deixassem brotar, mas porque não sabemos se, a que houvesse de apparecer, exhalaria o oxygenio sufficiente, para que a oxidação rapida dos elementos da materia organica podesse ter logar.

Cremos pois, e muito, nos prestantissimos effeitos da dessecação e gaivagem dos terrenos, processos de cuja validade todos dão fé, e que tambem são mui considerados pelo auctor da theoria que defendemos, mas, ainda com esta auctoridade, e guiados pela nossa razão, não desaproveitâmos os optimos resultados da vegetação nos pantanos. E é para nós de muito folgar descobrir em o nosso mesmo adversario estas ideias quando, para tornar salutifera a atmosphera d'um logar, cita, além d'aquelles dois processos, o da substituição da antiga vegetação aquatica por outra, ainda que em condições diversas.

O illustrado articulista esquece depois, por um pouco, os trabalhos de mui celebrados chimicos, e abrindo a historia vem-nos com ella na mão a apontar a Hollanda como o mais solemne desmentido á nossa theoria.

Temos em muito a historia, quando á sua elaboração preside a critica e a philosophia; conhecemos um pouco a da Hollanda, mas não podêmos tirar d'ella argumentos contra a opinião que sustentâmos. Sabemos que o enxugo dos terrenos por meio dos innumeraveis canaes, que serpeiam em todo o paiz, tem melhorado muito as condições hygienicas d'aquelle reino, e que bastas vezes é mister desobstruil-os das immundicies que os pejam; mas d'aqui a concluir contra a nossa theoria vae muito. Os hollandezes adoptaram para o esgôtto da terra um processo que a theoria e a práctica aconselham como o mais seguro de todos, para rejeitar o que apresentâmos, taxando-o de inutil e até de prejudicial, devia o nosso respeitavel antagonista mostrar, que experimentado alli, e nas condicções exigidas, não produzira effeito algum salutar.

É por isso que não acceitâmos os factos trazidos pelo nosso distincto collega, porque acima da eloquencia d'elles, está para nós sua análise.

Até aqui o que prendia mais especialmente com a nossa theoria; agora o que diz melhor á opinião do nosso collega. Abrâmos pois esta parte com o principio do seu artigo.

«Nuestro artículo sobre el *Girasol y las Tercianas*, escreve o estimavel articulista, no tenia pretension alguna científica; se limitava á recomendar una especie de prática agricola, ventajosa y saludable, y por ende lo insertamos com toda intencion en nuestra seccion de Economia Rural.»

Acreditâmos a declaração do nosso erudito contendor, e affirmâmos-lhe tambem mui do coração, que se, no que escrevemos, houve alguma pretenção, foi a de divulgar entre portuguezes um processo que a muita barateza nos pareceu reunir incontestavel utilidade.

Continúa depois o articulista do *Monitor de la Salud*. «Por consiguiente, al decir de pasada que las plantaciones de sáuces, girasoles etc. eran útiles para destruir los miasmas palúdicos en cuanto estos parecian ser *absorbidos* por dichos vegetales, no hicimos mas que emplear una locucion metafórica ó indicar una liviana explicacion del fenómeno.—Lo que ante todo importa, es cerciorarnos de la verdad del hecho,

y por esto aconsejamos los ensayos, la repeticion de los experimentos, de las observaciones que se nos dan por decisivas. ¿ *Es cierto* que los terrenos pantanosos plantados de girasoles etc. salubrifican ó hacen inofensiva la atmosfera palúdica? — ¿ Darian igual resultado las plantaciones de otros vegetales? — ¿Se han hecho ensayos comparativos con unas y otras plantaciones? — ¿ Se han tomado en cuenta las diferencias geológicas é hidrográficas de las varias especies de pantanos?

«Determinados estos hechos con toda exactitud y precision, podrémos entrar entonces en el ancho campo de las explicaciones teóricas.»

Cremos ainda, e mui afincadamente, que o auctor do artigo, tentando explicar a destruição dos miasmas paludosos pela *absorpção* d'alguns vegetaes, usára apenas d'uma *locução metaphorica*, ou apresentara uma *leviana explicação* do phenomeno. Não combatemos tambem as ideias do articulista no que respeita ao muito ensaiar, e observar, julgâmos até que a sciencia muito lucraria na investigação minuciosa de todos os considerandos que o collega apresenta, mas persuadimo-nos que não errâmos, se, como fez o Sr. Dr. Macedo Pinto, levantarmos uma theoria sôbre factos, ainda que poucos, bem observados.

«Hasta ahora, diz o escriptor hespanhol, no poseemos nosotros mas hechos que los citados en la pag. 118 de este tomo del *Monitor* concernientes á Rochefort (Francia) y al Observatorio de Washington. Ambos hechos aparecen como decisivos, y en ambos casos fueran de *girasoles* las plantaciones preservadoras. ¿ Por qué de *girasoles*, e no de otros vegetales?.... Por que el girasol (conjeturamos nosotros) y otras plantas parecidas absorben mucha agua, evaporándola luego; — por que su vegetation está mas lozana (y por consiguiente absorben mas agua) precisamente en lá época en que mas miasmas se levantan de los pantanos, en que están ya agostadas e podridas las yerbas rastreras que los corrompen ; — por que, en fin, el resultado es que desaparecen los miasmas ya formados.»

Concedendo que haja só dois factos [4] a testemunharem o melhoramento hygienico dos pantanos por meio do girasol, não podêmos todavia concordar com o nosso illustre collega, que esse melhoramento se deva á virtude absorvente d'aquella planta, e só a ella. Se o girasol absorve muita agua, succederá que não só as materias fermentisciveis, que boiam na liquido, se conchegam, e accumulam, pela successiva diminuição d'este, favorecendo-se assim a putrefacção, mas ainda o calor, agente poderosissimo da fermentação, actuará mais directamente sôbre aquellas, determinando assim sua mui rapida decomposição.

É o nosso mesmo collega que o assevera escrevendo o seguinte: «porque sua vegetação está mais louçan (e por isso absorvem mais agua) precisamente na epocha em que mais miasmas se elevam dos pantanos.»

Assim, e ainda por outras razões, a theoria da absorpção não nos pode satisfazer de modo algum.

«Sin insistir demasiado en esta explicacion, tampoco podemos aceptar plenamente la que apadrina y encomia nuestro estimable colega lusitano.»

Isto dizia o nosso illustre antagonista antes de escrever os trechos, que em primeiro logar estampámos como visando mais certeiramente á nossa opinião. Depois os periodos que vão ler-se terminavam esses trechos, e fechavam o artigo.

«Ahora bien; cuando en semejante estado de cosas, se nos indica el cultivo de tal ó qual planta para depurar el ambiente paludoso, ¿qué hemos de hacer, sino recomendarlo? y si de paso se nos ocurre apuntar el modo de accion de las plantaciones referidas ¿ que podemos decir, sino que estas vienen á obrar por una especie de *absorcion* especial?»

Nós, sem podermos harmonisar bem esta insistencia por um absorpção especial com o que escreveu o nosso illustrado collega no periodo antecedente, e muito mais com o epitheto de locução methaphorica, ou explicação leviana, que assim lhe aprouve chamar á theoria da absorpção, ficâmos ainda convencidos da doutrina que expozemos, tendo-a pela mais philosophica de todas as que conhecemos para explicar a influencia da vegetação nos pantanos. A. DA C. VIEIRA DE MEIRELLES.

[4] Science pour tous — 3.º anno pag. 190.

CLINICA MEDICA

A purpura hemorrhagica curada pelo per-chlorureto de ferro

No dia 19 de novembro veio consultar-me Joanna R., rapariga de 19 annos d'edade, de temperamento sanguineo-lymphatico e de constituição regular. Pobre, mal alimentada, e habitando numa casa de soalho terreo, humida e muito fria; tem esta rapariga vivido em pessimas condições hygienicas. D'aquella edade nunca foi menstruada.

Cinco dias antes tinha começado o seu padecimento por uma cephalalgia forte, quebrantamento de todo o corpo, lagrimejamento, corysa, tosse, etc.

Mas, em a noite do dia 18 para o dia 19, a este cortejo symptomatologico accresceu um phenomeno, que, impressionando muito a doente, fez que esta se désse pressa em consultar-me.

Assim, chamando ella a minha attenção sôbre esse phenomeno, observei petechias, e manchas lividas, em toda a superficie cutanea; sendo innúmeras no thorax, nos antebraços e nas coxas. Poucas havia na face, nas mãos e

nos pés. As manchas, ou ecchymoses, eram de dimensões variadas; a maior occupava toda a superficie da palpebra superior do olho direito. Eram tambem para notar-se essas manchas na lingua, nas gengivas, etc. Havia epistaxis; e 'nesta occasião, em que a observava, o pulso era frequente (batia 107 pulsações por minuto) e duro; a lingua mostrava-se coberta d'um ligeiro induto esbranquiçado; havia leve cephalalgia, alguma tosse, corysa, etc.

Em presença do que observára, inclinei-me a que o padecimento fôsse — *a purpura hemorrhagica* —, mas esperei a confirmação do meu juizo. Puz-me em expectação, aconselhando simplesmente á doente que, recolhendo-se a casa, se mettesse na cama, e se agazalhasse, recommendando-lhe ao mesmo tempo uma dieta conveniente.

'Nesse mesmo dia, porém, romperam outras hemorrhagias; appareceu a hemorrhagia da bôcca, a hemoptyse, e enterorrhagia, sendo esta última a que mais avultou, por muito copiosa. Advirta-se que não appareceram hemorrhagias d'outros orgãos, afóra estes. Só tive informação d'este estado no dia 21 de manhan, em que o pae da rapariga, apavorado em virtude das copiosas e repetidas dejecções sanguineas, que se succederam durante a noite, veio dar-me conta do aconteido.

Fui observar, e convencido, então, do diagnostico que fizera, aproveitei a occasião de ensaiar o per-chlorureto de ferro

Prescrevi a fórmula seguinte:

Agua distillada	180 grammas
Solva	
Per-chlorureto liquido de ferro	6 decigram.
J.ª Xaxope commum	32 grammas

Mande para tomar uma colher de sôpa d'hora em hora.

Começou a administração do medicamento pelas cinco horas da tarde d'esse mesmo dia.

No dia seguinte (22) fui ver a doente; estava muito enfraquecida, o pulso muito depressivel batia 67 pulsações por minuto.

A epistaxis, e hemorrhagia buccal continuavam como d'antes. Mas até áquella hora não tinha voltado a hemoptise, nem as dejecções sanguineas, que no dia antecedente ainda haviam tido logar pouco antes de começar a administração do medicamento.

No dia 23, de sobrepensado, suspendi a sua applicação, mas continuando a epistaxis e hemorrhagia buccal, reappareceu, embora leve, a enterorrhagia.

No dia 24 prescrevi uma poção de per-chlorureto de ferro mais branda que a primeira (12 decigrammas d'aquelle medicamento solvidos em 740 grammas de liquido); em cujo uso esteve a doente desde esse dia até 27 inclusive.

No dia 25 já não havia hemorrhagias.

No dia 28 visitando a doente, tive a satisfação de ver que continuavam as melhoras obtidas. Ainda assim prescrevi o per-chlorureto de ferro na mesma dóze da primeira poção, para ser administrado durante o dia 29. Obrando assim, tive em mira não só consolidar a melhora que conseguíra, mas observar se a lentidão do pulso, que notei no dia 22, era devida antes ás hemorrhagias copiosas, e repetidas, dos dias antecedentes, que á acção sedante do per-chlorureto de ferro; pois que, a não ser 'nesse dia, sempre encontrei o pulso frequente e nunca baixando de 90 pulsações.

Visitei pois a doente quando já tinha acabado de tomar a poção (administrada dentro de 24 horas), mas não achei differença apreciavel na frequencia do pulso, d'onde conclui que a lentidão d'aquelle, que notei no dia 23, era antes devida ao collapso produzido pelas hemorrhagias dos dias antecedentes, que á acção sedante do medicamento empregado.

A doente, suspensas que foram as hemorrhagias, começou a melhorar progressivamente, como já disse, e desinvolveu-se 'nella grande appetite, que eu mandei (cautelosamente) satisfazer, indicando uma dieta restaurante. As petechias e ecchymoses da superficie cutanea foram desapparecendo lentamente, passando as segundas por uma côr rosada antes de se desvanecerem.

Assim no dia 5 de dezembro, em que vi a doente, muitas das petechias, e algumas das ecchymoses, tinham desapparecido, e já todas ellas (as ecchymoses) tinham perdido a côr lívida que se notava em principio. A grande ecchymose palpebral estava já muito desvanecida, e as pulsações exaggeradas das arterias temporaes (*batedouros*), de que tanto se queixára, já não a incommodavam. Hoje apenas se resente da fraqueza, de que ainda se não restabeleceu.

Ahi fica, pois, uma observação, relativa á *purpura hemorrhagica* vantajosa e simplesmente combatida pelo per-chlorureto de ferro dado internamente, que confirma as observações exhibidas com referencia á mesma molestia pelo Dr. Pize, e duas outras apresentadas, uma pelo Dr. Bourguignon, e outra por Leroy de Saint-Ybars [1].

Se consegui o resultado que os tres distinctos medicos obtiveram no tratamento de tal molestia, não pude, como elles, observar a acção sedante do per-chlorureto de ferro sôbre o orgão central da circulação. Advirta-se porém, que usei do medicamento em dóse muito menor, o que explicará talvez a divergencia nos resultados.

JOSÉ MARIA AVELINO D'AMORIM.

8 de Dezembro de 1861.

[1] Veja-se o relatorio, lido por Devergie perante a Academia Real de Medicina na sessão de 22 de maio de 1860, sôbre o emprêgo do per-chlorureto de ferro no tratamento da purpura hemorrhagica, que foi traduzido da *Revue therapeuthique* e inserto na Gazeta Medica do Porto — n.º 6 — Julho de 1860.

OBSERVAÇÃO DO COMETA

Pelo 1.º astronomo do observatorio da universidade de Coimbra

1.º No dia 2 de julho de 1861 tomei com o equatorial algumas coordenadas absolutas do cometa, e algumas differenças relativas a uma estrella de comparação; e tambem o observei com o circular meridiano na passagem inferior. No dia 3 mal o pude observar; e no dia 4 foi impossivel a observação por estar o ceu encoberto. Nos dias seguintes, até 13, tomei as coordenadas absolutas com o equatorial, e nos dias 5, 7, 8, 9, 10 e 13 differenças relativas a estrellas de comparação.

Infelizmente, por serem pequenas as estrellas, apenas achei algumas nos catalogos da *British association* e de Piazzi, que ha na bibliotheca do observatorio; mas dou conta de todas as observações differenciaes, que poderão aproveitar onde se encontrarem catalogos abundantes das regiões boreaes, como devem ser os de Groombridge e de Argelander.

Merecem pouca confiança as coordenadas absolutas, por ser imperfeito o instrumento para a observação d'ellas; e por outras causas que não é para aqui expor; mas serviram-me para procurar as estrellas, e poderão servir ainda para o mesmo fim.

Depois dos primeiros dias já não pude ver bem o cometa, e ao mesmo tempo os fios do micrometro; sendo por isso necessario contentar-me com ver apenas soffrivelmente uma e outra d'estas especies de objectos. Assim mesmo o andamento das differenças tomadas para cada estrella deve inspirar alguma confiança 'nellas.

Contaram-se os tempos pelo chronometro, que tenho comparado com a pendula da casa do circular meridiano, e deduzi o estado d'esta das passagens de algumas estrellas, que nos dias 5, 7 e 9 tomaram o sr. director com o circular meridiano, e o segundo astronomo, o sr. Jacome Sarmento, com o instrumento de passagens.

2.º As coordenadas que se deduzem das observações absolutas feitas com o equatorial, e que podem servir para procurar nos catalogos as estrellas de comparação, são as seguintes:

	Tempo sideral	AR app.	DC app.
Dia 2.....	16 h. 51′	8 h. 30′,5	62° 12′,5
» 5.....	16 » 45	11 » 43 ,5	66 21 ,5
» 6.....	16 » 08	12 » 24 ,0	65 10 ,5
» 7.....	17 » 15	12 » 55 ,5	63 35 ,5
» 8.....	16 » 49	13 » 17 ,5	62 06 ,5
» 9.....	17 » 10	13 » 35 ,5	60 40 ,5
» 10.....	17 » 0	13 » 47 ,0	59 27 ,5
» 11.....	17 » 10	13 » 57 ,5	58 16 ,5
» 13.....	17 » 54	14 » 12 ,5	56 15 ,5

3.º A observação feita com o circular meridiano dá

Dia 2....	20 h. 41′ 37″	8 h. 41′ 37″	63° 5′ 50″

4.º As observações differenciaes são as seguintes:

	Tempo sideral	AR (⊶1) — AR (C)	DC (C) — DC (⊶1)	
Dia 2....	18 h. 4′ 9″,5	7′ 57″	+ 7′ 43′,0	Meio de duas observações
		AR (C) — AR (⊶2)	DC (C) — DC (⊶2)	
Dia 5....	16 h. 37′ 58″	6′ 41″	+ 4′ 0″,6	
		AR (C) — AR (⊶3)	DC (⊶3) — DC (C)	
Dia 7...,	16 h. 37′ 17″	10′ 32″	+12′ 12″,7	
		AR (⊶4) — AR (C)	DC (C) — DC (⊶4)	
Dia 7...	17 h. 29′ 13″,2	3′ 8″,8	+ 0′ 43″,7	Meio de tres observações
	17 h. 57′ 28″,3	3′ 39″,7	—1′ 42″,2	
		AR (⊶5) — AR (C)	DC (C) — DC (⊶5)	
Dia 7...	17 h. 29′ 23″,2	6′ 15″,7	+ 7′ 19″,3	Meio de quatro observações
	17 h. 57′ 28″,3	5′ 46″,8	4′ 52″,8	

		AR (C) — AR (☌6)	DC (☌6) — DC (C)	
Dia 8....	17 h. 4′ 59″,7	2″45″,2	+ 6′ 12″,0	Meio de duas observações
		AR (C) — AR (☌7)	DC (☌7) — DC (C)	
Dia 9...	16 h. 58′ 6″,7	11′ 15″,3	+ 1′ 30″,2	Meio de tres observações
	17 h. 39′ 19″	11′ 40″,0	4′ 31″,6	Meio de duas observações
		AR (C) — AR (☌8)	DC (C) — DC (☌8)	
Dia 9...	16 h. 58′ 6″,7	10′ 52″,2	— 0′ 4″,8	Meio de tres observações
	17 h. 39′ 19″	11′ 17″,0	3′ 5″,3	Meio de duas observações
		AR (C) — AR (☌9)	DC (C) — DC (☌9)	
Dia 10...	17 h. 15′ 28″,0	1′ 55″,1	+ 9′ 17″,3	Meio de seis observações
		AR (☌10) — AR (C)	DC (C) — DC (☌10)	
Dia 13....	17 h. 53′ 59″,	0′ 11″	+ 11′ 40″,4	Meio de tres observações

A estrella (☌1) parece ser a 2982 do catalogo da *British association*; a estrella (☌8) parece ser a 4510 do catalogo da *British association*; a estrella (☌9) parece ser a de Piazzi (13 h. 43′ 34″, 18); e a estrella (☌10) creio que é a de Piazzi (14 h. 11′ 11″, 51).

ELEMENTOS DA ORBITA

5. Para calcular os elementos da orbita aproveitei as observações dos dias 2, 9 e 13, das quaes se deduziram os seguintes resultados:

	D. h. m. s.	D. h. m. s.	D. h. m. s.
Tempos sid.	2 18 4 10,5	9 17 14 25	13 17 53 59
AR (C).....	128° 29′ 28″,5	203° 42′ 9″	213° 16′ 6″
DC (C)..... +	62 36 29 ,9	60 37 10 ,3	56 15 42 ,6
Long. geoc....	112 43 21 ,7	159 43 30 ,2	173 40 5 ,4
Lat. geoc..... +	42 9 25 ,6	61 23 12 ,1	62 8 44 ,8
Long. ☉.....	100 58 31 ,0	107 36 0 ,4	111 25 53 ,5
Log. R.....	0,0072309	0,0071779	0,0070915
Log. R′.....	9,9998288	9,9989796	9,9984900

Sendo R os raios vectores do sol correspondentes aos tempos, e R′ os correspondentes a ☉ + 90°.

A transformação das ascenções rectas e declinações do cometa em longitudes e latitudes, assim como os calculos seguintes, foram feitas por mim, e pelo sr. Jacome Sarmento, conferindo os resultados ao passo que os iamos achando.

Com estes dados, servindo-nos do methodo de Laplace, formámos as equações fundamentaes:

$$r^3 = 4{,}36032\,x^2 - 1{,}24835\,x + 1{,}03361;$$

$$y = 3{,}85098\,x - \frac{0{,}08617}{r^3} + 0{,}08200;$$

$$0 = \begin{cases} 4{,}36032\,y^2 + 47{,}69978\,x^2 + 18{,}39203\,x\,y \\ -1{,}54994\,y - 5{,}75074\,x - \frac{2}{r} + 0{,}96748. \end{cases}$$

(Mec. cel., tomo 1.°, n.° 37, e tomo 5.°, pag. 344)

E partindo d'ellas, achámos os elementos seguintes:

Passagem pelo perihelio	Junho 16^d, 677 t. m. C.^{a}
Dist. perihelia.....	0,8812
Long. ☊.....	279° 4′ 20″
Incl. da orbita.....	82° 41′
Long. perih. na orbita.....	258° 19′ 31″
Long. perih. na ecl.....	276° 18′ 13″

O tempo da passagem pelo nodo foi a 29d,264 de junho, e as distancias do cometa á terra nos dias junho 30, julho 2, 9 e 13 ás 10 h. da noite, foram.

0,111
0,129
0,244
0,386

A aproximação d'estes valores será sufficiente para attender á parallaxe do astro, quando se tiverem observações que possam exigir esse escrupulo, como me parece que acontecerá, se nos catalogos apparecerem as estrellas de comparação, ou quando puderem observar-se. A comparação d'estes elementos com os dados pelas observações do Rio de Janeiro, de París, de Londres e de Lisboa, mostra seguramente que este cometa não é o de Carlos V, que appareceu em 1264 e 1556. Mas não tenho razões que me auctorisem a decidir se é novo, ou se é o de 1684, apesar da differença de 17.° ou18.° na inclinação. — *Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.*

PHYSICA MATHEMATICA

Encarregados em 15 de outubro de 1861, vespera da abertura das aulas da Universidade, de reger, no presente anno lectivo, a 8.ª cadeira da faculdade de mathematica, tivemos de seguir, quanto nos foi possivel, o programma elaborado pela congregação respectiva, e alterado em parte pelo conselho geral de instrucção pública.

«*Equilibrio e movimento das varas elasticas; Acustica; Mechanica applicada*» tal era o indice resumidissimo das materias, que a faculdade entendêra se deviam explicar aos alumnos, quando o conselho geral de instrucção pública determinou o ensino da Physica mathematica.

Entre esta determinação, e a proposta universitaria, ha um ponto commum; qual é o ensino da Acustica, e do equilibrio e movimento dos corpos flexiveis, que por si constituem um dos ramos da Physica mathematica. Em quanto pois a faculdade apresentava na instancia superior algumas dúvidas, que obstavam ao cumprimento das ordens que lhe foram transmittidas, começámos o ensino das materias, cuja profissão ambos os conselhos entenderam da maxima utilidade. Abrimos assim a cadeira com a explicação do problema das cordas vibrantes, visto haver-se já dado, com o desinvolvimento necessario, no anno lectivo passado, na aula de Mechanica applicada, tudo que dizia respeito ao equilibrio dos corpos flexiveis. Seguimos para texto das lições a segunda edição de París do Tractado de Mechanica de S. D. Poisson.

Mas quem houver lido esta doutrina, conhece bem a impossibilidade de a explicar, sem os previos conhecimentos do cálculo mais transcendente. Tivemos pois ainda, para nos desempenhar da missão incumbida, de fazer algumas lições de analyse, indispensaveis para alumnos, que poucas ou nenhumas noções possuiam dos trabalhos sôbre integraes definidos, que os mais abalisados geometras emprehenderam, e que até ha pouco andavam fóra do quadro dos elementos de mathematica, não havendo nunca por isso constituido parte do curso da Universidade.

Para este fim consultámos algumas memorias, especialmente as das Academias de França, Turim e Berlim, o jornal da Eschola Polytechnica de Paris, e o de Mr. Liouville; os tractados de Cálculo differencial e integral, de Lacroix, Cournot, Duhamel, e Timmermans; e a Theoria das funcções ellipticas de Verhulst.

É o resultado d'esse nósso estudo, mais do que trabalho de invenção propria, o que hoje vimos reunir nas columnas do *Instituto*; julgando que faremos algum serviço aos cursos da faculdade de mathematica, transportando para aqui tudo que se acha disperso por tantos livros, alguns dos quaes é muito difficil aos alumnos de obter, e impossivel sempre de consultar com proveito, na vespera das aulas.

Se o ensino das mathematicas puras continuar em tres annos, como actualmente, esta doutrina terá de ser explicada na 3.ª cadeira, completando aquelle ensino, e servindo de subsidio indispensavel para o estudo da Physica mathematica. Se o governo entender pelo contrário, que bastam para isso dois annos, necessariamente o curso da 8.ª cadeira terá de começar por esta introducção de anályse, á similhança do que practica Mr. Lamé, professor de Physica mathematica na faculdade de sciencias em Paris.

E em qualquer das duas hypotheses, a falta de um compendio adequado justifica este nosso

trabalho, que ao menos servirá de guia aos estudantes, e de incentivo a penna mais habil, que suppra os nossos muitos defeitos. Só aspirâmos á gloria de contribuir com as nossas limitadas fôrças, para o progresso da eschola a que devemos o que somos. Acceite-se-nos a boa intenção, e relevem-se-nos os erros involuntarios.

A. J. TEIXEIRA.

Coimbra, 31 de Dezembro de 1861.

I

Integraes definidos.

Em tudo que vamos dizer, suppomos o leitor habilitado com os conhecimentos, que resultam do *Curso completo de Mathematicas Puras* de Francoeur, ultima edição de Coimbra, traduzido e accrescentado pelos nossos excellentes mestres e amigos, os srs. Francisco de Castro Freire, e Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto. Áquelle livro, por ser actualmente o compendio, adoptado na faculdade, para o ensino dos tres primeiros annos, referiremos as citações que nos for indispensavel fazer.

1. Supponhamos $dy = fx\,dx$; e por consequencia $y = \int fx\,dx$. Effeituemos a integração indicada, e seja $Fx + C = \int fx\,dx$. Teremos

$$y = \int fx\,dx = Fx + C \quad \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (1)$$

A expressão (1) representa o *integral completo* de $dy = fx\,dx$; e podemos construil-o por meio d'uma curva, que resulte dos valores arbitrarios, que dêmos á variavel *independente* x, combinados com os correspondentes determinados da variavel *dependente* y. Este modo de representar o integral dá facilmente a demonstração, de que toda e qualquer funcção *derivada* fx, tem uma *primitiva* Fx, d'onde *analyticamente* resulta. (F. P. IV. n.os 1, 2.)

Nada até aqui introduzimos, relativamente ao ponto d'onde contâmos os arcos da curva, logar geometrico de (1): mas podêmos convencionar que esses arcos principiam com o valor $x = a$, e com o correspondente $y = b$: ou antes, com os valores $x = x_0$, $y = o$; dando com esta notação a entender, que a curva corta o eixo dos x, quando a abscissa toma aquelle valor, que aniquilla $Fx + C$.

Estes valores postos em (1) dão

$$b = Fa + C \qquad \text{ou}$$

$$o = Fx_0 + C$$

e eliminam a constante arbitrária C.

Temos pois assim

$$\left.\begin{aligned} y - b = Fx - Fa &= \int_a^x fx\,dx \\ \text{ou} \qquad y = Fx - Fx_0 &= \int_{x_0}^x fx\,dx \end{aligned}\right\} \quad \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (2)$$

A expressão (2) que apenas tem marcado o limite inferior a, ou x_0, deixando variavel o superior x, chama-se *integral indefinido*, para o distinguir da expressão mais geral (1), a que chamámos *integral completo ou geral*.

Se porém fixassemos o segundo limite, tomando o integral desde $x = a$, até $x = a'$, teriamos

$$b = Fa + C,\ b' = Fa' + C$$

E como cada uma d'estas expressões representa, [equação (2)], o integral *indefinido*, desde um ponto indeterminado até ao correspondente ás abscissas $x = a$, $x = a'$, a differença $(Fa' + C) - (Fa + C) = Fa' - Fa$ representará o integral tomado entre os limites a, e a', e será

$$b' - b = Fa' - Fa = \int_a^{a'} fx\,dx \quad \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (4)$$

A expressão (4), que tem assim fixos os dois limites, chama-se por contraposição *integral definido*.

2. Considerámos na expressão (1), $Fx+C$, como representando ordenadas d'uma curva traçada num plano; mas podiamos tambem considerar o integral $\int f x\,dx$, como representando um arco de curva, ou ainda uma area. Sabemos com effeito (F. P. IV. n.os 94 e 200) que seria $ds=\sqrt{1+\left(\frac{dy}{dx}\right)^2}\,.\,dx$; $\int z\,dx=P+C$, e da mesma maneira se veria, que, sendo para ambas estas expressões, $\int=o$, quando $x=a$, por exemplo, teriamos para o arco ou para a area *indefinidos*, a contar até este ponto

$$o=Fa+C;\ o=A+C;\ \text{e por consequencia}$$

$$s=Fx-Fa;\ t=P-A$$

Considerando o outro limite

$$s=Fa'+C;\ t=B+C$$

seria ainda, para o arco e area *limitados*

$$s=Fa'-Fa;\ t=B-A.$$

3. Em o n.º 156 da P. IV de F. viu-se o que significava analyticamente o integral completo ou geral, definindo-se *a funcção, que, differenciada, reproduz a expressão debaixo do signal* $\int$: mas attendendo a que o *integral definido* vem expresso a final por uma quantidade constante, a qual não é depois de achada susceptivel de derivar-se, não se lhe póde applicar tal definição; e por isso em o n.º 202 de F. se tractou de o considerar *como somma de elementos differenciaes*. Explanemos o que lá se disse.

Supponhamos que x augmentou da quantidade h. Dividamos esta quantidade em um numero n de partes eguaes, cada uma representada por i. Teremos para exprimir os successivos augmentos de fx

$$f(x+i),\ f(x+2i),\ f(x+3i),\ \ldots\ldots f(x+ni)=f(x+h)$$

e chamando $\frac{\triangle\int_{k=o}^{k=n-1}(x+ki)}{\triangle x}$, as relações d'esses augmentos successivos para o da variavel x, será

$$\frac{f(x+i)-fx}{i}=\frac{\triangle fx}{\triangle x}$$

$$\frac{f[(x+i)+i]-f(x+i)}{i}=\frac{\triangle f(x+i)}{\triangle x}$$

$$\frac{f[(x+2i)+i]-f(x+2i)}{i}=\frac{\triangle f(x+2i)}{\triangle x}$$

$$\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots$$

$$\frac{f[(x+(n-1)i)+i]-f(x+(n-1)i)}{i}=\frac{\triangle f(x+(n-1)i)}{\triangle x}$$

Sommando estas n equações, resulta, attendendo á hypothese $h=ni$

$$\frac{f(x+h)-fx}{h}=\frac{1}{n}\left[\frac{\triangle fx}{\triangle x}+\frac{\triangle f(x+i)}{\triangle x}+\ldots+\frac{\triangle f(x+(n-1)i)}{\triangle x}\right]\ldots\ldots(5)$$

Ora á medida que n augmentar, ficando sempre h uma grandeza finita dada, vae decrescendo a quantidade i; mas sempre o 2.° membro de (5) representa a *média arithmetica* dos n valores, pelos quaes passa $\frac{\triangle fx}{\triangle x}$ em quanto x passa do valor x ao valor $x+h$, por augmentos successivos eguaes, i ou $\frac{h}{n}$. E quando i tocar o limite em diminuição, os differentes termos de $\frac{\triangle f(x+ki)_o^{n-1}}{\triangle x}$ serão os valores successivos, por que passa a funcção derivada de fx, em quanto a variavel cresce continuamente desde x até $x+h$. Chamando pois $f'x$ á derivada de fx no limite do decrescimento de i, teremos

$$\frac{f(x+h)-fx}{h}=\frac{1}{n}[f'x+f'(x+i)+f'(x+2i)+\ldots\ldots+f'(x+(n-1)i)]\ldots\ldots \quad (6)$$

ou antes, attendendo a ser no limite, $n-1=n$; e á hypothese $ni=h$,

$$\frac{f(x+h)-fx}{h}=\frac{1}{n}[f'x+f'(x+i)+f'(x+2i)+\ldots\ldots+f'(x+h)]\ldots\ldots\ldots\ldots \quad (6')$$

ou ainda, fazendo $i=dx$, d'onde $n=\frac{h}{dx}$

$$f(x+h)-fx=[f'x+f'(x+dx)+f'(x+2dx)+\ldots\ldots+f'(x+h)]\,dx\ldots\ldots \quad (6'')$$

Como o 1.° membro de (5) e (6) é uma funcção de x, e não é infinito, salvo quando fx o for, tambem os 2.os membros devem ser uma funcção de x, que se não torne infinita; isto é, as differentes derivadas de fx, $f(x+i)\ldots\ldots$ devem mudar com a variação de x, para não ficarem todas constantes ou infinitas, e por consequencia tambem a média arithmetica representada naquelles 2.os membros.

Portanto terão logar as equações (5) e (6) a menos que fx e $f'x$ não sejam infinitas; ou que a funcção $f'x$ não seja constante, como por exemplo, em $y=ax+b$, cuja derivada é $y'=a$, quantidade constante.

Devemos ainda advertir (F. P. IV, n.° 6) que esta demonstração suppõe *que são reaes*, além *de finitos*, os valores de fx e $f'x$, ou que *ficam continuos* entre os dois limites x, e $x+h$; porque nenhum sentido têm augmentos de funcções, ou médias de valores d'ellas, quando essas funcções se tornam imaginárias ou infinitas. Mas, como é sabido, basta não assignar a x valor algum particular, para *se suppor* preenchida a condição da *continuidade*.

Com estas restricções, chamando h', h'' os valores do augmento h que dão para $f'(x+h)$ o maior e menor dos valores, por que ella passa, em quanto h cresce desde o até h, é evidente que a média da derivada estará comprehendida entre $f'(x+h')$ e $f'(x+h'')$. Ora em virtude da supposta continuidade da funcção, em quanto h cresce desde h' até h'', a funcção $f'(x+h)$ deve passar por todos os valores comprehendidos entre $f'(x+h')$ e $f'(x+h'')$: haverá por tanto um valor de h comprehendido entre h' e h'', e por consequencia entre o, e h, que torne $f'(x+h)$ egual a esta *média*; isto é, chamando θ um certo coefficiente, comprehendido entre o e h, teremos

$$\frac{f(x+h)-fx}{h}=f'(x+\theta h).$$

Por quanto θ é desconhecido, esta equação não nos diz o valor exacto da relação $\frac{f(x+h)-fx}{h}$; mas dá-nos a conhecer limites, entre os quaes ella se acha comprehendida. E como (F. P. IV, n.° 1, fig. 1) a derivada $f'(x+\theta h)$ é representada pela tangente á curva respectiva, e tg. $M'MQ=\frac{f(x+h)-fx}{h}$: se por um ponto da curva entre M e M', supposta *contínua* neste intervallo, se imaginar tirada uma tangente, parallela á secante MM', variando tambem *continuamente* a sua inclinação sôbre o eixo dos x, é claro, em virtude da equação deduzida, que essa tangente, correspondendo á abscissa $x+\theta h$, representará $f'(x+\theta h)$.

Da egualdade achada tira-se

$$f(x+h)=fx+hf'(x+\theta h) \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots (7)$$

4. A equação (7), a que ora acabâmos de chegar, mostra analyticamente que sempre existe a funcção *primitiva*, que produziu uma *derivada*. Com effeito, fazendo alli $h=-x$, resulta, chamando θ' a quantidade $1-\theta$.

$$fx=f(o)+xf'(\theta' x) \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots (8)$$

o que mostra que para formar a funcção *primitiva* fx, é preciso multiplicar por x a *derivada* $f'x$, depois de 'nella ter mudado x em $\theta' x$, e junctar ao resultado $f(o)$, que é o valor de fx, correspondente a $x=o$, isto é, uma constante indeterminada. E ainda que por ignorarmos a fórma de θ', (8) não serve para achar a funcção primitiva fx, comtudo mostra d'este modo a sua existencia.

5. A equação ($6''$), pondo por x, a, e por $x+h$, b, dá immediatamente

$$fb-fa=[f'a+f'(a+dx)+f'(a+2\,dx)+\ldots+f'b]\,dx \ldots\ldots (9)$$

E em virtude do que temos dicto ácêrca da significação d'este segundo membro, e por ser o primeiro o integral *definido*, tomado desde a até b, resulta, *que um integral definido representa a somma dos valores, pelos quaes passa a differencial, quando a variavel cresce continuamente entre os dois limites do integral.*

Suppondo que n representa o número dos augmentos eguaes a dx contidos em $b-a$; é $b-a=n\,dx$, e (9) póde escrever-se

$$\int_a^b f'x\,dx=(b-a)\left[\frac{f'a+f'(a+dx)+\ldots\ldots+f'b}{n}\right] \ldots\ldots\ldots (9')$$

o que nos diz, *que um integral definido representa tambem o producto da differença $b-a$ dos valores extremos da variavel, pela media arithmetica dos valores por que passa $f'x$.* E como $f'x$ é por hypothese contínua entre a e b, essa média arithmetica corresponde a um certo valor de x intermedio entre a e b, isto é a, $a+\theta(b-a)$, sendo $\theta>o$, e <1; e temos assim, como egualmente se deduz da equação (7),

$$\int_a^b f'x\,dx=(b-a)f'[a+\theta(b-a)] \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots (a)$$

A equação (9) dá $\int_a^b f'x\,dx=fb-fa$

do mesmo modo $\int_b^a f'x\,dx=fa-fb$

e por consequencia $\int_a^b f'x\,dx=-\int_b^a f'x\,dx \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots (b)$

(Como F. P. IV, n.° 200)

A equação (9) mostra tambem, que se dividirmos o intervallo $b-a$, comprehendido entre os limites do integral definido, em quantas partes quizermos, $\varepsilon, \varepsilon', \varepsilon''\ldots\ldots\varepsilon^n$, teremos, visto ser o integral a somma dos elementos differenciaes, entre os limites a e b

$$\int_a^b f'x\,dx=\int_a^{a+\varepsilon} f'x\,dx+\int_{a+\varepsilon}^{a+\varepsilon+\varepsilon'} f'x\,dx+\int_{a+\varepsilon+\varepsilon'}^{a+\varepsilon+\varepsilon'+\varepsilon''} f'x\,dx+\ldots+\int_{a+\varepsilon+\varepsilon'+\varepsilon''+\ldots\varepsilon^n}^{b} f'x\,dx \ldots (c)$$

Continúa.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

ESBOÇOS CRITICOS

SENSITIVAS

POR

Augusto Sarmento

Ha pouco mais de um anno escreviamos 'neste jornal sôbre um livro de poesias dos Srs. J. A. Sanches da Gama e Augusto Sarmento, livro ainda nos prelos; hoje remataremos o nosso juizo quando a edição já se encontra completamente esgotada, facto que por si diz mais do que quantos encomios se podessem tecer-lhe.

Fallaramos da primeira parte; citámos apenas a segunda. E muito de proposito o fizemos, porque não se podia dizer a verdade inteira ao poeta das SENSITIVAS sem risco de lhe offender a modestia, bem significada no nome que escolheu e applicou á sua pequenina collecção, e que candida e ingenuamente lhe transluz nos proprios versos:

Minha lyra como essa humilde planta
Dá flores cujo aroma não captiva,
Nem orna o prado, nem a sala encanta.

E flores são os versos, mas flores que formam o prologo de um futuro auspicioso. Por aquellas páginas encontrâmos ora um estylo terso e polido, ora um trovar singelo e gracioso; aqui opulencia de imagens, alli nobreza de pensamentos, e em tudo eloquencia e naturalidade. E são sómente flores . . . fragrantes e recendentes do verdadeiro aroma poetico, da poesia da inspiração, mas porisso mesmo ensaio apenas. Colhidas ao acaso no jardim da vida, ao alvorecer da juventude, resentem-se do viço, impregnam-se do perfume que espira aquella pureza da primeira mocidade. Com este formoso merito o ramalhete está de maneira composto e ordenado, combinados os matizes, travados os sentimentos, que quasi não desligariamos uma sem offensa das outras flores.

Vimos compol-o. Era na primavera e em maio, aquelle maio que é o bemquisto dos poetas, o predilecto do sol que para melhor o gozar arrasta vagaroso o seu curso diurno para volver ligeiro a visital-o de novo. Amorosos os dias, tepidas as noites, o bafo perfumado do mez roçou pela face de Coimbra, ora estivo e creador, ora desatado em beneficos chuveiros. Tapetaram-se os campos, florejaram-se os comoros e as sebes, e maio legou ao junho flores e esperanças, para que, convertendo as primeiras em fructos, tornasse as segundas deliciosa realidade. Imitando-o, o moço poeta, no maio de seus dias, atarefava-se diligente, colligindo e entrelaçando esta grinalda das suas primicias; mondando aqui, retocando acolá, aperfeiçoando sempre. A sua primavera lega egualmente ao futuro estio esperançosos germes que se desabotoarão em fructos de seguro aproveitamento.

Não houve corda na lyra em que não ferisse todas as affeições juvenis; e, ainda que as sobrelevam a melancholia e a saudade, nenhuma perdeu logar distincto, nem deixou de lhe merecer um hymno.

O amor, sobretudo, ressumbra-lhe, fino e intenso, de cada estrophe, traduzido em louçanias de linguagem com o colorido e vigor que lhe inspirava a ardente phantasia. Não o expressou de certo como lhe trasbordava do coração; que para a fôrça do sentimento a fórma, inda que se ostente brilhante, será sempre pallido e acanhado esbôço, similhando, quando muito, a imagem do choupo que se espelha imperfeita no crystal do rio. É como a lua o papel que reflecte para os outros uma luz glacial do sol esplendido do nosso espirito. Teve comtudo, inda assim, condigna moldura tão mimoso affecto.

É para nós uma das mais notaveis composições lyricas que conhecemos a segunda da collecção; copiâmos ao acaso:

. . . . . .

Eu era a fragil planta sem arrimo,
Que para o chão pendeu;
Em teus braços achei um doce abrigo:
Tu foste para mim o roble amigo,
Que m'ergueu para o ceu!

. . . . . .

Eu era o alaude abandonado,
Que vibrou tua mão:
Das paixões sossobrava na voragem,
Fizeste-me ter fé e ter coragem,
E achei a salvação!

Sem ti meus tristes dias correriam
Como as ondas no mar
Batidas do tufão pela aza escura;
Mas a praia era a fria sepultura
Ao cabo a negrejar. . .

O que era eu sem ti? — o que era o dia
Sem os raios do sol?
O que era a primavera sem verdores?
Sem estrellas o ceu? — sem brilho as flores?
Manhan sem arrebol?

O que era eu sem ti? — o que era a vida,
Se é vida esse viver,
Sem consciencia ter de que se existe?
Passar da noite ao dia inda mais triste
Sem gôzo e sem prazer?

E comtigo que sou? — Elo partido,
Que ao grilhão se junctou;
Espinho unido á rosa a que o roubaram;
Sêcca folha que os ventos disputaram,
E o tronco resguardou.

. . . . . .

Aquellas noites é tambem uma poesia mimosa e que respira em cada verso os mais doces sentimentos; póde considerar-se como complemento da que notámos primeiro. Selectâmos o final.

Bello foi esse tempo! mas ligado
Á veloz roda da inconstancia eterna,
. . . . . .
Passou, — como o rumor vago das ondas
Que se desfazem 'num lençol d'espuma,
Como desapparece a espessa bruma,
Quando o sol tinge o ceu d'ouro e carmim.

Passou... mas a lembrança d'esse tempo
Gravada me está 'nalma. É a saudade,
Mystica flor que o sol da f'licidade
Faz rebentar no triste occaso seu:
Do passado só vive entre as ruinas
Qual verme no cadaver sempre inerte,
Medra no pranto que nossa alma verte,
Chorando os bens do nosso extincto ceu:

. . . . . .

A luz que me guiava, amortecida
Nas trevas s'escondeu — ai! quem me dera
Vel-a inda uma só vez... então viera
De novo a fé minha alma illuminar...
Mas se baldados têm de ser meus votos,
Se nunca acharão fim as minhas dores,
Lembre-te o que da vida entre os rigores
Não cessará jamais de te adorar!

É poderoso e irresistivel o sorriso da mulher, e feliz a que, percorrendo estas estrophes, podesse dizer a sós comsigo: «Estes versos, de vivido e extremoso affecto, foram creados por mim; se eu não fôsse, elles não viveriam; e assim como Deus mandou á luz que se fizesse, e brilhou a luz; eu mandei ao genio que se elevasse, e elle revoou pelo ceu infinito dos meus encantos, e adornou-me a fronte de flores, bafejadas e aquecidas no meu proprio seio.» A donzella, a quem elle 'noutra parte diz:

E como a flor abre o calix
Da brisa ás meigas caricias,
D'amor ás ternas delicias
Abrirás o seio teu;
E esse amor puro, innocente,
Amor d'um peito inda virgem,
Como em rapida vertigem,
Te dará na terra o ceu!...

tem 'neste livro a sua historia e o seu elogio. Nunca a apologia da mulher foi por ventura escripta com tão vigorosa consciencia e mimo de sentimento: são as páginas de todos os vinte annos, é verdade; mas nem todos os Raphaeis têm Lamartines. Não ha moço a quem se lhe não arroube a alma 'nestes extasis de profundo scismar, 'nestas dulcissimas sensações da vida; mas só é dado ao genio exprimil-as, e cantal-as ao poeta. Ao pôr o pé no primeiro degrau da escada das paixões, quando inda nem desponta a sombra de um dissabor, nem quasi occorre um pensamento triste, as impressões amorosas passam para o homem como aragens balsamicas de primavera. Virá depois o futuro enthesoural-as, e pôr-lhes a data a saudade. 'Neste sentido as SENSITIVAS serão ainda um marco de recordações para o seu auctor.

O seguinte apologo, que faria honra a Lachambeaudie, é excellente pela originalidade do pensamento e belleza da forma, e põe um digno remate a todas as canções em que a mulher foi a musa e intérprete o coração.

Na encosta d'uma serra árida e nua,
Esteril como a rocha em que assentava,
Um sabio admirava
Copado bosque de florída coma,
Da amethista e da neve a côr mesclando,
Confórme assoma
Ou já a nivea accacia, ou já purpurea olaia.

Alli requebros mil trinam as aves
Em canticos suaves
D'amor e de ventura;
Alli a brisa é pura,
Pura a noite e sem fogos o sol raia.

A causa do contraste da opulencia
Com a geral mudez
Foi para o sabio infructuoso estudo;
Até que d'uma vez
Por futil o deixou.

Qual serpente enroscada que entre rosas
Ao somno se entregou,
Escondido regato fecundava
Esse escabroso chão,
E as gotas d'agua que no solo entravam
Á superficie em flores rebentavam.

Essa encosta da serra arida e nua
É imagem da vida que fecundam
Os occultos desvelos e a ternura
Da mulher que nos ama.

. . . . . .

Depois do amor a amizade. O distincto sentimento das almas nobres, o escudo com que paramos os golpes da adversidade, o cajado seguro a que abordoâmos a nossa fraqueza e insulamento, não esqueceu na collecção; nas

aras da poesia lhe queimou grãos do mais puro e odorifero incenso. Como são formosas estas estancias escriptas no album de um amigo!...

.....

Não sei porque precisas d'uma página,
Em que esteja meu nome, p'ra algum dia
Te lembrares de mim:
Carece pois de estímulo nossa alma
Para se recordar de quem presava?
Eu não o julgo assim.

Comparo o album ao suberbo tumulo,
Cuja inscripção se faz para o estranho,
Que a lê por distracção:
Aos parentes e amigos do finado
Para que serve o rico monumento?
Basta-lhe o coração.

.....

Á mesma morte coube um dos seus mais energicos cantos. O poeta víra a belleza, passando por entre os folguedos da vida, pender de repente ao sôpro lethal; e sôbre a sepultura lhe esfolhou flores mais viçosas e constantes do que a infeliz que morrêra. Na vespera entrevira-a no bulicio do mundo rainha das festas; e ao novo sol, se escavasse dois ou tres torrões, mirava-lhe os restos! É admiravel esta elegia que aqui transladâmos.

Pallida e fria como a estatua funebre
Que se debruça na final jazida,
Cerradas suas desbotadas palpebras,
Curvado o collo como a flor pendida:

Involto o corpo em funeraria tunica,
Que em sua alvura a candidez revela;
Mudos agora seus risonhos labios,
Cingida á fronte virginal capella:

Eil-a, coitada, inanimada e livida
Dormindo o somno que não sei se finda,
Porque os mysterios que nos veda o tumulo
A ninguem coube decifrar ainda!

A tua vida, qual visão, foi rapida:
Tranquilla e pura qual ribeiro ameno,
Que o azul reflecte da celeste cupula,
Mas que se turva co' o menor aceno.

Antes assim... 'nessa edade angelica
Perder a vida sem remorso ou queixa,
Do que mais tarde ver delir-se em lagrimas
A van saudade que esse tempo deixa.

Antes assim... do que tua alma timida,
Da vida vendo resequir-se as flores,
Contaminada pela fria dúvida,
Vergasse ao pêso de infinitas dores.

Ai! quem previra teu destino, vendo-te
Risonha e alegre nos passados dias?
Hoje, coitada, qual inerte marmore,
Quem já se lembra como então sorrias?

Flor que mal tinhas o purpureo calice
Aberto aos mimos d'esp'rançosa aurora,
Exhausta a seiva ao desdobrar das petalas,
No pó da campa eis-te arrojada agora!...

Mas como sahe de uma vil chrysalida
A mariposa de nevadas azas,
Virgem, rompido teu corporeo involucro,
Teu canto aos hymnos dos archanjos casas!..

Ponhamos termo ás transcripções, que fôra nosso desejo fazel-as todas. Corre-nos insensivel o rosario ao desfiarmos-lhe as perolas; e tão galharda estreia falla mais por si para que haja mistér lerem-se-lhe horoscopos.

Os livros são armas para toda a milicia, meio para uns, para outros fim; para estes auxílio, distracção para aquelles, conselheiros e mestres para todos. Não ha edade em que pareça mal manuseal-os, nem posto ou cargo que não imponha o preceito de os abrir. Honram o cajado e illustram o sceptro. E se quem maneja uma penna é como se empunhasse uma espada, o tomar um livro é embraçar um escudo, escudo contra a ignorancia pela instrucção, contra o tedio pelo passatempo. É um excellente livro o dos nossos dois amigos, e como tal um dos fructos mais mimosos d'esta frondosa arvore da litteratura sob cujos ramos se abrigam todas as condições sociaes.

A. A. DA FONSECA PINTO.

CARTAS DO EMINENTISSIMO CARDEAL SARAIVA D. FR. FRANCISCO DE S. LUIZ

A boa acceitação que obtiveram algumas cartas familiares do cardeal D. Francisco de S. Luiz Saraiva, publicadas 'neste jornal, e instancias de amigo e collega a quem o *Instituto* deve valiosos serviços, moveram-nos a dar tambem á estampa outras cartas, que o sabio e insigne prelado escrevêra a um amigo da sua mais íntima e particular amizade; as quaes, abrangendo algumas das epochas mais notaveis da nossa historia contemporanea, lançam importante luz sôbre os acontecimentos politicos, que succederam no periodo decorrido desde a revolução de 24 de agosto de 1820 até fim do anno de 1840; e nos quaes, mais ou menos directamente, coube não pequena parte ao cardeal D. Francisco de S. Luiz.

Esta longa correspondencia, de que, infelizmente, algumas cartas foram inutilisadas para evitar compromettimentos politicos em epochas de exaltação partidaria, se muito honra o seu auctor, não é menos lisonjeira para a memoria

do amigo fiel e dedicado, com quem o illustre e virtuoso prelado desafogava, no seio da mais cordeal amisade, com inteira exempção d'ânimo, os seus mais intimos pensamentos.

O estylo, sempre ameno e familiar, d'estas correspondencias, é por isso espelho fiel onde se reflecte o caracter nobre e generoso, o espirito fino e delicado, a elevação de sentimentos, e a candura d'alma de um dos maiores ornamentos, do maior talvez, da nossa moderna litteratura.

Apontâmos a estas cartas brevissimas notas para esclarecer alguns factos a que se alludia nas mesmas.

Dando-lhes publicidade que sempre lhe recusára a extrema modestia do amigo generoso a quem foram dirigidas, pagâmos tambem um tributo de gratidão á sua saudosa memoria; porque só ellas bastariam para fazer o elogio do nobre caracter, que merecêra ao digno prelado tantos e tão distinctos testimunhos de consideração, e o mais honroso conceito.

J. M. A.

Ill.^{mo} Sr. — Meu prezadissimo amigo e Sr. do coração.—Não respondi logo á estimadissima carta de v. s.^{a} de 9 d'este mez, porque os assiduos trabalhos em que estou mettido, me não permittem sempre ser pontual, como desejára; v. s.^{a} desculpará esta falta, e me desculpará tambem com ss. ex.^{as} pela outra que ahi tive de as cumprimentar, afiançando-lhes o meu respeito, gratidão, e reconhecida lembrança, e offerecendo-me no serviço de ss. ex.^{as}

Muita pena tenho de que v. s.^{a} não viesse presenciar o mais pomposo espectaculo, que jámais se viu em Portugal, quero dizer, o do 1.° d'este mez. O enthusiasmo era universal, e sôbre toda a expressão. Eu recebi tambem algumas mui particulares demonstrações de respeito e estima d'este povo, e bem desejo não ser indigno d'ellas. Agradeço a v. s.^{a} as expressões que me dirige sôbre este objecto, e correspondo-lhe com a mais reconhecida amizade.

Ambas as advertencias, que v. s.^{a} fez sôbre a participação aos ministros estrangeiros, e aos tribunaes, e authoridades, estavam já satisfeitas, quando recebi a de v. s.^{a}; e cuido que s. ex.^{a} o sr. Bispo Conde haverá recebido a que tambem se lhe fez. O govêrno ha de estimar infinito os cumprimentos da Universidade, e não poderá deixar de ser sensivel ás contemplações de todo o genero, que com elle tem tido o ex.^{mo} sr. Bispo Conde. Se me é permittido, eu rogo a v. s.^{a} que por mim pessoalmente queira beijar a mão a s. ex.^{a}, e offerecer-lhe os meus respeitosos cumprimentos e fiel obediencia.

Muito em particular, e só para nós, communico a v. s.^{a} que os lentes restituidos se queixam de não haverem sido convidados para o claustro. Nada me sería mais penoso do que ver apparecer no govêrno qualquer leve reflexão contra s. ex.^{a}; veja pois v. s.^{a} se tempéra isso; porque como estão resentidos, não será de admirar que rompam em algum excesso, e eu o sentiria muito, ainda que nada d'ahi resultasse. Isto confio á prudencia de v. s.^{a} pela amizade que nos liga, e sem receio algum de qualquer consequencia desagradavel.

Seu sobrinho ia doente, e estimarei que elle se haja restabelecido. Eu não lhe fiz obsequio que mereça lembrança: desejo sim fazer-lh'os maiores por elle, e por v. s.^{a}, e muito estimaria que se me proporcionasse para isso alguma opportunidade.

. . . . . .

. . . . . .

Ja vi ha muito tempo os dois n.^{os} do Manifesto, e quizera, que se adoçassem algumas expressões mais fortes sôbre a *Soberania do Povo*. É necessario proporcionar o alimento ao estado dos estomagos ainda debeis.

Não posso agora escrever mais. Estimarei sempre as noticias de v. s.^{a} e de ss. ex.^{as}, e empregar-me no seu serviço. — De v. s.^{a} amigo fiel e obrigadissimo criado.—Lisboa 17 d'Outubro de 1820.— *F. F. de S. Luiz.*

Ill.^{mo} Sr.— Meu prezadissimo amigo. Ainda que me não seja possivel responder sempre com pontualidade aos meus amigos, nem por isso me é incómmoda a correspondencia d'elles, antes muito a desejo e estimo. Sirva isto para livrar a v. s.^{a} de escrupulos a este respeito. Estimo a sua saude e de ss. ex.^{as}, e me recommendo com todo o respeito e affecto.

O govêrno ainda não tem uma resolução decisiva sôbre o objecto, em que v. s.^{a} me falla. É natural que venha a acceitar e resolver as propostas do ex.^{mo} sr. Bispo Conde relativas á Universidade, por evitar as delongas que trará o contrário systema. Eu fallarei com o Fernandes Thomaz, e poderei dar alguma resposta mais positiva. Torno a renovar a v. s.^{a} a recommendação confidencial que já lhe fiz, para v. s.^{a} dispor as cousas, segundo a sua prudencia, em ordem a que não haja queixumes, que por certo muito me magoariam. Por ora nada ha; mas observo ainda indisposições nascidas dos passados resentimentos, e qualquer que haja de ser o partido do govêrno, sempre me sería sensivel que apparecesse qualquer simples expressão em desabono de s ex.^{a}

Como ha de o govêrno intrometter-se na venda dos periodicos que não estão á sua disposição? — Algum geito se lhe dará, qual parecer mais a proposito, sem offensa dos proprietarios.

Goulão quer imprimir um periodico. Creio que irá ao sr. Bispo aviso para lhe nomear um censor; e se ainda não estiver passado, verei se se amplia a todos os periodicos ahi impressos; mas é necessario que elles não excedam certos limites, e se conformem á tem-

perança que o govêrno tem mostrado, por julgar assim conveniente ás nossas circumstancias, e ao estado infermo da nação. Nem tudo se póde dizer em todos os tempos.

Ámanhan saberei do Fernandes o que é feito da Memoria de Braga, e darei satisfação.

Domingo jantámos de convite em casa de Quintella ás Larangeiras, aonde houve uma magnifica e linda illuminação.— Hoje houve *Te Deum* solemnissimo do senado com missa e sermão.— O povo continúa a ter muita fé em mim, e parece-me que não está descontente.

V. s.ª escreva, e diga o que lhe lembrar sem reserva, e sem preambulos. Eu sou docil, gósto que tudo se faça bem; e estou sempre disposto a abraçar os conselhos dos amigos — Saudades ao amigo Rezende.— Lisboa 24 de Outubro de 1820.— Veja se póde fazer que o Moraes do Seminario vá examinar os Logicos em meu logar.[1]—De v. s.ª Fiel amigo e obrigadissimo criado.— *S. Luiz.*

Ill.mo Sr. e amigo do coração.— Recebi hoje mesmo a carta de v. s.ª de 28, e previno o dia do correio para aproveitar alguns momentos vagos, e evitar a falta de resposta.

O govêrno ja resolveu tomar conhecimento de consultas, propostas, e outros negocios similhantes, reconhecendo os prejuizos que se seguiriam do contrário systema, que até agora se havia adoptado em respeito ás promessas feitas no manifesto do Porto. A Universidade esteve particularmente em vista, quando se tomou esta resolução, pelo conhecimento que ha dos muitos logares vagos nas differentes Faculdades, e por me parecer a mim, pela carta de v. s.ª, que s. ex.ª desejava fazer a proposta. Creio que se não participou esta resolução officialmente; mas eu lembrarei o participar-se a s. ex.ª o sr. Bispo Conde, no que me persuado que nenhuma dúvida póde haver.

Devo dizer a v. s.ª que no govêrno nada tem apparecido até agora a respeito de negocios academicos. O que eu a este respeito tenho escripto a v. s.ª é em consequencia de conhecimentos meus particulares, e movido do desejo e interesse de que não houvesse cousa alguma que fôsse, ou podesse parecer desagradavel a s. ex.ª— O que v. s.ª me diz a respeito dos medicos é exactamente o que eu sempre pensei, e não sei se alguma vez lhe communiquei em conversação. Nunca approvei 'nesta parte o procedimento do ministerio do Rio de Janeiro, e até muitas vezes me servi do exemplo de um official militar, que sahindo livre e innocente da queixa que contra elle deu o seu chefe, não é punido, mas é mudado para outro corpo. Não ha sociedade sem subordinação, e não póde haver subordinação, onde o chefe tem perdido o seu decôro, ou póde ser vilipendiado pelos subalternos, etc. Estas ideias geraes são muito mais attendiveis 'numa sociedade como essa, principalmente quando as cousas têm chegado a tal ponto, e quando as paixões se têm desinvolvido com tanta acrimonia. Eu não sabia nada do teor dos Avisos, que v. s.ª me refere, e de que manda cópia. As minhas advertencias eram genericas, e só tinham por objecto, como já disse, occorrer a alguma queixa que podesse apparecer, e que eu com algum fundamento receava. Estou persuadido que o govêrno ha de ter deferencia ás propostas do sr. Bispo Conde, porque o respeita muito, e porque assim convem: e por certo que eu jamais votarei em cousa alguma que não seja conforme com os meus principios, que são os que deixo indicados. Cuido que sôbre este objecto nada mais preciso dizer a v. s.ª

Não é necessario que v. s.ª me escreva de officio sôbre a carta que lhe remetti, e que foi entregue. Eu assegurarei ao secretario dos negocios estrangeiros, que d'isso me incumbiu, a certeza da entrega.

A Memoria de Braga subiu ao govêrno com informação da juncta da censura, notando 'nella algumas expressões que pareciam dar preferencia ao govêrno republicano sôbre o monarchico, e alguns logares mais extensos em que se dizia que os reis da Casa de Bragança tinham sido fracos, ineptos, etc.— Manuel Fernandes deu-m'a para eu a ver, e com effeito achei razoavel a censura da juncta. Assim, se o auctor a quizer corrigir nos logares indicados, imprimir-se-ha; e quando não, tambem se não perde muito. Não a mando já a v. s.ª porque ficou na pasta do Fernandes, e não a tenho á mão.

Aqui me mandou o Goulão uma carta, e inclusa uma petição pedindo um censor para o seu jornal. Resolveu-se remettel-a a s. ex.ª para lhe nomear censor, assim como tambem para os outros jornaes ou papeis similhantes. Não perguntei na secretaría pela expedição da ordem, porque as secretarias têm emolumentos, e não gostam que nós sejamos os procuradores das partes. Se v. s.ª fallar a Goulão, diga-lhe isto, que eu lhe direi tambem se podér escrever-lhe: e verei entretanto se vae a ordem geral a s. ex.ª, que sería o melhor de tudo. Tenham paciencia com as faltas que ha 'nestas cousas, porque os negocios são tantos, e alguns tão complicados, que devem dar-nos desculpa e perdão.

Como v. s.ª me toca no voto da academia, direi duas palavras a este respeito com franqueza.— A academia votou por 200 deputados em côrtes, 150 nomeados em razão da povoação, cada 20:000 almas um deputado; e para conciliar os interesses de todas as classes, e não

[1] O sr. Fr. Francisco de S. Luiz era então professor de philosophia racional e moral no Real Collegio das Artes da Universidade; e no meio das importantes funcções de membro da regencia do reino não esquecia até de prover ao serviço dos exames na sua cadeira. A.

affrontar tanto os costumes antigos, votou que houvesse mais trinta deputados da nobreza, e vinte do clero. Confesso ingenuamente que, á excepção dos numeros em que eu faria alguma modificação, na substancia não me desagradou o voto tanto como vejo ter desagradado a muita gente. Estou persuadido que não são as theorias as que devem determinar-nos, mas sim o estado politico e moral da nação, e tambem o receio de cahir na democracia, querendo evitar a aristocracia. Que mal fariam vinte ou trinta deputados das classes privilegiadas entre 120, ou 150 do povo? não se faria assim uma especie de opposição saudavel ás ideias demagogicas? não se conciliariam aquellas duas classes numerosas? não se evitariam extremos e exaggerações sempre perigosas? É hoje assentado que não póde existir monarchia sem nobreza hereditaria: e ha de ser uma base da constituição o manter a religião catholica. Logo a nobreza e o clero são classes reconhecidas, têm direitos, devem podêr sustental-os. Tórno a repetir: não sei se isto é conforme com as theorias; mas não me parece contrário ao bom senso, nem opposto ás ideias justas, reguladas pela prudente moderação; e o meu genio inclina-me para estas.— É muito provavel que prevaleça o contrário parecer; mas eu ainda não ouvi razão solida que o apoiasse.— Cuido que, se v. s.ª visse o voto da academia, quando não o approvasse, pelo menos não o julgaria insensato. Eu não sei se o exemplo da Hespanha tem demasiada influencia nos animos. Tenho ouvido a alguns que o deveriamos seguir em tudo, usando só dos termos e phrases á portugueza. Embora pensem assim, e tragam para razão d'isto (como já ouvi) que Portugal em todos os tempos seguiu a Hespanha.— Nunca esta razão me agradará, nem o exemplo só me decidirá: e ainda veremos se a Hespanha se conserva com o presente govêrno, tendendo visivelmente á democracia.

Ora bem me tenho alargado, e bem tenho mortificado a v. s.ª com cousas que de pouco servem. Mas como o meu parecer particular não altera nada na ordem das cousas, v. s.ª soffrerá de boamente o incómmodo que lhe toca de me aturar.

Recommende-me mui affectuosamente e com muito respeito a ss. ex.ªs, e acceite a renovação dos votos da mais perfeita e segura amizade — Lisboa 30 de Outubro de 1820.— De v. s.ª— fiel am.º e obrgd.mo criado.— *F. F. de S. Luiz.*

Ill.mo sr. e am.º do coração.— Recebi a de v. s.ª de 3 de novembro, e ainda que alguns pontos d'ella me levariam a largo discurso, comtudo serei hoje muito breve, porque a estreiteza do tempo assim o pede, e porque aquelles pontos não convem tractarem-se mais largamente em carta. Vamos andando, e aguardando os successos.

Por descargo de minha consciencia sempre direi a v. s.ª, que a letra, que vae para a Imprensa, bizarramente se deve sim ao conselho da fazenda, *tocado pelo govêrno.* Eu tambem quero ter parte na *bizarria*, e mais alguem a quer.

Empenham-me aqui, ou empenharam-me para pedir ao sr. Bispo Conde uma dispensa para que Romão Avelino Cordeiro Nobre e Mendonça fôsse admittido a matrícula, ficando obrigado para depois a dar conta da Rhetorica! Respondi que eu era subdito de s. ex.ª, e nunca tivera confiança para lhe pedir taes favores.

Insistiram (não vi gente em geral mais tola e importuna!), e emfim respondi por último que eu não approvava muito taes dispensas, mas que escreveria a um amigo a ver se alguma cousa se fazia etc. Este amigo é v. s.ª. — Se s. ex.ª dispensar a mais algum, então pouca dúvida haverá 'neste. Porém sendo outra a sua resolução, o que peço é que v. s.ª em carta sua, me diga qualquer cousa, com que eu satisfaça, e que eu possa mostrar. Venha isto sem falta, porque já me fallaram ha dias, e eu não tive commodidade de escrever no sabbado a este respeito.

Por ora não vae nenhuma ordem para censores ahi, e eu terei mão que não vá, e até póde ser melhor não ir nenhuma. Dir-me-ha sempre o seu parecer.

Ponho-me aos pés de ss. ex.ªs e sou muito devéras—De v. s.ª verdr.º am.º e fiel criado.— *S. Luiz.*

A Memoria não vae hoje porque a não tenho na minha mão.

Fernando Luiz [2] não podia esquecer logo que houvesse occasião opportuna de nos aproveitarmos do que elle *vale*.

Lisboa 7 de novembro de 1820.

APONTAMENTOS HISTORICOS DE COIMBRA

Antigas inscripções do Castello no Terreiro da Universidade

Á C. de 11 d'outubro de 1772, que decretára a construcção do Observatorio astronomico no local do antigo Castello, seguiu-se em 1773 a demolição das torres, muralhas, e casas contiguas na Couraça de Lisboa. Algumas inscripções lapidares, descobertas 'nessas ruinas e transferidas para a parede da Capella da Universidade, são as que vamos registrar para lembrança, antes que o rigor das estações as des-

[2] Fernando Luiz Pereira de Sousa Barradas, que por muitos annos fôra Conservador da Universidade, e ultimamente Conselheiro d'Estado e Par do Reino.

faça de todo no local inconvenientissimo, em que ainda actualmente se acham.[1]

Ordenal-as-hemos principiando pelas que na face externa da base do gigante, á esquerda do portico da Bibliotheca, vemos embebidas a poucos palmos do terreno.

A primeira lapide, á direita, moldurada e com alguns ornatos, de quasi quatro palmos de largo por dois d'alto, é romana sepulchral. Segundo o apontamento, que d'ella nos deixou o Dr. Luiz de Sousa dos Reis, contemporaneo da demolição, foi descoberta com outras tres aos 7 d'agosto de 1773 juncto ao muro do terreiro do Castello.[2] Tal, como elle a copiou, existe ainda a inscripção.

CHRYSIS SIBI
POSVIT.

E romana tambem, e descuberta no mesmo local, mas mutilada na primeira linha, de que só restam vestigios, é a que sôbre a precedente vemos collocada. — Supprindo, todavia, a falta d'essa linha com algumas lettras, que o citado contemporaneo ainda conseguiu ler e com que os traços existentes parecem acertar, a inscripção ficará menos incompleta com quanto não de todo intelligivel.[3]

IPVDACSCEIVT
VXORI . ET . MODES.
F. MATRI. F. C.
S. T. T. L.

A pár das duas romanas segue-se a terceira em portuguez, e sôbre ella, da mesma pedra, dois escudos unidos, liso o da esquerda, o da direita com as armas do reino, os cinco escudetes no centro com cinco pontos cada um e na orla os castellos, sem corôa nem outro ornato. Infelizmente, porém, nem a data nem o facto, que este monumento devia commemorar, é hoje possivel determinar exactamente. No escudo das armas falta a parte superior, que, havendo-se perdido, provavelmente na occasião da mudança, foi toscamente rematada como ainda actualmente se acha. Assim a conta certa dos castellos é impossivel. Na inscripção fizeram-na inintelligivel as muitas falhas da pedra e a fractura, que a córta quasi pelo meio, deixando apenas decifrar alguns caracteres avulsos, taes como XXIIII na primeira linha, e o DE. PORT. E. DO no fim da quarta. Alem disto, outros restos de lettras de uma quinta linha não permittem duvidar de que o lettreiro continuava ainda.

Será, todavia, esta inscripção a mesma que J. P. Ribeiro citou (*Diss. Chr. t. 4 Parte* 1 *p.* 120) como existente no Castello de Coimbra, da era 1412 (anno 1374), reinado de D. Fernando, em allemão majusculo com letras conjunctas e abreviaturas?

A probabilidade da affirmativa algumas razões parecem, com effeito, auctorisal-a.

Em primeiro logar foi no seculo XIV, que o grande número dos castellos na orla, e a reducção das arruellas dos escudetes a cinco sómente, começaram a apparecer no escudo do reino.[4] Depois o typo é na verdade o monachal ou allemão majusculo, muito vulgar nas moedas, sellos e monumentos d'esta epocha. Ultimamente em dois documentos de 1373 e 1376 achámos expressa referencia á construcção de uma torre, que por ventura poderia ser essa do Castello, onde o monumento seria levantado para memoria.[5]

[1] Em outra terra de menos apparato litterario, talvez estas lapides estivessem d'ha muito devidamente classificadas e arrumadas em algum museu com as indicações dos logares e tempos da descoberta. Ás que estivessem partidas ter-lhes-hiam reunido cuidadosamente os fragmentos, acertando-lh'os e collando-lh'os para que á vontade e com commodidade podessem ser vistas e analysadas.— Aqui foi o contrário. Como essas diligencias não estavam nos Estatutos escolheram o local mais exposto e desàbrido do terreiro, e ahi as crucificaram á chuva, ao vento e á neve, até cahirem em pedaços.—Duas ou tres mãos d'oleo, dadas d'annos a annos, é o mais a que até hoje tem podido chegar o zêlo archeologico dos que 'nisto tinham obrigação de superintender.

[2] Luiz de Sousa dos Reis, filho de Antonio Gomes da Maia e de Theresa de Jesus e Sousa, nascido em fevereiro de 1707 e fallecido em 8 d'abril de 1783, doutor e opositor na faculdade de Leis, foi um curioso investigador das cousas de Coimbra, sua patria. Alem do manuscripto apontado na *Biblioth. Lusit.* outros muitos escreveu, entre os quaes avulta o *Rayo da Luz Catholica, que illustra os fieis de Coimbra, vibrado por Leandro de S. Fulgencio, filosofo e jurista conimbricence contra os malditos frades jacobeus de S. Cruz*, concluido em 24 d'abril de 1763 e continuado no *Appendix e Notas* até 5 de março de 1783.

De toda essa volumosa collecção, de que não poucas notícias extractámos, nos foi ha pouco facilitada a leitura pela obsequiosa franqueza do nosso amigo e condiscipulo o Dr. A. L. de Sousa Henriques Sêcco, bisneto do auctor.

[3] Afóra esta e a precedente, o *Apontamento* manuscripto menciona tambem a dedicada a *Aurelio Rufino*, adiante transcripta, e uma outra pequena mas despedaçada, onde apenas se lia

ALA...
BVIF....
I. S. S.

[4] Ao reinado de D. João I attribue F. e Sousa (*Epit. de las Hist. Port.* p. 182, 190, 206 e 221, e *Lusiad. Comm.* ao cant. 3. est. 54) o augmento dos castellos e diminuição nos pontos dos escudetes, que D. Affonso IV havia reduzido a dez. Mas que não é opinião segura já o suspeitára o auctor da *Hist. Genealog.* no tom. IV p. 156, e o demonstram com effeito os exemplares dos *dinheiros* de D. Diniz, onde os cinco pontos apparecem muito distinctos.

[5] C. de D. Fernando de 29 de julho da era de 1411, e *Mandado* de pagamento, passado por Affonso Martins aos 6 d'abril da era de 1414, no Liv 2.° da Correia fol. 17, e Perg. n.° 91 do Arch. municipal de C.

No 1.° determinou el-rei que certos logares do termo,

Mas de todas estas lapides a mais importante é a que vemos sobreposta á dos escudos, de 4 palmos de comprido por $1\frac{1}{2}$ d'alto, caracteres parte onciaes ou gothicos, parte romano iniciaes ou majusculos, alguns conjunctos ou inclusos. É nada menos que a celebre inscripção collocada sôbre a porta da *Torre Quinaria*, que de tantas interpretações e discussões tem sido materia acêrca da conquista de Coimbra, e princípio do govêrno de D. Sancho I. Acreditâmos, inda assim, que, se, em vez de formarem conjecturas, alguns escriptores a houvessem examinado no original, mesmo falhado como está, tantas variantes não haveriam talvez apparecido.

No conceito do douto J. P. Ribeiro a falha da primeira linha depois da ERA MCCXXX deveria conter o número romano VI, e não o II, como imaginaram o benedictino fr. Leão de S. Thomaz, e com elle os academicos Leitão, Rocha, e Caetano de Sousa.

Examina-se a dicta falha, e lá se divisa com effeito o resto das duas hastes obliquas do V, e o espaço para o I, que ainda sobeja.

No final da quarta linha, em continuação do DE, suppoz o mesmo antiquario, e antes d'elle opinára Leitão, que faltavam as syllabas *cimo* para completar o ordinal DECIMO.

Attenta-se bem a pedra, e ahi se distingue muito visivel a extremidade superior do C quadrado, e o intervallo sufficiente para as lettras restantes.

Considerando, finalmente, a grande falha na sexta linha depois do TRICESI, 'nella achâmos espaço bastante para outra palavra, que tanto poderia ser o *tercio*, que aventou o citado antiquario, como o *quarto*, que mais exactamente parece combinar com a data da conquista da cidade, constante d'outros documentos.

Conforme, por tanto, com esta leitura, e em presença do desenho mandado tirar pela Acad. d'Historia, a integra da inscripção affigura-se-nos ser a que em seguida apresentâmos. Para mais facil intelligencia vão indicadas em grifo as lettras, que hoje faltam, e é de crêr 'nella existissem antes das deteriorações, que a acção do tempo e descuido dos homens lhe tem feito soffrer.[6]

✠ ERA : M : CC : XXX : *vj* : REGNANTE : AP*vd* : PORTVGALE : REGE : SANCIO : INCLITI : REGIS : ALF*onsi* : ET : REGINE : MAHALDE : FILIO : ET : ILLVSTRIS : COMITIS : HENRICI : ET : NOBILISSIME : TAR*asie* : REGINE : NE*po*TE : IPSO : IVBENTE : CONSTRVCTA : EST : HEC : TVRRIS : ANNO : REG*ni* : *ip*SIUS : ET : VXORIS : EIVS : REGINE : DVLCIE : TERCIO : DEC*imo* : A : CAPCIONE : VER*o* : *ci*VITATIS : COLIMBRIE : PER : REG*em* : *fer* NANDUM : EX : SERRACENIS : CENTESIMO : TRICESI*mo* : *quarto* : PRESIDENTE : TVNC : IN : PREDICTA : CIVITATE : EPISCOPO : DNO : PET*ro* :

E assim interpretada, as dúvidas sôbre a concordancia das datas parecem perder muito do seu valor — A *era* de 1236 (anno 1198), diminuidos os 134 annos *a captione civitatis*, corresponde exactamente á de 1102 (anno 1064), em que os antigos Chronicons assentam esse importante acontecimento[7]. Se da mesma *era* deduzirmos os 13 annos do reinado de D. Sancho, ahi acertâmos com a de 1223 (anno 1185), que é o mesmo em que falleceu D. Affonso Henriques, e começou o govêrno de seu filho e successor.

Terminam as lapides 'nesta face do nascente com o cippo em fórma de fuste de columna, collocado sôbre a da *Torre Quinaria*, onde, apesar d'algumas falhas, é intelligivel a inscripção.

que eram da rainha e outros poderosos, não fôssem exemptos de pagar nas fintas, talhas, e serviços para os *lanços dos muros e torres e barbascãs* e outras obras *compridouras a dita cidade de guisa que eses lauores se fação com a maior aguça que se fazer poderem*—No 2.º declarava o juiz das obras quaes eram esses logares, e a quota que a cada um competia pagar, *a fora*, dizia o preambulo, *aquellas villas e julgados que el-rey tomou pera servirem na obra da torre que o dito Senhor mãda fazer*.

E esta sería talvez a torre *formosissima e sumptuosa*, mas não tão antiga como a dos *cinco cantos*, de que deu notícia A. C. Gasco nas *Antig. de C.* p. 16.

[6] A proposito da inscripção e escriptores, que d'ella têm tractado, vejam-se as *Diss. Chr.* t. 1. p. 27 e t. 2 p. 102, a estampa no *Catalogo dos Bispos de C.* por F. F. Leitão p. 76, e o art. do sr. R. de G. na *Rev. Univ. Lisb.* de 7 d'abril de 1842, p. 318.

O mais notavel, porém, é que o proprio J. P. R, apesar da severidade da sua crítica, nem por isso deixasse de cahir na mesma culpa, que tanto nos outros censurava. Na cópia, que publicou nas cit. *Diss.* com quanto extrahida com todos os preceitos da sciencia, nada menos omittiu que a palavra *Colimbrie*, que bem decifravel vemos ainda no original—Se depois todos os outros, que d'elle copiaram, repetiram a mesma falta, não é isso para admirar.

[7] Taes como a *Chronica Gothorum*, e os Chronicons Conimbricense, Complutense, ou Alcobacense, Lamecense, e Laurbanense, colligidos no *Port. Monum. Hist. Script. Fasc.* 1. e os outros documentos indicados nas *Diss.* cit., e impressos (alguns) na *Not. Hist. do most. da Vac.* P.te 1.ª p. 27 e P.te 2.ª p. 43.

CAESAR. DIVI.
AVG. PRON. AVG.
PONT. MAX. TRIB.
POT. IIII. COS. DESIG.
P. P.
M. IIII. [8]

Não são, todavia, estas, que deixâmos trasladadas, as unicas recordações, que nos restam, das ruinas do antigo Castello. Voltando para a face do norte da mesma base do gigante e parede contigua da Capella mais duas encontrâmos, que tambem em seguida transcrevemos.

Lapide de tres palmos de largo por dois d'alto, com moldura em volta, embebida na dicta face do norte, copiada nas *Diss. Chr.* t. 1. p. 348 e *Port. Inscript. Rom.* t. 1. p. 182.[9]

D. M. S.
AVRELIO. RUFINO.
ANN. XVII.
AVRELIVS. MVSAEVS
FILIO. PIISSIMO. F. C.

Outra encostada á parede da Capella sôbre um pequeno pedestal d'alvenaria, de seis palmos d'alto por dois de largo, com tarias e lavores na extremidade superior e faces lateraes, descoberta nas ruinas da Couraça de Lisboa, e tambem publicada nas *Diss.* citadas e *Port. Inscript. Rom.* t. 1. p. 193.[10]

D. M. S.
C. IVLI.
MATERNI
ANN. LXIIII.
BOVIA. MA
TERNA. ET
IVLIA. MA
XIMA. PATRI
PIISSIMO
F. C.
CVRANT...
IVLIO DEX
TRO LIBER
TO. OB MERI
TA. PATRONI.

E concluida teriamos a noticia d'esses monumentos, que o reitor D. Francisco de Lemos teve a infeliz lembrança de collocar no terreiro da Universidade, se ainda outro não divisassemos, que, com quanto mais moderno, não devemos deixar em completo esquecimento.

Quando em 1549 se deu principio á fundação do Collegio de S. Paulo existia, ou foi então lavrada, uma pequena estatua de meio corpo com as mãos sôbre uma pedra quasi quadrada ao modo de quem na cadeira estava dictando. Como veneranda reliquia da antiguidade a guardaram os collegiaes sob o titulo de *Estatua da Sapiencia*[11], vencendo assim a extincção do Collegio em 1834 no nicho quadrado, em que fôra mettida, na parede da casa terrea e baixa, que para a capella dava serventia.

Em 1838 alcançou a N. A. Dramatica que o edificio lhe fôsse doado para 'nelle construir o seu theatro[12], e foi então que nas reformas e transformações, que a nova obra exigia, se viu desalojada do seu escondrijo a pobre estatua, que alli jazêra por tantos tempos.

Se a joven Melpomene academica sepultou nos entulhos a velha e carcomida Sapiencia de S. Paulo, que mesmo assim tanto déra que dissertar na questão da nobreza e preeminencias do Collegio[13], não é cousa, que bem possamos averiguar.

O que sabemos com certeza é que a pedra, sôbre que ella tinha as mãos, salva por diligencia de quem menos competente era para apreciar antigualhas[14], é a propria, que, com tres palmos de largo por $2\,^1/_2$ d'alto, vemos atravessada sôbre o padrão, que aos manes do romano Caio Julio Materno levantaram seus filhos e liberto.

Mas se 'nesse naufragio das demolições a lapide não sossobrou de todo, nem por isso deixou de soffrer grossa avaria a sentença latina 'nella gravada em allemão minusculo resaltado. Felizmente resta-nos para supprir as faltas d'algumas palavras a cópia (inexacta provavelmente), que D. José Barbosa publicou nas *Mem. do Coll. real de S. Paulo*, e que nós reproduzimos agora, dispondo apenas a divisão das linhas confórme parecem indicar os caracteres legiveis do original. Diz ella:

AMICE SEQHUERE ME: ET NON DIMI
TAM TE: DISCE VIVERE IN SERVITUTE ET MORI
IN PAUPERTATE: QUAM USQUE ME NEMINI
PEPERIT MEMORIA: SAPIENTIAM ME
VOCANT NOSTRI: TU SANCTIFICA ILLOS;
ODI HOMINES STULTOS ET MALOS
VITA OPERA SEMPER IN QUIBVS NON SIT
ALIQUA UTILITAS.....

[8] Caesar, Divi Augusti Pronepos Augustus, Pontifex Maximus, Tribunitia Potestate, tertium Consul designatus, Pater Patriae, Magister IIII.

[9] Diis Manibus Sacrum. Aurelio Rufino, annorum septendecim, Aurelius Musaeus, filio piissimo, faciendum curavit.

[10] Diis Manibus Sacrum. Caii Julii Materni, annorum sexaginta et quatuor. Bovia Materna et Julia Maxima patri piissimo faciendum curaverunt, curante Julio Dextro liberto ob merita patroni.

[11] E como tal reconhecida nos *Estatutos da Univ.* impressos em 1654, a pag. 5.

[12] Confirmada a doação por C. de L. de 15 de setembro de 1841.

[13] Particularmente entre os academicos D. Joseph Barbosa, Diogo Fernandes d'Almeida, e Manuel Pereira da Silva Leal.

[14] O sr. João Feliciano, actual mestre d'obras na Universidade.

Quanto á data, que deveria occupar a lacuna no final da última linha, tenuissimos vestigios se enxergam, que nem ao citado Barbosa foi possivel decifrar.[15]

J. C. A. DE C.

RUBENS

PERFIL BIOGRAPHICO

I

Mesquinha apotheose para tal nome são as linhas que vamos escrever. O genio póde contemplar-se nos milagres da arte; tentar seguil-o em seus voos arrojados é querer photographar a imagem sem o auxílio da luz.

Pedro Paulo Rubens nasceu em Siegen a 29 de julho de 1577.[1]

Cahiram as primeiras lagrimas do menino na terra do exilio, e embalado com os prantos do destêrro, lá se adormeceu muitas vezes ao canto maguado d'uma mãe desventurada.

João Rubens, pae do grande artista, ennamorando-se d'Anna de Saxe, mulher de Guilherme o *Taciturno*, expiava, então, com sua espôsa e filhos, o crime d'um amor duplamente adultero. Longo, e pesado lhes foi o captiveiro, mas os rogos, e súpplicas, abrandaram o coração de Guilherme, que, esquecendo a affronta, perdoou o culpado.

Eram passados dois annos de tranquillo viver quando, a 18 de março de 1587, Pedro Paulo Rubens se achou orphão de pae.

Aqui começam as difficuldades d'uma existencia trabalhosa.

Accusado de calvinista, e conhecido pela sua desafeição ao dominio da Hespanha, João Rubens perdêra, confiscados, todos seus bens, e herdára a sua mulher Maria Pypeling apenas alguns haveres, e sete filhos.

A ponto vinha narrar as tristes circumstancias da mãe de Rubens, e, como era de razão, encarecer-lhe a prudencia, e louvar-lhe muitas outras virtudes. Mas, como seja nosso proposito esboçar tão sómente a vida do celebrado pintor da Flandres, poremos ponto 'naquelles particulares com dizer de passagem, que tão bem se sahiu com seus intentos que conseguiu levantarem-lhe o sequestro de sua fazenda, entrando na posse de toda ella.

Atemos agora o fio d'esta narrativa.

Cedo madrugou em Rubens a inclinação ao estudo. Dos seus progressos nas lettras temos honroso testimunho nos louvores acordes de muitos biographos. Acabados os estudos, entrou pagem no serviço de Margarida de Ligne, viuva do Conde de Lalaing. Nutria Rubens levantados espiritos, e, como lhe era o ocio incomportavel martyrio, determinou comsigo acabar aquelle viver inglorio. Dizia-lhe voz interior que nascêra fadado para as artes, tinha particular vocação para a pintura, e todos seus sonhos eram por essa arte divina, que havia fazer do moço pagem um dos mais celebrados pintores que a fama pregôa.

Não houve pôr-lhe prologos, insistiu, e venceu.

Foi Tobias Verhaegt, pintor de paisagens, o primeiro que doutrinou Rubens, iniciando-o 'nos segredos do colorido. Tomou depois lições de Adam van Noort, mas o tracto incivil, e aspero caracter d'este homem celebre, forçaram-no a escolher outro mestre. Chamava-se Otho Venius. Pedro Paulo não contava ainda vinte annos, quando resolveu acolher-se á direcção d'este artista. Era Otho Venius um nobre caracter, em que resplandeciam grandes virtudes junctas com extremada brandura, e muita affabilidade. Amavam-se ternamente mestre e discipulo, e assim andavam tão unidos em vontade que pareciam um só e mesmo homem.

Bons fructos deviam colher-se de tão affectuosa união. Espertava-lhe essa harmonia, a natural inclinação, accendiam-se-lhe nobres desejos de egualar o mestre, e, como acudisse ao trabalho com perseverante cuidado, e inteira confiança, logrou mostrar em breve as primicias do seu muito ingenho.

Abre-se-nos agora occasião propicia para contemplarmos no discipulo d'Otho Venius o genio creador que traçou o *Descendimento da cruz*. Tomemos-lhe uma das telas, que primeiro pintou, e pesemos-lhe os quilates de fino ouro. Representa o quadro a Mãe de Christo tendo no braço direito o seu pequeno Jesus. Occupa o primeiro plano uma balaustrada, coberta d'uma alcatifa, assenta-lhe em cima um vaso pejado de flores, e um livro, cujas folhas a formosa israelita passa entre os seus bonitos dedos. Reclinado sôbre o seio nu de sua Mãe, o gracioso menino mostra querer-lhe tomar o peito. Maria, a flor de Sião, traja um vestido côr d'amarantho, de seu rosto sereno transluz natural modestia, e no mavioso do olhar espelha-se-lhe a pureza da alma. Á esquerda do espectador vê-se espesso rosal, e por traz do sagrado grupo, e no segundo plano, levantam magestosas arvores as copas verde-negras.

---

[15] Alem d'esta havia por cima do nicho, aberta em uma pedra comprida e estreita, outra inscripção com a data de 6 d'outubro de 1576, que segundo as citadas *Mem. do Coll.* assim dizia:

Lux, amor, auxilium, honos hominum, sapientia, sedem
Obruerat tenebris sors inimica tuam.
Restituit soboles solium vocale parenti,
Tu decora sobolem sceptro, opibusque piam.
MDLXXVI. Prid. Non. Octob.

[1] Sôbre o anno e logar do nascimento de Rubens não estão d'accordo os biographos: veja-se a tal respeito o excellente livro — *Rubens et l'Ecole d'Anvers, par Alfred Michiels* — a quem principalmente seguimos 'neste nosso desvalioso escripto.

'Neste quadro sente-se que o esperançoso artista manejára a palheta ainda influenciado pelas diversas maneiras de seus mestres, mas através do todo rastreia-se já o estylo original do grande mestre da eschola flamenga.

II

Continuava Rubens seus estudos, sonhando triumphos, e phantasiando glorias, quando o entraram desejos de estudar a pintura nos modelos dos grandes mestres. Não lhe soffreu o animo delongas, e a 9 de março de 1600 sahiu d'Antuerpia caminho da Italia. Veneza, a senhora do Adriatico estava-lhe acenando com suas maravilhas. Partiu para alli o pintor, mui contente de si, como quem já saboreava em alegrias anticipadas o gôzo de futuras delicias.

Aqui foi o pasmar. Desenrolavam-se-lhe diante dos olhos mil primores da arte, espantava-se na contemplação de tantos prodigios, e não podia acabar comsigo que os não admirasse por muito tempo. Ora se extasiava perante as famosas telas dos Giorgeone, dos Tiziano, dos Tintoreto, e dos Paulo Veronese, ora apreciava em S. Marcos as excellencias do cinzel do Sansovino, e descansava os olhos nos arrendados fustes de mui floreteadas columnas, ou nos arabescos dos capiteis, esmaltados de ricas, e mui preciosas pedras.

Alentavam-se-lhe os brios na meditação d'essas primorosas bellezas, requeria-lhe o ânimo que as estudasse, e analysasse a preceito, tomou habitação para longo tempo. E bem o aproveitou o nosso pintor, que não houve quadro de valia, ou esbôço de merito, que muito não meditasse, e até não copiasse.

Alojava-se com o pintor na mesma casa um nobre mantuano, official no palacio de Vicente Gonzaga, Duque de Mantua. Travaram relações os dois, conversaram sôbre a arte, e mostrando Rubens seus trabalhos, tanto se captivou d'elles o mantuano, que voltando á côrte teceu-lhes eloquente e mui honroso panegyrico em presença do Duque. Vicente Gonzaga, prezava as artes, como quem d'ellas sabía, e querendo attrahir a si o afamado artista, offereceu-lhe vantajosas recompensas. Acceitou Rubens o offertamento, e passando a Mantua foi nomeado pintor da côrte. A amizade que Vicente Gonzaga lhe consagrava, bem se deixa ver nas honras com que o distinguia.

Tinha o illustrado Duque uma formosa galeria mui povoada de selectissimos quadros, entre os quaes avultavam as mais suberbas telas de Julio Romano. Estudava Rubens com grande affan as obras do auctor da *Guerra dos Titans* quando o ânimo benevolo de Vicente Gonzaga lhe tirou d'entre as mãos os seus estudos favoritos. Pedro Paulo era, com muita honra suâ, nomeado embaixador de ricos presentes ao Rei da Hespanha. Durou pouco esta ausencia e, voltando a Mantua, despediu-se do Duque, que o cumulou de favores. É que o pintor ardia, de ha muito, em desejos de visitar a cidade dos Papas, e ia-se caminho de Roma.

A senhora do mundo, que tivera outr'ora o sceptro dos povos, imperava ainda com indisputavel realeza nos dominios da arte. Não brilhavam já no Capitolio os opimos despojos de mil nações vencidas, mas penduravam-se em volta de seus muros os magnificos tropheus da arte romana. A viuva dos Cesares remoçára em gloria, e vivia tambem na immortalidade pelas obras estupendas dos seus artistas. Tudo que o genio tem produzido de mais magestoso, de mais explendido, de mais sublime e de mais divino ostenta-se á admiração na cidade eterna. É a *Cupula de S. Pedro* atirada aos ares pelo scopro immortal de Miguel Angelo, é a estatua veneranda de *Moyses*, é o *Juizo Final*, advinhado pelo maior dos artistas na Capella Sixtina, é a incomparavel *Transfiguração* de Raphael, são muitas das suas formosas *Madonas*, e quasi todas as obras do artista rei. Pedro Paulo Rubens alvoroçava-se com a vista d'estes prodigios, e não se cansava de os ver, e contemplar. Deliciavam-no em Veneza a formosura e sciencia do colorido, arrebatavam-no em Roma a magestosa e solemne expressão nas grandes ideias. Eram-lhe estímulo para laboriosos estudos todos esses excellentes modelos archivados em mui sumptuosas galerias, aprimorava-se-lhe o natural ingenho na sua meditação; e eis que o acommettem desejos de alargar o campo das suas observações.

É a Italia um como vastisimo museu da arte, e Rubens desejava conhecel-a em todos os seus cultores. De Roma sahiu pois para Florença, e ahi pintou para o Duque da Toscana um *Hercules no meio de Venus e Minerva*, e outros quadros, entre os quaes avultava o seu retrato, destinado á collecção dos pintores celebres. Em Bolonha contemplou as formosas telas dos Carracis, e já saudoso de Veneza visitou segunda vez a orgulhosa rainha do Adriatico. Depois, caminhando por Milão, fechou em Genova a sua perigrinação artistica.

O pintor belga estudára affanosamente os grandes vultos das escholas da Italia, e, como quem já não temia a comparação, deixava na terra querida das artes muitas obras, que lhe asseguravam logar honroso na historia da pintura. Trabalhára elle para o Sancto Padre, para os grandes dignatarios da Egreja, para muitos dos principes da Italia, e todos anhelavam seus quadros, e como á porfia lh'os requeriam.

Em Genova estava Rubens, lidando na sua arte predilecta, quando ruins novas o saltearam d'improviso. Diziam-lhe que sua mãe infermára perigosamente, e quasi estava a bra-

ços com a morte. Abalou-se repentinamente da cidade, como quem desejava estreitar ainda em apertado abraço aquella, que lhe dera o ser, mas sabendo no caminho que Maria Pypeling havia já fallecido, afrouxou seu rapido jornadear, e só entrou em Anvers, correndo Janeiro de 1609.

Continúa.

VARIEDADES

Planetas descobertos em 1861. — A astronomia enriqueceu-se no passado anno com a descoberta de novos planetas. São mais nove bonitos astros a matizarem a abobada celeste. Eis seus nomes, e os dos seus descobridores: *Ausonia* descoberto por de Gasparis a 10 de fevereiro: *Angelina* encontrado por Tempel a 4 de março; *Maximiliana,* visto a primeira vez pelo mesmo astronomo a 9 de março, *Maia* achado por Tuttle em a noite de 9 para 10 d'abril; *Asia* observado por Pogson a 17 do mesmo mez; *Leto* conhecido por Luther a 29 de março; *Hesperia* notado por Schiaparelli no mesmo dia; *Panope* revelado por Hermann Goldschmidt a 5 de maio; e *Niobé* alcançado pelo telescopio do citado Luther a 13 d'agosto.

Os planetas até hoje conhecidos prefazem o número de 71

Novo methodo de tratar a catarata. — O professor Sperino de Turin annuncia a cura da catarata por meio da evacuação do humor aquoso. Esta operação practicada todos os dias, ou mesmo de dois em dois, ou de tres em tres dias, restitue ao crystallino sua transparencia, e restabelece á funcção visual sua integridade. O illustre professor não indica o processo que segue, nem especialisa, como era de razão, seus resultados nas diversas especies de cataratas, e nos variados graus de capacidade do crystallino, apresenta sómente a sua descoberta, e promette para o diante elucidal-a com todos os requisitos que a sciencia exige.

Queijo de batata. — Este queijo muito usado em Saxe, e outros logares da Allemanha fabrica-se do seguinte modo: Escolhem-se entre as batatas sans as mais brancas e volumosas, cozem-se, descascam-se, e pizam-se depois até se converterem 'numa massa homogenea, ajuncta-se-lhe leite coalhado na proporção de 1 para 5, isto é 500 grammas de leite para 2 kilogrammas e 500 grammas de massa, e amassa-se o conjuncto. Cobre-se depois tudo por tempo de 4 ou 5 dias, reamássasse de novo, invasa-se em moldes de pau ou de louça, e deixa-se seccar á sombra 15 dias. Mui saboroso se torna este queijo com o tempo, mas para o conservar é mister guardal-o em caixa fechada, e 'num logar bem sêcco e arejado.

Erupção do Vesuvio. — O Vesuvio reacendeu-se de novo, apresentando aos olhos de milhares de observadores um espectaculo sublimemente horrivel. A montanha parece querer desentranhar-se em chammas, torrentes de lava jorram da cratera, e o fumo golpha em negros turbilhões da bocca do vulcão. No dia 9 de dezembro a erupção ostentava-se já terrivel e imponente, e continuava aterradora, mas os primeiros symptomas apresentaram-se no dia 7. 'Nesse dia as agulhas do apparelho Lamont annunciavam uma perturbação, e no dia 8 o sysmographo electro-magnetico assignalou abalos d'um tremor de terra. Ás 4 horas abriu-se uma larga fenda sôbre a lava de 1794, a alguns kilometros acima da Torre del Greco, e d'ella sahiu fumo, cinza, e alguma lava.

Na manhan do dia 9 formaram-se novas boccas, e os habitantes de Torre del Greco fugiam horrorisados. O terror é grande nas immediações do vulcão e affirma-se que o mar se retirára 'numa distancia de 50 metros.

Tres professores da Universidade de Napoles, os srs. Palmieri, director do observatorio vesuviano, Guiscardi e Napoli, professores de chimica, foram nomeados pelo General Lamarmora para estudarem os diversos phenomenos da erupção do Vesuvio e do terremoto de Torre del Greco.

O levantamento do solo d'esta povoação é o facto mais notavel verificado pela illustre commissão.

Calcula-se esse levantamento 'num metro e doze decimetros.

Explorações scientificas em 1861. — A collecção alleman *Mittheilungen* fallando das explorações scientificas, emprehendidas no passado anno, reza do seguinte modo.

O anno de 1861, que tão auspicioso amanhecêra para a geographia, cerrou-se deixan-

do-nos a todos mui logrados. Tentava-se explorar por meios gigantescos as partes desconhecidas do globo, e resolver problemas importantissimos; duas expedições, e uma d'ellas formada sôbre um plano grandioso, emprehendiam, na Europa, e na America, a visita do polo boreal; cinco differentes caravanas de viajantes caminhavam do norte e do sul ao descobrimento das fontes do Nilo, augurava-se o melhor exito do projecto maravilhoso de atravessar todo o imperio chinez, desde o mar até ao Himalaya, alguns viajantes em fim trilhavam o solo da Australia desde a costa do sul até á costa do norte. Eram mui brilhantes as perspectivas! parece todavia que má estrella allumiou tão audaciosas emprezas, e ruins novas chegam sem interrupção.

A expedição sueca de Torelli aos polos, começada com tantos recursos, não pôde ir por diante, os vasos, apanhados pelos gelos, estiveram parados mais d'um mez na bahia de Treurenberg sôbre a costa septentrional do Sptizberg, mais tarde o pessimo tempo, e mil outras contrariedades estorvaram-lhe os trabalhos; finalmente a expedição em trenós ao polo do norte foi abandonada em consequencia do subito derretimento das geleiras.

Chega ao mesmo tempo a nova que Sarel, Blakiston e o dr. Barton voltaram em 23 de julho a Shang-haï antes de sulcarem o Yang-tse-kiang para se dirigirem aos limites occidentaes da China propria. Tinham os viajantes navegado o rio até Ping-chan a dois dias de marcha agua arriba de Sioutchou (provincia de Ché-tchouan), mas em vão tentaram o impossivel para se avizinharem de Tching-fou, capital da provincia, a guerra civil forçou-os a retirarem-se.

São ainda mais tristes as noticias da Australia. Sabem-se as enormes despesas, que tinha feito a expedição, que partiu de Melbourne para o interior, no mez de agosto de 1860, com cavallos e camellos debaixo do commando d'Ohara Burke. Sem preencher seu fim e não podendo abrir caminho até ao golfo de Carpentaria, parte voltou ás margens do Darling em 17 de junho do anno passado nas mais penosas circumstancias. Depois de ter estabelecido um depósito em Menindie no alto Darling, Burke e seus companheiros chegaram em novembro ao rio Cooper, onde quizeram formar o ponto de reunião para a viagem futura. Estabeleceram ahi um novo depósito, que confiaram á guarda de Brahe, e em 16 de dezembro Burke, Wills, King e Gray, accompanhados por seis camellos, um cavallo, e munidos de provisões para tres mezes começaram sua viagem pela costa septentrional, para depois se dirigirem ao rio de Sturt-Eyre. Desde então nunca mais houve noticias d'elles. Brahe esperou-os até 21 d'abril, mas 'neste dia as molestias da sua gente, a falta de viveres, e a posição hostil dos indigenas forçaram-no a retirar-se, entrando a 29 d'abril em Bulla, ao sul do rio Cooper com os homens do depósito de Menindie. Estavam estes ultimos no estado o mais lastimoso; Puriell succumbira a 23 d'abril, e o dr. Ludwig Becker, um dos mais notaveis membros da expedição, e sabio mui conhecido pelos seus trabalhos na Europa e na Australia, tinha morrido a 28 do mesmo mez. O escorbuto affectava-os quasi todos. Foi depois de lidarem grandes difficuldades, que os dois depositos reunidos chegaram a Darling debaixo do commando de Wright. Dois homens, Patton, e Stone, pereceram no caminho, e aos outros salvaram-nos as chuvas. A sorte de Burke e seus tres companheiros impressionára os espiritos na Australia; levando viveres para tres mezes, e tendo já deccorrido seis, só por milagre poderiam ter escapado da morte. Os directores da expedição, residentes em Melbourne, tomaram energicas providencias para se procurarem os desgraçados viajantes. O vapor *Victoria* singrou para o golfo da Carpentaria, e uma expedição marchou de Melbourne, no dia 3 de julho, sob o comando de A. Howit para ir além de Menindie e ao rio Cooper indagar da sorte de Burke e seus companheiros.

Outras expedições que se antolhavam por muitos faceis baquearam tambem completamente. Wilhelm Heine não logrou transportar-se de Pekin á Siberia pelo caminho já muitas vezes trilhado pelos russos. Lejean, esgottado pela molestia, entrou em França sem ter explorado o que desejava conhecer do alto Nilo: a segunda viagem de Miani ao alto Nilo branco foi infructuosa; Peney morre de fadiga em pôder passar além do terceiro grau sul; Ruveyrier é obrigado a trocar Ghat por Mourzouch e Tripoli; Livingstone só poude subir o Bovouma na distancia d'alguns kilometros. A Africa parece continuar a oppor uma resistencia tenaz ás tentativas da Europa e se, por excepção, acontece fazer-se algum descobrimento, passam-se muitos annos em que nada de novo se sabe.

Após as felizes descobertas de Barth e Livingstone; Nogel, Neimans, Roscher, Cuny, Ven Barnim morreram na Africa; Von der Decken, a despeito da energia de suas tentativas e da grandeza de seus meios, apenas poude percorrer uma pequena parte do caminho de Kilwa ao Niassa. Anderson trabalhou em vão para ir do paiz dos Damaras ao rio Cunène, a missão do Conde d'Escayrac de Lauture não passou além do Cairo; a expedição franceza, que se dirigia á Abyssinia, mandada pelo Capitão Russel, fez alto em Halai; finalmente as explorações de Baikie sôbre o Niger, que pareciam faceis em comparação das outras, têm soffrido mui duras provas, e o mesmo Livingstone apesar dos meios faceis que tem ao seu alcance, pouco tem acrescentado aos seus velhos descobrimentos.

NOTICIARIO

Legado singular, e sôbre modo valioso e honroso.— A redacção do *Instituto* aproveita, com reconhecimento, a faculdade que lhe foi concedida de publicar a seguinte carta (traducção).

— Paris 24 de setembro de 1860 — Ao senhor Reitor da Universidade de Coimbra. Meu Senhor.

Testamenteiro do fallecido senhor Commendador Gama Machado, Conselheiro da legação de Portugal em Paris, com o sr. de S.t Antoine, actualmente em viagem, tenho a honra de vos annunciar, que, por seu testamento, em data de 12 de maio de 1852, legou á Universidade de Coimbra — 1.° a sua collecção de cabeças para o systema de Gall; 2.° dois vasos de porcellana, decorados com assumptos d'historia natural: — 3.° o seu busto allegorico em bronze, por Fratin; — 4.° dois quadros, representando um a Gallileu, e o outro a Inquisição.

A collecção das cabeças é das mais notaveis; é um verdadeiro museu: o número d'ellas é consideravel. Não ha outra reunião tão completa da applicação do systema de Gall. Encontram-se em quasi todas as cabeças notas scientificas e curiosas, escriptas da mão do sr. Gama Machado. Esta collecção é um thesouro, unico, de observações e applicações.

Por um artigo do seu testamento todos os legados devem ser entregues francos de todos os direitos.

Dignae-vos, sr., ter a bondade de me indicar o meio que desejaes empregar para tomar posse d'esses objectos.

Amigo íntimo do sr. Gama Machado, desde longos annos, e occupando-me, eu mesmo, d'historia natural, tive a felicidade de o ajudar nas suas investigações, e de trabalhar com elle na sua sábia e notavel obra: *Theoria das similhanças*. Encarregou-me pessoalmente, por seu testamento, de continuar o seu bello trabalho, publicando-o de novo. Sinto-me profundamente tocado d'este signal d'amizade e consideração; e empregarei todos os meus esforços para contribuir a fazer passar á posteridade a memoria e as obras d'um illustre sabio, que Portugal se honra de considerar entre os seus varões mais illustres.

O sr. Gama Machado fez-me uma grande honra encarregando-me de vos remetter este testimunho de adhesão, que guardou sempre para com a sua patria. Venho desempenhar-me d'este nobre dever; e a lembrança conserval-a-hei sempre. Recebei, meu Senhor, a segurança de minha alta consideração.

G. C. Chevalier, testamenteiro do fallecido sr. commendador Gama Machado, 29 quai Voltaire — Paris.

Exequias Academicas — Hontem (30) foi um dia de lucto e saudade para esta formosa terra de Coimbra. A mocidade livre, e esperançosissima, de Portugal pagou o merecido preito de respeitosa consideração ao primeiro cidadão do paiz, e murmurou uma prece christan pelo amigo e protector das lettras.

Era para ver a magua e respeito com que centenares de briosos mancebos ajoelhavam, no templo de Deus Vivo diante do catafalco real. Alli, 'naquella hora solemne, parecia que um só sentimento fazia bater todos aquelles corações generosos, a saudade, e que um só pensamento brotava d'aquellas cabeças juvenis, a oração.

Foi um acto magestosamente solemne, e alem de toda a descripção. Assistiu o Ex.mo Prelado da Universidade, o Corpo Cathedratico, Auctoridades Civis e Militares, Associações Artisticas, e muitos individuos de considerada posição social.

Orou o sr. Dr. Donato, Lente na Faculdade de Theologia. Registâmos sómente o facto, porque para tal orador não ha encarecer elogios.

OBRAS OFFERECIDAS AO INSTITUTO

Diccionario Bibliographico portuguez, estudos de Innocencio Francisco da Silva, tom. 2.°, 3.°, 4.° e 5.°

A Exposição industrial do Porto em 1861. Impressões d'esta grande festa nacional, por A. Luciano.

Nobiliarchia Conimbricense, Bosquejo historico da nobreza de Coimbra, e descripção dos seus brazões 1.° fasciculo, por Antonio Maria Seabra d'Albuquerque.

Arte de Tachygraphia, ou methodo facilimo de aprender tachygraphia sem auxílio de mestre, por Manuel d'Oliveira Chaves de Castro.

Memoria que em cumprimento do art. 164 dos estatutos apresentou no anno de 1858 á faculdade de Direito de S. Paulo, o Dr. Gabriel José Rodrigues dos Sanctos.

Memoria que em cumprimento do art. 164 dos estatutos apresentou no anno de 1859 á faculdade de Direito de S. Paulo, o Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva.

Memoria que em cumprimento do art. 164 dos estatutos apresentou no anno de 1860 á faculdade de Direito de S. Paulo o Dr. Antonio Carlos d'Andrada Machado e Silva.

Memoria historica academica apresentada na primeira sessão do anno de 1861 á faculdade de Direito de S. Paulo na fórma do artigo 164 dos estatutos, pelo Dr. Clemente Falcão de Sousa Filho.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

DUAS PALAVRAS SOBRE AS THEORIAS DA POVOAÇÃO

O Genesis, no C. 1. v. 28, diz-nos como o Creador, abençoando nossos primeiros paes, accrescentára: —*Crescite et multiplicamini, et replete terram, et* SUBJICITE EAM, *et dominamini piscibus maris, et volatilibus caeli, et universis animantibus, quae moventur super terram.*

Mais ao diante, quando o escriptor sagrado refere a punição do peccado original, infligida ao protoparente do genero humano, lê-se ahi a expressiva lei do trabalho, assiduo e penoso, por cujo meio o esfôrço humano tem de procurar a quotidiana alimentação: —

Maledicta terra in opere tuo: in laboribus comedes ex ea cunctis diebus vitae tuae. C. 3, v. 17. *Spinas et tribulos germinabit tibi, et comedes herbam terrae.* v. 18. *In sudore vultus tui vesceris pane.* v. 19.

Ainda alem, quando, extinctos os homens, menos a familia de Noé, e sahida esta da arca, vae começar a obra da repovoação do mundo, novas bençãos a sanctificam e encaminham: — *Crescite et multiplicamini, et ingredimini super terram, et implete eam.* C. 9. v. 7.

Lei de *multiplicação* da especie humana, para que occupe e —*encha a terra*: — lei concomitante do *trabalho* assiduo que a —*submetta*, e obrigue a dar, em vez de silvas e cardos, o pão, que ha de alimentar a especie multiplicada; — multiplicação real e effectiva, que dure, e vigore, enchendo, e submettendo a terra; não —ephemera, que só appareça para desapparecer, como relampago, victima da fallencia dos meios indispensaveis para viver:

Multiplicação por tanto racional, determinada não unicamente pelos instinctos brutaes do corpo, quaes os que só movem o irracional, descuidoso da sorte dos entes, que o coito poderá produzir; — mas, conjunctamente com os impulsos physicos, pela acção superior do espirito, intelligente e previdente, racional.

O homem sensato, moral, religioso; e o povo, que se deixar guiar, devidamente educado, pelos mesmos supremos principios, considerará quão miseranda é a multiplicação, procedente do vicio, e que vae, na maior parte, extinguir-se no espantoso morticinio dos *expostos*, se não nos horrendos infanticidios, nascendo para logo morrer.

Reflectirá, preverá o futuro, sobr'estará nas mesmas legitimas ligações pelo matrimonio, até que possa dispor os meios d'entrar 'nelle com bem fundadas esperanças de fazer — *viver* os novos seres, que d'ahi procederem.

Redobrará d'esforços na familia, *trabalhando*, não só para si, senão para elles; e *poupando*, quanto possa, para melhorar a propria sorte, e a d'elles, no presente e no futuro.

Com o sacrificio e a abnegação no princípio, no meio, e no fim; sem a *incuria* que paralysa as fôrças, e — os *vicios* que as consomem bem como aos recursos, o povo moral, activo, sobrio, previdente, multiplica-se, enche e sujeita a terra, cumprindo a lei do Creador.

Por ella e com ella, e com os preceitos da moral christan, a povoação, no seu maximo desinvolvimento, benção de Deus, na familia e nas nações, não póde deixar de considerar-se verdadeiro bem, elemento e manifestação, sublime, perfeita e cabal, de pública prosperidade. « O crescimento, rapido e continuo, da povoação (diz Mr. Ch. Perin) não é, como quizera fazel-o crer o materialismo economico, um dos flagellos, que levam os povos á decadencia e ao aniquilamento pela miseria. É pelo contrário, em geral, uma benção, um signal e ao mesmo tempo uma fonte de progresso e de fôrça.»[1] — Prover a povoação *mais numerosa* (diz tambem Mr. Roscher) dos meios d'existencia mais favoraveis, tal é o fim supremo dos progressos economicos. Uma povoação compacta não sómente é signal de desinvolvimento das fôrças productivas energicamente empregadas, mas constitue, per si mesma, uma fôrça productiva de grande potencia; actua, da maneira mais fecunda, aguilhoando e facilitando a applicação de todas as outras.[2] —

Número e abastança de cidadãos — fôrça e riqueza dos Estados. Assim o consideravam os antigos sabedores e homens publicos, reunindo, não desconjuntando os dois termos; assim o repetem hoje os mestres da sciencia, desassombrados dos calculos pessimistas de Malthus,[3] e das conjecturas assustadoras de Tracy,[4] e outros.

Evidente é por tanto que, ao desinvolvimento da povoação, deve corresponder o da producção; ao —*multiplicamini* o — *subjicite terram* do livro sagrado; — não para que se dê o impossivel de bens e commodos indefinidos, a opulencia que permitta os maximos gozos, mas, como diz tambem com plena razão, o mesmo Mr. Perin: — «O necessario da vida, que habilite o homem a cumprir na terra os destinos superiores, a que Deus o chama.»

Considerado o homem materialmente, como simples animal, cujo bem esteja no gôzo physico, comprehende-se, por uma parte, a doutrina dos que anhelam limitada a povoação e crescente a riqueza; — a menos homens maior quota de partilha nos bens materiaes e gozos dos sentidos. E pela outra parte explica-se a medonha theoria, segundo a qual, por fôrça

[1] De la Richesse dans les sociétés chretiennes L. IV. c. 1.
[2] Princip. d'econ. polit. § 253.
[3] Ess. sur le princ. de la population.
[4] Traité d'econ. polit. C. IX. e X.

de omnipotente fatalidade, o genero humano caminha da riqueza para a miseria, multiplicando-se. «Se o homem não tem outra lei senão o desinvolvimento de seus gozos, porque ha de elle reprimir o mais imperioso de seus instinctos? (Mr. Perin).

D'ahi a multiplicação para a miseria, para a fome, para morte. Gozar no presente o maximo possivel, saciar largamente os appetites do corpo, descurar do futuro proprio, e dos fructos d'esses gozos, quaesquer que sejam as consequencias, é, não de racional e de quem reconheça ter em si um espirito immortal, mas do bruto, cuja unica regra é o instincto animal: mas é ao mesmo tempo a consequencia logica do materialismo.

Não ignorâmos de que modo uma philosophia falsa, que d'elle procede, e com elle só vive, pretende suster a torrente devastadora. Que esta a assuste, não admira. No fim da carreira a pavorosa miseria, com a desordem, a anarchia, o aniquilamento e a barbarie, arrebataria, realisada, a taça dos festins da mão dos alegres sybaritas, e arrojaria os moles e effeminados dos aureos leitos em que descansam, ebrios de devassidões. Mas os alvitres enojam e condémnam-se per si mesmos.

Já lêmos algures, com asco e horror,—que um dos remedios estava nos lupanares! E por que não no asqueroso onanismo? na exposição á chineza? Não vão mui longe os que queriam pôr peias ás legitimas uniões por motivo de condição, falta de meios, possibilidade de necessitar soccorros publicos, etc. Mas d'aqui áquellas hediondas torpezas parece-nos haver apenas um passo.

Grande, sublime, sôbrehumana é a virtude da castidade, e o celibato virtuoso.

É estado de perfeição, o qual deve principiar pela acção da graça, que dicta a vocação; e que só ella póde bem firmar e continuar.

Impol-o por lei civil, ou (o que val o mesmo) por fôrça e vontade d'homem, é absurdo e revoltante despotismo.

A eschola moral, espiritualista, que reune hoje a maxima parte dos melhores economistas, segue diversissimo rumo. Conta com a acção da alma sôbre o corpo, ao qual foi dado, na phrase sentenciosa de Sallustio, obedecer, como á outra o mandar:—*Nostra omnis vis in animo sita est; animi imperio, corporis servitio magis utimur. Alterum nobis cum dis, alterum cum belluis commune est.* Catil. 1.

A previsão, a abnegação, a renúncia, o sacrificio, a sobriedade, e a rigorosa moralidade, ignotas do bruto, que se entrega ao appetite aonde e como o póde satisfazer, devem reter no homem, ente racional, os impulsos da carne.

Póde dest'arte evitar o vicio, e retardar o matrimonio, não o verificando, senão com reflexão e prudencia, com o intuito nos meios e maneira por que possa,—*fazer viver* a innocente prole, que espera de sua legitima união.

Crescerá e multiplicará,—mas como homem que tem de cumprir sublimes destinos, que tem de submetter e encher a terra; o que não alcançam seres enfezados, que nascem para breve deixarem d'existir;—e em summa, que ha de viver, alem do tempo e do espaço, responsavel perante Juiz omnisciente e infallivel pelo mal que fizer a si e aos outros, e pelo bem, que, podendo fazer, ommittiu.

Póde mais, e deve-o a Deus que o creou e associou comsigo na grande obra da conservação e aperfeiçoamento da humanidade,—a si, artifice da propria felicidade, responsavel como livre,—e aos outros, que por ventura d'elle procedam,—não descurar de *submetter* cada vez mais a terra, e d'inquirir e tentar apoderar-se dos segredos da natureza, para multiplicar, com a humanidade, os meios da existencia, proprios e d'est'outros. E como condição d'estes resultados, póde e deve o homem não menos resignar-se ao sacrificio da temperança nos gozos, que produz os capitaes, ou os instrumentos e materiaes do trabalho; com os quaes, no sentencioso dizer de Bastiat:—«Prepara o viver, o alojamento, o abrigo, o descanso, a instrucção, a independencia, e a dignidade para as gerações futuras.»

É na verdade difficil e penoso o sacrificio do trabalho assiduo, da reflectida previsão, e prudente sobriedade. É a lucta de todo o instante com a maldição da terra; com as silvas e tojos, que d'ahi procederam: é o pão comido, por lei infallivel, com o suor do rosto do homem laborioso.

Mas repetiremos com mrs. Baudrillart, Perin, e por ventura com quantos têm meditado estas grandes verdades:—«Difficuldade fecunda, porque os esforços, que o homem faz por vencel-a, são a fonte de seus maiores progressos! sem esta necessidade, que o aperta a todos os momentos de sua existencia, o homem, cedendo ás seducções da perguiça, encerrar-se-ia em perenne e esteril repouso.» (Perin).

Pater ipse colendi
Haud facilem esse viam voluit, primusque per artem
Movit agros,—curis acuens mortalia corda,
Nec torpere gravi passus sua regna veterno.

Virg. Georg. 1. 121.

É a mesma ideia, suscitada ao principe dos poetas latinos pela comtemplação da natureza humana. «Sem o estimulo das necessidades (crescentes na intensão e na extensão, incessantes, e variadissimas) a humana actividade, diz bem Mr. Baudrillart, adormeceria, as sociedades ficariam estacionarias; a palavra *progresso* não teria sentido.»

D'este ponto facil é transportar-nos ás judiciosas considerações, com que Mr. Ch. Perin esclarece estas delicadas e importantes questões sôbre a theoria da povoação.

«Avança esta, diz elle, até aos limites das

subsistencias. Este limite recua continuadamente debaixo da pressão das ondas cada vez mais apinhadas das gerações humanas; mas como não cede senão á fôrça e lentamente, aquelles, a quem elle contém, experimentam com isso um certo constrangimento; e a difficuldade de viver é para os mesmos uma condição constante. Este embaraço faz-se sentir mais rigorosamente áquelles, cujo redito não passa do necessario; e estes formam a immensa maioria do genero humano.» . . .

Não é possivel portanto que o trabalho assiduo, e a constante sobriedade e moralidade, lhes proporcione a abundancia, menos a opulencia, e com ella os apuros e saciedades do gôzo. Mas — «uma sociedade (continúa o mesmo escriptor), em que a povoação vá crescendo, ainda em progressão bastante rapida, se permanecer, em todo o ponto, fiel á lei moral, que rege os destinos humanos, encontrará sempre não a riqueza e o gôzo para todos, mas ao menos — o *necessario* na vida material; com — a dignidade da creatura racional e livre, que constitue o necessario da vida moral.»

A historia dos progressos economicos concorre a firmar estas graves considerações. A expansão da humanidade, a facilidade das communicações e das trocas, o aperfeiçoamento dos processos, a aclimatisação de novas plantas nutritivas quer do homem, quer dos animaes de que se alimenta; tudo nos afoita a abandonar a bandeira dos pessimistas, e a dar incessante gloria ao creador, que mandou ao homem encher e subjugar a terra.

«Uma cousa nos toca na marcha da historia (diz ainda Mr. Perin) é que, por designio visivel da Providencia, a todas as epochas, em que o genero humano tende a tomar nova expansão, correspondem as grandes descobertas, que mudam a face do mundo material, modificando profundamente os processos do trabalho, e estendendo prodigiosamente as relações das diversas partes do globo. Ora, por que razão o genio do homem não poderá executar no futuro o que tem sabido, guiado pela Providencia, fazer até aqui?»

A emigração, effeito da superabundancia possivel com relação a determinado espaço, ninguem haverá que deixe de reconhecer que é a maneira de encher e subjugar mais largamente o orbe da terra, multiplicando por isso mesmo os productos, as trocas, e os meios de sustentar e desinvolver a povoação nos paizes, d'onde partiu, e naquelles que demandou.

É porém incontroverso, que nenhum progresso, moral e material, bem como nenhuma possibilidade d'emigração podem impedir a producção de *crises*, em que uma parte da povoação padece; e durante as quaes o equilibrio entre a producção e o número dos consumidores se perturba. — Não ha actividade, nem sobriedade, nem moralidade que possam absolutamente remover estes dias desastrosos.

«São ellas (diz tambem Mr. Perin) uma das difficuldades da vida presente, a que os melhores e os mais fortes entre os individuos, como entre as nações, estão sempre sujeitos; e que por via dos esforços, que se fazem pelas superar, constituem mais um meio de crescer. Em tal caso, nos povos, dotados d'uma fôrça moral sufficiente, ver-se-ha, passado algum tempo, a prosperidade da sociedade, passageiramente compromettida, retomar o seu curso regular. A povoação, suspensa em sua marcha ascendente, recobrará em breve o impulso ordinario. De geração em geração, novas fôrças ajunctar-se-hão ás fôrças accumuladas pelos laboriosos esforços dos homens, durante o curso d'uma dilatada civilisação; o progresso do trabalho seguirá o progresso da povoação; e esta avançará com uma fôrça d'expansão, sempre constante, mas tambem sempre contida».

Mas, rejeitando o pessimismo malthusiano, (segundo o qual um desequilibrio entre a povoação e a produção, especialmente a alimenticia, tem por inevitavel resultado a miseria e a barbarie, ao cabo do progresso social) — quereremos seguir e ensinar a theoria toda contrária — d'um augmento indefinido na potencia productiva, concomitante com um augmento de povoação, egualmente indefinido? . . . .

Esta opinião, agradavel ao amor da humanidade, e que se fôsse realisavel, expressaria a idéia do eden na terra, parece por uma parte peccar no materialismo, que reduz todo o bem e a sorte do ente racional á fartura do corpo no tempo; e pela outra contrastar a lei divina do trabalho, aspero, continuo, ingrato, com o suor do rosto: *sudore vultus tui*.

Entre os dois extremos ha o termo medio, no qual, como em tudo o mais, está, com a verdade, a justiça e a virtude; e pelo qual por certo caminharemos seguros.

Ha fôrças puramente naturaes, illimitadas e inappropriaveis, isto é, que qualquer pode aproveitar, ou *sujeitar* (na phrase do Genesis); sem que, com isso, um outro fique privado de egualmente se servir d'ellas, como o calor, o pêso, a cohesão, a electricidade.

«Na maior parte dos casos (diz Roscher, § 33), á medida que se augmenta o número ou a proporção dos corpos que servem de vehiculo ás fôrças naturaes, estas exercem uma acção relativamente mais consideravel.»

Com relação aos trabalhos, que não demandam senão o emprêgo d'estas fôrças — puramente mechanicas e chymicas —, a não faltar *a materia*, ou o espaço, a produção é certamente indefinivel. — «A potencia do trabalho humano (diz Mr. C. Perin) não conheceria outro limite senão aquelle, que o mesmo

homem creasse, por culpa sua, pela falta d'energia, actividade e intelligencia, e pelos vicios da sociedade em que se exerce o seu trabalho!»

Mas, alem d'estas fôrças, a industria humana actua sôbre outras, de mui diversa natureza, vegetativas, vitaes, as annexas á terra; e essas, além de limitadas e appropriaveis, offerecem, de continuo, á actividade do homem um limite, que é mister forçar com difficuldade, incessante esfôrço, modico provento, e nem sempre, pelo contrário das outras, humilde e prompta submissão; porque não lhe é dado vencer, absolutamente, as circumstancias naturaes que determinam a productividade do solo, ainda o melhor aproveitado. É ahi que estão os — *tribuli et spinae*, especial e litteralmente.

Para muitos dos trabalhos fabris a industria agraria fornece a materia; e aos productores, de qualquer genero, a totalidade da povoação, o alimento. D'ahi uma forçosa limitação na faculdade de produzir, — uma real impossibilidade na *indefinida* producção.

«Se a massa dos productos brutos (diz Senior, cit. por Mr. Perin) pudesse crescer na mesma porporção da potencia do trabalho manufactor, não haveria limites no progresso da riqueza e da povoação.»

A terra cultivavel nem é indefinida, nem, mesmo, a sua capacidade productiva. De quanto sôbre este assumpto discorrem os economistas, ao menos essa asserção ninguem razoavelmente a contesta.

Não é menos certo que o trabalho, productor das materias primas e dos alimentos, pode consideravelmente aperfeiçoar-se, verificando-se nelle a lei economica do verdadeiro progresso: — o mesmo proveito com menor dispendio; ou maior com egual despeza; mas — «estes progressos, pela mesma natureza das cousas, não se operam senão lenta e difficilmente, de modo que, seguindo o movimento do accrescimo da povoação, de ordinario não lhe tomam a dianteira.

— «Recúa o obstaculo, e as novas gerações encontram, com seu logar ao sol, seu justo quinhão nos fructos, pelos quaes a terra recompensa o trabalho do lavrador; mas recúa lentamente, entretanto que as gerações são promptas a avançar; de modo que essa parte dos fructos da terra, para a grande massa da humanidade, não excede do necessario, e este á custa d'asperas e continuas fadigas. (Perin).

E o reconhecimento d'esta verdade manifesta, mais uma vez, a indispensavel necessidade da abnegação, trabalhando e poupando; e ao mesmo tempo, pelo influxo da moralidade christan, contendo os appetites brutaes, e prevenindo a intempestiva multiplicação da especie, para que não soffra os horrores da destruição, pela fome e miseria.

É sempre grato ao homem, que estuda e medita os phenomenos sociaes, e que ácêrca d'elles tem formado um qualquer juizo, achar-se d'accordo com outros, cujo voto anima e honra aos que o seguem.

As ideias, que deixâmos ahi esboçadas, conformes ao que antecedentemente, entre outros e melhor talvez que todos, escrevêra o insigne Bastiat, encontram-se de novo na obra publicada no anno proximo por Mr. Ch. Perin, professor de direito público e economia politica na universidade de Lovaina, *De la richesse dans les sociétes chretiennes*, 2 vol. in 8.° (Guillaumin).

Apontando um ou outro trecho, no Livro IV como costumâmos, depois de primeira leitura, correu-nos involuntariamente a penna, porque participavamos em pensamentos. Ás suas junctámos nossas ideias. Servirá ao menos o mal alinhado artigo, para chamar a attenção sôbre um livro, que nos parece excellente.

OS JUROS

Se o capital nasce da producção, — seguida da economia do produzido; e se representa todos os instrumentos, materiaes, e materias primas, da industria, que com elle se obtem, haveremos de concluir 1.° — que, na sua formação, ha grande cópia d'esforços empregados, e de privações experimentadas; — e 2.° que o capitalista, deixando de aproveitar-se do seu capital, e prestando-o ao tomador, faz-lhe um verdadeiro serviço, e tanto maior porque esse capital, o instrumento por excellencia, habilita-o a fazer uso de suas fôrças intellectuaes e physicas; as quaes, sem elle, seriam como se não fôssem.

Segue-se não menos — 3.° que, pelo emprestimo do capital á empreza industrial, embora o capitalista não corra as incertezas da mesma, e não seja, no rigor do direito, socio do tomador, associa-se na realidade com elle, prestando um as obras, e o outro o instrumento e a materia; d'ahi a justa razão d'uma partilha nos proventos, a qual, estipulada de principio num tanto, certo para o capitalista, toma o nome de *juro*, se o capital é *movel* ou *circulante*.

Hoje que o movimento do commercio, e das transacções de credito, facilitam cada vez mais o emprêgo dos capitaes, é fora de dúvida que o capitalista encontra muitos meios de fazer valer as suas economias. Tem o desconto de letras, a compra d'acções de companhias, a de inscripções do credito público, nacional e estrangeiro, as caixas economicas para pequenas sommas, etc.; e quando se resolve a emprestar por outra fórma, ha por certo para elle o — *lucrum cessans* dos theologos.

Segue-o o *damnum emergens* — mórmente considerando-se, que nem sempre é facil retirar sem falha, e nos emprestimos hypothecarios difficillimo, quasi impossivel, rehaver de prompto o capital mutuado, e por ventura urgentemente exigido por sobrevenientes circumstancias.

O *periculum sortis* — por causa da insolubilidade do tomador é mais ou menos imminente. As crises industriaes arrastram algumas vezes, e precipitam a fortuna das mais acreditadas firmas; — os direitos de propriedade, sôbre os quaes assentava a firmeza da hypotheca, appárecem litigiosos, talvez por fim suppostos e nullos; — a mesma hypotheca, inquestionavelmente livre e desembargada, perde-se pelas molestias das plantas, ou effeito das tempestades, inundações, e outros sinistros. . .

Distinguindo por tanto a *caridade*, tão humana, tão propria de irmãos, tão necessaria á harmonia e ás doçuras da sociedade, e tão singularmente christan, da rigorosa justiça, é incontroverso que o capitalista, comproductor pelo instrumento e material do trabalho, estipula e recebe com direito uma parte do produzido, um juro do circulante, como um aluguel do capital *fixo*.

Não se confunda o uso com o abuso. «A impunidade do furto (disse bem o excellente moralista economico J. Droz) nada tem com a liberdade dos contractos. O infame, que se aproveita do estouvamento de mancebos imprudentes, e da desgraça ou ignorancia dos que se lhe dirigem, obrigando-os a subscrever condições indevidas, e que outros rejeitariam, commette roubos tanto mais escandalosos, quanto menos defensaveis, e mais dignas de compaixão são as pessoas, de quem d'est'arte abusa.» Econ. Polit. L. 3, C. 3.

Commette certamente o *vilanissimo* usurario um d'aquelles horrendos peccados, que a Egreja tão exactamente estygmatisou, nos seus livros de doutrina, com o epitheto — *dos que bradam ao ceu*; porque *opprime os pobres*, — de bens de fortuna, e de bens do espirito; — porque calcula, e ri-se com as lagrimas do orphão, da viuva, do louco, e em geral do desvalido.

Entrepondo-se Ella, como de direito, e por propria missão, entre os poderosos e os fracos, os ricos e os pobres; e começando de longe, em epochas mais proximas aos tempos d'oppressão da plebe romana pelos insaciaveis *foeneratores*, e do muito irmão *judaismo* da edade média, ninguem, *sanae mentis*, estranhará seus anathemas contra a usura, em prol dos pequenos, dos pobres, em geral do povo, qual então se designava por este nome. — E as claras, precisas, e cautelosas condições da legitimidade do contracto, não *mutuo*, sempre benefico e de christan caridade, — mas de constituição de juro, ou analogo; condições, segundo as quaes as corporações religiosas, mais austeras e observantes, emprestaram e emprestam a juro seus capitaes, favorecendo com esse mesmo emprestimo as classes menores, mormente agrarias, e livrando-se assim dos cuidados e perigos das administrações dos bens de raiz, acceita-as de boamente, fal-as suas a economia politica illustrada.

Longe iriamos por este caminho. Quem quer que sisudamente estudar este ponto, temos que a verdadeira sciencia o trará ao accôrdo de fazer justiça á sabedoria e á caridade d'aquella, que Jesus Christo constituiu por luminar do mundo, embora alguns de seus ministros a compromettam e inquinem com seus escandalos e cubiças; que é proprio d'homens o cahir na culpa, nem foi *aos individuos* promettida a sôbrenatural inerrancia.

Até onde porém subirá sem excesso o juro? qual o termo possivel de sua baixa? qual a média?

Se na entrada em gyro do capital ha um sacrificio feito, um perigo incorrido, e, quando mutuado, um serviço prestado, é evidente, segundo os principios, que, salva a generosidade do amor fraternal e do proximo que pomos de parte, ha-de haver a expectativa d'uma compensação e retribuição bastante; a qual variará, conforme as pessoas, as emprezas, os tempos e logares, e que por isso mesmo não é possivel fixar-se.

O que certamente obsta á razão e á experiencia é a generalisação d'um estado em que essa compensação eguale a *zéro*.

Depende o ajuste de circumstancias geraes ao mercado, e particulares, das seguranças ou riscos dos tomadores, bem como da ordem pública. É o juro como preço do *uso do capital*; e este qual mercadoria, que *baixará*, se for abundante com relação á procura; ou *alteará*, se o não for. D'ahi os 3 e $2^{1}/_{2}$ *de percentagem* bastante commumente na Inglaterra; e os 5, 6, 7, 8 e mais, noutros povos, e edades. D'ahi os descontos, verdadeiros juros havidos anticipadamente, ainda mais varios com as flutuações do commercio, as seducções do espirito industrial, e os abalos do credito, de praça a praça, povo a povo, e até de mundo a mundo.

Cousa é por tanto assentada que nada ha mais variavel, e por isso menos susceptivel de fixar-se por lei, salvo para mui poucos e bem precisos casos, do que o preço do uso dos capitaes.

Fixal-o-ha a lei em 5 por cento; e porque não em 4, em 3, em 2? porque não em 6, 7, 8?

Qual a razão da legitimidade naquella precisa *percentagem*?

Poderá porém o industrial, tomador do capital, obrigar-se ao pagamento d'um juro tal, que lhe não consinta indemnisar-se de suas despesas, e pagar a si mesmo o preço do seu tempo e obras?

Será possivel esse juro? será justo?

Nem é possivel, nem é justo.

Trabalhar, perdendo, como? tomar um consocio inteiro, ou quasi inteiro, o producto da commum empreza (e o capitalista, já o vimos, é em todo o caso um consocio) é reproduzir a fabula do leão em companhia com a

Vacca et capella et patiens ovis injuriae.

Mas a empreza singularmente lucrativa (supponhamos) retribue todos os esforços, inclusos os do emprezario, que a dirige, o trabalho seu, —*de direcção*; retribue-o mesmo além da taxa média, superabundantemente; e fica-lhe ainda com que abonar ao capitalista não 8 ou 9, mas 10, 12, 15 e mais de percentagem.

Porque não? aonde o prejuizo? aonde o injusto? ganham todos, e mesmo na hypothese, com largueza; é de razão que a quota do que concorre com o instrumento e o material, o capital, receba tambem superior quinhão. Não succederia assim, se, em vez de estipularem um juro fixo, houvessem de fazer *rateio*, concluida a obra?

Portanto — *legitimidade* do juro, em these; —*variabilidade* do mesmo, insusceptivel de fixar-se sem cahir em absurdo; — um *minimo* abaixo do qual não póde descer; — um *maximo* que não absorva, qualquer que seja o montante, a retribuição do trabalho que gyra com o capital, e o embôlço de suas outras despezas: —e uma inteira e absoluta distincção da *usura* sordida, e abjecta, antimoral e antieconomica, eis ahi rigorosas verdades, que têm passado na economia politica, e na sciencia da legislação industrial ao estado de — AXIOMAS. *

PAPEL-MOEDA E GRANDES INDUSTRIAS

Sociedade d'economia politica de Paris — O jornal dos economistas, no 1.º numero d'este anno, dá noticia das palestras d'aquella illustre sociedade nas sessões mensaes de novembro e dezembro.

Na 1.ª deu-se conta do fallecimento dos dois principes, muito caros á sciencia e á humanidade, e que por isso mereciam aquella especial commemoração, o Senhor D. Pedro V, e o principe Alberto, d'Inglaterra. — Mr. Scialoja, italiano, e commissionado em Paris para negociações de tractado de commercio com a Italia, testimunhou felices resultados da uniformidade, naquelle paiz introduzida, da pauta das alfandegas piemontezas, e do crescente estudo da sciencia economica.

Mr. Garnier Pagès, antigo ministro da fazenda em 1848, de volta da Allemanha, e de assistir ahi ao congresso dos economistas em Stuttgard, informou a assembleia ácêrca de differentes pontos interessantes. E como fallasse do movimento consideravel de circulação e emprêgo de capitaes, que observára em Vienna d'Austria, apesar de se julgar o paiz arruinado pela creação d'um papel moeda, attribuindo em grande parte aquelle movimento a essa mesma causa, suscitou-se animada conversação, relativa a este importante assumpto.

Mr. Pagès, que se ufanava de ter resistido, quando ministro, á adopção d'egual expediente, parecêra modificar agora as suas ideias. «Ninguem enthesoura o papel-moeda (disse elle), cada um procura dar-lhe emprêgo desde logo; cada um se apressa a transformal-o, este em casas, aquelle em moveis, um em objectos d'utilidade ou gôsto, outro em objectos productivos ou improductivos. A rapida circulação do papel causa por tanto uma multiplicidade de trocas ou de creações, que dão uma apparencia de riqueza, aonde ha penuria d'especies, e credito abatido!

Mr. Wolowski, e depois o mesmo Mr. Pagès concordando com elle, reconheceram, que este movimento sería puramente feitiço e apparente, se tivesse por causa sómente o papel-moeda, e os desejos de o empregar. Outro e mais real é o motivo, a crescente e effectiva prosperidade do imperio, sendo cousas mui diversas as difficuldades financiaes do Estado, e a prosperidade da nação.

Mr. Dupuit, fallando sôbre o mesmo thema, suscitou os graves perigos das emissões, quando, instados os governos pela necessidade, e descurando da rapida depreciação do papel, o multiplicam sem conta, — a exorbitancia dos preços, as leis do *maximum*, a paralysação da industria.

Mas, no seu discurso, estabeleceu um principio, altamente verdadeiro, e que, applicado á hypothese, manifesta que o commercio, hoje mais que nunca d'atalaia contra os errados systemas fiscaes, confia na illustração do govêrno da Austria, que não cahirá nos antigos desvarios, de que a França revolucionária foi especialmente victima nos fins do seculo passado.

«É verdade, disse elle, que aonde ha o papel-moeda, os que o possuem, procuram desfazer-se d'elle; mas isto não póde activar de nenhum modo o commercio e a industria, porque, para fazer-se um mercado, não basta querer comprar, é mister não menos encontrar quem queira vender.

Ora, pela mesma razão, por que o comprador pretende desembaraçar-se do papel-moeda, não quer o vendedor embaraçar-se com elle.»

Logo, accrescentaremos nós, se o maior movimento existe com elle e por meio d'elle, é signal certo d'uma confiança, que não póde resoavelmente contestar-se. José Dróz dizia bem que o papel-moeda similhava, em seus effeitos proximos e remotos, um fogo d'artificio, que cega para deixar logo em mais escuras trevas: e Mirabeau, — que era uma invenção do despotismo delirante.

Ora o nosso tempo nem já comporta as se-

ducções dos fogos d'artificio em materias de crédito e finanças; e menos se accommoda com os delirios governamentaes, qualquer que seja a fórma do govêrno.

Fechou-se a sessão, dando conta Mr. Laur, ingenheiro do corpo imperial de minas, do que observára na America, aonde fôra em missão, ácêrca da producção de metaes preciosos, e riqueza das mineiras.

Na sessão de 5 de dezembro foi longa e curiosa a discussão, sôbre — qual será mais conveniente, se a administração, por conta do Estado, das grandes emprezas, exclusivas, e especialmente das linhas ferreas; — se a exploração e gerencia por companhias.

Ninguem contestou a immensa superioridade da acção individual, nas emprezas industriaes; e a incompetencia, em geral, do Estado para quaesquer que sejam.

Porém, em todas quantas exigem grossos capitaes, que não podem reunir-se senão por meio de sociedades anonymas, mórmente quando o monopolio é como natural e inevitavelmente inherente ás mesmas, hesitaram muitos dos oradores ácêrca de qual mereceria a preferencia, se o Estado, se as companhias, administrando.

O descuido e a indifferença dos funccionarios publicos, gerentes d'emprezas do Estado, e cujos vencimentos independem do successo, correm parelhas com eguaes defeitos dos empregados das grandes companhias, egualmente estranhos ao interesse proprio e individual do empresario, que trabalha por sua conta e risco.

Se é difficil defender o simples cidadão contra o abuso do govêrno, ou de seus funccionarios, apesar da opinião, da imprensa, e dos tribunaes, que póde ter por si; entendíam que não o era menos contra as companhias, quasi Estados no Estado, e cuja preponderancia fazia muitas vezes calar em torno de si a imprensa e a justiça.

Allegou-se mais que o Estado, pondo a mira na maxima circulação, sería mais inclinado a abaixar as tarifas, do que as companhias, sollícitas pelo maximo rendimento com preços altos.

Mr. J. Garnier reduziu ás justas proporções este último argumento, apenas especioso, lembrando que o maior producto presuppõe o maior consumo, e este os preços modicos; o que as companhias plenamente comprehendiam, e nem sempre o Estado, attento áquillo que mais salientemente parece augmentar a receita pública. Além de que, produzindo elle sempre com maior custo, difficilmente poderá servir mais em conta.

Os mais conhecidos dos oradores tomaram egual partido. Os inconvenientes, incontroversos, da gerencia das grandes companhias, manifestam-se na do Estado, companhia incommensuravelmente superior, e em muito maior escala.

A natureza do assumpto, e a sciencia e experiencia dos oradores, não podiam deixar de enriquecer esta discussão com judiciosissimas e mui várias ponderações, que merecem ler-se, não em brevissimo extracto, qual este, mas por extenso na noticia da sessão, que publica o jornal dos economistas.

*

SCIENCIAS PHYSICAS E MATHEMATICAS

HYDROLOGIA

Descurados têm corrido no nosso Portugal objectos de maxima importancia. Entre estes não occupa o último logar, — se não o primeiro, — a anályse das aguas tanto medicinaes como potaveis.

A therapeutica e a hygiene pública tiriam d'ahi valiosissimos resultados. Assim o entendem as nações civilisadas, e o cuidado, que consagram ao estudo da hydrologia, são d'isto prova irrecusavel. Entre nós, além do pouco que o Governo tem feito, um ou outro trabalho, filho do zêlo individual, nos ha indicado a composição d'algumas aguas, cujas origens tanto abundam no nosso paiz. Oxalá se désse a este objecto toda a attenção de que elle carece, e de que se torna tão digno!

Podendo actualmente o gabinete de Chimica Medica da Faculdade de Medicina dispor de meios a isso appropriados, moveu-nos o ânimo intentar a analyse das aguas d'esta nossa cidade. Sirva este trabalho, tentado para instrucção propria, d'incentivo a observadores mais experientes; e chame elle a attenção de pessoas mais habilitadas em anályses tão difficeis como uteis.

Sendo nosso principal fim a determinação dos saes terrosos, existentes nas aguas, seguimos o methodo de Boutron e Boudet, aconselhado modernamente, hoje, que a anályse volumetrica proposta por Descroisilles ha meio seculo, e seguida por Gay-Lussac, Pelouse Poggiale e Deschamps, tem vantagens por todos reconhecidas.

Julgâmos preferivel apresentar em mappas o resultado dos nossos trabalhos. Assim mais facilmente serão apreciadas, e com mais promptidão conhecidas as diversas porporções de saes terrosos, e acido carbonico, contidos em cada uma das aguas analysadas.

F. A. ALVES.

Reacções manifestadas pelas differentes aguas com os reagentes abaixo designados — Mappa n.º 1.

Designação das aguas	Papel de tornasol	Acido sulfurico	Nitrato de prata	Chlorureto de baryo	Azotato de baryta	Ammoniaco	Carbonato de ammoniaco	Oxalato d'ammoniaco	Potassa	Carbonato de potassa	Acetato de chumbo	Agua de baryta	Agua de cal	Observações
Agua do Mondego	levemente acida	prec. branco	turvou-se, e escureceu á luz	—	—	—	—	prec. branco	prec. branco	prec. branco (*a*)	prec. branco	—	prec. branco	(*a*) Este precipitado foi obtido lançando o reagente sôbre a agua fervida e filtrada, e depois levada á ebullição.
» da fonte da Feira	Idem	Idem	—	—	—	—	—	Idem	Idem	Idem	Idem	—	Idem	
» da fonte do Jardim	Idem	Idem	—	—	—	—	—	Idem	Idem	Idem	Idem	—	Idem	
» da fonte do Cidral	Idem	Idem	prec. branco, que escureceu á luz	—	—	—	—	Idem	Idem	Idem	Idem	—	Idem	
» da fonte do Castanheiro. ...	Idem	Idem	Idem	—	—	—	—	Idem	Idem	Idem	Idem	—	Idem	
» da Fonte Nova	Idem	Idem	Idem	—	—	—	—	Idem	Idem	Idem	Idem	—	Idem	

Mappa dos graus hydrotimetricos da agua no estado natural, e depois de sujeita ás operações abaixo mencionadas — Mappa n.º 2.

Designação das aguas	Data em que foram colhidas	Grau hyd. da agua no estado natural	Grau hyd. da agua precipitada por 2 c.c. d'oxalato d'ammoniaco (a)	Grau hyd. da agua fervida e filtrada	Grau hyd. da agua fervida, filtrada e precipitada pelo oxalato d'ammoniaco	Observações
Agua do Mondego	3 de fevereiro de 1862	12°	9°	8°	7°	(a) Este reagente era formado de 100 grammos d'agua distillada, e 60 grammos d'oxalato d'ammoniaco.
» da fonte da Feira....	2 de fevereiro de 1862	29°	17°	13°	13°	
» da fonte do Jardim ..	4 de fevereiro de 1862	29°	17°	13°	13°	
» da fonte do Cidral ...	Idem	19°	10°	10°	8°	
» da fonte do Castanheiro	5 de fevereiro de 1862	12°	7°	8°	6°	
» da Fonte Nova	4 de fevereiro de 1862	95°	52°	42°	37°	

Mappa dos graus hydrotimetricos do acido carbonico, e saes ferrosos contidos 'num litro d'agua — Mappa n.º 3.

Designação das aguas	Data em que foram colhidas	Acido carbonico	Saes de magnesia		Saes de cal		Total dos saes de cal e magnesia
			Carbonato de magnesia	Sulfato de magnesia	Carbonato de cal	Outros saes de cal alem do carbonato	
Agua do Mondego	3 de fevereiro de 1862	2°	7°	—	2°	1°	10°
» da fonte da Feira....	2 de fevereiro de 1862	4°	13°	—	12°	—	25°
» da fonte do Jardim ..	4 de fevereiro de 1862	4°	13°	—	12°	—	25°
» da fonte do Cidral ...	Idem	2°	8°	—	7°	2°	17°
» da fonte doCastanheiro	5 de fevereiro de 1862	1°	6°	—	3°	2°	11°
» da Fonte Nova	4 de fevereiro de 1862	15°	37°	—	41°	2°	80°

Mappa dos equivalentes do acido carbonico e saes terrossos contidos 'num litro d'agua, com relação aos graus hydrotimetricos — Mappa n.° 4.

Designação das aguas	Acido carbonico (em volume)	Saes de magnesia (em pêso)		Saes de cal (em pêso)		Total dos saes de cal e magnesia
		Carbonato de magnesia	Sulfato de magnesia	Carbonato de cal	Chlorureto de calcio	
	litros	gr.		gr.	gr.	
Agua do Mondego.....	0,010	0,0616	—	0,0206	0,0114	0,0936
» da fonte da Feira....	0,020	0,1144	—	0,1236	—	0,2380
» da fonte do Jardim..	0,020	0,1144	—	0,1236	—	0,2380
» da fonte do Cidral....	0,010	0,0704	—	0,0721	0,0228	0,1653
» da fonte do Castanheiro	0,005	0,0528	—	0,0309	0,0228	0,1065
» da Fonte Nova.....	0,075	0,3256	—	0,4223	0,0228	0,7707

FISTULA VESICO-VAGINAL

Obliteração da uretra e sua separação da bexiga. Processo indirecto para combater estas lesões.

A singularidade d'esta observação de clinica cirurgica, e sua importancia, tanto para a pathologia como para a therapeutica cirurgicas nos demoveram a dar-lhe publicidade.

Joaquina Maria, filha de Manuel Carvalho, natural d'Alqueidão, freguezia de Maçans de D. Maria, edade 19 annos, casada, temperamento sanguineo, constituição robusta, e occupada em trabalhos ruraes, teve um parto, no qual, por demorado, foi assistida por uma comadre sua vizinha (e curiosa 'neste mistér,) que lhe tirou o feto, assim como as secundinas.

Em resultado d'imprudentes actos commettidos na parturiente, a emissão da urina tornou-se espontanea, sahindo constantemente pela vagina, e não pela uretra.

Observámos a doente quatro mezes depois do parto, e notámos o seguinte: hábito externo bem conservado, parte superior e interna das coxas assim como vulva, grandes e pequenos labios muito escoriados pelo contacto da urina 'nestas partes, as quaes apresentavam tamanha sensibilidade, que as não podémos bem observar por então. Prescrevemos-lhe o tractamento de lavatorios e injecções emollientes, repouso, dieta etc. Em poucos dias modificou-se aquelle estado, podendo observar-se melhor a doente.

O osculo da vagina estava um pouco contrahido, difficultando a applicação do speculum; a sua parede anterior parecia normal, desde a vulva até dois centimetros e meio d'extensão, onde, principiava uma solução de continuidade, com perda de substancia de comprimento de quatro a cinco centimetros e a largura de dois e meio, tendo os bordos já cicatrisados. Por meio da dilatação da vagina com o speculum, se via apparecer um corpo oblongo, de côr vermelha e aspecto fungoso (bexiga urinária), no qual se notava uma fenda transversal, de centimetro e meio de comprimento, admittindo a passagem d'uma algalia para a cavidade da bexiga.

Introduzindo o dedo indicador direito pela vagina em direcção á solução de continuidade da sua parede anterior, a face palmar do dedo ia tocar a parte posterior dos ossos pubis. Mettida uma algalia pelo meato urinario, só percorria a extensão de dois centimetros, encontrando 'nessa altura um obstaculo invencivel; carregando na algalia, apreciava-se pelo dedo (introduzido na vagina como já se disse) a ponta della através de tecidos consistentes. A bexiga achava-se afastada do pubis, tombada para a parte posterior, e o dedo apoiando-se na parte média da arcada pubica, podia descrever quasi meio circulo, levando a extremidade para a direita e para a esquerda.

A parede posterior da vagina tinha a extensão de sete a oito centimetros; no alto d'ella encontrava-se um apêrto, que parecia formado por cicatrizes, admittindo a custo a cabeça do dedo indicador, com o qual se podia tocar o focinho do utero, encarcerado 'num pequeno espaço, formado por pregas da mucosa vaginal, muito consistentes. Havia uma retro-versão do utero, como verificámos por meio do toque pelo recto.

Assim a exploração dos orgãos sexuaes mos-

trou-nos — rotura da parede anterior da vagina, obliteração da uretra e secção completa de parte da mesma, afastamento da bexiga e prolapso d'ella para a vagina, rotura no fundo inferior da bexiga, encurtamento do diametro longitudinal da vagina, constricção na parte que abraça o collo do utero, e retro-versão d'este.

Conhecemos que não cabia nas raias da sciencia o remediar tantos estragos; magoavanos porém profundamente o ver uma mulher na flor dos annos votada a soffrer toda a vida uma molestia asquerosa, como é a fistula vesical e suas consequencias; sendo esta a principal lesão, contra ella é que intentavamos empregar os meios curativos; mas quaes? já se vê que só a cirurgia os poderia ministrar. Possue a sciencia variados meios therapeuticos, não nos dava porém recurso para construir um esphincter como o de que careciamos. Se não podêmos curar taes lesões, convinha ao menos approximar quanto possivel do estado normal a emissão da urina, causa dos maiores incommodos; retendo-a por intervallos mais ou menos afastados, similhantemente ao estado regular d'esta excreção.

Não achando descripto nos auctores processo algum completamente apropriado a preencher a nossa indicação, imaginámos o seguinte, que em logar competente justificaremos. A base do nosso processo consiste em aproveitar o esphincter do anus para reter as urinas, para isso propomos; fazer uma abertura na parede posterior da vagina comprehendendo 'nella o intestino recto acima do esphincter, e afastada do ponto em que o peritoneo forrando a face posterior do utero, passa a forrar a anterior do recto.

Esta abertura deverá ter as dimensões necessarias para dar livre passagem ás urinas, fluxo menstrual, e qualquer corrimento do utero. Deixe-se cicatrisar os bordos d'esta abertura, que deverá ficar arredondada e com perda de substancia; conseguido isto avive-se convenientemente com bistori o orificio da vagina (osculo) em toda a sua circumferencia, passando depois tres ou quatro fios de linha, do modo que vamos dizer.

Empregue-se um pequeno instrumento (agulha), que consiste em uma aste d'aço de seis centimetros de comprimento, sufficientemente forte, levemente curvo, com cabo e ponta em fórma de ferro de lança, tendo abertura que dê livre passagem a um fio de linha dobrado.

Tendo antes enfiado linha encerada na agulha, crave-se no bôrdo livre do osculo, no lado esquerdo, e a distancia conveniente; faça-se sahir a sua ponta no terço posterior da superficie avivada, segure-se com uma pinça a ansa da linha e retire-se a agulha.

Passem-se assim tres ou quatro laços, e depois crave-se novamente a agulha do lado direito, bem defronte do ponto onde está a primeira ansa, e enfie-se na agulha pela sua abertura, quando ella tenha transposto a superficie avivada; retire-se depois a agulha que leva comsigo a ansa, e termine-se a operação empregando dois cylindros feitos com sparadrapo, ou tubos de penna, como na sutura emplumada.

Tendo descripto o nosso processo, tractâmos de o apreciar. Foi Vidal de Cassis que em 1832 practicou pela primeira vez a obliteração da vagina, em um caso de fistula vesico-vaginal: diz elle que perto d'um mez a urina sahiu pela uretra assim como o fluxo menstrual, não vindo nada pela vagina; e que, havendo difficuldade na sahida das urinas, um discipulo querendo introduzir uma algalia na uretra dilacerou a recente cicatriz.

Bastava-nos esta grande auctoridade para justificar o nosso processo, porque, se Vidal empregou a obliteração da vagina em caso de fistula vesico-vaginal em que a uretra não estava lesada, por fôrça de maior razão é vantajosa a applicação do nosso processo na mesma fistula, havendo tambem obliteração da uretra e completa interrupção da sua continuidade com a bexiga.

Bem sabemos que seria de grande pêso, o ir com este processo privar a mulher do seu mais brilhante attributo, o ser mãe; mas os estragos que se encontravam no orgão vaginal da nossa doente, a tornam inhabil para a procreação.

Suppomos que a mucosa da vagina e do recto se modificaria acommodadamente a receber o contacto constante da urina, por isso que nas fistulas vesico-vaginaes, ou vesico-rectaes, as respectivas mucosas são banhadas constantemente por aquelle liquido, e os accidentes que elle produz não são graves.

Aponta Vidal a difficuldade que ha em conseguir a união do osculo da vagina, e diz elle» *La difficulté de fermer l'orifice du vagin est reélle; l'impossibilité est une assertion.*» No seu processo accumulando-se a urina na vagina, e tocando a parte que se procura fazer adherir, deve obstar á cicatrisação; mas no nosso caso, em que temos uma abertura na parede posterior da vagina communicando com o recto e na parte mais declive, collocando a doente em decubito dorsal, logo que a urina passe da bexiga para a vagina, deve tambem verter-se d'esta para o recto não tocando a parte que queremos afastar do seu contacto.

Se no processo de Vidal a urina vindo da bexiga para a vagina, voltava d'esta para aquella para sahir pela uretra, bem como o fluxo menstrual vindo do utero percorria o mesmo caminho; é obvio que o nosso tem a vantagem que lhe dá uma abertura 'num ponto inferior, por onde os liquidos podem sahir naturalmente em virtude do seu pêso.

É certo que o esphincter do anus retem tam-

bem os liquidos e até a urina; mormente habituando-se a isso; o que tem acontecido em individuos que soffreram a operação da talha, principalmente pelo processo recto-vesical e ficaram com fistulas d'este nome, accumulando-se-lhe a urina no intestino recto, e retendo-a o esphincter, para o individuo a depôr quando tiver necessidade.

Julgâmos tambem justificada a ideia de reduzir a bexiga urinaria, vagina e recto a uma cloaca, á similhança do que se dá nas aves; livrando a mulher d'estar constantemente banhada com um liquido fetido, e demais sujeita ás escoreações de pelle que elle produz.

São raros os casos de fistula vesico-vaginal com obliteração da uretra; comtudo já observámos dois, e não tendo conhecimento d'outro egual ao de que temos tractado, julgâmol-o de muito interesse para a cirurgia. Não practicámos porém o processo referido, porque a doente, tendo invencivel repugnancia a toda e qualquer operação cirurgica, sahiu do hospital apenas melhorada dos seus incommodos.

IGNACIO RODRIGUES DA COSTA DUARTE.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

LAMENTOS DE DANAE[1]

POR SIMONIDES

Ouvindo a afflicta Dánae,
Na arca fluctuante,
Do rijo vento o fremito,
Das ondas o fragor,
Banhado o rosto em lagrimas,
Disse, afagando o filho:
« Ah! não ha dor tão vivida,
« Que eguale a minha dor.
« Perseu, Perseu, tão proximo
« Da vida ao fim, repousas,
« Immerso em somno languido,
« No gremio maternal!
« Em prisão ferrea e lôbrega,
« Dormes, mimoso infante,
« Aonde de relampagos
« Só brilha a luz feral.
« Involto em rica purpura,
« Das vagas e dos ventos
« Os féros são-te incognitos,
« Cuidado te não dão!
« Se conhecesses, misero,
« Os riscos que te cercam,
« Ás minhas vozes flebiles
« Prestáras attenção.
« Ah! dorme, dorme, placido!
« Assim descanso houvessem
« Nossa desdita, e o pelago,
« Que brame tão feroz!
« Mas tu, supremo Jupiter,
« Acode á mãe, e ao filho:
« É nimio audaz a súpplica,
« Que solta a minha voz?[2]
« Por ti de Acrysio frustrem-se
« Os planos e o furor...
« E eu inda 'neste parvulo
« Encontre um vingador!»

[1] São celebres na mythologia grega as aventuras de Dánae, filha de Acrysio, rei de Argos. Vivendo encerrada em uma torre de bronze, foi seduzida por Jupiter, disfarçado em chuva de ouro. Havendo sido lançada ao mar, dentro de uma arca, junctamente com seu filhinho Perseu, fructo de seus furtivos amores, salvou-os da morte o deus que fôra causa d'aquelle infortunio. Muitos annos depois, o cruel Acrysio perdeu a vida ás mãos do neto, por quem não havia sido conhecido.

[2] Não escapará ao perspicaz leitor a justiça e a delicadeza d'esta indirecta exprobração.

VANTAGENS DA PAZ

POR BACCHYLIDES

As mores venturas que fausto destino
Do Olympo nos traz,
São fructo da Paz.
A Paz, de thesouros nos é dadivosa;
Ao vate, ao cantor
Dá premio e favor.
Na Paz, os humanos, ditosos, acatam
Antigos costumes:
Nas aras dos Numes
De touros e ovelhas, qu'immolam devotos,
A chamma reluz
Com 'splendida luz.
Dos moços briosos, que aspiram á fama,
A fôrça se adestra
Na nobre palestra:
Depois lhes é grato tanger doces flautas,
Beber, vaguear,
Com solto folgar.
Nas cintas se encontram dos velhos escudos
De Arachne infeliz
As teias subtis.
Consome a ferrugem, tornadas inuteis
Por nunca empunhadas,
As lanças e espadas.
Das éneas trombetas, que ás meigas donzellas
Infundem terror,
Não sôa o clangor.
Clarins não perturbam, nas horas da noite,
Ao pobre colono
O placido somno.
Festins se repetem, e cantam e dançam,
No oiteiro e no val,
Pastora e zagal.

ANTONIO JOSÉ VIALE.

NOTÍCIA LITTERARIA

José Antonio Monteiro Teixeira

POETA CONTEMPORANEO

«Oeuvres poétiques en français»

I

Acabavamos de pousar a penna entristecida e queixosa de contar as desditas e agonias de Francisco Alvares de Nobrega, lastimada de observar os longos padecimentos, que foram, hora a hora, amargurando a vida de tão infeliz vate, para os narrar depois na tela imperfeita da descripção, quando soubemos que breve sahiriam a lume as poesias francezas de Monteiro Teixeira. E de feito mais tarde cramnos entregues em bonito exemplar, que o auctor nos endereçára. Escriptas com muita graça, severas e zombeteiras a revezes para com o vício e os maus costumes, são prova de que se póde castigar o mal sem ir bater com o insulto á porta de pessoa alguma.

O seculo que hoje ahi caminha tem trabalhado bastante em prol do progresso, e a sua última palavra ha de ser ainda o germen de preciosas riquezas e descobertas. Ostenta-se grande e orgulhoso: mas a par com as loucainhas que o vestem, entre as virtudes que o decoram, e sob o manto de sisudeza que o atavia e torna respeitavel, existe encasado o ridiculo, juncto com a torpidade de certas tendencias.

Os tempos e os homens que vão sumidos no seio do passado não merecem distinctivo de melhores. A demonstração está nos escriptos vehementes que Persio nos deixou; nas satyras energicas e violentas, com que Juvenal impetuoso e colerico, pretendeu esmagar a corrupção dos costumes, o luxo e a hypocrisia!! nas *sirventes* dos trovadores, protesto jogado contra o castello altaneiro; em Cervantes; no *Gulliver* de Swift; e mais longe podéra ir o exemplificar; mas verdade que todos acceitam dispensa rol de citações em seu testimunho.

O certo é logo não escassear assumpto á poesia satyrica e nos versos que temos diante vemol-a tersa e esplendecente. Não a ensuberbecem alli as influições do odio. Apresenta-se delicada e polida, ainda que rigorosa bem vezes.

Como portuguez, magoa-nos só que Monteiro Teixeira preferisse a penna franceza á materna. Quizeramos encontrar a sua obra nacional em tudo.

O poeta, conhecendo a primor a lingua que já agora desfructa carta d'universal, tem-na cultivado de continuo, na fé de que ella se presta e affeiçoa melhor do que a nossa, ao gosto crítico ou jocoso. É opinião que podia discutir-se, porventura com vantagem para quem a impugnasse. Para isso bastaria registrar o nome de Tolentino. Mas o livro está escripto. Vem tardia e inutil a peleja.

II

José Antonio Monteiro Teixeira é filho da possessão portugueza, que todos dizem ser a mais bella. Nasceu pois na Madeira; terra sublimada, que o Senhor adereçou com encantos sempre duradoiros, e cravou de sua mão dadivosa, no meio do occeano, lá não muito ao longe no Atlantico, para joia da coroa lusitana.

Antigamente as familias que a fortuna alli aditava zelavam a qual mais o destino dos filhos. Perfeita certa edade, despediam-os entre lagrimas e affectos, e mandavam-os cursar estudos em collegios estrangeiros. Tal a sorte de Monteiro Teixeira, que foi instruido e educado em Pau. D'esta origem flue o amor que elle consagra á França e traduz em verso, logo que no coração lhe surge a saudade do berço, onde o seu espirito se creou e desinvolveu.

Rico, ainda o não foram procurar os dissabores que a mão da miseria usa de semear pelo viver de muitos, nem conhece, de experiencia propria, a agrura do caminho que percorrem essas existencias para as quaes são lei a pobreza e a lucta incessante com o trabalho! Desgostos hão de havel-o assalteado, mas d'outro jaez.

. . . . . Souvent ma raillerie
N'est qu'un opaque masque à mon hypocondrie.[1]

Quer muito ao socêgo de sua casa. Se a deixa e vae até Paris, a demora não é longa. As pompas e magnificencias das grandes cidades não o prendem, senão que lhe espertam desejos de voltar para a patria onde quasi vive a sós, se exceptuardes o pouco tempo em que passa acompanhado d'algum amigo particular. Como proprietario serve-lhe de emprêgo o velar pelos seus bens; como poeta são-lhe divertimento as letras.

Adiantado em edade é largamente conhecedor dos homens, e as illusões mais fagueiras e douradas não alcançam enganar-lhe a experiencia, que a tem mui cautelosa e advertida. Todavia, se as angustias do scepticismo retemperado e destruidor alguma vez o atacaram, cremos o não venceram: apesar de que, meditando nos nossos destinos politicos, Monteiro Teixeira deixa sentir e ver claro a desesperança a sahir-lhe do peito, e a alongar-se triste pelas páginas que elle escreve, na descrença de que o paiz, cujos filhos somos, se possa ainda outra vez, em verdade, chamar Portugal!

Imprimindo as suas poesias não obedeceu aos invites do desejo de fazer-se conhecido,

[1] Epitre á S. E. Mr.: J. S. Ribeiro.

senão aos rogos de quem sollicitava cópias d'ellas. Por isso diz, conversando com os amigos no prefacio que as antecede: «Mais, quoique *imprimés* mes vers ne sont pas *publiés*. *Publier* veut dire: *livrer au public*, et cette collection ne l'est aucunement: elle vous est offerte a titre de cadeau, et si le public vient à la feuilleter, c'est que vous la lui aurez prêtée.» Dá a lembrar o *secreti loquimur* de Persio.

III

Temos por mui verdadeiro que nos differentes lavores d'um escriptor, afóra a diversidade dos assumptos e formas, de constante se destacam e avultam certas caracteristicas, que são como ideias e cunho da personalidade litteraria do espirito que as produziu. As obras de Garrett dão a soletrar, a cada momento, a palavra do genio: as de Herculano revelam o pensador arrojado e a união d'uma consciencia san com uma intelligencia sem rival nas lides historicas: est'outras onde, senhoras e dominantes, espairecem as formosuras da poesia, casadas com a elegancia e pureza da linguagem, são de Castilho e denunciam o poeta que amores tem com a boa lingua portugueza.

Nos escriptos do auctor sôbre quem versa esta notícia encontra-se tambem uma feição proeminente, que mui ao justo o distingue. Nas laudas da epistola e na imitação de Marcial, no dialogo e na fabula, o poeta não póde furtar-se a miude ás téndencias naturaes que o arrastam para o estylo, em que a zombaria, coleando-se pela phrase, vae espargindo gracejos a pleno por todo o discurso. E porque pois esta é a regra, d'aqui se não segue que sempre a observemos desacompanhada de excepção. Monteiro Teixeira tem composições em que rebrilha o lyrismo, e outras onde estreleja o dizer vivo e violento do desterrado de Syéna.

Escriptas em francez, confessâmo-nos incompetentes para avaliar as suas poesias, na parte que se refere á locução. Não fallâmos, de nascimento, a mesma lingua que ellas, nem a sabemos tão aprimoradamente que bem estejamos ao alcance de conhecer todos os geitos e modos d'exprimir, que a ennobrecem e aformosentam. Por onde deixaramos de tocar em tal ponto, se nos não podessemos soccorrer ao auxilio d'um nome, que estrangeiros admiram e a França respeita, não esquecida ainda dos dias em que sollicita aguardava, ás portas da imprensa, o inspirado e ardente hemistichio da prompta *Némésis*. Valemo-nos pois de Barthélemy, que, escrevendo ao poeta honrosa, carta em que muito o applaudia, depois de o felicitar pela riqueza das rimas, terminava dizendo: «*Ni votre prose, ni vos vers ne décèlent un étranger.*» Na brevidade d'estas palavras encella-se toda uma apreciação, e cumpre tão só accrescentar-lhes o testimunho do auctor inglez Hughes, quando assenta que Monteiro possue optima veia satyrica e que muitos dos seus versos são dignos de Voltaire. ....Monteiro Teixeira.... *has a fine satirical vein and has written many verses worthy of Voltaire.*

VI

Cortando por considerações, vejamos as obras do poeta. Abrilhanta-lhes a entrada mimosa carta dirigida a um amigo de quem elle por longo tempo não soubera. Companheiros no estudo, separaram-se ao terminal-o, cada qual em demanda dos trabalhos da vida, e esta primeiro que se tornassem a ver, entre ambos lançou a compridão de trinta e oito annos.

Eis a commemoração da causal que deu motivo ao encontro.

Le hasard, Latapie, à qui tout est permis,
A pris plaisir à voir s'embrasser deux amis,
Qui, depuis trente-huit ans séparés en ce monde,
Eurent des sorts divers sur la terre et sur l'onde.
Ces deux ex-compagnons se seraient-ils, sans lui,
Après ce laps de temps retrouvés aujourd'hui?
Rendons avec ferveur grâces a la tempête,
Qui démolit un mât de ta barque coquette. [2]

Mais tarde recordando os apertos d'alma passados na eschola, a figura imponente e grave dos professores, e os usos e estylos do ensino, o poeta sente viva a lembrança d'essa epocha, ditosa ainda assim, que já nunca mais voltará:

Ces souvenirs d'enfance ont pour moi mille attraits:
La *pomme*, qui faisait dégourdir mes jarrets,
Deslandes, Blot, Larau, tous à l'aspect sévère,
Jeanneton, Furst, et même Augustin, le Cerbère,
Je vois encor Dupré, ce Vestris borgne et laid,
Dont tu remplis, un jour, le violon de lait:
Et ce jour d'examens, où l'on me vit, sans rire,
Jouer en frac marron le rôle de Zaïre!

Os dois ultimos versos alludem chistosamente aos dias festivos dos collegios, em que os discipulos, para satisfação da familia, e a aprazimento dos mestres, assassinam, ao som das palmas e parabens dos convidados, os trechos mais bellos de Virgilio, Cicero, Shakspeare, Racine, ou d'outros quaesquer infelizes, que a sorte lhes depare, e em cujo número lá vae cahir o nosso Camões!

Et ce jour d'examens où l'on me vit sans rire
Jouer en frac marron le rôle de Zaïre.

Heureux temps! nul de nous, nul ne voyait venir
Ces maux qui de l'enfant menacent l'avenir!
En meditant Lacroix, toi, dans la Basse Ville,
Futur marin encor, tu songeais a Tourville.
L'histoire sous les yeux, tu frappais de ton poing,
Aux exploits de Jean-Bart et de Duguay Trouin!
Et ma muse enfantine, en mâchant une pomme,
Marmottait des quatrains pour l'enfant Roi de Rome.

[2] Le capitain Latapie, commandant le trois — mâts Cécilia relâcha à Madère le 13 Mais 1846, pour cause d'avaries. (*Nota do Poeta*).

Cette ère, LATAPIE, était alors encor,
Une brillante époque, un riant âge d'or,
Depuis tout s'est flétri dessus cette planète,
L'héroïsme, l'honneur, l'esprit . . . et la toilette!
L'amour de l'or domine: on s'enrichit bientôt
Avec des *tours* de bourse et des *Monte Christo*
Nul ne prend intérêt pour la chose publique,
On a le sang boueux, et le coeur metallique!

E de certo bem vinda edade é a que traz comsigo a primavera do homem; tão guarnecida de flores, tão amena como despida de attractivos ess'outra que depois a substitue, e em seu logar vem pôr os desenganos, que são os fructos amargos e seccos da tarde da vida! Fria e amortecida a epocha das realidades some e desvanece mil projectos felizes, que o espirito, de antes, jurára lograr, quando enfeitiçado de crenças, e entrado da esperança, sonhava com o tempo lindamente mysterioso, a que se dá o nome de futuro!

Queixa-se do amor do ouro o poeta; e na epistola em que roga ao Duque de SAXE WEIMAR, que não sáia da Madeira, torna ao mesmo sujeito nos termos incisivos que seguem:

Ces monts, Duc, je les ai pour bien long temps quittés;
J'ai, d'un oeil incisif, vu les grandes cités;
Que j'ai vu de cœurs faux, d'urbanité banale!
Et que d'yeux scintillants d'avidité vénale!
Ame, serments, honneur, tout peut être acheté
Dans ces Capharnaüm de toute iniquité.

É a satyra deixando o hábito moderno pelo costume romano, e qual a entendeu Juvenal, fulminando o vício, fervida e ardente! Alguns acharão o escuro do desenho, em extremo carregado. Nós chamâmos-lhe justiça; justiça que o satyrico faz a essa torpe raça que só tem coração para o brilho da moeda! *Facit indignatio versum.*

O nosso Tolentino conhecia bem este mal; e já ia dizendo pacifico e brando:

Dinheiro, invicto dinheiro,
Só em ti é que eu me fundo;
Tens o direito da fôrça,
És o tyranno do mundo.

V

Em muitas das poesias de Monteiro Teixeira se revela o alentado amor que o prende á linda terra de que é natural. Sem olvidál-a, não poupa occasião d'encarecel-a.

Madère est un Eden, un jardin insolite,
Que Dieu daigna créer pour les âmes d'élite,
Pour ses rares élus, au coeur de séraphin,
De ta fille et de toi digne séjour enfin.
Tout, tout ce qu'elle étale inspire le génie:
Des oiseaux de ses monts quelle douce harmonie!
Quel beau ciel! comme l'air est suave, embaumé!
De verdure et de fleurs quel coup-d'oeil animé!
Ne vois tu pas partout où tu plonges ta vue,
S'enlaçant á l'envi, dans la même avenue,
La plante, enfant chéri de l'équateur brûlant,
A celle qui provient du sol du Groënland?!
Du chêne et du palmier les branches s'entrelacent;
La banane et la neffle avec amour s'embrassent;
L'héliotrope grimpe aux arbres des bosquets,
D'où le plus doux parfum filtre de ses bouquets;
Et la pomme, produit là du sol Scandinave,
Aux brises de la mer caresse la goyave.
Merveilleuse alliance, accord tout fraternel,
Dont voulut nous doter l'amour de l'Eternel! . . .[3]

Ah! tu serais surtout enchanté de connaître
Des sites bien plus beaux que ceux qui t'ont vu naître!
Poéte de Paris, entendis-tu jamais,
Des montagnes à pic, là sur les verts sommets,
Près de l'aigle royal, se berçant dans son aire,
A mille pieds sous toi les éclats du tonerre?!
As tu vu la cascade, abreuvoir du vautour,
Qu'un arc-en-ciel constant embrasse avec amour?!
Quel horizon de mer ont pu voir tes pupilles,
Ayant de diamètre environ deux cents milles
Où les vents alisés poussent en sens divers
Mille vaisseaux cinglant aux bouts de l'univers!
Quel occéan vis-tu, rôdant à l'aventure,
D'un coton ondoyant cardé par la nature,
Et que de son reflet diaphane-vermeil
A son riant lever vient dorer le soleil?!
Ces objets tu les vois avec effort et ruse
Sur la toile tracés à l'huile à la céruse;
Présomptueux tableaux, sans inspiration,
Dont rit un madérien á l'*Exposition!* . . .[4]

Fulge egual pensamento nos versos donosos e galantes que passâmos a transcrever:

J'aimais Paris, cette ville prodige,
Qu'ont décorée et Lenôtre et Mansard;
J'aimais son bruit, ses grâces, son prestige
Et ses polkas, qu'émoustillait Musard.

Mais l'âme en est á la longue blasée,
Tant de transports frisent l'oppression;
Et notre trempe, avant le temps usée
Se meurt de spleen ou de consomption.

. . . . . .
. . . . . .

Toute l'année à Paris les orages
Sont le fléau de l'honnête piéton;
Le vent du nord soufflette les visages
Gonfle une robe et l'élève au menton.

Mais à Funchal notre front, notre nuque
Sont caressés par l'amoureux zéphyr,
Ne craignez point, vous qui portez perruque,
Qu'un ouragan vous la vienne ravir.

. . . . . .
. . . . . .

Nos vins exquis, surtout le malvoisie,
Donnent une âme à tout ce qu'on écrit;
Abusez-en, à votre fantaisie,
Vous n'en aurez que cent fois plus d'esprit.

Mais en excès avalez du champagne,
Que de fadeurs vous sortiront du sein!
Buvez du Nuits, vous battrez la campagne,
Ou deviendrez querelleur, spadassin!

. . . . . .
. . . . . .

Dans mon pays, quand le jour va paraître,
De doux accords charment notre sommeil;
Le *papinho* perche à notre fenêtre,
Et tendrement nous invite au réveil.

[3] EPITRE A MME. LA DUCHESSE DE CADAVAL.
[4] EPITRE A M. BARTHÉLEMY.

Mais à Paris c'est une artillerie,
Dès le matin, de concerts discordants;
C'est l'éternel orgue de barbarie,
Jouant des airs qui font grincer les dents!...

.....
.....

La mer! la mer! cette merveille immense,
Nous l'avons là constamment sous les yeux!
C'est un reflet de la Divine Essence,
Qui nous inspire et nous élève aux cieux!

Mais à Paris on ne voit que la Seine,
Boueuse, noire, immonde et coetera.
Certes la mer s'y trouve bien en scène.
Mais barbouillée en décors d'opéra. [5]

Tem sobeja razão o vate, e tudo quanto de sua excellente lavra ahi fica estampado, se é primoroso na fórma, não deixa de sêl-o na ideia, que é congenita com a verdade.

Dizem que a patria se nos affigura sempre muito melhor do que realmente é, que a alindâmos com exaggerações de bom filho, e que só 'nella vemos, o que, em toda parte, existe egual ou mais perfeito ainda. Será. Bem proprio do homem é affeiçoar-se á terrinha onde passou os primeiros annos, e no seio da qual realçam, attrahentes e a rogal-o, as affeições da familia na companhia convidativa das melhores relações de amizade. Mas, apesar de tão nobre propensão, afoutamente inclinâmos a acreditar que o poeta não exaggerou a pintura, antes a fez com acrisolada fidelidade. Toda bellezas é a Ilha da Madeira. Evitâmos descrevel-a, mas não nos fogem da memoria aquelles campos cheios de admiravel vegetação, e aqui e alli com seus casaes; aquella agua que rebenta lá de mui alto, e de cahida em cahida, vem seguindo seu caminho; aquellas costas escarpadas e de tremendo tamanho; aquella rocha que se estende para o mar, negra e cortada, como se por alli passára o fogo d'um volcão; aquelle clima que é a imagem da saude e mil e mil outras formosuras!

.....

VI

Attentemos agora no seguinte trecho onde o poeta descreve perfeitamente o triste espectaculo das últimas luctas que por desgraça assolaram Portugal, e estigmatisa com justo fervor discordias e batalhas entre filhos da mesma patria; com justo fervor, porque mui de verdade está dicto que a pessima de todas as guerras é a civil, em quanto é o peior de todos os odios, separando e envilecendo as familias, a morte dada pelas mãos d'aquelles, a quem voz natural manda estreitar em amplexo fraterno.

[5] Estas quadras foram extractadas ao acaso da poesia PARIS—MADERE Chanson Badine, censée écrite par un Madérien séjournant à Paris.

Inique sort! . . . Vit-on jamais une patrie
A ce point disloquée, éperdue et flétrie!
Les plus minces etats, d'un dédain sans égal,
Revalent chaque jour le pauvre Portugal.
Tous, du nord au midi, nous jettent de la boue,
La Suisse, le Maroc, le Turc, tout nous bafoue;
L'Angleterre honnit notre vieille amitié;
Le domaine papal nous regarde en pitié;
Et certes les Lapons, s'ils savaient l'arte d'écrire,
Nous auraient décoché déjà quelque satire! . . . .
Chez le lusitain pur, dans tout coeur noble, hélas!
Sonne à coups redoublés un funéraire glas!
Un hibou colossal, noir, sinistre génie,
Planant, les yeux en feu, sur la Lusitanie,
Exhale au rauque son d'un accent sépulchral,
Un souffle léthifère, un choléra moral! . . .
Précurseur du chaos, avec joie il se mire
Dans le sol crevassé de cette autre Palmire! . . .
Le temple de Janus, ouvert à deux battants,
Nous tient dans la terreur, tu sais depuis quel temps! . .
Non, la paix d'or du temps de Saturne et de Rhée
S'est de chez nous, en pleurs, à jamais retirée!
L'homme, les yeux saignants, erre sombre et pensif!
Et s'il rit, c'est d'un rire amer et convulsif! . . .
On dirait que sa tête, où bout un sang acide,
Rêve un soulèvement, médite un homicide;
Et, planant sur son lit, le démon de la nuit
De songes ténébreux l'agace et le poursuit. [8]

A desgraça porém accorda memorias das nossas grandezas d'outróra na alma do vate, que cheio d'enthusiasmo e elevando-se á altura do assumpto diz:

Ils sont bien émoussés nos ongles de lions,
Depuis notre âge d'or, depuis nos galions!
Ils sont bien loin de nous ces temps d'insigne gloire,
Où du nom lusitain s'enorgueillit l'histoire!
Où, civilisateur, valeureux capitan,
Le Portugal fonda l'empire d'Indoustan!
Où son ardeur porta nos moeurs, notre commerce
Jusque dans les bazars de l'opulente Perse;
Où dans son noble élan, il arbora la croix
Aux confins du Japon, aux domaines chinois.
Parmi les nautonniers, pour les plus fortes têtes
C'était un nom affreux, le nom — Cap des Tempêtes—!
Un orage éternel en infestait les flots;
Tout vaisseau le fuyait, les voiles en lambeaux!
Celui qui s'engouffrait dans ce sombre parage,
N'etait que trop souvent victime d'un naufrage!
Sa base dans l'enfer, ce roc abrupt, altier,
Jetait comme un cartel à l'univers entier.
Gama part décidé, lui, cher à la victoire,
A soumettre, à braver le — Monstre-Promontoire! —
Il sait bien quelle lutte il devra soutenir:
Mais son mâle genie a lu dans l'avenir. . .
Il arrive. . . la mer est un moment tranquille;
Oui, mais la nue est noire et l'horizon hostile!
Un bruit lugubre, sourd, rauque, dans le lointain,
Annonce la tourmente au héros lusitain!
Elle approche!... elle est la!... Déchaînée, implacable,
Elle ronge la vergue et rugit sur le cable!
La houle courroucée, envahit le haut pont;
Malgré ses forts liens le mât plie et se rompt;
Comme d'un crêpe noir la nature se voile;
Eole ouvre sa gueule et déchire la voile!
La foudre, á flamme d'or, le tonnerre en éclats,
Des pâles matelots paralysent les bras!
De sinistres oiseaux, entamant le cordage,
Mêlent leurs sifflements à la commune rage!
Mugissant furibond, le vorace océan,
Au vaisseau mutilé creuse un sillon béant.
C'est l'horreur du chaos que présente l'abîme!
Spectacle sans pareil, affreusement, sublime!
Mais, le calme héros, à l'onde, à l'ouragan,

[8] EPITRE A S. E. MR. J. S. RIBEIRO.

Là de son gouvernail semble jeter le gant.
Debout, les bras croisés, grand de sérénité,
Rien ne trouble son front, beau d'intrépidité!
Le héros, cependant, malgré l'ire de l'onde,
A poussé vers le sud sa marche vagabonde.
Dans le flot, endurci comme un compacte bloc,
La proue a pourfendu, tout comme dans un roc!
Mais, contre le défi de ce courage immense,
L'infernal sirocco doublait sa violence!
Et, complice obstiné des jaloux éléments
Adamastor poussait de longs mugissements!
Mais, impuissants efforts! la bourrasque d'Afrique
Battit en vain les flancs de la nef héroïque:
L'imperturbable athlète affrontant le typhon
Et la foudre et les flots et l'abîme profond,
Arbora l'étendard sur cette belle Asie,
Noble Eden que le Ciel fit pour la poésie! [9]

Excellentes estes versos nada deixam a desejar, e vão subindo de belleza em belleza até o admiravel fecho por que terminam. Sente-se ao lel-os que foram dictados por um coração, que se compraz e alegra em traduzir com maravilhoso esmero, para lingua extranha, uma das páginas mais illustres dos gloriosos fastos d'este paiz. Mas quem poderá egualar-te oh! Camões! no contar o que fomos 'nessas eras, durante as quaes tanto pelejámos em prol da fé e da humanidade?! Quem, como tu, poderá dizer aos vindoiros, que muitas d'essas terras onde hoje estrangeiros levantam prosperas colonias, portuguezes as descobrimos?! que esses mares por onde hoje seguem, caminho da Asia, frotas de todas as nações, portuguezes primeiro os navegámos, e aos nautas ensinámos a cursal-os?!

Se porém o nosso estado politico entristecia o poeta, o progresso das lettras entre nós merece-lhe justa recommendação.

Mais, si la politique a, dans ces dix années,
Reculé par le fait de marches erronnées:
Si le peuple, oubliant le bras qui l'exila,
Veut le sceptre de fer de quelque autre Attila;
Il n'en est pas ainsi de la littérature:
Rétrograder n'est pas dans sa forte nature:
Dès que, libre en son choix, l'homme en a pris le goût
Dans son rapide vol il la suit jusqu'au bout!

....
.....

La dévote Lisbonne a, libéralement,
Du Pinde, sur ses monts, permis l'avènement:
Nous y voyons règner et sans que celà choque
Les Muses et la Vierge, Apollon et *São Roque*
Ainsi les bons écrits, applaudis, recherchés,
Ont produit au grand jour bien des talents cachés.
Sans eau les dahlias pâlissent sur leurs tiges,
Stimulez le génie, il fera des prodiges!
Castilho, Silva, Leal, Herculano, Garrett,
Vous qui de l'Helicon possedez le secret,
Que de fois vous avez, sacrifiant vos veilles,
Pour l'honneur du pays enfanté des merveilles!
Sur notre scène Arnal, Grassot ont des rivaux,
A bon droit leur talent excite nos bravos;
Et le peuple aujourd'hui, pour charmer ses oreilles
A son grand opéra n'admet que des merveilles. [10]

[9] Epitre A S. E. Mr. J. S. Ribeiro.
[10] Epitre A Mr. Antonio Feliciano de Castilho — le portugal á la hauteur du siècle.

VII

Entre as poesias de Monteiro Teixeira sobresae uma, á qual todos os bons julgadores hão de por certo conferir encomios. Não aventâmos juizos infundados. Com as honras de *magistral* e *inexcedivel* a condecorou o nosso mestre e insigne escriptor Antonio Feliciano de Castilho. É a epistola que se intitula «L'emancipation des femmes. Figura-se alli o discurso d'uma heroina, que, levando mui longe a latitude das ideias republicanas, pretendêra demonstrar, em pleno ajunctamento feminino, o direito das mulheres á gerencia dos negocios publicos e a firmarem a sua posição egual com a de seus maridos. Tem muitas prendas esta epistola e não é completamente imaginario o seu conteudo. Foi-lhe causal a representação que senhoras francezas, com o fim de alcançarem o exercicio dos mesmos direitos que os homens exercemos, endereçaram ás Camaras, pouco depois da Revolução de Julho. Aproveitando o caso, o poeta parodiou-o com inimitavel graça, e não se esqueceu de avivar o ridiculo da pretenção. O leitor vae pois ler o tal discurso, e em que lhe peze soffra pacientemente o rigor com que somos tractados 'nelle. Imagine que é uma dama quem falla.

« Mesdames .... dans se siècle inventif
« Tout s'éclaire et grandit, tout joue un rôle actif
« Voyez ce qu'a produit l'humaine intelligence;
« Le wagon enfumé siffle la diligence!
« Le fusil Lefaucheux raille le vieux mousquet!
« Les lanternes à gaz se moquent du quinquet!
« Qu'il est grand a nos yeux, sublimement magique,
« Le cerveau d'où jaillit l'allumette chimique!!...
« En fait d'esprit est-il-rien qui puisse approcher
« Du génie inventeur des courses au clocher?!...
« Oui, l'homme chaque jour, pour son propre bien-être,
« Quelque nouveau confort de son cerveau fait naître,
« Mais nous, que faisons-nous? avançons-nous, d'un pas,
« L'œil sur le pot-au-feu, nos enfans dans les bras?
« Non, de nos jours encor, comme au temps des Vandales
« Nous souffrons la froideur, les claques maritales.
« Oui, peut-être en est-il à présent parmi vous
« Sur leur peau, par écrit, portant des doigts d'époux!.
« Un tel rôle est, ma foi! vilement prosaïque:
« Bravons l'homme: il nous faut ce remède heroïque,
« Que desormais pour nous, sans crainte et sans détour,
« L'EMANCIPATION soit à l'ordre du jour.
« Comme celle du Christ ma misson est sainte:
« D'une Rédemption, dames, je suis enceinte:
« Et je donne le jour devant vous aujourd'hui,
« De mon esprit sauveur au prodigieux fruit!...
« Le voici: prenez-en chacune un exemplaire
« Imprimé sur coquille au *Passage du Caire*.
» Méditez-le au plus tôt: ne perdons point de temps
« De faire, à notre tour, la queue à nos sultans.
« Je leur montre les dents: ils sauront que la jupe
« De leurs empiètemens, ne veut plus être dupe.
« J'y daube nos seigneurs, j'y fais joliment voir
« Les moyens assurès de saper leur pouvoir;
« Je n'y peut plus tenir; non, une âme bien née
« Demande d'autres lois, surtout pour l'hyménée:
« Pour l'y bien préparer, depuis quelques hivers
« Je lance à mon mari des regards de travers.
« A sa barbe je fume, et quelque fois je chique:
« Je lui parle raison sur un ton anarchique;
« Je passe à chaque instant sa trempe au laminoir;

« S'il dit noir je dis blanc, s'il dit blanc je dis noir.
« J'ai déjà renié l'aiguille et la marmite:
« Que chacnne de vous et m'admire et m'imite.
« Le lien conjugal est il donc si sacré?
« Doit-on tant de respect au latin d'un curé?
« Non, plus d'humilité; non, plus d'obéissance:
« Secouons les rigueurs de sa toute puissance.
« Le tyran nous défend de siéger aux senats:
« Notre bouche s'y voit fermée à cadenas!
« Eh! nous manquerait-il du tact et de l'ádresse?
« Notre bec par hasard connaît-il la paresse?
« L'homme allègue sans fard, (le coeur de basilic!)
« Qu'aux deux chambres nos voix égaieraient le public.
« Qu'il n'est de bon en fait de discours et de votes
« Que ceux d'êtres portés sur des talons de bottes.
« Mais, grands dieux! leur esprit, leur perspicacité,
« Comment régissent-ils la pauvre humanité!
« Le vice chaque jour s'épure et prend racine;
« L'or dans les cœurs attise une rage assassine;
« L'égoïsme partout domine en souverain;
« On trahit sans remords, on dénigre sans fréin;
« On prête de beaux noms à la scélératesse.
« Le meurtre c'est *du coeur*, le vol c'est *de l'adresse*!
« Du règne masculin encore un lustre ou deux,
« Et certes nous verrons (oh! spectacle hideux!)
« Pour purger de brigands cette humaine sentine,
« La vapeur appliquée à notre guillotine!
« L'homme sot guerroyeur, fait, en quête d'un nom,
« Du fruit de notre sein, de la chair à canon
« Ce globe de malheur, pour sa noire démence,
« N'est depuis trois mille ans qu'un abattoir immense.
« Dieu n'aimant que les coeurs humains, simples et doux,
« Nous fit donc pour règner et non pas nos epoux.
« Marchons, arrachons-leur la culotte usurpée;
« Dégaînons notre langue, à défaut d'une épée.
« Que la femme se dresse un peu sur ses ergots;
« Prouvons que l'on n'est plus au temps des Visigoths.
« Que sous la dent d'écaille, et sous la blonde natte,
« Ii se trouve souvent un cerveau-Pisistrate.
« Ah! qu'il est doux et beau de lire en un journal,
« Dans les *Débats*, le *Siècle* ou le *National*:
« — «Madame B. . . . (de l'Eure), une piquante brune,
« De son banc aussitôt s'élance à la tribune,
« Et le discours, d'un tel, reduisant, au néant,
« A captivé, séduit l'auditoire béant!—
« Ou quand le rédacteur dit: — «Madame une telle,
« Était belle de verve autant que de dentelle.» —
« Mesdames, notre joug ne connaît rien d'égal:
« C'est pour nous un carcan que l'anneau conjugal
« Pour vaincre á ce combat, qui tellement m'honore,
« Je verserais mon sang; je ferais plus encore:
« Oui, je sacrifierais à notre liberté,
« Ma blonde a cent francs l'aune, et mon schall velouté.
« Écrasons ces tyrans qui nous tiennent en laisse;
« Les hommes ne sont forts que de notre faiblesse! . . .
« Avouez que je rends l'homme aujourd'hui bien nain,
« En disant « *fiat lux* » au cerveau féminin! . . . .
« Pardonnez si ma bouche, en ce long cri de guerre,
« A tonné quelques mots empruntés au vulgaire:
« Mais lorsqu'à Calliope on lâche le bridon,
« Ses fleurs de rhétorique ont souvent du chardon.
« Marchons: la patience est la vertu des sottes;
« Montrons, montrons les dents à nos Iscariotes.
« Jai dit.» —

Admiravel o theor de toda esta oração revela exacto conhecimento das pequenas vaidades e dos pequenos orgulhos que se aninham no espirito da mulher, quando desgostosa do fim para que é e enebriada de loucas aspirações, se vae entregando á ideia de ganhar um posto social, para que não póde ser pela falta da precisa hombridade. Deus que a fez não a destinou para tal: poz-lhe bem ao lado para tarefa e cuidados a familia, os filhinhos e a felicidade domestica.

Crois-moi, la virago n'est pas dans la nature.
C'est un plat idéal pour la caricature.
C'est un hermaphrodite, entre ange et caporal,
Équivoque au physique et surtout au moral.
Abjure vaillamment tes manières hommasses,
Épouvantail d'amour et le bourreau des grâces.

A resposta que o poeta offerece aos argumentos que põe nos labios da famosa revolucionária, é um modelo d'arte que tinha aqui bem cabimento, se o espaço de que dispomos não viesse avisar-nos que já cumpre terminar. Servem-lhe de remate os seguintes versos:

Mais, du reste, crois tu, mon apôtre en corset,
Que la femme sensée approuve ton placet?
Non, son tact qui lui dit sa force et son genie
Perssiffle ta doctrine et tout haut la renie.
Il sait lui rappeler que par les lois du coeur
A son gré sur son maître elle règne en vainqueur;
Et que, sans s'arroger un pouvoir illicite
Elle exerce sur l'homme un empire tacite,
Jetant avec amour à l'entour de son cou
Une chaîne de fleurs et non pas un licou.
Tant qu'ici-bas la femme, aux brûlantes artères,
Rêvera de bijoux et de beaux militaires;
Tant qu'elle poussera de puérils sanglots
Pour obtenir un schall ou danser des galops;
Pour ta monomanie elle est encor peu mûre.
Attendons que le temps reforme sa nature.
Attendons de ce siècle, habile éminemment,
Ce miracle de plus de son avancement!
Par un revirement,— qui n'est pas impossible,—
Il se peut que, jouant un rôle trop possible,
Nous soyons un beau jour *de droit* par vous menés;
Mais d'un pareil progrès nous sommes éloignés,
Oui, nous serions fort laids, en coiffe, en pélerines;
Ou parant de bijoux nos osseuses poitrines;
Ou, tendant, a regret, le paternelle giron,
Allaitant vos enfants, munis du biberon.
D'ailleurs la fausse barbe, et les fausses moustaches
A vos friands appas, fi! ce seraient des taches!..
Et que diraient les Dieux, si tu portais demain
Au lieu de la quenouille une epée a la main?!.....
Donc, pour long temps, crains-le, nous garderons, Lolotte,
Le beau-sexe sa jupe, et nous, notre culotte,

VIII

Fallece-nos ensejo para transcrever e appreciar muitas outras composições além das apontadas, como os epigrammas — *La veuve consolable* — *Une Lune de miel* — *La supercherie châtiée* — a fabula *le Dindon et le Serin*, feita a rogo d'um sabio que viveu vida gravada de desgostos, e que foi grande jurisprudente, grande jurisconsulto e grande honrador das lettras juridicas, Silvestre Pinheiro Ferreira; a satyra — *Au sujet d'un mauvais souper au Collége*, que data de quando o poeta contava apenas dezeseis annos; — *La Reforme Universelle*, onde o chiste e a ironia são quasi constantes — *Le Bas Bleu* — o *Discours par moi addressé au Sieur Jean, qui exerce dans ma maison les fonctions de* «Valet-Cuisinier» cujo assumpto é o seguinte:

Te prouver qu'étant — Riche — on est fort torturé,
Que les — Grandeurs — font mal, que sot est le — Lettré

e que termina:

Regis donc ma maison, exempt de tout reproche;
Ton trône est mon office, et ton sceptre ma broche,
Que VOTRE MAGESTÉ soit un bon travailleur
Et SIRE, s'il vous plait, ne soyez pas voleur

sendo que duvidâmos que fôsse obedecido o conselho.

A notícia d'um livro não é nem póde ser accurado juizo crítico em que de obrigação se procede á anályse d'elle. Fôra esse objecto de mór trabalho.

Ha de a censura rigorosa descobrir defeitos nas obras do poeta, e como de vezo é pouco propensa á condescendencia, tambem difficilmente os perdoará. Talvez diga que certas ideias apparecem repetidas, ainda que involtas sempre em trajes diversos. Póde bem ser desapprove que tal poesia, ganhando na extensão o que perde na intensidade, tenha maior número de versos do que o genero permitte. Significa tudo isso bem pouco, e não accusa desprimor. Formosura completa não a ha, nem cabe em razão, que a possa haver este mundo. Nós temos por de certo que Monteiro Teixeira é um discipulo dignissimo de REGNIER, BOILEAU e BARTHÉLEMY.

JAYME C. M.

CARTAS DO EMINENTISSIMO CARDEAL SARAIVA D. FR. FRANCISCO DE S. LUIZ

Continuado de pag. 216.

Ill.^mo Sr. — Meu prezadisimo amigo e sr. do coração. Ser-me-ia impossivel, ainda que muito quizesse, exprimir a v. s.ª a sensibilidade e reconhecimento com que eu e os meus collegas temos recebido as noticias de Coimbra. Hoje mesmo tive o gôsto de communical-as no govêrno, que muito applaudiu o bom espirito da Universidade, e a influencia que ella produzirá no resto do reino. As circumstancias em que estivemos no dia 11 foram verdadeiramente criticas.[1] Uma palavra imprudente poria tudo em fogo. Felizmente esse dia infausto ainda teve um bom effeito, o de se conhecer a cabala, e de preparar alguns meios de reprimil-a. Entretanto eu passei os dias do *interregno* em perfeito socêgo em quanto ao meu pessoal. Não sei se é insensibilidade, se demasiada confiança no meu coração: o que sei é que, se não me parecesse a patria ameaçada, e a causa perdida, nada pessoal me daria demasiado cuidado. Dentro de mim tinha a minha apologia, e a origem da minha paz. O povo de Lisboa portou-se da maneira mais exemplar e quasi incrivel. Soffreu em morno silencio o dia 11, — promoveu vivamente e com a mais extraordinaria energia o dia 17, sem desordem e sem motim, e entrou perfeitamenno espirito do trama[2] — O auctor do *Astro* que tanto, e tão denodadamente se declarou pela causa da innocencia, teve muitos presentes de valor, anonymos. Foi uma cousa bem espantosa o que se fez nesses dias, e o modo como se fez. O dia 17 foi para nós um verdadeiro triumpho. Permitta o ceu que a causa pública prospere, e não haja mais dias tão desgraçados para ella!

Não tenho expressões com que agradecer aos meus amigos da Universidade, a todo corpo Academico, e a Coimbra, o modo com que se houveram. Os meus collegas sentem o mesmo. Acceite v. s.ª ao menos esta confissão da nossa impossibilidade e dos nossos desejos. — Acceite-a em especial do Fernandes, e recommende-nos a ambos a ss. ex.^as com muita gratidão. Quem me dera lá! V. s.ª pasmaria quando eu lhe contasse tudo, e os accidentes a que estivemos expostos; mas nem tudo se póde escrever. Adeus até outra, que hoje tenho muito que escrever, e falta o tempo. — De v. s.ª fiel am.º o mais obrigado — *S. L.* — Lisboa, 24 de novembro de 1820.

[1] 'Neste dia teve logar na capital uma demonstração da fôrça armada promovida pelos clubs militares, onde fermentavam as mais exaggeradas ideias politicas, com o fim de fazer proclamar a constituição de Hespanha, de se proceder ás eleições de deputados na conformidade d'ella, e de serem nomeados mais quatro membros para fazerem parte da juncta provisional do govêrno do reino, além de outras providencias de menor alcance.

Adoptadas todas estas mudanças por deliberação de um Conselho militar que se reuniu no palacio da Inquisição, e apoiadas pela guarnição da capital que occupára a praça do rocio, e o terreiro do paço, e tomára as emboccaduras das ruas com artilharia carregada com metralha. S. Luiz, que era membro da juncta provisional do govêrno, recusou-se a continuar, depois d'este acto violento, no seu cargo, e na sessão do dia 13 deu a sua demissão conjunctamente com Hermano José Brancamp de Sobral, Manuel Fernandes Thomaz, e Joaquim Ferreira de Moura.

[2] Passada a primeira impressão de temor que causou no público a manifestação militar, que desde logo merecêra geral reprovação, augmentada depois pela sahida da regencia de quatro dos seus mais respeitados membros, o povo da capital tomou no dia 17 de novembro a resolução de pôr termo a este estado violento, e de fazer repor as cousas no estado legal em que se achavam antes da conspiração militar do dia 11.

Pediu-se, *em nome da opinião publica*, que os membros da juncta provisional que tinham dado a sua demissão depois dos acontecimentos do dia 11, voltassem novamente ao exercicio das suas funcções.

A officialidade, superior e os commandantes de corpos, reunidos em conselho no paço das Necessidades, annuiram a esta demonstração popular, em que tomaram parte os cidadãos mais auctorisados de todas as classes da sociedade; e S. Luiz com os seus tres collegas foram levados em triumpho ao palacio do govêrno, e ahi novamente instalados nas suas funcções, no meio das maiores demonstrações de geral applauso.

Antonio da Silveira Pinto, vice-presidente da juncta provisional, e um dos que mais concorrêra com o coronel Cabreira, e o general Gaspar Teixeira de Lacerda, para o movimento militar do dia 11, teve de dar a sua demissão; e subsequentemente foi mandado recolher á sua quinta de Canellas. Gaspar Teixeira que no dia 11 assumíra o commando em chefe do exército, foi exonerado d'este cargo.

Estas e outras providencias do govêrno asseguraram completamente a ordem pública, até que, reunidas as côrtes no mez de janeiro seguinte, a juncta provisoria do govêrno do reino depositou no seio da representação nacional a auctoridade de que se achava investida.

Ill.^mo Sr. — Meu prezadissimo amigo e sr. do coração. Não me atrevo a dizer mal da minha nomeação[3], porque não posso negar quanto ella é honrosa pelas suas circumstancias; mas posso dizer com toda a verdade que não gostei d'ella, pois me põe na necessidade de arruinar a minha saude com bem pouco proveito público. Eu tinha tenção de pedir que me alliviassem d'este logar, a que me não chama, nem o meu genio, nem a minha profissão, nem os meus precedentes habitos; e ainda depois de nomeado quiz tentar isto mesmo; mas tiveram mão os meus amigos, dizendo-me que pareceria uma especie de ingratidão desdenhar o voto público tão amplamente pronunciado. Em fim, meu caro amigo, fiquei, e aqui estou exposto a tudo. Deus abençôe a causa, e a faça prosperar: este é o meu unico fim e interesse.

Dos sentimentos de v. s.ª por esta occasião tenho a mais plena e perfeita certeza, porque conheço a sua amizade: o mesmo digo de ss. ex.^as que muito me honram com a sua lembrança. Ao sr. Bispo Conde[4] tenho querido escrever participando este facto, pedindo-lhe licença para continuar fóra da Universidade, e protestando-lhe a minha obediencia a que sempre estou sujeito, e a que desejo voltar mais immediatâmente. Como estou afeito á minha vida particular, e ainda não tomei o gôsto ás grandezas, tenho uma especie de acanhamento em lhe escrever. Diga-me v. s.ª o seu parecer a este respeito, e se me será estranhado não fazer este cumprimento. — E se v. s.ª vir que convém fazel-o em meu nome, eu ficaria com isso muito lisongeado, ainda que depois seja necessario escrever-lhe directamente. O discurso que s. ex.ª me attribuiu era na realidade meu; mas esta especie de preoccupação favoravel, que ha a meu respeito, faz que algumas vezes se enganem os juizes do estylo; porque ha muita gente boa, e infinita, que me excede 'nesse ponto.

Agora vamos a um ponto por onde eu queria principiar esta carta. Quando a recebi, cuidei que me vinha alguma severa reprehensão pelo meu silencio tão dilatado. V.. s.ª é indulgente, e é meu amigo. Eu vejo-me opprimido de cartas; e não tendo, nem querendo ter quem me escreva, é-me quasi impossivel satisfazer sempre. Vou atrapalhando como posso. Não me culpe. Ainda lhe poderia dar algumas outras razões, mas espero em Deus que ainda lh'as poderei dizer vocalmente. — O nosso Barradas foi uma boa acquisição: assim fôssem todos! — De v. s.ª am.° fiel e obgd.^mo c. — *S. L.* — Lisboa, 6 de fevereiro de 1821.

[3] Para membro da regencia do reino por decreto das côrtes geraes de 30 de janeiro de 1821. Esta regencia era composta de cinco membros, e cinco secretarios encarregados dos diversos negocios.

[4] D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra, conde de Arganil, reformador reitor da Universidade.

Ill.^mo Sr. — Meu prezadissimo amigo e Sr. Já v. s.ª saberá o extraordinario despacho, com que Sua Magestade foi servido honrar-me, e que me foi annunciado por Portaria de 19 do corrente.[5] A admiração, que me causou uma cousa tão inesperada, não tem diminuido com o tempo, antes cada dia cresce á proporção que mais medito no objecto. Confunde-me uma elevação tão rapida: temo o pêso da responsabilidade que virei a contrahir, se sobreviver a s. ex.ª; e a comparação que faço entre mim e elle, entre as minhas fôrças e as que pedem empregos de tanta importancia, quasi de todo me desanima, e me opprime. Em fim foi forçoso prestar-me, e eis-me designado successor do sr. Bispo Conde, de um homem de tão superiores meritos, e que com tanta gloria e respeito tem figurado no mundo! . . . Quem póde, meu caro amigo, calcular e prever as vicissitudes do mundo e da fortuna?

Não me atrevi a escrever logo a s. ex.ª, e até não julgava dever fazel-o, sem que s. ex.ª recebesse a Carta Régia que lhe deve ser dirigida pela Secretaría. Comtudo se amanhan (que é dia de beijamão) me for possivel tirar para isso alguns momentos, o farei com bem confusão e vergonha minha.

O meu estudante que entregará a v. s.ª esta carta, lhe levará tambem uma petição para se me passar certidão do grau de doutor, cousa que se requer para a habilitação. V. s.ª me fará grande favor, mandando-a expedir com a brevidade que couber no possivel.

Dentro de poucos dias chegarão a essa cidade com carta minha de recommendação para v. s.ª o Conde de Flemming, Ministro da Prussia, com o seu Secretario de Legação M. de Olfers, habil naturalista, e Mr. Bellerenann, Capellão da egreja lutherana nesta côrte, os quaes desejam ver os estabelecimentos da Universidade. — Foi Silvestre Pinheiro que m'os recommendou, e eu espero que v. s.ª lhes faça ver o que elles desejarem, relativo aos differentes ramos dos dictos estabelecimentos. — Elles sahem d'aqui segunda feira 30 do corrente, segundo o que por ora tem projectado.

Sou de todo coração — De v. s.ª o mais fiel am.° e obg.^do c. — *Fr. F. de S. Luiz.*

Lisboa, 24 de julho de 1821.

[5] Para bispo coadjuctor e futuro successor do bispado de Coimbra.

RUBENS

PERFIL BIOGRAPHICO

Continuado de pag. 222.

III

Soára pela Flandres a chegada do grande artista. Precedia-o a fama do seu muito ingenho, sabia-se o grande apreço em que o

tinham muitos principes, e senhores, foi recebido com desusado alvoroço. E o filho de Maria Pypeling não vivia vida de contentamento. Pintava-se-lhe no rosto funda tristura, finava-se de saudades pela sua Italia, (sua porque é patria da arte), maguavam-no tristes recordações, e não podia alegrar-se nas alegrias dos outros. A inspiração que se lhe desabrochára tão brilhante ao sol de Veneza, e debaixo do azulado ceu de Genova, desapertava-se-lhe a custo entre a neblina densa da Neerlandia. A idolatria pela arte suffocára no artista o amor da patria, e Rubens decidira abandonar a Flandres.

A eschola flamenga estava a pique de perder-se, e se não fôssem as boas graças do principe Alberto, e o amor d'uma mulher, não haveria, talvez, podêr estorvar-lhe o naufragio. O Archiduque chamando Rubens á côrte nomeara-o seu pintor com o ordenado de quinhentos florins, e Isabel Brandt, enamorando-se d'elle, dera-lhe a mão de esposa a 13 de outubro de 1609.

O artista não amava o bulicio da capital, e obtida licença prévia, caminhou para Anvers, onde mandou edificar sumptuosa habitação. Aqui, e a sós com seu genio, Rubens votára-se do coração ao culto fervoroso da sua arte. Mas a calúmnia desenfreou-se, e ruins invejas o acommetteram logo. Abraham Janssens, e Wenceslas Coeberger eram dois pintores que repartiam entre si os respeitos, e a admiração dos habitantes de Anvers. Estabelecer-se ahi Rubens o mesmo foi, que votal-os ao esquecimento. Mal lhes soffreu o ânimo tal quebra de reputação, e Janssens não pôde acabar comsigo que o não desaliasse. Deviam os dois contendores pintar o mesmo assumpto, e os peritos haviam decidir em qual assentava a preeminencia. O grande artista não acceitou o repto, e tão sómente respondeu: «Os meus ensaios foram avaliados pelos entendedores da Italia e Hespanha, e lá estão ainda nos monumentos publicos, e galerias particulares, se vos apraz pendurae-lhe ao pé vossos quadros, e assim se fará a comparação.»

É que o mestre de Van Dyck, na phrase d'um seu illustre apreciador, sabia que a victoria alcançada em tal duello só poderia exasperar seu inimigo, sem lhe offerecer a elle nenhuma vantagem.

D'ahi avante Rubens foi todo da arte. As maravilhas do seu pincel ostentaram-se logo 'num quadro da Sancta Familia, que o Archiduque lhe tinha encommendado para a capella do seu palacio. Não é para se contar a admiração que o tomou, e a todos, que contemplaram tão formoso painel. Pouco depois alguns nobres, que pertenciam á confraria de Sancto Ildefonso[1], encarregaram-no de pintar um grande retabulo para um seu altar na Egreja de Caudenberg. Ouçamos agora as palavras do, porventura, seu melhor biographo: «Pequenas como eram as officinas de Bruxellas concederam-lhe suas altezas uma das salas do seu palacio. Rubens traçou os esboços dos diversos objectos, e approvados quatro, que tantos eram, cuidou em os estampar nas telas. Na do meio figurou a Virgem sentada em throno de ouro, e em acção de quem offerecia uma casula ao sancto ajoelhado. Os retratos de Alberto, e Isabel, esposa de Archiduque, adornavam as partes lateraes. Fóra pintou a Familia Sagrada. Estimularam-no as circumstancias, creou uma obra prima. E voou tão longe a fama d'este prodigio que Michel[2] em 1771 tinha ainda esta obra como a mais perfeita composição de Rubens. Que não ha louvor que lhe não quadre, affirmam-no todos, os que a tem visto. A justa porporção das partes, o vivo das carnes, a delicadeza das cabeças, a elegancia das roupagens, a ligeireza do toque, e a transparencia da côr, alliam-se para excitar a admiração».

Depois numerosos quadros brotam da palheta de Rubens. É o *Salvador entregando as chaves a S. Pedro*, e a *Adoração dos Magos*, e *Sancta Thereza implorando para as almas o perdão de Christo*, e *Sancta Anna doutrinando a Virgem*, e a celebrada tela do *Descendimento da Cruz* e outras, e muitas mais.

A reputação do eximio artista crescia robusta, firmada nos seus admiraveis trabalhos. Choviam de toda a parte os pedidos, accumulavam-se os empenhos, engrossava o trabalho, e não havia podêr dar-lhe vasão. Era-lhe pois de urgente necessidade que, para contentar a todos, se ajudasse de alguem 'naquelle affanoso lidar. E não o fez tão depressa o pintor, que a inveja não tirasse logo d'ahi argumento contra a sua gloria. Wildens e Lucas van Uden tinham a seu cargo pintar as paizagens, a Snyders cabia traçar as flores, fructos e animaes. Depois o pincel do mestre apagava defeitos, avultava primores, e imprimia em tudo o cunho d'uma suberba originalidade. Mas os praguentos não cansavam no seu torpe invectivar, e era mistér confundil-os, e desmascaral-os. Rubens toma então da palheta, executa, só, formosos quadros de caçadas, pinta engraçadas scenas campestres, e mostra na brilhante execução de todas a grandeza d'um peregrino talento.

A inveja emudeceu, e a calúmnia abdicou ainda uma vez diante da omnipotencia do genio.

[1] A confraria de Sancto Ildefonso fôra organisada pelo Archiduque Alberto quando governou Portugal por Philippe II, e tinha sido approvada pelo Papa.

De Lisboa passou para Bruxellas com o mesmo Archiduque, auctorisando tambem a mudança o Summo Pontifice. A honra de pertencer a esta confraria foi mui apetecida 'naquelles tempos, contavam-se entre os seus membros dezenove cavalleiros do Tosão d'Ouro. Rubens tambem lá pertenceu.

[2] Um dos biographos de Rubens.

IV

Corria o anno de 1620. Onze annos de bom e magnifico trabalhar, tinham exalçado Rubens á altura dos maiores pintores, que a fama celebra. A gloria saudara-o como predestinado á immortalidade, e seus contemporaneos reverenciavam-no, como a quem tinha o condão da fôrça, da graça e da magestade, na mui formosa arte da pintura.

Por aquelles tempos imperava em França Luiz XIII. Maria de Medicis, sua mãe, esquecidos mutuos aggravos, viera habitar Paris, e entrava em desejos de adornar o seu palacio de Luxembourg. E succedeu, no principio d'este anno, que practicando a rainha 'nestes seus desejos com o Barão de Vicq, embaixador do archiduque, este lhe avivasse os grandes meritos do pintor flamengo. Deu-se ella por mui satisfeita com tão boas informações, e logo requereu ao artista houvesse de se lhe encarregar da obra. Rubens poz-se a caminho de París, e ahi foi acolhido pela mãe de Luiz XIII entre favores e distincções. Desejava ella que o pintor lhe estampasse em vinte e um quadros as principaes acções da sua vida, desde o seu nascimento até ao termo das fataes desavenças, que tanto enluctaram a França. Prometteu Rubens satisfazer-lhe a vontade, com tanto que os executasse em Anvers. Accedeu a Rainha, e lá se voltou o artista á terra da patria, cumulado de mercês, e não minguado de honras. E tanto se pagou d'ellas que de volta a Anvers, pintou e offereceu uma primorosa *madona* ao seu elogiador o Barão de Vicq.

Coloridas dezenove telas, Rubens voltou a París com intenção de ahi pintar os dois quadros, que haviam de abrilhantar o fundo da galeria de Luxembourg. Alojou-se no mesmo palacio, onde todos andavam á competencia em o estimar e honrar. Visitava-o a Rainha frequentes vezes, assistia-lhe ao trabalho, e como se fôsse a alevantar o pintor em attenção á realeza, nunca ella lh'o consentia, mas antes tomava a mal.

Ainda bem não levantava mão da obra, e já retomava a palheta a rôgo de Maria de Medicis. E tão delicado e honroso era o pedido, que o artista não pôde escusar-se. Pedia-lhe o seu mesmo retrato na figura de Deusa da guerra, os do Gran-Duque de Toscana e sua espôsa, e alfim o retrato do proprio pintor.

D'ahi a pouco quatro novos quadros, e todos mui primorosos, pendiam das paredes de Luxembourg.

Um dia abriu-se a famosa galeria, e a rainha e a côrte olharam maravilhados a magia do pincel flamengo no formoso colorido, que arreiava mui ingenhosas allegorias.

Foi um triumpho para Rubens, mas triumpho explendido e duravel, cujas palmas ainda lá reverdecem nas brilhantes telas do Louvre ao lado de muitas coroas, symbolisadas nos preciosos quadros dos mais eximios artistas.

E ainda assim o genio do pintor amesquinhou-se ao traçar a aventurosa epopeia da mãe de Luiz XIII, e a imaginação peada pela estreiteza do assumpto falhou completamente, quando tentou occultal-a com o veu da allegoria.

Ha todavia alli 'naquelle poema, escripto com o pincel, cantos de inestimavel preço. *As Parcas fiando os dias de Maria de Medicis*, *Henrique IV examinando o retrato da princeza*, *o desembarque da Rainha em Marselha*, *o nascimento de Luiz XIII*, *a apotheose de Henrique IV*, e *a reconciliação da mãe com o filho* são telas apreciadissimas, que ainda hoje prendem olhos de quem as vê, e merecem applausos dos que as comprehendem.

Rubens despediu-se da Rainha, que o instou muito para se estabelecer em París, e logo caminhou para a patria.

Corria-lhe apertada obrigação de alli se achar em breve, porque tinha a palavra empenhada com os Jesuitas de Anvers, para lhe pintar trinta e nove quadros na abobada da sua egreja, cuja fachada fôra erguida, segundo o plano que o pintor traçára. Um incendio violento devorou este templo em 18 de julho de 1718, e do trabalho do insigne artista apenas quatro quadros escaparam ao fogo.

Dezesete annos havia que Rubens se fixára em Anvers. Corriam-lhe bonançosas as horas entre as consolações do trabalho; da sua palheta jorrava continuamente a luz e a côr por sôbre muitas e primorosas telas, e se acaso feriava o pincel era para se deliciar em doce repouso nos gozos sanctos da familia. Mas a fortuna parece que lhe invejou este viver de felicidades, e os dias alcyoneos de muitos annos cerraram-se 'num momento. Era que a morte lhe havia arrebatado a mais carinhosa das mulheres, e a mais estremecida das espôsas. Isabel Brandt morrêra meado o anno de 1626.

Rubens, que ainda não entrava no outomno da vida sentiu em extremo tão profundo golpe. É muito para ver-se uma affectuosa carta em que o maguado espôso traça maviosa e mui sentidamente a dor intensa que o ralava. E tão bem o fez que, se elle, o pintor eximio, tentasse represental-a nas imagens apaixonadas d'uma tela, talvez fôsse occasião para se dizer, que nem sempre a pintura leva vantagem ao que se escreve, nem o pincel á penna.

V

Saudades pungem o coração, e com ser delicioso esse pungir, na phrase d'um grande poeta, repassa o intimo peito, e dilacera tambem os seios d'alma. E para minorar saudades não ha como espairecel-as no correr de aventurosas

e pittorescas viagens. Assim o entendia o apaixonado artista escrevendo o seguinte trecho 'numa carta pejada de muito sentimento: « talvez me fizesse bem uma viagem, desprendendo-me de tantos objectos, que incessantemente desafiam minha afflicção, *ut illa sola domo moeret vacua, stratisque relictis incubat*. Os quadros variados que se apresentam ao viajante captivam-lhe a imaginação, e sopitam-lhe as dores no peito.[1] »

Poz então Rubens sua tenção na Hollanda, e escrevendo ao seu antigo amigo Poelenburg, que vivia nas margens do Escalda, annunciou-lhe a firme resolução em que estava de percorrer aquelle paiz.

É a Hollanda região mui azada para os que soffrem maguas. Apraz-se o espirito em contemplar aquellas solidões d'uma natureza avara, delicia-se olhando aquelles vastos lençoes d'agua, orlados d'uma vegetação enfezada, e como que se alegra ao ouvir o cantico melodioso do cysne quebrando tão mudas soledades. Doce melancholia affaga então a imaginação, e a alma embevecida nas tristezas alheias, parece esquecer as proprias dores.

Rubens chegou a Gouda, e ahi encontrou o celebre pintor Joachim Sandrart. Cumprimentaram-se affectuosamente os dois artistas, justaram viajar ambos pela Hollanda, e logo após visitaram o pintor Jaques Blok que vivia 'naquella terra. Depois caminharam para Utrecht, onde Poelenburg os esperava. Aqui admiraram as obras de Gerard Honthorst, mestre de Sandrart, e fizeram homenagem da sua consideração a Abraham Bloemaert, decano dos pintores hollandezes. Em seguida dirigiram-se a Amsterdam, e corridas e examinadas as officinas dos differentes artistas, Rubens fazendo caminho pela Haia voltou para a patria.

Mal repousava ainda da sua peregrinação artistica, e já a princeza Isabel, viuva do Archiduque, o encarregava d'uma missão diplomatica. Era o fim assentar paz e boa amizade entre a Inglaterra e a Hespanha. Não vem para aqui narrar as longas dissensões, que então dilaceravam a Europa, e mui especialmente aquelles dois estados; basta saber que travadas, e já mui adiantadas as negociações, ameaçavam tornar-se infructiferas pelas bem manejadas intrigas do celebre Richelieu. Philippe IV quiz então examinar toda a correspondencia, e Rubens marchou para a Hespanha. O rei que já por vezes lhe tinha dado provas da sua benevolencia, empenhava-se, e todos a seu exemplo, em o distinguir, e elevar.

Prolongavam-se as negociações entre os dois reinos, e Rubens, desafogando-se da aridez da politica, retemperava as côres, e ora retratava o rei, e os principaes senhores da côrte, ora coloria o formoso quadro do *Roubo das Sabinas*, ou esboçava o não menos bello da *Reconciliação dos Sabinos com os Romanos*.

[1] Lettres inedites de Rubens.

Philippe IV que desejava apressar a paz, entendêra em enviar o artista a Inglaterra. Carlos Stuart tinha então o supremo govêrno d'aquella nação. Rubens, festejado pelo rei como plenipotenciario e como artista, fôra convidado a tirar-lhe o retrato. O artista ao passo que animava a tela traçando a imagem de Carlos, expunha o conteudo da embaixada, ponderava-lhe as razões, e applanava-lhe as difficuldades. Agradaram as condições ao monarcha inglez, e trocadas ainda algumas explicações, assignou-se a paz entre os dois estados em 17 de dezembro 1629.

O prazer e contentamento d'ambos os reis, revelou-se na liberalidade com que agraciaram os serviços do artista diplomata. Carlos Stuart armou-o cavalleiro da Espora d'Ouro, offertou-lhe a rica espada com que lhe tinha conferido o grau de cavallaria, e deu-lhe um annel em que se engastava formoso diamante. Philippe IV presenteou-o com um lindo jarro e gomil de prata.

Em Anvers estava já o pintor quando a Archiduqueza Isabel, o encarregou de nova missão diplomatica junto á côrte de Hespanha. Esperavam-no ahi novas distincções, e como se já não podessem assentar-lhe maiores mercês nomearam seu filho Alberto secretario do conselho privado.

D'ahi a pouco Rubens descansava na sua patria d'este peregrinar incessante.

Tinha já o pintor número de annos sôbre cincoenta. Conhecido e afamado pelas suas obras, honrado e favorecido com a amizade de reis, e dos homens mais illustres d'aquella epocha, só almejava uma companheira que lhe fôsse seguro arrimo nos dias trabalhados da velhice. E achou-a, formosa e cheia de virtudes, casando com Helena Fourment a 6 de dezembro de 1630.

D'ahi avante não havia para Rubens ambicionar felicidades, nem anhelar glorias. Em casa as alegrias innocentes da familia, na patria e fóra d'ella, a veneração pelo seu nome, e um quasi fanatismo pelos seus quadros; e por sôbre tudo o pincel de Van Dick, e Jordaens, de Snyders e Teniers, de Gerar Seghers e muitos outros, a pregoar nos trabalhos d'estes pintores illustrissimos a fama e pericia do Mestre.

E o pintor não levantava mão do trabalho. No anno, que ora corria, lidava elle em delinear uns quadros, que Carlos Stuart lhe tinha requerido para aformosentar a sala dos banquetes em Whitehall. Passaram-se seis annos, mas nem todos gastos no lavor d'esta só obra, e os quadros foram enviados para Inglaterra. Era o mesmo estylo da galeria do Louvre. A allegoria lá se encampou outra vez metamorphoseando os encantos da verdade na desataviada fórma do emblema, mas o vigor da composição, e a riqueza do colorido quasi lhe apagam os defeitos.

'Naquelle intervallo um grande desgôsto fere o artista, e lhe turva a antiga felicidade. O caso passou-se assim. Correndo o anno de 1632 rompeu-se a paz entre a França e a Belgica. Dos embaixadores nomeados para de novo a firmarem era o principal Philippe d'Aremberg, duque d'Arschot, e cavalleiro do Tosão d'Ouro. Surgem no entanto obstaculos imprevistos, e a Archiduqueza despacha Rubens para Haia com auctorisação do rei de Hespanha. Mostrou-se o duque mui agravado d'esta preferencia, e Rubens foi mandado recolher á patria. Esta affronta, e a morte da sua protectora Isabel, succedida no 1.° de dezembro de 1633, fecharam-lhe para sempre os aditos da diplomacia.

E na carreira artistica que o pintor havia percorrido com tanta gloria se lhe não vacillava o passo, já se não affoutava a trilhal-a com a celeridade de outros tempos. Envelheciam-no annos e desgostos, affrontava-o a doença, pois soffria de gota, e assim quebrou um pouco 'naquelle seu antigo lidar. Eram só algumas bonitas paizagens que lhe surgiam debaixo do pincel, e esses pequenos e graciosos quadros tão delicados, tão risonhos, e tão brilhantes, que só elles bastariam a firmar a reputação d'um excellente artista.

O último quadro que lhe sahiu das mãos foi ainda uma obra primorosa. Representa o *Martyrio de S. Pedro*, e foi-lhe encommendada, em 1636 por George Geldorp, pintor dos Paizes Baixos, que vivia então em Londres. Escutemos-lhe os elogios, que são de quem 'nesta materia tem voto de muito pêso « É o quadro cheio de vida, de enthusiasmo, e de valentia, a fraqueza da velhice nem sequer se rastreia 'nesta página. Posto de joelhos á esquerda do sancto um algoz firma a cruz na terra, outro collocado á direita segura a mão esquerda do martyr, tres atam-lhe, e cravam-lhe os pés. A apostura, insolita do paciente, tumidas as veias da cabeça e peito, o effeito extraordinario da luz incidindo sôbre aquelle corpo com a cabeça voltada para o chão, as paixões que o combatem, a fadiga dos verdugos, e seus geitos, tudo está traduzido com grande vigor, e muita felicidade. Nunca Rubens se ostentou tão digno de sua gloria. Aprazia-lhe o assumpto, terminou-o com todo o esmero, os contornos são mui claros, e a transparencia da côr é para muito admirar.

Era então já mui attribulada a existencia do pintor. Repetiam-se frequentes os accessos da gota, torturavam-no dores atrocissimas, e a vida escoava-se-lhe rapidamente. Crescia o mal, conheceu que o chamava a última hora, armou-se para ella com a tranquillidade d'uma consciencia pura, e falleceu a 30 de maio de 1640 com 62 annos de edade.

Espertou tão afflictiva nova o amor dos habitantes d'Anvers para o grande artista, e todos se apparelharam a pagar-lhe condignamente as últimas honras. Era no dia do enterramento. Sessenta orphãos empunhando brandões accesos abriam o cortejo funebre, seguiam depois as ordens mendicantes com seus habitos a infundirem gravidade e respeito, e logo apos o capítulo da cathedral, e a clerezia da sua parochia. Atraz do feretro via-se a familia de Rubens, a magistratura, a academia dos pintores, grande parte da nobreza, os homens de negocio e muitos ricos proprietarios. O resto da população estendia-se em alas pelas ruas do trânsito. Levaram-no a enterrar ao templo de S. Jaime, onde ricos pannos de velludo negro forravam as paredes, desde a abobada até ao pavimento. Seis semanas esteve o catafalco de pé, e seis cirios o alumiaram continuamente.

Assim acabou o homem extraordinario, que foi uma das glorias do seu seculo. A historia escreveu-lhe o nome entre o dos grandes artistas, e a posteridade venera-o nos suberbos quadros, que sua palheta lhe herdou.

Continúa.

Singular liturgia — Conta Fr. Antonio de Gouveia, na viagem do Arcebispo de Gôa, D. Fr. Aleixo de Menezes (Coimbra 1606, pag. 7), ácêrca dos christãos nestorianos da serra do Malabar o seguinte:

« Celebravam emburilhados em um lançol, e sôbre elle uma estola; e consagravam 'nuns bolos, amaçados com azeite e sal, que certos diaconos e subdiaconos, e outros de ordens menores, cantando psalmos e hymnos, estavam cozendo n'uma torrinha que para isto tinham sôbre as capellas mores das egrejas, em quanto o sacerdote proseguia a missa, até junto da consagração; em que, per um buraco, que pera isto havia na mesma torrinha, que cahia sôbre o altar mór, deitavam por uns cordeis, metido em um cestinho de folhas de palma fresca, que para isto traziam; e o vinho era esprimido de passas molhadas.»

« O que se escreve, lê e entende, inda que com gentil arte se componha, com suavidade se pronuncie, e com deleitação se leia, se ao bom viver se não refere, e em regra de bons costumes se não converte, não é a noticia das letras outra cousa senão instrumento de inchação, van jactancia, e de trabalho sem proveito. Deixemos aos navegantes o desejo de vento, não no esperemos nós de nossos trabalhos, se os queremos ver bem empregados. O mais doudo, e desejoso de seu mal entre todos os animaes, é o homem; porque para tomar qualquer dos outros ha mister alguma isca, e para o homem só o vento da fama basta.»

D. Fr. Amador Arraes, Prologo.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

BREVES REFLEXÕES

Acêrca do Projecto do Novo Codigo Penal Portuguez

I

Mui auspicioso, e promettedor, se desabrochou para esta terra portugueza o anno que ora corre. Converteram-se bem fundadas esperanças em realidade de muita consolação, e o sol da civilisação parece já aquecer-nos sem muitas nuvens a empanar-lhe o brilho.

Obreiros de vontade tenaz, e intelligencia robusta, desbravam de espinhos e más ervas o caminho do progresso, e apontam-nos aberta e larga estrada no *Relatorio, e Projecto do novo codigo penal portuguez.*

D'aqui lhes damos os emboras por tão formosos trabalhos, e nos congratulâmos com a illustre Commissão por ter levado a cabo tão improba tarefa com tanta honra sua, como proveito nosso, e de todos.

É para muitos elogios a obra dos illustrados criminalistas portuguezes, e se lh'os não tecemos aqui amplos, e rasgados, é porque não ha mister dos nossos encomios quem tão grandes os recebeu de mui excellentes jurisconsultos estrangeiros.

Formoso trabalho chamâmos, e não perfeito, aos livros que a benemerita Commissão ha pouco tirou dos prelos. É tão raro o cunho da perfeição em obra de homens, que não ha motivos para grande culpa quando aquella fallece. Nem nós queremos culpar os distinctos criminalistas por esposarem algumas ideias menos exactas, e que mais pertencem ao foro medico; apresentâmos sómente á sua illustração algumas considerações que nos suggeriu a leitura das suas obras, comparada com alguma que em diversos auctores temos feito.

Move-nos a isto o desejo de que se acerte em negocio de tanta ponderação, e não o prurido de escrever sem necessidade, que tanto não consentem as obrigações do nosso officio.

Permittam-nos pois os distinctos criminalistas, que lhes analysemos no seu trabalho algumas proposições mui ligadas com a medicina, e emittâmos francamente o nosso sentir a tal respeito.

Comecemos pelos artigos 69 e 70, que dizem respeito ás affecções mentaes.

Lê-se o seguinte no artigo 69: Não são criminosos por falta d'imputabilidade os factos practicados pelo agente não havendo da parte d'este completa intelligencia ou liberdade.»

E no artigo 70:

«Não têm imputabilidade por falta de completa intelligencia:

1.— Os individuos, que em resultado de qualquer affecção mental, congenita ou adquirida, estiverem completamente privados do livre exercicio de suas faculdades intellectuaes, no momento de commetter a infracção.»

Da leitura d'estes artigos se conclue, que os individuos, que commetterem qualquer infracção de lei, e que 'neste acto padecerem affecção mental, não são criminosos, porque não tem imputabilidade; e não a tem, por estarem completamente privados do livre exercicio de suas faculdades intellectuaes.

Combinando as disposições do artigo 70.° n.° 1, com as expressões, que se lêem na pag. 52 do Relatorio, vê-se claramente, que a commissão, vacillando se deveria, ou não, admittir a mania parcial (monomania), resolveu por fim considerar as affecções mentaes como sendo sempre caracterisadas pela perturbação geral nas faculdades intellectuaes; e exigiu a privação completa de intelligencia como condicção da *não imputabilidade.*

O princípio verdadeiro, que a Commissão pretendia seguir, foi substituido por outro menos exacto. As monomanias foram rejeitadas a despeito dos numerosos factos, que a sciencia tem registado, e da opinião de Esquirol, Briand, Devergie, Caseauvieilh e outros muitos.

Harmonisar a penalidade com a criminalidade, e esta com os diversos estados em que o homem se póde achar em relação ás suas faculdades mentaes foi sempre o *desideratum* dos criminalistas. A medicina esclarecendo-os, por muitas vezes, tem concorrido para punir o criminoso, ou salvar a vida ao innocente.

Se o estudo physiologico das faculdades mentaes tem difficuldades, não as tem menos o pathologico. Comtudo a medicina tem chegado ao conhecimento mais ou menos perfeito das affecções mentaes, e tem já apresentado um quadro das molestias correspondentes aos variados modos d'alteração das faculdades cerebraes.

Nem sempre a estas alterações se segue a da intellectualidade, pelo menos completa e permanentemente, A estes estados não se refere o artigo 70 n.° 1.

Muitas vezes apresentam-se intactas as faculdades intellectuaes, e a perversão dá-se só nas affectivas, ou nas volitivas, em relação a um objecto ou ordem d'objectos. 'Nestes casos a *não imputabilidade* limita-se aos actos, que forem consequencia directa da affecção cerebral.

A monomania pura e simples, a alteração d'uma ordem de faculdades, ficando as outras no estado physiologico por mais ou menos tempo, é princípio adoptado por quasi todos os medicos legistas, e confirmado pelos factos. O proprio Brierre de Boismont, a quem a Commissão se soccorreu, até para as citações

com que auctorisa as suas doutrinas, diz que os *monomaniacos no princípio pódem deixar de apresentar aptidão a delirar, que depois apparece 'noutro periodo da infermidade.*

A unidade d'espirito, e solidariedade de suas faculdades, dogma invocado pelos que combatem as manias parciaes, é tambem o argumento de que se serviu a Commissão no seu Relatorio pag. 52.

Se no estado physiologico as faculdades mentaes não têm todas a mesma actividade, e egual desinvolvimento, d'onde as differentes aptidões, não nos devemos admirar que no estado pathologico o mesmo possa, e deva acontecer. «Já um illustre philosopho escreveu: a *alma serve-se dos orgãos como d'instrumentos para manifestar as suas operações, o desarranjo do orgão não altera a unidade d'alma.*

A desordem intellectual, ás vezes, limita-se a um só objecto, os doentes percebem mal, concebem a respeito d'elle ideias falsas, sôbre ellas raciocinam logicamente, deduzindo conconsequencias necessarias. Outras vezes a percepção é boa, as ideias verdadeiras, mas o raciocinio é errado. As conclusões ou são tiradas de principios falsos, ou errado o modo de as deduzir. Apesar d'isto podem ellas ser o movel de algumas acções do individuo, que a respeito dos outros objectos forma ideias exactas, e raciocina bem. Cabe-lhe, se não toda, alguma responsabilidade pelos actos relativos a estes objectos.

Quem deixará de reconhecer, que estando 'nestes casos alterada só parcialmente a intellectualidade, a irresponsabilidade deve limitar-se aos actos commettidos em virtude da percepção errada ou falso juizo?

Os sentimentos ou instinctos podem perverter-se conservando-se intactas as faculdades intellectuaes, como o demonstram os motivos plausiveis, e bem formados raciocinios com que os monomaniacos justificam a extravagancia dos seus sentimentos, e desculpam a sua conducta (*monomania affectiva* Esquirol). Irresistivel fôrça impulsiva com integridade até de sentimentos, e intelligencia, póde obrigar o homem a commetter certos actos criminosos ou immoraes (*monomania instinctiva*): a vontade perdeu o seu imperio; a razão não tem podêr, o homem conhece o mal, que vae fazer; sente-se a elle impellido, e ás vezes instantaneamente, e pede até que lhe obstem. As faculdades intellectuaes estão intactas, mas o individuo não é, nem póde ser responsavel. Esta irresistibilidade, e a perversão das faculdades affectivas nos monomaniacos são attestadas pelo proprio Brierre de Boismont.[1]

Se a doutrina apresentada no Relatorio da Commissão (pag. 52) fôsse verdadeira, os monomaniacos seriam irresponsaveis por todos os actos, que praticassem. Queremos a irresponsabilidade mas não absoluta; defendemos a *não-imputabilidade* mas só em certos casos; julgâmos que esta se póde dar, havendo até completa intelligencia, e desejâmos ver consignado na lei este princípio tão justo e humanitario.

[1] Annales d'Hygiene publique et de Médecine Légale 2.e serie. Juillet 1861.

II

Por menos exactas temos ainda as ideias, que a illustrada Commissão encarregada da revisão do Codigo Penal Portuguez expõe a pag. 90 do seu Relatorio.

Na applicação das penas é justo e humanitario ter em attenção as circumstancias attenuantes, e aggravantes. Este princípio exarado nos codigos de todas as nações civilisadas não podia esquecer aos auctores do Projecto do Novo Codigo Penal Portuguez. — E entre as circumstancias attenuantes menciona-se a influencia, que o fluxo mensal, e o estado de gravidez exercem sôbre o moral da mulher. D'accôrdo com a Commissão no princípio adoptado, divergimos comtudo na generalidade que se lhe quer dar.

É reconhecida desde o tempo d'Hippocrates a influencia da gravidez, e das irregularidades da menstruação no moral da mulher. Nos livros de Medicina Legal avultam exemplos de que a mulher 'nestes estados póde apresentar aberrações de vontade, que a tornem irresponsavel pelos factos puniveis, que practicar. A mulher é levada irresistivelmente a actos, que as leis condemnam, e a moral reprova, e 'nestes casos deve ser excluida, e não attenuada apenas a responsabilidade.

Todavia estas perturbações são ás vezes taes que a mulher ainda póde conservar o livre arbitrio. Este estado particular, temol-o como circumstancia attenuante, e assim o consideram sempre os tribunaes com muita e farta razão.

Estados anormaes em grau tão elevado podem apparecer na gravidez, e nas irregularidades de menstruação. Não assim quando esta funcção se executa regularmente.

A mulher 'nestes estados physiologicos, e não pathologicos, como a Commissão dá a entender no seu Relatorio, conserva a integridade das suas faculdades mentaes, e é responsavel. Arvorar em circumstancia attenuante permanente estes estados particulares, sem attender a que nem sempre com elles coincide a perturbação mental, é ir d'encontro aos principios da justiça. Se a lei e a jurisprudencia se devem reformar pela sciencia, como diz a Commissão no seu Relatorio, consignemos na lei como circumstancia attenuante estes estados quando d'elles se seguir alteração mental, que limite o livre arbitrio; e se este for anniquilado então considerem-se como circumstancia exclusiva da criminalidade. Fóra d'estes casos a mulher deve ser sempre responsavel por to-

dos os seus actos. Estas restricções ao principio apresentado pela Commissão obstam ao abuso, que d'elle se póde fazer; têm por si a razão, e a auctoridade não só dos factos, mas dos medico-legistas mais notaveis, e abona-se com a opinião respeitavel da Faculdade de Medicina d'Halle.

No art. 191 do Projecto do Codigo Penal Portuguez lê-se: «É abortamento a expulsão, « por quaesquer meios provocada, do produ- « cto da concepção em qualquer epocha de gra- « videz.»

E na pag. 126 do Relatorio: «No entanto « era mister partir do presuppposto da *vita-* « *bilidade*, d'outro modo o facto (abortamento) « não poderia entrar na cathegoria dos atten- « tados á existencia, e o direito criminal fica- « ria em manifesta contradicção com a lei ci- « vil, que não só protege o feto no ventre « materno, mas até lhe reconhece direitos.»

Permittam-nos os illustres relatores, que notemos a confusão, que 'nesta parte do Relatorio parece haver entre os termos vitalidade, e vitabilidade. O feto póde ser vital, e comtudo não ter vitabilidade, isto é capacidade de viver vida extra-uterina. O feto é sempre animado ou vital desde o momento da concepção, e o abortamento é um crime contra a existencia, qualquer que seja a epocha da gravidez, e o estado do feto, com tanto que esteja vivo.

A vitabilidade ou viabilidade não é exigida, não o póde ser, nem ha necessidade de hypotheticamente a admittir para o crime d'abortamento. O direito á existencia é o mesmo, sejam quaes forem as circumstancias em que o feto se ache. Se se commetter o abortamento 'num feto não viavel, ou pela edade ou por outra qualquer causa, o facto é sempre criminoso, nem póde deixar de o ser.

III

Difficil tem sido classificar as offensas corporaes em harmonia com os verdadeiros principios da justiça. *Desideratum* de todos os criminalistas, ainda até hoje não tem podido ser completamente satisfeito. E a causa d'esta difficuldade provém de a criminalidade das offensas corporaes depender do resultado material, e da intenção; e aquelle nem sempre ser a expressão da vontade do criminoso.

Não é nosso proposito enumerar e avaliar as numerosas bases, que se têm apresentado para a classificação das offensas corporaes em relação com a penalidade, nem as multiplicadas classificações, que se têm feito. Defeitos em todas se encontram; mas muito sobresahem elles na classificação apresentada pela Commissão no seu Relatorio, e desinvolvida nos artigos 195.°, 196.°, 197.°, 200.° e 202.° do Projecto do novo Codigo Penal Portuguez.

Art. 195.° «São offensas á integridade physica ou moral todos os factos de que resultem ou possam resultar directamente ou como consequencia, lesões aos tecidos, perturbações ás funcções ou affecções do espirito.»

Art. 196.° As offensas são de primeira, e segunda ou terceira ordem.

Art. 197.° São offensas de primeira ordem:

1.° As que atacam orgãos ou funcções importantes para a conservação do individuo na sua vida organica, ou de relação, ou para a conservação da especie.

2.° Quaesquer offensas d'outra ordem dando em resultado lesões d'esta especie.

§ .....

.....

Art. 200.° São offensas de segunda ordem:

1.° As que atacam orgãos ou funcções menos importantes.

2.° Quaesquer de 3.ª ordem, dando em resultado lesões d'esta especie.

§ .....

.....

Art. 202.° São offensas de 3.ª ordem todas as não comprehendidas nas classificações antecedentes.

.....

Esta classificação proposta no Relatorio pag. 135, e adoptada no Projecto do Novo Codigo Penal Portuguez, não é a que melhor satisfaz ao fim a que se propõe. Tão vaga que não se concebe, como por ella se ha de graduar a penalidade, deixa tambem errar o espirito dos peritos nas oscillações variadissimas da qualificação das offensas.

Importancia da funcção ou do orgão lesado, foi a base escolhida pela Commissão. Mas qual o meio que temos para determinar essa importancia? Quaes as funcções que na vida organica ou animal são mais importantes? A Commissão devia enumeral-as, porque segundo o diverso pensar dos physiologistas, assim estes ou aquelles orgãos, estas ou aquellas funcções se podem julgar de mais ou menos valor.

Admittindo mesmo que se determinavam as funcções e orgãos mais importantes, e assim se facilitava a distincção entre as offensas de 1.ª e 2.ª ordem, impossivel nos ficaria designar quaes as da 3.ª Diz o Projecto do Novo Codigo que são todas as não comprehendidas nas de 1.ª e 2.ª ordem; mas não designando quaes as de 1.ª e quaes as de 2.ª fica o juiz e os peritos sem meio algum por onde possam conhecer taes offensas. Mal avisada andou a Commissão quando substituiu por este systema de classificação a divisão geralmente seguida de offensas em *mortaes*, *graves* e *leves*. Ao alcance de todas as intelligencias, facil de conceber, e conhecida de remotas eras, é esta classificação; e com as modificações convenientes tem incontestavel vantagem sôbre a proposta.

Não é só a importancia do orgão que influe na lethalidade e gravidade da offensa. A interrupção da funcção do orgão lesado, a extensão e profundidade da lesão (ainda em orgão

menos importante) são elementos, que tambem muito influem.

A classificação proposta pelo illustre professor de Medicina Legal na Universidade de Coimbra o sr. Dr. José Ferreira de Macedo Pinto foi rejeitada no Relatorio (pag. 133). Affirma a Commissão que 'nella se adoptam bases completamente falsas, como elemento de classificação penal. Tem esta por fim harmonisar a penalidade com a gravidade do crime; e os elementos, que o sr. Dr. Macedo apresenta para o conseguir são: cura mais ou menos demorada ou incompleta; impossibilidade de trabalho, temporaria, ou perpétua; privação d'orgão mais ou menos importante, ou essencial á vida; deformidade mais ou menos notavel.

A Commissão porém, rejeitando no Relatorio esta classificação, implicitamente a adopta no projecto do Novo Codigo para graduar a penalidade, mas não tão perfeita como se nos offerece.

No art. 197.° § unico do Novo Cod. Penal lê-se:

As offensas de 1.ª ordem aggravam-se especialmente:

1.° Sendo estes orgãos ou funcções de maxima importancia.

2.° Sendo incuravel a lesão, perturbação, ou affecção.

3.° Ficando o offendido perpetuamente inhabilitado para o seu trabalho professional, ou para qualquer outro trabalho.

4.° Causando grave e notavel deformidade apparente.

E no art. 200.° § unico: «As offensas de 2.ª ordem aggravam-se especialmente:

1.° Sendo incuraveis.

2.° Causando deformidade apparente.

3.° Impossibilitando o individuo d'exercer temporariamente o seu trabalho professional, ou qualquer outro trabalho.

Que se conclue da leitura d'estes §§?

Que a Commissão adoptou pela maior parte, nas subdivisões das classes das offensas, aquillo que inculcou dever rejeitar-se.

Importancia do orgão ou funcção lesada, incurabilidade, inhabilitação perpétua ou temporaria para o trabalho professional, deformidade notavel apparente, são os elementos apresentados no Projecto do Codigo Penal Portuguez para graduação da penalidade, como se vê pelos art. 198.° e 201.° Não são estes por ventura os mesmos elementos, que propõe o illustrado professor da Faculdade de Medicina? Ninguem o contestará. A classificação do sr. Dr. Macedo Pinto é comtudo mais completa. Admitte maior número de casos, que todos se podem realisar na práctica, e que muito influem na gravidade da offensa; e aqui como 'noutros logares vemos, que a Commissão tirou valiosos recursos da obra do sr. Macedo Pinto.

O Novo Codigo considera como circumstancia aggravante a incurabilidade, mas não attende a que mesmo no caso de cura esta se póde effectuar dentro de um praso maior ou menor, e que isto é indicio da gravidade da offensa e deve muito influir na penalidade.

A deformidade nem sempre se apresenta no mesmo grau, e o Novo Codigo mencionando-a como circumstancia aggravante, sómente quando é notavel ou apparente, deixa de seguir os principios da justiça.

Estes defeitos não se encontram na classificação proposta pelo Sr. Dr. Macedo Pinto, e seguida pela Commissão, rejeitando algumas especialidades de grande valor para apreciar melhor as offensas, e facilitar os trabalhos dos peritos, para que, no nosso entender, especialmente foi destinada. F. A. ALVES.

LEGITIMA DISTINCÇÃO DA PSYCHOLOGIA E DA PHYSIOLOGIA

O gôsto pela leitura dos livros, que tractam as materias a par do último estado d'aperfeiçoamento, levando-nos a ler as *Novas Miscellaneas Philosophicas* de Jouffroy, ahi nos deparou uma demonstração, que não menos por sua justeza e rigor, que por sua importancia philosophica e moral, nos parece dignissima de toda a publicidade. Procuraremos, resumindo-a, fazel-a nossa, tendo em vista, ao mesmo passo, não lhe minguar a fôrça.

As sciencias, sem embargo dos grandes pontos de contacto, que têm entre si, gyram em orbitas diversas, que muito importa não confundir; pois que tal confusão leva, muitas vezes, a consequencias perniciosas, assim theoricas, como práticas, de modo que o marcar as linhas divisorias, que as estremam, nem sempre póde reputar-se luxo scientifico.

Não falta ainda quem se persuada, que, para explicar a natureza do homem, como creatura eminente, que é, basta uma só sciencia — a Physiologia; sem haver necessidade de outra distincta — a Psychologia. Grandes espiritos têm para si, que a alma e a vida são duas cousas inseparaveis; e por consequencia, que a sciencia da vida é por si só sufficiente para explicar todos os phenomenos da alma, não considerando estes senão como funcções da vida, d'uma natureza especial, assim como os phenomenos d'outra qualquer funcção, e não julgando necessario referil-os a um ser especifico e determinado. Reflectindo que a vida é uma só, d'esta unidade da vida inferem uma só sciencia que explica porém um mechanismo de diversas rodas ou peças.

Assim que os phenomenos da alma podem ser objecto d'uma monographia, mais ou menos variada e importante; a Psychologia porém, explicando essa monographia, não vem a ser mais que um capitulo da Physiologia.

Mas em tal caso, quem deixa de reconhecer, que a crença do senso commum em duas naturezas differentes, recebendo a sancção da fé, bem como a auctoridade da sciencia, da parte d'espiritos os mais eminentes, vem a tornar-se inexplicavel? Importa observar attentamente a balança da razão, e ver, se pesa mais para este lado, do que para aquelle.

Uma simples anályse do homem exterior nos revela, á primeira vista, duas cousas, uma aggregação de moleculas materiaes, unidas debaixo d'uma fórma determinada — corpo; e uma certa fôrça occulta, mas real, cuja acção anima essa aggregação: em uma palavra, 'nesse composto ha duas cousas: — materia, e vida. A morte leva á evidencia a existencia d'estes dois elementos. Quando ella chega, não só os dois elementos se desligam, ficando a materia do corpo, e desapparecendo a vida, senão tambem se nos manifesta o papel, que fazia cada um dos dois elementos.

Apenas a vida se retira, as moleculas, que compunham o corpo, escapam aos vinculos, que as uniam, e recahem debaixo das leis geraes de toda a materia; de modo que a anterior aggregação, além de não ser effeito d'estas leis geraes, e sim da fôrça occulta da vida, existia a despeito d'ellas, e em opposição com a sua tendencia. Logo o corpo, ou a aggregação material, que existia durante a vida, não subsistia senão pela presença e acção d'essa fôrça, ou complexo de fôrças, que a morte fez desapparecer, e em quanto essas fôrças subtrahiam as moleculas do corpo ás suas leis proprias, as geraes da materia. Conseguintemente os dois elementos, que distinguimos no homem, são effeito um do outro; a vida, que não vemos, é a causa do corpo animado, que vemos; e o effeito não se produz, nem subsiste senão pela lucta da vida contra as fôrças geraes da natureza, a que toda a materia está habitualmente sujeita.

A maneira, como o corpo se fórma e cresce, confirma o mesmo, que a morte demonstra.

Examinando os progressos lentos do corpo humano, desde o primeiro lineamento do feto até ao seu inteiro desinvolvimento, ver-se-ha, que uma potencia invisivel actua no germen, attrahindo e assimilando a si uma certa quantidade de moleculas materiaes, a ponto de se apoderar d'ellas, para as subtrahir ás suas mesmas leis, e submettel-as ás proprias E em virtude d'estas últimas é que as organisa, e uma vez organisadas, as conserva e governa; de sorte que o corpo humano, 'num momento qualquer de sua formação e duração, é um effeito d'essa fôrça, ou complexo de fôrças, que se chama vitalidade. D'onde, as moleculas materiaes não são senão os verdadeiros materiaes do composto, e a vida é que vem a ser a entidade componente, o constitutivo.

Ainda mais.

Essas moleculas, que são os materiaes do corpo, — essa materia, em que, levados d'uma observação grosseira, seriamos tentados a fazer consistir o homem, nem ella mesma é constitutiva do corpo; pois que é continuamente expulsa e revezada pela continuada acção das fôrças vitaes; não faz mais, que de contínuo ir passando.

Nada é permanente no corpo, senão a vida e a forma, debaixo da qual as leis permanentes da vida alli aggregam as moveis moleculas da materia, — prova a mais frisante de todas, de que no composto nada ha essencial e constitutivo, afóra o elemento vital que persiste; e de nenhuma sorte o material, que aturadamente se renova.

Se, por tanto, 'naquillo, que chamâmos homem, ha dois elementos distinctos, — materia e vida; — se d'estes dois elementos um não é mais que a materia prima da obra, ao passo que o outro a cria e conserva; se essa materia prima não é persistente, mas de continuo se renova sob a acção da vida, que a rejeita, e reveza; segue-se, que ninguem póde racionavelmente ir buscar o constitutivo do homem 'nessa aggregação movel de moleculas variaveis, que compoem o corpo, mas sim nas fôrças, que fazem existir e subsistir essa mesma aggregação.

Mais se confirmará esta conclusão, se advertirmos, que cada um de nós tem consciencia de ser uma causa sempre identica a si mesma em toda a duração da vida; — consciencia, que nós não tiveramos, se mais não foramos que essa aggregação material, que não é senão um effeito-multiplo —, e que não fica dois momentos consecutivos identico a si mesmo.

Já fica transluzindo bastante o mysterio da natureza humana, com o segredo da sua dualidade; mas, para acabarmos de o penetrar, resta saber, em que consiste o princípio da vida, que reside no homem; e se é uma fôrça simples ou multipla.

Se para chegarmos a este resultado, não tiveramos outro meio, que o geral e ordinario de inferir as causas dos effeitos, mal poderamos lograr o intento; porque, geralmente fallando, não temos ideias claras e distinctas, e muito menos adequadas, das causas de quaesquer phenomenos. Vêmos as causas nos effeitos, e não em si mesmas; não as attingimos, não as abrangemos em si proprias, por meio dos sentidos, como os effeitos, vindo a ser, por consequencia, a ideia de causa uma mera relação abstracta, uma conjectura, uma hypothese, e não um facto positivo. D'aqui resulta, que até as palavras, por que as exprimimos, são vagas, obscuras, e designam ideias estacionárias, que não adiantam mais que o — *idem per idem*. É o que acontece, quando dizemos, que a causa da quéda d'uma pedra sôbre o centro da terra é uma —

fôrça de gravitação; que a causa do phenomeno da vegetação é uma — *fôrça vegetativa*. Assim que não ficâmos sabendo, se essas fôrças são uma e a mesma causa, isto é, a acção immediata de Deus, ou uma fôrça distincta de Deus; pois que, na ordem da causalidade, o que unicamente sabemos, é que — todo o phenomeno tem uma causa. — Mas, se um phenomeno deriva d'uma só causa, ou de muitas; se dois phenomenos differentes derivam de duas causas, ou d'uma só; ou se ha causas intermédias entre o creador e a creação, é o que não podêmos saber, visto que a tendencia, que temos para attribuirmos phenomenos similhantes a uma mesma causa, e phenomenos differentes a causas distinctas, póde ser erronea.

Se, pois, da vida não conhecessemos senão os phenomenos, por mais differentes que elles fôssem, mal nos poderiamos inteirar e reconvencer, se derivam de muitas causas, ou d'uma só; e se essa causa é Deus mesmo, ou alguma cousa distincta de Deus.

Estamos, porém, em tal situação quanto ao principio da vida?! Quando queremos saber, qual é a causa do movimento de nosso braço, por exemplo, vamos acaso topar na mesma obscuridade, na mesma incognita, como quando examinâmos as causas dos outros phenomenos referidos, o da *gravitação*, ou da *vegetação?!* Sera, por ventura, o principio da vida um ente ideal, a que, por hypothese, damos uma existencia individual, como a qualquer das outras causas?! Será a causa da vida um facto positivo ou uma mera hypothese?

Eis a questão, que não hesitâmos em resolver do modo seguinte.

Quando movemos o braço, a cogitação de nosso espirito sôbre a causa d'este movimento é muito differente da que formâmos quando indagâmos a do movimento da pedra para o centro da terra. Conhecemos, que tem tambem uma causa; mas não nos limitâmos a dar-lhe um nome vago e obscuro: a nossa cogitação é mais ampla, mais distincta e adequada, mais convincente.

Qualquer dirá — a causa do movimento do meu braço sou *eu*. E que quer isto dizer? Que esse *eu* é uma causa, da qual temos tal consciencia, que não só a conheciamos antes do phenomeno, como capaz de o produzir, mas no acto do phenomeno reconhecemos a mesma energia, que o produz; e ainda depois do phenomeno passado, continuâmos a ter egual consciencia, de que essa causa conserva uma capacidade perenne de o reproduzir, todas as vezes que for mister.

Nos outros casos não conhecemos, senão o phenomeno, e d'este inferimos hypotheticamente a sua causa! No movimento do braço conhecemos não só o phenomeno, senão tambem a causa, antes da producção do phenomeno, durante ella, e ainda depois d'ella; de modo que 'neste apparecem-nos os dois termos da relação com egual evidencia, não um só, como no movimento da pedra. Não concluimos a causa do effeito, mas vice versa o effeito da causa, e a producção d'um pela outra; e depois de desapparecer o effeito, continuâmos a conhecer a permanencia e a fecundidade, digamos assim, da mesma causalidade, como, antes de se manifestar o effeito, já préviamente a conheciamos.

E se quizermos saber a razão de tão extraordinaria excepção, — o porque a causa — *eu* — escapa á lei geral do incognito e da obscuridade de todas as causas, não achâmos outra, senão porque essa causa é identica, interna, immediata comnosco; é o nosso mesmo ser, e tão proxima a nós, que é impossivel deixar de a ver e conhecer; de sorte que os dois termos — objecto conhecido, e sujeito cognoscitivo — confundem-se, identificam-se, são uma e a mesma cousa debaixo d'um aspecto reciproco. Não assim quanto ao conhecimento das cousas exteriores, onde os termos são differentes e separados. Estas — *vêem-se*, *percebem-se* (como a propria linguagem dos homens o exprime); o nosso *eu* — *sente-se intimamente;* temos d'elle — *consciencia*. Sôbre elle recae tão directa e plenamente a nossa attenção, que não podemos deixar de o reputar uma causa certissimamente existente, um facto positivo, que eu abranjo immediatamente, como attinjo e abranjo os effeitos das outras causas. O nosso *eu* é a só causa, que assim abarcamos

Fica pois resolvida a questão; está evidenciado, que ha no homem uma causa verdadeira dos phenomenos da vida, a qual é um facto, não uma hypothese, e um facto immaterial, porque o não conheço por intermedio dos sentidos, mas em si mesmo. Conseguintemente não é verdade, que todos os phenomenos da vida derivem da immediata acção de Deus, como aliás é possivel, que d'elle derivem todos os que a natureza exterior nos apresenta.

Resta saber, se todos os phenomenos da vida emanam d'esta causa, que descubro em mim mesmo, e cuja existencia é incontestavel, ou se tão sómente alguns, e não todos.

No mesmo theor, por que a causa — *eu* se comprehende, temos um meio de resolver a questão. De feito, o que é a consciencia? O sentimento, que o — *eu* tem de si proprio; mas não é possivel, que esta causa tenha o sentimento de si mesma, e não o tenha do que faz; fôra impossivel, contradictorio. Logo, se tivermos consciencia de produzir todos os phenomenos da vida, todos elles derivarão da mesma causa, que somos nós. Se pelo contrário temos consciencia de sómente produzir alguns, mas não todos, então d'entre os phenomenos da vida alguns haverá, que venham da causa, que somos nós, e outros, que d'ahi não venham.

E na verdade o — *eu*, interrogado sôbre esta questão, responde, que sente distinctamente ser a causa de muitos phenomenos da vida, como o pensamento, a volição, a lembrança, etc.; mas que outros ha, como a circulação do sangue, a secreção da bilis, e a digestão, á producção dos quaes se sente absolutamente estranho, a ponto de acontecerem não só sem consciencia de os gerar, mas sem que d'elles tenha o menor conhecimento, e nem sequer advirta que se produzem.

Esta resposta dirime a questão, e leva-nos a concluir: — logo ha, no que se chama homem, duas origens distinctas dos phenomenos da vida: — *eu*, em primeiro logar, que me sinto o principio d'um certo número d'esses phenomenos; depois uma outra fôrça, simples ou multipla, que não conheço, que é Deus, por ventura, e d'onde emana o resto d'esses phenomenos. A consciencia é o meio de separar os phenomenos, que derivam d'estes dois mananciaes; attinge os que vêm de mim, porque d'ahi vêm; e não alcança os outros, porque d'ahi não vêm. Esses não os conhecemos senão pelos sentidos, como os phenomenos exteriores.

É notavel, por tanto, que a dualidade d'estes phenomenos da vida, os quaes a observação mais superficial abrange desde logo no homem, demonstra outra dualidade mais profunda, a dos principios da vida. Sem a segunda d'estas duas dualidades, poder-se-ia considerar o homem uma cousa simples; porque a aggregação material não é senão uma especie de vestido, que o principio vivo ajusta a si, e de que se involve. Porém a existencia demonstrada de dois principios vivos no que se chama o homem, faz d'este, irremissivelmente, um ser complexo. Não posso ser ao mesmo tempo muitas cousas; a causa que sou, é certamente a de que tenho consciencia, na qual me reconheço, e que por isso chamo — *eu*. Se ha, porém, no que se chama o homem, uma outra causa, (como o demonstra essa segunda ordem de phenomenos, a respeito dos quaes não temos consciencia de serem filhos de nossa causalidade, tanto assim, que até á morte podêmos deixar de ter a menor noção directa d'elles mesmos), segue-se que no homem ha outra cousa, que o *eu*, — um principio vivo, distincto do principio vivo, que sou eu.

Somos logo dois no homem: eu, e esse principio incognito, — associados, dependentes, acaso, mas differentes. Por outros termos: ha no homem a pessoa humana, o homem verdadeiro, e ainda outro principio, que nelle se não revela, senão por sua acção, e que nós não attingimos ou alcançâmos mais, do que qualquer das outras causas, que animam o mundo. A dualidade é pois incontestavel, e resta saber, qual é o seu sentido, isto é: — o que faz no homem este outro principio que descubro a par de mim, e por que theor, o que elle faz, se concilia com o que eu faço, e ao mesmo tempo se distingue.

Descobril-o-emos, examinando os respectivos caracteres dos phenomenos d'esse segundo principio, e confrontando-os com os dos phenomenos, que pertencem ao principio primario — *eu*.

Continuando a soccorrer-nos ao *criterio* da consciencia, e por esse meio separando os phenomenos da vida em duas classes, os do principio eu, e os que elle é forçado, como estranhos que lhe são, a referir a ess'outro principio, — achâmos que estes ultimos constituem, por si sos, todas as operações, pelas quaes esta aggregação organisada de moleculas materiaes, que se chama *corpo*, é creada, conservada, e reproduzida; e que nenhuma d'essas operações vem a resolver-se em algum dos phenomenos, de que temos consciencia, isto é, de que o — *eu* é principio, ou sujeito.

D'este facto resultam duas notaveis consequencias: 1.ª Que os phenomenos, estranhos no homem ao *eu*, compõem, por si sos, a vida do corpo, essa vida, que se chama physica ou animal; e que o principio mysterioso, donde emanam, é o mesmo que faz viver, e conserva o corpo, chamando-se em linguagem ordinaria *fôrça vital* ou *animal*: 2.ª Que os phenomenos, que no homem pertencem ao *eu*, sendo estranhos á vida do corpo, compõem outra vida, que póde ter ligação com a vida physica e animal, mas é distincta d'ella, e tende a outro fim.

A vida dos phenomenos, pertencentes ao *eu*, chama-se *intellectual e moral*, que ninguem confunde com a vida *animal* ou *physica*; e por outro lado é facil de reconhecer, que o fim a que tendem, é o mesmo fim da pessoa humana, ou do *eu*, principio d'onde emanam.

Assim, em quanto a digestão, a circulação do sangue, e todos os outros phenomenos, que no homem são estranhos ao — *eu*, têm por fim evidente e unico o bem do corpo, é claro, que, na vida intellectual e moral, tudo aspira e converge a outro fim, — o bem do *eu*, tal como resulta da natureza e das tendencias d'este principio.

São tão distinctos assim estes dois principios, como as duas vidas, d'ahi procedentes, e os fins d'estas duas vidas, que algumas vezes se collocam em opposição; quando, por exemplo o *eu*, á fôrça de tender ao seu fim, arrisca o bem do corpo, e em certos casos mesmo o sacrifica, immolando o repouso, o bem, e a saude do corpo, e até a propria vida, á completa realidade dos differentes fins, a que aspira.

Mas, com quanto os dois principios sejam distinctos no homem, nem por isso são independentes; nem as duas vidas, que d'elles emanam, ficam estranhas uma á outra. Se a dualidade é certa, não o é menos a existencia d'um vinculo entre os dois elementos d'esta

dualidade. Resta determinal-o, para acabar d'esclarecer o mysterio da natureza humana.

Este vínculo consiste na mútua dependencia de cada uma das duas vidas, da acção de cada princípio contra distincto, como intervindo na satisfação das necessidades e fins respectivos, com as condições, que lhe são proprias; com a differença, que esta necessidade de reciproca intervenção ainda é mais ampla a respeito da vida do princípio pessoal, por isso que os vinculos de dependencia, que essa vida tem do principio da vida animal, são mais numerosos e palpaveis. Todos estes motivos de dependencia se reduzem a um variado serviço instrumental, que o corpo ministra ao nosso *eu*, a saber: 1.° influencia de desinvolvimento organico, em quanto o dos orgãos do corpo, e mormente do cerebro, é necessario para o desinvolvimento das faculdades mentaes: 2.° influencia de transmissão, já activa, pela qual o nosso *eu* actúa fóra de si, tendendo para os objectos, que lhe são necessarios; já passiva, pela qual o mundo exterior nos transmitte variadas impressões, de que resultam as sensações, que nos fazem conhecer os diversos objectos materiaes, que nos são necessarios. São estreitamente connexas estas duas especies de transmissão, e ordinariamente occasionaes uma da outra. 3.° Influencia de reciprocidade, ou correspondencia reflexa; pela qual — os prazeres ou soffrimentos do corpo occasionam sensações agradaveis, ou desagradaveis, que perturbam a propria actividade do nosso *eu*; e — vice-versa as cogitações, alegres ou tristes d'este, influem interna e externamente no bem ou mal d'aquelle.

Todos estes ramos de serviço instrumental dependem do bom estado da vida animal; e de tal modo estão as cousas arranjadas, que nem a fôrça vital póde conseguir o seu fim, sem a intervenção do *eu;* — nem este regularmente lograr o seu, sem que a missão da vida animal prosiga tambem com regularidade.

D'ahi a unidade do que se chama o — *homem*, que não é outra cousa mais, que a união, sob certas condições, de duas cousas distinctas, o corpo, o animal, por uma parte; e o *eu*, ou o homem, propriamente dicto, pela outra.

Poderia aqui agitar-se a questão: — Se a unidade do que se chama o homem poderia ser mais íntima; e se os dois principios vivos, que 'nelle se distinguem, poderiam, nas profundezas de sua natureza, cifrarem-se e incorporarem-se em uma substancia commum?

É uma hypothese, que não é dado á sciencia humana verificar; pois que a sua contemplação nos leva a um profundo estado de dúvida; em quanto, se por um lado a estreita dependencia dos dois principios parece tornar crivel essa incorporação, por outro a consideração de que as duas vidas, a physica e animal, e a intellectual ou moral, são distinctas por natureza, e nos seus fins, parece repellir toda a ulterior identificação. Quando porém á sciencia humana parecesse verificavel tal hypothese, em nada mudaria os resultados, que lhe é dado attingir.

Cingindo-nos a estes resultados, os unicos certos, a dualidade do homem é incontestavel; e sua unidade limita-se a laços de dependencia entre os dois elementos d'esta dualidade — o corpo d'uma parte, com a fôrça vital que o creou, e sustém por uma serie de phenomenos, que não provém do *eu*, e de que não tenho consciencia alguma; — e a pessoa humana da outra, com a sua vida propria, que se compõe dest'outra serie de phenomenos, de que tenho consciencia, porque sou o princípio, ou o sujeito, d'elles, e tendem a um fim estranho ao corpo, e que é o meu.

Tal é o resultado definitivo, a que o estudo da natureza d'este ser complexo, que se chama homem, conduz o observador.

Este duplo resultado é comprovado pela distincção vulgar de duas cousas no homem — alma e corpo; — a qual exprime um como axioma popular, em harmonia com a mesma sciencia, não podendo esta deixar de reconhecer no estudo do homem, dois inteiramente distinctos — a Psychologia e a Physiologia. O primeiro é o estudo da alma, do *eu*, da pessoa humana, do homem propriamente dicto, com os phenomenos da vida, intellectual e moral, da vida de relação, que é a sua vida; os quaes são precisamente aquelles, de que temos consciencia. O segundo é a sciencia da aggregação material, e de todos os phenomenos, pelos quaes a fôrça vital organisa, conserva, e reproduz essa aggregação, isto é, todos os phenomenos, que compõem a vida animal do *corpo*; a qual vem a ser essa mesma aggregação material acompanhada da vida, que a faz existir, e da fôrça incognita, d'onde essa vida dimana.

É falso por tanto, o que sustentam alguns physiologistas, que a vida seja uma só, e os differentes grupos de phenomenos, que se manifestam no homem, não mais que funcções diversas d'essa vida, e variadas operações do principio, d'onde ella procede. Ha no homem dois principios, e duas vidas; e esta dualidade, reclamada pelo senso commum, e consagrada pela sciencia, não está na imaginação, mas na realidade da natureza humana.

Nem obsta, que tanto uma, como a outra sciencia se não limitem rigorosamente á sua orbita privativa, occupando-se tambem de phenomenos da outra — a psychologia de phenomenos physiologicos, e a physiologia de phenomenos psychologicos.

O que isto prova não é a unidade e confusão das duas sciencias, mas sim a mesma dependencia entre si, a mesma ligação mútua, que se dá tambem entre as duas vidas, sôbre que ellas versam. Sendo estas duas vidas tão

ligadas, que cada uma é dependente da outra, modificada por ella, mutilada acaso, acaso dilatada, em quanto implica certos phenomenos da outra; são esses mesmos phenomenos os que cada uma vae estudar ao dominio da outra; e é por esse titulo, que d'elles se occupa, como para se tornar mais completa.

As duas sciencias não estudam as duas vidas, desligadas, mas concomitantes, taes como se cumprem, e exercitam de facto, na realidade. Não são estranhas uma á outra, são amigas e irmans; devem prestar-se mutuos soccorros, e é por isso mesmo que não devem confundir-se, para melhor sobresahir a sua fraternidade.

Quando porém a distincção dos dois principios e das duas vidas, que a anályse descortina, perscrutando a essencia do homem, não fôra sufficiente para dissipar toda a dúvida sôbre a distincção das duas sciencias, sel-o-hão, por certo, a par da differente natureza das duas ordens de phenomenos, os processos oppostos, pelos quaes a intelligencia os attinge e apprehende.

E na verdade, os phenomenos physiologicos são da mesma especie, que todos os outros, que nós apprehendemos no mundo exterior, são physicos e sensiveis; ao passo que os psychologicos são d'uma natureza peculiar, o que lhes tem grangeado o nome de phenomenos espirituaes. Por outro lado os psychologicos são abrangidos immediatamente pela consciencia, em quanto que, para alcançar os outros, é mister, que saiamos fóra de nós, e por experiencias, arredadas e difficeis, sôbre o corpo humano, ou sôbre o dos animaes, tornémos visivel a nossos sentidos essa vida, que não é a nossa, e de que a nossa consciencia não nos diz nada.

Esta dupla diversidade acaba de lançar entre as duas sciencias uma separação profunda; é impossivel que dois estudos com objectos tão differentes, que exigem aptidões e procedem por maneiras tão diversas, se identifiquem jamais. Quando acontece a um physiologista introduzir, na scena da vida animal, um phenomeno psychologico; ou reciprocamente a um psycologista apresentar, na scena da vida intellectual e moral, um phenomeno physiologico, taes phenomenos tomam a similhança d'estrangeiros, chamados d'um paiz, cuja linguagem não se conhece, nem os costumes, e com cujo tracto nos vemos embaraçados; o que prova o facto positivo da profunda e natural diversidade entre os dois estudos.

Estão justificados, por tanto, o senso commum, que affirma a dualidade da natureza humana, e a sciencia, que a reconhece, dividindo o estudo do homem em duas disciplinas; e fica demonstrado, que todos os phenomenos da vida se derivam de dois principios, e tendem a dois fins: os quaes formam, não uma só, mas duas vidas distinctas, embora ligadas e connexas. Ora fôra impossivel, que phenomenos taes, que, por outro lado, são ainda d'uma natureza differente, e não se revelam, pelo mesmo theor, á observação, deixassem de ser objecto de duas investigações distinctas.

D'este modo fica perfeitamente estreme a linha, que separa as duas sciencias; e manifesto o verdadeiro objecto da psychologia, bem como os seus limites. Estes formam uma circumscripção dada pela consciencia, que no homem não attinge senão o eu, e os phenomenos, de que é o sujeito ou a causa. Os limites da consciencia são os da psychologia; tudo o que ella não alcança em nós, é do dominio da physiologia.

Ahi fica resumido em uns pontos, e aclarado em outros, o principal da demonstração, que faz Jouffroy, para evidenciar a linha divisoria, que alguem contesta á psychologia comparada com a physiologia. Esta demonstração porém, a meu vêr, tem um maior alcance philosophico; pois, em quanto é uma anályse rigorosa da natureza especifica dos phenomenos do nosso *eu*, confrontados com os da aggregação material, ou corpo, que o reveste, e exteriormente manifesta nas suas relações com o mundo material,—vem a ser simultaneamente uma demonstração analytica de que o individuo racional, propriamente dicto, tem uma natureza distincta dos entes organicos e animados:—o que importa uma demonstração da espiritualidade da alma humana com todas as suas consequencias, moraes e sociaes.

Não nos falta receio de fallarmos d'um assumpto, que joga com sciencia, de que não somos profitentes; porém a consideração de que não entrámos no centro da cidadella, e nos limitámos a uns meros aproches, com que não chegámos a invadir seus arcanos peculiares, desassombrou-nos um pouco, para commetter um trabalho, em que, por outro lado, não tivemos em vista senão rastrear as pisadas d'um sabedor experimentado.

DR. CASTRO PILAR.

SCIENCIAS PHYSICAS E MATHEMATICAS

ESTUDOS PRACTICOS SOBRE A ACÇÃO DO CURARE

Depois de incessantes e baldados esforços chegou alfim ao nosso gabinete de Physiologia experimental o *curare*, obtido da America por intervenção do govêrno de S. M., e benevola cooperação do Prelado da nossa Universidade.

Muito ha que o desejo nos sobrava de acompanhar os illustrados collegas de Allemanha, Inglaterra e França em seus trabalhos practicos sôbre um assumpto de subido alcance para a Physiologia e Pathologia do homem.

É o *curare* o poderosissimo veneno com que os indios selvagens da Guyana, e margens do Orénoque armam as pontas de suas mortiferas setas. O mysterio quasi religioso, que aquelles indigenas guardam em tudo o que têm descoberto de interesse pessoal, deixa-nos ainda duvidosos ácêrca da natureza e composição do veneno. Identico ao *ticunas* o reputam alguns auctores; outros ao *woorara;* ao *upas* alguem. Ha muita analogia nos effeitos de todos tres. O sabio Humboldt no fim de sérias investigações pôde alcançar que no succo da casca do *Vejuco Mavacure* residia a virtude toxica da planta cujo genero ignora; e que se prepara o *curare* levando pelo fogo o succo á consistencia de xarope, e misturando-o com o succo mais viscoso do *Hiraquaguero* para lhe dar mais consistencia. Brodie foi talvez quem primeiro na Europa estudou os effeitos do *curare* no organismo animal. Tem sido seguido 'neste seu empenho de alguns seus illustrados compatriotas, que não conhecem a substancia senão pelo nome de *woorara.*

Era cousa natural não demorarmos a satisfação do nosso desejo apenas conseguissemos o que ha tanto procuravamos. Assim que, recebido o *curare* a 26 de março, começámos a 28 os nossos estudos, applicando-o a rans, que eram então os unicos animaes, que tinhamos em depósito.

De cinco decigrammas de *curare* desfeitas em dez grammas de agua injectámos a quarta parte, pouco mais ou menos, sob a pelle do dorso de uma ran grossa e robusta. Passados cinco minutos as extremidades posteriores estavam paralysadas. Aos oito minutos era geral a paralysia. Insensivel a estimulos mechanicos, que não suscitavam o minimo movimento, fomos consultar o coração, que vimos pulsando em seu rithmo normal. Durou por mais de uma hora esse estado de movimento independente de qualquer estimulo; e quando parou ainda respondia ao toque da ponta do escalpello.

Menos de ametade d'aquella porção de líquido foi injectado debaixo da pelle do dorso de outra ran muito mais pequena, mas vigorosa. Tinha-se ligado a esta toda uma coxa em cima com excepção do sciatico. Aos cinco minutos appareceu completamente immovel, e surda a todo o estimulo mechanico, menos na extremidade ligada, que alguns signaes deu de movimento. Applicando-lhe porém a pinça electrica em differentes pontos deu mais evidentes provas de fôrça motriz, não só na perna exempta do *curare*, mas em todas as extremidades Não seria completa a paralysia? seria preciso mais podêr toxico? os futuros ensaios o dirão. E é para notar que, durante a immobilidade na vida animal, vimos o coração pulsando sem interrupção.

No dia immediato (29) empregámos o nosso estudo em mammiferos. Foi um coelho a victima immolada ás experiencias physiologico-pathologicas. Um resto da injecção, que sobejára dos ensaios anteriores, que não representaria mais do que duas decigrammas de *curare* foi injectado na veia jugular. Antes de dois minutos estava o animal immovel; e aos quatro minutos nem respirava; nem signal de vida nos deu. Havia-se ligado antes da injecção á arteria femural commum da perna direita, afim de a exemptar do envenenamento. Paralysado o animal, fomos consultar o coração, que achámos pulsando, e pulsando espontaneamente esteve até vinte e seis minutos depois da operação. Logo depois de observado o coração applicámos o estimulo mechanico de uma ponta aguda a musculos da perna desligada, que nem um signal nos deu de vida; e á que tinha a femural ligada, que respondeu ao estimulo com algumas oscillações pouco energicas dos musculos estimulados. E é de notar que por espaço dos vinte e seis minutos todos os intestinos estiveram em movimento normal, e muito activo, digno de observar-se.

Recorremos então ao estimulo galvanico pela pinça electrica de Bernard applicando-a a uma e outra perna, e ambas mostraram poucos signaes de irritabilidade muscular, mormente quando um polo se collocava no fim da região lombar, e outro na parte posterior da coxa; sendo porém a expressão mais vigorosa na perna ligada, que toda se punha ás vezes em convulsão; o que é de notar, porque a femural bem ligada devia dar a immunidade do veneno a essa extremidade. Não foi só nas extremidades inferiores que o galvanismo desentranhou a irritabilidade; em todo o tronco movimentos musculares se offereceram á acção da pinça. Pulsou constantemente o coração todo por mais quarenta minutos. Se quando as contracções se viam afrouxar, se applicava de novo a pinça resuscitava a energia por alguns minutos. Notou-se sempre a mais constante, e normal acção na auricula direita, que ainda depois setenta e tres minutos, em que os ventriculos pareceram já sem vida, a auricula ostentou a sua prerogativa do — *ultimum moriens* continuando languidas e vermiculares contracções boa hora e meia. Foi a primeira vez que vimos bem confirmada a doutrina do sabio Haller.

A mui graves, e sérias reflexões podiam dar logar as observações, que fizemos, tanto em relação á irritabilidade da vida animal, em que se nos afigura haver exaggerações nos juizos de outros observadores sôbre effeitos do *curare* em relação a musculos e nervos, como

a respeito de vida organica, em que nos inclinâmos, desde já ao que se ha asseverado de exaltação da parte d'esta; porque em verdade nunca vimos em outros generos de morte durarem tanto os phenomenos vitaes em mammiferos. Reservâmos o nosso juizo definitivo para quando terminarmos a serie dos estudos practicos.

J. J. DE MELLO.

TOXICOLOGIA

De interesse não pequeno julgâmos a publicação de tudo o que possa fornecer elementos á estatistica criminal do nosso paiz Tornar conhecidos os trabalhos, que se executam nos estabelecimentos universitarios, é utilidade não menor.

Estas razões, e não outras, nos levaram a dar á estampa o mappa, que abaixo publicâmos.

Os exames judiciaes com fim toxicologico são frequentes nesta cidade. Incumbidos desde 1858 de trabalho tão melindroso, junctamente com nosso collega o Ill.^{mo} sr. Dr. Mirabeau, temos dedicado ao desempenho d'esta missão as poucas horas, que nos restam das obrigações proprias do nosso cargo.

De grande auxilio nos tem servido o Gabinete de Chimica Legal da Faculdade de Medicina, actualmente enriquecido com os apparelhos e utensilios apropriados a estas anályses, e onde existem convenientemente guardados á disposição do respectivo juiz os restos de algumas das materias suspeitas já analysadas, a fim de podermos satisfazer a qualquer verificação, que nos seja requerida.

Os processos para o descobrimento dos venenos organicos foram executados todas as vezes que o julgámos necessario, e em dois casos conseguimos obter debaixo da forma crystallina as substancias organicas, que haviam causado o envenenamento. Observada no microscopio chimico de Nachet a forma dos crystaes e as reacções por elles manifestadas, bem patente se nos tornou a presença de atropina, e do acido benzoico.

Na qualidade de peritos encarregados dos exames toxicologicos iremos dando publicidade ao resultado de nossas anályses.

F. A. ALVES.

Mappa dos exames toxicologicos feitos no Laboratorio Chimico da Universidade, e Gabinete de Chimica Medica da Faculdade de Medicina, desde novembro de 1858 até fevereiro de 1862

Comarcas ou Julgados	N.º dos exames	Natureza das materias suspeitas		Contendo		Resultado negativo	Processos empregados	Observações
		Visceras	Contentos dos orgãos, e mat. estranhas ao organismo	Arsenico	Outros venenos			
Agueda	2	—	Contentos do estomago. Migas de pão de milho	2	—	—	Processo de Briand. Proc. de Reinch (dissolução da materia organica pelo acido chlorhydrico)	
Alfarellos	1	Estomago e intestinos	—	1	—	—	Carbonisação pelo proc. de Danger e Flandin	
Almeida	1	Estomago, intestinos e figado	—	—	—	1	Carb. pelo ac. sulfurico, e azotico;—incineração. Proc. de Reinch e de Briand.—Applicação da pilha de Bunsen	
Arganil	1	Estomago e intestinos	—	1	—	—	Processo de Reinch.—Carb. pelo proc. de Danger e Flandin	
Armamar	2	Estomago e intestinos	—	—	—	2	Proc. de Briand, de Reinch, de Flandin e Danger	
Aveiro	1	—	Areia onde tinham cahido as mat. vomitadas	—	—	1	Ebullição em agua distillada com acido azotico.—Processo de Briand; de Reinch. Maceração e decocção no alcohol, no ether, e no acido acetico	
Cantanhede	1	—	Mat. alimentar	1	—	—	Carb. pelo proc. de Flandin e Danger.—Processo de Reinch	
Ceia	2	Estomago, intestinos e figado	—	2	—	—	Idem	

Comarcas ou Julgados	N.º dos exames	Natureza das materias suspeitas		Contendo		Resultado negativo	Processos empregados	Observações
		Visceras	Contentos dos orgãos e mat. estranhas ao organismo	Arsenico	Outros venenos			
Coimbra *	2	Estomago, intestinos e figado	Decocto de folhas de belladona	1	1	—	Carb. pelo proc. de Flandin e Danger. — Proc. de Rabourdin por meio do chloroformio (*a*).	(*a*) Obtiveram-se os cristaes d'atropina.
Estarreja *	1	—	Restos de materia alimentar adherente ás paredes d'um pequeno frasco	1	—	—	Proc. de Reinch	
Gouveia	1	Estomago e intestinos	—	1	—	—	Proc. de Reinch. Carb. pelo proc. de Flandin e Danger	
Lousan	5	Estomago, intestinos e figado	Vinho. Materia inorganica em pó	3	—	2	Proc. de Briand; de Reinch. Carbonisação pelo proc. de Flandin e Danger	
Macieira de Cambra	1	—	Contentos do estomago: porção de farinha	—	—	1	Proc. de Briand; de Reinch. Carb. pelo proc. de Flandin e Danger	
Mangualde	3	Estomago e intestinos	Vinho. Porção de gallinha	2	—	1	Proc. de Reinch; de Briand. Carb. pelo proc. de Flandin e Danger	
Montemor o Velho *	1	Estomago e intestinos	—	—	1	—	Proc. de Wolher (*b*)	(*b*) Este envenenamento tinha sido casual, e feito com a tint. de benjoim. Obtivemos cristaes d'acido benzoico
Oliveira de Frades	1	—	Materia inorganica em pó	1	—	—	Proc. de Reinch. — Ebullição em agua acidulada com acido azotico	
Pinhel *	1	Estomago	—	—	—	1	Proc. de Reinch. Carb. pelo processo de Flandin e Danger. Proc. de Mitscherlich para o phosphoro. Proc. para os acidos organicos	
Resende	1	Estomago	—	1	—	—	Carb. pelo proc. de Flandin e Danger	
S. Pedro do Sul *	2	Estomago e intestinos	—	1	—	1	Processo de Reinch; de Briand. Carb. pelo proc. de Flandin e Danger	
Sinfães	2	Estomago e intestinos	—	—	—	2	Idem — Applicação da pilha de Bunsen	
Soure	2	Idem	—	1	—	1	Idem	
Tábua *	2	Idem	—	2	—	—	Carb. pelo proc. de Flandin e Danger. Ebullição em agua acidulada com acido azotico. Proc. de Briand; de Reinch	
Viseu	2	—	Materias alimentares	1	—	1	Carb. pelo proc. de Flandin e Danger. Proc. de Briand; de Reinch	

Total dos exames	38
Contendo arsenico	22
Contendo outros venenos	2
Com resultado negativo	14
Casos em que foram analysadas as visceras	25

N.B. Os que levam o signal * foram feitos no Gabinete de Chimica Medica na faculdade de Medicina.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

UMA TENTATIVA DE ROMANCE HISTORICO

ARZILLA

ROMANCE DO SECULO XV

POR

Bernardino Pinheiro

Como a ode, como o drama, como o poema epico, tambem o romance historico parece ter entre nós, lastimoso e desolador, o seu *fuit Illium*.

Existiu o romance historico. E ao soletrar-lhe mais uma vez o indelevel epitaphio, sobrevem logo a recordação de cada letra dourada, esculpida na gloriosa lapide ao correr do nosso último rejuvenescimento litterario.

A imaginação, repassando pela tela dissolvente a nobre e brilhante pleiade dos celebrados artistas – Herculano e Rebello da Silva, Marreca e Andrade Corvo, Garrett e Mendes Leal; a imaginação, embevecida a contemplar o lavor de cada tropheu, o tecido de cada louro, a saudade de cada emblema, magoa-se do contraste mudo, pobre e inglorio de hoje. Ao menos o oasis de hontem, o refugir para a florescencia d'aquella primavera, tão prenuncia de mais diuturno estio, é grato e querido.

Primeiro, o vulto epico do Eurico, prestigioso e real, se nos afigura, já soltando ao vento na cuspide do Calpe as dobras da sua stringe, já semeando o terror e a morte entre as hostes dos agarenos nos campos do Chrysus, e sempre alanceado pelo gume venenoso d'uma paixão immensa sem premio nem esperança.

Depois, em outras páginas, palpando as pulsações acceleradas e calorosas do conde soberano de Castella, politico, amante e guerreiro; e vendo sahir d'um luxo oriental a concepção de Azzahrat, a formosa escrava do califa de Cordova, namorada do inimigo figadal do seu senhor; custa-nos a crer, como á cabeça d'um tão profundo economista se foi alliar o coração d'um tão delicado poeta.

Depois ainda, e transpondo-nos a mais vizinhos tempos, a mocidade de D. João V, traçada no livro pela penna d'um mestre, traduzida na scena pela voz d'uma actriz insigne, seduz-nos, viva e ricamente colorida pelo ingenho, que a revelou, estudando-a na historia, e completando-a na phantasia, como se o entrecho fôsse contemporaneo.

Variada galeria, que se agora nos offerece este aspecto, logo nos dá outro e outro, protheu a multiplicar-nos as fórmas de todos os typos, camaleão a variar-nos ao infinito as côres de todos os seculos!

Podel-a-hemos hoje continuar depois de longuissima interrupção? estará extincta a geração de romancistas tão clamorosamente saudados, como principes? faria 'nelles a natureza estanque d'aquelle raro dom, que, auxiliado pelo sol da historia, nos ensina a photographar a vida intima d'uma epocha?

Não sabemos. Se os veios do precioso jazigo são muitos a explorar, não são poucos os arroubos de inercia, em que se perdem os operarios. Mas o que sabemos, porque d'isso temos a prova diante de nós, é que o presente anno commemorando a apparição da *Arzilla* do sr. Bernardino Pinheiro, authenticou 'numa succedida estreia o diploma d'um escriptor.

E succedida dizemos, sem receio de peccarmos por lisongeiros, porque se o estylo do novel romancista não é robusto como o de Herculano, nem sumptuoso como o de Rebello, nem apaixonado como o de Corvo; se as tinctas 'neste retrato resurtem carregadas, 'naquelle apenas distinctas; se o sabor moderno se não consegue desvanecer por vezes d'alguns dos personagens, e um ou outro anachronismo vem desegualar a acção; ninguem poderá todavia negar, que sera difficil encontrar muitos exemplos d'um primeiro ensaio, ostentando assim uma tendencia para sustentar o dialogo, uma dicção tão poupada de abstrusos archaismos como impressa em geral com o cunho de legitima, e finalmente uma fabula tão habilmente urdida.

O vestibulo do romance está delineado com arte. Como um d'aquelles atrios, em que o cinzel sabe casar á simplicidade dos ornatos grandeza e elegancia, substituindo por um florão uma data, por uma laçaria um busto ou um perfil; assim é a introducção da *Arzilla*. As linhas não se inflectem, não se multiplicam, mas têm um pensamento, mas summariam um fim.

As circumstancias, que determinaram o romance, os ventos propicios que lhe fizeram velejar a ideia, as harmonias da natureza que se reflectiam do mundo exterior, como se antevê no texto e se corrobora na nota final; convidam o espirito áquella excursão de prazer a admirar os despojos opimos da conquista de Arzilla. Conhece-se uma predilecção por aquella quadra tão impregnada da indole cavalleirosa da meia edade, como quando nos bancos das aulas se sente simpathia por uma lição, que se estudou melhor, por uma sciencia, que se cultivou com mais aproveitamento.

É pelo quilate da consciencia litteraria do romancista da *Arzilla*, que o cumpre apreciar. O matiz da imaginação póde bordar maravilhosamente uma epocha; porém, se o estôfo, que lhe servir de urdidura, não for tecido pela historia, será certo o desfiar.

A identificação com os tempos passados é a pedra de toque do romance historico. Dae-lhe aquelle mortal *verniz moderno*, de que falla o auctor da *Pena de Talião*, e tereis composto uma mentira sem chiste. Vesti-o de roupas da moda, animae-o das paixões do último baile, e podereis avaliar os risos d'um público ao ver entrar no palco uma Medeia vestida de Adriana Lecouvreur. Publicae-o no carnaval, conciliareis ao menos o merito da occasião.

Os brilhos e as manchas podem-se citar avulsos; aqui censurar um typo, além apontar uma contradicção, mais adiante reprehender uma lacuna ou uma falsidade. Mas nada util se conseguirá, se nos esquecermos de subordinar esses pontos, pela primeira vista vulneraveis, á volta d'um ponto unico — a era a que se refere a acção. Sem esse olhar synthetico, sem esse vôo (deixem-nos assim dizer) acima das ondulações e fragosidades do terreno, a illusão enganar-nos-ha a cada passo: o que se nos antolhava defeito imperdoavel, não passa d'um pequeno êrro; o que nos negrejava imperceptivelmente, toma-nos as proporções de sombra espessa.

Assim encarada a *Arzilla*, poder-se-ha ter por livre de qualquer reparo? Affirmal-o seria antepor o auctor aos mais laureados dos seus predecessores. Não se vae 'num dia a Roma, nem o talento, como as flores dos tropicos, desabrocha 'num instante.

Na escala da perfeição relativa nem mesmo os criticos poderão com facilidade assignar exactamente o grau, que marcam muitos dos grandes mestres. Podêmos ter passado longas vigilias sôbre os thesouros da historia, podemos ter sacudido com diurna e nocturna mão o pó dos archivos e bibliothecas, podêmos emfim merecer a qualificação de archeologos; mas d'ahi a devassar o segredo da physiologia da sociedade antiga que distancia permeia ainda?

De todos os caracteres, que apparecem na *Arzilla*, só vemos um completamente desenhado — fr. José do Amparo. Alguem dirá *mais do que completamente;* póde ser. Temos ouvido accusar de exaggerada a feição moral do frade devasso e incestuoso, mas parece-nos, que não devemos ser tão inexoraveis, como os que mais despiedadamente stigmatisam a monstruosidade d'aquella alma. Passar-se-ha o romance no seculo XV ou no seculo XIX? não deixaram as chronicas vestigios de homens assim depravados, polluindo o recinto augusto e sancto do claustro?

Mas concedamos, que a hyperbole afeie de mais o retrato, e que as côres lhe devessem ser suavisadas 'neste ou 'naquelle lineamento. Censurâmos menos a *Arzilla* pelo que ella tem de mais em fr. José do Amparo, do que pelo que tem de menos, por exemplo, em Rosalinda ou em Anna Mafalda. Não podia, não devia o auctor sondar mais as paixões d'aquellas duas mulheres? não nutriam ellas amor bastante para o tactear das suas palpitações ser mais proficuo e demorado? o arrependimento de Jorge Ruy, e a abnegação, com que Anna Mafalda o acolhe, não davam margem a mais largos traços? não fornecerá a arte, não fornecerão principalmente os vinte e quatro annos condão, que compense na pintura d'um anjo a facilidade, com que se póde denegrir um demonio?

Todos notaram exuberancias no sacerdote hypocrita; e como recuaram de horror diante d'aquellas úlceras acoimaram-no de falso. Falso em que? Em algum toque accessorio? Concordâmos. Na paixão? Longe nos levaria admittil-o; falso seria Othello, falso D. Juan, falso Claudio Frollo, falsa a propria Lelia.

Descrer o crime, porque nos atedia e repugna, é proprio de boa alma, mas não de bom juiz. Não é sentindo o titillar voluptuoso das sedas e velludos das commodidades, que se podem olhar as mais torpes aberrações humanas. Para os que se habituam a ver o crime a distancia, sera provavel um morticinio na Syria, mas se lhe referirem o último e recente quadro do drama de Rio Secco, tel-o-hão por mera creação de novelleiro ultra-romantico.

Se tirardes á *Arzilla* frei José do Amparo, tal qual alli está concebido, arrefecerá espantosamente. A acção enervará; o romance desvanecer-se-ha muito, e pouco mais poderá dar do que um formoso capitulo historico.

Podereis illuminar com os raios do enthusiasmo a fronte de frei José, quando diante do conquistador d'Arzilla descobre, quasi propheta, o prospecto das glorias portuguezas; mas não tereis fogo sufficiente para lhe fazerdes latejar de desespêro o cerebro escandecido pela visão da cruz de Rosalinda. Embalde imaginareis uma pagina de tormento tão excruciante e terrivel, que o faça errar desvairado por entre as tendas africanas; em balde forjareis uma scentelha, que vá despertar bem e a proposito no peito isolado pela estamenha o impulso marcial, e incitar aquella correria cega por entre as filas dos mouros com a cruz minaz em punho.

Não queremos dizer, que este retrato esteja fidelissimo, como de homem e como de filho do seculo, em que figura. Confessâmos, que o religioso, sabendo que ao crime do amor junctára o crime do incesto, morreria mais dignamente voando, no fragor da peleja, a offerecer o seu peito envilecido ao alfange marroquino.

Quando elle tenta o último esfôrço contra a virtude da donzella, quando, ainda incendido pelo calor do combate, a ameaça e arrasta, achâmol-o discursador de mais para a occasião. Não sabemos, como lhe acudissem á memoria as recommendações da medicina, nem os requisitos necessarios para a existencia da familia e da sociedade, *como estão constituidas*.

O sophista alli é uma cousa incrivel. Já acharamos esta dureza, quando lhe ouvimos fazer a primeira declaração com um chuveiro de textos da Escriptura. Quando a cabeça delira, não ha argucias possiveis.

Feitos estes reparos, que quanto a nós não desvirtuam o trabalho do romancista, e contrabalançando-os com a antithese do cura de Camarate, cheia de poesia e contraste, posto que temporan; diremos duas palavras a respeito de Jorge Ruy, o brioso mancebo que logo na entrada do romance nos apparece medindo a sua espada com a do futuro D. João II.

Não censurâmos o nascer d'aquelle segundo affecto, que começa a offuscar no coração do hospede do Duque de Guimarães o brilho do primeiro. O auctor dá porém como provada a simultaneidade das duas paixões, quando apenas na consciencia de Jorge Ruy podia oscillar por um momento a indecisão d'esse simptoma.

Em que peze a M.me de Girardin, a ambiguidade, que ella soube ou poude prolongar por todo um volume, é um mytho. Quando se endeusa um novo idolo, ha sempre uma voz intima a dizer, que o anterior perdeu o prestigio e declina.

Tão pouco se confiou o nosso romancista do valor da franceza, que retirou Jorge Ruy o mais possivel, e apenas o mostrou nobre e elevado — no Douro roubando á corrente caudalosa o corpo exanime de Anna Mafalda, — no muro de Arzilla salvando a vida ao principe D. João. Alli, sim, impera o heroismo, e foge a anomalia; temos á vista um cavalleiro do seculo XV, e não um galanteador da actualidade.

O desejo de justificar as feições repellentes do protogonista do romance, fez cahir o auctor em dois lapsos. D'um desculpa-se 'numa nota, prevenindo a observação, que naturalmente havia de occorrer. D'outro desculpam-no os estimulos de espirito liberal, as tendencias da educação scientifica, as demasias do tirocinio. Não são defeitos capitaes, radicados para sempre; a lima do estudo dos bons modelos os corrigirá.

Escrevendo o capitulo *Associação*, em que representa o cura de Camarate presidindo a uma assembleia de parochianos, unidos pelo vinculo da associação; escorregando na declamação, quando ventila pela rama a extincção dos conventos; foi menos artista: estabeleceu antes as bases de duas dissertações, do que obtemperou a preceito esthetico de boa fonte.

Mas nem isto, nem a impropriedade d'um ou outro vocabulo no dialogo, destruem o conceito, que no principio fizemos do romance. Com a sobriedade das palavras obsoletas, se alguma vez o inquina o neologismo, é certo que deixa de incorrer no grande defeito opposto. Se ha cousa que torne detestavel um livro moderno portuguez, é a necessidade de o traduzir. Escreve-se vernaculo, recendendo mesmo o perfume do quinhentismo, alardeando mesmo erudição de idioma e estylo, mas tudo sem o prender perenne da phrase ao poste do archaïsmo. Esse é o segredo.

Saude-se pois a *Arzilla*. Agradeça-se ao auctor a lucubração singular, e aguarde-se o progresso da sua intelligencia.

A. LUCIANO.

POETAS HEROI-COMICOS PORTUGUEZES

Ao contagio do mau gôsto que invadiu quasi todas as litteraturas da Europa, não lhe ficou incolume a nossa, cá 'neste recanto do meio dia. Ao lado de Marini, de Gongora, e de Lyly tambem tivemos incansaveis propugnadores do *cultismo*, do *euphuismo*, e dos *concetti*, taes como o traductor da poetica de Boileau, e os mais confrades em Apollo, que tanto feudo prestaram ao equivoco.

Mas o mal não estava só na palavra, que elles estorciam e retalhavam 'numa quadriga de tropos, estava tambem no assumpto. E que assumptos! é ver os que a Academia dos *Singulares* remettia empacotados para a immortalidade, ajunctando-lhes esta marca *solaque non possint haec monumenta mori*.

José Maria da Costa e Silva, que, segundo dizem, era um bom homem, mas que nunca foi poeta, e muito menos critico, não se cansava de aconselhar o estudo da poesia seiscentista. E tinha seus motivos, mas o pobre bibliographo aconselhava aquillo a serio, sem se lembrar, que a vista, com as mesmas lentes, não alcança a todas as distancias. O certo é que d'entre os que se queixam da influencia d'essa litteratura lambicada nos requintes de uma erudicção *peregrina* poucos têm tido coragem de estudal-a.

Custa com effeito a supportar tal aridez; mas que sacrificios não vale o gôsto de analysar os typos de tantos escriptores excentricos? Centenares de *in-folios*, talvez mais corpulentos do que esses grossos tomos da veneranda Academia de Historia portugueza, escreveria Theophilo Gauthier, se procurasse os *grotescos* que passaram desapercebidos nas transições e periodos da nossa litteratura patria.

Aquelle frei Jeronymo Vahia, frei Antonio das Chagas, o mesmo Escobar com o seu ascetismo, não serão typos mais caprichosos do que o do auctor da *Magdaleneida*?

Todos os poetas da *Phenix* em nada são inferiores, antes mais originaes do que o pertencioso Chapelain, Scudery, Villon, Ronsard, Scarron, e toda a praga, que ainda tem seus admiradores.

Em opposição ás *preciosas* do hotel Ram-

bouillet, temos nós Soror Violante com os seus *Divinos e humanos versos*, e D. Bernarda Ferreira de Lacerda, que tão galantemente prodigalisava o equivoco. A influencia seiscentista manifesta-se em todo o esplendor 'nesse labyrintho de Academias de *applicados*, de *humildes*, de *occultos*, de *singulares*, de *obsequiosos*, nos poemas sacros, nos elogios e peças dramaticas, e nos cantos epithalamicos, bellissimos adornos para uma galeria burlesca.

A *Quiteria Sancta*, o *Virginidos*, a *Joaneida*, *Sancta Engracia*, *Lisboa destruida*, a epopeia de Miguel Mauricio Ramalho, as farças de cordel, as novellas de papel pardo, as peças de Nicolau Luiz, proporcionam-se para um excellente trabalho.

Além d'isso os *outeiros* poeticos, as luctas continuas de José Agostinho, a vida aventurosa do Lobo da Madragoa, os desvarios de João Xavier, prestam-se para uma critica faceta, como em Portugal não se usa ainda.

Apesar das muitas excavações de todo o genero que a litteratura portugueza tem despertado tanto a nacionaes, como a estrangeiros, ainda falta explorar este campo.

A começar o itinerario, será pela vereda dos poetas, e d'estes pelos do genero-heroi-comico. Póde redundar 'numa viagem humorista.

Para sustentar que a poesia não é tão superflua cousa, como pretendem muitos positivistas, querem certos eruditos achar 'nella o elo da sociedade primitiva, finalmente o verbo d'este genesis confuso.

'Nisto assentam quasi todos encostados a uns versiculos de Horacio, d'aquelle venusino que tantos talentos amedrontou com a sua epistola *ad Pisones*, escripta não com mui vernacula latinidade, como aventam entendedores, e que nunca foi arte poetica, como invectivam outros.

Deixemos aos Turnebos, Cassambinos e Oudendorpios, e aos aristotelicos tambem, a refutação d'esta heresia. Porém, para sustentar a utilidade, fins, e veracidade dos dons attribuidos á poesia, é quasi desnecessario revocar a sombra d'Amphion, levantar o veu dos seculos para comprehender a allegoria da construcção dos muros de Thebas, ou seguir Orpheu na attracção irresistivel do seu canto.

É este o lado mais vulneravel d'ella; é como o calcanhar d'Achilles. O exemplo encontra-se nas causas ignotas do exilio do vate sulmonense, no atheismo de Lucrecio, na voluptuosidade de Catullo, nos delirios lascivos de Petronio, ou na synopse d'estes factos, que se lê na agonia do povo *late regem*, na desmembração da prostituta das septe collinas ao esperguiçar-se nos braços dos Trimalciões.

Para defender a poesia contra as arguições dos utilitarios, basta olhal-a por uma de suas faces; pela menos apreciada, a do genero heroi-comico.

São as armas do ridiculo o unico meio com que se póde dar treguas ás questiunculas de *lana caprina*, tão frequentes em controversias ecclesiasticas, e nas susceptibilidades sacerdotaes.

Se não fôsse o espirito mordente de Boileau, até onde chegaria a pendencia da *sancta capella* entre Claudio Auvri e o chantre Barrin?

Se não fôssem os rispidos sotaques do Hyssope, aonde findariam as etiquetas do Bispo d'Elvas, aonde os brios heroicos do farfante Lara?

Se tivessem o mesmo *recipe*, João XXII não se acovardaria tanto com a vista do mocho, nem o concilio amotinado o mataria ás bengaladas, como Clemengis o refere.

Se houvesse apparecido já o *Lutrin*, não desceriam os ministros de estado da França a obviar todos os inconvenientes e perigos do encontro de duas procissões; nem o Mercado novo em Paris seria o theatro do combate da confraria da sancta Capella com a de Nossa Senhora.

Nem teria talvez existido o partido dos *Calfurras e Catrinetas*, alimentado pelo odio entre dois conventos de franciscanos, d'onde 'numa escaramuça resultou a morte de um leigo, e em seguida breves apostolicos, e bullas, como conta Durmond nos *Annaes da Ilha Terceira*.

D'estes factos não se póde deduzir uma regra geral. O escolho aonde naufragam quasi todos os poemas do genero heroi-comico, é o de ridicularisarem os factos da vida privada d'um ou outro *Pax Vobis*, que provocam uma risada, apenas, da epocha que os conhecem. Cervantes seguiu outra rota, e a verdadeira.

Das muitas composições burlescas de que abunda o nosso mercado litterario, nem todas são inferiores ás obras estrangeiras; mas nada se perderia se um novo Omar aquentasse com ellas um escalda-pés, depois de as ter enforcado 'num dilemma.

O stygma dá logar a magnificas excepções. Poucas serão as pessoas que não conhecem, ao menos por informação, o *Hyssope* de Antonio Diniz da Cruz e Silva. O seu parentesco e affinidade com o *Lutrin*, a mesma scena quasi em que se representa a acção, a physionomia dos protogonistas levam-nos a fazer um paralello.

Diremos primeiro que nada ha mais difficil do que classificar poemas d'esta eschola. A *Batrachomiomachia* de Homero (?) pertencerá ao genero da *Gatomachia* de Lope de Vega? Os *Animali Parlanti* pertencerão á mesma classe do *Scherno delhi Dei* de Bracchiolani?

O genero heroi-comico foi definido por Despreaux 'num capricho de inspiração. Elpino transplantou-o; mas como? É confrontar o *Lutrin* com o *Hyssope* e admirar o arrôjo do discipulo que deixa após si o mestre, é saudar as musas lusitanas pela obra mais perfeita do seu genero.

Estou persuadido de que, a não ser a *Estante do côro*, pelas suas satyras Boileau não se libertaria mais do esquecimento do que o nome de Chapelain, do Abbade Cotin, Perrin, e outros miseraveis poetastros a quem mortificava, continuamente, associado com Moliere e Menage.

E convenço-me tambem de que Diniz, a não ser o seu grande talento para cantar as bagatellas, teria por epithaphio no pantheon da fama estes versos de Horacio:

«Pindarum, quisquis studet aemulari,
«Jule, ceratis ope daedalea
«Nititur pennis, vitreo daturus
«Nomina ponto.»

Muitas vezes os traductores de um livro, tecem-lhe exaggerados encomios, como creio, para tornarem mais apreciado o seu trabalho. Não sei se tal succedeu com Antonio José de Lima Leitão na sua versão do *Lutrin*; ao menos parece-o, pelo que diz no prefacio: «julgo esta obra como o *non plus ultra* 'neste genero joco-serio e que muito inferior lhe são . . . . . e o Hyssope.»

Parece-me que a *mesa censoria* nunca deu passaporte tão emphatico, com tamanho sangue frio. O *Lutrin* tem quadros que só o vulcão do enthusiasmo prodigalisa a uma imaginação vehemente. No *Hyssope* não se apontam, basta abril-o em qualquer parte, todo elle é uma maravilha de gôsto e de invenção, um prodigio de talento.

Aquella descripção do Reino das Chimeras, os tramas da Lisonja, o Deão na cêrca dos Capuchos, o canto do Vidigal, o Gallo-assado, e o Abracadabro, aonde melhor?

Presinto a accusação de certos criticos, chamando á Diniz imitador, pelo menos no episodio do Gonsalves, que vem no canto V, e é uma variante do quadro do Cabelleireiro e da espôsa no canto I do Lutrin. E porque não são ambos parodia do episodio de Dido, em vez de ser o último sómente, como quer Lima Leitão?

Admittir-se-ia que Diniz fôra imitador, se, devendo crear um novo enredo, se servisse d'esse já ideado. Mas vemos por manuscriptos do tempo de Pombal, que o personagem do episodio, Bernardo Gonsalves, fôra Escrivão do judicial em Elvas, e que como rabula tomára parte 'nesta pendencia.

Seria desprezar um bello quadro, atropelar a veracidade dos factos se Diniz não escrevesse o episodio da *Appellação*, só por que Boileau tempo antes fizera recitar a um barbeiro umas tiradas de coragem, e ungira a sua espôsa com um xarope de sentimentalismo.

Além d'isso ninguem ignora este canon de todas as litteraturas — que o bello é de todos os tempos, de todos os paizes. Concedendo já, que o episodio da *Appellação* fôsse imitado, é sempre superior ao de Boileau, por isso que o revestem mais peripecias, mais sustos, mais valor no

«Escrivão atrevido e sem piedade
«Que a si mesmo prendêra se podéra.»

Dão-lhe a maior parte do merecimento as naturalissimas imagens que o revestem; porque as imagens segundo mad.e de Staël, são a alma da poesia moderna.

E não faltará algum erudito que avance tambem, que a imagem do rafeiro foi suscitada pelo final do verso 812 do cant. XI de Virgilio, Aen.; *caudamque remulcens*.

As controversias theologicas, e as luctas sacerdotaes, são a fonte mais genuina d'estes poemas; mas para ter seu preço a jocosidade é necessario sental-a sôbre uma verdade historica. Muitos, são entre nós os poemas d'este genero, e quasi todos peccam pela linguagem baixa, e ás vezes obscena, caracterisada nos *Burros* de José Agostinho, ou nos sonetos em que o Lobo vasava a sua bilis.

E 'nisto é que faziam consistir a *vis comica*. Ella é um dom jovial, uma segunda inspiração, um kaleydoscopo agradavel, que nos mostra acções vulgares e despidas de interesse, transformadas em feitos pedantescos que destampam cataractas de risos stridulos. A norma da *vis comica* encontra-se no chiste natural que ressalta da quintilha salgada de Tolentino, e em muitos dos nossos poemas macarronicos.

Creio que a lingua portugueza e a italiana são ás unicas que pódem ter poemas d'este gôsto. A razão deu-a Camões 'naquelles conhecidos versos:

«.....a qual quando imagina»
«Com pouca corrupção crê que é a latina.»

E já que fallámos da poesia *maccarronea*, mostremos o seu parentesco com a burlesca. O nascimento da poesia maccarronea data do seculo XV. Deu-lhe o nome o principal personagem que entra no *Carmen maccarroneum*, que era fabricante de macarrão em Padua:

«In maccarroneo princeps atque magister.»

Theophilo Folengo, benedictino, e auctor do *Merlin*, com os episodios d'uma vida de aventuras amorosas, fôra digno de ser cantado em egual estylo.

As *Epistolae Obscurorum virorum* o *Anti-Chopinus*, o *Cantici di Fidencio* são bellos specimens. O nosso *Palito metrico* em nada lhes é inferior.

Os assumptos que Antonio Duarte Ferrão, ou depondo o pseudonymo, que o Padre João da Silva Rebello tracta na sua *Maccarronea* são eminentemente comicos. Os poemetos *Calouriados*, *Bisnaga poetica*, *Sabonete Delphico*, prendem pela invenção; mas a *vis comica* que 'nelles reflecte não é tão apreciada, como a correcção grammatical, com que tanto se des-

vanecem os Schioppios, Despauterios e Perizonios.

Philinto, que em algumas odes apresenta epigraphes tiradas da *Maccarronea*, numa d'ellas [pag. 100, tom. III] diz:

". . . . . folgo que comigo riam
« Como eu rio leitores, quando leio
O meu *Ferrão* jocoso."

O primeiro poema heroi-comico depois da Hyssope, é a *Estupidez*. Diz porém o sr. Rebello da Silva num estudo sôbre Diniz: « A « *Benteida* de Alexandre Antonio de Lima pu- « blicada em 1758, seria o segundo se a for- « ma fôsse mais castigada, e o estylo descesse « menos.

« Alexandre de Lima tinha chiste e metri- « ficava com facilidade; mas a sua veia des- « cae em chula muito a miudo, e a mania dos « equivocos e trocadilhos, preponderante no « gosto da epocha, mancha em logares os tre- « chos mais acabados.»

A *Benteida* de Andronio Meliante Laxaed (que é o anagrama do auctor) apesar dos defeitos reconhecidos, seria classificada em primeiro logar, se o *occulto* academico houvesse annotado as allegorias que tornam inintelligivel os tres cantos da sua *Nova methamorfose*. D'este poema diz Innocencio Francisco da Silva: « que é na realidade uma satyra pessoal a individuos e cousas d'aquelle tempo, mas que hoje se torna para nós pouco menos do que um enigma, por faltar a chave das allusões que encerra e a noticia dos personagens que o auctor introduziu na sua acção; recomenda-se todavia pelo seu estylo chistoso e pelo sal satyrico que em todo elle transparece.»

No *Reino da Estupidez* ha quadros mais completos, e da-lhe a primazia o conhecer-se ainda o fito que pozeram em mira os seus auctores. Uma cousa que faz lido este poemeto, é o conhecimento das perseguições que soffreram os poetas a quem foi attribuido. Até o circunspecto Ribeiro dos Santos não escapou ás suspeitas. Em 1785 empenhavam-se aquelles que tinham sido victimas da acrimonia da verrina, em achar em quem vingar o seu orgulho. Ricardo Raymundo Nogueira tambem era apontado. Foi então que sahiu a lume o poemeto o *Zelo*, escripto pelo pseudonymo (?) Patricio Prudente Calado. A. A. Teixeira de Vasconcellos, em um juizo sôbre o poema a cujos adoradores foi offerecido o *Zelo*, não discrimina quaes são os cantos de lavra de José Bonifacio de Andrade, e Francisco de Mello Franco. É este o poema que mais se presta para um ensaio de critica.

O poema dos *Burros* é uma satyra virulenta escripta por um homem a quem as chufas dos adversarios parece que nem siquer arranhavam. Se vemos na antiguidade que Licambo se mata desesperado com o jambo de Archiloco, Elpiro Tagideu, ao contrário, tornava mais balofas as bochechas com as satyras que lhe arrumavam: a *Agostinheida* de Pato Moniz demonstra-o.

O poema do apologista de Camões pertence á mesma ordem em que está a *Dunciade* de Palissot, ainda que este último é muito aerio, vago, e quasi inintelligivel sería, se lhe não valessem os commentarios. Apesar do colorido e vigor que lhe falta, li-o com gôsto, e lel-o-hei sempre porque me lisongeia uma tal aversão que tenho a Marmontel, a esse polygrapho que entrou os umbraes da immortalidade encostado aos nomes de Voltaire, d'Alembert, e da mais cafila dos encyclopedistas.

O poeta bordalengo Diogo Camacho, é altamente original no seu poema *Jornada ás côrtes do Parnasso*. O terceto é uma forma ingrata para a expressão espontanea do pensamento, e ainda que o gibelino de Florença lhe achasse um certo timbre para as harmonias do *Inferno*, comtudo Camacho soube dar-lhe o pico natural sôbre que fundiu a sua hilaridade. Para que o leitor procure esta obra, escusa as recomendações de Costa e Silva a pag. 217 dos *Ensaios*, de João Baptista de Castro no *Mappa de Portugal*, e do auctor dos *Apologos dialogaes*.

Não acontece o mesmo com a *Viagem a Leixoes ou a troca das Nereidas*, mondongo com pertenções a poema heroi-comico, escripto pelo irmão do Visconde d'Almeida-Garrett. Toda a medalha tem o seu reverso. Até aonde chega a metromania! Biliões de quadras, sem uma ao menos que preste! d'aquellas nem nas forjas de Vulcano. José Agostinho é excedido em licença e desenfreamento nesta detestavel viagem, que Alexandre d'Almeida-Garrett dedica ás damas portuenses. Para estes a mesa censoria onde as *orelhas* dos Midas não podiam vir ao soalheiro.

Lembro-me agora de ter visto na livraria do meu amigo Supico o primeiro canto da *Máchina aerostatica*. Não sei se existem publicados os mais cantos, ou se o seu auctor João Roberto du Fond escreveu o resto d'esse poema, que não tem merecimento algum; por isso me apresso a dizer duas palavras sôbre o poema inedito de Pedro de Azevedo Tojal, chamado o *Foguetario*, do qual diz o auctor do Dicc. Bibliog. tom. I, pag. 334, que fôra « escripto no segundo quartel do seculo pas- « sado, e ainda hoje inedito, mas de que ha « bastantes transumptos nas mãos dos curiosos; « cujo auctor usando largamente da liberdade « propria d'um poeta satyrico, distribuio ao pa- « dre Gusmão uma das partes principaes, tra- « ctando-o por um modo que torna duvidoso « qual o conceito que formava do *Voador* e do « seu invento.»

Todos conhecem o padre Bartholomeu, já pelo seu appellido acima referido, já pelas trovas chistosas do auctor do *Pinto renascido*. E como é mania de portuguezes quererem

arrogar a si a prioridade das grandes descobertas, muito melhor devemos conhecer este pobre utopista, que deixa pouco firme a gloria dos Montgolfiers, segundo os que mais padecem do achaque nacional.

O *Foguetario* é essa diatribe equivoca, um motejo ás navegações aerias do mal apreciado padre.

O unico merecimento que torna este poema lido, é o de andar ligado a um nome tão popular e querido, como o do padre Gusmão. O titulo nada diz do que é. São mil duzentos e sessenta versos distribuidos em oitavas de versificação não esmerada, e baixa linguagem, que formam o trabalho do Tojal dedicado a Vulcano.

Fazendo-lhe justiça, esta incorrecção não é toda do poeta; pertence em grande parte aos copistas. O manuscripto que li, na livraria da Universidade (n.° 404 Ms.) e que pertencêra a um tal Antonio Hasse Bellem, além da orthographia extravagante, estava escripto com letra de diverso punho.

O estylo é de ordinario froixo; talvez que para isso contribua a negligencia da rima. E como 'num campo safaro rebenta ás vezes uma papoula, tambem o reveste de longe em longe uma imagem suporifica. E uma das melhores, esta do Canto II, Est, 23:

» Como o gato do gozo perseguido
» Que alça o rabo, ergue o lombo, eriça o pello
» Os dentes arreganha espavorido.
» E finalmente envolto em um novello
» Ao latido do perro encarniçado
» Se mostra mais medroso que assanhado.»

A pintura, e colorido d'esta imagem é menos natural do que o do gato que traz Fray Diego no *Morciellago alevoso*. Victor Hugo na Ode V do Liv. V das Odes imitou servilmente a *invectiva* hespanhola, e nem teve a modestia da o declarar adiante.

A *máchina* ou o maravilhoso do poema é tirado da mythologia, como a comprehendiam os nossos conceituosos academicos, e lá por fóra tambem Demoustier, e os mais que faziam cartas ás bellas sôbre a mythologia.

O esbôço de Venus seria um trecho lyrico se Tojal o sustentasse; o congresso em que a Deusa apparece está acanhadamente traçado. No fim do poema apparece Morpheu; vem muito a tempo.

Ha no *Foguetario* allegorias que teriam mais pilheria se se conhecessem os alvos aonde batiam; como a do Conego

« . . . que até para matar-me o sentimento
» Em buxas converteu o Breviario.»

Mas diz Voltaire fallando do *Cavalleiro d'Hudibras*, que este poema de Samuel Buttler, que dos actos sanguentos da grande tragedia que então representava Cromwel tirára as scenas d'uma farça risivel, perde algum valor pela mesma falta de claridade; e que supprida ella, perde o seu valor, porque o commentario torna insipido o chiste. D'onde se tira o corollario, que o poema d'*Hudibras* só podia ser devidamente apreciado na epocha, para que foi escripto.

O mesmo succede ao *Foguetario* exhumado dos armarios das bibliothecas, aonde se acoutou por annos ao ridiculo que o guardava.

Entenderam nossos maiores que os dominios da poesia não tinham tambem suas raias; e chegaram a confundil-a com a prosa, differençando-as entre si pelo tamanho das linhas. D'este modo achavam que tudo era capaz de por-se em verso; esta verdade encontra-se provada nas conferencias da Academia dos *Obsequiosos do Logar de Sacavem*, e nos chorudos sonetos de algum desembargador. Viram que Catullo poetisára o *Pardalsinho* da sua Lesbia, que Marcial engrandecêra 'num dos seus melhores epigrammas, segundo o abbade Rollin, a *cadelinha* de Publio, e entenderam que mais elevado do que isto para as dimensões de um poema, era a dita de um taverneiro que morre com uma apoplexia em Sancto Antonio dos Olivaes.

Assim Francisco de Paula Figueiredo em longos soliloquios com a sua caturrenta musa celebra esta catastrophe, que é arrastada por oito cantos, em que seis são apenas a symphonia de abertura, ou para fallar mais adequado aos tempos d'então, em que o terço é como o prologo d'essa Jornada.

Em uma cousa excede a *Santarenaida* que o auctor publicou aos vinte e quatro annos, ao Hyssope; é no decoro. É esta talvez a unica mácula do poema de Diniz, unica virtude no arrasoado de Figueiredo.

A versificação da *Santarenaida*, é correcta e monotonamente esmerada, á excepção d'aquelle doesto do aguadeiro de mal semeadas barbas, e de gambias escanchadas, cuja gaguez inexplicavel excede a pachorra do leitor amigo. Apesar de tudo, o academico Ferreira da Costa, não descubro alguma razão, tinha-o em conta de *excellente*.

O assumpto tambem não se prestava para mais, e muito fez Paula Figueiredo, ou Palemo, se lhe quizerem chamar pelo seu nome arcadico, em brunir até áquelle ponto uma concepção frivola. Ha tambem 'nelle, certas allusões que necessitam de explicação. O poema heroi-comico é uma satyra, menos aspera, comtudo mais extensa, não fulmina como o jambo do poeta de Paros, ou como um soneto do Diogenes da Madragoa, mas irrita, e cura o ridiculo com o ridiculo.

Fallando de Cruz e Silva, traz Rebello da Silva a pêlo a *Santarenaida*, e embora se abstenha de julgal-a na fórma, comtudo faz-lhe justiça separando-a d'essa alluvião de escriptores que desde o reinado de D. João V trazem abarrotados os armarios das livrarias.

Não sei se João Jorge de Carvalho, ou alguem por este nome, tinha conhecimento da *Gatomachia* de Lope de Vega, que nada mais é do que ainda uma amostra da fecundidade do auctor de mil e quinhentas comedias. Timoni e Lafond não fazem um juizo decisivo sôbre esta peça ou poema burlesco que appareceu com o nome do licenciado Thomé de Burgilhos, que era a mascara de Carpio. Nós temos a *Gaticanea*, que é um arremedo, uma salgalhada de cães e gatos que dão uma sanguinolenta batalha na grande praça de Villa Real de Mafra, impresso em 1828. Da pessoa do seu auctor João Jorge de Carvalho nada se sabe; é o que em carta de 8 de septembro de 61 me diz o incansavel bibliographo Innocencio. Só o amor pelo genero heroi-comico me faria ler aquelle apontoado de vulgaridades com pretenções a *Batrachomiomachia*, escripto num accesso de furia do estro.... « que qual bravo touro espicaçado « de mosquitos, que saltando vallados corre « desesperadamente a uma e outra parte, assim (foi seu auctor) correndo sem saber por « onde ou por que maneira...» etc. É esta a confissão do poeta. A dicção é castigada, a versificação tambem correcta.

O assumpto é bello, porque julgo com Boileau, que não ha monstro, ainda o mais feio, que a arte não enfeite. O auctor não soube tirar partido d'elle; nos primeiros dois cantos serve-se unicamente do logar commum de todos os poemas — o congresso — e isto sem interesse. O canto terceiro é o melhor, ainda que pouco desinvolvido no episodio de Folinga. O quarto são os horrores da morte de milhares de gatos. *Sic itur ad astra*. Com tudo julgo que se o poema fôsse escripto em lingua estrangeira seria mais lido e melhor apreciado.

Enchâmos algumas linhas para fallar dos pifios poemas do sr. João Xavier do Monte. Conhecem o *Chumacinho roubado*, em quatro cantos, e em oitava rima? É uma imitação do *Rap of the Lock* de Pope. O poemeto inglez carecterisa o motejo, o *homour*, que mais commove ao pranto, do que incita o riso. Consta de algumas centenas de versos, sem invenção, nem sabor, nem vida, capaz de adormecer um sceptico palpitante da actualidade. O auctor do Dic. Bibliographico em carta de 8 de Sept. de 61 diz-me: « Com que o meu amigo « só agora viu o *Rap of the Lock*. Julguei « que estava farto de conhecer essa preciosi- « dade. Concordo perfeitameute com a sua « opinião. Eu não sei inglez, porém li-o em « duas traducções que d'elle temos em por- « tuguez, e confesso sinceramente, que não « sei *por onde lhe pegam os seus admiradores*, « se é que os tem. »

Nihil sub sole novum. Se o sr. Xavier do Monte moldou o seu *Chumacinho* pelo *Rapto da madeixa*, tambem Pope tirou o pensamento da sua composição, d'aquelle trecho lyrico de Calymaco, em que maravilhosamente divinisa o desapparecimento da *coma de Berenice*. João Pedro Xavier do Monte escreveu tambem os *Sapatos de setim azul ferrete*, e a epopeia faceta da *Logração da prelazia regular de Santarem*, ambos em seis cantos, ambos em oitava rima. Estes poemas convencem-me de que o seu auctor tem mais em vista a quantidade do que a qualidade. A fórma em que estão escriptos levar-nos-ia a algumas considerações sôbre a arte, mas diremos aqui de passagem, que sendo a *oitava* a fórma mais opulenta e energica da poesia, a strophe privativa da epopeia, depois do verso livre nas linguas vivas que possuem o *ore rotundo*, é improprio e até desvantajoso empregal-a em assumptos ridiculos.

O melhor modelo que conheço para os poemas do genero heroi-comico é o *Ver-Vert* de Gresset. Ha muita delicadeza e gôsto no retracto do dengue papagaio das dulcificadas Visitandinas de Nervers. O jesuita era iniciado nos mysterios d'aquelle ocio beatifico da clausura, por isso o desenha com tão finas côres; e fel-o de tal modo que a apparição do poemeto em 1734, motivou o seu exilio em Flecha.

Philinto verteu este jôco poetico. A traducção é fidelissima, porém aquella linguagem taciturna, sombria, e de sobejo arredondada não condiz com a voluptuosidade do assumpto. Philinto, para mim, foi o homem que no seu tempo melhor comprehendeu Horacio. A sua coroa de traductor é muito marcessivel. Tambem poz em vulgar a *Quaresma engorlada* do mesmo Gresset, e praz-nos crer que não foi mais feliz 'nesta traducção, que na antecedente.

O *Ver-Vert* é mais uma narrativa do que um poema de acção. Sería isto um defeito se o não salvasse a brevidade, porque

« ..... trop de vers entraine trop d'ennui. »

Um excellente *grotesco* escreveria Gauthier se conhecesse José Ferrari e o seu narcotico poema didatico-heroi-comico em doze cantos a *Engenheida*.

Não sei como classifique a *Mondegueida* de Antonio Castanha Neto Rua, escripto em quintilhas, poema strambotico em quatro cantos, cujo auctor é o Malhão.

Depois de havermos ennumerado quasi todos os poemas joco-serios da litteratura portugueza, caberia aqui fallar d'um outro inedito e anonymo que é uma sequencia do Hyssope. Chama-se o *Mesmo Hyssope*, e é tambem escripto em oito cantos. Muito poderiamos dissertar ácêrca d'elle, mas diz-nos a consciencia que o seu unico merecimento está em fazer realçar mais o do illustre Diniz. Desejáramos enganar-nos 'neste ponto, mas o leitor verá, talvez em breve, realisar-se a justeza do nosso juizo em toda a sua plenitude.

THEOPHILO BRAGA.

COMMEMORAÇÃO LITTERARIA

Francisco Raphael da Silveira Malhão

12 de Março de 1794

La mort seule fixe et consacre définitivement le mérite des hommes. Les éloges, comme les critiques, manquent ordinairement de mesure quand ils s'adressent à un personnage vivant; mais quand nous parlons de ceux qui ne peuvent plus nous entendre, nous ne songeons ni à flatter ni à mèdire . . . .

Wailly

O beneficiado Francisco Raphael da Silveira Malhão, antigo socio correspondente d'este Instituto, nasceu a 12 de março de 1794 na villa de Obidos, e na mesma falleceu a 10 de novembro de 1860. Era cultor esmerado das lettras patrias, um ministro virtuoso da Egreja, o nosso primeiro orador sagrado; mas estas distinctas qualidades, que tão celebrado o tornaram entre nós, lhe não serviram de se elevar confórme a seus merecimentos ás honras do poder ou aos gozos da fortuna, posto que abonaram sua reputação quanto basta para perpetuar seu nome com glorioso elogio.

Viveu constante vida modesta e obscura; é seu o retrato que apresenta 'num dos seus discursos do homem *retirado das scenas do mundo*, carregadas mais as côres porque o sacerdote não possuia a opulencia do fidalgo. Não lhe galardoaram o merito com distincções sociaes; mas, pobre e recatada, a planta trahia-se com o perfume, e o seu nome enchia o reino todo. Depois de Deus só é grande a virtude, dizia elle, e por isso deve ser dos maiores, porque foi homem de bem, a quem Deus conduziu em toda a sua vida por caminhos rectos. *Justum deduxit Dominus per vias rectas.*

Agro é este caminho da vida, e as raras flores que 'nelle se topam mostram sempre — ellas mesmas — aspereza de espinhos. Não ha viço que não murche, luz que não se apague, felicidade que não passe. Visões e saudades são condição nossa, eterna, unica e exclusiva, polos da nossa rotação, mel e fel do nosso calice. Alampada de Vesta, a imaginação no seu acceso cogitar é facho que nunca empallidece, tonel das Danaides que nunca se enche, Prometheu abutre de si mesmo.

Eleva-se o homem como a aguia no seu vôo; e, mediando entre duas eternidades, balouçado entre dois infinitos como a aguia entre o céu e a terra, vive apenas do preterito e do futuro. As illusões de um e os sonhos de outro são o seu repasto, a aspiração continua da sua natureza; nem conhece que debaixo dos pés lhe resvala o presente desaparecido. Mas um dia o anjo da morte roça-o com as azas, e o facho apaga-se e o vaso de argilla quebra-se.

Mas nem sempre o sôpro que eliminou uma vida apaga de todo a sua memoria. Cae um cadaver, mas a sepultura que o recebe ainda irradia luz quando o espirito que o animou foi verdadeiro *sal da terra e luz do mundo*.

E Malhão era o sacerdote do Evangelho pela virtude e pelo talento, dotes cuja seiva faz criar profundas raizes; e a vida que leva d'esta argamassa no cimento é edificio seguro, é a arvore robusta de Virgilio

. . . . . quae quantum vertice ad auras
Aetereas, tantum radice in Tartara tendit.

Se o sêllo de chumbo da morte cerrou a bôcca de ouro que povoava os nossos pulpitos, resta-nos a sua fama e a lição das suas obras.

Pela imprensa, archivo da humanidade, publicou o nosso orador poesias, algumas sacras, e doze dos seus sermões. 'Nestes transparecem purissimos dois amores, o da religião e o da patria; e a ambos ligou tão estreitamente, que d'um ao outro não lhes podêmos marcar as raias. 'Nestes dois dulcissimos affectos foi que moldeou toda inteira a sua alma, alma christianissima e poetica, que não esqueceu nunca em seus enlevamentos as glorias da sua terra. Sacerdote d'estas duas religiões, o incenso que lhes queimou nas aras foi sempre puro; «seus labios eram um favo que distillava gottas de mel. *Favos distillans labia ejus.*» Soldado de duas milicias defendeu sempre vigorosamente as suas signas; «a sua palavra eloquente era um facho inflammado. *Verbum ipsius quasi fecula ardebat.*»

Descanse em paz, embora em campa ignota, o ministro da paz e do amor; que a sua memoria, pura e immaculada, florecerá immortal na terra que lhe foi berço e tumulo, e na lingua que illustrou com a palavra e com os escriptos.

A. A. DA FONSECA PINTO.

NOBILIARCHIA CONIMBRICENSE

Bosquejo Historico da Nobreza de Coimbra e descripção dos seus brasões

POR

Antonio Maria Seabra d'Albuquerque.

Agradecemos, com todos os amantes das glorias portuguezas, o inestimavel serviço, que lhes está prestando o sr. Seabra d'Albuquerque com a sua *Nobiliarchia Conimbricense*, *Bosquejo Historico da Nobreza de Coimbra*.

Nesta famosa cidade tambem nós passámos os melhores annos da vida, esfolinhando monumentos, decifrando inscripções, transcrevendo epitaphios, colligindo todas as memorias, que, por qualquer modo, nos podiam interessar.

Com saudade nos recordâmos d'essas gratas investigações, e com grande reconhecimento as vemos proseguidas, sob novo plano, por melhor ingenho.

É, em verdade, empreza digna de um ânimo generoso avivar os nomes dos que illustraram a patria com suas proezas, tomando, como para texto d'estas commemorações, os emblemas heraldicos, que ainda ennobrecem a antiga côrte dos reis portuguezes.

Cremos, que os estudos genealogicos, bemquistos e cultivados outr'ora, entre nós, com grande affinco, poderão grangear a importancia ha muito perdida, se á historia patria forem referidos; não conhecemos outra luz, que possa vivifical-os, senão a que lhes vier d'aqui reflectida.

Historia sem philosophia, asseverou um nosso escriptor, não é mestra da vida; genealogia sem historia, dizemos nós, é sciencia esteril pelo menos.

Continúe, pois, o diligente investigador a explorar tão rica mina com o desvelo, com que levou ao cabo este brilhante ensaio, e bom serviço fará ao seu paiz; que, como judiciosamente observou Mr. Thiers:

«La force d'une nation ne consiste pas seulement dans son territoire, mais dans son histoire, son passé et ses souvenirs».

R. DE GUSMÃO.

RUBENS

PERFIL BIOGRAPHICO

Continuado de pag. 248.

Fecundissimo pincel o do illustre Rubens, não ha ahi podêr encarecer-lhe em minuciosa análise todas as formosuras, que da sua imaginação creadora como que golphavam sôbre centenas de telas. Já a esse fim pozeram peito intelligencias mui robustas, e parece que ainda o não poderam de todo conseguir.

Apontemos o muito para que era, e deixemos a hombros mais válidos a pesada tarefa de lhe engrandecer as bellezas.

Fecundissimo lhe chamámos, e passante de tresentas telas attestam que o grande artista não se deixava embalar no convidativo repouso d'um ocio tentador.

Era para maravilhar a rapidez com que a imagem surgia no quadro, e quasi punha espanto a magica rapidez, com que as mais bem combinadas côres illuminavam a vasta extensão d'uma tela, que ás vezes media uma area de cem pés quadrados. E' neste rapido trabalhar assignala-se viva a pureza das linhas, aviva-se brilhante o colorido, guardam-se as leis da perspectiva, e resalta vivido aquelle fogo poetico, que caracterisa a indole d'um verdadeiro artista.

Tal facilidade de execução juncta ao primoroso da obra não sabemos que algum outro pintor a revelasse em tão elevado grau. «Se folhearmos a historia da arte, diz Alfred Michiels, e examinarmos os titulos dos grandes desenhadores, e dos grandes coloristas, encontraremos que nenhum foi tão energico. Este Miguel Angelo do norte, ouso affirmal-o, excede o italiano Miguel Angelo. Temos por sem dúvida que o *Juizo Final*, as *Sybillas*, o *Moyses*, os tumulos dos Medicis, a egreja de S. Pedro, e outras creações attestam extraordinario vigor, mas quando era mister energia, Rubens mostrou-a sempre. Topa-se em suas linhas a mesma firmeza, egual grandeza nas suas fórmas, a mesma violencia nas suas expressões, nos seus escorços a mesma audacia; a carne, os ossos, os tendões, os movimentos, os geitos, traça-os com a uma affouteza e confiança de mestre. Miguel Angelo era talvez mais sabio, mas não era mais fogoso, mais robusto, nem mais dramatico. Morrendo mais velho que Rubens, e não se intromettendo na politica, todas suas obras de pintura, esculptura e architetura não prefazem a vigesima parte dos trabalhos de Rubens. E'neste parallelo deve attender-se á quantidade, que fórma um dos elementos do problema, porque necessita-se de maior vigor para produzir sem descanso obras excellentes, que para de longe a longe mostrar um traço primoroso. O genio do pintor italiano trasbordava em certos tempos, o de Rubens semelhava-se a um rio que corre sempre cheio.»

Não se póde guindar mais o elogio. Enfileirar Rubens ao lado de Miguel Angelo, era no mundo da arte a suprema das honras, erguer o auctor do *Descendimento da Cruz* acima do pintor do *Juizo Final*, é resuscitar os semideuses da fabula cahidos para sempre com o paganismo.

Nas obras de Rubens o que mui principalmente agrada, e delicia, é a grande diversidade d'assumptos, e a variedade de episodios com que abrilhanta quasi todas as suas composições. A religião, a poesia e a historia devem-lhe páginas admiraveis. Tocadas pelo seu pincel as narrações biblicas ataviam-se de certa grandeza e magestade, que impõe respeito, e as scenas da natureza parecem avultar mais bellas, quando formoso matiz de vistosas côres lhe rebenta da palheta como a pleitear primores com a acertada disposição da luz.

Parece que o genio do Rubens se comprazia em ostentar sua omnipotencia revelando-se em todas as formas, e mostrando-se em todos os assumptos. Umas vezes era a audacia, a fôrça,

a grandeza e a magestade, outras a ternura, a saudade, a magua e o amor.

E aquella imaginação vivissima não enfezava nem se quer descansava no seu abundoso fructear. Sahia-lhe das mãos um quadro e a arte saudava logo uma obra prima, esboçava na tela os lineamentos de assumpto diversissimo, e principiava a correr fama do novo milagre.

E o que maravilha em extremo, é que o illustre Rubens, apesar da fecundidade e variedade do seu pincel, fica sempre tão original, que é impossivel desconhecer, a uma só vista, seu estylo. Aquelle genio reproduzia-se com tal valentia, que não ha apagar da memoria a impressão que produz.

Traduzir em phrase propria as muitas bellezas que enriquecem as formosissimas obras do mais eximio dos artistas flamengos é tentar o impossivel. Balda-se o escriptor a esforços e nunca passa de tenções. Escute-se o que d'ellas cantou o immortal Garret.

Rubens! Oh nome! Ó filhas de Memoria,
Vós, que no Pindo entre o verdor mimoso
Lhe bafejastes divinal espirito,
Quando, librado sôbre as azas d'ouro
De sublime, elevada allegoria,
Viu, pintou . . . Ah! fez mais: creou, deu vida
A chymericos entes, vãos, mas bellos,
Que o vivo imaginar lhe debuxára.
Quam doce, e meiga a enternecida Venus
Com suspiros, com ais, com ternos beijos
Tenta a furia applacar, reter nos braços
Gradivo impaciente! Olha do monstro
O torvo gesto, o facho sanguinoso . . . . .
Ella! . . a guerra cruel! a horrivel frente
Co'a mascara da gloria esconde ao numen,
E o veneno lethal lhe infunde 'nalma.
La baqueia de Jano o templo augusto;
As artes, as sciencias calca o monstro;
E a d'auradas espigas, rubros pomos,
Gentil coroa á agricultura arranca.
Ternura, horror, assolação, belleza
Com portentosa mão junctas-te, ó Rubens.

Até aqui o artista. agora o homem.

VII

Como no cadinho se purifica o metal, assim o genio se apura na virtude. E tantas esmaltaram a corôa do artista, que por ellas se não faz menos avantajado, que pelos seus quadros honrado e conhecido. Mostram-nol-o seus biographos religioso sem fanatismo, benevolo sem impostura, e caridoso sem ostentação.

Era um coração sem mancha que se revia 'numa consciencia pura.

Amor para o estudo tambem nunca lhe falleceu. E era nelle tão grande a ancia de saber, que muitas vezes ao passo que incarnava na tela as concepções do seu brilhante phantasiar, ouvia ler as mais bellas páginas de Plutarcho e Seneca.

Assim descansava a imaginação o illustre pintor, e como que retemperava o espirito, invasando os seus heroes nos moldes, que lhe offerecia o historiador dos grandes homens da antiguidade, ou tomando para regra de bem viver as sentenças do celebre philosopho da Hespanha!

O estudo da philologia parece ter-lhe merecido mui especial attenção. Rubens conhecia e fallava perfeitamente septe linguas,—o latim, o italiano, o allemão, o francez, o inglez, o hespanhol e o flamengo. A phrase rebentando-lhe dos labios facil e graciosa dava logo a conhecer uma intelligencia robusta, aquilatada 'numa dicção variadissima e mui solido saber.

Foi um dos homens mais instruidos do seu tempo.

Mostremos-lhe agora o retrato e assim fecharemos nosso trabalho. Fronte vasta e harmoniosa em que fuzilavam dois olhos vivos e expressivos, feições d'uma pureza pouco ordinaria, bôcca não mui rasgada e coberta de farto bigode, barba elegante, cabello comprido e annellado, porte altivo, apostura fera e cavalheiresca, tal avultava em dotes physicos o celebre personagem cujo perfil tentámos.

V. DE M.

« Os males pequenos sentem algum alivio de palavras brandas, porém os grandes folgam com silencio.

E assi o entenderam os amigos de Job, que quando viram as grandes desaventuras, a que havia chegado, não lhe ousaram fallar senão depois de passados sete dias com sete noites.

As medianas calamidades são capazes de consolação, mas as excessivas honram-se com as calar . . . . . .
. . . . . .

De noite, quando já as estrellas vão em meio curso; quando os campos, os montes altos, e espessos bosques estão calados; quando repousam as aves em seus amados ninhos, e as feras nas escuras covas, está meu coração feito um mar tempestuoso, e com suas penas mais contente. Sou a triste arvore da India oriental, que esconde do sol suas flores, e guarda sua frescura e bom cheiro para as trevas da noite. Afflige-me a claridade do dia, e a sombra da noite me allivia. Quem me dera morar em algum souto sombrio, onde os ramos, tocando-se brandamente, fazem um som soidoso, que faz perder o somno, e é acommodado a meus pensamentos.

Cruel tormento é a tristeza, bicho peçonhento, perpetuo algoz do animo, que com uma sacreta e lenta febre gasta as entranhas, estraga e consome as fôrças.

Noite é que faz mores sombras em a terar do coração humano, que as que estendem os montes da lua em Africa.

D. Fr. Amador Arraes, Dial. 1.º

PRO FIDELISSIMO REGE
LUDOVICO PRIMO
IN LUSITANUM SOLIUM FELICITER EVECTO
ORATIO

Habita in Archigymnasio Conimbricensis Academiae die XI Kal. Jan. MDCCCLXI.

Haec nostrorum poetarum principis sententiosa verba, si, eorum sensum perficientes, attente aspexerimus, quam cito malaciae succedeat procella, tametsi concitati maris rursus sedeat violentia, humanarum rerum instabilitatem profecto denuntiant et ex vero effingunt.

Et ideo vir sapiens, fortis, tantisque fortunae varietatibus intentus, quem, casibus et semper et ubique praeminentem, impavidum feriunt ruinae, gestientis etiam animi motibus et effusae laetitiae, prosperrimo statu, minime se tradit.

Plusquam semel quoque maris aestuantis adeo violentus fuit impetus, et magna calamitas, ut clarissima, phebea, lux, quamque hominum nihil vigentes sint animi, et contra ad exultationem et profusam hilaritatem aptissimi, crassam praecedentis noctis caliginem dispellere et fugare haud potuisset.

Quod mihi in mentem veniat, perillustres academici et hospites humanissimi, certe intelligitis. Horrenda fuit tempestas... Moestitia, et vix consolabilis aegritudo, ubi et quando majores? Novus Rex, auspicatissimus, salva nave in portum veniendi spem laetissimam nobis affert; quapropter vobiscum exultandi, et maximo gaudio, quibuscumque alienis cogitationibus minime obscurato, felicissimi principatus inaugurationem plausu et clamore comprobandi summa tenebat me cupiditas.

Acerbissimus vero, intimus, universalis et altissimus dolor, cujus prae ceteris Celsissimus Rex particeps est, vocem nobis praecludit.

Audemus credere vos, dolendo luctu nunc nuper indutos, animi ab anxietate nos excusatos habere.

Ubicumque congregatis, ad hunc modum res evenerit; quanto magis hoc amplissimo et omni dignitate praedito auditorio nostro! splendida ea solemnitate! proximisque ad aliam laetissimam ineundam, quae, ante hos tredecim menses, super omnes nobilissima facta erat praesentia *Illius*, cujus venerandissimum nomen enuntiari sine lacrimis minime potest; Hujusque Augustissimi Principis, quem inter egregios Lusitaniae reges nunc primo reverenter salutamus!

PELA FAUSTA ACCLAMAÇÃO
D'ELREI FIDELISSIMO
O SENHOR D. LUIZ I
ORAÇÃO

Recitada na Sala grande dos actos da Universidade de Coimbra no dia 22 de Dezembro de 1861.

Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhan serena claridade,
Esperança de porto e salvamento.
CAM. c. IV, est. 1.

Estas sentenciosas palavras do principe de nossos poetas, se, completando-lhes o pensamento, considerarmos quão proxima á bonança se succede a tempestade, embora de novo se acalmem os elementos, exprimem com verdade a incerteza das cousas humanas.

E por isso o varão prudente, forte e reflectido, que sobranceiro a tamanhas inconstancias, resiste, impavido, á quéda precipitada das ruinas, tambem não se entrega facilmente, cercado de venturas, aos maximos transportes da alegria.

Outras vezes, mesmo, ha sido tão violenta a tempestade, tamanha a desdita, que, por mais clara e radiante, não póde a luz do dia dissipar inteiramente as negras trevas da noute que o precedeu, ainda nos animos os menos esforçados, e mais susceptiveis de jubilosas impressões.

Comprehendeis, illustres academicos e humanissimos hospedes, todo o nosso pensamento.

Terrivel ha sido a tormenta! De tristezas, e inconsolaveis penas, aonde, e qual maior?

Novo Rei, esperançosissimo, traz-nos esperanças de porto e salvamento.

Quizeramos exultar, e saudar comvosco, com extremos d'alegria, inteiramente desanuviada, a inauguração d'um reinado venturoso.

Uma dor acerba, profunda, íntima, universal, de que Elle, o excelso Principe, mais que nenhum outro participa, tolhe-nos a vóz.

Ousâmos crer, que todos, illustres academicos e nobilissimos hospedes, cobertos, ha instantes ainda, com o mais sentido lucto, fazeis justiça ao nosso embaraço.

Succedêra assim em qualquer parte que nos tivessemos reunido. Quanto mais áqui! neste solemne auto, e proximos a entrar na jubilosa ceremonia, que, ha pouco mais d'um anno, era sôbre todas ennobrecida pela presença d'Aquelle, cujo Nome não póde dizer-se sem lagrimas; e d'Este, não menos caro, que, pela primeira vez, saudâmos com respeito em o número dos egregios monarchas portuguezes!

Hoc affectuum concursu, cum apud Vos, perillustres academici, omnis scientiae et eloquentiae eximios professores, eoque sapientissimo almae nostrae Academiae consilio, Celsissimi Monarchae in majorum suorum regno propter constitutionem maximae laetitiae ejusdem interpres, eloquutus esset orator experientissimus, haesitantibus profecto diceret verbis.

Et nos, obedientia re vera coacti; omnibus necessariis dotibus, scientia, facundia et experientia omnino destituti; et immensa patriae aegritudinis mole, summaque propositi, de quo nobis est eloqui, gravitate oppressi, in hunc locum ascendimus primo!

Vestram, perillustres academici et hospites humanissimi, explere orationis expectationem ob argumentum, non propter oratorem, minime possumus. Maxima benevolentia vestra nobis opus est; ea fiduciam nostram reponimus; haec spes unica nobis accendit animum.

I Inter maxima Divinae Providentiae erga lusitanos beneficia, imperii formam, qua, a prima nationis nostrae aetate, et majoribus nostris et nobismetipsis feliciter imperatur, referri oportet. Monarchia enim haereditaria, vanae et audaci sui fiduciae, impatientibusque ambitionibus viam praecludendo, et ordinem, et securitatem, et stabilitatem in civitate gerit; atque, reges non permittendo emori, quamquam principes communae naturae subeant legem, suscipientibus aliis confestim aliorum partes, a periculosis fluctuationibus interregnorum et electionum, quae, armis disputatae, non nisi horrenda et universa devictorum pernicie sunt millies roboratae, gentem fortunate eripit.

Sed principum optimus, homo semper, erroribus et passionibus adstrictus est; et tametsi excellentiorum virtutum sit exemplum; tametsi alter, perpetuo desiderabilis, Petrus quintus; qualis iste, oh dolor! unius tantum diei brevis flos, et in diuturna populorum vita accidens fugax, transit cito, et, veluti umbra, temporis evanescit momento.

Bona instituta contra stabilia et firma sunt, et cum, illustriores cives et a populo electos circa regium solium congregando, eisque imperandi artis difficiliores partes, consentiente rege, committendo, ejus praecidant arbitrium nullamque amplissimam agendi veniam, nisi ad benefaciendum, ei relinquant, praestantes monarchiae haereditariae excellentias et perficiunt et illustrant.

II Neque existimetur regem hac imperii forma, quia nihil, nisi benefacere, potest, et vere non imperat, sed regit, adeo esse circumscriptum et imminutum potestate sua, ut magis inani simulacro, quam supremo civitatis et magistratui et principi, comparari possit.

'Neste embate de sentimentos, tendo de orar perante vós, illustres academicos, professores de toda a sciencia e eloquencia, no seio da mais illustrada Academia, como intérprete fiel do seu júbilo pela exaltação do joven Monarcha, titubiaria o orador mais experimentado.

E nós, obrigado pela fôrça da obediencia; e faltando-nos todos os dotes, a sciencia, a facundia e a experiencia; e opprimidos com a immensa mole das maguas da patria, e não menos com a gravidade do assumpto de que havemos de fallar, subimos a este logar pela primeira vez!

Excede toda a possibilidade corresponder á vossa justa expectação pelo objecto, não pelo orador.

Carecemos da maior benevolencia vossa. Contâmos com ella. Esta só esperança nos anima.

I Entre os maiores beneficios da Providencia para com os portuguezes, não podêmos deixar de contar a fórma do govêrno, pela qual, desde que constituimos uma nação, temos sido, e continuâmos felizmente a ser regidos.

A monarchia hereditaria, cortando a occasião d'ousadas presumpções, e insoffridas ambições, produz estabilidade, segurança e ordem na cidade; e não deixando que o rei pereça, embora os principes soffram a lei commum da natureza, succedendo-se no throno, isenta a nação das perigosas incertezas dos interregnos e das eleições, mil vezes disputadas com as armas, e firmadas com o exterminio dos vencidos.

Mas o melhor dos principes, sempre homem, é sujeito ao êrro e ás paixões; e ainda quando exemplar das mais raras virtudes; ainda que seja um outro, para sempre saudosissimo, D. Pedro V, passa, (oh! dor) como elle passou, — flor d'um dia, accidente fugaz na vida das nações.

São pelo contrário estaveis e permanentes as boas instituições; e quando, fazendo reunir, em tôrno do solio, os cidadãos mais esclarecidos e os eleitos da nação, e commettendo a estes, com o veto do rei, as partes mais difficeis da arte do govêrno, tolhem o arbitrio d'aquelle, e não lhe deixam ampla faculdade senão para bemfazer, completam e realçam as prestantes excellencias da monarchia hereditaria.

II Nem imagine alguem que o rei, 'nesta fórma temperada de monarchia, por isso que não póde mais que bemfazer, e verdadeiramente não governe, mas só reine, de tal sorte fica reduzido e cerceado em suas attribuições, que mais póde comparar-se a idolo vão, do que a primeiro magistrado e verdadeiro chefe da nação.

Hoc sermonis capite, doctissimi viri, subit mihi denuo, et cor acerbe lacessit carissima Illius imago et desideratissima memoria!

Quis rei inscius? Quae vox, aut loquendo aut scribendo, indigenae vel advenae, non pronuntiavit illud laudatione maxima?

Hac imperii forma rex sapiens, quamquam per se tantum, suoque arbitrio, minime imperet, potest tamen, velut magnus Princeps, quem continuo deflemus, omnium familiarium virtutum, et optimi filii, et fratris, et sponsi, et domini, et amici singularibus praestantio ribusque in populum exemplis magnopere praelucere. Potest etiam, hoc modo, pro religione majorum et integritate morum prosperrime pugnare.

Licet ei quoque et scientias et artes excitare, modo vitae commoda et jucunditates omittendo ad, expensis suis, instituendum et dotandum seu populares schoias, seu altiorum studiorum cursus, et premiis meritum decorandum; — modo, et frequentissime, summo honore afficiendo et academias, et litterarum cultores, et industrios laboriososque homines, regiis visitationibus et benevolentissimis verbis; quae, a tam excelso reipublicae culmine descendentia, vi insita et insuperabili, asperrima temperant opera, et ad ea inire, prosequi, et perficere, animum potenter accendunt.

Licet ei praeterea ab invidendis, deauratisque aulis in publica valetudinaria; ad infantiae et senectutis, omnium egenarum, hospitia descendere; egestatisque semiruta invisere tecta, ut de necessitatibus per se inquirat, auxilia inspectet, et (quod magis elucet) de manu ad manus, amorosis eloquiis, generose dispartiat!

Et, horrendis ac terribilibus calamitatibus, quibus Summus Deus gentium constantiam, fideique nonnunquam experitur firmitatem, cum et tristissimae, et instantis, et ingloriae mortis satis excusabilis terror fortunatos fugat, et miserrimae in discrimen solitudinis infelices veniunt, potest etiam nunc rex optimus, et voce et exemplo, (oh! christiana charitas, omnique dignissima praeconio magnanimitas!) aliorum suspendere fugam, et pro aliis florentissimae juventutis, innumerique pretii vitae periculum sponte adire!

III Quae cum ita sint, perillustres academici, quam maxime oporteat cognoscere, qua ratione informentur principes, ad difficillimas partes suas peragendas aptiores, profecto manifestum.

Antiqui philosophi sententia: — *homines, quanti quanti sint, educationi debene* — satis est cognita, et pro vera indubitanter existimata.

Societatis et civitatis prima incunabula domi sunt: ibi optimi parentes, fratres, et sponsi, optimi quoque cives et magistratus, nullomodo exceptis primis, scilicet regibus, ad virtutem et instituuntur et erudiuntur.

Aqui, Senhores, de novo me acode ao pensamento, e me salteia o coração imagem e memoria saudosissima? Quem o ignora. Que voz, fallada ou escripta, nacional ou estrangeira, que o não dissesse com maximos louvores?

'Nesta fórma de govêrno, o rei sabio, ainda que tão sómente reine, e não impere per si só absolutamente, póde todavia, como o grande Principe, a quem chorâmos, com exemplos das mais excellentes virtudes domesticas, de optimo filho, irmão, espôso, amo, e amigo, allumiar o seu povo; póde combater d'est'arte, felicissimamente, a irreligião e o desregramento dos costumes.

Póde animar tambem as sciencias e as artes, ora cortando por seus commodos e prazeres para fundar e dotar, a expensas suas, ou populares escholas, ou cursos de superiores estudos, e premiar o merito; ora, e repetidas vezes, honrando as Academias, os cultores das letras, e os industriaes, com régias visitas e benevolas palavras; as quaes, descendo de tão alto, suavisam, por natural e irresistivel influencia, os mais asperos trabalhos, e animam a intental-os, proseguil-os e terminal-os.

Póde descer dos cubiçosos paços dourados aos hospitaes dos infermos, aos hospicios dos invalidos, aos asylos dos desvalidos, aos sotãos da miseria, a pessoalmente inquirir das necessidades, inspeccionar os socorros, e distribuil-os, elle proprio (o que mais val), com mão generosa!

E nas duras e terriveis calamidades, com que Deus experimenta algumas vezes a constancia e a fidelidade d'um povo; quando o terror, assás fundado, de tristissima morte, instante e ingloria, affasta os felizes do mundo, e os desgraçados correm o risco de pleno desamparo; póde mais, o rei optimo, com a voz e com o exemplo (ó christan caridade, e a todo elogio superior magnanimidade!) sustar o passo a uns, e arriscar pelos outros viçosa mocidade e vida preciosissima!

III E sendo isto assim, illustrissimos academicos, quão importante não é conhecer os meios, melhor adaptados, para formar principes que sejam capazes de bem desempenhar tamanha e tão util tarefa?

É bem sabida e, por verdadeira, sem a menor hesitação, reconhecida, a sentença do antigo philsopho: — *Quanto somos, devemol-o á educação.*

A familia é o berço da sociedade e do Estado. É ahi que se formam, e recebem o primeiro ensino da virtude, os bons paes, os bons irmãos, os bons esposos, os bons cidadãos, os bons magistrados, sem exceptuar o primeiro d'elles, o rei.

Actionum potius et verborum exempla, quam monita, consilia et coercitiones, a prima aetate, familiarum gremio, et religionis, et moralitatis, et privatae utilitatis oblivionis, et purissimi patriae amoris, firmissima agunt fundamenta. Domi enim, cujuscumque apud penates, inter oscula, dulcesque matrum blanditias, a pueritia, sicut aliorum hominum, vera educatio regum, et ea, qua omnis alia innititur, instructio incipere debet.

Vos scitis quomodo lusitana historia hujus sententiae veritatem plusquam semel ostendat.

Sinite nos cogitatione regredi usque ad unum e clarioribus Lusitaniae temporibus; et in aulam reverenter introire illius inclyti, et nunquam satis laudati principis, impavidi hispanorum ad pagum Aljubarrota victoris, qui, ut poeta bene cecinit:

. . . não tendo a quem vencer na terra
Vae commetter as ondas do Oceano:
CAM.

Et postea, peractis domi militiaeque pulcherrimis factis, populo suo relinquit, emoriens:

. . . quem governasse
E augmentasse a terra mais que d'antes,
Inclyta geração, altos infantes.
CAM.

Et quis hos inclytos principes, hanc vere heroum et animi fortitudine, et scientia (ut tempora ferebant), patriaeque amore, augustissimam prolem informavit et erudivit? Quis Eduardo, eloquenti; Henrico, oceani exploratori; Petro, eximio pro nepote imperatori; ac Ferdinando, gloriosissimo martyrio insigni, nobiles cogitationes et affectus primo afflavit? Quis, nisi, materno gremio, excellentissima Regina, et mater diligentissima, domina Philippa?

Verumtamen tam longe retroire minime opus est nobis; namque aetate nostra, etsi summopere exagitata, non minus certa et firmissima invenimus argumenta.

IV Desideratissima Regina, D. Maria Secunda, regiae stirpis lusitanae et honos, et gloria, et insigne ornamentum:—Tu, Cujus memoria populo tuo in omne tempus erit gratissima:—Tu, Quae olim, in hoc ipso Academiae nostrae auditorio, fidelitatis et amoris vota, ejusdem Diligentissima Patrona, benigne accepisti;—Tu, Quam nos omnes tunc et Reginam et Matrem, ante omnes dilectissimam, appellamus, Cuique festiva voce reverentissime gratulati sumus;—e coelo, quo, virtutis praemia fruentem, Te credimus, ó insigne optimarum matrum exemplar, fac nobis veniam, hac fausta solemnitate, Tuum gravissimum implorandi testimonium!

Illud vobis, perillustres academici et nobilissimi hospites, omni Lusitaniae, universo

D'acções e palavras os exemplos, mais que os avisos, conselhos e correcções, assentam, desde os primeiros annos, no gremio das familias, sôbre firmes alicerces, os sentimentos da religião, moralidade, sacrificio do proprio interesse, e purissimo amor da patria.

Na familia pois, juncto dos proprios penates, entre os doces carinhos maternaes, desde a puericia, ha de ter começo, como a dos outros, a educação dos reis, e aquelle ensino que a todos os outros serve de fundamento.

Sabeis, como a lusitana historia confirma mais d'uma vez a verdade d'este juizo.

Deixae que nos remontemos com o pensamento a uma das epochas mais gloriosas de Portugal, e que entremos reverentemente nos paços do heroico, e nunca assás louvado principe, vencedor em Aljubarrota, o que

. . . não tendo a quem vencer na terra
Vae commetter as ondas do Oceano:
CAM.

e que, depois dos mais egregios feitos na paz e na guerra, em morrendo

Deixou . . . . . quem governasse
E augmentasse a terra mais que d'antes,
Inclyta geração, altos infantes.
CAM.

E quem educou e formou estes inclytos infantes, esta gloriosa prole de verdadeiros heroes no valor, na sciencia, qual os tempos permittiam, e no amor da patria?

Quem inspirou os primeiros, nobres, affectos e pensamentos a D. Duarte, o eloquente; a D. Henrique, o descobridor; ao sabio Duque de Coimbra, regente do reino; e ao illustre martyr, D. Fernando?

Quem, senão, no seio da familia, no regaço maternal, a excellentissima rainha, e mãe diligentissima, D. Philippa?

Não nos é porém mistér remontar tão longe. Em nossos dias, embora attribulados, encontrâmos não menos certos e firmes argumentos.

IV Saudosissima Rainha, Senhora D. Maria Segunda, honra, gloria e esmalte da régia stirpe lusitana; Vós, cuja memoria, ao vosso povo, sempre será gratissima; Vós, que, 'nesta mesma casa, Benigna, acolhestes, de fidelidade e amor os puros votos da Universidade, Protectora sua desvelada; Vós, a quem todos então, respeitosos, saudámos e victoriámos Rainha e Mãe, sôbre todas dilectissima, com transportes de júbilo: lá do céu, onde Vos crêmos gozando o prémio da virtude, ó singular modelo das mães optimas, consenti-nos, que invoquemos, 'neste auto festival, o vosso gravissimo testimunho.

Vós, muito illustres academicos e hospedes nobilissimos, todo o Portugal, a Europa inteira, o sabe. Nos braços da cuidadosissima mãe, e

mundo, nullomodo ignotum est. Diligentissimae matris, et Augustissimae Reginae, dulcibus amplexibus, multoties a se ipsa, semperque sub vigilanti ejusdem curatione, dilectissimus filius, et nuper Rex noster, Petrus quintus, perpetuo desideratissimus, omnium scientiarum rudimenta, et longe praeclarissimarum dotium, et christianarum virtutum, semen praesertim accepit feracissimum.

Et ubi, nisi sub eodem tecto, eademque egregia magistra et carissima matre, iisdem suavissimis blandimentis, prudentissimis monitis, et sanctissimis exemplis, sicut ille, amantissimus frater, Celsissimus Princeps, cujus imperii faustam celebramus inaugurationem, a primo tempore, et vitae incunabulis, nutritus et instructus?

Quis, sicut primogenito, firma et religionis et moralitatis principia; patriae, et scientiarum, literarumque, et artium flagrantem amorem; indefessum laboris studium; pro republica devotionem; et scrupulosissimam pro lege regia, publicisque libertatibus, fidelitatem, Egregio Principi in cordem afflavit?

Salve iterum, terque salve, ó religiosissima mater, et venerandissima Regina! et pro tantis erga patriam maximis beneficiis perennes lusitanorum gratias acceptas gratanter habe:

Et tu pariter, ó amantissime Illius Sponse et Eximie Rex Ferdinande, tantorum Principum et carissime pater, et educator sedulissime!

Tu, qui, adhuc nunc, et (utinam! per longissimum annorum cursum), apud nos es, magna felicitate nostra, et maxima industriorum hominum, quibus mentem, et voce, et donis, et exemplo, infundis munificenter.

Vos, Augustissimi Reges, dilectissimum Petrum Quintum nobis dedistis; et, cum tristissima illius absentia, semper et ubique deflenda, excutit mentes, rerum statum devenustat, et futuris terrorem incutit, Vos iterum patriae moerore confectae jucundissimum secundo genitum, alium Petrum, largimini, ejus plusquam fratrem, constantem socium et carissimum amicum:..... infantiae lusibus, adolescentiae studiis, in exteris nationibus patriisque regionibus peragrandis, in labori toto animo se dedendo, et pro vero lusitanae civitatis progressu indefessim studendo, (ó dulcis et consolatoria cogitatio!) profecto illius et socium, et aequalem,—neutrum in virtute secundum!

Qui lucentem Phoebum, cum atram procellosae noctis caliginem agit, assequendo, innubilem nobis reducit diem; et animi tranquillitatem, salutisque firmissimam spem, restituit:

Qui etiam in solium, magnanimis illorum priorum regum, et tam propinque conjunctorum, virtutibus circumdatum, et quasi sanctum, explorato gradu, et corde tam carissimi fratris desideriis referto, quam statuto Augustissima Rainha, muitas vezes per si mesma, e sempre debaixo da sua vigilante direcção, o filho seu amantissimo, e ainda ha pouco nosso Rei, o Senhor D. Pedro v, para sempre saudosissimo, recebeu os primeiros elementos de toda a sciencia, e mui principalmente de seus mui preclaros dotes e christans virtudes a semente fecundissima.

E aonde, senão ahi tambem, e pela mesma eximia mestra, e mãe carissima, com eguaes, suavissimos, affagos, prudentes avisos, e sanctissimos exemplos, com o irmão muito querido, foi, desde o berço, creado e instruido o Augustissimo Principe, do qual celebrâmos hoje a fausta acclamação?

Quem, como ao primeiro, lhe infundiu no coração os solidos principios da religião e da moral; o ardente amor da patria, das sciencias, letras e artes; o gôsto indefésso pelo trabalho; a dedicação pela causa pública, e a escrupulosa fidelidade ás instituições e liberdades do Estado?

Salve, outra e muitas vezes mais, ó mãe virtuosissima, ó venerandissima Rainha! e por tantos, em prol da patria, maximos beneficios, acceitae de bom grado os sinceros protestos da perenne gratidão dos portuguezes! E Vós, não menos, ó Amante Seu Espôso, e Augusto Rei, Senhor D. Fernando, de tamanhos principes carissimo pae, e cuidadosissimo guia!

Vós, que, (por alta felicidade de todos, e maxima dos industriaes, em cujos animos, com a palavra, os dons, e o exemplo, munificente, infundis alento), possuimos ainda; e oxalá o seja por longissimo curso de annos!

Vós, Augustissimos Reis, felicitastes os portuguezes com o MUITO AMADO Senhor D. Pedro v; e quando a sua falta, para todos e sempre dolorosa, nos perturba o ânimo, afeia o presente, e assombra o futuro, daes-nos ainda, á patria afflicta, o carissimo segundogenito, outro Elle, seu mais que irmão, constante socio, e fiel amigo!..... nos jogos da infancia, nos estudos da adolescencia, nas viagens ás terras estranhas, na visita ás da patria, na dedicação ao trabalho, e nos fervidos desejos pelos publicos melhoramentos (ó doce e consoladora ideia!) certamente seu socio e egual..... nenhum melhor que o outro!

O Qual, similhando o brilhante Sol, que dissipa a negra cerração da tempestuosa noite, desannuviado reconduz o dia; e do ânimo restitue a tranquilidade, com firme esperança de salvamento.

O Qual tambem, d'um passo experimentado, subindo ao throno, que as magnanimas virtudes d'aquelles seus tão proximos predecessores deixaram como sanctificado, começa felizmente a reinar, com o coração tão cheio de saudades pelo irmão muito querido, como da mais

animo accipiendi, haereditario jure, plusquam imperium, populi amorem, fortunate ascendit.

V. Et ascendit in solium (animadvertite, doctissimi viri), e navi in Bethleem egrediendo, juxta splendidum maximae lusitanorum gloriae monumentum, illorum

... barões assignalados,
Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana.
CAM.

Et ascendit in solium, perarato mari, veniens; Qui alta fortuna et spe nostra, arte nautica, a pueritia, non amicis et stativis patrii fluminis aquis, sed procellosis immensi pelagi fluctibus se exercendo, nobilissimum ac periculosissimum Vasci a Gama vitae tentavit institutum:

Qui neptunias furias et vidit, et pro nihilo habuit; atque nostrorum, cujuscumque terroris expertum, argonautarum vestigia insequendo, ex lusitanis optimis coloniis praecipuas diligenter lustravit: neque, si Dei O. M. voluntas in sublimiore officium fungendum Magnanimum Principem non arriperet, a tam insigni et laudabili proposito revera discederet.

Et praeterea (quod gratissimam nostram expectationem magis confirmat), praecipuis Europae regum aulis saepe invisis, perque se ipsum praesentibus imperandi legibus animadversis, quum apud sapientissimos reges, virosque rerum publicarum gerendarum peritissimos egisset, et familiares sermones contulisset, regnare incipit.

Et insuper, (quod super omnia etiam nobis congruentissimum) cum ad portum accedit, populi sui, ob interitum amantissimi fratris, et immanem ploratum audit; et accerrimum dolorem, qui omnem exsuperat consolationem, unanimiumque manifestationum, praecipue religiosarum, cumulum, et, usque ad hunc tempus, omnino inusitatam sequentiam, et videt, et miratur, et pro eis, toto pectore, singularibusque verbis, habet gratias!

Oh! quantum vales, regio solio, a majoribus accepta virtus!

Ejus praemium populi dilectione; et quomodo reges amorem, reverentiam, et voluntariam consequi obedientiam possint, Celcissimo Principi, hoc modo, manifestissimum!

Rei vere mirandae e grato conspectu, perspicacissimo illius ingenio praeterea efficitur, quantum animi roboris et firmitatis, quantum superantis vitalitatis, lusitanam agit gentem, cujus tenet principatum.

Quae olim, gloriosissimis aetatibus, magnopere enituit, pietate, et patriae regumque suorum, conflagrans amore, ea ipsa, non alia, etiamnum est.

Imminuta (esto!); sed nequaquam extincta,

segura disposição a herdar, com o sceptro, o amor de seu povo.

V E sóbe ao throno, (notae bem, doutissimos senhores), desembarcando em Belem, juncto ao grandioso monumento de nossas maiores glorias, d'aquelles

... barões assignalados,
Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados
Passaram ainda alem da Taprobana.
CAM.

E sóbe ao throno, chegando de sulcar os mares; Elle, que, por alta ventura e esperança nossa, encetára a mui nobre e arriscada carreira de Vasco da Gama, exercitando-se desde a infancia na arte nautica, não no remanso placido do Tejo, mas sôbre as ondas procellosas do oceano:

Que vira e desprezára as furias neptuninas; e seguíra o rumo dos nossos argonautas, de qualquer terror exemptos, visitando as principaes das optimas colonias portuguezas; nem desistíra do proseguimento de tão insigne e louvavel empenho, se Deus O. M. não tomára o Magnanimo Principe para exercer mais sublimado cargo.

E ainda mais (o que deve confirmar esta nossa gratissima expectação), começa de reinar, vindo de visitar, mais d'um vez, as principaes côrtes da Europa; de practicar e tractar ahi com os mais illustrados principes, e os mais eminentes homens d'Estado; e de observar, com seus proprios olhos, as condições actuaes de governar.

E ainda mais, (porque mais nos importa, alenta e assegura), quando assoma ao porto, ouve e admira o immenso pranto do seu povo, a sua dor acerba que vence toda a consolação; e o concêrto das unanimes, e nunca d'antes vistas manifestações, principalmente religiosas, pela morte do amantissimo irmão; as quaes, do íntimo do coração, com singulares palavras, agradece.

Ó quanto vales, sôbre o throno, herdada virtude!

Que o seu premio está no amor do povo; e de que modo os reis podem alcançar amoroso respeito e voluntaria obediencia, fazse ao Eximio Principe d'est'arte manifesto.

Da agradavel contemplação de tantas maravilhas seu perspicacissimo ingenho egualmente deprehende quanta fôrça d'alma, e quanta vitalidade agita ainda a lusitana gente de que é Rei.

Qual a dos tempos mais gloriosos, preclara na fé, no amor da patria e de seus reis, não outra, é ainda e sempre a mesma.

Descahida? embora .. mas não extincta,

sub Augustissimi Principis regimine, et gloriosa, et potens, et venerata, nulliusque, nisi suorum regum, potestati subjecta, et erigi, et permanere certissime potest.

Diuturnum, felicemque regnandi spatium Deus O. M. ei benigne tribuat: intestina et extera bella, horrendum populi flagrum ac perniciem, a nobis in aeternum arceat; a febricitanti factionum insania revocet animos, irasque temperet; communi patriae in benefaciendum omnium cogitationes reducat: administros et consiliarios, qui, tanto rege digni, ejudem pro patria devotionis imitationem consequantur, inveniri tandem permittat: et tunc lusitani nostri, nos omnes, posterique, ob maximam gentis gloriam, dignitatemque in integrum restitutam et amplificatam (nimium fortunati!), laetissime exultabimus.

Angustum certo est telluris spatium, quod, his occidentalis plagae finibus, nobis datur. Quid inde? Angustius est, et minime quibuscumque coloniis auctum, prosperrimum Belgarum regnum. Et quantum hodie, nimis circumscripta erat majorum nostrorum terra, ex qua non tantum fortissimi exierunt milites, qui tantoties vicinos, innumerosque hostes, parva manu, et conculcarunt, et in turpem fugam conjicierunt; sed etiam strenuissimi nautae, qui, incredibili et quasi superhumana audacia, lusitanorum egregium nomen et imperium, et simul christianam fidem magnopere dilatando, universi mundi terminos hinc illinc distraxerunt. Et e tantis, ditissimis et feracissimis, bello partis non omnia sub aliena sunt potestate; lusitanorum coloniae adhuc maximi sunt pretii, ab exterisque, potentissimis etiam, avide appetitae.

Utinam veram ex eis utilitatem percipiendi tandem adveniat dies!

VI Omnes hae rationes, doctissimi academici et hospites nobilissimi, ad maximam laetitiam hac singulariter festiva die profecto incitant.

Optimis regibus, Maria Secunda et Ferdinando, dilectissimus secundo genitus; desideratissimi primogeniti et socius, et amicus, et aequalis; in publicis rebus apprime institutus; et tanti populi imperator, quid majoris momenti? quae altiora? quae ad persuadendum aptiora?

Verumtamen, ut intimos animi sensus vobis omnino aperiamus, sinite nos in mera prestigia inquirenda nunc descendere; quae, popularia instincta probando, sapientiorum mentem multoties confutant.

Illa et venerabili et heroica nostrorum regum serie, quantum primi nomine emineant, animadvertite!

Quis major, quis insignior, quam Alphonsus primus, monarchiae fundator, quem, sanctum, majores nostri aris imponendi et venerandi studio flagrabant?

pode, e ha de erguer-se e conservar-se, sob o regimen de tão Illustre Principe, independente, poderosa, e respeitada.

Conceda-lhe a Providencia longo e prospero reinado; afaste de nós para sempre a hydra das guerras civis e externas, flagello e ruina dos povos; acalme a febril insania, e os odios das facções; ao bem commum da patria revoque todos os pensamentos: encontre finalmente ministros e conselheiros dignos de tamanho Rei, que amem, como Elle, mais a patria que a si mesmos; e então os portuguezes, nós todos, e os vindouros, exultaremos, em extremo afortunados, com a dita de ver restaurada e ampliada a gloria, a importancia, a fama, e a dignidade nacional.

É estreita certamente a porção de terra, que occupâmos neste extremo occidental do continente.

Que concluir d'ahi? Mais pequeno, e de nenhumas quaesquer colonias senhor, é hoje o da Belgica reino prosperissimo! Tão pequena era a de nossos maiores, a terra heroica, de que sahiram não só os valorosos soldados, que, tantas vezes, os vizinhos, innumeros, inimigos, com pequena hoste, calcaram, e a torpe fuga constrangeram; mas tambem os nautas esforçados, que, com incrivel e quasi sobrehumana audacia, o lusitano egregio nome e imperio, e juntamente a fé christan, grandemente dilatando, alargaram, d'uma e outra banda, os terminos do mundo!

E de tantas, riquissimas e fertilissimas conquistas, nem todas jazem debaixo do jugo alheio; as que restam, tamanho valor possuem, que os mais poderosos estrangeiros, avidamente, nol-as cubiçam. Oxalá viesse em fim o dia, em que começassem de ser devidamente aproveitadas!

VI Todas estas gravissimas considerações, doutissimos Academicos e nobilissimos hospedes, nos incitam á maxima alegria neste dia singularmente festivo.

Amantissimo Segundo-genito dos optimos reis a Senhora D. Maria II e o Senhor D. Fernando; irmão, amigo, e egual do saudosissimo primogenito; instruido nas mais elevadas cousas do mundo politico; e Rei d'um povo tal, — que outras maiores? quaes mais graves? e melhor accomodadas a nos persuadir?

Todavia, por desafogar o coração, consenti que desçamos a consultar prognosticos, que muitas vezes confundem os sabios, justificando os instinctos populares.

Naquella veneranda e heroica serie de nossos reis, notae, Senhores, como tem sido eminentes os primeiros de seu nome.

Qual maior e mais insigne, que o primeiro Affonso, o *fundador* da monarchia; a quem nossos passados queriam venerar, como sancto, nos altares?

Sancius primus colonias in desertos pagos inferendi, populumque suum tuendi et augendi laudabili cupiditate incensus, cognomen assequutus est nobilissimum.

De Dionysio, primo et uno, diligentissimo agricolarum fautore et amico, litterarumque patrono, vero patriae parente, quid amplius dicere opus est?

Primus Petrus accerrimus in potentes et maleficos homines justitiae fuit vindicator pro oppresso populo; cui adeo breve, gratumque ejusdem principatus fuit spatium, ut aut, finiendum, inceptum habuisse, aut inceptum finiendum, post mortem suam, maximo doleret ploratu.

Joanne primo (ó dulcissimum nomen!) gloriosissimo, optimae memoriae principe, strenuo patriae libertatis defensore, hispanorum et maurorum impavido domitore, Philippae sponso; Eduardi, Petri, Henrici, Joannis, et Ferdinandi diligentissimo patre, nullus insignior!

Vos scitis, perillustres academici, quam magnam et sapientiae, et facundiae, patriaeque amoris, fraterno, summo etiam, validioris, aeternam obtinuerit famam infelix Eduardus primus!

Et quo tempore, sub quo principe, nisi sub fortunatissimo Emmanuele, primo et uno, audaces lusitaniae nautae, ingentium ignotae viae periculorum contemptores, et maximum promontorium antarcticum superarunt, et indicos subigerunt populos; et brasilienses aliasque, hinc illinc, procellosissimis Africae, Americae, Asiae, et Oceaniae maribus, quamplurimas, omnino incognitas, reperierunt, regisque felicissimi in ditionem redigerunt terras?

Nobilissimus profecto, et magnanimus quoque fuit juvenis, ardentissimo lusitanae gloriae flagrans amore, infortunatus Sebastianus; qui, temperius in vitam regnumque accedens, maximis copiis et classibus, longinquis expeditionibus, coloniis et miserrimis naufragiis nondum imminutissimis, maximum africanum, indico et arabico patriae fortasse utilius, consequutus esset imperium.

Postremo quis, nisi celsissimus rex Josephus, Olisiponem, Lusitaniae frondentem apicem, et pulcherrimae regionis formosissimam reginam, e tristissimis ruinis, pene collapsam, restituit? quis etiam hanc nostram almam Academiam, pariter propemodum jacentem, et restauravit, et optimis statutis, perenni sapientiae monumento, stabiliter fulsit?

Augustissime Princeps, salutamus Te Lusitaniae Celsissimum Regem, Primum quoque et Unum nomine tuo, — Divi Ludovici nomine sancto; — Ludovici Galliarum decimi quarti gloriosissimo nomine, quos ambo egregiis dinumeras majoribus tuis; — nomine etiam, et fortuna et infortunio perillustri, allii Ludovici, qui, propinquus tuus, super baptismales

D. Sancho I, accêso no louvavel desejo de repovoar as terras, e augmentar e defender o seu povo, alcançou um epitheto nobilissimo.

Do primeiro, e unico, Diniz, o diligentissimo fautor e amigo dos lavradores, *protector* das letras, verdadeiro pae da patria, que mais se ha mistér dizer?

O primeiro Pedro foi acerrimo vingador da justiça, contra poderosos e malfeitores, em prol do oppresso povo; para o qual tão breves e gratos foram os annos de seu govêrno, que, tendo de acabar, não os quizera principiados; e principiados, desejára que não tivessem fim, chorando-o com ingente pranto.

E qual mais excellente que o rei — *de boa memoria* — D. João I (dulcissimo nome!) o strenuo defensor da patria liberdade, o impavido domador de hespanhoes e mouros, o espôso de D. Philippa; e o diligente pae de D. Duarte, D. Henrique, D. Pedro, D. João e D. Fernando?

Sabeis, muito illustres Academicos, quão magna fama de sciencia, facundia, prudencia e amor da patria, mais forte que o fraterno, ainda extremo, illustra a memoria do pouco feliz D. Duarte, o eloquente!

E em que tempo, e sob qual principe, senão no reinado de D. Manuel, primeiro e unico, nossos intrepidos navegantes, desprezando os enormes perigos da ignota via, não só dobraram o maximo promontorio antarctico, e submetteram a India; mas, nos procellosos mares da America, Africa, Asia, e Oceania, descobriram para todos os lados, e reduziram á obediencia do rei felicissimo, o Brazil e muitas outras terras, inteiramente desconhecidas?

Não foi menos nobre e magnanimo, e no amor da lusitana gloria ardentissimo, o esforçado, mas infeliz, D. Sebastião; o qual, se tivera vindo e reinado alguns annos antes, poderia, com as grandes fôrças e armadas portuguezas, ainda não consumidas em longinquas expedições e infaustissimos naufragios, ter alcançado extenso imperio africano, quiçá mais proveitoso que o arabico e o indico!

Por último, quem, se não o Augustissimo Rei D. José, ergueu a cidade de Lisboa, da Lusitania frondoso apice, da pulcherrima região formosissima rainha, do meio das tristissimas ruinas, quasi extincta? quem restaurou esta Universidade, egualmente descahida, fundando-a em optimos estatutos, perenne monumento d'alta sabedoria?

Augustissimo Principe, nós Vos saudâmos Excelso Rei de Portugal, tambem o Primeiro e unico de vosso nome; — o nome sancto de S. Luiz; o nome glorioso de Luiz XIV de França, os quaes ambos contaes em o número de vossos egregios antepassados; — o nome tambem illustrissimo, na fortuna e no infortunio, d'outro Luiz, parente vosso, que vos tomou amantissi-

fontes te amantissime tenuit, et maximo orbis populo feliciter imperavit; — nomine tandem victoris Sebastopolis et Solferini, Europae arbitri, et (quis scit?) Americae, ob stupendas domi et belli res gestas, ultima aetate nostra, vere celeberrimo!

Este, Eximie Rex, (quod speramus et quemadmodum illi amplissimi tui majores, et eisdem praestantius), Primus quoque, et inter omnes Maximus.

Salutet Te populus et prudentia, et constantia, et diligentia, et patriae dignitatis assiduo studio Primum, Maximumque.

Rebus opimae bonis lusitaniae coloniae salutent Te quoque et Primum et Maximum pro mira in his reficiendis, locupletandis et augendis, accuratione.

Exercitus pene deletus (oh! dolor) salutet Te pariter et Primum et Maximum, in pristinam disciplinam, splendorem et ingentem gloriam, omnino restitutus.

Super omnes, maritimae res, lusitanae classes, quae Te, antequam in solium ascenderes, et Filio et Socio, merito jactantur, et Primum et Maximum Te salutent; Qui potentes, numerosas et maximo honore habitas eisdem maribus, quibus olim UNAE imperaverant, indefesso studio potentissimisque contentionibus, eas tandem resurgere fortunate fecisti.

Salùtet Te quoque, ingenti plausu, gratissimoque animo, et Primum et Maximum, scientiarum litterarumque amore, atque firmissimo patrocinio, haec nostra conimbricensis Academia, et omnes scholae, sapientumque societates, nullomodo adversae, sed contra, arctissimo amicitiae nexu, Te favente, in perpetuum devinctae.

Agrorum cultus, utilissimae artes, et commercium, de Tuo praeclaro nomine reverenter usque ad longissimum denuntient aevum, nullum Te beneficiis, seu Primum seu Maximum, antecellere.

Tandem sanctissimae religionis tenaci defensione; — Legi regiae obtemperatione; — publicarum libertatum incolumitate: — juris observatione; — et imperii, hoc modo prosperrimi et gloriosissimi, diuturnitate, nos omnes, et filii filiorum nostrorum, reverenter salutemus, vere Primum et maximum

FIDELISSIMUM LUSITANIAE REGEM LUDOVICUM PRIMUM.

Nunc, perillustres academici et hospites nobilissimi, in templum; et ibi festivis justissimae laetitiae hymnis supplices addamus deprecationes, ut nostra pro Rege et pro patria vota et exaudiantur, et in omnibus adimpleantur.

mamente sôbre a pia baptismal, e que regeu com felicidade a primeira nação do mundo; — o nome em fim, por ventura ainda mais celebre, 'nestes ultimos tempos, pelas estupendas acções, na paz e na guerra, do vencedor de Sebastopol e Solferino, do árbitro da Europa, e (quem sabe?) se da America!

Sêde, inclyto Rei (como esperâmos, e quaes aquelles vossos celsissimos maiores, e melhor que elles), tambem o Primeiro, e o Maior entre todos.

Saude-Vos o povo o Primeiro e o Maior, na prudencia, na firmeza, e no esmero pela conservação da dignidade nacional.

Nossas ricas possessões saudem-Vos o Primeiro e o Maior, no maximo disvelo pelas restaurar, enriquecer e ampliar!

O exército lusitano, quasi extincto (oh dor!) saude-Vos egualmente o Primeiro e o Maior, restituido á sua antiga disciplina, explendor e fama gloriosa!

Mais que todos, as frotas portuguezas, a marinha nacional, que se ufanam de vos ter, antes de Rei, por filho e companheiro, saudem-Vos o Primeiro e o Maior, nos esforços, potentes e incessantes, pelas fazer resurgir, brilhantes, numerosas, e respeitadas, nos mares, que, SOS, outr'ora, senhorearam!

Saude-Vos, não menos, com applauso ingente e ânimo gratissimo, o Primeiro e o Maior, no amor pelas letras e sciencias, e na firmissima protecção, esta nossa conimbricense Academia, e com ella as mais escholas e sociedades scientificas da nação, por nenhum modo adversas, antes em estreitissima amizade, por vosso influxo, perpetuamente unidas.

A agricultura, as utilissimas artes, e o commercio digam, respeitosos, do preclaro nome vosso, até ás mais longinquas edades, que nenhum outro lhes foi Primeiro e Maior nos beneficios.

Finalmente, na tenacissima defeza da sancta religião; na fidelidade á Constituição; na segurança das liberdades públicas; na observancia das leis; e na diuturnidade d'um reinado, d'est'arte, o mais próspero e glorioso, todos nós, e os filhos de nossos filhos, saudemos, reverentemente, em verdade o Primeiro e o Maior

AO FIDELISSIMO REI DE PORTUGAL, O SENHOR DOM LUIZ PRIMEIRO.

Agora, muito illustres academicos e hospedes humanissimos, ao templo; e ahi aos festivos hymnos da mais justa alegria junctemos supplices deprecações, para que nossos votos, pelo Rei e pela Patria, sejam escutados e em tudo cumpridos. DISSE.

A. FORJAZ.

O INSTITUTO

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO

REDACTORES

A. Forjaz.

A. Ayres de Gouvêa — A. da C. Vieira de Meirelles — A. d'O. Silva G

A. Victorino da Motta — F. de Torres Coelho — Jayme C. Moniz

Preços da Assignatura

Por anno em Coimbra.....	1$500
Para fóra de Coimbra, estampilhado.....	1$800
Para o Brasil (moeda fraca).....	4$000
Avulso (tão sómente para os socios e assignantes)	160

Assigna-se no Gabinete do Instituto — Rua Larga.